



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“NUNCA FOMOS DE OUTRO PAÍS”:

A migração de retorno de uruguaiois entre os anos de 2005 e 2015

MANUELA MUGURUZA DE MORAES

Brasília

2022

MANUELA MUGURUZA DE MORAES

“NUNCA FOMOS DE OUTRO PAÍS”:

A migração de retorno de uruguaios entre os anos de 2005 e 2015

Texto apresentado ao Programa de Pós
Graduação em História da Universidade de
Brasília para o doutorado.

Linha de Pesquisa: História Cultural,
Memórias e Identidade

Orientadora: Prof^a. Dra. Eloísa Barroso

BRASÍLIA

2022

MANUELA MUGURUZA DE MORAES

“Nunca fomos de outro país”: A migração de retorno de uruguaiois entre os anos de 2005 e 2015

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História, nível doutorado, do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB).

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Dra. Eloísa Pereira Barroso (UnB)
(Presidente)

Dr. Glauco Vaz Feijó (IFB)
(Membro Examinador)

Dra. Simone Farias Fonseca (UnB)
(Membro Examinador)

Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (UnB)
(Membro Examinador)

Dr. Mateus Gamba Torres (UnB)
(Suplente)

*À Camila,
esteio da vida,
que divide todas as inquietações binacionais comigo.*

Y los caminos de ida
En caminos de regreso
Se transforman, porque eso
Una puerta giratoria
No más que eso, es la historia
(Jorge Drexler)

AGRADECIMENTOS

Em que pese o fato de que a jornada percorrida durante a elaboração de uma tese de doutorado ser muitas vezes solitária, se não tivesse ao meu lado amigos, colegas e familiares que me deram apoio, esse trabalho não teria sido realizado.

Sou grata, antes de mais nada, ao apoio, escuta e leitura atenta dados pela professora Eloísa Barroso, que teve uma enorme paciência e acolhida com essa orientanda tantas vezes displicente.

Ao PPGHIS, onde fui tão bem recebida e pude participar de diversas formas, e é parte inseparável agora de minha trajetória acadêmica. À professora Cléria, *in memoriam*, que me conquistou e me trouxe para a história.

Ao CNPq, pela bolsa concedida, que permitiu que eu me dedicasse por um tempo precioso somente à pesquisa e estudo.

Ao Valter, companheiro pra vida, que revisou com a atenção de um historiador experiente cada uma das notas de rodapé. À Camila, que atendeu cada um dos telefonemas em crise. A meu pai, que sempre garantiu amor incondicional.

A minha mãe, que de certa forma é objeto dessa pesquisa, que riu divertida das dúvidas malucas, que respondeu todas as perguntas feitas e empurrou todas as vezes que eu precisei.

Aos amigos queridos Luciana, Leo, Laura, Nina, Lucas e Arthur, que tantas vezes me ouviram falar de um tema meio misterioso, e entenderam as ausências. A Isadora, que além de ouvir ainda foi aprender as normas da ABNT, e verificou todas as referências. A Renata Almendra, que dividiu crises e angústias, alegrias e pandemias, e virou amiga verdadeira. A Wal, que me carregou e acolheu e sacudiu, quando necessário.

A família Muguruza, em especial à Romina, que me acolheu em Montevideu cheia de carinho cada vez que eu fui à cidade.

E, por fim, a cada um dos entrevistados, pessoas fantásticas que toparam dividir comigo um pedacinho das suas vidas, verdadeiros interlocutores deste trabalho.

Resumo

Esta tese tem como objetivo pensar os processos de migração e retorno e as identidades de sujeitos migrantes. Por meio da história oral, as vidas e processos migratórios de alguns sujeitos serão narrados, juntamente com um apanhado teórico sobre as migrações, a constituição do Estado-Nação e as identidades nacionais. O Uruguai é pano de fundo de todas essas reflexões, sendo um país propício para tal análise, já que quase um quarto de sua população se encontra vivendo fora de suas fronteiras atualmente. Os relatos narrados por migrantes que retornam ao seu país de origem são apresentados em diálogo com uma bibliografia interdisciplinar, que busca dar conta das diferentes categorias de análise levantadas pelos próprios sujeitos em suas narrativas. A partir das reflexões levadas a cabo, entendemos que a migração de retorno não pode ser vista como uma volta, mas como uma parte integrante de um processo que se comunica com as produções representativas geradas através de memórias e da ideia de pertencimento a uma comunidade mais ampla. Desse modo, a análise contribui para demonstrar que os processos migratórios são mais complexos que somente o movimento de saída e chegada, sendo atravessados por diversos outros fatores.

Palavras-chave: Migração, Uruguai, Identidade Nacional, Retorno, História-Oral.

Abstract

This thesis aims to ponder about migration and return and the identities of migrating individuals. Through oral history, some individuals lives and migratory process are narrated, with a theoretical discussion about migration, nation-state building and national identities. Uruguay is the background for all those reflections, as almost one quarter of its population finds themselves currently out of its borders. The narratives of migrants returned to their original country are presented in dialogue with an interdisciplinary bibliography, focusing on handling all the different categories of analysis raised by the subjects' own perspectives. From the development of those questions, we understand that the returning migration phenomenon can not be seen as going back, but as a part of a process which communicates with representative productions generated through memories and the idea of belonging to a wider community. Thus, the analysis demonstrates that the migration processes are more complex than just departure and arrival movements, being crossed by many other factors.

Key-words: Migration, Uruguay, National Identity, Return, Oral-History

Resumen

Esta tesis tiene como objetivo pensar los procesos de migración y retorno y las identidades de los sujetos migrantes. A través de la historia oral se narrarán las vidas y procesos migratorios de algunos sujetos, junto con una sinopsis teórica de las migraciones, la constitución del Estado-Nación y las identidades nacionales. Uruguay es el telón de fondo de todas estas reflexiones, siendo un país propicio para tal análisis, ya que actualmente casi una cuarta parte de su población vive fuera de sus fronteras. Los relatos narrados por migrantes que regresan a su país de origen se presentan en diálogo con una bibliografía interdisciplinaria, que busca dar cuenta de las diferentes categorías de análisis planteadas por los propios sujetos en sus narrativas. De las reflexiones realizadas, entendemos que la migración de retorno no puede ser vista como un regreso, sino como parte integral de un proceso que se comunica con las producciones representativas generadas a través de memorias y de la idea de pertenencia a una comunidad más amplia. De esta forma, el análisis contribuye a demostrar que los procesos migratorios son más complejos que el simple movimiento de salida y llegada, estando atravesados por varios otros factores.

Palabras-clave: Migracion, Uruguay, Identidad Nacional, Retorno, Historia-Oral

AGRADECIMENTOS	5
INTRODUÇÃO	11
1 - OS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS	29
1.1 - As Principais Teorias Migratórias: Uma Apresentação	208
1.1.1 - As motivações da migração	30
1.1.2 - A manutenção dos fluxos migratórios no tempo e no espaço: Explicações teóricas Contemporâneas	34
1.2 - A Migração de Retorno: Abordagens Teóricas	39
1.3 - Migração de Retorno: a questão da Identidade Nacional e o conceito de Nação	49
2 – “CULTURA DE MIGRAÇÃO”: UM POUCO DE HISTÓRIA	74
2.1 - Contexto histórico: os primeiros habitantes	74
2.2 - A era Battle: O país formado pelos que vieram nos barcos.	84
2.3 - O século XX: Comemorações de Centenário, ditadura militar e redemocratização	87
2.4 - A migração como fenômeno uruguaio	92
2.5 - O exílio: a partida forçada	101
3 - O ENTRE-LUGAR: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA	107
3.1- O Uruguai: dimensão política da identidade	107
3.2 - O Departamento 20	114
3.3 - Direitos Políticos: o voto	122
3.4 - A sociedade de acolhida	126
3.5 - Um novo idioma	138
3.6 - A manutenção do vínculo: cartas, telefonemas e visitas	146
4 - O RETORNO - VOLTAR PARA CASA?	161
4.1 - Burocracias	163
4.2 - Motivações	169
4.3 - Como foi voltar? Novas percepções sobre a pátria no retorno	177
4.4 - Recepção e retorno	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203
APÊNDICES	211

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM OLGA TRABA	211
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM EMMANUEL BOGLIACCINO	234
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANDRÉS FREIRE	260
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM OSVALDO BALUGA	281
APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANNA LAURA BEVEDER	309
APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JUAN QUIJANO	347
APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM IRMA CABRAL	373
APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM HERNÁN POLONI	398

INTRODUÇÃO

“É somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos”

Stuart Hall

As migrações internacionais se constituem como fenômeno de interesse para as Ciências Sociais e Humanas, na medida em que permitem que, a partir delas, uma série de outras reflexões possam ser tecidas. Como bem aponta Abdelmalek Sayad (1998), é consenso na comunidade científica que as migrações se constituem como um fato social completo, e

é fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1999, p. 13).

No entanto, parte fundamental desse processo que existe de maneira independente são os indivíduos, parte inextricável que provê de rosto e nome esse fato. Constroem dentro desse processo uma identidade individual e coletiva também. Constroem sentido de pertencimento e produzem novos processos de socialização e representação. Constroem e reconstroem identidades. Stuart Hall (2005) nos diz que a identidade é dinâmica, histórica. Não está desvinculada da temporalidade, assim como não o está a cultura. E a identidade do ser humano é construída de maneira relacional, o homem e a sociedade.

A migração, por sua vez, é um tema que desperta cada vez mais atenção por parte de governos, da população em geral e, conseqüentemente, de historiadores e cientistas sociais. A globalização intensifica o fluxo de pessoas, e as fronteiras nacionais¹ se tornam cada dia mais fluidas. Gustavo Lins Ribeiro (1996) fala sobre um processo de encolhimento do mundo, onde inovações

¹ Aqui usamos essa expressão não como uma demarcação apenas territorial entre Estados soberanos, mas como um conjunto de fenômenos que atuam no processo de construção de uma relação de pertencimento a uma identidade de ordem nacional. Essa perspectiva de desterritorialidade será abordada no item 3.3 do presente texto.

tecnológicas destroem ou relativizam fronteiras. Esse encolhimento fez com que as relações de pertencimento a uma unidade nacional fossem profundamente modificadas. Hoje, além da presença crescente de pessoas que vivem em lugares diferentes daqueles em que nasceram, temos pessoas que transitam por espaços diversos, chegando a viver profundamente ligadas ao lugar de origem e ao lugar de destino, simultaneamente. Tecnologias avançadas (e baratas) de transporte e comunicação permitem esse fluxo constante. Glauco Feijó observa inclusive como o tema vem atraindo a atenção da academia brasileira, com um aumento no número de trabalhos publicados e estudos feitos sobre os fluxos migratórios que envolvem o Brasil². Segundo Feijó, citando Castles, podemos até falar em uma “era das migrações” que acontece na atualidade. Hall (2006, p.317) aponta que é fundamental se ter em mente o momento, o contexto no qual está inserido o problema sobre o qual nos propomos a fazer uma reflexão. “Esses momentos são sempre conjunturais. Eles têm sua especificidade histórica; e embora exibam semelhanças e continuidades com outros momentos, eles nunca são o mesmo momento”

Assim, migrantes antes vistos como pessoas que haviam rompido seu laço com o país de origem, hoje aparecem como pessoas que aproximam esse ao país receptor. Nina Glick Schiler (BASCH, SCHILLER, BLANC, 1994) fala do transnacionalismo, e o define como um processo pelo qual imigrantes forjam e sustentam relações sociais que ligam suas sociedades de origem e de acolhimento. Diz ainda que um elemento essencial do transnacionalismo é a multiplicidade de envolvimento que o transmigrante sustenta em ambas sociedades.

Esse migrante vem adquirindo também uma importância cada vez maior para os governantes de seu país de origem, uma vez que pode trazer ajuda

² Segundo Castles, “o crescimento exponencial da pesquisa sociocientífica, no que se refere à mobilidade humana internacional, continua: temos muito mais pesquisas, cursos universitários, estudantes, projetos de pesquisas, institutos, conferências, revistas científicas e publicações do que antes. Não obstante, a busca por um único marco teórico aceito para o estudo das migrações permanece sem resultados. Ainda falta um corpo de conhecimento cumulativo para explicar porque algumas pessoas deslocam-se, enquanto a maioria não, e o que isso significa para as sociedades envolvidas. Embora pareça haver concórdia em alguns assuntos – como, por exemplo, a importância das redes migratórias – não há um marco conceitual comum que poderia servir de ponto de partida para debates intelectuais e para a formulação de hipóteses e perguntas de pesquisa.” (2010, p. 13).

externa, enviar remessas, entre outros. Principalmente se o país é pequeno, ou dependente dessa ajuda. Nasce uma nova forma de Estado Nação, onde seus cidadãos não são somente aqueles que permanecem dentro de seus limites físicos, mas também aqueles que se mantêm parte, seja cultural, social, política ou economicamente, do Estado Nação de seus ancestrais.

Assim, por exemplo, o Uruguai, que até 2008 era dividido em 19 departamentos³, cria um vigésimo⁴ para incluir aqueles cidadãos que estão fora das fronteiras também na organização política do país. O voto no exterior passa a ser uma das políticas de inclusão, já instituído em quase metade das nações existentes⁵.

No entanto, as inovações tecnológicas por si só não explicam porque os imigrantes gastam tanto tempo, energia e recursos para manter seus laços, ou porque sistemas de transporte e comunicações encurtam distâncias entre alguns lugares e não outros.

Parece um esforço válido pensar no sujeito que problematiza, de alguma maneira, essa sensação de pertencimento, e reconstrói a sua identidade nesse contexto específico: o sujeito migrante. E mais que o sujeito migrante, o indivíduo que retorna ao seu país de origem. Esse sujeito que ficou imerso em uma cultura distinta, em ambientes distintos, e teve que alterar ou reforçar a sua identidade para se adaptar ao país receptor. E que retorna ao ponto de partida. Hall (2006, p.28), diz que “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”, ao mesmo tempo em que faz ressalvas ao dizer que os elos naturais e espontâneos que se tem com o país de origem são de alguma forma interrompidos pelo projeto migratório. A migração, sem sombra de dúvidas, levanta uma miríade de questões a serem abordadas, mas a perspectiva do retorno está sempre presente, de uma maneira ou de outra, ao longo do percurso

³A República Oriental do Uruguai é um estado unitário, com território dividido em 19 unidades administrativas chamadas “departamentos”, listadas a seguir: Artigas, Canelones, Cerro Largo, Colonia, Durazno, Flores, Florida, Lavalleja, Maldonado, Montevideo, Paysandú, Río Negro, Rivera, Rocha, Salto, San José, Soriano, Tacuarembó e Treinta y Tres.

⁴ O contexto da criação do vigésimo departamento será desenvolvido ao longo do capítulo 3 do presente texto.

⁵ Segundo dados do Electoral Project Network, projeto criado em 1998 por importantes organismos internacionais, como a ONU e a IFES (Fundação internacional para Sistemas Eleitorais)

de cada sujeito. Segundo Abdelmalek Sayad (2007, p.20) o imigrante acaba por viver uma série de ficções durante a sua trajetória:

não existe imigração, mesmo autodenominada de trabalho e exclusivamente de trabalho (...), que não se transforme em imigração familiar, ou seja, no fundo, em imigração de povoamento – e por fim, quando é chegada a hora em que é preciso, quer se queira quer não, tomar uma decisão conforme manda a lógica da ordem nacional, ora pela volta definitiva, ora pela fusão na naturalidade (outro modo de chamar a naturalização), ou seja, em ambos os casos, por uma dupla ficção: a ficção de uma volta que se sabe impossível e a ficção de uma naturalização ambígua.

A questão que esse trabalho propõe abordar, acerca da reconfiguração de identidades pelas quais passam migrantes retornados, não busca uma resposta ou conclusão definitiva, mas fornecer um guia condutor de novas indagações no que concerne ao processo de construção, reconstrução e afirmação de identidades na atualidade.

Mario Benedetti, renomado escritor uruguaio, em seu livro “Andamios”, conta a história de Javier, uruguaio que deixa o país durante a ditadura para morar na Espanha e retorna depois de vários anos. As angústias e questionamentos apresentados por esse personagem fictício são muitas vezes os mesmos daqueles apresentados pelas pessoas que foram entrevistadas por esta autora e por outros pesquisadores.

Quando amigos espanhóis viajavam para o Uruguai, no regresso a Madri, falavam maravilhas sobre como estamos, Javier pensa e reconsidera imediatamente, mas eu lembro como éramos. Vamos ver, como éramos? Mais amigáveis, menos mal humorados? Mais sinceros, menos hipócritas? Talvez tenhamos sido menos desagradáveis, okei, e talvez ainda hoje sejamos menos arrogantes que os portenhos. Quino diz que um uruguaio é um argentino sem complexo de superioridade. Nem tanto, nem tanto. Pode ser também que um argentino seja um uruguaio sem complexo de inferioridade. Como somos?⁶ (BENEDETTI, 1997, p. 52, tradução minha).

Seguindo a linha de marcar o papel de quem está por trás das análises e construções, e de entender o porquê de determinadas abordagens, faz-se

⁶ *Quando amigos españoles viajaban al Uruguay, al regreso en Madrid hablaban maravillas de cómo somos, piensa Javier y enseguida recapacita, pero yo me acuerdo de cómo éramos. A ver, cómo éramos? Más amables, menos hoscos? Más sinceros, menos hipócritas? Quizá éramos menos desagradables, okei, y a lo mejor todavía hoy somos menos soberbios que los porteños. Dice Quino que un uruguayo es un argentino sin complejo de superioridad. No tanto, no tanto. También puede ser que un argentino sea un uruguayo sin complejo de inferioridad. Cómo somos?* (BENEDETTI, 1997, p. 52)

necessário uma breve apresentação da autora deste trabalho, já que a biografia pessoal influencia na construção do mesmo. Minha mãe, Marisa Muguruza, saiu do Uruguai em 1983, aos 31 anos, para se casar com o meu pai, um brasileiro que ela conheceu em Montevideu. Apesar de ter tido problemas com o governo militar, de ter militado ativamente contra a ditadura, o principal motivo para a sua saída foi mesmo o casamento. Assim, eu nasci escutando castelhano, falava “portunhol”, e as histórias que embalavam a minha infância eram de um outro lugar, uma outra época. Minha mãe fazia suas inúmeras fugas dos militares parecerem aventuras fantásticas, que eu e minha irmã pedíamos constantemente para ouvir uma e outra vez. Contava divertida que confundia a foto do barbudo na sala de aula da escola, José Pedro Varela, com José Artigas e Jesus Cristo. Para ela, todos eram meio parecidos, tinham a mesma importância. Saíamos nos fins de semana com outros filhos de uruguaios, tomávamos mate e comíamos torta pascualina⁷. Íamos todas as férias a Montevideu, ver a *abueta*⁸ e os primos. Tenho dupla nacionalidade e carteira de identidade uruguaia. E sempre soube que, segundo a lei uruguaia, os filhos de uruguaios, mesmo nascidos no exterior, são uruguaios também. Havia reuniões para ver os jogos da Celeste⁹ nas copas mundiais, e os outros filhos, assim como eu e minha irmã, tinham que decidir se torciam pelo Brasil ou pelo Uruguai. A decisão era cobrada, e não há dúvida de que havia uma resposta certa.

Um dos autores que se debruça sobre a construção do Estado-Nação, Shlomo Sand, diz que, curiosamente, grande parte dos pesquisadores ligados à investigação de temas acerca da identidade nacional são filhos de imigrantes ou passaram por um processo próprio de migração.

O fenômeno da emigração, com todas as consequências que implica – desenraizamento, fato de se sentir “estrangeiro” e em posição de minoria dominada no seio de uma cultura dominante –, representou uma condição quase necessária para a aquisição de instrumentos metodológicos mais avançados para essa investigação. Os principais pesquisadores no campo da ideologia nacional haviam se tornado bilíngues na infância ou na juventude, e boa parte deles havia crescido em famílias de imigrantes” (SAND, 2011, p.71)

⁷ Embora de origem italiana, a torta pascualina tornou-se parte da culinária típica da região do Rio da Prata.

⁸ “Avó” em espanhol.

⁹ Nome pelo qual é conhecida a seleção de futebol uruguaia.

Assim não foi nenhuma surpresa quando o tema escolhido para a monografia de graduação no curso de antropologia foi a imigração uruguaia, e mais especificamente os imigrantes em Brasília. Na monografia entrei em contato com uma literatura que não conhecia, que discutia o sentimento de pertencimento desses uruguaios que estavam distantes da pátria. Ficou em evidência também, nessa monografia, a relevância do papel que a Embaixada, como representante do Estado, desempenhava para promover ou não a aglutinação de um grupo de pessoas cuja única característica comum, em muitos casos, era o local de nascimento. Aí começaram a surgir então os questionamentos que deram origem à dissertação de mestrado, configurou-se a vontade de entender melhor o processo que originava o sentimento de pertencimento e a história por trás dele. E para isso desenvolvi uma investigação utilizando como estudo de caso as comemorações do Bicentenário do Uruguai, momento no qual travou-se uma discussão entre diversos atores sobre as datas nacionais a serem comemoradas. Esses questionamentos acerca de questões identitárias e nacionais foram então amadurecendo ao longo do tempo. Algumas discussões apresentadas aqui ao longo dos capítulos são aquelas de antes que retornam com outro foco e profundidade¹⁰.

Entretanto, vale ressaltar que o tema não perde sua validade pela proximidade com o pesquisador. O Uruguai é um país que lida com a questão da migração, de uma maneira ou de outra, desde a sua fundação. Criado por sucessivas ondas de imigrantes, que eventualmente, pouco a pouco passam a ser emigrantes, o país convive hoje com o que pode ser chamado de uma “cultura de migração”. Calcula-se que cerca de 550.000 uruguaios vivem fora do país atualmente, mas é provável que esse número seja ainda maior, pois essa cifra considera apenas aqueles em situação legal. A população do país hoje é de cerca de 3,3 milhões de habitantes.

O país inaugura então sua história como receptor de migrantes. Entre 1860 e 1920, o país recebeu a principal onda migratória, vinda principalmente da Espanha e Itália. Esses imigrantes eram tantos que modificaram

¹⁰ Encaixam-se nessa observação as discussões acerca do tema da identidade nacional através das contribuições teóricas de Hobsbawm e Hall, além de parte da contextualização histórica.

fundamentalmente a população existente. Ainda hoje é mais fácil encontrar uruguaios que se lembrem de seus bisavós que chegaram nos grandes navios do que de algum antepassado nativo¹¹.

A emigração e o retorno são assuntos tão caros para o país que, em 2007, com a Lei de Migrações, são implementadas facilidades para os uruguaios que desejem voltar para o país, como o ingresso de bens importados sem a cobrança de taxas, e é incentivada a organização das comunidades no exterior, através dos Conselhos Consultivos - entidades que representam os interesses dos uruguaios radicados em diferentes regiões do exterior, com reconhecimento do governo uruaio.

A questão da remessa de divisas do exterior é de suma importância para os países que possuem um grande número de emigrantes. No entanto, no Uruguai, os resultados da Pesquisa Nacional de Lares Ampliada (PNLA) do Instituto Nacional de Estatística (INE), do ano de 2006, mostram que 2,8% dos lares uruguaios receberam pelo menos uma remessa do exterior no mês anterior à visita do pesquisador. O valor das remessas é, em média, 13,5% do total da renda dos lares que as recebem (PELLEGRINO e KOOLHAAS, 2008 apud PELLEGRINO, 2008, p. 19). Em comparação a outros países que recebem remessas, essa contribuição para o Uruguai é pequena, e isso pode ser explicado pelo tipo de migração na qual se lançam os uruguaios. Sabemos que a migração empreendida nas décadas anteriores era predominantemente de “famílias completas” ou nucleares, segundo Pellegrino, o que pode explicar esse baixo repasse. Além disso, o grupo de migrantes uruguaios se destaca por ser composto de indivíduos qualificados, em sua maioria.

Em dezembro de 2007, Álvaro Portillo, diretor geral de Assuntos Consulares e Vinculação do Ministério de Relações Exteriores na época, o chamado Departamento 20, concedeu uma entrevista a José Irazábal, da rádio El Espectador. Segue abaixo um trecho dessa entrevista¹²:

¹¹ O imaginário que versa sobre os antepassados que vieram dos barcos será abordado em detalhes no capítulo 2.

¹² Disponível em <http://historico.espectador.com/politica/112157/aprueban-ley-para-estimular-el-regreso-de-los-uruquayos-al-pais>. Acesso em 24/05/2022, às 14:37.

Álvaro Portillo - É importante que como país tenhamos uma estratégia de trabalhar por um retorno sustentável, sustentado, e que efetivamente permita uma reinserção. Estamos fazendo, sobretudo estamos trabalhando em distintos tipos ou segmentos de população uruguaia emigrada, desde os indigentes que hoje estão jogados em alguma rua de algum país do mundo, até os uruguaios mais altamente qualificados.

José Irazábal - Existe hoje um fluxo de uruguaios que quer retornar ao país?

AP - Sim, como não? Existe.

JI - Que dimensão tem?

AP - Entre 2000 e 2006 retornaram 19.000 uruguaios, essas são as últimas cifras que eu tenho, segundo uma investigação feita pelo Instituto de Estatística e pela Universidade da República. E é provável que nos próximos meses esse fluxo de retorno se incremente. Mas lamentavelmente é muito difícil afirmar com precisão porque quando vêm uruguaios ao país não se pergunta se vêm a passeio ou se vão ficar.

JI - Continuam sendo muito mais os que se vão.

AP - Sim.¹³

O migrante de retorno, conforme definição presente no relatório “Perfil Migratório de Uruguay” (2011), é aquela pessoa que nasceu e reside atualmente no Uruguai, mas declara ter residido anteriormente em outro país. Os dados apresentados aqui sobre essas pessoas são provenientes desse relatório, que por sua vez utiliza dados obtidos através do Censo 2011. Assim, os autores do relatório fazem a ressalva de que no último censo não havia perguntas específicas sobre migração de retorno, os dados são obtidos combinando as

¹³ *Es importante que como país tengamos una estrategia de trabajar por un retorno sustentable, sostenido y que efectivamente permita una reinserción. Lo estamos haciendo, sobre todo estamos trabajando en distintos tipos o segmentos de población uruguaya emigrada, desde los indigentes que hoy están tirados en alguna calle de algún país del mundo, hasta los uruguayos más altamente calificados.*

JI - ¿Hay hoy un flujo de uruguayos que quieren retornar al país?

AP - Sí, cómo no, existe.

JI - ¿Qué dimensión tiene?

AP - Entre 2000 y 2006 retornaron 19.000 uruguayos, esas son las últimas cifras que yo manejo, según una investigación hecha por el Instituto de Estadística y la Universidad de la República. Y es probable que en los próximos meses este flujo de retorno se incremente. Pero lamentablemente es muy difícil precisarlo porque cuando vienen uruguayos al país uno no les pregunta si vienen de paseo o se van a quedar.

JI - Siguen siendo muchos más los que se van.

AP - Sí.

perguntas sobre a duração da residência atual, lugar de residência anterior e lugar de residência cinco anos antes.

Ainda assim, é possível chegar a diversas conclusões a partir desses dados. O número de retornados tem crescido de maneira constante, particularmente a partir de 2006. A distribuição dos imigrantes de retorno por país está associada aos destinos aos quais os emigrantes uruguaios têm se dirigido historicamente. Esses destinos tradicionais e estabelecidos eram, até os anos 90, principalmente os países de fronteira, como Argentina e Brasil, além dos Estados Unidos, destino migratório clássico da América Latina em geral. Além desses, outro destino comum é a ex-metrópole espanhola, em virtude de vínculos familiares, que muitas vezes permitem facilidade de documentação. E assim, proporcionalmente, a Espanha figura como país de onde retornam muitos desses emigrantes. Os dados do Censo 2011 mostram um crescimento notável do fluxo de retornados provenientes daquele país. É a principal origem dos retornados recentes, com um terço do total de retornados no período 2006-2011.

Segundo as informações disponíveis no Censo, a porcentagem de migrantes retornados no Uruguai em 2011 é de 2% da população nacional, mas como essa medição é falha, pode-se falar em uma cifra maior. Com a pergunta “Alguma vez residiu no exterior?”, incluída na ENHA 2006 (Encuesta Nacional de Hogares), se obteve o número de 3,7% da população.

Os dados que relacionam o país de residência anterior com a taxa de escolaridade são consistentes com o retrato tradicional do emigrante urguai, que geralmente apresentam uma alta taxa de escolaridade, com exceção dos retornados da Argentina (fato comumente explicado devido à proximidade geográfica e baixos custos do traslado, fenômeno similar a uma migração interna, que costuma ter um migrante com menor escolaridade que o da migração internacional).

Existem também diferenças nas taxas de desemprego dos retornados segundo país de residência anterior. Em 2011 se observa que os retornados recentes procedentes da Espanha apresentam taxas mais altas que seus pares que retornam de países vizinhos (Argentina e Brasil). A hipótese apresentada

pelo Relatório para explicar esse fenômeno aponta que a crise econômica espanhola fomenta um tipo de retorno mais associado ao fracasso dos projetos migratórios teorizados por enfoques econômicos neoclássicos.

Crosa e Souza (2014), pesquisadoras uruguaias que vêm investigando as particularidades do fenômeno migratório uruaio, conduziram uma pesquisa que originou um artigo em 2014 na qual expõem algumas das dificuldades de adaptação desses retornados, com uma perspectiva um pouco mais qualitativa. É generalizado o relato de dificuldades com essa nova adaptação. Sejam essas dificuldades econômicas ou burocráticas, os migrantes retornados entrevistados pelas pesquisadoras demonstram uma insatisfação muito grande com o acolhimento, tanto institucional quanto por parte de seus compatriotas. Uma fala citada no trabalho chega a dizer que os uruguaios que ficaram se sentem mais uruguaios do que aqueles que se foram. E as autoras propõem que esse retornado é novamente um imigrante, desta vez um imigrante nativo.

Para então ser possível pensar na problemática da migração nessa perspectiva qualitativa, tendo como foco o indivíduo migrante e sua história completa, optou-se pela realização de entrevistas com migrantes retornados. Para entender e analisar essas entrevistas é muito importante retomar o arcabouço interpretativo que nos fornece a história oral. Segundo Barroso (2021), a história oral pode orientar o processo de rememorar e relembrar os sujeitos, já que a memória se efetiva nos atos de fala como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições postas pelo tempo presente (BARROSO, 2021, p.559). Temos aqui então sujeitos que estarão rememorando a sua trajetória migratória a partir do momento em que estão retornados e estabelecidos novamente no país de partida. A história oral aqui encontra-se irrevogavelmente entrelaçada com a identidade e a memória.

O contato com os uruguaios retornados deste trabalho se deu por indicações de pessoas conhecidas, e buscou traçar um perfil diverso. Foram entrevistadas 8 pessoas, em anos diferentes, de acordo com as possibilidades desta pesquisadora de empreender idas ao país a ser estudado. É importante apontar aqui que duas dessas pessoas, Andrés e Jorge, não estão aqui como retornados, mas como funcionários do Estado Uruaio. Ambos foram

entrevistados por causa do cargo que ocupam. O trabalho de campo empreendido, sem o qual a história oral não pode existir, foi levado a cabo tendo como base primeira o respeito e ética entre a escuta e a narração. A relação que é forjada entre quem fala e quem escuta é fundamental para o processo que constrói as narrativas.

Como este trabalho se propõe a abordar o elemento subjetivo presente na discussão que envolve o processo migratório e suas influências na constituição de identidades, vale abrir um pequeno aparte e apresentar os sujeitos que foram entrevistados para a realização deste trabalho. Todas as entrevistas foram conduzidas por mim, no Uruguai, nas cidades de Bella Unión, departamento de Artigas, e em Montevideu, a capital. Os contatos foram feitos previamente, via ligação telefônica, mensagens de texto ou correio eletrônico. Todos os contatos foram por indicações de pessoas conhecidas, ou por sugestões posteriores dos próprios entrevistados, que indicavam seus conhecidos. Todas as entrevistas foram feitas em lugares de escolha dos próprios entrevistados, em muitos casos suas casas. Foram gravadas e guiadas por um roteiro de perguntas abertas, que buscava acessar as suas histórias de vida, de maneira mais ampla. As entrevistas duraram de uma a duas horas, a depender do ritmo imposto pelo próprio entrevistado. Alguns dos contatos foram estabelecidos também no II Encontro de Jovens Uruguaios Residentes no Exterior, do qual participei em Montevideu, em outubro e novembro de 2018, a convite do consulado uruguaio em Brasília.

Andres - funcionário da Junta Nacional de Migrações, órgão do governo Uruguaio encarregado de formular e levar a cabo políticas migratórias. Entrei em contato com ele através do consulado uruguaio em Brasília, troquei alguns e-mails, e me encontrei para entrevista em maio de 2017.

Jorge - No momento da entrevista, o Embaixador Jorge Muiño era Diretor Geral de Assuntos Consulares e Vinculação e também presidente da Junta Nacional de Migrações. Muito solícito, entrou durante a entrevista com Andrés, a pedido deste. Respondeu algumas perguntas atentamente, se mostrou muito curioso e interessado com a pesquisa que estava sendo levada a cabo por mim, pois parecia profundamente informado sobre o tema da migração não só em

seus aspectos mais práticos, mas também acadêmicos. Depois, em 2018, no II Encontro de Jovens Uruguaios Residentes no Exterior, nos encontramos novamente. Fui muito bem acolhida novamente e ele se mostrou à disposição para me ajudar.

Juan - muralista, cerca de 80 anos. Saiu do país duas vezes. Uma a princípios do governo militar, para a Venezuela. Ficou alguns meses no país, tendo emigrado com a sua companheira à época. Segundo conta, empreenderam a jornada para escapar das políticas de apreensão levadas a cabo no momento. No entanto, Juan retorna sozinho, porque sentia que deveria fazer algo pelo país. Alguns anos depois, sai novamente, dessa vez em direção à Austrália. Conta que ficou sabendo que haviam oportunidades naquele país, e foi com a sua nova companheira. Ficou na Austrália por mais de 20 anos, voltando para o Uruguai após o seu divórcio. Tem filhos naquele país, assim como os tem no Uruguai, de um casamento anterior. Continua com vínculos estreitos com a comunidade uruguaia e latino-americana em geral residente na Austrália. Hoje é muralista, mas já se dedicou a diversas outras atividades. Entrei em contato com Juan em um encontro para uruguaios residentes no exterior, ocorrido em outubro de 2018. Mantivemos contato por aplicativo de mensagens de texto, e em julho de 2019 nos encontramos em um café para a entrevista.

Irma - viúva, cerca de 80 anos. Migra para a Austrália nos anos 80, com marido e três filhos pequenos. Vive como dona de casa e desempenhando funções no Club Uruguayo, junto à colônia, onde conhece Juan, o entrevistado apresentado anteriormente. Quando seu marido falece, não vê mais sentido em permanecer no país estrangeiro e retorna a Montevideú. Seus filhos, e agora netos, permanecem na Austrália. Apesar de ter residido por mais de 40 anos em Sydney, atesta que se sente melhor em Montevideú, que a cidade oferece mais estrutura para “pessoas de sua idade”, que se sente mais acompanhada, em que pese a falta que sente dos filhos. Seu contato me foi passado por Juan. Combinamos a entrevista em sua casa, em julho de 2019, em um bonito apartamento em Pocitos, onde fui muito bem recebida. Irma me pareceu um tanto solitária, e me convidou para voltar mais vezes para tomar um café.

Hernán - professor de sociologia há cerca de 40 anos. Hernán é um caso de exílio político. Seu pai era militante e, quando este ainda era adolescente, o pai foi preso pelo governo militar. Com sua mãe e irmãs, sai do país e recebe asilo político na Suécia. Aí passa todos os seus anos formativos, também em contato com outros uruguaios na mesma situação política. Conhece a sua companheira, também uruguaia, e quando os filhos começam a ficar grandes, decidem retornar ao Uruguai, para que seus filhos cresçam no mesmo país que eles. Entrei em contato com Hernán através de uma prima, que também é professora e dá aulas na mesma escola que ele. Entrei em contato através de mensagem de texto e nos encontramos na própria escola onde trabalha, em julho de 2019. Fiquei com a impressão de que Hernán se identificou bastante comigo, e me encorajou diversas vezes a fazer concurso para ser professora em Montevideu também.

Anna - cuidadora, cerca de 60 anos. Anna deixa o país no final dos anos 80, com marido e três filhos. Seu marido recebe um convite para trabalhar na Costa Rica e a família inteira se desloca junto. No país, Anna se dedica a estudar e cuidar das três crianças. Após dez anos no país centro-americano, a família se desloca novamente, mais uma vez em virtude do trabalho do marido, dessa vez para o Rio de Janeiro, Brasil. Enquanto estão nesse país, o casamento de Anna acaba, o ex-marido se desloca novamente para outro país, e Anna permanece com três filhos adolescentes na capital carioca. Relata uma série de dificuldades por não ter visto de trabalho, e confia no setor informal para manter a casa. O seu filho mais velho migra para a Alemanha, e as filhas decidem retornar para o Uruguai. Depois de alguns anos, Anna também retorna, afirmando que seu objetivo era comemorar os 60 anos em seu país de origem, e aí passar o resto de seus dias. Entrei em contato com Anna através de sua filha, que também participou do encontro de uruguaios residentes no exterior em outubro de 2018. Ela me recebeu em sua casa em julho de 2019, para uma conversa descontraída, longa e cheia de bom humor.

Oswaldo - aposentado, mais de 80 anos. Oswaldo é provavelmente a figura mais curiosa dentre as entrevistas realizadas aqui. Saiu do país duas vezes também, a primeira por motivos políticos, para escapar do governo militar e atuar nas lutas contra outras ditaduras em outros países da América Latina. Esteve

residindo em diversos lugares nesse período, sempre muito envolvido com grupos militantes. Retorna ao Uruguai depois da anistia concedida aos presos e procurados políticos, passa alguns anos no país e sai novamente, dessa vez rumo ao Brasil. Se casa com uma brasileira, com a qual vive em Salvador por muitos anos, e após o fim desse casamento retorna ao país de origem. Entrei em contato com Osvaldo por meio da minha mãe, com a qual ele atuou no Conselho Consultivo na Bahia. Osvaldo foi até onde eu estava hospedada e conversamos em julho de 2019. Como eu já o conhecia de outras ocasiões, pudemos ter uma entrevista tranquila. No entanto, provavelmente em virtude de sua história política, sem muitos detalhes.

Emmanuel - empreendedor, cerca de 30 anos. Emmanuel foi o mais jovem entrevistado para esse trabalho. Deixa o país ainda adolescente, levado por seus pais aos Estados Unidos. A família migra como um todo, com ele e seus irmãos, para buscar uma vida mais próspera em terras norte-americanas. Assim, Emmanuel vive nesse país grande parte de sua vida escolar, cursando também a universidade. Resolve voltar para a sua cidade natal para empreender, abrindo uma casa noturna no seu povoado de origem. Os pais e irmãos de Emmanuel, no entanto, não o acompanharam nesse retorno. Os pais e uma das irmãs residem hoje na Espanha, e a outra irmã na Itália. Entrei em contato com o jovem através de um primo, que o conhecia dos tempos da escola. Nos encontramos em Bella Unión, onde eu estava hospedada, em abril de 2017.

Olga - escritora, cerca de 70 anos. Olga, segundo conta, nunca pensou em sair do país. Esteve aí, militando politicamente inclusive nos anos mais duros do governo militar. No entanto, em uma viagem que fez para a Espanha nos anos 90, conhece quem seria seu companheiro e decide migrar, para morar com ele. Passa então dez anos nas Ilhas Canárias, voltando ao Uruguai, onde estão seus filhos já adultos, todos os anos. Não se desprende de sua trajetória política durante o processo migratório, e se envolve na organização de Conselho Consultivo e consulado honorário. Quando seu casamento acaba, decide voltar para seu país de origem. Olga é amiga da minha mãe, tendo estudado juntas no Ensino Fundamental. Me recebeu em sua casa, em Bella Unión, em abril de 2017. Em virtude da minha filiação, estabeleceu-se imediatamente uma

cumplicidade, e a entrevista foi feita com muito bom humor e detalhes de sua vida.

As entrevistas realizadas, apesar de não poderem representar a totalidade dos uruguaios retornados, trazem com peso o elemento subjetivo da questão discutida. Os trechos das entrevistas feitas com esses sujeitos, aparecerão ao longo de toda a tese, como provocações, ilustrações e fio guia de todas as discussões levantadas. É interessante ressaltar, ainda, que todas essas histórias individuais estão inseridas dentro de um contexto mais amplo, social e histórico, de um país que tem nos movimentos migratórios parte fundante de sua identidade.

As histórias contadas por esse grupo de pessoas foram registradas, e a partir dos relatos, elementos em comum foram demarcados, que os caracterizam como um grupo particular. Essas memórias, segundo Pollak e Halbwachs, sofrem influências do grupo, sendo reinterpretadas segundo a época em que aconteceram, o ambiente em que estão inseridos esses indivíduos agora, ou até mesmo de acordo com a pessoa que escuta a sua história. Entretanto, esses relatos, ainda que maleáveis e não precisos, nos fornecem material rico o suficiente para conduzir o trabalho.

As narrativas, ainda, são sempre uma expressão singular do momento de sua produção, adquirem contornos e características do tempo em que são produzidas. São uma expressão cultural, e conferem significado ao mundo de quem narra. Contudo, alerta Cléria Costa, o narrador “conta apenas parte do que viu, ouviu ou leu, pois a memória é seletiva, retém apenas os fatos que foram envoltos nos sentimentos” (COSTA, 2001, p.77). Lembrar passa a ser então um ato de reconstrução do passado, onde narrador e ouvinte vão juntos tecendo uma memória compartilhada, reconstruída. Nesse momento, que é perpassado por afetos, o narrador seleciona, organiza e recria mentalmente fatos. Esse processo é, podemos afirmar, também fundamental para uma reconstrução e afirmação de identidades.

Cabe aqui fazer mais uma observação sobre os entrevistados como grupo. A média de suas idades é bastante alta, estando a maioria já no que se convencionou chamar de terceira idade. Cléria, citando Walter Benjamin,

observa que os velhos são os narradores por excelência, já que o tempo os propiciou com um maior acúmulo de experiências (COSTA, 2001, p.73). Barroso também invoca o pensador alemão para elaborar a relação entre experiência e memória.

Por ter o peso da tradição e por se situar no âmbito da transmissão geracional, o conceito pode ser relacionado ao processo de envelhecer. Se, para Benjamin, a experiência é a transmissão de histórias pela narração, ela sempre será comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. A autoridade da velhice está edificada em histórias, às vezes como narrativas, outras como conselhos; enfim, é a capacidade de narrar, de transmitir a experiência, uma experiência que está no espaço e está no tempo. Um espaço-tempo tecido de relações materiais e culturais, que estabelece muitas e diversificadas relações, pois o narrador que já viveu muito é possuidor de uma sabedoria de vida (BARROSO, 2021, p.12)

Nesse trabalho então, contamos com as experiências e vivências de indivíduos que narram suas memórias, fontes inesgotáveis de vestígios históricos.

Parece importante ainda entrar em contato com a história completa desses sujeitos para não cair no problema apontado por Sayad, de olhar para os migrantes só a partir da saída, ou somente a partir do momento da chegada. Os relatos de vida se tornam então importantes, já que são uma ferramenta de acesso ao que é vivido subjetivamente, e são reveladores de determinados processos, reconhecendo que a experiência humana tem um valor cognitivo. Trabalhar a partir desses relatos implica também saber que aquilo é o que a pessoa conta que viveu, que o sujeito não está recitando sua vida, mas sim tecendo uma reflexão ao contar.

Além disso, a relação das instituições com o migrante retornado também foi observada e mapeada. Foi estabelecido contato com os órgãos responsáveis pela acolhida ao uruguaio que retorna, e as políticas públicas destinadas a esse cidadão mapeadas. O discurso governamental no que toca ao retorno também foi observado, assim como sua influência na decisão do retorno. Foram então, além das entrevistas trabalhadas através da história oral, fontes para esse trabalho: páginas da internet do governo uruguaio, onde estão disponibilizadas uma série de informações para o retorno; o Manual de Retorno e Boas Vindas e o Guia Voltar ao Uruguai, elaborados pelo governo uruguaio; o Perfil Migratório

do Uruguai, de 2011, elaborado pela OIM em conjunto com pesquisadores uruguayos; e algumas reportagens de jornais acessadas via internet. Para entender a importância que podem trazer cada uma dessas fontes para a compreensão do todo, vale a pena recorrer ao paradigma indiciário de Carlo Ginzburg e a importância que tem os vestígios que são deixados nessas publicações oficiais (GINZBURG, 1989). Estas são frutos de um período e governo específicos e traduzem, através até mesmo da escolha de cada palavra usada para se referir a cada categoria, o pensamento daqueles que as elaboraram.

A partir dessas reflexões e fios condutores, o trabalho se organiza em quatro diferentes capítulos. O primeiro traz as teorias usadas para se pensar o processo migratório, algumas perspectivas teóricas sobre o retorno, e também uma breve discussão sobre nação e identidade nacional, já que ao se falar de padrões de imigração e vinculações criadas fora das fronteiras originais dos indivíduos, é impossível deixar de levar em conta os sentimentos de pertencimento que os une.

Já o segundo capítulo se debruça sobre o contexto histórico do Uruguai, uma vez que olhar para um país, ou uma determinada parte de seus cidadãos, sem ter em mente os padrões e contexto histórico que o funda e o forma inviabiliza a compreensão de qualquer fenômeno. Afinal de contas, podemos argumentar que são as histórias e mitos compartilhados que formam a nossa identidade. Ainda nesse capítulo é traçado um breve perfil dos entrevistados para a composição deste trabalho além de um apanhado de dados sobre o contingente populacional envolvido no processo migratório dentro do próprio Uruguai.

No terceiro capítulo são abordadas as diferentes estratégias de sobrevivência utilizadas pelos uruguayos em processo de migração, e como o processo desse grupo, em particular, está intrinsecamente conectado com a participação política no país. Como, apesar de haver uma política estatal de vinculação desenvolvida nas primeiras décadas deste século, ainda há uma importante questão a ser disputada. Como a relação com as sociedades que os acolheram influencia a sua adaptação, bem como o idioma falado e sua relação

com as línguas aprendidas. Ainda é tema desse capítulo as diferentes maneiras de se manter o vínculo com o Uruguai, mesmo além de suas fronteiras.

No quarto capítulo as percepções individuais sobre o retorno em si serão abordadas, assim como alguns trajetos possíveis nessa volta. Também exploraremos alguns significados atribuídos ao movimento de retorno, e algumas percepções teóricas sobre ele. O retorno também será visto sob o tema da acolhida por parte da sociedade e do Estado, e algumas reflexões sobre a ficção envolvida na ideia de retorno serão tecidas.

Finalmente, nas considerações finais, são tecidas algumas observações sobre o escopo total do trabalho, bem como sobre a impossibilidade de se pensar em algo que se assemelhe a uma teoria geral que dê conta de explicar o processo estudado.

1 - OS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

Em perspectiva histórica, a evolução dos estudos sobre migração contribui para percebermos a crescente problematização desse campo. Se em um primeiro momento os autores clássicos conferiram um caráter secundário ao tema, a crescente teorização do campo nos dois últimos séculos nos faz perceber a crescente complexidade do processo e sua relevância.

Desta forma, é importante conhecermos as teorias migratórias que já foram criadas como uma maneira de escolhermos o enfoque teórico que melhor se encaixa com a proposta deste estudo.

1.1 - As Principais Teorias Migratórias: Uma Apresentação

Joaquin Arango (2000) afirma que não existe uma teoria geral da migração. Para tratar de dar conta de um fenômeno tão amplo e diverso, uma teoria geral teria que funcionar em um nível de agregação tão alto que se tornaria inútil em termos práticos. Assim, o que pode haver são tentativas de explicar o fenômeno a partir de perspectivas e enfoques distintos. Atualmente, àqueles que se debruçam sobre esse campo de estudo contam com um grande acervo conceitual e teórico para apoiar-se. No entanto, como afirma o próprio Arango, esse conjunto de contribuições teóricas continuam apresentando tanto luzes como sombras. De qualquer forma, é importante saber quais são esses aportes teóricos e quais são as vantagens e desvantagens de se utilizar cada um deles.

Partindo das orientações de Massey *et al.* (1993), as teorias de migração internacional podem ser divididas em dois grupos:

- Porque as pessoas migram?
- Porque o processo migratório se perpetua no tempo?

O primeiro grupo de teoria busca explicar a natureza do processo, de modo a entender porque as pessoas migram, suas causas e desenvolvimentos; o segundo grupo trata de explicar porque o processo migratório se perpetua no tempo. Ou seja, este busca dar conta dos fatores que aparecem ao longo do processo migratório, que podem ou não estar relacionados com o que provocou

o primeiro impulso de emigração; enquanto aquele trata de elucidar as motivações para a saída em si. A Teoria Econômica Neoclássica, a Teoria do Mercado de Trabalho Dual, a Nova Economia da Migração Laboral e a Teoria dos Sistema Mundos procuram esclarecer esse primeiro momento, a motivação da migração (CASTLES; DE HAAS & MILLER, 2014). Por sua vez, a Teoria Institucional e a Teoria das Redes Migratórias, a Perspectiva Transnacional das Migrações e a Causação Cumulativa tentam explicar a continuidade do processo migratório ao longo do tempo ainda que se tenha diminuído o incentivo da migração (MASSEY *et al.*, 1993).

1.1.1 - As motivações da migração

A Teoria Neoclássica de Migração, primeira a surgir sistematicamente, foi, durante muito tempo, a mais aceita para explicar porque as pessoas migram. A abordagem neoclássica possui tanto uma visão dicotômica/dual de atração e repulsão (push and pull) quanto uma valoração econômica do tema (GEORGE, 1977; PORTES & BÖRÖCZ, 1998; MATEOS, 2004). De acordo com essa perspectiva, o local de origem propulsiona o indivíduo a migrar, enquanto o local de destino contribui para atrair o imigrante. É assim, uma questão da existência de oferta e demanda de mão de obra e postos de trabalho nos locais de origem e destino. Assim, as diferenças entre oferta de trabalhos com altos salários tenderiam ao equilíbrio entre os diferentes países ao longo do tempo, uma vez que a chegada de mais pessoas para ocupar esses postos de trabalho diminuiria a oferta (MASSEY *et al.*, 1993).

Explica-se a migração pela escolha individual de maximização da renda e a possibilidade de se atingir salários mais elevados. Esta abordagem desenvolve o paralelo entre custo e benefício, a partir de uma percepção racional do indivíduo (sozinho) de que os benefícios de se migrar seriam maiores que os custos envolvidos neste processo. Assim, o objetivo da migração é visto como uma maneira de se alcançar melhores condições econômicas e sociais do que aquelas oferecidas no local de origem.

Essa grande teoria esteve em voga durante muito tempo, e apresenta sempre uma visão primordialmente econômica sobre o tema. Assim, as motivações e impulsos à saída são explicados e entendidos pelo desejo,

pensado como universalmente aceito, de que os indivíduos querem maximizar a qualidade de vida, desde uma perspectiva material e econômica. Para os autores que desenvolveram essa abordagem teórica, a migração era uma maneira simples e elegante de os países perderem o excesso de mão de obra. A migração aparece como facilitadora do processo de desenvolvimento econômico desses países.

Teorias com enfoque primordialmente econômico encontram problemas quando confrontadas com a realidade. Primeiramente, a teoria não dá conta de explicar porque tão poucas pessoas se deslocam, dadas as enormes diferenças de salários e níveis de bem-estar que existem entre os distintos países. As disparidades econômicas sem dúvida influenciam as decisões de emigrar, mas se fosse esse o único, ou o principal, fator explicativo, o número de indivíduos que deixam seus países seria muito maior.

O segundo problema com a teoria apresentada é a sua incapacidade de explicar porque alguns países estruturalmente semelhantes têm números tão distintos de emigração, bem como países com condições de recepção parecidas não são escolhidos como destino com a mesma intensidade. Além disso, equipara migrantes com trabalhadores, não levando em conta todos os casos nos quais aqueles que se deslocam não são mão de obra.

O retorno, por sua vez, é percebido como o fracasso do projeto migratório. Assim, esses trabalhadores migrantes teriam calculado mal os custos da emigração e os benefícios esperados quando do momento da saída não foram alcançados. O retorno seria motivado principalmente pela falha em obter o aumento esperado da renda e qualidade de vida (CASSARINO, 2013).

A segunda abordagem teórica apresentada aqui é denominada de Nova Economia da Migração Laboral. Essa abordagem também tem uma lógica economicista, porém difere da anterior ao afirmar que a decisão de migrar não é concebida no âmbito individual, mas sim no coletivo (MASSEY *et al.*, 1993). De acordo com essa abordagem, a decisão de se tornar um migrante de trabalho não pode ser explicada apenas no nível dos trabalhadores individuais, de modo que entidades sociais mais amplas, como a família, devem ser igualmente

consideradas. Nessa perspectiva, membros familiares que vivem no exterior também incentivam as migrações por meio do envio de remessas de recursos, as quais têm um impacto positivo na economia dos países de origem e estimulam as famílias a enviarem mais membros ao exterior. A decisão de enviar membros da família para o mercado laboral externo seria tomada pela família como um ente, para diversificar as atividades econômicas de sustento da mesma.

Ao contrário da teoria anteriormente apresentada, para aqueles adeptos dessa chave explicativa, o retorno é parte fundamental do processo migratório. O retorno, aqui, significará o sucesso desse processo. Quando o movimento é completado satisfatoriamente, o migrante retorna para seu país de origem, levando os frutos desse movimento. Para essa perspectiva, as remessas são parte integral desse projeto bem-sucedido, parte da decisão familiar coletiva, e benéficas para a economia do país de origem como um todo.

A Teoria do Mercado de Trabalho Dual, ou Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado (PRIORE, 1979) aborda a migração que resulta do processo de escolha do destino em atenção à estrutura do mercado de trabalho dos países de destino. Isto é, a demanda permanente de mão de obra é o motor para a migração. Nos países receptores, estaria destinado aos imigrantes o mercado laboral secundário, cujos postos exigem baixa qualificação e que geralmente, não são preenchidos pelos nativos. O mercado primário seria, assim, preenchido por nativos com maiores qualificações, com funções de maior estabilidade profissional e melhor rentabilidade. As críticas dirigidas a esta consideram que ao privilegiar a importância da demanda do mercado como propulsor da migração internacional, tal teoria acaba por menosprezar os fatores que se encontram do lado da oferta (CASTRO, 2011).

Apesar da grande aceitação, essa teoria não leva em consideração a escolha da maioria dos migrantes em sair de sua origem por iniciativa própria e não necessariamente para preencher postos de trabalho existentes. Assim, essa é uma teoria que sai do campo microeconômico e busca compreender motivações a partir de uma análise somente macroeconômica. É o ambiente e as condições sociais que determinarão a escolha dos indivíduos por sair. Os imigrantes constituem uma oferta de trabalho que cria sua própria demanda, ou

seja, trabalhos que não teriam existido se não fosse por sua presença anterior (ARANGO, 2000).

Para essas duas teorias, o retorno é sinônimo de sucesso, parte de uma estratégia pensada e calculada no momento da saída. No entanto, ambas pecam ao não analisar o entorno político, social e cultural do indivíduo que decide deixar seu país. Assim, cada iniciativa de migração parece isolada e responde a necessidades únicas e particulares. Permanece sem análise e sem explicação as relações que envolvem o migrante e seu entorno, para além do núcleo de parentesco.

A última das teorias abordadas neste primeiro grupo, que se debruçam sobre a causa do processo migratório, refere-se à Teoria do Sistema-Mundo (MASSEY *et al.*, 1993) que busca analisar a migração internacional como parte da dinâmica interna de um sistema único. Nesta análise geopolítica global, a migração seria assim um produto da dominação exercida pelos países centrais sobre as zonas periféricas (ARANGO, 2000). A desigualdade na ordem econômica mundial faz com que nos países periféricos surja um excedente de mão de obra capaz de criar uma oferta laboral para países centrais. As vagas ofertadas tendem a ser principalmente aquelas rejeitadas pelos nativos do país central. Um fator interessante a ser mencionado é que essa relação é bastante comum entre países que tiveram laços históricos de metrópole e colônia. Nesse sentido, a Teoria do Sistema Mundo poderia trazer importantes contribuições para pensar a migração uruguaia, já que um dos principais países de destino desses emigrantes é a Espanha. No entanto, Alejandro Portes (1999) critica essa perspectiva, uma vez que não dá conta de elucidar quem dentro dessas antigas colônias toma a decisão de emigrar e nem permite se pensar a decisão em um nível individual de tomada de decisão.

Ainda que essa teoria forneça uma base histórica que estrutura as relações específicas de migração entre os países, se torna insuficiente do ponto de vista desta pesquisa, pois considera os migrantes como agentes passivos no jogo das grandes potências e processos globais (CASTLES E MILLER, 1993). Além disso, não dá conta de explicar a crescente tendência à diversificação dos fluxos e rotas de migração (ARANGO, 2000).

Apesar da importância desses modelos nos estudos da migração internacional, eles tornam-se insuficientes e limitados à medida que tanto não conseguem justificar porque os imigrantes escolhem um destino para migrar à revelia de outros (CASTLES E MILLER, 2009) quanto não incluem outras motivações para o processo migratório, como a análise política ou ainda uma decisão de gênero. Diversos estudos empíricos conduzidos nos últimos anos tem demonstrado que a ideia de se explicar o retorno em termos de sucesso/fracasso não é suficiente para se elucidar o fenômeno. Segundo Cassarino,

este paradigma [sucesso/fracasso], de fato, tende a isolar as decisões e as estratégias dos migrantes de retorno do seu ambiente social e político, sem colocá-las em correlação com os fatores contextuais presentes no país de origem (CASSARINO, 2013, p. 27)

Todas essas teorias deixam a desejar, principalmente tendo em vista o foco deste trabalho, a partir do momento em que se focam em aspectos econômicos e externos ao indivíduo que toma a decisão de emigrar. As teorias apresentadas, que segundo Massey tentam explicar porque as migrações ocorrem, acabam deixando de levar em conta as motivações individuais e as dimensões subjetivas envolvidas nos processos que provocam o retorno ao país de origem. Faz-se, assim, necessário entender esse segundo grupo de teorias que procuram explicar a manutenção do fluxo migratório.

1.1.2 - A manutenção dos fluxos migratórios no tempo e no espaço: Explicações teóricas Contemporâneas

As teorias abrangidas por essa categoria avançam o entendimento para além das motivações financeiras e ações individuais, para além de entender a causa e o impulso migratório inicial. Inserem-se aqui a Teoria Institucional, a Teoria das Redes Migratórias, a Perspectiva Transnacional das Migrações e a Causação Cumulativa. Essas abordagens analisam a migração como um processo fluido e complexo, que conecta o local de destino ao local de origem, e que contribui para a perpetuação do fluxo migratório. De acordo com Massey, as causas que contribuem para a continuidade da migração são independentes das que a origina. Ainda que fatores como diferenças de salários, cálculos de riscos relativo, desequilíbrio no mercado de trabalho continuem a causar os movimentos de pessoas no globo, novas condições que surgem no processo

migratório acabam funcionando como causas independentes, que influenciam nesse processo. Assim, as redes de migrantes se espalham, instituições que apoiam movimentos transnacionais se desenvolvem e o significado social do trabalho nas sociedades receptoras muda. O impulso geral dessas transformações é facilitar novos movimentos, um processo conhecido como *causação cumulativa* (MASSEY *et al*,1993).

Nesse sentido, a Teoria das Redes Migratórias refere-se às relações interpessoais criadas por migrantes, retornados e não migrantes, que propiciam a ida de outros imigrantes e/ou diminuem os riscos e custos dessa tarefa. As redes migratórias surgem como resultado de grandes fluxos de migrantes internacionais, formando-se tanto nos locais de origem como de destino. Essas redes formam uma espécie de capital social que os indivíduos podem acessar para obter trabalho e outras facilidades quando no país de destino (MASSEY *et al.*, 1993).

A Teoria das Redes servirá de apoio para o presente trabalho, uma vez que encara os movimentos migratórios como um fluxo contínuo, e não como um movimento linear com começo, meio e fim. As experiências migratórias que serão aqui apresentadas demonstram a importância dessas redes na escolha do lugar de destino, na escolha do momento de retorno, e na organização de grupos de migrante enquanto fora. Uma das entrevistadas para esse trabalho, Irma, morou na Austrália por 45 anos. Segundo conta, sempre esteve vinculada ao Clube Uruguaio, uma organização autônoma tradicional em Sydney

Fui a secretária do Clube Uruguaio. Três anos no último período, mas antes, também tinha estado em outras comissões. Trabalhei sempre, os 44 anos dos 45 que morei lá, trabalhei sempre para a comunidade latina. Digo latina, porque onde tenho visto agora, são todos chilenos, argentinos, colombianos....Todos se juntam no Clube Uruguaio, viu? Sim, agora é somente um ponto de reunião, porque é o único, porque é a única comunidade que tem um clube, e próprio. É muito bonito (tradução nossa)¹⁴ (informação verbal)¹⁵.

¹⁴ *Fui la secretaria del Club Uruguayo. Tres años en el último periodo, pero antes, también había estado en otras comisiones. Trabajé siempre, los 44 años, 45 que viví allá, trabajé siempre para la comunidad latina. Digo latina, porque donde he pillado ahora son todos chilenos, argentinos, colombianos... Todos se juntan en el Club Uruguayo, viste. Sí, ahora es solo un punto de reunión, porque es el único, porque es la única comunidad que tiene un club y propio. Precioso es.*

¹⁵ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideú, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

Uma segunda abordagem diz respeito à Teoria Institucional, na qual o crescente fluxo de migrantes internacionais propicia a institucionalização do processo migratório. Deste modo, ao longo da cadeia de migração vão surgindo empreendimentos econômicos lucrativos, legais ou ilegais, que buscam ofertar e favorecer o deslocamento de pessoas (MASSEY *et al.*, 1993). Surgem ainda, neste contexto, instituições voluntárias de caráter humanitário que buscam viabilizar o projeto migratório. Dentro desse marco teórico, podemos ainda localizar as organizações criadas e geridas pelos próprios migrantes. No caso aqui analisado, essa abordagem se encaixa muito bem já que há diversos exemplos desses arranjos desenvolvidos por migrantes, bem como iniciativas de aglutinação por parte do governo uruguaio. A fala citada a seguir de Olga, imigrante uruguaia que morou por mais de dez anos nas Ilhas Canárias, menciona dois tipos distintos de associações muito comuns nesse contexto: as auto geridas e criadas; e aquelas instituídas pelo governo como parte de um esforço de políticas públicas para vincular os cidadãos residentes no exterior

Formamos uma associação de uruguaios lá, começou a aparecer muita gente, muita gente (...). Eu tinha muito contato com as pessoas de Fuerteventura, que está em frente [de Lanzarote], e chegamos a ter mais de duzentas pessoas aí. Inclusive se formou um consulado honorário em Lanzarote. E a Associação continuou, se chamava Jacinto Vera, lembrando o primeiro bispo uruguaio, que na verdade era canário, e também há um bairro em Montevideu que se chama Jacinto Vera, então era uma forma de reunir os uruguaios com os canários. E estávamos em contato com os canários daqui (tradução nossa)¹⁶ (informação verbal)¹⁷

A existência dessa associação, com os objetivos descritos por Olga, que foi uma das fundadoras, de reunir uruguaios presentes na ilha, vinculá-los com o país de origem e com canários espanhóis e residente no Uruguai, mostra essa multiplicidade de laços e relações formadas por indivíduos que estão dentro desse processo migratório. Migrantes estão inevitavelmente ligados a não migrantes, e esses laços sociais implicam obrigações implícitas em relações, como as de amizade, para ter acesso a oportunidades de moradia e emprego.

¹⁶ *Formamos una asociación de uruguayos allá, empezó a aparecer mucha gente, mucha gente. (...) Yo tenía mucho contacto con la gente de Fuerteventura, que está en frente, y llegamos a tener doscientas y pico personas ahí. (...) Incluso se llegó a formar un consulado honorario en Lanzarote. Y siguió la asociación, que se llamaba Jacinto Vera, porque recordábamos el primer obispo uruguayo, que era canario en realidad, y hay un barrio en*

¹⁷ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

Uma vez que o número de conexões numa área de origem atinge um limiar crítico, a migração se torna autossustentável já que cada ato de migração por si só cria a estrutura social para mantê-lo. Cada novo migrante reduz os custos de migração, tanto econômicos quanto pessoais, para um conjunto de amigos e parentes, e algumas dessas pessoas são incentivadas a migrar, o que consequentemente expande o conjunto de pessoas com laços no exterior, o que, por sua vez, reduz os custos para um novo conjunto de pessoas, e assim sucessivamente.

Uma terceira abordagem diz respeito à Perspectiva Transnacional das Migrações. De acordo com essa perspectiva, as migrações nos remetem à crescente intensidade de fluxos multifacetados de pessoas, objetos, informação e símbolos para além das fronteiras nacionais. Ela auxilia bastante na análise das atuais migrações internacionais ao incluir a ideia de que os indivíduos vivenciam a migração simultaneamente nos locais de destino e origem. Através das práticas transnacionais, é possível superar as aproximações teóricas convencionais que concebem as migrações desde afirmações unidirecionais, baseadas na errônea premissa de que os imigrantes e seus descendentes necessariamente rompem com suas relações e vínculos com a sociedade de origem (CAVALCANTI & PARELLA, 2015). O trecho de entrevista citado a seguir mostra como a migrante manteve o vínculo próximo com o Uruguai, apesar de residir na Espanha durante dez anos. A entrevistada visitou o país durante dois meses no inverno, por todos os anos em que esteve morando no país europeu.

Meus filhos, os dois foram. (...). Mas nenhum dos dois gostou para ficar. Para ir e vir, para passear, mas não para ficar. Eu sim, eu me adaptei. Eu sou como repolhinho, risos, se tem água eu fico. Mas tampouco você se desprende de todo. Quando você vem tão seguido, continua mantendo o vínculo (tradução nossa)¹⁸ (informação verbal)¹⁹

¹⁸ *Mis hijos, los dos fueron. Tengo dos, una hija de 39 y un varón de 36. Ella vivió un año con nosotros, pero no le gustó. A ninguno de los dos les gusto para quedarse. Para ir y venir, para pasear, pero no para quedarse. Yo sí, yo me adapte. Yo soy como repollito, risas, hay agua me quedo. Pero tampoco te desprendes del todo. Cuando venís tan seguido, seguís manteniendo el vínculo.*

¹⁹ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

Outra teoria que se propõe a explicar a manutenção dos fluxos migratórios é a chamada Causação Cumulativa. Essa teoria identifica alterações na sociedade de origem causadas pela emigração, sejam elas em termos de rendimentos ou de propriedades. Tais transformações na sociedade de origem causam determinado impacto na sociedade de origem que impelem novos movimentos. De acordo com Massey,

A Teoria da Causação Cumulativa argumenta que, ao longo do tempo, a migração internacional tende a sustentar a si própria de maneiras que fazem com que movimentos adicionais sejam progressivamente mais prováveis (...) A Causação é cumulativa no sentido que cada ato de migração altera o contexto social dentro do qual cada decisão migratória é tomada, tipicamente de maneiras que fazem com que movimentos adicionais sejam mais prováveis. Até agora, cientistas sociais têm discutido oito maneiras nas quais a migração é afetada cumulativamente: a expansão de redes, a distribuição de renda, a distribuição de terras, a organização da agricultura, cultura, a distribuição regional de capital humano, o significado social do trabalho e a estrutura de produção. Retorno através de outras variações são também possíveis, mas ainda não foram sistematicamente discutidos. (MASSEY *et al.*, 1999, p.45, tradução nossa)²⁰

Um desses fatores afetados, a cultura, pode ser percebida de maneira tangível dentro do grupo estudado – os uruguaios. À medida em que há uma prevalência de movimentos migratórios dentro de uma comunidade, valores e percepções culturais sofrem mudanças que aumentam a probabilidade de migrações futuras. Mesmo que migrantes comecem com alvos definidos, buscando retribuição financeira a curto prazo para um objetivo específico, depois de emigrar adquirem uma percepção de mobilidade social e um apreço por bens de consumo e estilos de vida que são difíceis de obter através do trabalho local. Assim, uma vez que um indivíduo já empreendeu um processo migratório, há a possibilidade de que haja outra viagem, outra migração se torna mais provável

²⁰ *The theory of cumulative causation argues that over time international migration tends to sustain itself in ways that make additional movement progressively more likely (...) Causation is cumulative in the sense that each act of migration alters the social context within which subsequent migration decisions are made, typically in ways that make additional movement more likely. So far, social scientists have discussed eight ways that migration is affected in this cumulative fashion: the expansion of networks, the distribution of income, the distribution of land, the organization of agriculture, culture, the regional distribution of human capital, the social meaning of work, and the structure of production. Feedbacks through other variables are also possible but have not been systematically treated (MASSEY *et al.*, 1999, p.45)*

(MASSEY, 1986). Além disso, dentro da própria comunidade, a migração passa a ser parte intrínseca do repertório de comportamentos e possibilidades.

As diversas abordagens teóricas aqui expostas não são necessariamente contraditórias. Massey defende que, ao invés de se adotar uma teoria exclusiva, a despeito das outras explicações, processos causais relevantes para impulsionar a migração internacional podem acontecer em múltiplos níveis simultaneamente, e que decidir qual explicação é mais útil é um empreendimento empírico e não apenas lógico. Portanto, como apoio teórico para este trabalho, será utilizada principalmente a teoria de Redes, mas também a Institucional, a Perspectiva Transnacional e a da Causação Cumulativa, que se complementam e fornecem aportes e chaves analíticas para entender melhor esse fenômeno multifacetado e complexo que é a migração de retorno. Uma vez que essas abordagens todas não encaram o retorno como o fim do processo migratório, e nem o processo em si como algo linear, onde o retorno seria o fim, há uma complementaridade nas abordagens que enriquecem a análise.

1.2 - A Migração de Retorno: Abordagens Teóricas

Cada uma das teorias expostas terá, também, uma maneira particular de lidar com a migração de retorno, seja encarada como a conclusão do esforço migratório ou como uma outra parte do ciclo, como já foi mencionado anteriormente. No entanto, apesar da migração de retorno ser tema de pesquisa e investigação há um bom tempo, ainda não é um tema de fácil compreensão. “Sua magnitude e configuração são dificilmente mensuráveis e comparáveis, devido à falta de dados quantitativos confiáveis em larga escala” (CASSARINO, 2013, p.22). A crescente diversificação de tipologias que caracterizam quem migra (de migrantes de trabalho e estudo até refugiados) afeta o conhecimento sobre quem retorna. Cassarino aponta que é fundamental entender quem é este indivíduo que empreende o retorno. Como o faz, quando e porquê. Portanto, iremos apontar as principais abordagens teóricas à migração de retorno, e como suas motivações são geralmente tratadas.

É possível observar, primeiramente, uma diferença fundamental em como o retorno é percebido pela abordagem Neoclássica e pela Nova Economia de Migração Laboral. Enquanto para a primeira o retorno é o resultado do fracasso de uma experiência, para a segunda é o resultado esperado do projeto. Para a abordagem Neoclássica, a volta ao país de origem ocorre quando o migrante não foi recompensado como esperado, quando calculou mal a relação entre o custo e o benefício de seu empreendimento. Já para a segunda abordagem teórica, o mesmo retorno é visto como parte integral do processo, já que na saída ele é fixado como objetivo final. Assim, esse migrante que retorna teria alcançado objetivos estabelecidos de maximização de renda e acúmulo de capital.

Os teóricos da NELM se contrapõem firmemente à imagem neoclássica do migrante de retorno fracassado: a duração da permanência no exterior é sabiamente medida segundo as necessidades do núcleo familiar em termos de *welfare*, poder de aquisição e poupança. Uma vez que essas necessidades sejam satisfeitas, a migração de retorno ocorre. Em outros termos, para os seguidores da NELM, o retorno tem implicações que vão “além de uma simples resposta a um diferencial salarial negativo”. (CASSARINO, 2013, p.26)

No entanto, ambas abordagens apresentam fragilidades, quando não demonstram uma reflexão sobre o contexto que envolve o migrante quando este toma a decisão de retornar. Este aparece então como um ser isolado, e as interações entre o ambiente que o rodeia, tanto no país de origem quanto no de destino, são perdidas. Assim, essas abordagens não possibilitam uma maior compreensão sobre as estratégias de retorno que são formuladas.

Cassarino apresenta uma abordagem estruturalista ao retorno, onde este é observado também em relação com fatores sociais e institucionais presentes no país de origem. É impossível dissociar o retorno do contexto que o cerca. No âmbito dessa abordagem, o autor tipifica quatro migrantes de retorno, de acordo com as suas aspirações, expectativas e necessidades. O “retorno do fracasso”, onde os migrantes não conseguiram adaptar-se e integrar-se no país receptor; o “retorno conservador”, que compreende os migrantes que ao sair da pátria já planejavam o retorno; o “retorno de aposentadoria” que abrange os migrantes que retornam ao país de origem para passar a velhice e o “retorno inovador” que se refere aos migrantes que adquiriram conhecimentos e habilidades e retornam para fazer uso dessas competências no país de origem. O desenvolvimento e uso dessa tipologia evidencia a tentativa de compreensão das motivações dos

indivíduos que empreendem o retorno e da necessidade de observá-las em conjunto com o contexto que o cerca. A abordagem estruturalista tipificada por Cassarino ainda se ocupa em analisar o impacto que esses migrantes terão no país de origem, ao retornar. Assim, a perspectiva olha para o migrante de retorno não só a partir do país de acolhida e sua trajetória na chegada, mas também considera a situação relacional com o país de origem como peça chave para pensar o retorno.

A perspectiva Transnacional, por sua vez, na tentativa de compreender a manutenção dos fortes laços sociais e econômicos entre país de origem e país receptor, não encara o retorno como o fim do ciclo migratório. Pelo contrário, o processo migratório continua.

A migração de retorno é, portanto, parte integrante de um sistema circular de relações sociais e econômicas e de trocas que facilitam a reintegração dos migrantes e, ao mesmo tempo, transmitem a estes últimos conhecimento, informação e sentimento de pertencimento. (CASSARINO, 2013, p.33)

Segundo essa abordagem, a decisão de retornar e o processo de adaptação são afetados pela identificação e percepção subjetiva do indivíduo sobre sua terra natal. O sentido de pertencimento a uma nação, o compartilhamento de uma origem e de uma etnia, os laços de parentesco parecem ser fatores definidores para a manutenção de laços transnacionais e definição de identidades transnacionais.

O transnacionalismo traz ainda contribuições para pensar uma desterritorialização da cidadania, já que cada vez menos os indivíduos precisam estar fisicamente ligados a um território para serem, ou se sentirem, cidadãos daquela pátria. O próprio Uruguai aparece como exemplo dessa prática, com todas as suas políticas e tentativas de envolver os cidadãos que estão fora de suas fronteiras na vida política do país, através de uma série de políticas públicas formuladas com esse fim. Essas relações institucionalizadas não são raras, e tem cumprido seu papel de recriar e fortalecer laços com emigrantes. Essas comunidades transnacionais vêm, inclusive, ganhando força e poder de influência sobre seus países de origem. A abordagem Transnacional, por fim,

questiona a posição binária e unidirecional no que concerne aos movimentos transfronteiriços apresentados por perspectivas anteriores.

Outra perspectiva teórica que vai de acordo com a transnacional e contribui com ferramentas analíticas interessantes é a Teoria das Redes. Para essa abordagem, o sucesso do retorno resulta, também, de relações interpessoais que derivam da experiência passada de outros migrantes retornados.

Em primeiro lugar, os migrantes retornados são vistos como atores sociais centrais de um conjunto relacional ramificado. Uma atenta análise da prática de pertencimento às redes pode, de fato, revelar uma multiplicidade de envolvimento por parte destes atores bem como uma variedade de modalidades organizativas que incidem sobre seus comportamentos. Em segundo lugar, em um determinado contexto, diversas estruturas de rede oferecem diferentes oportunidades, bem como diferentes estratégias e orientações. Tal multiplicidade de opções pode explicar o interesse dos atores e, ao mesmo tempo, garantir a continuidade das redes. (CASSARINO, 2013, p.40)

É possível então perceber uma mudança de paradigma no que diz respeito à migração internacional, que deixa de funcionar sob uma perspectiva assimilacionista e passa ao transnacionalismo. Enquanto o primeiro se fundamenta nos processos de integração, assimilação de normas culturais e condutas por parte dos migrantes na sociedade receptora; no segundo a ênfase está na manutenção de relações de diversas ordens entre os migrantes e sua sociedade de origem. Sem dúvida, esse paradigma interage de outra forma com o conflito e com a potência outorgada outrora à noção de Estado-Nação. Os migrantes, afinal, geralmente têm mais de uma cidadania.

A perspectiva transnacional, dessa forma, nos remete à crescente intensidade de fluxos de pessoas, objetos, informação e símbolos para além das fronteiras nacionais. As práticas transnacionais nos mostram como os migrantes constroem e reconstróem suas vidas, simultaneamente ligadas a mais de uma sociedade. É possível superar as abordagens teóricas convencionais, baseadas na errônea premissa de que os imigrantes e seus descendentes rompem laços e vínculos com o país de origem. No entanto, cabe uma ressalva sobre essa abordagem: nem todos os migrantes se envolvem em práticas transnacionais. Devido ao crescente uso do conceito, este vem sendo submetido a um mau uso

em que seu potencial analítico e heurístico, assim como sua capacidade crítica do nacionalismo metodológico, se anula (CAVALCANTI E PARELLA, 2013, p.12). Transnacional vem sendo usado como sinônimo de internacional, multinacional, e associado a multilateral, híbrido ou global. Assim, perde a força transformadora que implicou a adoção dessa perspectiva, não só a nível teórico e metodológico como político. Nesse sentido, Portes, Guarnizo e Landolt (1999) delimitam o fenômeno do transnacionalismo e identificam condições que o tornam possível: o processo deve envolver uma proporção significativa de pessoas no universo relevante; as práticas não podem ser fugazes, transitórias ou excepcionais, devem mostrar certa estabilidade e resistência através do tempo; o conteúdo dessas práticas não deve poder ser explicado através de outros conceitos pré-existentes, já que isso supõe a criação e uso de um novo termo redundante e desnecessário.

Essa perspectiva introduz também a ideia de “campo social transnacional”, que abarca toda essa multiplicidade de relações entre os que ficaram e os que se foram. Obriga, ainda, a assumir a premissa de que para se conhecer a imigração aqui, é imprescindível conhecer os processos que produzem a emigração lá, e vice-versa (CAVALCANTI E PARELLA, 2013, p.14).

A partir dessa ótica, é também possível questionar a validade da denominação de “retorno”, já que o termo remete a uma ideia de uma ação e efeito de retornar no sentido de voltar ao lugar ou situação onde se esteve. Na verdade, como vimos, os estudos clássicos sobre esse movimento o olhavam como uma migração de caráter definitivo e estático a um momento passado. Eram analisados dados quantitativos sobre o coletivo de imigrantes, suas motivações para o retorno, a reinserção social, entre outros aspectos. No entanto, o retorno no contexto das migrações contemporâneas vem sendo ressignificado. Esse duplo pertencimento a “dois mundos”, “dois tempos”, “duas sociedades” deslegitima falar de um retorno permanente no sentido clássico do termo, segundo Cavalcanti e Perella (2013). Não é um movimento final e definitivo. Além disso, o termo pressupõe uma saída e uma volta para um mesmo lugar, enquanto que a ideia da volta normalmente dá conta de um país, e não da região ou cidade para onde se volta.

1.3 - Processo Migratórios na América Latina

As características que adquire a migração na América Latina a partir dos anos 80 tem variações de acordo com o contexto histórico. Passa de receptor de migrantes a emissor, e aumenta a magnitude do processo, assim como aumentam os territórios de destino. Esses se ampliam, e passam a incluir outros países. Os Estados Unidos continuam sendo o principal receptor e a Europa passa a aumentar seu papel nesse processo, sendo a Espanha o principal país de destino no velho continente. Essa preferência provavelmente pode ser explicada pela facilidade em se compartilhar o idioma, já que em quase todos os países latino-americanos se fala o espanhol. Além disso, a relação que se estabelece com esses países é também influenciada pela antiga relação colonial. Sobre a relação colônia-metrópole muito foi escrito entre Brasil e Portugal. Bela Feldman-Bianco (2007) argumenta que:

A sequência de conflitos, de negociações e de acomodações indica que, mais uma vez, as relações entre Brasil e Portugal reconfiguram-se pela recriação das “raízes históricas” comuns (...) pela constante produção de similaridades culturais que reescrevem, na atual conjuntura do capitalismo global, as relações históricas entre Brasil e Portugal em traços de laços horizontais de parentesco, de cultura e língua comuns. (FELDMAN-BIANCO, 2007, p.435)

Resta saber se uma aproximação semelhante pode ser observada na relação Uruguai – Espanha. Mas é válido considerar que essa relação se assemelha a que Feijó (2016) descreve entre Brasil e sua ex-metrópole, que é construída sobre parâmetros coloniais e é indissociável da violência do colonizador.

A fala a seguir, de Olga, que viveu na Espanha durante muito tempo, exemplifica a negociação dessas tensões com o país receptor, que ao mesmo tempo foi o país colonizador. A uruguaia contava sobre uma associação onde foi voluntária por um tempo, e expressa o seu incômodo com a maneira como as tarefas são desempenhadas.

“A forma de dirigir a associação era bem típica dos espanhóis. Os dirigentes mandam e o resto obedece. Os voluntários não são pessoas

que vão trabalhar quando querem, mas gente que são chamadas como serviçais”.(tradução nossa)²¹ (informação verbal)²²

Cabe apontar aqui que essas críticas somente eram possíveis de serem tecidas em virtude do grande clima de cumplicidade que se estabeleceu entre a entrevistada e a historiadora. Ambas partilhávamos dessa origem colonizada, crítica às relações de poder estabelecidas tradicionalmente. No ato da entrevista, no ato de contar, o sujeito é provocado a rememorar experiências. Esse movimento de rememoração não pode ser visto como um reflexo objetivo da realidade, mas sim parte de um processo de criação, que está atrelado às subjetividades também da entrevistadora. Como coloca Alexandre Portelli, esse processo “depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões diálogos e relações pessoais” (PORTELLI, 1997, p. 35)

No entanto, a disputa e tensão presentes nessa relação aparecem também vistos de maneira positiva, principalmente pela facilidade de compartilhamento da língua e de pontos culturais coincidentes. A facilidade de adaptação encontrada pelo compartilhamento do idioma será retomada na próxima sessão.

Além da presença desses fluxos tradicionais, nas décadas mais recentes aumenta a migração intra-regional, tanto a transfronteiriça, que sempre existiu em alguma medida, como novos fluxos que expandem os destinos dentro da região. Cresce a complexidade também das modalidades migratórias. Canales (2009) distingue, entre outras, a migração permanente, temporal, circular, transfronteiriça, de retorno e indocumentada. Também se diversificam os setores populacionais que participam do processo migratório: mulheres, indígenas, migração familiar. Particularmente a migração feminina adquire uma maior visibilidade, já que durante muito tempo esteve atrelada à migração masculina.

Delia Dutra (2013) apresenta a migração de mulheres latino-americanas sob uma perspectiva de gênero, e conta que, além dos fatores que impulsionam

²¹ *La forma de dirigir la asociación bien típica de los españoles. Los dirigentes mandan y el resto obedece. Los voluntarios no son gente que va a hacer trabajos cuando quieren, si no que los llamaban como sirvientes.*

²² TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

a migração em geral, existem aqueles que são notadamente femininos. Segundo a autora, a pobreza e a falta de oportunidades, a violência e a opressão dentro do próprio núcleo familiar e comunitário e a vontade de se emancipar e realizar sonhos são todos fatores que fazem com que as mulheres deixem suas famílias para buscar novas formas de vida. Além disso, “as mulheres migrantes são os principais agentes ativos no envio de remessas aos seus países de origem, acompanhando a crescente tendência de aumento no número das famílias monoparentais, o que se denomina de feminização da pobreza” (DUTRA, 2013, p. 180). Outro fator que perpassa o tema da migração feminina é o da indústria do cuidado. Parella (2005) aponta que a mulher imigrante é vista como uma força de trabalho ideal para realizar o trabalho doméstico remunerado, atividade usualmente pouco valorizada, percebida como inerente à condição feminina, com frequência realizada a partir da economia informal (PARELLA, 2005, p. 98). A história de Anna, relatada a seguir, exemplifica muito bem o trabalho realizado por mulheres. Em um primeiro momento, o projeto migratório que empreende é familiar. Ela vai acompanhar o marido, que migra para a Costa Rica para estudar. As tarefas domésticas, de cuidado com os três filhos e família, não permitem que a vez dela de estudar chegue nunca. Até o momento em que o casamento acaba, o marido migra novamente para outro país, a deixa com os três filhos, e ela passa a atuar no mercado informal, de cuidado.

E então dependia do trabalho do meu ex-marido. Porque eu sempre trabalhei, como dizem no Brasil, "em laranja", no mercado informal. Sempre. Lá na Costa Rica, nenhum benefício me acrescentou... o clássico papel de uma mulher que acompanha o marido. E isso me deixou bem vulnerável. A ideia era que ele estudasse e aí seria a minha vez. Esse “depois seria a minha vez” se estendeu até nos separarmos e não chegou a minha vez nunca (tradução nossa)²³ (informação verbal).²⁴

Ainda pensando no gênero como categoria de análise, vale apontar que as histórias contadas nesse trabalho pelas entrevistadas mulheres estiveram

²³ *Y luego dependía del trabajo de mi ex-marido. Porque yo siempre trabajé, como se dice en Brasil, "en laranja". Siempre. Allí en Costa Rica, ningún beneficio agregó a mí...el clásico papel de mujer que acompaña al marido. Y me fui re salada. La idea era que él estudiara y después me tocaría a mí. Ese después me tocaría a mí" se extendió hasta que nos separamos y no me tocó.*

²⁴ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

perpassadas por questões familiares e de seus casamentos, e do fim e fracasso destes. É provável que esse fator tenha vindo à tona de maneira tão tranquila e aberta também em virtude do meu próprio gênero, acabamos por compartilhar algumas experiências. Afinal, como coloca Portelli,

A comunicação sempre funciona de ambos os lados. Os entrevistados estão sempre, embora talvez discretamente, estudando os entrevistadores que “os estudam”. Os historiadores podem reconhecer esse fato e tirar dele vantagens, em vez de experimentar eliminá-lo em razão de uma neutralidade impossível (talvez indesejável). (PORTELLI, 1997, p.36)

No ano 2000, foram registrados 22,3 milhões de latino-americanos residindo em países diferentes ao país de nascimento (19,2 milhões fora do continente e 3,1 milhões eram migrantes intrarregionais) (FILARDO, 2011, p. 17). Canales (2009) afirma que a migração internacional contemporânea é “uma grande marcha de força de trabalho desde os países do Sul para o Norte desenvolvido”(tradução nossa)²⁵. Até o fim dos anos 90, a relação Estados Unidos – Espanha como destinos de migrantes latino-americanos era de 17/1. Entre os anos 2000 e 2005, essa relação foi de 3/1 e em 2007 se registra que a emigração aos EUA foi somente 17% superior a que foi viver na Espanha. No entanto, vale ressaltar que essa distribuição varia e difere de acordo com o país e região de origem. Enquanto mexicanos e centro-americanos se dirigem em maior número aos Estados Unidos, os sul-americanos se direcionam majoritariamente à Espanha (FILARDO, 2011, p.18).

Observando-se a estrutura por idade e sexo dos emigrantes latino-americanos que se dirigem aos EUA e à Espanha, verifica-se um predomínio claro de indivíduos em idades produtivas (de 20 a 49 anos). Isso permite vislumbrar dois fenômenos distintos: em primeiro lugar, o caráter laboral da migração, e em segundo, que a migração familiar não é tão expressiva em termos estatísticos, devido a baixa porcentagem de crianças registradas nos dados analisados (FILARDO, 2011). No entanto, como veremos a frente, o perfil para o continente difere das especificidades apresentadas na migração internacional do caso uruguaio.

²⁵ *“una gran marcha de fuerza de trabajo desde los países del Sur hacia los del Norte desarrollado.”* (CANALES, 2009)

Calcula-se que os imigrantes provenientes da América Latina entre 25 e 35 anos representam entre 10% e 12% da população residente na Espanha e nos Estados Unidos dessa mesma faixa etária. Filardo afirma, inclusive, que a migração internacional dessa faixa foi o que possibilitou a sustentabilidade demográfica nesses dois países, que haviam sofrido uma redução em sua população nativa dessa faixa etária entre os anos 2000 e 2007 (FILARDO, 2011, p. 20). Por outro lado, o fluxo de emigrantes para os Estados Unidos é masculinizado, frente ao dirigido à Espanha, que tem uma composição no qual predominam as mulheres. Sem dúvida é possível analisar essa composição por gênero em virtude das possibilidades de inserção laboral, tanto em origem como em destino. Sobre o tema, Canales afirma:

O predomínio feminino (na Espanha) se explica por uma ampla incorporação de mulheres latino-americanas em postos de trabalho vinculados aos serviços de cuidados de pessoas (crianças, adultos, idosos, doentes, entre outros) e ao serviço doméstico, no que se denominou a transnacionalização da indústria do cuidado e da maternidade. Por outro lado, no caso dos Estados Unidos, a maior presença masculina costuma explicar-se em termos da já ampla tradição migratória de mexicanos e centro-americanos, que historicamente tem se inserido em setores econômicos tradicionalmente masculinizados, tais como a agricultura e mais recentemente, como trabalhadores da construção civil. (CANALES, 2009, p. 79, tradução nossa).²⁶

Essas disparidades entre a formação e o trabalho, e entre a capacidade de inserção laboral de acordo com o gênero, aparece na narrativa de Olga:

E nós fazemos coisas que de repente aqui não faríamos. Para minha mãe, por exemplo, ela não gosta. Não nos criaram para trabalhar de doméstica, então que eu vá trabalhar de doméstica em outro lugar dói. Dói. E eu digo, para mim é ao contrário. Para mim é admirável que alguém seja capaz de fazer qualquer tarefa. Esse rapaz mesmo, a mãe dele não gostava que trabalhasse abaixo de suas habilidades (se refere a um advogado que trabalhava como garçom), mas lá o seu título não vale nada. A não ser que seja... Se você é carpinteiro, é carpinteiro em

²⁶ *El predominio femenino (en España) se explica por una amplia incorporación de mujeres latinoamericanas en puestos de trabajo vinculados a los servicios de cuidado de personas (niños, adultos mayores, enfermos, entre otros) y al servicio doméstico, en lo que se ha denominado como la transnacionalización de la industria del cuidado y la maternidad (Hondagneu-Sotelo, 2001; Herrera, 2005). Por su parte, en el caso de Estados Unidos la mayor presencia masculina suele explicarse en términos de la ya amplia tradición migratoria de mexicanos y centroamericanos, quienes históricamente se han insertado en sectores económicos tradicionalmente masculinizados, tales como la agricultura y mas recientemente, como jornaleros de la construcción (Bustamante, 1997; Canales, 2007)*. (CANALES, 2009, p. 79)

qualquer lugar. Tinha um rapazinho carpinteiro que chegou lá direto pra trabalhar. Ou eletricista... Se você é eletricista, é eletricista em qualquer lugar. Mas um título universitário?! Você tem que revalidar (..) E bom, a situação na Espanha vem ficando pior. Espantoso...(tradução nossa)²⁷ (informação verbal)²⁸

A migração internacional ilustra, como poucos fenômenos, as desigualdades estruturais entre países e regiões associados ao processo de globalização. A América Latina não está alheia a estes processos, e a mobilidade de sua população adquire uma multiplicidade de formas e complexidade de padrões migratórios cada vez mais diversos. Um dos aspectos mais relevantes desse panorama é a mudança fundamental pela qual passou o continente, que deixa de ser uma região com grande capacidade de atração de migrantes para ser uma região de emigração, contribuindo ao que Canales (2009) chama de “grande marcha do Sul ao Norte”, que caracteriza os movimentos populacionais na Era das Migrações.

1.3 - Migração de Retorno: a questão da Identidade Nacional e o conceito de Nação

Uma investigação sobre a migração de retorno não pode ser levada adiante sem uma discussão detalhada acerca do conceito de nação, ou do que é o pertencimento a uma nação. São questionamentos cujas respostas nortearão o andamento do trabalho. Para isso, principalmente se levadas em conta as peculiaridades do caso uruguaio, se optou por utilizar autores que vejam esse fenômeno como socialmente construído e principalmente como algo muito recente na história, que não seria possível sem a existência de outras instituições

²⁷ “Y hacemos cosas que acá de repente no haríamos. Para mi madre, por ejemplo, a ella no le gusta. No nos criaron para trabajar de doméstica, entonces que vaya a trabajar de doméstica a otro lado le duele. Le duele. Y yo digo, para mi es al revés. Para mi es admirable que alguien sea capaz de hacer cualquier tarea. Ese gurí mismo, a la madre no le gustaba que trabajase por debajo de sus habilidades, pero allá el título no te vale un carajo. A no ser que sea... Si sos carpintero, sos carpintero en cualquier lugar. Había un muchachito carpintero que llegó allá derecho a trabajar. O electricista. Si sos electricista, sos electricista en cualquier lugar. ¿Pero un título universitario? Tenés que revalidar. (...) Y bueno, la situación en España se viene poniendo mal. Espantoso...”

²⁸ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

fundamentalmente modernas. Nesta seção será feita uma discussão baseada em autores que têm contribuído de maneira significativa para o estudo do campo da identidade nacional nos últimos anos, sempre tendo em vista os casos latino-americanos, e em específico, o caso uruguaio.

1.4.1 - Nação como comunidade imaginada

A contribuição de Benedict Anderson, e o seu conceito de “comunidades imaginadas”, é fundamental para entender melhor a problemática abordada. Para Anderson, a definição de nação é a que se segue: “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada, e ao mesmo tempo, soberana.” (ANDERSON, 2008, p. 32). É sob a luz dessa ideia de nação que, tanto os outros autores aqui citados, como o próprio trabalho, as questões a serem abordadas serão problematizadas.

Benedict Anderson, em seu livro “Comunidades Imaginadas” atribui a formação de Estados nacionais, pelo menos os europeus, à disseminação de uma língua nacional e seu uso pelo que ele chama de capitalismo editorial. Esse capitalismo editorial nada mais seria que a popularização de romances, novelas e jornais periódicos. Anderson tenta mostrar como o êxito desse capitalismo editorial impulsionou a formação de novas comunidades imaginadas. E, segundo o autor, essas comunidades são imaginadas

porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p.32).

No caso europeu, a grande comunidade anterior, a cristandade, enfrentava uma decadência. O latim deixava de ser a língua utilizada pelas grandes monarquias e burocracias. E as línguas utilizadas dentro de determinados territórios foram unificadas e fixas de uma forma que pudessem ser mecanicamente reproduzidas, passíveis de disseminação pelo mercado, para serem lidas pela maioria dos falantes dessas línguas. Essas línguas impressas criaram um campo único de comunicação, e apenas então as pessoas que formavam esse campo tornaram-se conscientes de outras que pertenciam

a esse mesmo campo. E mais, tornaram-se conscientes de que apenas elas pertenciam a esse determinado campo linguístico. Anderson diz que:

“a convergência do capitalismo e da tecnologia da imprensa sobre a diversidade fatal das línguas humanas criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada que, em sua morfologia básica, prepara o cenário da nação moderna.” (ANDERSON, 2008, p.82)

Entretanto, o autor destaca que isso não ocorre da mesma maneira com a formação dos Estados latino-americanos contemporâneos. Diz que é impossível explicar a sua formação nos mesmos termos dos Estados europeus. Observa, inclusive, que a língua nunca chegou a ser sequer tema nas lutas de independência. Afinal, esses Estados eram o que o autor chama de “estados crioulos”, e suas elites eram constituídas por pessoas que compartilhavam a língua e a ancestralidade com aqueles contra os quais lutavam. É válido apontar aqui a definição de crioulo com a qual o autor trabalha. Para Anderson, “crioulo é uma pessoa de descendência européia pura (pelo menos teoricamente), porém nascida na América (e mais tarde por extensão em qualquer lugar fora da Europa)”. O autor ainda afirma que essas comunidades desenvolveram concepções precoces sobre sua condição nacional, bem antes que grande parte dos estados europeus, de qualquer maneira. Assim, segundo ele, esses novos Estados americanos são os primeiros a se definirem conscientemente como nações, tornando-se modelos reais de como deveria ser esse tipo de Estado.

Anderson questiona o surgimento de um sentimento de nação (ou como o autor o chama, *nation-ness*) em uma comunidade crioula, dentro da América espanhola, que chega a definir as populações oprimidas, que não falavam o idioma oficial, como compatriotas. Assim, o elo de unidade entre os diferentes não seria a questão da língua (mesmo que haja línguas diferentes), mas uma questão de unidade frente a um “inimigo” em comum: a metrópole e suas exigências. Aponta como prováveis causas do surgimento e fortalecimento desse sentimento a “segunda conquista das América”, uma série de medidas implementadas pela coroa espanhola (novos impostos, arrecadação mais eficiente, monopólios fortalecidos, comércio intra-hemisfério restringido, hierarquias administrativas centralizadas e intensa imigração de espanhóis) para enrijecer o controle sobre as colônias, aumentando a renda que esses territórios proporcionavam à metrópole. Esse enrijecimento do controle espanhol pode ser

interpretado como causador de uma primeira insatisfação que, agravada por outros fatores explicitados mais adiante, originaria a Revolução de Maio. Anderson aponta ainda que esses novos estados sul-americanos haviam se organizado em unidades administrativas desde a época da conquista, e a administração espanhola fez com que cada uma dessas áreas se tornassem zonas econômicas distintas, o que poderia explicar a fragmentação do território controlado pela coroa espanhola.

Outro ponto de fundamental relevância para entender o que acontece no Uruguai, levantado a partir das proposições de Anderson, é a importância das festas ou comemorações. Se Anderson assinala a importância da imprensa, no caso europeu, uma vez que a imprensa atinge as elites letradas, a pergunta sobre a população se coloca: como aqueles que, por um motivo ou outro, não tinham acesso à essa imprensa eram alimentados pelo sentimento nacionalista? Afinal, apenas uma pequena parte da elite frequentava escolas e era letrada. Aí reside também a importância do sistema educacional além das festas nacionais que acabavam por ter um alcance mais generalizado. Assim, a propagação desse sentimento nacional pode ser alimentada também pelas festas. “As festas têm sempre uma função pedagógica e unificadora, reduzindo as diferenças existentes” afirma Lúcia Lippi (OLIVEIRA, 1989, p.175).

Mas, como visto nos depoimentos da historiadora uruguaia Ana Frega, quando há a referência a um passado histórico documentado, a continuidade que se estabelece entre as chamadas tradições “inventadas” e esse passado registrado aparece de forma bastante artificial. Muitos movimentos ideológicos, grupos e instituições políticas, inclusive os movimentos nacionais e nacionalistas, que não tinham representantes no passado, próximo ou distante, sentiram que era necessária a criação de uma continuidade histórica, a existência de uma ligação mais profunda com o passado. Essa ligação ia além da continuidade histórica real, seja através do uso de lendas e mitos ou pela invenção pura e simplesmente. Para isso símbolos e acessórios inteiramente novos foram criados como parte de movimentos e Estados nacionais, tais como o hino nacional, a bandeira nacional ou a personificação da nação por meio de símbolos e imagens oficiais (FREGA, 2011, p.14). Ou mesmo o simples fato de

tomar chimarrão, como aponta divertida uma das entrevistadas para este trabalho, Olga:

E o tema da gente, é muito fácil localizar o uruguaio. Eu olhava a garrafa térmica e a cuia. Me enlouquecia, olhava para um uruguaio e saía procurando ele. Mais ele do que eu, eu não sou nostálgica. Mas ele tinha uma loucura com Uruguai, Lembro de uma vez quando encontramos na casa da acolhida... Porque na casa de acolhida iam dormir das 8 da noite até as 8 da manhã. Nessa hora tinham que ir embora, se tinham trabalho ou não tinham trabalho, era isso. Então saímos a caminhar e vimos uma moça e um rapaz com a garrafa térmica. Esse dia já foram para casa e eu coloquei mais peito de frango no cozido e comeram com a gente, assistimos um jogo de futebol e ficamos amigos, amigos. Algum voltou e seguimos em contacto. Não é fácil a vida de imigrante (tradução nossa)²⁹ (informação verbal)³⁰

E toda essa invenção de tradições se esforça para encontrar na história características que legitimam ações e funcionem como liga dessa coesão grupal (FREGA, 2011, p.21).

Shlomo Sand também faz uma discussão bastante interessante sobre nação e nacionalidade. Em seu livro "A invenção do povo Judeu", Sand, que é leitor e, de maneira geral, compartilha as idéias e conceitos de Anderson, Hobsbawm e Gellner, também destaca a importância do papel desempenhado pelo sistema educacional, e aponta em particular o papel do ensino da história. Essa disciplina doutrina e oferece forma e conteúdo para sentimentos patrióticos que serão inculcados nas escolas. Além disso, afirma que esse fator, somado às festas nacionais, dias de recordação, cerimônias oficiais, nome de ruas, monumentos aos mortos, documentários de televisão e vários outros "lugares de memória" criam "uma vivência imaginária bem antes de o pesquisador dispor de instrumentos que lhe permitirão analisá-los de maneira crítica" (SAND, 2011, p.35). Diz ainda, se aproximando das reflexões feitas por Hobsbawm e fazendo eco no que diz respeito à presença massiva de tradições inventadas nesse ramo

²⁹ *Y el tema de la gente, es muy fácil ubicar el uruguayo, veías el termo y el mate. A mi me enloquecía, veía un uruguayo y salía atrás. Mas él que yo, yo no soy nostálgica. Pero él tenía una locura con Uruguay. Me acuerdo de una vez que encontramos en la casa de acogida... Porque en la casa de acogida iban a dormir de las 8 de la noche hasta las ocho de la mañana. A esa hora tenían que ir, si tenían trabajo o no tenían trabajo, era eso. Entonces salimos a caminar y vimos una muchacha y un muchacho con el termo. Ese día ya se fueron para casa y yo le puse un poco más de pechuga al guiso y comieron con nosotros, miramos partida de fútbol y nos hicimos amigos amigos. Alguno volvió y seguimos en contacto. No es fácil la vida del inmigrante.*

³⁰ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

da historiografia, que se toda a escrita da história é portadora de mitos, “aqueles da historiografia nacional são particularmente flagrantes” (SAND, 2011, p.37).

Para definir a nação, Sand apresenta a definição de Gellner, que por sua vez apresenta uma série de condicionantes para que a comunidade estudada possa ser caracterizada como tal. Destaca-se a proposição que diz: “dois homens são da mesma nação se, e somente se, eles se reconhecem como pertencentes à mesma nação. São os homens que fazem as nações” (SAND, 2011, p.07). Assim, apesar de compartilhar várias das idéias de Hobsbawm, Sand alinha-se mais à linha de Gellner nesse ponto. Enquanto que o primeiro coloca o processo de formação nacional como um fenômeno “de cima para baixo”, que parte das elites e depois se massifica, o segundo identifica esse processo como altamente dependente dos sujeitos.

Entretanto, apesar de classificar o nascimento da nação como um “verdadeiro processo histórico”, Sand também diz que “não é um fenômeno puramente espontâneo” (SAND, 2011, p.79). Portanto, segundo o autor, essa nação, assim como a comunidade religiosa que a antecedeu, necessitava de rituais, festas, cerimônias e mitos, para que esse sentimento abstrato de pertencimento, fidelidade ao grupo, nation-ness, pudesse ser fortalecido. É possível inclusive observar um sem-número desses rituais sendo reproduzidos e recriados no exterior, quando o indivíduo se encontra distante de seu país de origem, de sua comunidade original de pertencimento. Essa nação, ainda que fora de seus limites geográficos, necessita atividades culturais públicas e contínuas, “assim como da invenção de uma memória coletiva unificadora”, para que essa nova identidade pudesse se estabelecer e ser delimitada. Além disso, um novo conjunto de normas e práticas internas era igualmente necessário para a formação de uma metaconsciência, uma espécie de ideologia unificadora, o que constitui a doutrina nacional” (SAND, 2011, p.79). Uma comunidade que se integra e se conforma através de associações no exterior, como os Clubes Uruguaios ou os próprios Conselhos Consultivos, que serão discutidos minuciosamente adiante, são uma tentativa de reproduzir essas normas e práticas constituintes. Sobre a formação dos Estados-nações, Sand (2011, p.88) ainda diz que:

A formação das nações na era moderna se fez paralelamente à cristalização do pensamento nacional. Sem ele e sem seus instrumentos políticos e intelectuais, as nações não poderiam ter se formado nem, certamente, os estados-nações poderiam ter se cristalizado. Cada etapa da definição da nação e das grandes linhas de sua cultura foi fruto de uma realização consciente e intencional, que se tornou possível pela criação de mecanismos que permitiram esse procedimento. Quer dizer que, se a atividade nacional se fez conscientemente, o reconhecimento nacional se formou na ação. Tratou-se de fato de um verdadeiro processo simultâneo de representação, de invenção e de autocriação.

Além da discussão sobre nação, é válido pensar também no processo de recuperação do passado de lutas pela libertação, que ocorre, sobretudo, nesses momentos de comemoração e resgate de fatos históricos. Essa recuperação da memória segue uma tendência global, de valorização do passado e de musealização, explicada por Andreas Huyssen (2000). Segundo o autor, a memória aparece, a partir da década de 70, como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais.

Mas como durante esse período, o Uruguai e outros países da América Latina estavam sob regimes totalitários, o culto à memória dessas nações começa a ganhar força apenas na virada do século XXI. Vale ainda destacar que, exatamente durante esse período de regimes totalitários, é que o fluxo migratório se intensifica. E para além das saídas “voluntárias”, ocorre também em massa o exílio. Nesses movimentos em especial, vemos com profusão o reforço desse passado mítico. No entanto, Huyssen (2000, p. 16) ressalta que “nem sempre é fácil traçar uma linha de separação entre passado mítico e passado real, um dos nós de qualquer política de memória em qualquer lugar.” O uso feito da figura heróica do general Artigas é um bom exemplo dessa recuperação e revalorização do passado, já que o personagem se prestou tanto para enaltecer os valores militares durante a ditadura, já que era um general, quanto para simbolizar o libertador e revolucionário, nos tempos da presidência do Frente Amplo³¹.

O papel da memória também é destacado por François Guerra (2003, p.199), quando diz que a importância desta é considerável, sobretudo porque

³¹ Embora o partido “Frente Amplo”, nascido de uma coalizão de partidos de esquerda em 5 de fevereiro de 1971, seja comumente chamado pelos veículos de imprensa brasileira de “Frente Ampla”, optamos por não usar essa grafia no presente trabalho, por entender que seu uso pode levar a desentendimentos e anacronismos.

não se trata apenas de recordações comuns de acontecimentos favoráveis ou catastróficos, mas também de “una fuente de legitimidad para los derechos políticos de la comunidad”.

Mas é importante levar em consideração ainda essa “mudança dos tempos” e as consequências para os processos de formação de identidades do indivíduo, a que se refere o próprio Caetano, além de autores consagrados dos estudos culturais, como Stuart Hall e Garcia Canclini. O cientista político uruguaio, Gerardo Caetano, no livro de Figueredo (2011), ao responder uma pergunta sobre uma suposta impermeabilidade do uruguaio à fascinação pelo futuro, fala sobre como essa “cultura pasatista”, de valorização desproporcional do passado, começa a dar sinais de esgotamento, mas alerta que é necessário evitar que essa ilusão com o passado dê origem a um puro presente contínuo, sem utopias ou raízes. Essa ilusão com o passado pode ser pensada, de certa maneira, como constituidora do processo migratório, já que se configura como uma das motivações importantes do retorno. Muitas vezes a intenção da volta é aceder novamente a esse passado. O que prontamente, em alguns casos, se converte em uma frustração e uma nova migração, mantendo sua característica fluida e processual.

Ainda pensando no indivíduo enquanto sujeito migrante, vale ter em mente o que Hall (2005) fala sobre a fragmentação das identidades, onde o que antes era definidor para um determinado indivíduo vai perdendo a força. Ao mesmo tempo, Canclini (2002) fala sobre os Estados nacionais, que constituíam esses atores e os localizavam dentro dos debates, e que vem perdendo a sua força. O autor diz até mesmo que:

A situação atual é caracterizada por uma crise geral dos modelos de modernização autônoma, o *enfraquecimento das nações e da própria ideia de nação*, o cansaço das vanguardas e das alternativas populares. (CANCLINI, 2002, p. 38) (tradução nossa)³²

Sobre a relevância do mito de origem, Gerardo Caetano tem uma hipótese bastante interessante, de que o país tem uma origem problemática, e por isso

³² *La situación actual se caracteriza por una crisis general de los modelos de modernización autónoma, el debilitamiento de las naciones y de la idea misma de nación, la fatiga de las vanguardias y de las alternativas populares.* (CANCLINI, 2002, p. 38).

não tem um “mito de origem”, e sim um “mito do passado de ouro”. Esse passado enaltecido seria o começo do século XX, a Era Batlle.

Em outras palavras, o mito de um "passado dourado" poderia substituir o mito das "origens" como um fundamento consistente e duradouro da nacionalidade. A exaltação do "Uruguai batllista", com toda a sua cadeia de possíveis equivalências ("Suíça da América", "laboratório dos loucos", "país das utopias", "Uruguai feliz", "país das vacas gordas", etc.) e com as suas características mais distintivas, significou em mais de um sentido esta operação (CAETANO, 1990, p.25, tradução nossa).³³

François Guerra (2003) é outro autor que partilha do conceito de Anderson sobre as comunidades imaginadas, mas faz a ressalva de que não só a nação moderna é imaginada, mas o são todas as identidades coletivas, sejam elas antigas ou novas. Toda identidade coletiva, segundo ele, é uma construção cultural, entendida de uma maneira ampla, sem limitar o cultural a elementos como a língua, a religião, os mitos históricos, as particularidades étnicas – reais ou supostas (GUERRA, 2003, p.186)

Os fundadores dos novos Estados, os construtores das novas nações eram em sua maioria *criollos*, lembra Guerra, na mesma linha do que já disse Anderson, e compartilhavam com seus adversários nas batalhas de independência, sejam americanos ou espanhóis, tudo o que em outros lugares servirá de fundamento para a nacionalidade: uma mesma origem ibérica, uma mesma língua e cultura, as mesmas referências políticas e administrativas. Guerra problematiza o uso do termo “nacionalidade”, já que a situação latino-americana difere em tantos fatores da constituição de nações européias, estudadas por Hobsbawm, Anderson, Gellner e tantos outros.

Se, no entanto, fôssemos obrigados a usar o termo [nacionalidade], poderíamos dizer que o problema da América hispânica não é o das várias nacionalidades que virão a formar um Estado, mas o problema de construir "nações" separadas de uma mesma “nacionalidade” hispânica. Obviamente, tal formulação é anacrônica, mas com ela queremos indicar precisamente que a independência da América hispânica, como a das 13 colônias britânicas algumas décadas antes, não pode ser aplicada ao esquema das nacionalidades, mas sim à ruptura de um grupo político plural dotado, porém, de uma grande homogeneidade cultural. Daí surge boa parte das incertezas dos nascentes Estados

³³ *En otras palabras, el mito de un "pasado de oro" podía sustituir al mito de los "orígenes" como cimiento consistente y perdurable de la nacionalidad. La exaltación del "Uruguay batllista", con toda su cadena de equivalencias posibles ("Suiza de América", "laboratorio de los locos", "país de utopías", "Uruguay feliz", "país de las vacas gordas", etc.) y con sus rasgos más distintivos, ha supuesto en más de un sentido esa operación.* (CAETANO, 1990, p.25)

hispano-americanos: em que identidades coletivas se apoiar para fundar a nação? (GUERRA, 2003, p. 187, tradução nossa)³⁴

Guerra utiliza bastante, então, o conceito de identidades políticas, em uma tentativa de esclarecer o que se passou na América Ibérica. Explica que essas comunidades políticas de pertencimento não são necessariamente as divisões administrativas nas quais os representantes da coroa exercem sua autoridade (Vice Reinos, governações, audiências, intendências, etc), mas aquelas que formam a sua trama social: corpos de todo tipo, com poderes diversos, particularmente o de justiça, que segundo ele é o atributo essencial de todas as autoridades do antigo regime, e sobretudo das estruturas políticas territoriais.

Guerra insere também na discussão as problemáticas enfrentadas pela própria Espanha na definição de uma nacionalidade coesa. Formada por quatro reinos diferentes (Catalunha, Valencia, Castilla e as províncias Vascas), a expressão *las Españas* reflete de maneira mais acurada o caráter plural desta que é de fato “una pirámide de comunidades políticas superpuestas”. Assim, as identidades políticas na América aparecem escalonadas em níveis, complementares e não contraditórios. O autor aponta a dificuldade de pensar a Monarquia espanhola como uma nação como razão da implosão do mundo hispânico. Além disso, ao destacar que as elites criolas compartilham com a metrópole diversas características, ainda acrescenta que

os americanos partilharam todos estes elementos com os reinos peninsulares da Coroa de Castela ao ponto de a diferença cultural que separava os reinos castelhanos da Catalunha, Valência ou das províncias bascas ser incomparavelmente maior do que a sua diferença com os reinos americanos (GUERRA, 2003, p. 219, tradução nossa).³⁵

³⁴ *Si se nos obligara a pesar de todo a usar dicho término [nacionalidad], podríamos decir que el problema de América hispánica no es el de diversas nacionalidades que van a llegar a formar un Estado, sino el problema de construir “naciones” separadas a partir de una misma “nacionalidad” hispánica. Evidentemente, tal formulación es anacrónica, pero con ella queremos indicar precisamente que a la independencia de la América hispánica, como a la de las 13 colonias británicas unas décadas antes, no puede aplicarse el esquema de las nacionalidades, sino el de la ruptura de un conjunto político plural dotado, sin embargo, de una gran homogeneidad cultural. De ahí surge buena parte de las incertidumbres de los nacientes Estados hispanoamericanos: sobre qué identidades colectivas apoyarse para fundar la nación?* (GUERRA, 2003, p. 187)

³⁵ *los americanos compartían todos estos elementos con los reinos peninsulares de la Corona de Castilla hasta el punto que la diferencia cultural que separaba los reinos castellanos de*

Vemos então que o processo de formação dos Estados Nacionais e suas respectivas identidades está longe de ser algo rígido e sem contradições, como nos fizeram acreditar nas cadeiras escolares. Esse processo não é algo que aconteceu de maneira natural, acima de questionamentos. Sofreu influências fortes das elites da época, e tem particularidades específicas segundo a localização e momento histórico no qual se forma. A naturalização dessa forma de organização muitas vezes não permite que questionamentos pertinentes sobre processos históricos sejam feitos, questionamentos esses fundamentais para entendermos a nossa própria história.

Assim, seguindo o processo de desconstrução de algumas certezas, passamos ao processo histórico do Uruguai propriamente dito. Apresentaremos os fatos históricos mais relevantes para os objetivos da pesquisa, sempre tendo em mente as teorias e conceitos apresentados neste capítulo.

Stuart Hall, ao falar das nações caribenhas, diz que a questão central para pensar a formação da identidade nacional e do sentimento de pertencimento é ter em mente o que as diferencia, quando todas são tão próximas regionalmente quanto cultural e historicamente (cf. HALL, 2006, p. 26). Referindo-se a identidade étnica, que pode ser aproximada a identidade nacional de diversas formas, Roberto Cardoso de Oliveira afirma que a identidade de um grupo étnico deve ser pensada, sobretudo em termos contrastivos. Isto quer dizer que “quando uma pessoa ou um grupo se afirma como tal, o faz por meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defronta”. Assim, como é “uma afirmação do nós diante dos outros”, a identidade étnica surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. Ela se afirma negando a outra identidade, etnocentricamente por ela visualizada (FLEISCHER, 2002, p. 02). A imigração aparece como um “cenário” onde esse contraste de identidades se torna evidente e proeminente.

Cataluña, Valencia o de las provincias vascas era incomparablemente mayor que su diferencia con los reinos americanos (GUERRA, 2003, p. 219).

Como observa Homi Bhabha tanto a identidade como a cultura se constituem a partir do conflito, do embate. Os sujeitos negociam as diferenças e apresentam estratégias de representação. Portanto, o indivíduo passa a ativar seu referencial nacional quando confrontado com pessoas de outros países. Essa desterritorialidade, comumente, ao invés de criar cidadãos desgarrados ou cidadãos do mundo, só recria a nacionalidade (cf. BHABHA, 2003). É muito comum escutar relatos de imigrantes que ativam certos marcos identitários quando estão fora do país. Um brasileiro que não demonstrava muito interesse pelo samba, por exemplo, passa a frequentar locais onde esse tipo de música é ouvida. Ou um uruguaio que toma chimarrão para se lembrar da sua terra. Assim, esses marcadores passam a ser ativados de maneira distinta quando o indivíduo está fora de seu lugar de origem. Aqui vale inclusive trazer novamente a fala de Olga, entrevistada para esse trabalho, que fala do mate, o chimarrão, como elemento identificador, e da alegria em relatar o encontro com um casal que levava o mate.

Stuart Hall, ainda ao discutir a fragmentação de identidades ocasionada pela pós-modernidade, fala da fragmentação de paisagens culturais que antes forneciam ao indivíduo sólida localização como indivíduos sociais. Hall apresenta a nação como um dispositivo da modernidade, já que permitiu o desenvolvimento de diversos instrumentos dessa modernidade, como a alfabetização, sistema educacional nacional e outros que foram chave para o processo de industrialização. A cultura nacional aparece então como um discurso, na maneira de construir sentidos que influenciam e organizam nossas ações e a percepção que temos de nós mesmos.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2005, p. 31)

Ainda sobre as ideias de identidade nacional e nação, Etienne Balibar traz uma contribuição bastante instigante para pensar o conceito. Ele fala que os Estados, em uma tentativa de apresentar a ordem instituída por eles como eterna e imutável, passam a “nacionalizar” a sociedade. Balibar nos convida a pensar

se é essa realmente a única maneira de se conceber a organização das sociedades, mas que passamos por um processo produzido por aparelhos de Estado que difunde a forma nação a quase todas as sociedades humanas, e segundo ele, isso é feito “ao longo de dois séculos de conflitos violentos” (BALIBAR, 2021, p. 131). O autor nos traz ainda a ideia de nação inserida no sistema mundo, afirmando que podemos olhar para os estados-nação a partir do papel que desempenham uns frente aos outros. “De certa maneira, toda “nação” moderna é produto da colonização: ela sempre foi, em alguma medida, colonizadora ou colonizada - as vezes, ambas” (BALIBAR, 2021, p. 132).

Pensar dessa maneira nas relações entre as nações sem dúvida é interessante quando acrescentamos os movimentos migratórios ao quebra-cabeça, já que o que determina se um país será receptor ou expulsor de migrantes, seja global ou regionalmente, é seu papel dentro do sistema-mundo.

Hall e outros pensadores do pós-colonialismo, como Homi Bhabha e Paul Gilroy, articulam ainda a ideia de que o sujeito vive com identidades múltiplas, identidades que se conformam e se negociam de acordo com o contexto. Quanto a isso, Rüsen faz uma crítica bastante pertinente e contundente. Admitindo que a identidade não é fixa ou dada, que é dinâmica e mutável, afirma:

A subjetividade humana forma-se em uma miríade de diferentes identificações, com intensidade diversa e com alto grau de variação. Ela se constitui, por assim dizer, em inúmeras identificações pelo mundo afora. Essa realidade trivial serve, a alguns teóricos, para rejeitar uma identidade humana única. A pessoa teria não apenas uma, mas muitas identidades, contraditórias mesmo. Essa ideia distorce a questão relativa ao conceito de identidade. Trata-se justamente de constatar que um mesmo eu se manifesta e sai vencedor, em meio à diversidade, dinâmica, mutabilidade e contraditoriedade dessas diferentes identificações e dos pertencimentos com ela conexos. Identidade é o retorno das identificações ao sujeito que se identifica. O sujeito não se perde na multiplicidade das identificações. Pelo contrário. Ele se constitui nelas e por elas, forjando assim suas características individuais. (RÜSEN, 2015, p. 261).

Hall compartilha da noção de comunidade imaginada de Benedict Anderson (cf. ANDERSON, 2008) e diz que um dos meios de construir essa comunidade é exatamente pelo compartilhamento de mitos de origem, histórias que têm a capacidade de organizar um passado caótico e prover um significado mais profundo a determinados acontecimentos. Hall afirma que as nações são fundadas sobre esses mitos. O compartilhamento dessa origem passa a ser

exaltado e passa a carregar um sentido de reafirmação nos discursos dos migrantes. Características do país, como por exemplo o excelente sistema educacional uruguaio, passam a aparecer nas narrativas como algo que diferencia e torna único aquele sujeito, ao mesmo tempo que cria um laço com seus conterrâneos.

Balibar, no entanto, prontamente descarta essa antítese da comunidade real versus a comunidade imaginária. Para ele, “toda comunidade social, reproduzida pelo funcionamento de instituições, é imaginária” (BALIBAR, 2021, p. 137). Assim, ele apresenta a ideia de que não somente as sociedades são nacionalizadas, mas os indivíduos também. É necessário produzir o que se chama de povo, produzir esse efeito de unidade que resultará em uma identidade nacional. As diferenças que surgirem então entre o nós e o outro, o de fora, estrangeiro, poderá assim ser vivenciada como irredutível.

O autor traz ainda a ideia de etnicidade fictícia, que é indispensável para a constituição da ideia mesma de Estado-Nação:

“Ao constituir o povo como unidade ficticiamente étnica, baseada em uma representação universalista que atribui a todo indivíduo uma identidade étnica única e que reparte, assim, a humanidade inteira em diferentes etnicidades correspondentes de maneira potencial ao mesmo número de nações, a ideologia nacional faz muito mais que justificar as estratégias utilizadas pelo Estado para controlar as populações, ela inscreve de antemão suas exigências no sentimento de “pertencimento”, no duplo sentido do termo: o que faz que se pertença a si mesmo e se pertença a outros semelhantes. O que faz com que se possa ser interpelado enquanto indivíduo, em nome da coletividade da qual exatamente ele tem o nome. A naturalização do pertencimento e a sublimação da nação ideal são duas faces de um mesmo processo.” (BALIBAR, 2021, p. 140)

Eric Hobsbawm também apresenta posições relevantes para se pensar a nação, principalmente quando esmiúça o processo histórico que levou à formação dessa figura política. O autor afirma que a característica principal dessa forma de classificar os grupos de seres humanos – a nação - é que não é possível descobrir nenhum critério satisfatório que permita decidir qual das numerosas coletividades humanas deveria rotular-se dessa maneira, apesar do fato de que aqueles que pertencem a essas organizações dizem que é básica e fundamental, inclusive para a constituição de sua identidade individual

(HOBSBAWM, 1991, p. 13). Ernest Gellner, se soma ao questionar essa naturalização com a qual essa forma de organização social é vista.

Nações como um meio natural, dado por Deus, de classificar os homens, como um destino político inerente, são um mito; o nacionalismo, que por vezes toma culturas que já existem e transforma-as em nações, por vezes inventa-as, e muitas vezes destrói-as: essa é a realidade (HOBSBAWM, 1991, p. 18, tradução nossa).³⁶

Diferente do que faz Benedict Anderson, que tenta separar os conceitos de estado e nação e pensá-los de maneira individualizada, Hobsbawm afirma que a nação é uma entidade social apenas na medida em que se refere a essa classe de estado territorial moderno: o estado-nação. Para ele “de nada serve falar de nação e de nacionalidade exceto na medida em que ambas se referem a ele” (HOBSBAWM, 1991, p. 18, tradução nossa)³⁷. Pensando na expressão de Anderson, comunidades imaginadas, Hobsbawm questiona o motivo que levaria os indivíduos a desejarem imaginar esse tipo de comunidade como substitutiva, depois que perdem os laços entre as comunidades “reais”. Alega que, possivelmente, essas comunidades imaginadas preenchem o vazio emocional que fica depois que as comunidades e redes humanas reais se desintegram. Pensar então nesse sentido de comunidade entre colônia ou grupos de migrantes se torna muito interessante. Se esse sentido de comunidade é imaginado dentro das fronteiras físicas do Estado-nação, pode ser carregado por seus membros para qualquer lugar. Pode ser reforçado, reinterpretado e modificado. Bhabha segue no mesmo sentido, afirmando que “a nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando essa perda na linguagem da metáfora” (BHABHA, 2014, p. 228). Essa metáfora irá transpor distâncias e lugares, além de diferenças culturais carregando consigo o sentir-se em casa. Os laços então que

³⁶ *Las naciones como medio natural, otorgado por Dios, de clasificar a los hombres, como inherente destino político, son un mito; el nacionalismo, que a veces toma culturas que ya existen y las transforma en naciones, a veces las inventa, y a menudo las destruye: eso es realidad.* (HOBSBAWM, 1991, p. 18)”

³⁷ *“de nada sirve hablar de nación y de nacionalidad excepto en la medida en que ambas se refieren a él”* (HOBSBAWM, 1991, p. 18)

os migrantes tantas vezes se esforçam para perpetuar com o seu país de origem se inserem nessa perspectiva, nessa necessidade de pertencimento.

Essa necessidade de pertencimento leva-nos a pensar sobre a ideia de representação na manutenção desses laços.

A fim de que uma sociedade exista e se mantenha, assegurando um mínimo de coesão, é preciso que os agentes sociais acreditem na superioridade do facto social sobre o facto individual, que se dotem de uma “consciência colectiva”, isto é, um fundo de crenças comuns que exprima o sentimento a existência da coletividade. Ora, só é possível comungar ou comunicar entre os homens através de símbolos exteriores aos estados mentais individuais, através de signos posteriormente concebidos como realidades. Um dos caracteres fundamentais do facto social é, precisamente, o seu aspecto simbólico. Na maioria das representações colectivas, não se trata da representação única de uma coisa única, mas sim de uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre as práticas. Frequentemente, os comportamentos sociais não se dirigem tanto as coisas em si, mas aos símbolos dessas coisas. As representações colectivas exprimem sempre, num grau qualquer, um estado do grupo social, traduzem a sua estrutura actual e a maneira como ele reage frente tal ou tal acontecimento, a tal ou tal perigo externo ou violência interna (BACZO, 1985, p. 306)

A representação, a ideia que o migrante tem sobre si próprio e, fundamentalmente, a ideia que a sociedade, tanto de origem quanto de acolhimento, tem desse migrante, são fundamentais para pensarmos esse processo. Essa percepção irá influenciar sobremaneira nos seus processos de adaptação em ambos momentos, no da primeira saída e no do retorno.

As línguas nacionais, para Hobsbawm, também desempenham um papel fundamental na criação dessa identidade nacional. Ainda quando essa língua nacional era usada cotidianamente por uma pequena parcela da população, enquanto que o restante falava vários idiomas, muitas vezes mutuamente incompreensíveis. Na Itália, por exemplo, temos o impressionante dado que, no momento da unificação, apenas 2,5 por cento dos habitantes falavam o mesmo idioma: o italiano (HOBSBAWM, 1991, p. 47). Fica claro com esse exemplo o papel que a unificação da língua desempenha por si só, criando uma unidade onde antes não havia. Afinal, em diversos países europeus, como a Itália do exemplo de Hobsbawm, havia uma identidade regional, mas não nacional. A unificação de uma única língua possibilita que outro elemento de identidade seja criado, e reforçado sobretudo pelas escolas e pelo governo, que passam a utilizar essa língua oficial para tratar de assuntos vinculados à rotina diária de

seus cidadãos. A questão da língua como elemento constitutivo de uma identidade nacional pode vir à tona e ser importante para ter em mente quando formos pensar nos indivíduos que empreenderam seus processos migratórios em países com os quais compartilham a língua, como é o caso dos muitos migrantes uruguaios na Espanha. Essa familiaridade linguística poderia afetar a adaptação e sentimento de pertencimento na pátria acolhedora. Os trechos de entrevista a seguir evidenciam essa facilidade de compartilhamento do idioma, bem como a dificuldade que se apresenta quando esse não é o mesmo. A primeira é Olga, uruguaia retornada da Espanha. O segundo, Emmanuel, uruguaio retornando dos Estados Unidos.

O fácil era que o idioma é o mesmo. A cultura é muito parecida. A cultura das Canarias muito parecida com a nossa. Eu sempre digo, os canários são muito parecidos, muito abertos, muito barulhentos. E muito agradáveis. Não foi difícil. (tradução nossa)³⁸ (informação verbal)³⁹

Eu achava que sabia inglês. Cheguei lá e me dei conta que não sabia nada. É porque o escutar e o falar tem uma fluidez única. O americano tem um inglês muito fechado, então eu via anúncios escritos e entendia. Às vezes.. Mas quando vem falar com você... É como o espanhol, um americano ou um inglês vai estudar espanhol e vai estudar o espanhol da Espanha. Não vai estudar um “che”, um “ta”, expressões que cada país tem. Então entender, eu não entendia nada... (tradução nossa)⁴⁰ (informação verbal)⁴¹

Também sobre a questão do idioma, Bhabha traz a tradução para falar sobre a estrangeiridade da língua. O autor se dedica a mostrar como esse domínio imperfeito de uma língua estrangeira carrega marcas de que o indivíduo é, na verdade, um outsider. E tem que se dedicar a aprender esses sons, gestos, símbolos de um pertencimento. Por outro lado, mesmo se a imigração é

³⁸ *Lo fácil era que el idioma es el mismo, La cultura muy parecida. La cultura de canarias muy parecida a la nuestra. Yo siempre digo, los canarios son muy parecidos , muy abiertos, muy gritones. Y muy agradables. No me fue difícil.*

³⁹ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice.

⁴⁰ *Y creía que sabía inglés. Llegué allá y me di cuenta de que no sabía nada. Es por que el escuchar y hablar tiene una fluidez única. El americano te habla un inglés muy cerrado, entonces yo veía anuncios escritos y los entendía a veces, pero después te hablan... Es como el español, un americano o un inglés va a estudiar español y va a estudiar el español de España. No va a estudiar un “che”, “ta”, expresiones que cada país tiene. Entonces el entender no entendía nada.*

⁴¹ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

empreendida para um destino com o qual se compartilha a mesma língua, abundam os signos e marcadores de que o falante é de outra região. No trecho a seguir, uma entrevistada discorre sobre essas diferenças sutis entre o espanhol falado na Espanha e o espanhol falado no Uruguai:

E o tema da linguagem... Eu tenho uma história. É um rapaz que tinha ido embora daqui de Bella Unión e queria levar a sua mulher, e estava procurando trabalho, desesperado, e tinha experiência em bares. Então ficou procurando. E é um rapaz lindo fisicamente, muito agradável, muito educado. Então ele fala com quem vai lhe dar o trabalho, e o outro não entende. Falando espanhol os dois, não se entendem. E este, com tal de ter trabalho, se submete e aceita as palavras do outro, e diz “vou pôr as mesas” “as mesas estão postas. Vai montá-las?” “Montar se monta um cavalo, mas tudo bem, a montar as mesas”. Cada coisa que lhe diz é diferente de como ele coloca, e quando termina o conterrâneo contente, conseguiu o trabalho. E ele é advogado. Na realidade, tinha muito mais formação que o outro, mas a realidade o leva a submeter-se e aceitar as coisas que o outro fala.(tradução nossa)⁴²(informação verbal) ⁴³

Portanto, é possível afirmar, como o faz Stuart Hall, que pertencer a uma cultura é também pertencer ao mesmo universo conceitual e linguístico. É saber como conceitos e ideias se traduzem em linguagens diferentes e como essa pode ser interpretada de diferentes maneiras, para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele. “Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem” (HALL, 2016, p. 43)

Além disso, Hobsbawm destaca que esses ideais de nação (língua, história e tradições), a princípio, eram compartilhados apenas por uma elite privilegiada, a nobreza ou pequena nobreza, que nesse caso sim, tinham uma língua comum, costumes comuns. Assim, essa “nação política” que se formula originalmente não é o que se considera que passa a ser o povo da nação, já que

⁴²*Y el tema del lenguaje... Yo tengo un cuento. Es un muchacho que se había ido de acá de Bella Unión y quería llevar a su mujer, y estaba buscando trabajo desesperado, y tenía experiencia en bares. Entonces anduvo buscando. Y es un muchacho lindo físicamente, muy agradable, muy educado. Entonces él habla con él que lo va a tomar trabajo y el otro no entiende. Hablando español los dos no se entienden. Y ese con el tal de tener trabajo se doblega, y acepta las palabras del otro, y dice “voy a poner las mesas” “las mesas están puestas. A montarlas?” “Montar se monta un caballo, pero bueno, a montar las mesas”. Cada cosa que le dice es diferente de como lo plantea y cuando termina el paisa contento, consiguió el trabajo. Y es abogado. En realidad, tenía mucha más formación que el otro, pero la realidad lo lleva a doblegarse y aceptar las cosas que el otro le dice.*

⁴³TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

incluía apenas uma pequena fração dos habitantes do Estado. Obviamente, com o tempo, foi possível ampliar o vocabulário e o conceito dessa “nação política”, para que abarcasse uma nação entendida como a massa dos habitantes de um país. Ainda que é provável que isso tenha ocorrido muito depois do que diz o nacionalismo retrospectivo (HOBSBAWM,1991, p. 83). O autor lembra que quando encontramos o que hoje classificaríamos como um movimento popular autônomo de defesa nacional contra invasores estrangeiros, como acontecia na Europa central dos séculos XV e XVI a sua ideologia era, aparentemente, social e religiosa, mas não nacional. Mas, principalmente depois da era das revoluções, os Estados começam a estar cada vez mais presentes nas vidas dos cidadãos, e passam a depender desses cidadãos, tanto para sustentar a máquina do estado, através da cobrança de taxas e impostos, quanto para serem funcionários do governo. Assim, os governos começam a “democratizar a política”, ou seja, converter os antigos súditos em cidadãos. Tal ato tende a

produzir uma consciência populista que, dependendo da forma como se olha para ela, é difícil de distinguir de um patriotismo nacional, mesmo chauvinista, porque se “o país” é de alguma forma “meu”, então é mais fácil considerá-lo preferível aos países de estrangeiros, especialmente se lhes faltam os direitos e a liberdade do verdadeiro cidadão. (HOBSBAWM,1991, p. 97, tradução nossa).⁴⁴

Esses novos estados precisavam de uma “religião cívica” (HOBSBAWM, 1991, p. 94) na medida em que precisavam de algo mais que passividade dos seus cidadãos. Para reforçar essa “religião cívica”, esse nation-ness, e alimentar esses laços lançou-se mão, e ainda se lança, da invenção de tradições:

por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 2012, p. 08).

Faz-se então patente o quão importante é o papel dos historiadores, e da história, nesses casos. A história passa a atuar como grande legitimadora e propagadora do conhecimento ou ideologia da nação, já que essa história, muitas vezes, não corresponde exatamente ao que foi vivenciado, ou

⁴⁴ [...] producir una conciencia populista que, según como se mire, es difícil de distinguir de un patriotismo nacional, incluso chauvinista, porque si “el país” es de algún modo “mio”, entonces es más fácil considerarlo preferible a los países de los extranjeros, especialmente si éstos carecen de los derechos y la libertad del verdadero ciudadano (HOBSBAWM,1991, p. 97).

conservado na memória popular, mas ao que foi “selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo” (HOBSBAWM, 2012, p. 21). O autor ainda aponta o interesse que a invenção das tradições deve despertar nos estudiosos da história, já que segundo ele essas tradições são “altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a “nação”, e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas e daí por diante”. Além disso, diz que “todos esses elementos baseiam-se em exercícios de engenharia social muitas vezes deliberados e sempre inovadores, pelo menos porque a originalidade histórica implica inovação” (HOBSBAWM, 2012, p. 21). Ele justifica então a importância do estudo dessas tradições inventadas uma vez que grande parte dos elementos que constituem essa forma de organização social consiste nessas tradições. O discurso da “história nacional” é exemplo disso, é elaborado com esse objetivo.

O autor fala ainda sobre como essa grande importância dada à identidade nacional, ou ao nacionalismo, acaba se tornando um substituto para outras maneiras de organização que proporcionavam aos indivíduos essa sensação de pertencimento, como uma igreja nacional, uma família real ou a outras “tradições coesivas”. Aponta ainda que a classe que mais exigia essa nova modalidade de coesão era “a classe média em expansão, ou antes, a ampla massa intermediária que tão notavelmente carecia de outras formas de coesão. A esta altura, novamente, a invenção de tradições políticas coincide com a de sociais.” (HOBSBAWM, 2012, p. 380). Essa necessidade de coesão presente principalmente nas classes médias em muito se reflete nos hábitos forjados e cultivados pelo uruguaio que sai de seu país, composto em sua maioria por pessoas com alta escolaridade, trabalhadores liberais, de serviços e comerciantes⁴⁵.

Nesse movimento de ascensão das classes média ocorre um outro fenômeno descrito por Hobsbawm que se faz muito interessante de ser observado, principalmente quando se tem em mente os desdobramentos e peculiaridades ocorridas no Uruguai: a valorização e identificação do esporte

⁴⁵ Perfil observado no estudo “Perfil Migratorio de Uruguay 2011”, p. 61-62.

como meio de identificação nacional. Esse, segundo o autor, parece ter sido mais que nada um fenômeno dessas classes médias, no começo do século XX. Vale lembrar que nesse período ocorre a disputa da primeira Copa do Mundo de Futebol, no Uruguai. O esporte proporcionava um instrumento de identificação nacional altamente acessível, sobretudo nas disputas internacionais, já que se vendo contra um time estrangeiro, por exemplo, as semelhanças dos compatriotas e diferenças dos oponentes eram ampliadas (HOBBSAWM, 2012, p.380). Vale ressaltar aí também que os esportes que cumpriam esse papel eram tradicionalmente praticados por essa classe média, e por isso alcançavam parcelas significativas da população. O futebol é esse exemplo por excelência.

Sim, sim, sim, o espanhol sempre foi falado em casa, não falamos português. Minha nora brasileira fala espanhol muito bem, não tem opção, fala espanhol. O ex-companheiro de Mônica falava espanhol, ele entendia perfeitamente. O espanhol sempre foi falado em minha casa. Os meninos sempre se sentiram muito uruguaios. David, por exemplo, segue a política uruguaia de cor. Está na Europa. Futebol e política para ele... E ele acompanha tudo, sabe tudo. Claro, não é o mesmo viver aqui. Eu sei, mas ele pode opinar com propriedade, porque sempre mantiveram vínculos. (tradução nossa)⁴⁶ (informação verbal) ⁴⁷

Quando nos focamos na construção de nações, e no reforço para uma fixação do sentimento de pertencer a elas, vemos que esse processo é muito mais complexo e menos “natural” do que somos levados a acreditar. Hall aponta que “presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior”(HALL, 2006, p. 28). Os estados, as escolas, as grandes festas nacionais e a própria história a que temos acesso nos levam a crer que essa é uma certeza, um definidor de identidades, e não há motivo para levantar nenhum questionamento frente a isso. Mas não é isso que vemos quando, utilizando

⁴⁶ *Sí, sí, sí, en casa siempre se habló español, no hablamos portugués. Mi nuera brasileña habla muy bien el español, no tiene otra, habla español. El ex-compañero de Mónica hablaba español, entendía perfecto. En mi casa siempre se habló español. Los chiquilines siempre se sintieron muy uruguayos. David, por ejemplo, sigue lo que es política uruguaya sigue al dedillo. Está en Europa. Fútbol y política para él... Y sigue todo, sabe todo. Claro, no es lo mismo vivir acá. Yo sé, pero él puede opinar con propiedad, porque siempre mantuvieron vínculos.*

⁴⁷ BEVEDER, Anna. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

autores como Benedict Anderson, Eric Hobsbawm, Andreas Huyssen, Shlomo Sand ou Stuart Hall, analisamos o processo histórico de formação das nações.

Afinal qual é a narrativa que mobiliza essa identidade nacional? É a mesma narrativa para experiências distintas, indivíduos distintos? Como pode ser então a mesma identidade, o mesmo sentimento de pertencimento? Nos dois trechos de entrevista reproduzidos abaixo, o primeiro de Olga e o segundo de Emmanuel, moradores da mesma cidade, citam situações parecidas para reforçar pontos de vista opostos.

Para mim tem muito a ver com os valores de cada um. Se para você o material pesa, obviamente lá nem sendo mais pobre está no nível de pobreza daqui. Óbvio, é diferente. É outra realidade. Mas, sinceramente, eu gosto mais disso. Me sinto mais confortável. E não é porque não tenha me adaptado, porque as mesmas coisas que eu fazia aqui, continuei fazendo lá. Mas não me mudou a mim por dentro. Esse é o meu mundo. O contato com as pessoas, você sai na rua e conhece as pessoas, e pára para conversar. Se senta para tomar chimarrão na calçada (tradução nossa)⁴⁸(informação verbal)⁴⁹.

Eu fui embora e aprendi muita coisa. Por isso hoje eu voltei e sou o chefe. Se não, capaz que estaria sentado em uma esquina tomando chimarrão, sem fazer nada (tradução nossa).⁵⁰ (informação verbal)⁵¹

Esse símbolo, que é o sentar-se na calçada, conversar com os vizinho e tomar chimarrão, que é tão típico em cidades do interior uruguaio e até mesmo em alguns bairros da capital, é utilizado com sentidos completamente distintos nas duas narrativas. Por um lado, é símbolo do aconchego, do familiar. Por outro, significa o atraso e a estagnação do país.

Parece então um esforço válido pensar no sujeito que problematiza, de alguma maneira, essa sensação de pertencimento, e reconstrói a sua identidade

⁴⁸ *Para mi tiene mucho que ver con los valores de cada uno. Si a vos lo material te pesa, obviamente allá ni siéndolo más pobre estás al nivel de pobreza de acá. Obvio, es distinto. Es otra realidad. Pero, sinceramente, a mí me gusta más esto. A mí me gusta más esto. Me siento más a mis anchas. Y no es porque no me haya adaptado, porque las mismas cosas que hacía acá, las seguí haciendo allá. Pero no me cambia a mí por dentro. Este es mi mundo. El contacto con la gente, que vos salís a la calle y conoces a todo el mundo, y parás a conversar. Te sientas a tomar mate en la vereda.*

⁴⁹ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

⁵⁰ *Yo me fui y aprendí mucha cosa. Por eso hoy volví y soy tu jefe. Si no, capaz que estaría sentado en una esquina tomando mate, sin hacer nada.*

⁵¹ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

em um contexto específico: o sujeito migrante. É o sujeito que retorna ao seu país de origem, e problematiza não só a saída, mas também a chegada e o contraste de quem era no momento da saída e de quem é na volta, no retorno. Esse sujeito que ficou imerso em uma cultura distinta, em ambientes distintos, e teve que alterar ou reforçar a sua identidade para se adaptar ao país receptor. É que retorna ao ponto de partida. Hall, diz que “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”, ao mesmo tempo em que faz ressalvas ao dizer que os elos naturais e espontâneos que se tem com o país de origem são de alguma forma interrompidos pelo projeto migratório (HALL, 2006, p. 28). A migração, sem sombra de dúvidas, levanta uma vasta miríade de questões a serem abordadas, mas a perspectiva do retorno está sempre presente, de uma maneira ou de outra, ao longo do percurso de cada sujeito. Segundo Abdelmalek Sayad o imigrante acaba por viver uma série de ficções durante a sua trajetória:

não existe imigração, mesmo autodenominada de trabalho e exclusivamente de trabalho (...), que não se transforme em imigração familiar, ou seja, no fundo, em imigração de povoamento – e por fim, quando é chegada a hora em que é preciso, quer se queira quer não, tomar uma decisão conforme manda a lógica da ordem nacional, ora pela volta definitiva, ora pela fusão na naturalidade (outro modo de chamar a naturalização), ou seja, em ambos os casos, por uma dupla ficção: a ficção de uma volta que se sabe impossível e a ficção de uma naturalização ambígua. (SAYAD, 2007, p. 20)

Na sociedade contemporânea, os fluxos migratórios cada vez mais intensos põem em cheque as percepções sobre quem somos nós e quem são os outros. O conceito de “representação”, como trabalhado por Stuart Hall, também vem ao encontro dessa discussão.

Representação, aqui, está intimamente ligada à identidade e conhecimento. Pois, na realidade, é difícil saber o que “ser inglês” – ou mesmo francês, alemão, sul-africano, japonês – significa fora do escopo em que nossos conceitos e imagens de identidade e cultura nacionais foram representados. Sem esses sistemas de significação, seríamos incapazes de adotar tais identidades (ou mesmo de rejeitá-las) e consequentemente incapazes de fomentar ou manter essa realidade existencial que chamamos de cultura. (HALL, 2016, p. 25)

Abdelmalek Sayad nos chama a atenção para a diferença de tratamento que o “problema migração” recebe, de acordo com quem o estuda. A sociedade de origem do indivíduo trata apenas da emigração, e a sociedade receptora apenas da imigração. O conhecimento que é produzido a respeito desses temas reflete também a diferença de poder entre as sociedades, a maneira que cada uma olha para esse indivíduo deslocado, que acaba por não ser daqui e

tampouco de lá. Sayad ainda diz que a imigração pode ser vista como “fato social total”:

[...]falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (...), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração. (SAYAD, 1998, p. 16)

A partir de uma perspectiva teórica, também é possível pensar na contribuição que os estudos sobre retorno têm brindado à área de estudo das migrações. Cassarino aponta, em consonância com o que afirmam outros pesquisadores, que “o retorno deixa de ser visto como o fim do ciclo de migração; em vez disso, ele constitui uma etapa no processo de migração” (CASSARINO, 2004, p. 43). O autor observa que o Transnacionalismo e a teoria de redes contribuem para essa mudança. Esses aportes teóricos permitem ver que a manutenção de vínculos entre país de origem e de destino possibilita que os migrantes preparem, garantam e estejam prontos para o próprio retorno.

Além disso, os conhecimentos teóricos decorrentes da Teoria das Redes Sociais são fundamentais para compreender as maneiras pelas quais os retornados mobilizam seus recursos, sendo ao mesmo tempo envolvidos na dinâmica e manutenção de redes sociais e econômicas transfronteiriças. Essas redes não surgem espontaneamente, mas decorrem de condições específicas pré e pós-retorno. Elas também geram um continuum entre as experiências dos migrantes vividas nos países de destino e sua situação nos países de origem. (CASSARINO, 2004, p. 43)

Hall toca também na questão do retorno quando fala de sua própria experiência com a migração, e as sensações de não pertencimento, de isolamento e de falta de laços, que nem a volta às origens pode sanar.

Eu conheço ambos lugares intimamente, mas não sou inteiramente de nenhum deles. E essa é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar a sensação de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada (HALL, 1996, p. 492, tradução nossa)⁵²

⁵² *I know both places intimately, but I am not wholly of either place. And that's exactly the diasporic experience, far away enough to experience the sense of exile and loss, close enough to understand the enigma of an always-postponed 'arrival'* (HALL, 1996, p. 492)

Dessa maneira, é possível observar como a migração e o retorno deixam marcas indeléveis no imaginário e nos processos de (re)configuração identitária pelos quais passam os migrantes. Suas motivações, seus discursos e suas práticas discursivas serão analisadas no decorrer dessa pesquisa, através do processo de escuta de suas histórias. Assim, tentaremos acessar seu imaginário social, construído também a partir de suas experiências, desejos, aspirações.

2 – “CULTURA DE MIGRAÇÃO”: UM POUCO DE HISTÓRIA

O presente capítulo se dedica a contextualizar historicamente a questão da migração no pequeno país em que o fenômeno está sendo estudado. Para entender melhor qualquer problema que se estude em um determinado lugar, conhecer sua história é importante. Mais ainda se tratando de um elemento fundamentalmente ligado ao processo histórico, como é a formação e estabelecimento de processos migratórios. No caso do Uruguai, onde se fala de uma “cultura de migração” profundamente ligada à identidade nacional, faz-se também necessário abordar como se deu seu processo de constituição identitária nacional.

Identidade essa que é um processo historicamente constituído de qualquer maneira, mas nesse caso em particular temos ainda que ter em mente que o estado nacional uruguaio foi resultado de uma disputa entre duas metrópoles coloniais. Neste sentido, as características do contexto histórico uruguaio a serem destacadas são aquelas que estão relacionadas às conjunturas políticas e econômicas.

2.1 - Contexto histórico: os primeiros habitantes

A princípio, a área que hoje é o Uruguai não despertou interesses nem de portugueses, nem de espanhóis. Os conquistadores, no século XVIII, estavam interessados em buscar metais preciosos, e esse território não tinha nada disso a oferecer. Daniel Vidart, antropólogo uruguaio fala sobre esse desinteresse inicial por parte de colonizadores

A Banda Oriental do rio Uruguai, uma região suavemente ondulada, coberta quase inteiramente por um tapete de grama apertado e macio, havia sido declarada pelas autoridades coloniais "*terra sem nenhum proveito*". Não havia depósitos de metais nobres ou pedras preciosas; nas suas florestas escassas, concentradas nas margens das artérias dos rios ou nas ravinas das montanhas, espécies arbóreas como a quinoa ou o pau-brasil, cobiçadas pela sua fácil comercialização, floresceu, e por fim, os charrúas e os minuanes, pertencentes à combativa etnia pampida, frustraram com sua ferocidade e suas boleadoras, que derrubavam os cavalos e igualavam a luta, os esporádicos intentos iniciais de colonização (VIDART, 2012, p 84, tradução nossa)⁵³.

⁵³ *La banda Oriental del río Uruguay, una comarca suavemente ondulada, cubierta casi en su totalidad por un apertado y tierno tapiz de gramíneas, había sido declarada por las autoridades*

Assim, a região foi usada para a criação de gado, constituindo-se em algo como uma grande propriedade agrícola da província de Buenos Aires. A princípios do século XVII, Hernández⁵⁴, o então governador dessa província, recomenda ao rei espanhol que ocupasse as terras a leste do rio Uruguai com tropas de gado, depois de uma expedição ao território. Alguns anos depois, seguindo a própria recomendação, leva até o território que hoje é o Uruguai um número pequeno de vacas e touros, que amparados pelo clima favorável e por pasto abundante, se multiplicam prodigiosamente. E quando essas “*minas de carne y cuero*” se constituem em um recurso gratuito, o administrador da aduana de Buenos Aires adverte que “podia render mais riqueza que a dada por todas as minas do Peru” (VIDART, 2012, p. 85, tradução nossa)⁵⁵.

Os indígenas nativos, os charruas⁵⁶, não se submeteram ao domínio espanhol e mais tarde foram exterminados quase que em sua totalidade. Sobre esse extermínio Vidart (2010, p. 94) aponta que:

Se o genocídio, ou seja, a morte física das tribos (...) não foi total, o etnocídio foi (...) No caso dos Charrúas, o etnocídio resultou na distribuição das “chinas” e suas “crias” sobreviventes, separadas para sempre uns dos outros por expressa determinação do Superior Governo, conforme documentos da época (tradução nossa)⁵⁷.

Em que pese esse extermínio, que chega ao ponto de ser visto de maneira positiva no início do século XX, como condição que separa o país das outras repúblicas latino-americanas, e a ausência de indígenas na composição da população uruguaia, a herança de uma mítica “garra charrua” é com frequência invocada como traço distintivo do “ser uruguaio”. Essa característica tem sido

coloniales “tierra de ningún provecho”. No existían en ella yacimientos de metales nobles ni piedras preciosas; en sus escasos bosques, concentrados a orillas de las arterias fluviales o en las quebradas serranas, no prosperaban especies arbóreas tales como la quinua o el palo brasil, codiciadas por su fácil comercialización, y, finalmente, los charrúas y los minuanes, pertenecientes a la combativa etnia pámpida, habían desbaratado con su fiereza y sus boleadoras, que derribaban los caballos y emparejaban la lucha, los esporádicos intentos colonizadores iniciales (VIDART, 2012, p. 84).

⁵⁴ Hernández Arias de Saavedra, também conhecido pela abreviação Hernández, foi o primeiro nascido na América a ocupar o posto de administrador de uma província colonial, em 1602.

⁵⁵ “*podría rendir más riqueza que la dada por todas las minas del Perú*” (VIDART, 2012, p.85)

⁵⁶ Povos originários que, já na época colonial, estavam presentes onde hoje é o estado do Rio Grande do Sul e na Argentina.

⁵⁷ *Si el genocidio, o sea la muerte física de las tribus (...) no había sido total, sí lo fue el etnocidio (...) En el caso de los charrúas el etnocidio se tradujo en el reparto de las “chinas” y sus “crias” sobrevivientes, separadas para siempre una de las otras por expresa determinación del Superior Gobierno, según rezan los documentos de la época.* (VIDART, 2010)

frequentemente associada ao desempenho da seleção uruguaia de futebol. Vidart (2012, p.98) comenta, divertido: “[Anna] mítica ‘garra’ é invocada quando, catástrofe muitas vezes frequente, vamos perdendo de goleada” (tradução nossa)⁵⁸.

Sobre a contribuição indígena para a composição da população do país, que oscilou entre ser negada e reinventada, o antropólogo afirma:

Nem hoje, nem ontem, somos ou fomos índios, nem puros, como mentiu Hidalgo, por força de ser um anti-godo raivoso, nem mestiços flagrantes, como os que brotam ao longo das veredas rurais colombianas ou das profundezas agrícolas dos hoyas equatorianos. Somos um país de pessoas intensamente europeizadas, tanto somaticamente quanto culturalmente. O índio foi, é verdade, o dono primitivo do nosso território, como nos ensinam os manuais escolares. Passamos a ser, gostemos ou não, quens se aproveitaram do trabalho sujo dos seus algozes, quer fossem os espadachins de Garay, ou os fuzileiros de Rivera (VIDART, 2012, p 295, tradução nossa)⁵⁹

É então a partir da criação de gado que começa a se constituir a identidade do país, segundo Eduardo Acevedo (1933). Os poucos colonos que lá viviam são muitas vezes descritos como solitários, homens do campo, que para sobreviver nada tinham que fazer além de capturar uma das muitas cabeças de gado existentes. O gado estava solto, não havia cercas nos pastos. Os *gauchos*, como são chamados esses primeiros habitantes, são descritos como pessoas livres, sem apego. Não havia muitas famílias constituídas, as mulheres ficavam sozinhas com seus filhos. As poucas tentativas de povoamento partiram dos jesuítas, que trouxeram paraguaios já convertidos para habitar as missões⁶⁰. E mesmo essas missões sobreviviam do gado.

O cavalo fornecia o meio fácil de mobilidade e trânsito e o gado uma subsistência confortável. La Banda-vaquería estabelece assim o seu estilo único e desde então é terra de cavaleiros. No século seguinte, erguido nas costas dos baguais, o gaúcho surgirá como um tipo representativo dessa sociabilidade. Colônia e Montevideu sinalizarão, por sua vez, com sua presença de bastiões, o duelo dos impérios ibéricos pelo controle do rio e da rica província, como prefácio de uma

⁵⁸ [a] mítica “garra” se invoca cuando, catástrofe muchas veces frecuente, vamos perdiendo por goleada. (VIDART, 2012, p.98)

⁵⁹ Ni hoy por hoy, ni ayer por ayer, somos o fuimos indios, ni puros, como mentía Hidalgo, a fuerza de ser un rabioso anti godo, ni mestizos palmarios, como los que brotan a lo largo de las rurales veredas colombianas o desde el fondo agrícola de las hoyas ecuatorianas. Somos un país de gente intensamente europeizada, tanto somática como culturalmente. El indio fue, es cierto, el dueño primitivo de nuestro territorio, tal cual nos enseñan los textos escolares. Nosotros venimos a ser, nos guste o no, quienes aprovecharon el trabajo sucio de sus verdugos, ya los espadachines de Garay, ya los fusileros de Rivera (VIDART, 2012, p 295).

⁶⁰ Nomes dados aos aldeamentos indígenas organizados pelos Jesuítas vindos da Europa, com o objetivo de catequizar essa população.

disputa que incorporará a condição de fronteira como uma nova dimensão da terra oriental. (ABADIE; BRUSCHERA; MELOGNO, 1966, p.12)⁶¹

“Ar livre e carne gorda”⁶² se transforma no mote da época, tempo de abundância e liberdades míticas. O comércio do couro era de tal maneira lucrativo que os *gauchos*, esses cavaleiros solitários, deixavam a carne apodrecer nos pastos, depois de retirar do animal a parte que interessava (VIDART, 2012).

É somente a partir do momento que os portugueses começam a demonstrar interesse pela área, fundando o povoado de Colônia do Sacramento e invadindo a região para contrabandear gado, que os espanhóis começam a agir para estabelecer o seu domínio sobre o território então chamado de Banda Oriental⁶³ del Uruguay⁶⁴. Em 1724 é fundada a cidade de Montevidéu, e o seu porto passa a ser um dos principais do Vice-reinado do rio da Prata. No entanto, Montevidéu, assim como o resto do país, dependia de Buenos Aires, uma vez que estava proibido pelo monopólio de fazer comércio com quem quer que fosse.

Se estabelece então uma rivalidade entre Montevidéu e Buenos Aires. A primeira deveria estar sob as ordens da segunda, mas por possuir um porto importante, em termos de tamanho e localização, na desembocadura do Rio da Prata, acabou conquistando certa autonomia.

Aproveitando-se do que ocorria na Espanha, que batalhava contra as tropas francesas de Napoleão, evento que confere incerteza sobre o comando

⁶¹ *El caballo otorgaba el medio fácil de movilidad y tránsito y el vacuno la cómoda subsistencia. La Banda-vaquería establece así su singular estilo y desde entonces tierra de jinetes. En el siglo siguiente, erguido en el lomo de los baguales, surgirá el gaucho, como tipo representativo de esta sociabilidad. Colonia y Montevideo señalarán, a su vez, con su presencia de bastiones, el duelo de los imperios ibéricos por el dominio del río y de la rica provincia, como prefacio de una disputa que insertará la condición de frontera como nueva dimensión de la tierra oriental. (ABADIE; BRUSCHERA; MELOGNO, 1966, p.12)*

⁶² “Aire libre y carne gorda”

⁶³ Durante a época colonial, a região foi chamada de “*Banda Oriental del Uruguay*”. Durante o processo de independência em relação à metrópole Espanha, a região passou a ser denominada “*Provincia Oriental*”, como parte das Províncias Unidas do Rio da Prata. A denominação “*República Oriental del Uruguay*” passou a ser utilizada após a promulgação da primeira constituição do país.

⁶⁴ A palavra “*Uruguay*”, do Guaraní, significa “Rio dos Pássaros Pintados”. Contudo, existem outras traduções como “O Rio dos que Trazem de Comer” (fazendo assim referência a uma prática dessa sociedade de designar guerreiros que acompanhariam os transportadores de alimentos), “Rio do País do Uru” (pássaro que habita nas proximidades do rio Uruguay) e “Rio dos Caracóis”.

das colônias, Buenos Aires inicia a Revolução de Maio⁶⁵, em 1810, visando a Independência da Espanha. Segundo François Guerra, a invasão da Espanha por Napoleão e a abdicação forçada do rei Fernando VII a favor de José Bonaparte, recusada unanimemente por espanhóis e americanos, abre caminho para uma revolução que em nada se anunciava (2003, p.9-10). O governo da cidade de Montevideu se manteve fiel à metrópole espanhola, mas no interior do país, nos povoados onde o modo de vida do *gaucho* continuava, surge apoio à revolução. Esse apoio é liderado por José Artigas⁶⁶.

A crise gerada pela queda da monarquia borbônica depois da invasão napoleônica⁶⁷ da península ibérica colocou em questão a organização política do conjunto dos domínios da Coroa. O governo de Buenos Aires, como capital do antigo Vice Reino do Rio da Prata, se entendeu como depositário da soberania em 1810. Diferentes facções tentaram centralizar a organização do conjunto do espaço do vice-reino sob sua hegemonia na organização das “Províncias Unidas” com capital em Buenos Aires. Esse projeto competiu mais ou menos exitosamente com outras formas de organização estatal ensaiadas então. As províncias se conformaram como unidades políticas autônomas ligadas por distintos pactos de alianças mais ou menos estáveis. Depois da crise da monarquia em 1808 e durante as guerras da independência, as partes integrantes do antigo vice reino se constituíram como entidades políticas que se denominaram “províncias”, e às vezes “repúblicas” ou “estados”, como sujeitos de direito natural em situação de dependência para decidir esses acordos supra provinciais.

As forças revolucionárias se concentram em Buenos Aires, e as leais à coroa espanhola em Montevideu. As forças revolucionárias ganham diversas

⁶⁵ Ocorrida entre 18 e 25 do referido mês, a Revolução de Maio resultou na remoção do vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros e no estabelecimento de um governo local em Buenos Aires denominado “Primeira Junta”.

⁶⁶ Nascido em Montevideu em 1764.

⁶⁷ Em 1806, Napoleão Bonaparte instituiu o chamado “Bloqueio Continental”, que tinha o objetivo de asfixiar a economia britânica a partir da proibição do comércio entre aquela e os países submetidos ao poderio francês. Apesar de uma aliança inicial entre França e Espanha, sagrada no “Tratado de Fontaineblau”, Napoleão acaba por invadir e inaugurar o que viria a ser conhecido como “Guerra Peninsular” (1808-1814).

batalhas, como a de Las Piedras⁶⁸, e sitiavam Montevidéu. Contudo, por ser um porto, a cidade não enfrenta grandes dificuldades para se manter durante o sítio. Conseguir suprimentos, angariar alianças e até organizar ataques a Buenos Aires não é um desafio. Montevidéu envia mensageiros para o Rio de Janeiro e recruta ajuda dos portugueses. Enquanto isso, novas forças leais à coroa avançam no território do que hoje é a Argentina desde o Alto Peru (hoje Bolívia), onde batalhas pela independência também foram travadas⁶⁹. Frente a essas novas ameaças, e às invasões portuguesas no território da Banda Oriental, Buenos Aires decide firmar um pacto com a coroa e assina um armistício⁷⁰, em que é negociado com o governador espanhol do Vice-Reino do Rio da Prata a entrega do território da banda oriental.

O general Artigas, nomeado “chefe dos orientais”⁷¹ durante o sítio, encontra o Uruguai novamente ligado à Espanha. Decide organizar a resistência e continuar a guerra. Mas manter o sítio e continuar na mesma posição significava correr o risco de perder o que já havia sido conquistado até então, além de terras, bens, familiares e vidas. O general organiza uma marcha de retirada que ficaria conhecida como o Êxodo dos Orientais. A marcha atravessa o país, percorrendo mais de 500 quilômetros em um espaço de tempo de 64 dias, chegando até a província de Entre Rios, na Argentina, e reúne uma quantidade impressionante de pessoas e animais. A mando do general foi feito um levantamento entre aqueles que acompanhavam a marcha: havia cerca de 900 famílias, 4.426 pessoas, entre elas 486 escravos. Além de civis estavam as tropas do general, composta por cerca de 4.000 homens, e os charruas, que haviam estabelecido uma aliança militar com Artigas contra os invasores portugueses. Esses acompanhavam a marcha em seus próprios termos e seus acampamentos eram separados. Cerca de 40 mil cavalos e 8 mil bois de tração, além do gado para consumo diário, ainda reforçaram a marcha. Na época havia

⁶⁸ Ocorrida em 1811, é considerada o primeiro grande trunfo militar de José Artigas, que comandou o chamado “ejército patriota de la Junta Grande de las Provincias Unidas del Río de la Plata”, atuando no território da banda oriental.

⁶⁹ Batalha de Cotagaita, Batalha de Suipacha e Batalha de Aroma, todas ocorridas em 1810, na esteira da Revolução de Maio.

⁷⁰ Tratado de Pacificação entre o governo de Buenos Aires e o vice-rei Francisco Javier de Élio, de 20 de Outubro de 1811. O tratado foi firmado em Montevidéu, declarada capital do vice-reino do Rio da Prata em 19 de Janeiro do mesmo ano.

⁷¹ “*jefe de los orientales*”

cerca de 30 mil pessoas no território a leste do rio Uruguai, e estima-se que cerca de um terço dessa população acompanhou o general Artigas nesse êxodo fundante⁷².

Na última metade do século XIX, essa marcha, que antes foi vista como expressão da barbárie e do horror, segundo a historiadora Ana Frega, passa a ser vista como elemento formador da identidade nacional, como o começo de um sentimento de “orientalidade”⁷³. Na época o episódio ficou conhecido como “*la redota*”, nome que por muitos é interpretado como expressão *gauchesca* para “a derrota”⁷⁴. Frega explica que isso é um equívoco comum, que é necessário levar em conta os sentimentos e humores dessas pessoas que, segundo ela, não era de derrota. Para a historiadora, a expressão denota apenas “rotas”, caminhos, trajetos. A intenção desse general, que chegaria a ser visto como o grande prócer do Uruguai, era montar um governo republicano e federalista em um território que abrangia não só o atual Uruguai, mas parte do Rio Grande do Sul e algumas províncias da Argentina, o que muito ressoa com as descrições da existência de uma “Pátria Grande” por vários dos entrevistados.

É válido ressaltar que não só esse episódio específico sofreu uma mudança considerável na maneira como era visto e interpretado. A própria figura do general Artigas foi vista e revista mais de uma vez. No entanto, uma vez que os entrevistados para este trabalho estiveram, durante a sua formação escolar e até mesmo depois, imbuídos dessa narrativa mítica, é interessante que se saiba o que a compõe. São esses elementos que serão mobilizados para compor a identidade uruguaia, os traços que serão utilizados e reforçados quando este cidadão estiver em território estrangeiro. Torna-se relevante ter em mente a narrativa e as mudanças dentro dessa própria narrativa sobre eventos marcantes para a constituição de um “mito de origem”.

⁷²Existem dados conflitantes acerca do número total de pessoas que participaram da marcha, com alguns estudos colocando o número de 15.000 participantes.

⁷³ Embora o termo para designar a identidade nacional seja “uruguaio”, na linguagem formal, o mais utilizado até hoje no país é “oriental”.

⁷⁴ O termo “*la redota*”, à época, era uma palavra que caracterizava como algo vulgar, rude.

Apenas em 1855 as cinzas do “fundador da nacionalidade” são repatriadas, já que o general morreu no Paraguai⁷⁵. É em 1883 que a marcha ganha, do historiador Clemente Figueiro, o nome de êxodo, com todas as conotações bíblicas que vinham atreladas. A ideia de um patriarca guiando o povo para uma terra livre do jugo dos opressores perdura por muito tempo e, segundo Frega, essa ideia de um herói criador que minimizava o papel do povo só serviu às classes dominantes de todas as épocas. Em meados do século XX, o jornal *El País* publica uma série de artigos sobre o prócer, entre os quais um artigo de Carlos Maggi, que resgata o termo *la redota*, e propõe que se substitua pelo “êxodo”, já que a primeira expressão seria mais característica da cultura rural do movimento. Durante a década de 1960 surge uma outra imagem de Artigas, de um homem do campo, revolucionário, idealista de uma união latino-americana. Essa nova forma de retratar o general é combatida pela ditadura militar, que desde 1973 proíbe o uso do nome de Artigas em espetáculos musicais e teatrais através da censura, e considera uma afronta aos valores nacionais o conteúdo social e revolucionário do artiguismo.

Com as invasões do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a partir de 1816, vários povoados do Uruguai são tomados e ocupados. Depois de anos batalhando, em 1821, o Uruguai é finalmente anexado⁷⁶ ao território do Império luso-brasileiro, tornando-se a Província Cisplatina⁷⁷. Esse momento de grande confusão e indefinição para esse território, ora argentino, ora espanhol, ora português, é indicado por Carlos Real de Azúa “como um dos turbilhões problemáticos que ameaçaram o precário equilíbrio conseguido pelo ocidente após a derrota de Napoleão”⁷⁸ (FREGA, 2009, p. 102). Autoridades estrangeiras, sobretudo inglesas, tiveram papel fundamental na resolução desses conflitos.

⁷⁵ Artigas exilou-se no Paraguai após derrota na Batalha de Tacuarembó, de 22 de Janeiro de 1820, que consolida de vez o domínio luso-português sobre a banda oriental. Morto em 1850, não participou dos movimentos que levaram a independência do Uruguai em 1828.

⁷⁶ Em 15 de Julho de 1821, é instalado um Congresso em Montevideu que decide, no dia 18 do mesmo mês, pela incorporação ao Brasil, sob a justificativa de que o território não teria condições de possuir autonomia própria, que a população estaria farta do domínio espanhol e que a anexação seria a única maneira de garantir a ordem na região (PEREIRA: 2007, p. 19-20).

⁷⁷ De origem latina, o prefixo “cis” indica “ao mesmo lado”, “posição aquém”.

⁷⁸ *como uno de los remolinos problemáticos que amenazaban el precario equilibrio logrado en el costado occidental del mundo tras la derrota de Napoleón.*

Ana Frega (2009) faz um apanhado das correspondências diplomáticas entre cônsules ingleses da época, e desenha um panorama bastante intrigante. Thomas Samuel Hood, agente britânico que não foi reconhecido como cônsul oficialmente, já que vinha para um território bastante indefinido politicamente, manifestava um certo ceticismo sobre o futuro dessa nova entidade política, afirmando que se não contasse com o apoio de “algumas nações desinteressadas”, seria conduzida “a uma interminável anarquia e confusão, a destruição da melhor parte, de longe, da América do Sul” (FREGA, 2009, p. 119). Já John Murray Forbes, representante diplomático dos Estados Unidos em Buenos Aires, acreditava que a saída proposta pela Grã Bretanha era “a criação de um Governo neutro e independente na Banda Oriental, sob a garantia da Inglaterra”, arranjo que “provavelmente faria de Montevideú um porto livre”. Em sua opinião, segundo Frega, aquilo era equivalente para formar uma colônia disfarçada. A elite do país, liderada por seguidores de Artigas, se dividia entre separatistas, que queriam o estabelecimento de um país completamente independente; e unionistas, que queriam a anexação às Províncias Unidas do Rio da Prata, numa espécie de federalismo. Havia até mesmo aqueles que defendiam a permanência no território brasileiro e os que defendiam a incorporação ao Reino Unido sob a forma de protetorado, estes últimos comerciantes interessados nos benefícios que derivariam desse arranjo.

Em 1828, Hood lamenta não poder obter maior informação sobre os “verdadeiros sentimentos” das pessoas, devido ao fato de estarem “cansados da prolongação da guerra, desejam a paz em quase qualquer termo, e por tanto se transformaram completamente passivos em política”.

Assim é assinada, no Rio de Janeiro, a Convenção Preliminar de Paz, depois de contínuas disputas e com o apoio da Inglaterra, em 27 de agosto de 1828⁷⁹. Através desse acordo, o Imperador do Brasil e o Governo da República das Províncias Unidas declaram sua vontade de que a Província de Montevideú (Cisplatina) se constituiria em um estado livre e independente. Foram dispostos também os termos em que ambos beligerantes desocupassem o território, além

⁷⁹ Acordo que encerra o confronto iniciado em 1825, conhecido por Guerra da Cisplatina” (pelo lado brasileiro), Guerra del Brasil (para além das fronteiras do Brasil).

da nomeação de um governo provisório, a aprovação de uma Constituição e o apoio à estabilidade do novo Estado. A Convenção fazia a ressalva, porém, de que a navegabilidade do Rio da Prata estaria garantida.

A Convenção que oficializa a existência do que será o Uruguai é então redigida em português e assinada por Brasil e Argentina. Surge o "Estado tampão" entre as duas grandes forças da América Latina, função que atendia interesses ingleses, dentre outros. Gerardo Caetano (1990, p. 23) chega a dizer que:

"Não há uruguaio que não saiba, no fundo do coração, que o Uruguai nasceu para a história como um 'Estado-tampão'. É um fantasma persistente, não iluminado pela acrobacia teimosa da nossa velha historiografia para o censurar" (tradução nossa).⁸⁰

No entanto, essa Convenção elaborada às pressas sequer delimitava o território desse novo Estado que, dentre outros, teve que enfrentar esse problema para se consolidar como tal nos primeiros anos de sua vida independente. A fronteira com o Brasil, única "fronteira seca" do país, não foi delimitada até outubro de 1851⁸¹. A historiografia uruguaia de caráter nacionalista atribui esse silêncio absoluto ao interesse expansionista dos vizinhos (ISLAS, 2009, p. 169).

Assim, o domínio sobre esse território indefinido parecia refletir um espaço de pactos e encontros violentos entre diferentes grupos sociais e culturais. Islas (2009) cita José María Reyes, que escreve em meados do século XIX, e informa que o território, que tinha sua população instalada desde os rios Daimán até o Quareim e era "hostilizada tenazmente pela tribo Charrúas", não seria controlada efetivamente até 1831, data em que ocorre o extermínio desses indígenas. Reyes faz aí uma menção ao famigerado Massacre de Salsipuedes, onde tropas governamentais comandadas por Fructuoso Rivera - que viria a ser o primeiro

⁸⁰ "no hay uruguayo que no sepa, en el fondo del corazón que el Uruguay nació a la historia como 'Estado tapón'. Es un fantasma persistente, no iluminable por las empecinadas acrobacias para censurarlo de nuestra vieja historiografía" (CAETANO, 1990, p. 23)

⁸¹ "Tratado de Limites Entre o Brazil e a República Oriental do Uruguay", de 12 de Outubro de 1851. Alguns artigos foram alterados posteriormente por um novo Tratado entre os dois Estados, firmado em 30 de Outubro de 1909.

presidente constitucional do país pelo Partido Colorado - conduzem o que veio a ser o ponto alto do extermínio dos índios charruas.

E é nesse período, após a assinatura da Convenção Preliminar de Paz, que os dois partidos tradicionais são fundados: o Partido Nacional ou Blanco e o Partido Colorado. Ambos são fundados por seguidores de Artigas, que o acompanharam no êxodo e, durante um período, seguiram suas ordens nas tropas revolucionárias. É possível dizer em linhas gerais que o Partido Nacional era defensor de uma oligarquia rural e o Colorado de interesses de grupos urbanos da capital, vinculados ao desenvolvimento liberal de mercado. Esses dois partidos irão se revezar no poder, criando um sistema com feições bipartidárias, até a fundação do Frente Amplo⁸² em 1971 e sua vitória nas urnas em 2004, que finalmente transformará o cenário político do país em um sistema de três terços. (NEGRI, 2009).

Assim se estabelecem as bases para a formação do Estado que viria a tornar-se conhecido como a “Suíça da América”. Um estado cuja economia era baseada principalmente na pecuária, designado durante muito tempo como um país democrático, com predomínio das classes médias e um sistema, para fins práticos, bipartidário.

2.2 - A era Battle: O país formado pelos que vieram nos barcos.

Em 1903, com a eleição de José Batlle y Ordoñez, que pertencia a um setor minoritário do partido Colorado, e a conseguinte implantação do "modelo batllista" o país se desenvolve economicamente, baseando-se no intervencionismo do estado, exportação de produtos primários (carne, couro e lã principalmente) e indústria de bens finais para consumo interno. O modelo batllista foi altamente reformista, implementando mudanças fundamentais nas políticas de Estado do país. Esse modelo consolidou a primazia do Estado sobre o indivíduo, e nas primeiras décadas do século XX, estabeleceu as bases de uma identidade nacional que perduraria.

⁸²Ver nota de rodapé número 31.

O modelo de Batlle é o que instaura o laicismo de estado com sua força total, que promove uma integração uniformizante, defende e constrói uma sociedade hiperintegrada, como diz Caetano (2011). A meta desse Estado era construir um “*crisol de identidades*”, o *melting pot* norte americano. Caetano diz ainda que esse método obteve um sucesso inquestionável na forja de uma nacionalidade inclusiva, mas ao mesmo tempo implementou, de maneira indireta, uma sanção à diferença. A integração valia para certos estereótipos sociais e culturais. Como já vimos anteriormente, a discriminação contra os indígenas, por exemplo, continuava presente de tal forma que a própria existência desse grupo como parte de um Uruguai unificado era negada.

Gerardo Caetano cita o escritor Horacio Araujo Villagran, que em 1929 publicou um livro intitulado *Estoy orgulloso de mi país*, por ocasião das festividades do Centenário, no qual o autor enumera os seus motivos de orgulho e insiste em alguns temas que pareciam estar em voga:

Repetimos que na República não há índios, que em outros países do continente eles constituem um óbice. Isso significa que os dois milhões de habitantes que hoje compõem a população absoluta do território uruguaio valem muito mais do que os seis ou oito milhões de índios semi-selvagens, que figuram em números nas estatísticas de outros países americanos. Para a formação do tipo nacional entrou apenas uma raça, a raça branca; mas houve o cruzamento de brancos de vários países. O resultado desta mistura tem sido um tipo que ama o solo nativo, é apaixonado pela educação, zeloso pelas instituições, interessado e apaixonado pela vida pública. É um homem que não é nem física nem intelectualmente inferior ao europeu, pois sabe evoluir, marchar com o progresso, e fazer do seu país uma das vanguardas da civilização. (VILLAGRAN apud CAETANO, 2011, p. 113, tradução nossa)⁸³

O trecho citado é, sem dúvida, uma fala racista, e faz parte de um imaginário em voga na época. O discurso muito propagado de que o país, por ter antepassados brancos e não nativos, o que por si só já não é factualmente

⁸³ Hemos repetido que en la República no hay indios, que en otros países del continente constituyen la rémora. Quiere esto significar, que los dos millones de habitantes que forman hoy la población absoluta del territorio uruguayo valen mucho más que los seis u ocho millones de indios semi-salvajes, que figuran haciendo número en las estadísticas de otros países de América. Para la formación del tipo nacional ha entrado solamente una raza, la raza blanca; pero ha habido el cruzamiento de blancos de diversos países. De esta mezcla ha resultado un tipo amante del suelo nativo, amigo de instruirse, celoso de las instituciones, que se interesa y apasiona por la vida pública. Es un tipo que no denota ninguna inferioridad ni física ni intelectual con respecto al europeo, ya que sabe evolucionar, marchar con el progreso, haciendo que su país forme en las filas de vanguardia de la civilización. (VILLAGRÁN apud CAETANO, 2011, p. 113)

correto, era superior aos seus vizinhos, acabou deixando resquícios que ainda formam parte do imaginário nacional.

Além disso, até meados da década de 60 o país desfruta de prosperidade econômica e usufrui de um estado de bem estar social, iniciado pelo modelo Batlle, raro para a época. Esse estado de bem-estar acaba sendo, de certa maneira, associado aos discursos que aproximavam o Uruguai da Europa, seja em sua aparente composição racial, seja na qualidade de vida da qual usufruíam seus cidadãos.

O modelo de Batlle foi a base de um modelo econômico e tornou o país pioneiro na aprovação da lei de jornada de trabalho de oito horas diárias (RANINCHESKI, 2010, p. 23). Foi o primeiro país da América Latina, também, a garantir o direito ao divórcio, em 1917, um dos primeiros a estabelecer o sufrágio feminino e a segunda nação do mundo a implementar um sistema educativo gratuito obrigatório e laico. A implementação e reforço da laicização do Estado, e principalmente das escolas laicas, foi uma bandeira importante para Batlle, e um fator importante nessa consolidação de uma nova idéia de cidadania e nacionalidade.

Para Abel Pérez, um influente pedagogo batllista, a escola servia como “usina produtora de patriarcas”. A saída de deus das escolas e a implementação de uma moral laica afirmaria uma noção de pátria compartilhada por esses novos cidadãos (CAETANO, 2011). Nesse período foram construídas várias escolas públicas, foram formulados cursos noturnos para adultos e criadas escolas para alunos especiais. Para Pérez, “as desigualdades sociais, ante as quais nada pode fazer a lei, não transpassam nem devem transpassar as portas da escola, dentro da qual todos os alunos são iguais” (PÉREZ apud CAETANO, 2011, p. 227, tradução nossa)⁸⁴. Nesse processo os estados delegaram a educação uma função dupla: atuar como guardião e transmissora de bens e valores culturais, inclusive inventando tradições se necessário, e a de ser artífice da socialização, papel chave num país formado pelos que “bajaron de los barcos” (CAETANO,

⁸⁴ “*las desigualdades sociales, ante las cuales nada puede hacer la ley, no transpasan ni deben transpasar los umbrales de la Escuela, dentro de la cual todos los alumnos son iguales.*” (PÉREZ apud CAETANO, 2011, p. 227)

2000, p. 70). Essa ancestralidade branca mítica, imaginária, acaba por invisibilizar estratos inteiros da população uruguaia, que até hoje lutam em busca de reconhecimento, representação formal e reparação. No entanto, era essa a origem transmitida pelo sistema educacional da época. Tudo isso justificava o esforço do Estado para atrair os jovens para suas escolas, habilitando o abandono definitivo de suas tradições de origem, impondo um idioma nacional novo e monolítico, uma nova história e etc, transformando-os assim em cidadãos e trabalhadores modernos.

A criança semi-selvagem do campo [...] vai à escola não só para aprender a ler e escrever, mas principalmente para trocar suas esfarrapadas vestimentas por uma melhor, depois para aprender a dominar as manifestações violentas dessa natureza indomável e selvagem acrescida por sua vida errante e livre [...] Depois aprenderá ali a homenagear os heróis que lhe deram a terra onde mora, a amar essa mesma terra e aprender como ela cresce e progride e aprender os deveres e obrigações do cidadão, ele vai descobrir as maravilhas do trabalho humano. [...] A escola primária é, portanto, o primeiro elemento para a formação indispensável na formação da vida coletiva civilizada. Os novos países, cuja população é composta pela inundação promíscua de todas as nacionalidades da Europa, juntamente com os indígenas, devem dar grande importância à educação primária. (PÉREZ; ABEL apud CAETANO, 2000, p. 71, tradução nossa).⁸⁵

Destaca-se, portanto, a importância da escola, da educação e do sistema público em todos os níveis como um dos valores forjados no princípio do século XX e mantidos ao longo do tempo. A importância desse sistema público educacional ainda aparece nas entrevistas feitas

2.3 - O século XX: Comemorações de Centenário, ditadura militar e redemocratização

A comemoração do Centenário, em 1930, segundo Caetano (2011) marca uma síntese de processos que vinham ocorrendo desde o início do século. Processos de reafirmação de identidades, de reformas sociais, e de construção

⁸⁵ *El semisalvaje niño de campo [...] va a la escuela no sólo para aprender a leer y escribir, sino principalmente para cambiar su andrajosos traje por otro mejor, después para aprender a dominar las violentas manifestaciones de esa indómita y salvaje naturaleza agigantada por su vida errante y libre [...] Va luego a aprender allí a rendir culto a los próceres que fueron los que le dieran la tierra donde vive, a amar esa misma tierra y conocer cómo se engrandece y progresa y aprender los deberes y obligaciones del ciudadano, va a conocer las maravillas del trabajo humano. [...] La escuela primaria es pues elemento primero para la formación indispensable en la formación de la vida colectiva civilizada. Los países nuevos, cuya población se compone del promiscuo aluvión de todas las nacionalidades de Europa, juntamente con los indígenas, deben dar una grandísima importancia a la instrucción primaria.* (PÉREZ; ABEL apud CAETANO, 2000, p. 71).

de um Estado mais forte que o cidadão. As ideias de nação e cidadania se converteram em uma coisa única, confusa.

E foi durante as primeiras décadas do século XX, especialmente pela celebração desse centenário, que a sociedade uruguaia pode completar seu primeiro modelo de configuração nacional (CAETANO, 2000, p. 09).

Por muitos motivos, as comemorações e debates do centenário tornaram-se o símbolo identificador por excelência do primeiro momento de apogeu dessa síntese da identidade uruguaia. E nisso, como vimos, cidadania e nação tendiam a associar seus significados de forma sensível para a maioria dos uruguaios (CAETANO, 2011, p. 111, tradução nossa).⁸⁶

As celebrações e disputas que envolveram o Centenário permitem identificar com bastante clareza a divisão partidária forte que permeia a construção do país. O batllismo, por um lado, concebeu o Centenário para afirmar certos aspectos centrais da sua “reforma moral”. Assim, defendeu a ideia de uma celebração mais orientada ao futuro que ao passado, associada com a execução de um amplo plano de obras públicas e leis sociais. Os nacionalistas – com firme apoio da Igreja Católica, que vinha perdendo espaço com as reformas empreendidas pelo batllismo – defenderam com muito vigor a data do 25 de agosto como dia da independência nacional, denunciando o que julgavam ser um boicote de batllistas e colorados para diminuir todas as celebrações vinculadas com os acontecimentos protagonizados pela “Cruzada Libertadora” de 1825⁸⁷. Nesse marco, era muito frequente a contraposição pelos nacionalistas das figuras de Artigas e Batlle, invocando-se de forma reiterada a opinião de que este não se contava entre os “devotos de Artigas” e que os batllistas não eram artiguistas. Em 1913, o jornal *La tribuna Popular* chega a denunciar a atitude “prescindente” do governo presidido por Batlle frente a reivindicação da ereção de um monumento a Artigas.

⁸⁶ *Por múltiples motivos, las celebraciones y los debates del centenario se constituyeron en el símbolo identificador por excelencia del primer momento de apogeo de esa síntesis de identidad uruguaya. Y en esta, como vimos, ciudadanía y nación tendieron a asociar en forma entrañable sus sentidos para la mayoría de los uruguayos* (CAETANO, 2011, p. 111)

⁸⁷ Nome dado a expedição realizada pelo grupo “Os 33 Orientais”, com o objetivo de impulsionar a causa independentista, concretizada em uma proclamação unilateral de independência de 25 de Agosto de 1825, respondida pelo Imperador brasileiro Dom Pedro II com uma declaração de guerra aos insurgentes.

Os poderes públicos não cumpriram, mesmo entre nós, o primeiro dos deveres que o patriotismo lhes impõe. O monumento a Artigas destaca-se pela sua ausência no centro da nossa grande praça. Decretada há muitos anos, sua ereção se assemelha ao Messias dos judeus: o povo uruguaio o espera sem saber quando chegará. (CAETANO, 2000, p. 35, tradução nossa)⁸⁸

Durante a década de 60 o país mergulha em uma grave crise social. Sua economia depende das divisas geradas pelo setor pecuarista, que está estancado desde a década de 30. Além disso, a carência de recursos naturais não alimentícios e a pequena dimensão do Estado não permite que as exportações alcancem níveis competitivos. O plano do governo que tomou posse em 1959, do Partido Blanco, foi preparado pelo Fundo Monetário Internacional. Coube então à população uruguaia enfrentar as consequências desse plano – abandono do protecionismo industrial, arrocho salarial, liberação das taxas sobre importação e autofinanciamento das autarquias. E ainda a renovação do acordo em 1962 prometeu eliminar, com a maior brevidade possível, os subsídios ao custo de vida. A crise econômica que se agrava nesse período desmonta aos poucos a imagem construída nas décadas anteriores de país idílico, “Suiça da América”.

Paralelamente ocorrem acirradas lutas dentro da sociedade uruguaia. Sindicalistas, apoiado por estudantes universitários, travam batalhas para defender seus salários. E a direita, encorajada pela Embaixada dos Estados Unidos, começa a operar com métodos fascistas. Surge nessa década as organizações que se pronunciam nos anos da ditadura: o Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros⁸⁹ e do outro lado O esquadrão da morte (milícia paramilitar) e a Juventude Uruguaia de Pé⁹⁰ (*JUP*). Sob um governo conduzido por uma oligarquia de grandes empresários – somando os ativos de todas as empresas representadas pelos titulares, colocados em postos importantes do governo, o poderio econômico da equipe governamental era estimado em 50 milhões de dólares – as empresas estatais foram abandonadas ou privatizadas.

⁸⁸ *Los poderes públicos no han cumplido, aún entre nosotros, el primero de los deberes que el patriotismo les impone. El monumento a Artigas brilla por su ausencia en el centro de nuestra gran plaza. Decretada hace ya bastantes años, su erección se parece al Mesías de los judíos: el pueblo uruguayo lo espera sin saber cuándo va a llegar.* (CAETANO, 2000, p. 35)

⁸⁹ *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros*

⁹⁰ *Juventud Uruguaya de Pie*

O país entra em um processo de crescente acentuação da crise econômica, aumentando em proporções astronômicas a dívida externa do país.

A partir de julho de 1968 houve grande repressão social, partidos políticos de diversas vertentes e sindicatos foram postos na ilegalidade, jornais e semanários foram fechados, centenas de uruguaios foram presos e as Forças Armadas começaram a ser altamente beneficiadas em termos econômicos.

Nas eleições de 1971 a esquerda uruguaia busca uma vitória nas urnas, formando uma grande coligação das forças de esquerda, que constituíram o Frente Amplo. Porém, após um período eleitoral bastante conturbado, sai vitorioso Juan Maria Bordaberry, poderoso fazendeiro vinculado ao ruralismo. Bordaberry assume em 1 de março de 1972 e quarenta dias depois decreta o “estado de guerra interno”. São suspensas as garantias individuais, o direito de reunião e a inviolabilidade do domicílio. Contudo, sob o pretexto de que a subversão continuava agindo no país, a 27 de junho de 1973 concretiza-se o golpe de Estado. Nesse dia é divulgado, por uma cadeia de rádio e televisão, o texto decreto assinado pelo Presidente da República, que declarava a dissolução do Congresso. Através do mesmo texto, criava-se um Conselho de Estado, com o objetivo de desempenhar “as funções específicas da Assembleia Geral”. Prevê-se a elaboração de um anteprojeto de Reforma Constitucional “a ser oportunamente submetido a plebiscito” e se proíbe a divulgação, pela imprensa oral, escrita e televisada, de “todo o tipo de informação, comentário ou gravação que direta ou indiretamente possa mencionar ou se referir ao disposto pelo atual Decreto atribuindo propósitos ditatoriais ao Poder Executivo, ou possa perturbar a tranqüilidade e a ordem públicas” (JCC, 1976).

No mesmo dia do Golpe começa uma grande paralisação de todas as indústrias, serviço público estatal e privado, autarquias comerciais e industriais do Estado, administração, transporte, atividades portuárias, bancárias e comerciais. Essa greve, apoiada pelo Frente Amplo e pelo Partido Nacional, dura quinze dias e é até hoje a mais longa da história uruguaia.

Depois de um período militar longo e violento, em março de 1985 o governo retorna às mãos dos civis. Segundo dados da SEDH (Secretaria

Especial de Direitos Humanos), no relatório “Direito à Memória e à Verdade” (2007), foram mais de 400 mortos e desaparecidos durante o período ditatorial uruguaio. Muitos deles foram assassinados na Argentina. Em 1985, ainda, é aprovada uma lei de anistia que excluía todos os delitos cometidos a partir de 1962 relacionados a ações subversivas, mas deixava de fora os policiais e militares que houvessem cometido delitos na luta antissubversiva. Em 1986 é aprovada outra lei, a Lei 15.848 de Caducidade da Pretensão Punitiva do Estado⁹¹, que anistia os militares. Essa lei será fruto de polêmicas e plebiscitos até o ano de 2011, quando o parlamento uruguaio aprova uma lei que derruba a Lei de Caducidade, que garantia a anistia.

Com uma economia em recessão desde a década de 60, em 2002 a crise atinge seu ápice, com uma severa e violenta crise bancária, resultante da crise da Argentina em 2001. Por possuir até então um sistema bancário bastante atrativo (possibilidade de se fazer depósitos em qualquer moeda, facilidade para abrir contas novas e histórico de intervenção do Banco Central em benefício dos bancos) milhares de argentinos tinham depósitos em bancos uruguaio, e a crise ocorrida nesse país resultou em uma retirada maciça desses depósitos, atingindo o sistema bancário uruguaio até quase seu colapso. Fernando Antía (2002) apresenta dados em seu artigo que permitem vislumbrar a amplitude da crise. Assim, como consequência dessa crise devastadora, os salários reais sofreram uma queda brutal e a taxa de desemprego atingiu seu ápice. Segundo Antía (2002, p. 148),

Nos primeiros nove meses de 2002 houve uma formidável fuga de capitais. Mais de 6.000 milhões de dólares foram sacados de depósitos constituídos no sistema bancário, quase 46% do total existente no final de 2001. Os depósitos de não residentes caíram 65% e os de residentes quase 30% (tradução nossa) ⁹²

Todos esses fatores colaboraram para que, em 2005 fosse eleito o socialista Tabaré Vázquez, candidato pelo Frente Amplo. É a primeira vez na história do país que um candidato de um partido não tradicional chega ao poder.

⁹¹ Ley 15.848 de Caducidad de la Pretensión Punitiva del Estado.

⁹² En los primeros nueve meses de 2002 se produjo una formidable fuga de capitales. Se retiraron más de 6.000 millones de dólares de los depósitos constituidos en el sistema bancario, casi 46% del total existente a fines de 2001. Los depósitos de no residentes cayeron en un 65% y los de residentes casi en un 30%.

Em 2010 o ex-guerrilheiro, também do Frente Amplo, José Mujica, é eleito para a presidência, no segundo mandato consecutivo do Frente Amplo.

2.4 - A migração como fenômeno uruguaio

O fenômeno das migrações uruguaias se inscreve em um cenário que o deixou conhecido como um país de emigração. Esse histórico, no entanto, não é tão recente como se crê, já que seu início pode ser traçado ao final do século XIX. Ao mesmo tempo em que o país recebia imigrantes procedentes dos mais diversos lugares do mundo, uruguaio nativos deixavam o país e outros emigrantes retornavam aos seus países de origem ou continuavam seu processo migratório pela América Latina. Estima-se que cerca de 60 milhões de europeus emigraram com destino à América Latina durante o século XIX e início do século XX, concentrando-se especialmente entre 1870 e 1913, período no qual quase não existiam controles ou limitações políticas para esses deslocamentos (CROZA, 2015).

Os fluxos emigratórios importantes no Uruguai, por sua vez, começam durante a presidência do coronel Lorenzo Latorre, quando se dá um primeiro movimento de reorganização da paisagem rural do país. A concentração da propriedade de terra sob um sistema de latifúndios e pecuária extensiva se soma à atração de centros urbanos em desenvolvimento, como Montevideu e a vizinha Buenos Aires. No entanto, nesse primeiro momento o fluxo dos que deixavam o país passou despercebido frente ao número de pessoas que chegavam, principalmente no período entreguerras e pós-guerra. O fluxo massivo de movimentos migratórios para o Uruguai se encerra ao final da década de 1950, quando a economia do pequeno país começa a apresentar sinais de deterioração, devido sobretudo ao que ocorria com os que antes tinham sido grandes compradores de produtos uruguaio, que por sua vez também sofriam as consequências do pós-guerra. Ana, uruguaia que migra para a Costa Rica, fala um pouco sobre esse movimento migratório interminável, e menciona que mesmo a época de seus pais já estava presente a possibilidade da migração:

Antes da ditadura, eu...Muita gente foi embora. Meus pais pensaram em ir embora numa época para Venezuela. Nós íamos aí. O uruguaio é assim, muito migrante. E agora com esta nova nota de imigrantes

venezuelanos, cubanos, também, vem toda uma geração de gente que tem um pé aqui, outro lá. E vão querer ir e vir. E isso não se acaba. E, bom. Há coisas que não me gostam do Uruguai, mas muitas coisas que me gostam do uruguio (tradução nossa)⁹³ (informação verbal).⁹⁴

Quando diz que “o uruguio é assim, muito migrante”, Ana está reproduzindo algo presente no imaginário nacional. Como se fosse parte da identidade dos uruguaios, de ser cidadão desse país, o fato de ser migrante. Já imbuído na socialização, mesmo antes dos fluxos atuais, mesmo antes da saída em massa durante as ditaduras, estava posta a possibilidade de sair. Mas no seu discurso, Ana traz ainda uma outra informação. Em que pese que os fluxos de saída ficassem subsumidos aos de chegada na década de 1950, havia já uma saída considerável. E ainda que fuja do escopo de análise a que se propõe esse trabalho, essa intensificação no fluxo de imigrantes, pessoas que chegam ao Uruguai, parece estar se intensificando novamente.

Para lidar com os problemas econômicos do período, políticas econômicas neoliberais foram implementadas, acompanhadas de perto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). A implementação dessas políticas não trouxe resultados positivos, levando à crise de 1965. O fechamento de um dos grandes bancos da época, o Transatlântico, provocou uma corrida para efetuar saques, resultando em um feriado bancário de 15 dias decretado pelo governo. Essa crise provocou inflação, greves e desvalorização da moeda local. E, novamente, emigração. Nesse momento, começa a haver também uma ampliação dos destinos aos quais se dirigiam os uruguaios. A Argentina, vizinha, continua sendo a preferência, absorvendo mais da metade dos uruguaios emigrantes. Os outros destinos escolhidos foram Estados Unidos, Austrália, o vizinho Brasil e, em menor escala, Espanha, Venezuela e Canadá. Entre 1963 e 1975 emigraram do país 185.710 pessoas (SANTIAGO, 2009).

E fomos embora porque era toda essa época da ditadura da democracia, todos esses problemas e havia razias e havia arrombamentos e coisas. Nós morávamos em Minas, na cidade de Minas. Porém meu esposo

⁹³ *Antes de la dictadura, yo... Mucha gente se fue. Mis padres pensaron en irse una época a Venezuela. Nos íbamos ahí. El uruguayo es así, muy migrante. Y ahora con esta nueva nota de inmigrantes venezolanos, cubanos, también, viene toda una generación de gente que tiene un pie acá, otro allá. Y van a querer ir y venir. Y esto no se acaba. Y, bueno. Hay cosas que no me gustan de Uruguay, pero muchas cosas que me gustan del uruguayo.*

⁹⁴ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

estava centralizado allí, ele era agente viajero. [...] E então, bom, e se suscitaram alguns, algumas coisas de perseguições de coisas e assim, e justamente Austrália chamava a imigrantes. Assim que eu organizei tudo e em seguida saiu pra nós rapidíssimo, porque tínhamos três filhos. Os de Austrália queriam que tivessem filhos (tradução nossa)⁹⁵ (informação verbal).⁹⁶

A maioria desses uruguaios estavam em idades produtivas, entre 20 e 29 anos. Além disso, o nível de instrução era superior à média da população: enquanto que apenas 3% da população do país tinha ensino superior em 1975, 5,8% dos emigrantes tinham um diploma. Saíram os mais jovens e mais preparados (SANTIAGO, 2009, p. 29).

O período que se segue, entre 1975 e o próximo censo, em 1985, viu uma emigração de 122.804 pessoas (FORTUNA, 1988). A maior parte dessa emigração ocorre nos primeiros anos desse intervalo, como consequência da crise internacional do petróleo de 1973 e, principalmente, do período de ditadura cívico-militar que se segue. A fala a seguir é de Hernán, que teve que deixar o país após a detenção e encarceramento de seu pai. A família, mãe e irmãos, foi para o Rio, e de lá seguiu para a Suécia:

estávamos sob a proteção da ONU, de ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Bom, e ACNUR foi o que nos arrumou o asilo com Suécia. A Suécia nos aceitou já estando nós no Rio. E aí colocaram-nos num avião e nos mandaram para Estocolmo. Os suecos mesmos (tradução nossa)⁹⁷ (informação verbal).⁹⁸

Na década de 70 a solução migratória se apresenta como uma resposta social à crise vivida. Alguns autores falam de uma cultura de emigração

⁹⁵ *Y nos fuimos porque era toda esa época de la dictadura de la democracia, todos esos problemas y había había razias y había allanamientos y cosas. Nosotros vivíamos en Minas, en la ciudad de Minas. Pero mi esposo estaba centralizado allí, él era agente viajero. [...] Y entonces, bueno, y se suscitaron algunos, algunas cosas de persecuciones de cosas y así, y justo Australia llamaba a inmigrantes. Así que yo organicé todo y enseguida nos salió rapidísimo, porque teníamos tres hijos. Los de Australia querían que tuvieras niños.*

⁹⁶ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

⁹⁷ *estávamos bajo la protección de la ONU, de ACNUR, Alto Comisionado de las Naciones Unidas para Refugiados. Y bueno, y ACNUR fue el que nos arregló el asilo con Suecia. Suecia nos aceptó, ya estando nosotros en Río. Y ahí nos pusieron en un avión y nos mandaron para Estocolmo. Los suecos mismo.*

⁹⁸ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

arraigada no imaginário social, principalmente entre grupos de jovens. O relato abaixo é também de Hernán, e toca no tema do passado fictício, em que todos vieram dos barcos, em que a opção de emigrar é quase inata.

Sim, mas nós somos, não sei, não sei o que é... não sei, para mim, deve ser aquela impregnação que existe, do ponto de vista econômico, que tenha priorizado mais o econômico... Para mim não é só a coisa econômica, porque você começa a falar... Conheço pessoas que, mais ou menos, estavam bem financeiramente e que não precisavam sair... E suas famílias eram abastadas, ou seja, seus pais tinham um bom passar, e eles tinham o apoio deles, e acabaram indo do mesmo jeito, você me entende? Gente, como você disse, [...] com formação acadêmica, então... É uma coisa que, não sei, capaz que..., não sei... Ser uma população 100% de imigrante, porque a gente não tem a população nativa Não temos a população indígena, não temos os escravos... Mataram a população nativa, mataram os índios, mataram também muitos negros, e é um país muito jovem. Portugal em... Brasil em alguns aspectos [...], nós somos um país que é, que nasceu lá por 1700 e tanto, aí... Quando veio o grosso do povo, 1800. Bem na verdade, o grosso não, foi quando começou a ser povoado. Então, o país foi um pouco para esse lado, né? Além disso, a população, um povo muito jovem. E não há um grande sentimento de pertencimento, que... Olha, se você olhar para trás através das gerações, eu, meu avô, neto de um alemão, neto de um italiano, bisneto de espanhol. Você me entende?, e fico somente até aí (tradução nossa)⁹⁹ (informação verbal).¹⁰⁰

O regime ditatorial agravou os fatores de expulsão com uma política cotidiana de terrorismo de Estado, que passou a perseguir e controlar indivíduos das mais diversas áreas. O Uruguai chegou a ter o índice mais alto de prisioneiros por habitantes de toda a América do Sul. Mais de 5% da população entre vinte e sessenta anos sofreu detenções, maus tratos e/ou torturas. Osvaldo é um interessante exemplo. Foi militante do Partido Comunista Uruguaio e escapou do país pela embaixada do México, junto com outras pessoas que o

⁹⁹ *Sí, pero somos, no sé, no sé que es... No sé, para mí, debe ser esa impregnación que hay, desde lo económico, que haya primado más por lo económico... Para mí no es solamente lo económico, porque vos te ponés a hablar... Yo conozco gente, que más o menos le iba bien económicamente y que no tenía necesidad de irse... Y que sus familias estaban acomodadas, es decir, sus padres tenían buen pasado, y tenían el apoyo de ellos, y se terminaron yendo igual, me entendés? Gente, como vos decías, [...] de un título académico, entonces... Es algo que, no sé, capaz que, no sé... Al ser una población 100% inmigrante, porque nosotros no tenemos la población autóctona, no tenemos la población indígena, no tenemos los esclavos... A la población autóctona la mataron, a los indios los mataron, a los negros también mataron a unos cuantos, y es un país muy joven. Portugal en... Brasil en algunos aspectos [...], pero no, nosotros somos un país que está, que nació ahí en 1700 y pico, ahí... Cuando vino el grueso de la gente, 1800. Va, el grueso no, donde se empezó a poblar. Entonces, el país fue un poco por ese lado, no? A parte, la población, un pueblo muy joven. Y no hay un sentido de pertenencia grande, que... Mirá, si vos buscás para tras la generaciones, yo abuelo, nieto de alemán, nieto de italiano, bisnieto de español. Me entendés, que llevo hasta ahí, no más?*

¹⁰⁰ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

governo repressor havia “requerido”. Nas conversas, Osvaldo mostra lidar até hoje com as consequências de uma vida de perseguição política e clandestinidade:

Eu sempre tenho problemas com os nomes. Tenho problemas com os nomes, com os telefones e os endereços. Problemas de clandestinidade. Sim, falo sério. Muita gente que trabalhou na clandestinidade tem o mesmo problema (tradução nossa)¹⁰¹ (informação verbal).¹⁰²

Os imigrantes dessa década mantêm as características gerais aos do período anterior: também apresentavam um nível de instrução mais alto que a média da população. Nesse intervalo, deixaram o país uruguayos altamente qualificados, que ocupavam cargos de direção dentro do governo e na iniciativa privada (AGUIAR, 1982). A imigração que se destinava a países desenvolvidos, especialmente Estados Unidos, se expande, mesmo levando em conta as restrições migratórias que permanecem. Os países europeus, mesmo com uma política migratória restritiva crescente, sobretudo depois da crise do petróleo de 1974, passam a receber contingentes de refugiados e exilados políticos, como é o caso de Hernán e Osvaldo, ambos citados anteriormente. Também é importante apontar que nesse período ocorre o ápice da modalidade de “recuperação de cidadania” de antepassados imigrantes. Para países cujos antepassados todos vieram de barcos, como reza o imaginário nacional uruguayo, essa modalidade se torna comum. Portanto, os países europeus que foram origem de emigração para a América Latina nos séculos XIX e na primeira metade do século XX, agora recebem os migrantes que podem se beneficiar dessa recuperação da cidadania de seus antepassados. O caso de descendentes japoneses nascidos no Brasil e no Peru é parecido, já que a estes é dada a possibilidade de retornar ao Japão por meio de programas de incorporação desses indivíduos (PELLEGRINO, 2001).

Tendo em vista as características gerais da população, sobre tudo até essas décadas, faz-se relevante apontar a discussão que cerca o que é chamado

¹⁰¹ *Yo siempre tengo problemas con los nombres. Tengo problema con los nombres, con los teléfonos y las direcciones. Problemas de clandestinidad. Sí, en serio. Mucha gente que trabajó en la clandestinidad tiene el mismo problema.*

¹⁰² BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideú, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

de “fuga de cérebros”, ou “brain drain”¹⁰³. Há um consenso entre pesquisadores que, sob o ponto de vista econômico, a imigração é benéfica para o país receptor. No entanto, no que tange ao país emissor, esse consenso não foi atingido, e ainda se apresenta como não resolvido. Em diversos casos, em se tratando principalmente de remessas enviadas por migrantes para suas famílias de origem, diversas pesquisas apontam que esse influxo de capital acaba gerando uma movimentação da economia local de bens e serviços. Em levantamentos feitos a partir de remessas enviadas ao México, foi constatado que para cada dólar enviado, a contribuição é superior a esse valor para os lares dos emigrados (PELLEGRINO, 2001, p. 12). Também nos casos de migrantes retornados, considera-se que os conhecimentos adquiridos enquanto fora, podem beneficiar a economia local de alguma maneira. No entanto, a partir da década de 70 se inicia uma discussão entre duas correntes teóricas, nacionalistas e internacionalistas, que passam a divergir sobre os impactos da migração qualificada no país de origem. Para os nacionalistas, o capital humano é fundamental para o desenvolvimento econômico de um país, e assim essa saída de professores, pesquisadores e outros indivíduos altamente qualificados é um problema a ser evitado. O argumento se constrói a partir do fato de que houve capital público investido na formação desses profissionais, que terão agora as suas habilidades investidas em outro país. A preocupação com a saída de recursos qualificados, vale ressaltar que predominantemente toma a direção sul-norte, chegou a atingir organismos internacionais, provocando que fosse inserida na pauta de discussões da OIM (Organização Internacional para as Migrações). Nesse contexto, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento realizada em Santiago, Chile, em 1972, se adota a denominação “transferência inversa de tecnologia”.

“Se tratava de incluir o problema no contexto da discussão orientada a lograr um maior grau de independência econômica dos países em desenvolvimento no que diz respeito aos países desenvolvidos. A denominação apontava para incluir o problema no marco de três temas centrais: o comércio, a transferência de recursos e tecnologias e, em outro terreno, buscava evitar o conteúdo emotivo que implicava o termo “fuga de cérebros” (PELLEGRINO, 2001, p. 16).

¹⁰³ Termo utilizado para designar o fenômeno de emigração de profissionais qualificados em busca de melhores condições de emprego e renda não encontradas em seu país de origem.

Entre 1985 e 1996, o número de emigrantes se reduziu a 68.170 pessoas, ainda que, novamente, apresentavam as mesmas características daqueles que saíram nos períodos anteriores. Uma peculiaridade desse período foi o importante retorno que começa com a volta da democracia, que acontece simultaneamente a uma diminuição do número de uruguaios que querem sair. A população nessa época operava com uma grande esperança na melhoria do bem estar econômico e social com a restauração da democracia e o fim de uma longa e sangrenta ditadura. O retorno de exilados por razões políticas, inclusive, foi parte das reivindicações presentes em programas eleitorais de todos os partidos políticos nas primeiras eleições após o fim da ditadura, em 1984. Essas reivindicações se transformaram em programas estatais e privados de reinserção social e econômica (PELLEGRINO, 2005). No final dos anos 80, no entanto, a esperança dá lugar à realidade e, novamente, a emigração começa a crescer até alcançar proporções preocupantes (SANTIAGO, 2009, p. 30).

Finalmente, no período entre os censos de 1996 e 2004 emigraram 122.000 pessoas, quase o dobro do período anterior. Grande parte na faixa etária dos 20 aos 39 anos. Como apontado anteriormente, os Estados Unidos se transformam no principal foco de atração de mão-de-obra da América Latina, e conseqüentemente de uruguaios. E, além dos fatores comuns com outras populações, os uruguaios contavam com uma facilidade: até 2002, não precisavam de visto para entrar nos EUA como turista. Em abril desse ano, seguido de uma política internacional derivada dos ataques terroristas sofridos em 2001, o visto passa a ser exigido, e uma importante porta de entrada é fechada para os uruguaios. A principal rota alternativa que se apresentava era a Espanha, pátria de tantos antepassados.

Essa nova corrente migratória ao país europeu contou com algumas diferenças daquelas que existiam previamente. Além de uma emigração de uruguaios qualificados, esse fluxo passa a contar com um número crescente de indivíduos que não finalizaram o ensino médio e até mesmo o fundamental. Essa nova caracterização da migração se relaciona diretamente com uma demanda dos países desenvolvidos, que busca a mão-de-obra qualificada e também a não qualificada. Além disso, nesse novo fluxo migratório é possível ver também o resultado das políticas de recuperação de nacionalidade, mencionadas

anteriormente. São vários os indivíduos que já têm em suas mãos os passaportes europeus, fruto do trabalho feito, muitas vezes, por seus pais.

Segundo informação publicada pelo Instituto Nacional de Estatística do Uruguai, calcula-se que entre 1963 e 2004, 498.684 uruguaios deixaram o país. Esse número representa mais de 16% da população total. Se levarmos em conta os emigrados dos outros países sul-americanos, o total dos que vivem fora de suas fronteiras é de 3%. O Uruguai perde não somente esse quase meio milhão de pessoas, mas também seus filhos e netos (SANTIAGO, 2009). Números mais recentes calculam que há aproximadamente 700.000 uruguaios vivendo fora do país. De acordo com Santiago, essa emigração “imparável” pode ser explicada em parte pelo funcionamento de redes migratórias e de uma espécie de “cultura migratória”. A menção a essa “cultura” é feita não somente por ela, mas por outros estudiosos do tema e popularmente também.

A partir de 2006 foi possível detectar um aumento nos retornos de uruguaios, relacionado principalmente com um endurecimento das restrições migratórias nos EUA, com a crise econômica na Europa e com certo crescimento econômico no Uruguai, percebido com otimismo para o futuro (CROZA, 2015). No entanto, números mais recentes sugerem que esse padrão de retorno e saldo migratório positivo já começa a se inverter.

No entanto, para além de números e estatísticas, essa corrente migratória e “cultura de migração” se fazem a partir de histórias e indivíduos em particular, que, levados por motivações próprias e particulares, tomam a decisão de partir. Essa decisão, como citado anteriormente, acaba por criar pessoas que estão sempre com um pé lá e um cá. Santiago, descrevendo a comunidade de uruguaios residentes em Madrid, comenta sobre um senhor que é referência para a colônia na cidade. Com uma banca em uma feira popular da capital espanhola, o senhor se instala com sua bandeira uruguaia e desfruta de um ir e vir contínuo de compatriotas. Santiago diz que alguns se aproximam para perguntar sobre oportunidades de trabalho ou alugueis, mas que “la mayoría solo se acercaban para mitigar la nostalgia por el paisito, que aunque tan lejos se recuerda siempre tomando un mate” (SANTIAGO, 2009, p. 193).

Sobre essa experiência de saída e primeiro choque na chegada, na adaptação, Irma relata sua trajetória. A uruguaia deixa a sua cidade, no interior do país, e se desloca para Sydney, na Austrália, com o marido e três filhos pequenos:

Nunca tinha estado, nada, nada. Contactamos um grupo, que estava a organizar essa viagem, e bom, e fomos embora logo. Custou um montão, os primeiros meses eu chorava todos os dias, minha filha a mais velha, pois foi embora com 12 anos e meio, com 12 anos, uma idade bem crucial. Chorávamos as duas. Meu esposo se adaptou logo, a outra filha também, era mais pequena, E o menino, que tinha 2 anos, se encantava com tudo. Mas, foi difícil. Mas depois, entramos no círculo, entramos nessa cultura fria anglosaxona. O que tinha me cansada agora e por isso foi que voltei (tradução nossa)¹⁰⁴ (informação verbal)¹⁰⁵

Os relatos de Anna, que deixa o país também na mesma época e em condições parecidas, com o marido e três filhos pequenos, são bastante semelhantes. No entanto, Anna migra para Costa Rica.

Não conhecíamos ninguém, tínhamos como referência, tínhamos um uruguaio. Era uma referência, era amigo de um senhor mais velho, amigo de um tio do meu... Que foi embora exilado daqui. Era um pastor metodista. Foi embora exilado da Europa. Agora morreu faz poucos anos. Porque era tupamaro. Ele e a esposa. E então, era amigo do tio de meu ex-marido. E ele estava lá com a sua mulher, que era uma argentina. Era uma casal mais velho. Fizeram de avós de nossos filhos, eram nossos vizinhos. Eles eram ...ele era o reitor da universidade lá...Eles foram os que nos aconselharam, a parte de passagens e tudo isso para a família, que era muito caro (tradução nossa)¹⁰⁶ (informação verbal)¹⁰⁷

Nas histórias de ambas as mulheres fica clara a importância das redes migratórias. A presença de migrantes que foram anteriormente para o mesmo país, e ainda que sejam desconhecidos, atuam como facilitadores do processo

¹⁰⁴ *Nunca [habia estado], nada, nada. Nos contactamos con un grupo, que organizaba ese viaje, y bueno y nos fuimos enseguida. Costó un montón, los primeros meses lloraba todos los días, mi hija la mayor pues se fue con 12 años y medio, con 12 años, una edad bien crucial. Llorábamos las dos. Mi esposo se adaptó enseguida, la otra hija también, era más chica. Y el varón, que tenía 2 años, le encantaba todo. Pero, fue difícil. Pero después, entramos en el círculo, entramos en esa cultura fría anglosajona. Lo que a mi me tenía cansada ahora y por eso me vine.*

¹⁰⁵ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

¹⁰⁶ *No [conocíamos a nadie], teníamos como referencia, teníamos un uruguayo. Era una referencia, era amigo de un señor mayor, amigo de un tío de mi... Que se fue exiliado de acá. Era un pastor metodista. Se fue exiliado de Europa. Ahora murió hace pocos años. Porque era Tupamaro. Él y la esposa. Y, entonces era amigo del tío de mi ex-marido. Y él estaba allá con su mujer, que era una argentina. Era una pareja mayor. Hicieron de abuelos para nuestros hijos, eran nuestros vecinos. Ellos eran...él era el rector de la universidad allá. (...) Ellos fueron los que nos aconsejaron, la parte de pasajes y todo eso para la familia, que era muy caro.*

¹⁰⁷ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

de chegada e adaptação. No relato de Hernán a importância das redes também se faz presente, ainda que uma rede mais ampla, que envolve migrantes de outras nacionalidades também, não somente do seu mesmo país.

Receberam a gente muito bem, muito bem. Estávamos nesses lugares, onde te ensinavam o sueco e, não somente te ensinavam sueco, também te ensinavam como funcionava Suécia. E por sua vez, também recebiam outras nacionalidades. Não somente uruguaio, também...Aí estavam todas as ditaduras do Cone Sur, bom, recebiam gente de todos os países. Alí havia muito chileno, paraguaio, argentino. Havia alguns de Centroamerica também, mas principalmente eram do Cone sul, mas não, não nesse sentido. Digo, são países muito solidários, mas são países também que necessitam de migração, né? (tradução nossa)¹⁰⁸(informação verbal) ¹⁰⁹

No trecho acima, Hernán alude às grandes comunidades de latino-americanos que se formaram em alguns países europeus. Osvaldo, mais adiante, também cita esses grupos de refugiados, muitas vezes exilados, como fonte de acolhimento e troca de apoio e notícias. No entanto, apesar de se referir à solidariedade desses países receptores, Hernán faz uma ressalva e mostra que essa benevolência não era gratuita, ou não era sem outros interesses. Os migrantes ou exilados estavam ali também como mão de obra, para trabalhar e formar parte da vida econômica desses territórios.

2.5 - O exílio: a partida forçada

Dentre os entrevistados para este trabalho, temos dois sujeitos que realmente tiveram que deixar o país em virtude de perseguições políticas e podem ser categorizados como exilados: Hernán e Osvaldo. Este, ao descrever suas experiências fora do seu país de origem, enfatiza que sempre houve uma ligação muito grande com o Uruguai. E se ressentiu ao dizer que, em algumas

¹⁰⁸ *Nos recibieron muy bien, nos recibieron muy bien. Estábamos en esos lugares, donde te enseñaban el sueco y, no solamente te enseñaban sueco, sino que te enseñaban cómo funcionaba Suecia. Y a su vez, también recibían otras nacionalidades. No solamente uruguayo, sino que... Ahí estaban todas las dictaduras del Cono Sur, bueno, recibían gente de todos los países. Ahí había mucho chileno, paraguay, argentino. Había algunos de Centroamérica también, pero principalmente eran del Cono Sur. Pero no, no, en ese sentido... Digo, son países muy solidarios, pero son países también que necesitan de inmigración, no?*

¹⁰⁹ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

ocasiões, esse drama de duplo pertencimento não era compreendido por aqueles que haviam ficado.

Então, sempre pensamos no Uruguai. Sempre vivemos para o Uruguai e o exílio é terrível porque você não sabe de onde é. Você não sabe a que pertencer. Parece que você está em uma linha, viu?. Você está sempre tentando encontrar o Uruguai, que é o que tem mais sensibilidade. Mas muita gente nossa passou anos. A ditadura foi, acho que 14 anos. Então, foi embora com as criancinhas, as crianças cresceram, tiveram aquela questão meio desconfortável de crescer (risos), cresceram... Então, o problema é que começam a ter amizades, fazem o colegial e tudo o demais e tinha pessoas que eram mais velhas e que começaram a ir para a faculdade. Separar a família de novo porque parte ficou lá, parte veio para cá, etc, etc, não foi nada fácil. Então o exílio às vezes tem aquele problema que às vezes você sente que não é entendido pelas pessoas daqui. Porque muita gente, inclusive pessoas próximas, achavam que você ia lá e que ia passar o dinheiro porque você tinha ido por uma desgraça, mas que estava fazendo dinheiro. .. Haviam muitas pessoas que não eram assim. Tinha muita gente que não era assim (tradução nossa)¹¹⁰ (informação verbal)¹¹¹

A condição do exilado político foi muito explorada em diversas ocasiões, tanto nas ciências sociais e humanas quanto nas artes. Aprendemos a “Canção do Exílio”¹¹² na escola, e sabemos que as aves daqui nunca cantam como as de lá. As dores do exílio aparecem com força na literatura uruguaia, como exemplo no já citado romance *Andamios*, de Mario Benedetti. Nele, o autor define uma categoria própria, o “desexilado”:

A nostalgia é geralmente uma característica determinante do exílio, mas não deve ser descartado que a contra-nostalgia seja uma característica do "des-exílio". Assim como a pátria não é uma bandeira ou um hino, mas a soma aproximada de nossas infâncias, nossos céus, nossos amigos, nossos professores, nossos amores, nossas ruas, nossas cozinhas, nossas canções, nossos livros, nossa língua e nosso sol, da mesma forma, o país (e sobretudo o povo) que nos acolhe está a contagiar-nos de fervores, ódios, hábitos, palavras, gestos, paisagens,

¹¹⁰ *Ahora, nosotros siempre pensamos en Uruguay. Siempre vivíamos para Uruguay y es terrible el exilio porque vos no sabés de dónde sos. No sabes a quién pertenecer. Parece como si estuvieras en una raya, viste. Siempre estás tratando de encontrar lo de Uruguay que es lo que tienes más sensibilidad. Pero mucha gente nuestra pasó años. La dictadura fue, creo que 14 años. Entonces se te fue con niños chiquitos, los niños crecieron, tuvieron esa cuestión medio incómoda de crecer (risas), crecieron... Entonces, el problema es que empiezan a tener amistades, hacer el liceo y todo lo demás y había gente que estaba más grande y que empezó a ir a la facultad. Volver a romper la familia porque parte se quedaba allá, parte se venía para acá, etc, etc, no era nada fácil. Entonces el exilio a veces tiene esa cuestión que a veces sientes como que no es comprendida por la gente acá. Porque mucha gente, inclusive gente a fin aún y cosas por lo estilo, pensaban que ibas allá y que ibas pasar la guita porque habías ido por la desgracia pero, que estabas haciendo la guita... Había mucha gente que no era así. Había mucha gente que no era así.*

¹¹¹ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

¹¹² Poema do brasileiro Gonçalves Dias, composto em 1843 quando o poeta encontrava-se em Coimbra, Portugal.

tradições, rebeliões, e chega um momento (ainda mais se o exílio se prolongar) em que nos tornamos uma modesta intersecção de culturas, presenças e sonhos. Junto com uma esperança concreta de retorno, junto com a sensação inequívoca de que a velha nostalgia se torna noção de pátria, podemos vislumbrar que o lugar será ocupado pela contra-nostalgia, ou seja, nostalgia do que temos hoje e vamos deixar para trás; a curiosa nostalgia do exílio na própria pátria. (BENEDETTI, 1986, p. 39, tradução nossa).¹¹³

Essa “contranostalgia” de que fala Benedetti é vista em muitos casos, não somente nos relatos de seu personagem fictício. Osvaldo fala da tentativa de manter algo que o caracterizasse como uruguaio durante o exílio, enquanto Hernán, por exemplo, se casou com uma uruguaia que estava na Suécia nas mesmas condições que ele:

[Osvaldo] E sim, eu sempre mantive, em todos os lugares que eu fui, sempre, mesmo quando eu estava em completo exílio e tudo mais. Exílio político e tudo mais. Tentei manter o jeito de falar, tentei manter o jeito de pensar, o jeito de sentir do que chamamos de *uruguavila* Isso não significa que eu vou conseguir. Sempre escapa alguma coisa. Eu fiz um esforço brutal porque sempre pensei que teria que voltar em plena clandestinidade, certo? Mais tarde aconteceu que não. Que eu voltei quando a ditadura recém acabava, em [19]85, que havia uma democracia incipiente aqui. Mas sempre tentei manter o máximo de características para poder me reintroduzir. Sempre quis, sempre me senti muito uruguaio em todos os momentos. Todo mundo me considerava assim, às vezes tinha até reuniões que eu participava onde tinham 30, 40 argentinos. Eles me diziam: "Você é uruguaio! [Risos] Então imagina (tradução nossa)¹¹⁴ (informação verbal)¹¹⁵

[Hernán] (Eu casei) com uma uruguaia. Nós nos conhecemos lá. Sim. Os pais dela também. Sim, a mesma história. Sim, refugiados. O pai

¹¹³ *La nostalgia suele ser un rasgo determinante del exilio pero no debe descartarse que la contra-nostalgia lo sea del desexilio. Así como la patria no es una bandera ni un himno, sino la suma aproximada de nuestras infancias, nuestros cielos, nuestros amigos, nuestros maestros, nuestros amores, nuestras calles, nuestras cocinas, nuestras canciones, nuestros libros, nuestro lenguaje y nuestro sol, así también el país (y sobre todo el pueblo) que nos acoge nos va contagiando fervores, odios, hábitos, palabras, gestos, paisajes, tradiciones, rebeldías, y llega un momento (más aún si el exilio se prolonga) en que nos convertimos en un modesto empalme de culturas, de presencias y de sueños. Junto con una concreta esperanza de regreso, junto con la sensación inequívoca de que la vieja nostalgia se hace noción de patria, puede que vislumbremos que el sitio será ocupado por la contranostalgia, o sea la nostalgia de lo que hoy tenemos y vamos a dejar; la curiosa nostalgia del exilio en plena patria (BENEDETTI, 1986, p. 39).*

¹¹⁴ *Y sí, siempre mantuve, en cada lugar que fui, siempre, inclusive cuando estaba en pleno exilio y todo eso. Exilio político y todo eso. Yo trataba de mantener la forma de hablar, traba de mantener la forma de pensar, la forma de sentir de lo que se podría decir la uruguayilla. Eso no quiere decir que lo logre. Siempre algo se filtra. Ahora yo hice un esfuerzo brutal porque siempre pensaba que tenía que volver en medio la clandestinidad acá, ¿no? Después se dio que no. Que volví cuando recién se salió la dictadura, el [19]85, que había acá la democracia incipiente. Pero siempre trataba de mantener el máximo de rasgos para poder introducirse. Siempre quise, siempre me sentí muy uruguayo en todos los momentos. Todos me consideraban así, inclusive a veces había reuniones que participaba donde habían 30, 40 argentinos. Me dicen: "¡Tu eres uruguayo! [Risadas] Así que imagínate.*

¹¹⁵ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

também estava preso aqui. E havia, sim, muita gente como a gente lá, havia. Não muito, muito, mas digamos que eram cerca de 1.500 uruguaios. Nos relacionamos muito entre nós e também com os suecos, no trabalho e tal. E só.. **O que acontece é que não queríamos ir embora. Daqui, eles nos expulsaram. Então queríamos, o tempo todo, queríamos voltar. (grifo nosso)** (tradução nossa)¹¹⁶ (informação verbal)¹¹⁷

Ainda sobre a sensação de não pertencimento, de desterro, Osvaldo cita as lições que outros emigrantes tentaram passar em suas andanças, nesse caso específico os espanhóis. Osvaldo entrou em contato com alguns que deixaram a Espanha em virtude da ditadura Franquista, que esteve em voga no país europeu de 1938 até 1973. Esse governo autocrático causou também uma série de movimentos migratórios forçados.

Os espanhóis, os emigrantes espanhóis que tiveram uma experiência muito anterior de todos os emigrantes da América Latina, nos disseram: "Olha, vocês estão errados. Você não pode viver pensando que é um emigrante do Uruguai. Você tem que viver intensamente e lidar com a vida mais normal porque senão você enlouquece. Porque você fica desesperado. Porque você não é... e você não é... Entendeu? Foi terrível. Muitas vezes eles não sentiram isso aqui. As pessoas que ficaram aqui não sentiram (tradução nossa)¹¹⁸ (informação verbal).¹¹⁹

Na fala do nosso narrador, somos confrontados com a mobilização dos conceitos de identidade de maneira bastante prática. Havia de deixar de ser uruguaio, deixar de se sentir uruguaio, para que se pudesse "viver intensamente". Essa mobilização ou questionamento bastante racional de sua identidade e de suas categorias de pertencimento, acontece com frequência entre aqueles que estão fora. Assim, não é somente um processo inconsciente,

¹¹⁶ *(Me casé) con una uruguaya. Nos conocimos allá. sí. Los padres de ella también. Sí, la misma historia. Sí, refugiados. El padre estaba preso acá también. Y había, si, mucha gente como nosotros allá, había. No mucho, mucho, pero, ponele que uruguayos había como unos 1500 uruguayos. Nos relacionábamos mucho entre nosotros y también con los suecos, laboralmente y eso. Pero tá. Lo que pasa es que nosotros no queríamos irnos. De acá, nos echaron. Entonces nosotros queríamos, todo el tiempo, queríamos volver.*

¹¹⁷ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

¹¹⁸ *Los españoles, los emigrados españoles que tenían una experiencia mucho anterior a todos los emigrados de América Latina, nos decían: "Mira, ustedes se equivocan. No se puede vivir pensando que uno es un emigrado de Uruguay. Tenés que vivir intensamente y tratar la vida más normal porque, si no, te volvés loco. Porque te desesperas. Porque ni sos... ni sos... ¿Entendés? Era terrible. Esto muchas veces no sentían acá. La gente que se quedó acá no sentían.*

¹¹⁹ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

que é reinterpretado quando se olha para trás, mas um questionamento que acontece na superfície, nos discursos.

Outra particularidade própria do caso uruguaio é que, em muitos casos, a migração internacional começa a partir de uma migração interna. A capital, Montevideú, ainda é sede da principal universidade pública, a *Universidad de la República*. Esta foi a única durante muito tempo. Apesar de ter alguns campi distribuídos no interior do país, seu processo de descentralização começou apenas em 2008. Assim, aqueles que queriam seguir uma carreira universitária deveriam, antes de mais nada, considerar uma mudança para a capital. Dentro nossos casos temos então indivíduos cuja migração internacional foi precedida de uma primeira saída intra-nacional bem como pessoas que retornaram, se realocaram e voltaram a sair. Juan, de acordo com o trecho abaixo, faz essa equiparação. Ele afirma que foi para Solymar, antes de ir para a Austrália, como se as duas se tratassem de mudanças empreendidas. Olga também fala do período em que viveu em Montevideú, em virtude de estudos, como uma das mudanças feitas em sua vida. Compara a sensação de viver em uma cidade grande com a de sua migração internacional. E afirma que a vida em seu *pueblo*, sua cidade pequena, não tem comparação.

Sim, mais tarde, antes de partir para a Austrália, fui para Solymar, com minha ex-companheira. Nós construímos uma casa lá, mas houve um momento em que a situação ficou muito difícil, apesar de a ditadura supostamente já ter passado, ainda estávamos em uma situação comprometida. E lembro que [...] houve a oportunidade de irmos para a Austrália, por um par de anos. Um par de anos se transformaram em 21 (tradução nossa)¹²⁰ (informação verbal).¹²¹

Eliseo Porta costumava dizer uma coisa que nas cidades pequenas você sente e conhece as pessoas que estão ao redor, você conhece, e você não encontra isso na cidade grande. Eu não gosto da cidade. Você aprecia outras coisas. E é grátis, porque, sei lá, dá vontade de passear e vou. E isso não é nada comparado como era quando crescemos. Por exemplo, nós crescemos ali mesmo, correndo na frente do campo de futebol, no pequeno campo esse ali. E à noite meu pai sentava lá fora e nos observava brincar. E isso não acontece mais assim. É isso. É diferente. E poder se reunir com a família, e todo o problema dos teus

¹²⁰ *Sí, después, antes de irme para Australia, me fui para Solymar, con mi ex-pareja. Allí levantamos una casa, pero hubo un momento en que la situación se puso muy difícil, a pesar de que la dictadura, supuestamente, ya había pasado, igual estábamos con la situación comprometida. Y me acuerdo que [...] hubo la oportunidad de irnos a Australia, por un par de años. Un par de años se convirtieron en 21.*

¹²¹ QUIJANO, Juan. Entrevista concedida em 22/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideú, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F.

pais velhos. Nós, cada uma de nós sai e vai vê-los, né?. Nos juntamos. A gente se encontra todos os dias. E se você mora na cidade, você vai vê-los quando? **Lembro-me de que em Montevidéu... nunca fui tão desgraçada como quando morava em Montevidéu.** Livrarias, bibliotecas, teatros. E não tinha acesso a nada. Eu não tinha dinheiro, não ia. E aqui, não obstante, algo chega e é de graça. Sair para apreciar a natureza, conversar com o vizinho? Não. Eu não troco isso (grifo nosso) (tradução nossa)¹²² (informação verbal)¹²³

A comparação que faz Olga, com a cidade grande, seja Montevidéu ou sua experiência na Espanha, pode também ser pensada como uma comparação que envolve as lembranças afetivas da infância. E a infância, assim como esse lugar mítico que se torna a casa para o migrante, é inatingível. Olga usa até mesmo palavras fortes para definir sua experiência na capital uruguaia, diz que foi “desgraçada”. Esse discurso, mesmo o de Olga, que é muito cuidadoso com a vida levada fora, mas que, no entanto, reforça o positivo que tem o seu lugar de origem, também acaba tendo eco em outras falas que veremos mais adiante, e reforça a ideia da volta como redentora.

¹²² *Eliseo Porta decía una cosa que en los pueblos vos sentís y sabés la gente que anda, conoces, y eso no lo encontrás en la ciudad. A mí no me gusta la ciudad. Aprecias otras cosas. Y no tiene costo, porque, yo que sé, me da ganas de ir a caminar y voy. Y eso que no es para nada como era cuando nos criamos. Por ejemplo, nos criamos ahí adelante, corriendo frente a la cancha, en el campito ahí en frente. Y de noche mi padre se sentaba ahí afuera y quedaba mirándonos jugar. Y eso ya no se da tan así. Pero igual. Es distinto. Y poder juntarte con la familia, y todo el problema de los viejos. Nosotros cada una sale y va, no. Nos juntamos. Todos los días nos vemos. Y si vive en la ciudad, que los vas a ver. Yo me acuerdo en Montevideo, nunca fui tan desgraciada como cuando vivía en Montevideo. Librerías, bibliotecas, teatros. Y no accedía a nada. No tenía dinero, no iba. Y acá, sin embargo, viene algo, viene gratis. ¿Salir a apreciar la naturaleza, conversar con el vecino? No. No lo cambio. (Olga)*

¹²³ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

3 - O ENTRE-LUGAR: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Y no hay gente más de adentro que la gente que está afuera.

(Juan Quijano)

Os indivíduos em contexto migratório dispõem de diversas estratégias para lidarem com o deslocamento e com os questionamentos identitários que surgem desse movimento. Nesses contextos, se assumem novas representações de identidade como membros de uma coletividade que se confronta com outra em situações muito peculiares. Portanto, como vimos anteriormente, antes de assumirem identidades derivadas das classificações externas, ocorre uma tendência de reformular as identidades prévias, mantendo-se a distinção. Talvez seja possível dizer que os grupos tendem a se redefinir e afirmar-se como grupos. Esse foi o caso em algumas das narrativas acompanhadas para este trabalho.

3.1- O Uruguai: dimensão política da identidade

Ainda olhando com cuidado para o caso uruguaio, vale reforçar a dimensão política da questão nacional. Como visto anteriormente, o reforço e construção de uma identidade nacional partiu, repetidas vezes, de políticas de Estado. A princípios do século XX, a democracia foi a chave fundante de uma nova consciência e identificação como nação, em um contexto de reformas políticas e situação econômica internacional favorável à atividade agroexportadora (CROSA, 2015, p. 48). O projeto da época, que acompanhava a inserção do pequeno país no capitalismo europeu, centrou-se no já apresentado Estado Battlista, cuja própria identidade nacional passa a ser identificada com seu sistema político (NAHUM, 2006). Crosa aponta que a identidade nacional se associa ao funcionamento do sistema bipartidário, com o pacto social fundante sendo renovado e garantido a cada eleição. Assim, os partidos Colorado e Nacional, apresentados previamente, são elementos fundantes dessa identidade nacional.

Mais adiante, depois dos anos 70, com a incorporação da esquerda política unificada ao sistema partidário uruguaio, o equilíbrio de forças entre Nacional e Colorado é redesenhado. Fora o período dos regimes militares, a

chegada do Frente Amplo ao jogo político, segundo Crosa, reforça a centralidade da matriz política no Uruguai, renovando assim a vinculação entre nação e política.

O advento dessa terceira organização partidária como grande participante do jogo político se mostra fundamental especialmente no momento de abordar a organização de uruguaios no exterior. A história do Frente Amplo se encontra desde o início vinculada com a emigração no Uruguai. Com a consolidação do cerceamento de direitos por parte do Estado e a escalada da repressão, o movimento que constituiu o Frente Amplo se torna fisicamente fragmentado, disperso, com sede política no território uruguaio e parte de seus membros espalhados, organizando-se no exterior do país.

A dispersão de militantes frenteamplistas pelo mundo se organizou e, através da constituição do Comitê Coordenador do Frente Amplo no Exterior, fundado em Berlim em 1977, foi atuante em distintos países. Foram estabelecidos comitês de base na Alemanha, Angola, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, Costa Rica, antiga Checoslováquia, Cuba, Dinamarca, Equador, Espanha, Estados Unidos, Suécia, Suíça, antiga União Soviética e Venezuela.

As atividades de solidariedade e de denúncia ao regime funcionavam como elemento aglutinador durante os anos duros. Ainda há de se ter em mente o outro lado da moeda, já que, se o exílio e as atividades políticas aglutinavam os sujeitos, por outro lado as representações do Estado atuavam como controladores. Na América do Sul o Plano Condor¹²⁴ esteve ativo, mas mesmo em países que não faziam parte dessa articulação os serviços consulares e diplomáticos funcionavam como braços do Estado repressor. Em alguns indivíduos, esse receio perdurou durante décadas. Entretanto, quando o Frente Amplo finalmente chega ao poder, são elaboradas uma série de políticas de vinculação, entre elas os Conselhos Consultivos, que serão detalhados adiante. Essa desconfiança das representações oficiais pode ser vista no relato de Ana,

¹²⁴ O Plano Condor foi uma articulação político-militar firmada nos anos 70 entre os governos militares de Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Bolívia, com o objetivo de compartilhar informações e estratégias de repressão a movimentos de cunho revolucionário na América do Sul.

reproduzido abaixo. A falta de interesse em fazer parte de vinculações oficiais é inclusive um desafio para a elaboração de políticas públicas no início, quando o interesse governamental começa a se voltar para os uruguaios residentes no exterior.

Não tínhamos amigos uruguaios, porque a comunidade uruguaia no exterior é uma coisa difícil. Principalmente o uruguaio que tem relação com o Consulado, com a Embaixada. É um grupo difícil, não me sinto confortável. Aconteceu exatamente a mesma coisa comigo no Brasil. Meus amigos uruguaios eram de fora desse grupo. O uruguaio é bárbaro aqui, mas lá fora ele tem medo de que você peça um favor a ele, que você aproveite. O uruguaio é desconfiado. Ele não faz favores. Ele tem medo, na verdade, que você se aproxime dele por interesse. Então, na Costa Rica, sabíamos que havia muitos uruguaios, mas não nos relacionamos com a comunidade uruguaia (tradução nossa)¹²⁵ (informação verbal).¹²⁶

Em seu relato, Ana divide os uruguaios que mantinham vínculos com as representações oficiais e aqueles que não o faziam. A separação que existe entre esses dois grupos aparece em outros relatos e está muito ligada ao contexto da saída, uma vez que nos anos de regime militar as representações consulares também eram instrumento de controle de seus cidadãos. Mas esse tema será mais explorado adiante. No entanto, é importante ter essa observação em mente, para melhor acompanhar o desenvolvimento do esforço de vinculação de que versará o próximo capítulo.

Destarte, fica claro observar a importância da Teoria Transnacional, trabalhada no primeiro capítulo, para entender essa migração. Afinal, é um grupo que nunca perdeu contato com o país de origem, e desenvolveu e cimentou articulações entre as localidades habitadas no momento da migração. Os uruguaios se articulam, muitas vezes, como membros de uma coletividade, de participação cidadã e política em torno ao sistema de partidos políticos, o qual já

¹²⁵ *No tuvimos amigos uruguayos, porque la comunidad uruguaya en el exterior es una cosa difícil. Especialmente el uruguayo que está relacionado con consulado, con embajada. Es un grupo difícil, no me siento cómoda. En Brasil me pasó exactamente lo mismo. Mis amigos uruguayos eran de fuera de ese grupo. El uruguayo es muy bárbaro acá, pero tiene miedo, en el exterior, que le vayas a pedir un favor, que vayas a aprovechar. El uruguayo es desconfiado. No te hace un favor. Tiene miedo, en realidad, de que le acerques por interés. Entonces, en Costa Rica, sabíamos que había muchos uruguayos, pero no nos relacionamos con la comunidad uruguaya, para nada.*

¹²⁶ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

foi mencionado anteriormente, que é constituinte da identidade nacional uruguaia.

Não, não, mas, sim, tudo que fosse do ponto de vista da música também... Sim, isso foi feito muito, foi feito. Pensa que uma vez por mês saía uma atividade desse tipo. O que acontece é que no início também estava misturado com a atividade política. E com a solidariedade com os presos políticos daqui, até esse momento, até 1985. Esteve impregnada de toda a parte política, toda a parte cultural. Para todas as nacionalidades era o mesmo. Para os argentinos, para os paraguaios, para os chilenos. Mas depois... Mas depois que a ditadura acabou, meio que mudou, era mais a parte cultural pela parte cultural em si, somente. Reunir-se para tocar tambor, viu?, tocar candombe, comer um churrasco, ler poesia uruguaia, falar sobre autores uruguaia ou ver uma peça uruguaia. Sim, dessa forma, foi feito assim (tradução nossa)¹²⁷ (informação verbal).¹²⁸

No trecho acima é também interessante observar a mobilização de alguns marcos identitários para se falar da participação. Hernán traz o churrasco, o candombe, elementos que são constituintes da Comunidade Imaginada que aglutina os seus (ANDERSON, 2008). É crucial, ainda, salientar que esse relato, essa lembrança, além de ser provocado, como colocado anteriormente, está sendo feita a partir de uma pergunta de um contexto específico. A conexão temporal estabelecida pela memória ocorre porque o sujeito está imerso e é moldado por estruturas da sociedade a qual pertence e na qual foi forjado. Assim, nas memórias individuais aparecem elementos vivenciados também coletivamente e por gerações anteriores. Michael Pollak se refere a esse fato como “memória herdada”:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLAK, 1992, p.2)

¹²⁷ *No, no, pero ,sí, todo lo que era el punto de vista de la música también... Sí, eso se hacía muchísimo, se hacía. Ponele que una vez por mes salía una actividad de ese tipo. Lo que pasa es que al principio también estuvo mezclado con la actividad política. Y solidaridad con los presos políticos de acá, hasta ese entonces, hasta el 85. Estuvo impregnado de toda la parte política, toda la parte cultural. Para todas las nacionalidades fue igual eso. Para los argentinos, los paraguayos, los chilenos. Pero después.... Pero después que terminó la dictadura, como que cambió, ya era más la parte cultural por la parte cultural, en si, no más. Juntarse a tocar el tambor, viste, tocar candombe, a comer un asado, a leer poesía uruguaya, hablar sobre autores uruguayos o ver una obra uruguaya. Sí, por ese lado, sí se hacía así.*

¹²⁸ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

A transição democrática que acontece na primeira metade dos anos 80, após negociações extensas e conturbadas, tinha como pauta temas tão delicados quanto primordiais para a retomada do funcionamento do país. Deveriam ser discutidas a anistia aos presos políticos, a investigação e responsabilização das graves violações aos direitos humanos ocorridas durante os governos militares, restituição de funcionários públicos exonerados, regularização das instituições dentro de um Estado de Direito pleno, entre outros. O responsável por levar adiante esse governo de transição era o presidente Julio Maria Sanguinetti, do Partido Nacional. Sob seu governo, em 1986, sancionou-se a controversa Lei de Caducidade da Pretensão Punitiva do Estado. Essa norma foi objeto de severas acusações por parte da oposição de esquerda e até de determinados setores dos partidos Blanco e Colorado, sendo vista como uma “lei de impunidade”. Várias organizações de direitos humanos, com o apoio desses setores, e em especial o coletivo de Mães e Familiares de Desaparecidos Políticos¹²⁹, conseguiram que a lei tivesse que ser submetida a referendo popular antes de sua aprovação. O referendo foi finalmente realizado em 1989, com vitória daqueles que eram favoráveis à ratificação da lei.

No entanto, os setores atingidos pela ratificação dessa lei nunca deixaram de disputar e contestar a validade da mesma, que foi repetidas vezes submetida a revisões e referendos, até ter finalmente seus principais artigos revogados em 2011, por uma nova lei promulgada¹³⁰. No entanto, longe de ter sido o ponto final pretendido por Sanguinetti e seus apoiadores, a Lei de Caducidade ainda é foco de controvérsias e polêmicas.

Todavia, em que pese o imbróglio envolvido na manutenção da discussão dessa lei, ela abre a possibilidade de retorno de um grande número de exilados políticos.

No relato reproduzido abaixo, de Osvaldo, é possível identificar essa manutenção de laços também de migrantes em exílio com o seu país de origem,

¹²⁹Madres y Familiares de Detenidos Desaparecidos.

¹³⁰Embora o Frente Amplio não tenha mostrado apoio aberto a anulação da Lei de Caducidade no plebiscito de 2009, o partido incluiu em seu programa eleitoral de 2009 a defesa da anulação da referida legislação, apresentando ao parlamento uruguaio, em setembro de 2010, o projeto de lei que culminaria na Lei 18.831, de 27 de Outubro de 2011.

migrantes que continuam organizados politicamente, vinculados ao Frente Amplo. Isso posto, cabe ressaltar que as falas de Osvaldo normalmente vem acompanhadas, no final, de uma pergunta, se o que ele conta serve para mim, para o meu trabalho. Osvaldo, que parece ter uma experiência gigantesca a ser compartilhada, não se lembra dos detalhes. Nunca dá informações muito precisas sobre anos e lugares. Anteriormente, ele afirma que se esquecer dos detalhes era parte de sua ocupação como militante, como membro ativo da resistência, parte de sua vida clandestina.

A repetição automática das perguntas ao final de cada relato aparece como uma forma de entrelaçamento de operações de memória e de esquecimento. A narrativa de Osvaldo reconta uma história política, na qual se verifica o efeito de uma espécie de politização da experiência do seu processo de migração e de retorno ao país de origem. As perguntas não estão à toa, nessa narrativa, na medida em que elas acarretam numa espécie de crítica social quanto à sua experiência.

Sim, sempre mantivemos vínculos... Cada uma das organizações, o Frente Amplo que já estava formado também manteve vínculos, nos comunicamos, fizemos... Fizemos coisas diferentes, né? Exercemos uma enorme solidariedade. Quando sabíamos que alguém tinha caído e todo o resto, vínhamos logo... Os canais para publicá-lo ou para tentar dar a conhecer mundialmente que fulano de tal, que ele era fulano de tal, que ele tinha feito isso e aquilo, que ele era tal e tal, que ele estava em quais condições, que ele tinha sido preso porque, se não, você ia imediatamente para a tortura e você poderia desaparecer e eles poderiam te matar. Então sim, essas coisas, nós as mantivemos muito fortes. Outra coisa que tinha era a parte financeira também. Fazer todo o trabalho financeiro para abastecer a clandestinidade, certo? Por exemplo, para os jornais que eram editados aqui. Que não eram jornais, eram folhas [...] que se faziam e que alguns funcionaram por muito tempo. Muita gente caiu por isso. Mais as viagens, mais os problemas de comunicação, tudo que tinha a ver com o vínculo, com a imprensa, inclusive alguns exilados que montaram agências de informação no exterior que tiveram um papel muito importante. Eles trabalhavam para importantes agências de informação, como a ANSAC, como na Itália e coisas assim, e ao mesmo tempo tinham como objetivo fundamental tentar divulgar tudo o que era. E também mantivemos todo o exílio, seja pelo que fosse, mesmo que você não tivesse partido também, [risos] tentávamos manter contato, tentamos mantê-lo informado e tentamos manter uma mística para que ele pudesse voltar mais tarde. Então tudo isso foi [...] do exílio. De todas as organizações e depois de cada organização em particular. Alguns trabalhavam porque tinham mais vínculos ou porque tinham mais prestígio ou qualquer outra coisa, trabalhavam mais intensamente do que outros, mas todos nós

trabajamos nessa coisa. Serve isso a você? (tradução nossa)¹³¹ (informação verbal).¹³²

No entanto essa participação nas organizações políticas não aparece isenta de críticas. Olga, que esteve envolvida nos comitês e decisões políticas do Frente no Uruguai, vê com um pé atrás a formação de comitês de base no período em que esteve na Espanha, onde o Uruguai já contava com a democracia e o Frente estava disputando, e chegou a ganhar, as eleições.

Tuas raíces são tuas raíces, você não as perde. E a outra coisa era fazer lá um comitê de base do Frente Amplo. Andá cagar (risos). Quando chegou a hora de poder votar, votei e participei de coisas sociais, mas acho que não temos que transferir. E o quê eu podia opinar lá fora, de aqui? Ou seja, não me parecia correto (tradução nossa)¹³³ (informação verbal).¹³⁴

A organização de migrantes então encontrou-se centrada durante muito tempo em organizações políticas, como os já mencionados comitês de base. Mesmo após a redemocratização, o retorno dos exilados, e a legalização do Frente Amplo como um partido com gozo de todos os direitos, os uruguaios residentes no exterior continuaram se organizando de maneira política, e as

¹³¹ *Sí, nosotros siempre manteníamos los lazos... Cada una de las organizaciones, el frente amplio que estaba formado también mantenía los lazos, nos comunicábamos, hacíamos... Ejercíamos distintas cosas, ¿no? Ejercíamos una enorme solidaridad. Cuando sabíamos que había caído alguien, todo los más, enseguida nosotros veníamos... Los canales para publicarlo o para tratarlo de que se conociera mundialmente de que fulano, que era tal, que había hecho tal, que estaba tal, que estaba no sé que y había caído preso porque, si no, enseguida te pasabas a la tortura y podrías desaparecer y te podrían matar. Entonces, si esas cosas, nosotros las manteníamos muy fuertes. Otra cosa que había era una parte financiera también. Realizar todo un trabajo financiero para abastecer a la clandestinidad, ¿no? Por ejemplo, a los periódicos que se editaban acá. Que no eran periódicos, eran hojas [...] que se hacían y que algunas de esas funcionaron mucho tiempo. Muchísima gente cayó por eso. Más los viajes, más los problemas de comunicación, todo lo que tenía que ver con el vínculo, con la prensa, inclusive algunos exiliados hicieron agencias informativas en el exterior que tuvieron un papel muy importante. Trabajaron para agencias informativas importantes, como ANSAC, como en Italia y cosas por el estilo y a su vez tenían como un objetivo fundamental tratar de divulgar todo lo que era. Y después manteníamos a todo el exilio, sea pelo que sea, aunque no tuvieras pelo también, [risos] tratábamos de mantener un hilo, tratábamos de mantenerlo informado y tratábamos de mantener una mística para que él, después, pudiera volver. Entonces todo eso era [...] del exilio. De todas las organizaciones y después de cada organización en particular. Algunas trabajaban porque tenían más vínculo o porque tenían más prestigio o lo que fuera, trabajaban más intensamente que otros, pero todos trabajábamos en esa cosa. ¿Te sirve esto?*

¹³² BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

¹³³ *Tus raíces son tus raíces, no las perdés. Y lo otro era lo de hacer comité de base del Frente Amplo allá. Andá cagar, risos. Cuando llegó el momento que podía votar, voté y participaba de las cosas sociales, pero no me parece que haya que trasladar. Y yo de allá fuera que iba a estar opinando acá? Es decir, no me parecía...*

¹³⁴ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

reivindicações e lutas passaram a ser outras. O voto no exterior se configura hoje em uma das grandes causas de aglutinação desses indivíduos. O Uruguai é, afinal, um dos poucos países que não permite que seus cidadãos votem, ou exerçam outros direitos políticos, fora de suas fronteiras. Há ainda no imaginário político a ideia de que o Uruguaio que está fora se alinha ideologicamente com a esquerda, ou com o Frente Amplo, assim essa discussão acaba se tornando permeada por outras questões.

Andrés, funcionário da Junta Nacional de Migrações no momento da entrevista, fala sobre a existência de uma política de vinculação dissociada do retorno, mas que possibilite ao migrante essa associação com o país.

Hoje a agenda deles [os migrantes] mudou. Se antes era focado na questão do tratamento do retorno, hoje eles mudaram porque, enfim, o retorno diminuiu e se está pensando mais numa integração sem retornar. Então, você viu, por exemplo, aquele do exterior pode pensar que nós estamos com o SINAIE, o Sistema Nacional de Emergência e o Banco da República, uma conta é aberta em caso de desastres naturais para que os uruguaios do exterior possam enviar, sabe, doações. Então, outras doações que vêm fisicamente pela Noruega, Suécia, Austrália, quer dizer, já se está a pensar, viu, em uma diáspora ou em uma relação ou um vínculo com o Estado independentemente associado ao retorno, certo? (tradução nossa)¹³⁵ (informação verbal).¹³⁶

3.2 - O Departamento 20

As políticas de vinculação da população emigrada passam por uma mudança radical a partir de 2005, quando o primeiro governo do Frente Amplo, presidido por Tabaré Vasquez, é instaurado. Com essa nova orientação partidária, as posturas tradicionais do Estado uruguaio frente aos cidadãos que estavam fora de suas fronteiras, passam por uma reformulação completa. Muitos desses cidadãos, inclusive, estavam investidos emocionalmente nessas eleições. Olga conta a história de como viu a situação do país antes e como se

¹³⁵ *Hoy la agenda de ellos ha cambiado. Si bien era focalizado al tema del tratamiento del retorno, hoy han cambiado porque, bueno, ha disminuido el retorno y están pensando más en una integración sin retornar. Entonces, viste, por ejemplo, ese del exterior se plantea que estamos con el SINAIE, el Sistema Nacional de Emergencia y el Banco República se abre una cuenta en caso de desastres naturales para que los uruguayos del exterior puedan enviar, ¿viste? Donaciones, bueno, otras donaciones que vienen físicamente a través de Noruega, de Suecia, de Australia, digo, ya se piensa, viste, en una diáspora o en un relacionamiento o un vínculo con el Estado independientemente asociado al retorno, ¿viste?*

¹³⁶ FREIRE, Andrés. Entrevista concedida em 02/05/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C.

emocionou com as eleições. Essas foram acompanhadas de perto pelas comunidades no exterior.

Vimos o país desmoronar. E a gente ficava alguns meses sem vir e quando vinha, estava pior. Pior. Os restaurantes populares cheios de crianças, as crianças mendigando na rua. A roupa do povo, você via a deterioração ano após ano, o desgaste, e que não havia, não era substituído, tudo. Havia anúncios de aluguel em todos os lugares. Foi doloroso, doloroso. E quando as pessoas vinham te perguntar se era para sair. Foi aí que mais pessoas começaram a sair. As placas de venda e aluguel nas casas, era triste. E também notamos quando mudou. Lembro quando o Frente Amplo ganhou. E eu com uma bandeira na janela chorando, não pude comemorar. E aí no prédio tinha um menino que era argentino, mas tinha morado em Montevidéu, ele saiu pra comemorar em outro lugar, então era só eu no prédio (tradução nossa)¹³⁷ (informação verbal).¹³⁸

Com o Frente Amplo no governo, é desenhado um novo programa, o Departamento 20 que, como mencionado anteriormente, faz alusão a divisão territorial do país em 19 unidades administrativas¹³⁹. Esse vigésimo departamento, que não tem um correspondente territorial, foi criado vinculado ao Ministério de Relações Exteriores e, no princípio, foi patrocinado pela Organização Internacional das Migrações, OIM¹⁴⁰. Esse programa foi parte de um projeto político amplo que tinha como objetivo incorporar a questão migratória na agenda governamental. A lei de migrações¹⁴¹, promulgada em 2008, foi parte importante dessa nova agenda de discussões, sobretudo quando se tem em mente que não houve nenhuma lei desse tipo no país durante todo o século XX. Assim, essa lei estabelece um precedente importante ao incluir nas políticas de

¹³⁷ *Nosotros vimos el país venir abajo. Y pasabas unos meses sin venir y cuando venías, estaba peor. Peor. Los comedores llenos de gurices, los gurices pidiendo en la calle. La ropa de la gente, vos veías el deterioro de que año a año el desgaste y que no había, no se reponía, todo. Los carteles de alquiler por todos lados. Era doloroso, doloroso. Y cuando la gente venía a preguntarte, para irse. Ahí empezó más gente a salir. Los carteles de se vende y se alquila en las casas, daba pena. Y también se empezó a notar cuando cambió. Yo me acuerdo que ganó el Frente y yo con una bandera en la ventana moqueando, no pude festejar. Y después en el edificio había un muchacho que era argentino, pero había vivido en Montevideo, pero salió a festejar en otro lado, Así que era solo yo en el edificio.*

¹³⁸ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. *Bella Unión*, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

¹³⁹ Ver nota de rodapé 1.

¹⁴⁰ Estabelecida em 1951, a OIM, Agência da ONU para as Migrações, é o principal organismo intergovernamental no campo da migração e trabalha em estreita colaboração com parceiros governamentais, intergovernamentais e não-governamentais. Informação disponível na página web <https://brazil.iom.int/pt-br/quem-somos>, acesso em 13/05/2022, às 16:05.

¹⁴¹ Ley de Migraciones, número 18.250

Estado os uruguaioi residentes no exterior. O projeto contava com uma série de importantes dispositivos institucionais que proviam suporte, entre eles a Direção de Serviços Consulares e Vinculação, conhecida como Departamento 20 - A Pátria Peregrina; e a Secretaria de Retorno e Boas Vindas, ambas vinculadas ao Ministério de Relações Exteriores. Também foram criadas a Junta Nacional de Migrações e o Conselho Consultivo Assessor de Migração, sob as tutelas do Ministério do Trabalho e Seguridade Social e Ministério do Interior, respectivamente. Esses dois últimos órgãos tendo em sua composição organizações da sociedade civil, migrantes e de direitos humanos.

Essa institucionalização traz consigo dois marcos importantes para o processo: o primeiro é a participação de organizações da sociedade civil, e o segundo, a tentativa de coordenar as políticas de vinculação e retorno com outros órgãos do Estado, como Ministério de Trabalho, Saúde, Moradia, Desenvolvimento Social e Previdência Social.

Dentro da Lei de Migrações, dois artigos, que versam sobre os uruguaioi no exterior e sua organização através da formação de Conselhos Consultivo, merecem destaque:

Artigo 73

O Ministério das Relações Exteriores, através da Direção-Geral dos Assuntos Consulares e Vinculação, será responsável pela coordenação da política nacional de vinculação e retorno com a emigração. Planejará, programará e executará essa política no exterior por meio do Serviço Exterior da República, que considerará, no que for pertinente, as sugestões emanadas dos Conselhos Consultivos e associações sem fins lucrativos de caráter social, cultural ou esportivo de compatriotas residentes no exterior¹⁴².

Artigo 74

Os Conselhos Consultivos são organizações representativas de uruguaioi residentes no exterior cuja tarefa central será o vínculo com o país em suas mais diversas manifestações.

A organização e o funcionamento dos mesmos será sustentada com base nos princípios democráticos e na forma organizativa estabelecida pelo regulamento.

¹⁴²Artículo 73

El Ministerio de Relaciones Exteriores, a través de la Dirección General para Asuntos Consulares y Vinculación, tendrá a su cargo la coordinación de la política nacional de vinculación y retorno con la emigración. Planificará, programará y ejecutará dicha política en el exterior a través del Servicio Exterior de la República, el que considerará, en cuanto fuera pertinente, las sugerencias que al efecto emitan los Consejos Consultivos y asociaciones sin fines de lucro de carácter social, cultural o deportivo de compatriotas residentes en el exterior.

O Serviço Exterior da República, por meio de suas missões diplomáticas e repartições consulares, os reconhecerá como tais e prestará, no âmbito de suas atribuições, o apoio necessário.

Para os efeitos desta lei, serão consideradas associações de compatriotas residentes no exterior de caráter social, cultural ou esportivo, aquelas sem fins lucrativos, organizadas em bases e princípios democráticos, representativas de uruguaios residentes no exterior e cuja missão central seja o vínculo com o Uruguai em suas mais diversas manifestações¹⁴³.

O programa que constituía o Departamento 20 teve como objetivo outorgar à população emigrada um projeto de reconhecimento e valorização da cidadania, para além de suas fronteiras. No entanto, é importante destacar que o projeto não possuía orçamento, e a princípio o trabalho do Departamento 20 em Montevideu contou unicamente com o diretor geral e um funcionário. O Departamento ainda teve de lidar com mudanças de gestão que trouxeram descontinuidades e até mesmo contradições nas políticas implementadas (CROSA, 2015, p. 123-125).

A primeira gestão, de 2005 a 2008, surgiu com grande impulso e conseguiu uma adesão generalizada de várias coletividades já existentes. Praticamente todos os destinos onde havia migração uruguaia viram a formação de Conselhos Consultivos. Estes participaram ativamente de atividades e encontros. Em Montevideu, em 2006 e 2007, foram realizados Encontros Mundiais de Conselhos Consultivos. O entusiasmo e grande expectativa era patente nesse período. Havia espaço institucional, pela primeira vez, para a participação e organização, e para exibir a existência de vínculos e atividades

¹⁴³Artículo 74

Los Consejos Consultivos son organizaciones representativas de los uruguayos residentes en el exterior cuyo cometido central será la vinculación con el país en sus más diversas manifestaciones.

La organización y funcionamiento de los mismos se sustentará sobre la base de principios democráticos y la forma organizativa que establezca la reglamentación.

El Servicio Exterior de la República, a través de sus misiones diplomáticas y oficinas consulares, los reconocerá como tales y brindará, dentro del ámbito de sus competencias, el apoyo que le sea requerido.

A los efectos de esta ley se considerarán asociaciones de compatriotas residentes en el exterior de carácter social, cultural o deportivo, aquellas sin fines de lucro organizadas sobre bases y principios democráticos, representativas de uruguayos residentes en el exterior y cuyo cometido central sea la vinculación con el Uruguay en sus más diversas manifestaciones.

preexistentes. Havia também uma sensação de enorme potencial para o que essas organizações poderiam trazer para o futuro. (CROSA, 2015, p.125)

Para a gestão seguinte, que começa em 2008, foi nomeado um funcionário do Ministério de Relações Exteriores que era filiado a um partido da oposição, o Partido Nacional. Essa filiação é relevante se pensarmos que esse partido se opôs historicamente a implementação do voto no exterior, seja essa consular ou via correio. Mais que oposição, o Partido Nacional representava um obstáculo tenaz para levar essa discussão ao parlamento. Assim, essa gestão, segundo Crosa, paralisou as políticas de vinculação e gerou uma incompreensão e mal-estar por parte das coletividades. A terceira gestão, que dura apenas alguns meses entre 2009 e 2010, fica a cargo de outro funcionário do MRE, mas desta vez um frenteamplista, que restaura a comunicação direta com os grupos interessados.

A quarta gestão se consolidou em 2010, em um contexto onde o programa migratório já acedeu a uma forte institucionalização a nível estatal. Todos os órgãos criados já estão em funcionamento e a migração de retorno passa a ser um dos grandes temas de preocupação da Secretaria. Muitas das ações tomadas nesta gestão tem como foco principal os retornados, cujo fluxo se intensifica e cujas problemáticas se tornam significativas. São elaborados diversos materiais informativos, disponíveis para download na página web da Secretaria de Retorno e Boas Vindas. Um desses materiais é o Manual para o Retorno¹⁴⁴, que contém instruções burocráticas, sobre isenção de taxas e quais bens podem ser trazidos, além de um passo a passo detalhado das medidas a serem tomadas. Tanto no manual como na página web, está citado o artigo 76 da Lei de Migrações, que trata do retorno de uruguaios. Ademais, o material informativo esclarece que são uruguaios retornados aqueles que nasceram no Uruguai tanto quanto aqueles que nasceram no exterior, mas são filhos de pai e/ou mãe nascidos no país.

Artigo 76

Todo uruguaio com mais de dois anos de residência no exterior que decida residir definitivamente no país, poderá ingressar por uma única

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.gub.uy/ministerio-relaciones-exteriores/manual-retorno>. Acesso em 21/06/2022, às 16:00.

vez, livre de todos os procedimentos cambiais e isento de todos os tipos de direitos aduaneiros, impostos ou encargos conexos:

- A) Bens móveis e objetos que enfeitam a sua casa residencia.
- B) As ferramentas, máquinas, aparelhos e instrumentos relacionados com o exercício da sua profissão, arte ou ofício.
- C) Um veículo automóvel da sua propriedade, que não pode ser transferido antes de decorridos dois anos a contar da data da matrícula. O regime a que o veículo está sujeito deverá constar nos documentos de registo departamental e no Registo Nacional de Veículos. O referido veículo deverá ser matriculado diretamente pelo interessado na Intendência Departamental correspondente.

Nas operações previstas neste artigo não será obrigatória a intervenção do Despachante Aduaneiro. As legalizações consulares são estabelecidas gratuitamente em documentos relativos ao processo de residência definitiva no país de compatriotas e seu núcleo familiar, que atendam aos requisitos estabelecidos neste artigo¹⁴⁵.

No que concerne aos Conselhos Consultivos, a quarta gestão trata de um problema que havia surgido em 2008, com a regulamentação dessas organizações por parte do Estado uruguaio. Um decreto presidencial¹⁴⁶ estabeleceu uma série de condições e pré-requisitos para a formação desses conselhos que acabaram por dificultar a sua existência. Nos encontros mundiais de conselhos, ocorridos em 2009 e 2011, as principais demandas surgidas nas plenárias era exatamente rever essas regras, já que a sua imposição acabava por sufocar organizações preexistentes e que já possuíam dispositivos de organização próprios. Assim, em 2011, antes que se encerrasse o IV Encontro

¹⁴⁵ *Todo uruguayo con más de dos años de residencia en el exterior que decida residir definitivamente en el país, podrá introducir por única vez, libre de todo trámite cambiario y exento de toda clase de derechos de aduana, tributos o gravámenes conexos:*

A) Los bienes muebles y efectos que alhajan su casa habitación.

B) Las herramientas, máquinas, aparatos e instrumentos vinculados con el ejercicio de su profesión, arte u oficio.

C) Un vehículo automotor de su propiedad, el que no podrá ser transferido hasta transcurrido un plazo de dos años a contar desde su empadronamiento. El régimen a que esté sujeto el automotor deberá constar en los documentos de empadronamiento departamental y en el Registro Nacional de Automotores. El citado vehículo deberá ser empadronado directamente por la persona interesada en la Intendencia Departamental correspondiente.

En las operaciones previstas en este artículo no será preceptiva la intervención del Despachante de Aduana. Establécese la gratuidad de las legalizaciones consulares en los documentos relacionados con el trámite de residencia definitiva en el país de los compatriotas y de su núcleo familiar, que cumplan con los requisitos establecidos en el presente artículo.

¹⁴⁶Decreto 559/008, de 24 de novembro de 2008.. Disponível em http://archivo.presidencia.gub.uy/web/decretos/2008/11/597_00003.PDF. Acesso em 15/05/2022, às 18:20.

Mundial de Conselhos em Montevideu, um decreto presidencial¹⁴⁷ é instaurado para abolir o regulamento previamente existente, e assim, atender aos anseios pleiteados. Os Conselhos então passam a poder estabelecer as suas próprias regras de funcionamento, desde que respeitem princípios gerais de democracia, participação, transparência, inclusão e pluralismo. Os Conselhos passam então a contarem com mais flexibilidade para a sua operacionalização (CROSA, 2015, p.128).

Dentre os entrevistados para este trabalho, Olga é provavelmente quem teve mais contato com todo esse processo associativo. Quando de sua saída do Uruguai, já era filiada ao Partido Socialista e militava pelo Frente Amplo. Fez parte da fundação de uma Associação de Uruguaios e da iniciativa de organizar nas ilhas¹⁴⁸ um Conselho Consultivo. No entanto, os relatos de Olga dão conta também das disputas inerentes a ocupação de cargos de prestígio como esses.

Estava começando. Os Conselhos Consultivos começavam. Eu estive na primeira reunião, que foram daqui do Uruguai. Fui delegada a essa reunião, na outra ilha, na ilha capital, Gran Canaria. E bem, fui nomeada cônsul em Lanzarote. Eu tenho a carta lá. Eu vim, falamos ao telefone com Gargano. Eu o conhecia do Partido Socialista. Não éramos amigos, mas tínhamos uma ligação muito próxima. E a primeira coisa que ele me disse foi “Olguita, você tem algum vínculo com a Associação [de uruguaios]?” E eu lhe disse “Gargano, eu sou fundadora!”. Éramos entre quatro ou cinco que montamos a Associação. E me perguntou se eu concordava em ser cônsul. Eu, encantada. Eu não estava trabalhando, e tinha lugar na minha casa. E ele me disse o que eu tinha que fazer. E eu escrevi a carta para o cônsul oferecendo minha casa, o computador... E eu tinha que apresentar tudo isso. E o poder que eles têm nesse nível é tão terrível que, na realidade, não são eles os que tomam a decisão, mas são eles que decidem. E eu fui nomeada pelo ministro, mas a Cônsul Geral do Uruguai colocou todos os obstáculos no caminho para eu não ser nomeada, porque ela queria que eu pagasse alguém para que fosse, não lembro a palavra neste momento, para que essa pessoa fizesse todos os trâmites do consulado, mas o que eu estava oferecendo era isso justamente. Vi que eram pedras no caminho, vi que ia ser um problema e, além disso, não ganharia nada. Quer dizer, eu estava orgulhosa, mas... E além disso, eu sempre vinha para aqui [o Uruguai] os dois meses de inverno, nós sempre estávamos aqui para esses dois meses, então eu liguei para Gargano e disse a ele, não se incomode porque eu realmente não vou estar fazendo mil coisas para lutar por uma coisa dessas. Continuou a ser o consulado em Gran Canárias, que era numa sala mais pequena que esta aqui, (risos). E a associação continuou que se chamava Jacinto Vera, porque lembramos do primeiro bispo uruguaio, que na verdade era das Ilhas Canárias, e há

¹⁴⁷ Decreto 369/011, de 21 de Outubro de 2011. Disponível em http://archivo.presidencia.gub.uy/sci/decretos/2011/10/mrree_523.pdf. Acesso em 15/05/2022, às 18:25.

¹⁴⁸ Ilhas Canárias, onde a entrevistada residiu por cerca de 10 anos, conforme relatado no item 2.4 do presente texto.

um bairro em Montevideu chamado Jacinto Vera, então era uma forma de unir uruguaios com canários. E nós estávamos em contato com os canários aqui (tradução nossa)¹⁴⁹ (informação verbal).¹⁵⁰

Quando questionada sobre se a associação da qual fazia parte era vinculada com algum partido ou grupo político, a resposta de Olga é um tanto quanto ambígua. Apesar de afirmar que não acha que essa vinculação deva existir, afirma também, simultaneamente, que grande parte dos envolvidos tinham inclinações políticas claras.

Não. E eu nunca pensei que deveria. A maioria deles eram pessoas de esquerda, obviamente. Porque são eles que se movem. Mas havia de tudo. Lembro que o que elegemos presidente, não lembro o sobrenome dele agora, era Colorado. Mas havia algumas pessoas que estavam em contato constante e estavam bombardeando e querendo levar as coisas daqui para lá. Não, você está em outro lugar. A realidade é outra. Ajudar, de repente colaborar financeiramente, mas pensar que vou influenciar de lá o pensamento dos que estão aqui... é como lidar com fantoches (tradução nossa)¹⁵¹ (informação verbal).¹⁵²

¹⁴⁹ *Estaba empezando. Arrancaban los Consejos Consultivos. Yo estuve en la primera reunión, que fueron de aca de Uruguay. Yo fui delegada a esa reunión, en la otra isla, en la isla capital, Gran Canaria. Y bueno, yo fui designada cónsul, en Lanzarote. Tengo por ahí la carta. Yo vine, hablamos por teléfono con Gargano. Yo lo conocía del partido socialista. No éramos amigos, pero teníamos un vínculo bastante cercano. Y lo primero que me dijo fue "Olguita, vos tenes un vínculo con la asociación?" Y yo le dije "Gargano, yo soy fundadora". Fuimos entre cuatro o cinco los que armamos la asociación. Y me pregunto si yo aceptaba ser cónsul. Yo encantada. yo no estaba trabajando, tenía lugar en mi casa. Y me dijo lo que tenía que hacer. Y yo escribí la carta al cónsul ofreciendo mi casa, la computadora... Y tenía que presentar todo eso. Y tan terrible el poder que tiene a ese nivel que en realidad no son quien toman la decisión pero son los que deciden. Y estaba nombrada por el ministro, pero la señora cónsul general del uruguay me puso todos los pelos en el camino para que no fuera Porque quería que yo pagara una persona para que fuera, no me sale la palabra en ese momento, para que hiciera todos los tramites, pero si yo lo que ofrecía era eso. Yo vi que eran piedras en el camino, yo vi que iba a ser un problema, y además, no ganaba nada. Es decir, era un orgullo, pero... Y además yo siempre me vine los dos meses de invierno, siempre esos dos meses estábamos aca, ahí lo llame a Gargano y le dije, no se moleste porque realmente yo no voy a estar haciendo mil cosas por pelear por una cosa desas. Siguió siendo el consulado en Gran Canarias, que era una pieza más chica que esa, risos. Y siguió la asociación, que se llamaba Jacinto Vera, porque recordábamos al primer obispo uruguayo, que era canario en realidad, y hay un barrio en Montevideo, que se llama Jacinto Vera, entonces era una forma de unar los uruguayos con los canarios. Y estábamos en contacto con los canarios de aca.*

¹⁵⁰ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

¹⁵¹ *No. Y yo nunca pensé que debería. La mayoría era gente de izquierda, obviamente. Porque son quien se mueve. Pero había de todo. Yo me acuerdo que el que elegimos presidente, no me acuerdo el apellido ahora, era [del partido] Colorado.. Pero había alguna gente que estaba en contacto permanente y estaba bombardeando y queriendo trasladar cosas de acá para allá. No, estás en otro lugar. La realidad es otra. Ayudar, de repente colaborar económicamente, pero pensar que voy a incidir desde allá en lo que piensan los que están acá... es como estar manejando marionetas.*

¹⁵² TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

3.3 - Direitos Políticos: o voto

Os movimentos migratórios, em geral, causam um impacto imediato nos direitos políticos, uma vez que esses deslocamentos podem implicar na suspensão ou mesmo perda desses direitos, pelo menos em um primeiro momento. A não ser que o país de origem possua mecanismos jurídicos para garantir a participação e representação política dos migrantes, sua voz fica sujeita àqueles que podem levar suas reivindicações adiante sem terem deixado a pátria original.

Os Estados apresentam diferenças históricas quando se trata de conceder direitos políticos a emigrados ou imigrantes. O direito ao voto de cidadãos que estão fora do país existe a princípio para funcionários do governo em missões diplomáticas, ou para membros das Forças Armadas em missões, mas com a crescente globalização e aumento de movimentos migratórios, a possibilidade de se votar quando não se mora mais no país de origem passa a ser uma possibilidade real.

Segundo Crosa (2015), é possível classificar os Estados emissores de migrantes de acordo com os direitos concedidos a sua população. Assim, os estados transnacionais seriam aqueles que concedem a dupla nacionalidade com direitos plenos; seletivos, se admitem a dupla nacionalidade quando se retorna ao país de origem; e desinteressados, se negam os direitos políticos de seus emigrados. Logo, o Uruguai praticaria um transnacionalismo seletivo, já que se reconhece o direito político mas o voto continua sendo presencial. A única maneira de votar é estando no país no dia das eleições com a documentação em dia.

A cidadania uruguaia se configurou de maneiras diferentes ao longo da história. Foi especialmente inclusiva em se tratando da imigração transatlântica na Constituição de 1918, onde os direitos políticos foram até mesmo estendidos a estrangeiros em função de sua residência.

Artigo 8

Possuem direito a cidadania legal: os estrangeiros casados que, exercendo alguma ciência, arte ou ofício, ou possuindo algum capital de giro ou propriedade no país, tenham três anos de residência na República; os estrangeiros não casados que possuam algumas dessas

qualidades e quatro anos de residência no país; os que obtêm graça especial na Assembleia por serviços notáveis ou méritos relevantes¹⁵³

Assim, o texto constitucional de 1918 concebe que os direitos políticos são dissociados da nacionalidade, e a vida política estava garantida àqueles que habitassem o território.

No entanto, no que concerne à emigração, a resposta estatal tendeu a uma exclusão seletiva. Primeiro, por uma política de governo que focava seus esforços em projetar a imagem de um país de emigração, um país receptor, que relativiza a tendência de saída dos seus cidadãos. Depois, o terrorismo de Estado fortaleceu ainda mais a desvinculação de grupos emigrados, chegando inclusive a perseguir aqueles que se dedicavam a um ativismo de oposição (CROSA, 2015, p.152).

O fenômeno crescente da migração uruguaia, no entanto, força o estado a encarar a novas realidades sociais que surgem e as consequentes demandas de seus cidadãos. Podemos pensar inclusive nos termos que Basch e Schiller apresentam essa nova maneira de construção de nação (*nation building*). Segundo as autoras, ao contrário de como eram visto no passado, quando um Estado-Nação era definido em termos de um povo que dividia uma cultura em comum dentro de um território estabelecido, essa nova concepção de Estado inclui cidadão que vivem fisicamente dispersos dentro das fronteiras de distintos estados, mas que permanecem socialmente, politicamente, culturalmente e até economicamente parte de seu Estado de origem. Esses laços transnacionais aparecem como evidência de que esses migrantes continuam sendo membros da nação de onde vieram (BASCH; SCHILLER; BLANC, 1994, p. 09). E, como cidadãos e membros de um estado nação, o direito a comparecer às urnas e escolher seus dirigentes aparece como um de fundamental importância, inclusive por seu sentido simbólico.

¹⁵³ *Tienen derecho a la ciudadanía legal: los extranjeros casados que, profesando alguna ciencia, arte o industria, o poseyendo algún capital en giro o propiedad en el país, tengan tres años de residencia en la República; los extranjeros no casados que tengan algunas de dichas calidades y cuatro años de residencia en el país; los que obtengan gracia especial de la Asamblea por servicios notables o méritos relevantes*"

A ampliação da representação democrática dos cidadãos não residentes dentro dos limites territoriais do Uruguai foi alvo de diversos projetos. Em 1985, parlamentares da Frente Amplo apresentaram um projeto de lei cuja discussão não foi para frente, e várias tentativas foram feitas até 2005, quando, já no governo do país, o Frente apresentou novamente um projeto. As discussões deste aconteceram em 2007, dois anos após a apresentação do projeto, e apesar de o partido contar com maioria parlamentar, não alcançou o mínimo necessário para modificar a legislação existente, $\frac{3}{5}$ dos votos. Os partidos Blanco e Colorado mantiveram-se firmes na sua histórica oposição contra essa mudança. Não há na Constituição Nacional impedimentos jurídicos para que seja feita essa modificação, no entanto, o critério que acabou guiando as discussões parlamentares foi territorial. A extensão da cidadania, entendida como a capacidade de decisão política para além da nacionalidade, encontrou barreiras no fundamento dos sistemas estatais como vinculados à territorialidade. Em abril de 2009, um par de anos depois, o Frente novamente coloca o assunto em pauta, quando consegue reunir assinaturas para levar a decisão a um referendo popular. Assim, os uruguaios puderam decidir, juntamente com as eleições presidenciais daquele ano¹⁵⁴, se a votação poderia ser feita de qualquer lugar do globo, por via epistolar. No entanto, essa tentativa também não foi a frente, não alcançando o mínimo de 50% dos votos¹⁵⁵.

Para além dos critérios legais, essa discussão se desenvolve no âmbito das definições políticas e da concepção mesma de cidadania. Aqueles que se opunham ao voto no exterior não desvincularam a ideia de cidadania ao território que ela ocupa, não fazendo essa conexão com a prática, ou práxis, que a ideia envolve. Desde esse ponto de vista, é impossível estender direitos aos cidadãos, uma vez que a migração rompe o vínculo com o território da nação, ou seja, o fundamento mesmo da relação sujeito, sociedade e Estado (CROSA, 2015, p. 153). Promover então esse voto no exterior poderia significar reconhecer que a cidadania poderia ser exercida pelos emigrados, ressignificando as relações

¹⁵⁴ As eleições presidenciais de 2009, além do referendo citado, também foram acompanhadas por outro referendo, acerca da revogação da Lei de Caducidade de 1986. A proposta foi rejeitada por 52,02% dos votos válidos.

¹⁵⁵ A posição favorável ao voto vindo do exterior teve uma porcentagem de 37,42%, totalizando 862.454 em números absolutos. Votaram contra a proposta 1.442.232 uruguaios, totalizando 62,28% dos votos.

existentes e redefinindo fronteiras estabelecidas. A presença de outros cidadãos para além das fronteiras territoriais, além disso, apresentava também um desafio às Legislaturas, que se veria obrigada a pensar essa cidadania fora da âncora territorial, encarando o desafio de dar voz a esses uruguaios que estão além desse pequeno território. Vale ressaltar aqui que os emigrados continuam tendo direito a votar nas eleições de seu país, mas precisam estar em território uruguaio. Assim, a vinculação-território cidadania se mantém e se reforça.

Vale aqui recuperar a discussão levada adiante por Basch, Schiller e Blanc, quando apontam que os migrantes se encontram diante da construção de dois ou mais Estados Nação.

A contradição entre a construção do estado-nação, com a sua equação de território, estado e povo, e a existência de populações transmigrantes é o terreno no qual diversos países exportadores de mão-de-obra começaram a forjar a construção de estados-nação desterritorializados. A construção de estados-nação desterritorializados é algo novo e significativo, uma forma de nacionalismo pós-colonial que reflete e reforça a divisão do globo inteiro em estados-nação. Conceber um estado-nação que vai além das suas fronteiras geográficas envolve uma fabricação social diferente da imaginação diaspórica. Ver-se em uma diáspora é imaginar-se como estando fora de um território, parte de uma população exilada da pátria. Diásporas são populações que, enquanto dispersas através de limites e fronteiras, resgatam de sua perda comum e distância do lar a sua identidade e unidade como “um povo”. Povos que vivem em diáspora - como judeus e armênios, por exemplo - são vistos como tendo preservado sua essência espiritual ou cultural mesmo quando não tinham nenhum estado. A ideia de diáspora é intimamente ligada àquela de “nação” que vê um povo com um passado comum e um laço biológico de solidariedade que pode, ou não, em qualquer tempo dado, ter o seu próprio estado. Em contraposição está o estado-nação desterritorializado, no qual as pessoas dessa nação podem viver em qualquer lugar do mundo e ainda assim não estarem fora do estado. Por essa lógica, não há mais uma diáspora, porque onde quer que seu povo vá, seu estado vai também. (BASCH; BLANC; SCHILLER, 1994, p. 293, tradução nossa)¹⁵⁶

¹⁵⁶*The contradiction between the construction of the nation-state, with its equation of territory, state, and people, and the existence of transmigrant populations is the terrain upon which diverse labor exporting countries have begun to forge constructions of deterritorialized nation-states. Deterritorialized nation-state building is something new and significant, a form of post-colonial nationalism that reflects and reinforces the division of the entire globe into nation-states. To conceive of a nation-state that stretches beyond its geographic boundaries involves a social fabrication different from diasporic imaginings. To see oneself in a diaspora is to imagine oneself as being outside a territory, part of a population exiled from a homeland. Diasporas are populations that, while dispersed across boundaries and borders, salvage from their common loss and distance from home their identity and unity as “a people.” Peoples living in the diaspora—Jews and Armenians, for example—are thought to have preserved their spiritual or cultural essence even when they had no state. The concept of diaspora is closely related to that of “nation” which envisions a people with a common past and a biological bond of solidarity who may or may not at any one time have its own state. In counterdistinction is the deterritorialized nation-state, in which the nation’s people may live anywhere in the world and still not live outside the state. By*

O direito ao voto é visto então por muitos dos que estão fora de fronteiras territoriais como um direito que deve ser conquistado. A fala a seguir de Olga deixa essa discussão muito clara. Apesar de colocar um aparte sobre discussões partidárias que são às vezes importadas, ou carregadas junto com o resto da bagagem, a uruguaia afirma que o voto deve ser um direito, já que outras conexões são mantidas.

Não, o voto sim é outra coisa. Sou cidadã, contribuo para o meu país, envio dinheiro. Então por esse lado sim. Mas não me parece que deva repetir aqui os conflitos do Frente, brigar com... Não. Não. Parece-me que você tem que tentar administrar... Eu nunca vim votar, nunca vim votar, primeiro porque era uma despesa enorme. E segundo porque coincidia com horários de trabalho e não podia vir. Nunca considerei isso uma necessidade. Mas sim me parece que tem que ser um direito. Você o exercita ou não o exercita. Mas é um direito.. (tradução nossa)¹⁵⁷ (informação verbal)¹⁵⁸

Essa disputa por algo que é visto como um direito, como explicita Olga, acaba por trazer o migrante e o retornado para uma disputa política. Por mais que o sujeito não esteja envolvido com questões mais abstratas do campo político, as eleições para presidente são muitas vezes vistas como expressão máxima de participação e cidadania. Assim, ser impedido de tomar parte nesse processo, ou lutar para ser parte desse processo, acaba por mobilizar o migrante e também o retornado.

3.4 - A sociedade de acolhida

As experiências dos uruguaiois também diferem de acordo com as experiências pelas quais passaram nas diferentes sociedades que os acolheram. Alguns dos aspectos importantes dessas experiências são o acesso ao mercado de trabalho e o status da própria migração, ou seja, a quais documentos o migrante teve acesso.

this logic, there is no longer a diaspora because wherever its people go, their state goes too (BASCH; BLANC; SCHILLER, 1994, p. 293).

¹⁵⁷ *No, lo del voto si, es otra cosa. Yo soy ciudadana, apporto a mi país, estoy mandando dinero. Entonces por ese lado si. Pero no me parece que yo tenga que repetir los conflictos del Frente acá. Ir a pelearme con.. No. No. Me parece que tenes que intentar gestionar.. Yo nunca vine a votar, nunca vine a votar, primero porque era un gasto enorme. Y segundo porque me coincidía con épocas de trabajo y no podía venir. Nunca lo consideré una necesidad. Pero si me parece que tiene que ser un derecho. Vos lo ejerceis o no lo ejerceis. Pero derecho.*

¹⁵⁸ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A

A maioria deles trabalhava. A maioria trabalhava informal. Se não tiver documentos não tem volta, não. No período de Zapatero tentaram resolver, e se tivesse uma oferta de emprego. E depois pela permanência. Se você esteve muitos anos sem ter saído, eles consideravam que você já tinha raízes, você tinha uma família, você já tinha alugado um imóvel. A questão dos aluguéis também, em muitos casos era difícil alugar. E em cada lugar era diferente. Nas Ilhas Canárias, por exemplo, era menos duro. Nunca encontrei, não vi, mas na Península, muito difícil. Eles te tratavam mal. Especialmente com os colombianos, os equatorianos, que eram massas, eram muitos. Os uruguaios, há sempre uma certa deferência para com os uruguaios, e nas Ilhas Canárias conhecem muitos. Eles se sentem um pouco pais porque, como foram fundadores de Montevidéu, se sentem parte dela.

Muitas vezes eles te confundem com o argentino. E tomamos o cuidado de esclarecer imediatamente que não. Inclusive acompanhei muitas pessoas com meu marido para os aluguéis, pois não alugam para argentinos. Eles têm uma má reputação, de não pagar, de roubar. Os argentinos têm uma reputação muito pior do que os uruguaios. Os uruguaios são bem vistos (tradução nossa)¹⁵⁹ (informação verbal).¹⁶⁰

Os casos relatados por Olga deixam claro também o desequilíbrio de forças entre aqueles que estão chegando e os que os estão recebendo. Principalmente nessa relação que anteriormente se configurava como metrópole - colônia. Essa relação de forças se estabelece em favor do país receptor, que se coloca sempre como credor, quando, na verdade, deveriam ser devedores. Assim a metrópole continua no seu papel de educador, de civilizador, enquanto que os imigrantes são os “educáveis”, “civilizáveis” (SAYAD, 1998).

O migrante e o mercado de trabalho formam uma relação indissociável, principalmente quando tomamos em conta como o migrante é percebido nos países receptores. Nesses lugares, o imigrante cumpre apenas uma função, e é essa função que o define e até mesmo permite a sua existência. Abdelmalek Sayad coloca que, em situações limite, é impossível falar sobre o migrante

¹⁵⁹ *La mayoría trabajaba. La mayoría trabajaba en el negro. Si no tenés papeles no hay vuelta, no. En el periodo de Zapatero intentaron solucionarlo, y si tenías una oferta de trabajo. Y después por arraigo. Si estabas tantos años sin haber venido, te consideraban que ya tenías arraigado, tenías familia, ya habías alquilado. El tema de los alquileres, también, en muchos casos era difícil que te alquilen. Y en cada lugar era diferente. Canarias, por ejemplo, era menos duro. Yo nunca encontré, no vi, pero de la península, bravísimo. Te trataban mal. Sobre todo con los colombianos, los ecuatorianos, que eran masa, eran muchos. Los uruguayos como que siempre hay como cierta deferencia hacia los uruguayos, y en canarias conocen mucho. Se sienten como un poco padres porque como fueron fundadores de Montevideo se sienten como parte.*

Muchas veces te confunden con argentino. Y nosotros nos encargamos de aclarar de inmediato que no. Yo incluso acompañé a mucha gente con mi marido por los alquileres, porque a los argentinos no les alquilan. Tienen mala fama, de no pagar de robar. Tienen mucho más mala fama los argentinos que los uruguayos. Los uruguayos están bien visto.

¹⁶⁰ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

desempregado. Esse sujeito só existe socialmente quando ocupa um lugar nesse mercado de trabalho. E é um mercado de trabalho específico, onde apenas pessoas que estão nessa condição podem ocupar um posto.

A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem - sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante (SAYAD, 1998, p. 55).

A relação estabelecida com o mercado de trabalho traz consigo uma carga moral para os migrantes, que coloca em cheque suas expectativas ou experiência prévia. O tipo de trabalho que desempenhava no seu país de origem muitas vezes não encontra correspondência no país receptor, e adaptações vão sendo feitas.

Para minha mãe, por exemplo, ela não gosta. Não fomos criados para trabalhar como domésticas, então trabalhar como doméstica em outro lugar dói para ela. Isso lhe dói. E eu digo, para mim é o contrário. Para mim é admirável que alguém seja capaz de fazer qualquer tarefa. Aquele rapaz mesmo, a mãe dele não gostava que ele trabalhasse abaixo de suas habilidades, mas por lá o título não vale nada. A menos que seja... Se você é carpinteiro, você é carpinteiro em qualquer lugar. Havia um menino carpinteiro que chegou por lá direto para trabalhar. Ou eletricitista. Se você é eletricitista, você é eletricitista em qualquer lugar. Mas um diploma universitário? Você tem que revalidar. Mesmo pra algumas coisas você tem que fazer (...) primeiro, depois concursar e só depois você pode... E bem, a situação na Espanha tem piorado. Assustador.

O irmão do meu irmão, foi conosco sem o convite¹⁶¹. Foi com bolsa de estudos. Uma bolsa de seis ou três meses, não me lembro. Ele foi apoiado e teve esse íterim para procurar trabalho. E logo conseguiu. Mas ele se comportou tão bem que ficou conosco por um ano. Depois ele se casou e tudo. Mas nós não trouxemos o convite, e quando chegamos ao aeroporto... ah, que medo!. Claro, nós passamos pela zona dos europeus e ele teve que ingressar pela outra fila da entrada, e quando eu olho, vejo que o levam de volta. E lá eu saí correndo e eles me deixaram passar. Lá eu disse que ele vinha conosco. Que ele era nosso convidado. E tudo bem, deixaram ele entrar, não aconteceu nada. Mas o pobre estava tremendo. E o outro caso que fizemos foi um casal. Ele era carpinteiro e ela trabalhava como doméstica. E ambos saíram bem arrumados. E ele era negro. E você acredita que eles a fizeram voltar e ele entrou? Ficamos totalmente surpresos. Ele entrou. E ela teve que voltar. E em Fuerteventura eu me lembro que às vezes eles iam aos locais de trabalho e retiravam os rapazes. E à noite eles me ligavam. Um rapaz de Bella Unión me ligou uma noite, que tinham levado o passaporte dele e tudo. Mas ele fez amizade com os soldados, e eu não sei como ele fez isso, mas ele ainda está lá! Nunca voltou. É todo um personagem ele. Enfim, cada história que há das pessoas! Lá na fila

¹⁶¹ Aqui Olga se refere a carta convite que turistas podem levar ao entrar em um país europeu, onde alguém que tem a residência se responsabiliza pela estadia de quem entra.

esperando. As pessoas contavam. Um deles nunca havia trabalhado como pedreiro, mas saiu para se alistar para trabalhar como pedreiro. Era o que havia. Então ele repetiu tudo o que o da frente disse. Risos. Ele não tinha a menor ideia. E esse está lá até hoje. O outro que sim sabia, que trabalhava como pedreiro, voltou. Você tem que procurar por si mesmo, você não tem escolha (tradução nossa)¹⁶² (informação verbal).¹⁶³

E eu fiquei, minha filha e eu ficamos cinco anos sem papéis, esperando o milagre da anistia, que diziam que havia. E bem, e eu tive que consertar isso da melhor maneira que pude. Eu vendia pão caseiro, pastéis caseiros, eu sou... Eu estudei pedicure há muitos anos para pagar a faculdade, para me ajudar com as passagens. Então, fazia pés a domicílio. Essa amiga da Costa Rica foi ao Brasil a negócios e me deu um presente, na época eram oitocentos dólares. Ela me disse "compre tudo o que você precisa para uma pedicure". Então comprei a máquina de polir, todos os aparelhos e fiz pedicure a domicílio. E depois, eu fui entrando na universidade pelo coral... no mesmo mês que meu marido foi para a Guatemala, fiquei com as crianças, nesse mesmo mês um amigo que tínhamos em comum me convidou para o coral da universidade. E ele me disse "agora você não tem desculpa". Porque eu estava em tantos conflitos com meu ex-marido que não queria fazer

¹⁶² *Para mi madre, por ejemplo, a ella no le gusta. No nos criaron para trabajar de doméstica, entonces que vaya a trabajar de doméstica a otro lado le duele. Le duele. Y yo digo, para mi es al revés. Para mi es admirable que alguien sea capaz de hacer cualquier tarea. Ese gurí mismo, a la madre no le gustaba que trabajase por debajo de sus habilidades, pero allá el título no te vale un carajo. A no ser que sea... Si sos carpintero, sos carpintero en cualquier lugar. Había un muchachito carpintero que llegó allá a trabajar. O electricista. Si sos electricista, sos electricista en cualquier lugar. Pero un título universitario? Tenés que revalidar. Incluso en algunas cosas tener que hacer (...) primero, después concursar y después recién podés... Y bueno, la situación en España se viene poniendo mal. Espantoso...*

Victor, el hermano de mi hermano, se fue con nosotros sin invitación. Fue con una beca. Una beca de seis o tres meses, no me acuerdo. Iba mantenido y tenía ese ínterin para buscar trabajo. Y pronto consiguió. Pero se portó tan bien que se quedó un año con nosotros. Después se casó y todo. Pero nosotros no llevamos la invitación, y cuando llegamos al aeropuerto... ay, que terror. Claro, nosotros pasamos por la zona de europeos y él tuvo que entrar por la otra cola, y cuando yo veo lo llevaron para atrás. Y allá salí corriendo y me dejaron pasar. Ahí yo dije que venía con nosotros. Que era un invitado nuestro. Y ta, lo dejaron entrar, no pasó nada. Pero el pobre Victor temblaba. Y el otro caso que hicimos fue con una pareja. Él era carpintero y ella trabajaba como doméstica. Y se fueron los dos bien arreglados. Y el era negro. Y vos podés creer que a ella la hicieron dar vuelta y él entró? A nosotros nos sorprendió totalmente. Él entró. Y ella tuvo que dar vuelta. Y en Fuerteventura me acuerdo que a veces recorrían los lugares de trabajo y sacaban a los muchachos. Y de noche me llamaban. Un muchacho de Bella Unión una noche me llamó, que le habían sacado el pasaporte y todo. Pero se hizo de amigo de los milicos, y no se como hizo, pero sigue allá! Nunca se vino. Un personaje es. Bueno, cada historia hay de la gente. Ahí en la cola esperando. Uno contaba. Nunca había trabajado de albañil, pero se fue a anotar para trabajar de albañil. Era lo que había. Entonces repetía todo lo que decía el de adelante. Riusos. No tenía ni idea. Y este esta allá hasta el día de hoy. El otro que sabía, que trabajaba de albañil, se vino. Tienes que buscarte, no tienes más remedio.

¹⁶³ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

nada. Eu estava com muito pouca energia.(tradução nossa)¹⁶⁴
(inforação verbal)¹⁶⁵

A questão da ilegalidade ou irregularidade da permanência no país de destino também é um tema que permeia os discursos dos migrantes. Nos relatos acima vemos a relação com o mercado de trabalho informal, por exemplo. No entanto, na última década, vemos um movimento crescente por parte de associações de migrantes, sobretudo em países tradicionalmente receptores, como Estados Unidos, França e Inglaterra, para que não se refira mais a indivíduos como sendo “ilegais”, e sim não-documentados. O debate que se levou a cabo entre grandes veículos de imprensa, como o New York Times¹⁶⁶ e a Associated Press¹⁶⁷, é reflexo de um tema que toma cada vez mais espaço no imaginário popular. O fato, no entanto, é que esses indivíduos seguem se vendo forçados a empregarem diversas estratégias para continuar permanecendo onde escolheram. A história de Anna, que sai do Uruguai com a família, vive na Costa Rica por dez anos, se desloca para o Brasil, onde se separa do marido, e esse, que era quem tinha a permissão legal de residência, vai embora, é um exemplo muito claro desse uso de diferentes estratégias.

Eu permaneci ilegal no país por cinco anos. Anita casou-se com um namorado que tinha desde a adolescência. Porque Anita é lésbica. Na verdade foi uma primeira tentativa de namorar e, bem... ele, que é como um filho, ele me ofereceu, veio me dizer que queria casar com a Anita, porque a Anita tinha que continuar estudando para conseguir os papéis. Então minha filha, Anita, se casou. Eles se divorciaram aos quatro, cinco anos, nunca viveram juntos, mas enfim. Aqueles gestos dos cariocas

¹⁶⁴ *Y me quedé, mi hija y yo nos quedamos sin papeles durante cinco años, esperando el milagro de una amnistía, que decían que había. Y bueno, y tuve que arreglármela como pude. Vendí panes caseros, masitas caseras, soy... estudié pedicuría hace muchos años para pagarme la universidad, para ayudarme en los boletos. Entonces, hice pies a domicilio. Esta amiga de Costa Rica fue a Brasil por negocios y me regaló, en esa época eran ochocientos dólares. Me dijo "comprate todo lo que necesites para pedicuría". Entonces me compré la maquinita pulidora, todos los artefactos y hice pedicuría a domicilio. Y después, y fui entrando en la universidad por el coro... el mismo mes que mi marido se fue a Guatemala, yo me quedé con los chiquilines, ese mismo mes un amigo que teníamos en común me invita al coro de la universidad. Y me dijo "ahora no tienes excusa". Porque yo había tenido tanto conflicto con mi ex-marido que no quería hacer nada. Estaba con la energía muy baja.*

¹⁶⁵ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

¹⁶⁶ Citamos como exemplo o artigo publicado em 10 de março de 2017 presente no link: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/insider/illegal-undocumented-unauthorized-the-terms-of-immigration-reporting.html>. Acesso em 20/05/2022, às 16:40.

¹⁶⁷ Desde 2013 a Associated Press não utiliza o termo “imigrante ilegal”, fruto de uma decisão editorial. <https://abcnews.go.com/ABC/Univision/press-drops-illegal-immigrant-standards-book/story?id=18862824>. Acesso em 20/05/2022, às 16:43.

eram tudo para mim. Quando me separei... tenho uns amigos gays, Marcelo e Omar, que me convidaram para jantar uma noite, eu estava desesperada, não conseguia os papéis, Mônica não podia estudar. Ela não podia... eu fui chorar em uma escola pública, literalmente chorar à diretora, para que permitisse o meu ingresso. Porque a Mônica tinha que terminar o ensino médio, segundo e terceiro anos. E tiveram pena de mim. Que, quando eu tivesse os papéis, eu os trouxesse. Por favor, não deixe sem um lugar para ela, porque ele foi embora e o vínculo empregatício dele terminou e, então... Passamos muita necessidade econômica. Me custou a minha saúde, eu tive uma depressão muito grande que durou anos. Foi uma depressão funcional, porque de qualquer maneira eu tinha que sair e lutar, não podia ficar... não tinha opção. Me custou, tive um pico de pressão muito alto. Chegou a vinte e um, vinte e dois, quase um AVC. E, bom, fomos saindo, saindo... Aos cinco anos de estar ilegal com Monica, houve um tratado bilateral Uruguai - Brasil e aí nos legalizamos (tradução nossa)¹⁶⁸ (informação verbal).¹⁶⁹

No entanto, em meio às experiências de saída, de chegada, de busca de trabalho e moradia, os migrantes ainda passam pelo processo de primeiro contato com a sociedade que os acolhe (ou as vezes que não os acolhe tanto assim). As impressões são sempre variadas, ligadas irremediavelmente a questões individuais que tem muito que ver com as condições de chegada. Mas sempre se formam impressões do novo lugar.

Muito mais fácil. No Brasil foi muito fácil para mim. De todas maneiras, havia lá... que é algo mais interno à nossa família. Meu ex-marido, uma pessoa com quem não é fácil fazer amizade. Eu sou mais aberta e faço muitos amigos facilmente. Havia toda uma estranha dinâmica. Começamos a ter problemas conjugais, também isso fez... Um pouco. Eu fiz muitos amigos. Não tanto nos primeiros anos de casamento que estive no Brasil. Depois... Agora, de qualquer forma, o que posso dizer

¹⁶⁸ *Me quedé ilegal en el país cinco años. Anita se casó con un novio que tenía de la adolescencia. Porque Anita es lesbiana. En realidad fue un primer intento de tener novio y, bueno... él, que es como un hijo, él me ofreció, vino a decirme que él se quería casar con Anita, porque Anita tenía que seguir estudiando para conseguir los papeles. Así que mi hija, Anita, fue casada. Se divorciaron a los cuatro, cinco años, nunca vivieron juntos, pero bueno. Esos gestos de los cariocas fueron todo para mí. Cuando yo me separé... Tengo unos amigos gay, Marcelo y Omar, que me invitaron a cenar una noche, yo estaba desesperada, no conseguía papeles, Mónica no podía estudiar. No conseguía... fui a llorarle a un liceo público, llorar literalmente a la directora, para que me la tomara. Porque Mónica tenía que terminar el liceo, tercer y cuarto años. Y se apiadaron de mí. Que, cuando yo tuviera papeles les traería. Por favor, no me la dejara sin lugar, porque él se fue y se terminó el vínculo empregatício y, entonces. Pasamos mucha necesidad económica. Me costó salud, tuve una depresión muy grande que duró unos años. Igual una depresión funcional, porque igual tenía que salir a luchar, no podía quedar... no tenía opción. Me costó, tuve un pico de presión muy alto. Llegué a veintiuno, veintidós, casi un ACV. Y bueno, y fuimos saliendo, saliendo... a los cinco años de estar ilegales con Mónica, hubo un tratado bilateral Uruguay-Brasil y ahí nos legalizamos.*

¹⁶⁹ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

do Rio de Janeiro, que não sei se é igual em todo o Brasil, porque não morei em outro lugar, é que o carioca é muito superficial. As amizades com o carioca vão da porta de sua casa para fora. Por motivos diferentes do que na Costa Rica. Na Costa Rica, o motivo é que não te convidam, e é sempre assim. O carioca é muito simpático desde a porta de sua casa até o lado de fora. Não conheço a maioria das casas dos meus amigos, por exemplo. Isso é uma indicação. Acho que é o clima, talvez. As amizades são do bar, as amizades são da praia, as amizades são da sua porta. Que eu convidasse muitas pessoas para minha casa, depois que me separei, era muito raro. Convidei muitas pessoas para minha casa. E eles vinham e faziam a festa na minha casa. Eu gosto de ter gente. E isso era visto como estranho. Mas isso, eu acho, é uma questão mais climática. Não sei o que é, não sei.

No Brasil, conheci pessoas muito especiais. Depois, minha família baiana, que foi onde passamos os últimos dez Natais da minha vida, passei com eles, esses baianos, mas eles moram no Rio. É meu amigo, o marido que morreu, que a gente sente como se fosse um parente e os dois filhos. Eles são a nossa família brasileira, ou seja, tinha gente, não sei de onde veio. Eu, quando me separei do meu marido, as pessoas começaram a aparecer. Foi incrível [...] (tradução nossa)¹⁷⁰ (informação verbal).¹⁷¹

A história de Anna e suas percepções sobre seus movimentos migratórios, as dificuldades que passou com as suas filhas e os trabalhos que teve que desempenhar, estão profundamente ligadas à sua vivência conjugal, às histórias de seu casamento e vida familiar. A história oral traz à baila esse tipo de interação, onde a relação estabelecida entre quem narra e quem escuta, permite que essa história seja contada, revivida, reinterpretada pelo narrador.

¹⁷⁰*Mucho más fácil. En Brasil fue muy fácil para mí. De todas formas, había ahí una... que es una cosa más interna de nuestra familia. Mi ex-marido, una persona que no es fácil de hacer amigos. Yo soy más abierta y hago muchos amigos con facilidad. Había toda una dinámica media rara. Empezamos a tener problemas matrimoniales, también que eso hizo que nos [...] un poco. Yo hice muchos amigos. No tanto en los primeros años de casada que estuve en Brasil. Ya después... ahora, de todas formas, lo que puedo decir de Rio de Janeiro, que no sé si es igual en todos lados de Brasil, porque no viví en otros lados, es que el carioca es muy superficial. Las amistades con el carioca son de la puerta de tu casa para fuera. En diferentes motivos que en Costa Rica. En Costa Rica, el motivo es que no te invitan, y es siempre así. El carioca es muy amigable de la puerta de su casa para fuera. Yo no conozco la mayoría de las casas de mis amigos, por ejemplo. Eso es un indicativo. Creo que es el clima, tal vez. Las amistades son de bar, las amistades son de playa, las amistades son de tu puerta para fuera. Que yo invitara a mucha gente a mi casa, después que me separé, era muy raro. Yo invitaba a mucha gente a mi casa. Y venían y hacían las fiestas en mi casa. Me gusta tener gente. Y eso era raro. Pero eso, creo que es una cuestión más climática. No sé que es, no sé. En Brasil, me topé con personas muy especiales. Después, mi familia baiana, que es donde pasamos las diez últimas navidades de mi vida, las pasé con ellos, esos baianos, pero viven en Río. Es mi amiga, el esposo que se murió, que lo sentimos como si fuera un familiar y los dos hijos. Son nuestra familia brasileña, o sea, hubo gente, que no sé de donde apareció la gente. Yo, cuando me separé de mi marido, empezó a aparecer gente. Fue increíble [...].*

¹⁷¹ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

Segundo Brunner e Weisser, no ato de se narrar, ocorre também a “invenção do ser” (COSTA, 2001, p.83).

Ademais, podemos aqui resgatar as postulações do sociólogo Maurice Halbwachs, ao afirmar que nossa maneira de observar o mundo não é construída somente a partir de percepções individuais, mas é influenciada sobremaneira pela coletividade. Mesmo que deixemos de conviver com determinado grupo, por exemplo, o reencontro faz com que lembranças do período ressurjam. Assim, toda a memória é fruto da relação que construímos em sociedade.

Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2003, p.69)

Irma, que morou na Austrália por mais de quarenta anos, fala da impressão que guarda dessa sociedade. São impressões muito divergentes, quiçá por tratar-se de uma cultura anglo-saxã, com hábitos muito distintos das que são vizinhas na América Latina. Em geral, os relatos de uruguaio que migram para a Austrália contém trechos similares, e a sua rede de sociabilidade se faz entre outros imigrantes latinos.

Fria sem sentimentos. Eles devem tê-lo, mas muito bem guardado. Viu?, eles vivem de portas fechadas, você não os vê. Morei de frente a vizinhos de 40 anos e você nunca tomou um café com eles. Viu? Muito... Ao lado da minha casa, por exemplo, enquanto moramos lá. Quanto vivemos, 30 e algo de anos, 35 anos? Mudou muito, as pessoas se mudam muito, lá. E eles vendem casas e compram e alugam e vão embora. Mudaram não sei quantas famílias. [...] e de manhã para ver como você está e..... nada mais. Ultimamente tinha um jovem casal, com um garotinho, que veio brincar na nossa porta e eu saía para conversar, enfim... tipo “como estás” e “tudo bem”, só um pouquinho. Mas eles sabiam que meu marido estava doente, por exemplo, e um dia o jovem me perguntou: "Faz tempo que não vejo seu marido?" E eu disse que ele faleceu meses atrás. Eles não sabem nada. Para dar um exemplo de como essa sociedade é fria, certo? E você fala com eles... eu sou muito falante, entendeu? Muito falante, aqui eu falo com todo mundo, com os feirantes, com todo mundo. Eles me tinham como um bicho estranho. Viajei 15 anos de trem com as mesmas pessoas, porque ia trabalhar no centro e viajava 40 minutos, 45 minutos de trem. E se você falasse com a pessoa ao seu lado, ela olhava para você como se dissesse [...], você viu? Claro que depois outras culturas muito mais amigáveis, muito mais abertas, se envolveram, entende? Os árabes, os vietnamitas, pessoas de outras culturas que possibilitaram que

houvesse mais comunicação. Mas a sociedade australiana, morávamos em um bairro em uma área australiana, esqueça. Não, não. E não é discriminação nem racismo, é como eles são. Assim como os ingleses também (tradução nossa)¹⁷² (informação verbal).¹⁷³

A existência de uma sociabilidade entre migrantes, ainda que tenham origens diferentes, também é forte em diversos relatos, como o de Irma, reproduzido acima, e o de Anna, a seguir. É provável que, ao se encontrar em situação similar de desterro, esses grupos de pessoas compartilhem impressões e vivências às quais os locais não teriam acesso com a mesma facilidade.

Costa Rica tem esse problema, é muito difícil fazer amigos nacionais. Durante os 7, 8 anos que estivemos lá, não fizemos nenhum amigo costarricense. Só as amigas das meninas, mas não somos amigos da família delas, por exemplo. Fomos ao casamento, e eles têm uma mansão, eles nos pagaram a passagem, mas não estivemos na casa deles. A gente teve que procurar... mandaram a gente para um hotel [...]. Então tínhamos amigos estrangeiros, nada mais, na Costa Rica. (Pessoas) de toda a América Latina. E especialmente pessoas muito jovens e solteiras. O que eles viram em nós... pessoas que estavam sozinhas, assim como nós. Estudantes [...]. Eles eram os tios dos meus filhos. Eles tiveram tios postiços por toda a vida. Eles suprimam a necessidade de família com esses tios postiços. Tiveram da Nicarágua, teve um argentino que até hoje é nosso amigo, que se casou com uma equatoriana de lá. Ele a conheceu lá. Salvadorenses, tínhamos muitos amigos. Reuníamos-nos numa comunidade de base salvadorena, com um padre, que era casado. Um padre católico que era casado. A primeira vez na minha vida, quando vi duas menininhas virem abraçá-lo e dizer papai. E eu pensava que carinhosas são com o padre [...]. Disseram-me que o amigo que nos levou [...] é o pai. Sim, ele é casado. E o Vaticano fazendo... esses casos na América Central, é muito comum, eles não falam sobre isso. As experiências na América Central

¹⁷² *Fría sin sentimientos. Lo deben de tener, pero muy guardadito. Viste, viven de puertas adentro, tu no los ves. [...] con la mano enfrente y vecinos de 40 años y nunca tomaste una taza de café con ellos. Viste? Una cosa muy... Al lado de mi casa, por ejemplo, mientras nosotros vivimos ahí. Qué vivimos, 30 y algo de años, 35 años? Ha cambiado mucho, se mueve mucho la gente, allá. Y venden casas y compran y se alquilan y se van. Cambiaron no sé cuantas familias. [...] y en la mañana a ver como estás y [...] no más. Últimamente había una pareja joven, con un nenito chiquito, que venía a jugar a la puerta nuestra y yo salía para conversar, en fin... Y entrar un ratito, y "como estás, y bien", un poquito. Pero ellos sabían que mi esposo estaba enfermo, por ejemplo, y un día él me preguntó el muchacho: "si hace tiempo no veo a su esposo?". Y yo dije que él falleció hace meses ya. Ellos no se enteran de nada. Para ponerte un ejemplo de lo fría que es esa sociedad, no? Y tú conversas con ellos... Yo soy muy de hablar, viste? Muy de hablar, acá hablo con todo el mundo, con los feriantes, con todo el mundo. Tenían como un bicho raro. Viajé 15 años en el tren con la misma gente, porque me iba a trabajar al centro y viajaba 40 minutos, 45 minutos en un tren. Y si le hablabas al de al lado, te miraban así como diciendo [...], viste? Por supuesto que después se fueron metiendo otras culturas mucho más amigables, mucho más abiertas, viste? Los árabes, los vietnamitas, gente de otras culturas que hicieron que hubiera más comunicación. Pero la sociedad australiana, nosotros vivíamos en un barrio de área australiano, olvidate. No, no. Y no es discriminación ni racismo, es como son ellos. Como son los ingleses también.*

¹⁷³ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

foram muito ricas para minha vida. Há um antes e um depois na minha vida com a viagem à América Central. Digo América Central, porque me deram [...]. E como eu tinha tantos amigos, isso me deu a oportunidade de sair um pouco da Costa Rica. A Costa Rica é difícil de fazer amigos. O costarricense não vai à sua casa, o costarricense não o convida para a casa dele. Eles estão fechados. Sim, eles são muito fechados. Não sei se é vergonha do que eles têm, ou que eles não têm, não sei, não sei explicar, porque o resto dos centro-americanos não são assim. E isso me custou, porque você viu que o uruguaio é diferente (tradução nossa)¹⁷⁴ (informação verbal).¹⁷⁵

Vale observar como nos relatos as palavras que descrevem o clima e as pessoas são similares. São pessoas “frias”, de climas “frios”. Mas para além dessa similaridade de vocábulos, as diferenças de clima também podem trazer um peso forte na adaptação do migrante, sobretudo quando são mudanças muito extremas.

Sim, é muito diferente, o clima é muito diferente. As horas-luz são muito diferentes. Porque, repare que no inverno você tem três meses... No sul, estávamos no sul da Suécia, certo? Em Malmö, ali amanhecia às dez da manhã. E às duas da tarde já é noite. Então, eu tinha quatro horas de luz. Mas se for mais para o norte... Em Estocolmo, é menos. O sol nasce às onze, às onze, e às treze e dez, aproximadamente que o sol se põe. Duas horas e pouquinho de luz. Enfim, o clima, a língua é muito diferente, mas, depois, as pessoas também são diferentes, é muito diferente, mas, mas, não sei, não sei. Eu gostei muito. Eu queria ficar, um pouco, queria ficar mais, mas depois casei, tive três filhos. E não

¹⁷⁴ *Costa Rica tiene ese problema. Es muy difícil hacer amigos nacionales. Durante los 7, 8 años que estuvimos allá, no hicimos amigos costarricenses. Solo las amigas de las nenas, que hasta el día de hoy, pero no somos amigos de la familia de ella, por ejemplo. Fuimos al casamiento, y tienen a una mansión de casa, nos pagaron el pasaje, pero no estuvimos en su casa. Tuvimos que buscar...ellos nos mandaron a un hotel [...]. Entonces teníamos amigos extranjeros, nada más, en Costa Rica. (Gente) de toda América Latina. Y especialmente gente muy joven y solteros. Que veían en nosotros...gente que estaba sola, igual que nosotros. Estudiantes. [...]. Eran los tíos de mis hijos. Ellos han tenido tíos postizos toda su vida. Suplían su necesidad de familia con esos tíos postizos. Tuvieron de Nicaragua, había un argentino que hasta el día de hoy es nuestro amigo, que se casó con una ecuatoriana de allá. Él la conoció allá. Salvadoreños, teníamos muchos amigos. Nos reunimos, inclusive, en una comunidad de base salvadoreña, con un cura, que era casado. Un cura católico que era casado. La primera vez en mi vida, cuando vi que dos nenitas venían y lo abrazaban y decían papá. Y yo decía que cariñosas con el padre [...]. Me dijeron que el amigo que nos llevó [...] es el papá. Si él es casado. Y el Vaticano haciendo...esos casos en Centroamérica, es muy común, no se habla. Las experiencias en Centroamérica fueron riquísimas para mi vida. Hay un antes y un después en mi vida con el viaje a Centroamérica. Yo digo Centroamérica, porque me dieron por [...]. Y como tenía tantos amigos, me dio la oportunidad de salir un poco de Costa Rica. Costa Rica es difícil para hacer amigos. El costarricense no va a tu casa, el costarricense no te invita a su casa. Son cerrados. Sí, son muy cerrados. No sé si es vergüenza o que tienen, que no tienen, no sé, no me lo explico, porque el resto de los centroamericanos no es así. Y eso me costó, porque viste que el uruguayo es diferente.*

¹⁷⁵ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideo, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

podíamos ficar mais, porque se ficássemos mais, as crianças ficariam maiores e não podíamos mais trazê-las (tradução nossa)¹⁷⁶ (informação verbal).¹⁷⁷

No entanto, as comparações com a sociedade de acolhida também se fazem para encontrar semelhanças e elementos de aproximação. O migrante parece tentar também, de alguma forma, buscar características que o aproxime, que o coloque em contato com a sua terra natal. No caso de Hernán, até mesmo o que ele percebia como um pessimismo por parte dos suecos foi algo que despertou um sentimento quase de nostalgia.

Você sabe que tem uma questão que... O uruguaio é estranho. Você sabia que em alguns aspectos nós somos muito parecidos com os suecos? Sim, no cinzento. No monótono, no pessimista. Na reclamação. Nos suicídios somos semelhantes aos suecos. Bem, você viu que no ano passado, novamente, as taxas de suicídio explodiram. E o preocupante é que as faixas etárias estão caindo... Que os jovens estão começando a cometer suicídio. É muito triste, é muito triste, é muito triste. Eles não falam bem disso com seus filhos (tradução nossa)¹⁷⁸ (informação verbal).¹⁷⁹

E assim, com essa mescla constante de achar coisas bonitas e coisas que desencorajam, coisas que lembram o país de origem e coisas que o fazem parecer pequeno e provinciano, vai se construindo a adaptação dos migrantes à nova terra, à nova vida que se dispuseram corajosamente a enfrentar.

Onde trabalhávamos, na Costa Rica, era primeiro um seminário, depois uma universidade. Já estávamos lá quando foi feita a transição para uma universidade latino-americana. Havia estudantes de toda a América

¹⁷⁶ *Sí, es muy distinto, el clima es muy distinto. Las horas-luz son muy distintas. Porque, fíjate que en invierno tenés tres meses... En el sur, nosotros estábamos en en sur de Suecia, no? En Malmo, que ahí amanecía a las diez de la mañana. Y a las dos de la tarde, ya es de noche y día. Entonces, tenía cuatro horas de luz. Pero si llega más al norte... En Estocolmo, menos. Sale a las once el sol, a las once, y a la una y diez, por ahí ya se pone el sol. Dos horas y poquito de luz. Pero bueno, el clima, el idioma es muy distinto, pero, después, la gente es distinta también, es muy distinta, pero, pero, yo que sé, no sé. A mí me gustó mucho. Yo me quería quedar, un poco, me quería quedar más, pero después ya me casé, tuve tres hijos. Y no nos podíamos quedar más, porque si nos quedábamos más, los gurises se hacían grandes y no podíamos traerlos más.*

¹⁷⁷ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

¹⁷⁸ *Vos sabés que hay una cuestión que... Es raro el uruguayo. Sabés que algunos aspectos somos muy parecidos a los suecos? Sí, en lo gris. En lo monótono, en lo pesimista. En lo quejoso. En los suicídios somos parecidos a los suecos. Bueno, viste que el año pasado, de vuelta, explotaron los índices de suicidio. Y lo que preocupa es que están bajando las franjas etarias... Que se empiezan a suicidar jóvenes. Es muy triste, eso muy triste, eso es muy triste. No hablan bien de eso con sus hijos.*

¹⁷⁹ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

Latina e alguns da Europa. Uma rica experiência de vida, incrível. Abriu minha mente. Viver em um país como o Uruguai, pequenino assim, e de repente ver que havia outras culturas tão diferentes, tão válidas, principalmente abriu muito meus olhos para o que é religião, minhas crenças de cristianismo ocidental. Quando me deparei lá, o que mais me chamou a atenção, foi a cosmogonia maia. Toda a cultura maia. Toda a variedade, a riqueza, bom. Isso me chocou e mudou minha vida. Obviamente, isso mudou minha vida. E assim começamos. E bem, nós tínhamos uma bolsa de estudos. No começo eles não nos deram a bolsa de estudos. Pedimos pouco. Eles nos disseram uma coisa e acontece que depois o custo de vida era... Quer dizer, nós passamos mal, passamos mal nos dois primeiros anos. Eu tinha muita saudade. Lembro-me do primeiro Natal e do fim do ano, acostumada aqui com os fogos e tudo, agitação e família. Só que nenhum barulho, nada. Eu olhava pela janela e chorei a noite toda. Foi corajoso. Éramos muito jovens, trinta anos. Cheguei com trinta anos. Eu era muito novinha. Já tinha três filhos. E bem, e a adaptação aos poucos (tradução nossa)¹⁸⁰ (informação verbal).¹⁸¹

Meus pais, não. Meus pais moram na Espanha. Meu pai se aposentou lá, ele está tramitando sua aposentadoria aqui agora, por aqui. Como já criou os três filhos, têm 4 netos e como agora querem, em poucas palavras, curtir os netos, então... Mudaram-se três vezes, agora estão morando em Ibiza, porque tenho uma irmã que mora em Ibiza. Olha, somos 3: uma está na Itália, a outra está na Espanha e eu estou aqui. Então estamos meio que espalhados. Acho que, na realidade, a nós 3 fez bem a visão de ter saído. Digamos que você foi embora à força, ou seja, porque obviamente eu não queria ir embora, mas hoje, se eu contar a ela, a qualquer momento, por mais que eu xinguei ela ou não concordei com minha mãe, hoje sou muito grato por ter me tirado disso

¹⁸⁰ *Donde trabajábamos, en Costa Rica, era un seminario primero después una universidad. Ya estábamos allá cuando se hizo la transición para universidad latinoamericana. Había estudiantes de toda Latinoamérica y algunos de Europa. Una experiencia riquísima de vida, increíble. A mi me abrió la mentalidad. Vivir en un país como Uruguay, chiquitito así y, de repente, ver que había otras culturas tan diferentes, tan válidas, especialmente me abrió mucho los ojos a lo que tiene que ver la religión, mis creencias de cristianismo occidental. Cuando me topo allá, lo que más me llamó la atención, la cosmogonía maya. Toda la cultura maya. Toda la variedad, la riqueza, bueno. Eso me impactó y me cambió la vida. Evidentemente, me cambió la vida. Y así empezamos. Y bueno, teníamos una beca. Al principio no nos daban la beca. Habíamos pedido poco. Nos habían dicho una cosa y resulta que después el costo de vida allá era... O sea, pasamos mal, pasamos mal los primeros dos años. Yo extrañé horrible. Me acuerdo de la primera Navidad y el fin de año, acostumbrada acá con los cohetes y todos, bullicio y la familia. Solo, ni un ruido, nada. Yo miraba por la ventana y lloré toda la noche. Fue bravo. Éramos muy jóvenes, treinta años. Llegué con treinta años. Era muy jovencita. Ya tenía tres hijos. Y bueno, y la adaptación, de a poco.*

¹⁸¹ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

[...] e por ter me dado a oportunidade de conhecer outro mundo (tradução nossa)¹⁸² (informação verbal).¹⁸³

3.5 - Um novo idioma

Parte fundamental do processo de adaptação e reajuste pelo qual passam os migrantes é adquirir uma nova linguagem. Como mencionado no capítulo 1, o idioma é um dos elementos aglutinadores de uma identidade nacional, parte fundamental da afirmação e manifestação desta. Manejar bem o idioma da sociedade de acolhida está intimamente ligado com a tentativa de ser mais ou menos parte dessa sociedade. No relato a seguir, de Anna, vemos bem a diferença de adaptação entre os seus três filhos. Anita, que não queria ter migrado, que não queria fazer parte dessa nova sociedade, se negou a utilizar o novo idioma, demarcou sempre a sua diferença e não-pertencimento. Já o filho, adolescente, que estava em uma idade em que o pertencimento é algo fundamental para a aceitação entre os pares, sofre com essa diferenciação.

Sim, foi terrível. Porque achávamos que sabíamos. Na Costa Rica, a era da tv a cabo estava começando, então víamos Boris Casoy. O noticiário que era latino-americano, um canal que se autodenominava latino-americano. E eles passavam a notícia à tarde. Então, o que nós fizemos? Por um ano ou mais, sentamos religiosamente, toda a família, ouvindo Boris Casoy. E nós entendemos tudo. Porque, claro, Boris Casoy parece marcar as palavras. Pensamos que não tínhamos nenhum problema. Que choque. Quando chegamos ao Rio de Janeiro, que é um português arrastado, com muitos "rrr", muitos "shhh". Não entendemos nada. Os meninos chegaram em janeiro, em fevereiro... Chegamos em janeiro, deixamos as malas em um lugar, voltamos aqui para visitar, ficamos um mês aqui e depois, eles entraram, uma semana depois já estavam estudando. Coitados. O que fizemos com eles. Eles nem

¹⁸² *Mis padres, no. Mis padres están viviendo en España. Mi padre se jubiló allá, está tramitando la jubilación acá ahora, por [...] acá. Como que ya se criaron los 3 hijos, tienen 4 nietos y como que ahora quieren, en pocas palabras, disfrutar de los nietos, así que... Se mudaron 3 veces, ahora están viviendo en Ibiza, pues tengo una hermana que vive en Ibiza. Mira, somos 3: una está en Italia, la otra está en España y yo estoy acá. Así que estamos medio desparramados. Yo creo que, en realidad, a los 3 nos hizo bien la visión de haberte ido. Digamos, te fuiste a la fuerza, en otras palabras, porque obviamente no me quería ir, pero hoy en día, si le digo, en cualquier momento, por más que la putié o no estaba de acuerdo con mi madre, hoy en día la agradezco enormemente de haberme sacado de esa [...] y de haberme dado la oportunidad de ver otro mundo.*

¹⁸³ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

sabiam dizer "bom dia". Então isso foi difícil. Como tudo, como uma mãe, e uma mãe muito protetora. Então eu costumava dizer "não, é fácil, a gente vai...". Então essa minha atitude, eu acho, ajudou, acho que foi em parte isso, ajudou eles a se adaptarem. Minha filha do meio, Anita, se recusou terminantemente, ela mesma dizia, falar português como sua primeira língua. Os professores falavam com ela em português, ela respondia em espanhol. Eles toleraram, sem problemas. Ela escrevia em português. Mas ela recusou. Então ela sempre teve um sotaque. Ela nunca perdeu o domínio do espanhol. Ela fala português muito bem, mas... As outras duas não, porque a Mônica não tem sotaque, nenhum sotaque. David no primeiro ano ingressou no último ano do ensino médio. Ele tinha dezessete anos. Ele foi quem mais sofreu, já falei. Estudavam no Bennett. O Colégio Bennett é uma escola tradicional do Rio de Janeiro. Bennetchi, como dizem lá. Os grupos já formados se conheciam desde o jardim de infância. Então ele era um pária. E não era um garotinho assim agora, que é outra pessoa. Ele era tímido. Ele não sabia nada sobre o idioma, então sofreu muito naquele ano. Mas no final do ano, naquele mesmo ano, quando entregaram os certificados de conclusão do ensino médio, tivemos uma grande surpresa, que lhe deram uma menção especial, porque ele estava... ele estava entre os três primeiros lugares de todas as aulas, de todos os grupos, em português, na língua portuguesa (tradução nossa)¹⁸⁴ (informação verbal).¹⁸⁵

Cabe aqui também dizer que o relato de Anna, assim como todos os outros, é produzido no presente. Pode parecer uma constatação óbvia, mas se é no presente que o passado é lembrado, ele será ressignificado e reinterpretado

¹⁸⁴ *Sí, fue terrible. Porque pensamos que sabíamos. En Costa Rica, empezaba la época del cable ya, entonces veíamos al Boris Casoy. El informativo que era latinoamericano, un canal que se decía latinoamericano. Y pasaban el informativo de la tarde. Entonces, qué hacíamos? Durante un año o más, nos sentábamos religiosamente, toda la familia, a escuchar al Boris Casoy. Y entendíamos todo. Porque, claro, Boris Casoy parece que pica las palabras. Teníamos tejo, no? No vamos a tener problema ninguno. Que shock. Cuando llegamos al Río de Janeiro, que es un portugués arrastrado, con muchas "rrr", muchas "shhh". No entendíamos nada. Los chiquilines llegaron, ponele, en enero, en febrero... Fuimos en enero, dejamos las valijas en un lugar, volvimos a visitar, estuvimos un mes acá y después, entraron, a la semana ya estaban estudiando. Pobrecitos. Lo que les hicimos. No sabían ni decir buen día "en español". Entonces eso fue difícil. Como todo, como mamá, y mamá muy protectora. Entonces yo me hacía la "no, la cosa es fácil, lo vamos a...". Entonces esa actitud mía, creo, que ayudó, creo que en parte fue eso, ayudó que se fueran adaptando. Mi hija del medio, Anita, se negó rotundamente, te lo decía, hablar portugués en primera lengua. Los profesores le hablaban en portugués, ella respondía en español. La bancaron, sin problema. Ella escribía en portugués. Pero ella se negó. Entonces ella siempre tuvo sotaque. Ella nunca perdió el sotaque del español. Habla portugués muy bien, pero... Ya los otros dos no, porque, la Mónica no tiene sotaque ninguno, acento ninguno. David el primer año, entró al último año de liceo. Tenía diecisiete años. Fue el que más sufrió, te dije. Los grupos eran en Bennett. El Colegio Bennett es un colegio tradicional en Río de Janeiro. Bennetchi, como dicen allá. Los grupos ya formados, se conocían desde jardinera. Entonces él era un paria. Y no era un chiquitín como ese ahora, que es otra persona. Era tímido. No sabía nada del idioma, entonces, sufrió mucho ese año. Pero a fin de año, de ese mismo año, cuando entregaron los diplomas de finalización de secundaria, nos llevamos la sorpresa enorme, que a él le dieron una mención especial, porque era... quedó entre los tres primeros lugares de todas las turmas, de todos los grupos, en portugués. En el idioma portugués.*

¹⁸⁵ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

de formas variadas no presente, no momento da rememoração, a depender de como e pra quem se conta. Ecléa Bosi demonstra que

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual [...] O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p.55)

Para Irma, Emmanuel e Juan a experiência foi diferente, pois os três emigraram para países de língua inglesa. Todos haviam estudado inglês no Uruguai anteriormente, e foram confrontados com a diferença entre fazer um curso de idiomas e ser lançado à convivência intensa nessa única língua. Os relatos da disparidade entre o que é o idioma formal, aprendido em cursos e na escola, e o idioma real, falado nas ruas, aparecem com força para esses sujeitos. Além disso, especialmente no relato de Juan, está também a questão da pressão que o sujeito pode sofrer para performar em um determinado instante, para usar em um contexto hostil um idioma estudado em uma situação controlada. Nesse ponto é importante apontar que o fato de a entrevistadora compartilhar com os entrevistados não somente o idioma, mas os maneirismos e expressões particulares dessa variação do espanhol, o falado no Uruguai, foi crucial para que essa troca de impressões pudesse existir. O espanhol falado pela entrevistadora é idêntico ao falado pelos entrevistados, sem sotaques que apontem uma outra nacionalidade.

Eu tinha aprendido no Anglo¹⁸⁶, enquanto eu estudava aqui, eu aprendi no Anglo por dois anos, me ajudou muito. Claro, quando a gente chega lá, é completamente diferente, viu? A falta de conversação, de tudo, você não entende nada; Resumindo, quem pegou mais rápido foi meu marido que não sabia inglês. E ele começou a entender os australianos aqui, que falam de boca fechada e você não entende nada. Ele começou e foi trabalhar em uma fábrica depois de 1 ano. E nas fábricas é o inglês da rua, entende? Então, ele entendeu muito bem e para mim, custou muito. Mas eu estive trabalhando e depois me inscrevi em um concurso, em uma administração pública como aqui é Antel. A de comunicações.

¹⁸⁶ Instituto Cultural Anglo-Uruguaio, tradicional escola de inglês do Uruguai.

Ingressei, eles me deram uma vaga e eu trabalhei lá por anos, uns 15 anos (tradução nossa)¹⁸⁷ (informação verbal).¹⁸⁸

Eu tinha estudado inglês. Eu estava no *senior 5* na época e achava que sabia inglês, cheguei lá e percebi que não sabia nada. Isso porque lá... Ouvir e falar tem uma fluência única. Era americano, falam um inglês muito fechado. Então eu via anúncios escritos e os entendia às vezes. Mas então eles falam com você, e acontece como o espanhol. Um americano ou um inglês que estuda espanhol, você vai estudar espanhol da Espanha. Você não vai estudar um "che", "ta", expressões que cada país tem. Então era entender ou não entender nada. Obviamente, eles me matricularam no Ensino Médio, porque eu ainda tinha dois anos para terminar o que viria a ser o ensino médio lá. Não estou mentindo para você, nos primeiros dois meses eu nem sabia onde estava, não entendia nada, mas sempre há um programa nos Estados Unidos chamado ESL [Inglês como Segunda Língua], em que eles te dizem quando o inglês não é teu idioma primário, eles te colocam em um programa de ESL que é um pouco mais... Eles te ensinam em inglês (tradução nossa)¹⁸⁹ (informação verbal).¹⁹⁰

Eu achava que sabia (inglês). Aconteceu assim, quando fomos embora, saímos minha esposa, os meninos e eu, o meu visto não chegou na hora que eu tinha que viajar. Ou seja, eles viajam e depois de um mês, dois meses e meio, eu viajei. Quer dizer, eu viajei sozinho. Eu havia feito alguns cursos na Alianza. Melhor, fiz dois cursos. Terminei o segundo, me pediram para não ir mais. Certamente [...]. Eu me virava, um homem. Mas quando cheguei, cruzei a linha amarela da imigração, me falaram uma coisa que não entendi até hoje. E realmente, foi como se o mundo estivesse desligado. Mas vou te dizer uma coisa, veio uma menina, eu poderia desenhá-la, porque me lembro perfeitamente. Ela pegou minha mão e disse "vamos". Ela me leva para um quarto, ela diz, o que você precisa, "Don't panic". Pânico, pânico, ah ok[...] E aí, parece que

¹⁸⁷ *Yo había aprendido en el Anglo, mientras estudiaba acá, aprendí el en Anglo dos años, me sirvió mucho. Claro que después cuando llegamos allá, es completamente diferente, viste? La falta de conversaciones, de todo, no entendés nada; En resumen, el que agarró más rápido fue mi esposo que no sabía inglés. Y él empezó a entender acá a los australianos, que hablan con la boca cerrada y vos no entendés nada. Él empezó y entró a trabajar en una fábrica después de 1 año. Y en las fábricas es el inglés de la calle, viste? Entonces, él entendía bárbaro y a mi me costaba un montón. Pero yo estuve trabajando y después me presenté a un concurso, en una administración pública como es Antel acá. La de comunicaciones. Entre, me dieron un puesto y trabajé ahí años, como 15 años.*

¹⁸⁸ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

¹⁸⁹ *Yo había estudiado inglés. Estaba en senior 5 en ese momento y creí que sabía inglés, llegué allá y me di cuenta que no sabía nada. O sea porque la... Escuchar y hablar tiene una fluidez única. Era americano, te hablan un inglés muy cerrado. Entonces yo veía anuncios escritos y los entendía a veces. Pero después te hablan, es como el español. Un americano o un inglés que estudia español, te vas a estudiar español de España. No te vas a estudiar un "che", "ta", expresiones que cada país tiene. Entonces era entender o no entendía nada. Obviamente, me inscribieron a High School, porque me faltaban terminar 2 años para que lo que vendría a ser el liceo allá. No te lo miento, en los primeros 2 meses no sabía ni donde estaba, no entendía nada, pero siempre hay un programa en Estados Unidos que los llaman ESL [English as Second Language], que en el cual te dicen cuando el inglés no es tu lengua primaria, te meten en un programa ESL que es un poco más... Te enseñan el inglés.*

¹⁹⁰ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

começou, meus ouvidos começaram a abrir, até que... fiquei sozinho. Eu não entendia. Não tinha como entender, não procuraram passaporte, visto. E me dizem "family". E eu, "sim, claro". Família, diga a ele, família. Então era de um por um, falei assim. Horrível, fiquei todo bloqueado. Se você me dissesse uma cor, eu não sabia nada. Foi assustador. E eu vim procurar trabalho. Você não trabalha, você tem que aprender o idioma primeiro. Digo, bom. Você tem que aprender a língua, sem língua, você não vai poder trabalhar, você não pode fazer nada (tradução nossa)¹⁹¹ (informação verbal).¹⁹²

No relato reproduzido acima de Emmanuel, no entanto, há algo que vale ressaltar. Estados que são receptores de migrantes muitas vezes exibem políticas públicas que tentam dar conta dessa disparidade entre a língua de origem e a língua do país de acolhida. Pode-se pensar aqui, novamente, no que postula Sayad, nesse impulso de ação educativa como atitude “civilizadora” por parte da pátria de acolhida sobre os “nativos desnaturados, selvagens vindos de outro continente e outro tempo” (SAYAD, 1998, p.61). Outro caso similar é o de Hernán, que migra para a Suécia e é imediatamente encaminhado para um programa de ensino da língua sueca. Porém, como foi discutido no primeiro capítulo, a língua vem imbuída de identidade. É impossível entrar em contato, aprender outro idioma a fundo, sem também ser exposto a outros marcadores culturais, a outras maneiras de ser e existir. Hernán deixa claro que esse programa de ensino da língua se dedicava a algo mais complexo que apenas aprender a se comunicar em outro idioma.

Claro, no começo era chinês básico, a gente não sabia nada, mas depois eles te dão... Você chega à Suécia e te mandam como se... São

¹⁹¹ *Yo creí que sabía (inglés). Es que pasó así, cuando nos fuimos, nos fuimos, mi señora los nenes y yo, a mi la visa no me llegó en el momento que tenía que viajar. o sea, viajan ellos y al mes, dos meses y medio, viajé yo. O sea, que viajé solo. Había hecho unos cursos en Alianza. Mejor dicho, hice dos cursos. Terminé el segundo, me pidió que no fuera más. Seguramente [...]. Yo me arreglaba, un hombre. Pero yo, cuando llego, cruzo la línea amarilla de inmigración, me dijeron algo que no entendí hasta el día de hoy que me dijo. Y realmente, como que se me apagó el mundo. Pero te cuento algo, vino una muchacha, podría dibujarla, porque me acuerdo perfectamente. Me agarró de la mano y me dice "vamos". Me lleva a una habitación, dice, que necesitas, "don't panic". panic, pánico, ah ta[...] Y ahí, como que me empezó, se me empezaron a abrir los oídos, hasta que... estaba solo. Yo no entendía. no había caso que entendiera. No buscaron el pasaporte, la visa. Y me dicen "family". Y yo, "sí, claro". Familia, decile, familia. Así fue a dedo, hable a dedo. Horrible, se me bloqueó todo. Si vos me decías un color, no sabía nada. Fue espantoso. (...) Y yo vine a buscar trabajo. Usted no trabaja, tenés que aprender el idioma primero. Digo, bueno. Tenés que aprender el idioma, sin idioma, no vas a poder trabajar, no podes hacer nada.*

¹⁹² QUIJANO, Juan. Entrevista concedida em 22/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F.

uns campos de refugiados, mas de verdade, são... É como ir a um lugar onde existe uma cooperativa habitacional aqui no Uruguai, sabe? Tudo é muito bonito, tudo é muito bom. E bem, você ia lá e ali mesmo eles te ensinavam a língua por sete meses. Cinco horas por dia. Eles davam o idioma de segunda a sexta, cinco horas por dia. Ensinavam a língua sueca. E só. E você tinha que aprender. Você aprendia o básico. E depois eles te jogam para a sociedade para trabalhar e estudar. E os suecos são muito, assim como os alemães, eles estão muito em sua língua. Por isso, eles estavam muito preocupados, quando os imigrantes chegavam, eles deixavam a cabeça [...] com o sueco, para que você pudesse aprender sueco. Então, mas, claro, tem a ver com isso, com cultura. Me entende? Porque lá eles não só transmitiam a língua, eles transmitiam a língua, as datas nacionais, o que se comia em cada data, com o que as crianças brincavam, a idiosincrasia, o jeito de ser, os comportamentos culturais, o respeito às mulheres, o respeito aos homens. Não, não, todo controle rigoroso, mas tudo através da linguagem. É muito interessante, a linguagem é... Mas para isso eu ia te contar outra coisa e esqueci. Também sou apaixonado por esses temas. Ah, o da língua da Suécia. Sou apaixonado por isso, porque adoro falar sueco e estou perdendo o sueco. Não falo desde... Bem, eu escuto muito a rádio sueca. Agora on-line (tradução nossa)¹⁹³ (informação verbal).¹⁹⁴

No entanto, ainda que a disparidade do idioma não seja tão grande como do espanhol para o sueco, mesmo que seja do espanhol para o espanhol, ainda existem signos que marcam o imigrante como estrangeiro, como vindo de outro lugar. Anna, no relato a seguir, discorre sobre as disparidades do espanhol falado na Costa Rica quando confrontado com aquele falado no Uruguai

E, bem, imagino que trouxemos um espanhol que só às vezes entendíamos. Palavras que eles usavam na América Central. O espanhol já viram o que é. É uma variedade incrível. E também o nome de frutas e legumes. Na América Central, tudo o que é produto da terra tem seu nome original em nahuatl, que é o idioma original, certo? Então, tudo muda de nome. No começo eu disse me dá um quilo disso...é o

¹⁹³ *Claro, al principio, era chino básico, uno no sabía nada, pero después, ellos te dan... Vos llegás a Suecia y te mandan como si... Son los campamentos de refugiados, pero de verdad son... Es como si fuera a un lugar donde hay una cooperativa de viviendas acá en Uruguay, viste? Está todo muy lindo, todo muy bien. Y bueno, ibas ahí y ahí mismo te enseñaban el idioma durante siete meses. Cinco horas por día. Te daban el idioma de lunes a viernes, cinco horas por día. Te daban idioma sueco. Y tá. Y ahí lo aprendías. Lo básico lo aprendías. Y después te largaban a la sociedad a trabajar y a estudiar. Y los suecos son muy, igual que los alemanes, son muy de su idioma. Por eso, a ellos les preocupaba mucho, cuando llegaban inmigrantes, les dejaban la cabeza [...] lo sueco, para que aprendieras el sueco. Entonces, pero, claro, tiene que ver con eso, con la cultura. Me entendés? Porque ahí no te transmitían solamente el idioma, te transmitían el idioma, las fechas nacionales, que se comían en cada fecha, a que jugaban los niños, la idiosincrasia, la forma de ser, comportamientos culturales, respeto a la mujer, respeto al hombre. No, no, todo un control salado, pero todo a través del idioma. Es muy interesante, el idioma es... Pero para eso te iba a decir otra cosa y me olvidé. A mí me apasionan estos temas también. Ah, eso del idioma de Suecia. A mí me apasiona, porque a mí me encanta hablar sueco y lo estoy perdiendo el sueco. No lo hablo desde... Bueno, escucho mucho a la radio de Suecia. Ahora por internet.*

¹⁹⁴ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

vizinho. Porque tudo é chamado de forma diferente. Elote é milho, elote. Tudo que termina com "ote", "ate" é Nahuatl. Então, eu fui me acostumando, como com todo o resto. Você vê, então, quando vínhamos ao Uruguai, eles riam muito de como eu falava. Em vez de dizer "se arrebeitou" ou... "caiu e arrebeitou", era "despapayó", de mamão papaya (tradução nossa)¹⁹⁵ (informação verbal).¹⁹⁶

Ele é um rapaz que saiu daqui de Bella Unión e queria levar sua esposa, e estava desesperadamente procurando trabalho, e tinha experiência em bares. Então esteve a procurar. E ele é um jovem fisicamente bonito, muito agradável, muito educado. Então ele fala com aquele que vai dar trabalho mas o outro não entende. Falando os dois o espanhol, não se entendem. E aquele com tal de ter o emprego se curva, aceita as palavras do outro, e diz "vou pôr as mesas" "as mesas estão postas. Você vai montá-las". "Montar é montar um cavalo, mas tudo bem, montar as mesas". Cada coisa que ele diz é diferente como ele coloca e termina a história dizendo feliz que conseguiu o emprego. E é advogado. Na realidade, ele tinha muito mais formação que o outro, mas a realidade o leva a se curvar e aceitar as coisas que o outro lhe diz. E fazemos coisas que aqui de repente não faríamos (tradução nossa)¹⁹⁷ (informação verbal).¹⁹⁸

O trecho acima, de uma entrevista de Olga, já foi reproduzido anteriormente, mas vale colocá-lo novamente porque deixa explícito não somente a disparidade da língua em relação ao uso de vocábulos distintos, mas também por explicitar uma diferença de poder nos seus usos. O migrante, nas palavras de Olga, se curva para aceitar a língua do país receptor, não discute e

¹⁹⁵ Y, bueno, me imagino que trajimos un español que solo a veces lo entendíamos nosotros. Palabras que ellos usaban en Centroamérica. El español ya viste lo que es. Es una variedad increíble. Y además el nombre de las frutas y las verduras. Todo lo que es producto de la tierra tiene, en Centroamérica, mantiene el nombre original en náhuatl, que es el idioma original, no? Entonces, todo cambia de nombre. Yo al principio decía deme un kilo de eso...es el vecino. Porque todo se llama diferente. Elote es choclo, elote. Todo lo que se termina con "ote", "ate" es náhuatl. Entonces, me fui acostumbrando, como todo. Viste, entonces cuando veníamos a Uruguay, se mataban de la risa de como hablaba. En vez de decir "se reventó" o... "se cayó y se reventó", "se despapayó", de papayas.

¹⁹⁶ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

¹⁹⁷ *Es un muchacho que se había ido de acá de bella unión y quería llevar a su mujer, y estaba buscando trabajo desesperado, y tenía experiencia en bares. Entonces anduvo buscando. Y es un muchacho lindo fisicamente, muy agradable, muy educado. Entonces como él habla con el que lo va a tomar trabajo y el otro no entiende. Hablando español los dos no entienden. Y ese con el tal de tener trabajo se doblega, y acepta las palabras del otro, y dice "voy a poner las mesas" "las mesas están puestas. A montarlas?" "Montar se monta un caballo, pero bueno, a montar las mesas". Cada cosa que le dice es diferente como lo plantea y cuando termina el cuento diciendo porque el paisa contento, consiguió el trabajo. Y es abogado. En realidad tenía mucho más formación que el otro, pero la realidad lo lleva a doblegarse y aceptar las cosas que el otro le dice. Y hacemos cosa que acá de repente no haríamos.*

¹⁹⁸ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

nem coloca a sua própria maneira de usar as palavras porque está em uma posição inescapavelmente subalterna.

Entretanto, por outro lado, não é somente no desequilíbrio de poder que as diferentes versões do espanhol se confrontam. Emmanuel conta das diferenças de termos dentro da comunidade latina nos Estados Unidos, cada qual com seus vocábulos, que funcionam para além do idioma oficial que deveria, ou se esperaria, ser utilizado por esses migrantes.

Quando eu vinha percebia muita diferença, ou seja, entre meus amigos, entre meus costumes. Certo, o tópico de falar, por exemplo, com sotaque, você perde algumas palavras. Miami tem muita gente de todos os lugares. Muito colombiano, muito venezuelano, cubano, porto-riquenho, americano, então o espanhol de lá você nunca sabe qual é o correto porque todo mundo fala um espanhol diferente. Curiosamente, temos diferentes expressões dentro do espanhol. Palavras que... Há uma palavra, por exemplo, "arrecho" para um colombiano ser "arrecho" é como dizer "é ótimo!", ou seja, está "arrecho". Para um venezuelano, que é um país fronteiriço, "arrecho" significa que você está excitado. Então você pode ver a diferença e assim como essa, várias palavras, então dentro do próprio espanhol encontramos várias diferenças, em inglês é a mesma coisa. O inglês é uma língua, sempre menor, mais reduzida em palavras, mas é mais fácil de aprender (tradução nossa)¹⁹⁹ (informação verbal).²⁰⁰

Ainda digno de menção, quando se trata do idioma, é a relação dos filhos de imigrantes, ou migrantes de segunda geração, com a língua de seus pais. É comum ouvir relatos de que os filhos perdem o contato com a língua. Nota-se que, quanto maior é o vínculo dos pais com o Uruguai, maior é também o vínculo dos filhos. Irma, por exemplo, fala da relação de seus filhos e netos. Vale lembrar que os filhos emigraram ainda quando crianças, mas seus netos não, pois nasceram na Austrália. Irma menciona que seus netos, filhos de seus filhos, não falam espanhol e não tem uma ligação muito profunda com a pátria de seus pais,

¹⁹⁹ *Venía y veía mucho la diferencia, o sea entre mis amigos, entre mis costumbres. Ta, el tema de hablar, por ejemplo, con el acento, se te pierden algunas palabras. Miami tiene mucha gente de todos lados. Mucho colombiano, mucho venezolano, cubano, puerto rriqueño, americano, entonces el español de allá nunca sabes cuál es el correcto porque todos hablan un español diferente. Aunque parezca mentira, tenemos expresiones diferentes dentro del español. Palabras que... Hay una palabra, por ejemplo, el "arrecho" para un colombiano es arrechito como "¡Pa, está buenísimo!", o sea está arrechito. Para un venezolano, que es país fronterizo, "arrecho" significa que estás excitado. Para que veas la diferencia y como esa y varias palabras, entonces dentro mismo del español si encontramos varias diferencias, en inglés es lo mismo. El inglés viste es un idioma, siempre que más pequeño, más reducido en palabras, pero es más fácil de aprenderlo.*

²⁰⁰ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

enquanto que os filhos de sua filha mulher tem. Talvez valha aqui pensar se o gênero influencia nas configurações familiares, se a mãe, ou a família materna, acaba tendo uma influência maior sobre língua e hábitos presentes no dia a dia da família nuclear.

Sim, eles sempre... Um dos meus netos até jogou futebol aqui por uns 3 anos. Meus netos também são muito uruguaios. De uma das minhas filhas... Não do filho, porque ele é casado com uma italiana, então agora... falam mais inglês. Mas, sim, conhecem tudo sobre o Uruguai, sabem tudo sobre o Uruguai. Eles vieram passear muitas vezes, eles sempre vieram, viu? O único que não veio é o menino... Ele veio quando tinha 15 anos. E agora ele tem 45 anos. Então faz..... Mas acho que ele virá agora já que estou aqui. Acho que vai vir. Tenho um neto que trabalha no lá em Camberra. E ele me disse que no final do ano estava vindo, que ele tinha férias, que no final do ano viria. Está aprendendo espanhol. Ele também não falava espanhol, porque seu pai é grego. Então era mais fácil para eles em casa falarem inglês. Mas um dia ele repreendeu sua mãe e disse "porque você não me ensinou espanhol? Eu quero que você me ensine". Bem, ela diz "eu vou falar com você e você me responde e eu te ensino" e ele disse, "não, não, quero aulas formais, que você me dê duas vezes por semana". Então ele começou com o espanhol e agora ele me escreve e tudo mais e fala comigo em espanhol (tradução nossa)²⁰¹ (informação verbal).²⁰²

3.6 - A manutenção do vínculo: cartas, telefonemas e visitas

Para que o vínculo com o país de origem seja mantido, além de algumas estratégias já descritas, o migrante tende a manter contato com aqueles que ficaram para trás. Laços de parentesco ou de amizade são cultivados através do contato a distância, e quando possível, de visitas para aqueles que saíram há mais tempo, o contato se dava por via epistolar a princípio. Ligações internacionais eram caras e reservadas para ocasiões extraordinárias. Mesmo

²⁰¹ *Sí, ellos siempre... Incluso uno de mis nietos estuvo jugando al fútbol acá, como 3 años. Mi nietos también son bien uruguayos. De la parte de una de mis hijas... El varón no, porque el varón está casado con una italiana, entonces ya... Habla mas ell inglés. Pero, sí, conocen todo de Uruguay, saben todo de Uruguay. Han venido a pasear muchas veces, han venido siempre, viste. El único que no ha venido es el varón... Vino cuando tenía 15 años. Y ahora tiene 45. Así que hace... Pero pienso que va a venir ahora estando yo acá. Pienso que va a venir. Tengo un nieto que trabaja en allá en Camberra. Y me dijo que venía fin de año, que tiene vacaciones, que venía el fin de año. Está aprendiendo español. Ese tampoco no hablaba español, porque el padre es griego. Entonces para ellos era más fácil en la casa hablar inglés. Pero un día le reprochó a la madre y le dijo "porque no me enseñaste español? Quiero que me enseñes". Bueno, dice "yo te hablo y tú me contestas y te voy enseñando" y dijo, "no, no quiero clases formales, que me des dos veces por semana". Así que empezó con el español y ahora me escribe y todo y me habla en español.*

²⁰² CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

as visitas, nos primeiros anos da migração, não são comuns, já que é o momento em que o migrante está começando a sua adaptação. No entanto, para aqueles que saíram mais recentemente, a tecnologia facilitou muito tanto a manutenção da comunicação, quanto as visitas. Para Anna, quando estava na Costa Rica, até mesmo o processo de mandar cartas podia ser trabalhoso, já que envolvia o aluguel de uma caixa postal e um deslocamento ao centro da cidade. Irma fala do ritual de ter que ir a outro bairro de imigrantes, no caso o bairro chinês, para aí comprar um cartão telefônico que permitia efetuar essa chamada. Já Hernán acrescenta um outro problema, vinculado à sua situação política. Saíram exilados, com seu pai preso. Então, havia uma certa resistência das pessoas que lá estavam em estabelecer uma comunicação com a sua família. Poderiam ser implicados em algo, o terrorismo de Estado fazia com que a população tivesse medo de estabelecer alguns contatos. A carta era mais segura que o telefonema. Hernán menciona que tem pilhas de cartas da época, e que será função de seus filhos jogá-las fora quando ele morrer. Podemos pensar que o ato de guardar essa pilha de cartas é uma maneira também, por parte dele, de preservar fisicamente a memória que tem dessa época. As cartas que ele guarda são um testemunho do que viveu, parte do que configura a sua identidade hoje.

Não tinha telefone. Tinha uma vizinha que nos fez esse favor. Quando houve um terremoto lá, no primeiro ano, meu pai ficou muito preocupado... não era onde eu estava, era em Limón, em outra província. Mas o que ele sabia naquela época? Meu pai ligou e a ligação foi assim: Filha, vocês estão bem? Sim, papai. Bom, tchau. Porque era muito caro, porque ele estava muito nervoso e não se faziam ligações internacionais. As coisas mudaram muito. Então, com minha mãe, sempre escrevíamos uma carta semanal. Com minhas primas, nos escrevíamos uma carta semanal. A Costa Rica não é como aqui, como o Brasil que tem números e nomes, as ruas. Não, cinquenta metros ao norte, trinta ao oeste e cinquenta ao sul de tal lugar, da igreja que tem... É assim. Então, nosso endereço era gigantesco. Então, o correio... era melhor ter uma caixa postal no centro. Então, toda sexta-feira, eu ia ao centro de San José e pegava minha correspondência. E levava... mais

cartas, assim mandava, e com isso nós mantivemos o contato (tradução nossa)²⁰³ (informação verbal).²⁰⁴

E como era? De repente, a gente falava, bom, hoje vamos ligar para o Uruguai, comprávamos um cartão, que os chineses vendiam, no bairro chinês, era mais barato, então com aquele cartão ligávamos por telefone, mas...(tradução nossa)²⁰⁵ (informação verbal)²⁰⁶

Sim, bem, foi por cartas, por cartas. Tenho caixas de cartas, pilhas de cartas. Não sei o que fazer com essas cartas. Eu as tenho lá, como um alto assim de caixas cheias de cartas. Seguramente meus filhos vão jogá-las fora. Quando eu morrer... Não, mas era a carta, basicamente. E depois algum telefonema. Depois que 1985 passou, aí sim, conversamos mais pelo telefone. **Mas entre 80 e 85 não se falava muito por telefone, porque as pessoas daqui também tinham medo de falar com a gente.** E tínhamos notícias daqui por carta, principalmente. Foi principalmente por carta, que ... O quê nós comunicávamos? Não sei. Talvez alguma notícia, as notícias feias de morte. Quando meu avô paterno morreu, foi o telefonema. Pai... Quando minha avó faleceu também foi por telefone. Quando outra avó faleceu foi por carta. Sim, foi assim... Minha senhora o mesmo. Ela teve a mesma situação... Seus pais... Seu pai também ficou preso de 72 a 85. Mas sua mãe teve mais tempo de prisão. Ele esteve do 72 ao 80. Oito anos. (grifo nosso) (tradução nossa)²⁰⁷ (informação verbal).²⁰⁸

²⁰³ *No había teléfono. Tenía a una vecina que nos hacía el favor. Cuando hubo un terremoto allá, el primer año, mi papá muy preocupado...no había sido donde yo estaba, había sido en el Limón, en otra provincia. Pero, qué sabía en aquella época? Mi padre llamó y la llamada fue así: Nena, están bien? Sí, papá. Bueno, tchau. Porque era muy caro, porque él estaba muy nervioso y no se llamaba internacionalmente. Ha cambiado mucho [...] la cosa. Entonces con mi mamá, siempre nos escribíamos una carta semanal. Costa Rica no es como acá, como Brasil que tienen números y nombres, las calles. No, cincuenta metros al norte, treinta al oeste y cincuenta al sur de tal lugar, de la iglesia que tiene...Es así. Entonces, nuestra dirección era gigante. Entonces, el correo...es mejor tener una caja postal en el centro. Entonces, todos los viernes, yo iba al centro de San José y buscaba mi correspondencia. Y llevaba... Más cartas, así, mandaba. Y con eso nos mantuvimos.*

²⁰⁴ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

²⁰⁵ *Y cómo era? De repente, decíamos, bueno, hoy vamos a llamar a Uruguay, compramos una tarjeta, que vendían los chinos, en el barrio chino nos salía más barato, entonces con esa tarjeta llamábamos por teléfono, pero...*

²⁰⁶ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

²⁰⁷ *Sí, bueno, fue por cartas, por cartas. Yo tengo cajas de cartas, montones de cartas. Que no sé qué hacer con esas cartas. Las tengo ahí, como un alto así de cajas llenas de cartas. Las tirarán mis hijos. Cuando se me muera... No, pero era la carta, básicamente. Y después alguna llamada por teléfono. Después que pasó el 85, ahí sí, hablamos más por teléfono. **Pero del 80, el 85 no se habló mucho por teléfono, porque la gente de acá tenía miedo también de hablar con nosotros.** Y teníamos noticias de acá por carta, principalmente. Fue por carta principalmente, que se... Que nos comunicábamos? No sé. Quizás alguna noticia, las noticias feas de la muerte. Cuando murió mi abuelo paterno, fue la llamada por teléfono. Papá... Cuando falleció mi abuela también fue por teléfono. Cuando falleció otra abuela fue por carta. Sí, así fue.... Mi señora lo mismo. Ella tenía la misma situación... Los padres... El padre de ella también tuvo preso del 72 al 85. Pero la madre tuvo tiempo más presa. Tuvo del 72 al 80. Ocho años...*

²⁰⁸ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

Por exemplo, se você pensar em como chegamos no começo, não podíamos ligar, do Uruguai de todos os telefones, não existia whatsapp, nem celular, então eram cartas. Para todos, escrever cartas para eles, família, irmãos, para que eles não sentissem a distância tanto, que fosse ... Então, essa é a parte mais engraçada, no começo, porque assim como falo agora a você, eu posso chegar a escrever uma carta. Se eu começo com "olá, ontem eu fui a tal e tal lugar e a tal e tal lugar me dizem, não desse jeito", porque eles começam a me perguntar o que eu bebi o que eu não bebi, até que no final... E fazia as pessoas rirem... A parte das fotografias, as fotografias eram de filme, tinha que ter uma máquina fotográfica, era muito diferente. Sim, tentei sempre estar o mais próximo possível (tradução nossa)²⁰⁹ (informação verbal).²¹⁰

As visitas ao país ocorrem depois, e com elas vem a inevitável comparação. Como está o país que foi deixado, como é esse país visto com olhos de quem agora tem uma outra casa, uma rotina estabelecida e outro lugar? Irma fala da importância das visitas, que inclusive, incluíam cumprir seu compromisso cívico. Depois de muito tempo sem vir, passou a ajustar as viagens para que coincidissem com a época das eleições. Anna conta como as viagens e a comparação constante acabaram por influenciar a sua percepção da Costa Rica, o primeiro destino de sua migração. Relato também presente em outros trabalhos, o fato de o país de acolhida não ser a pátria mãe parece retirar um pouco do brilho que a nova pátria pode oferecer. Olga, que tinha os dois filhos adultos no Uruguai enquanto morava na Espanha, voltava a sua pátria todos os anos, nos meses que na Espanha era verão e no Uruguai, inverno. Por isso, acabou renunciando às oportunidades de viajar pelo velho continente no verão. Hernán fala do impedimento de realizar visitas, em virtude de sua condição de exilado. Até o restabelecimento da democracia, a sua família não podia vir, por mais que quisesse. Mas assim que pode, as visitas começaram a ser feitas.

Costumávamos vir a cada 2 anos com meu marido. Não desde o início. Passamos 18 anos antes de vir. Era muito caro. [...] eu sei que tivemos... Compramos a casa, compramos primeiro o terreno, depois construímos a casa. Tudo isso leva muito tempo. Leva muito tempo. Então ficamos muitos anos sem vir, depois vínhamos de 2 em 2 anos. Porque a minha filha, uma delas, a Daniela, trabalha em uma companhia aérea, então,

²⁰⁹ *Por ejemplo, si uno se pone a pensar cómo llegamos al principio, no podíamos llamar, de Uruguay de todos los teléfonos, no existía el whatsapp, ni mobile phone. Entonces, eran cartas. Para todos, a escribirles cartas, familia, hermanos, para que no sintiera la distancia, tanto y que fuera... Entonces, esa es la parte más divertida, al principio, porque así como te estoy hablando a vos, te puedo llegar a escribir una carta. Si empiezo por "hola, ayer fui a tal lado y a tal lado me dicen, no por ahí", porque me empiezan a preguntar que tomé, que no tomé, hasta que al final... Y hacía reír a la gente... La parte de fotografías, las fotografías eran de rollo, había que tener una cámara, era muy distinto. Sí, siempre traté de estar lo más cerca posible.*

²¹⁰ QUIJANO, Juan. Entrevista concedida em 22/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F.

a gente veio com desconto para os pais. Nos faziam... Não é muito, mas eles nos deram um bom desconto. E a cada 2 anos, nós vínhamos. Até nas últimas eleições viemos votar. **Sempre viemos votar.** E então... Sim, nós adoramos. Às vezes, eu reclamava com meu marido, eu dizia "podemos ir para a Europa, podemos ir para outro lugar. Não, mas ele gostava de vir para cá. O sonho dele era vir e se aposentar aqui. (grifo nosso) (tradução nossa)²¹¹ (informação verbal).²¹²

Vimos após dois anos. Eu voltei mais tarde, porque meu pai estava meio doente. Eu voltei. Teremos vindo três vezes, talvez. Da Costa Rica, talvez duas vezes. E então eu vim sozinha, uma vez. A primeira vez foi muito emocionante. Foi muito emocionante, com grandes expectativas. O Uruguai era quase um paraíso. Tudo que vivíamos na Costa Rica, o comparamos com Uruguai. Nunca, estando lá, olha que coisa doida, estando lá na Costa Rica, nunca gostei da Costa Rica. Eu nunca gostei. Depois fomos com minhas filhas. Com a Monica e a Anita fomos ao casamento de uma amiga delas. Em 2014, fomos recentemente. Parecia divino. E como eu não aproveitei esse lindo país? Pois, eu não gostava. Eu estava... E bem, a volta foi emocionante, a acolhida da família, claro. As crianças grandes, nós estávamos um pouco desconectados, havia crianças na família que eu não conhecia. Que conhecemos naquela época. Mas não foi difícil se conectar com a família novamente. E sempre continuei com minhas amizades. Até hoje eu me encontro. Agora não o estou fazendo tanto, porque trabalho à noite e é complicado, mas me reúno com meus colegas do ensino médio. Somos 15, 16 e nos encontramos todos os meses (tradução nossa)²¹³ (informação verbal).²¹⁴

²¹¹ *Veníamos cada 2 años con mi esposo. No desde el principio. Pasamos 18 años antes de venir. Era re caro. [...] Sé que teníamos... Nos compramos la casa, compramos el terreno primero, después nos hicimos la casa. Todo eso lleva mucho tiempo. Lleva mucho tiempo. Así que pasamos muchos años sin venir, después veníamos cada 2 años. Porque mi hija, una de ella, Daniela, trabaja en la aerolínea, en Cuántas, entonces, veníamos con descuento de padres. Nos hacía... No es tanto, pero nos hacían un buen descuento. Y cada 2 años, veníamos. Incluso las últimas elecciones vinimos a votar. Siempre vinimos a votar. Y así que... Sí, nos encantaba. A veces, yo rezongaba con mi esposo, porque decía "podemos ir a Europa, podemos ir a otro lado. No, pero le gustaba venir acá. Su sueño era venir a retirarse acá.*

²¹² CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

²¹³ *Vinimos dos años después. Yo después volví, porque mi papá estaba medio enfermo. Volví. Habremos venido tres veces, tal vez. De Costa Rica, tal vez dos veces. Y después yo vine sola, una vez. La primera vez fue muy emocionante. Fue muy emocionante, con muchas expectativas. Uruguay era casi un paraíso. Todo lo vivíamos en Costa Rica lo comparábamos con Uruguay. Nunca, estando allá, mira que cosa loca. Estando allá en Costa Rica, nunca me gustó Costa Rica. Nunca me gustó. Después nos fuimos con mis hijas. Con Mónica y Anita fuimos al casamento de una amiga de ellas. En 2014, fuimos hace poco. Me pareció divino. Y cómo no aproveché este país tan precioso? Pues no me gustaba. Estaba... Y bueno, fue emocionante la venida, la acogida de la familia, lógico. Los chiquilines grandes, estábamos un poco desconectados. Había niños de la familia que no conocía. Que conocimos en ese momento. Pero no fue difícil la conexión con la familia de nuevo. Y yo siempre continué con mis amistades. Yo, hasta el día de hoy, me reúno. Ahora no lo estoy haciendo tanto, porque trabajo de noche y es complicado, pero me reúno con mis compañeras de liceo. Somos 15, 16, y nos reunimos todos los meses.*

²¹⁴ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

Sempre vim. Falavam-me, porque eu morava em um lugar de praia, mas quase não fui. E perdi de conhecer muito melhor a Europa, porque vínhamos para cá, gastávamos todo o dinheiro aqui. Saíamos no carnaval, viajávamos um pouco por lá, mas não muito. Eu tive uma experiência muito rica lá. Mas sempre vínhamos para Bella Unión. Depois estando aqui nos movimentamos. Alugávamos um carro, depois compramos um e ficávamos na casa dos meus pais. Os primeiros dois anos. E então construímos esta casa. Porque o terreno pertencia à minha casa. Essa fração. Mais tarde, compramos outra fração. São 60 metros. Então nos arrumamos aqui. E no inverno estávamos sempre aqui. E a partir daqui percorremos tudo. E aí eu conheci tudo. Ele queria conhecer o Uruguai e andamos por tudo (tradução nossa)²¹⁵ (informação verbal).²¹⁶

Vir para cá, ultimamente, na última viagem, foi mais difícil para mim reencontrar as pessoas, mas estou em contato permanente. Todas as pessoas ao meu redor têm algo a ver com o Uruguai e com a situação atual do Uruguai. Não estou fazendo uma grande militância, mas acompanho. De qualquer forma, não é fácil para mim, você me entende... Todos os países têm suas idiossincrasias e cada um, nesses países, acha que suas idiossincrasias são corretas e não as dos outros, certo? O modo de pensar dos argentinos. Bem, tudo depende porque, se você é de Buenos Aires ou se você é de San Juanillo. Mas, em geral, cada país tem sua forma de pensar, certo? O mesmo acontece com o Brasil. No Brasil, não foi fácil para mim. Talvez o país mais complicado de entender, mas entendi mais, entendi, passei a entender muito. Além disso, eu amo muito, eu aprecio muito, e o México também, certo? Eu amo muito o México. É uma pena tudo o que está acontecendo e tudo isso. E o Brasil, claro, não. Eu amo tremendamente. Viajei por toda a América Latina, exceto Granada e Haiti e tal. E realmente, os países que eu mais amo... Uruguai, Brasil, Argentina, México são muito queridos

²¹⁵ *Siempre vine. Me decían, porque yo vivía en un lugar de playa, pero yo casi no fui. Y perdí de conocer mucho más a Europa, porque nos veníamos, gastábamos todo el dinero aca. Salíamos en carnaval, viajábamos un poquito allá, pero no mucho. Pero yo tuve una experiencia muy rica. Pero siempre veníamos a Bella Unión. Después de acá nos movíamos. Alquilábamos un auto, y después compramos uno, y nos quedábamos en la casa de mis padres. Los primeros dos años. Y después nos hicimos esta casa. Porque ese terreno era de mi casa. Ese pedazo. Después compramos otro pedacito. Son 60 metros. Así ya nos arreglamos acá. Y en invierno estábamos acá siempre. Y de ahí recorremos todo. Y ahí yo conocí todo. Él quería conocer a Uruguay y nos anduvimos todo.*

²¹⁶ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

para mim, certo? Mas somos todos diferentes (tradução nossa)²¹⁷ (informação verbal).²¹⁸

E fomos para os Estados Unidos, obviamente o primeiro ano foi difícil de adaptação. É como se você mudasse de um mundo para outro. Lá a universidade é muito diferente da educação aqui. Nos Estados Unidos, por exemplo, você pode ir, se você for estudar Estatística, eles te ensinam Estatística. Você não vai ter aula de Literatura nem de Desenho, que às vezes atrasa seu estudo, como acontece no Uruguai, lá é específico. Então é por isso que eu acho que às vezes eles dizem que um contador lá é bom, mas um contador aqui tem um conhecimento mais amplo. Mas porque lá se você for estudar isso, eles te ensinam isso. Você começa a ganhar experiência de trabalho, há muito trabalho, há muita mente aberta. A graduação é uma meta, digamos, que todos consideram, a temática da universidade. Aqui no Uruguai vejo que não. Por exemplo, eu vim aqui e vi que meus amigos eram 30 dos quais 5 ainda estudavam. Os outros 15 pararam de estudar, foram trabalhar em alguma fábrica, em outra; Em vez de estudar, eles compraram um carro e voltam à sua cidade. Em vez de estudar, dizem que... Você vê a mente de 2 mundos diferentes. No Uruguai, o uruguaio é muito conformista. Assim como em Miami, conheci uruguaio que estudavam lá, que têm muito poder aquisitivo no Uruguai e que reconhecem que o uruguaio, em geral, é conformista (tradução nossa)²¹⁹ (informação verbal).²²⁰

²¹⁷ *Venir acá, últimamente, en el último viaje, si me fue más difícil reencontrarme con la gente, pero estoy en contacto permanente. Toda la gente me rodea tiene algo que ver con el Uruguay y con la situación actual del Uruguay. No estoy haciendo una gran militancia, pero acompaño. De cualquier forma, no me es fácil, me entendéis... Todos los países tienen sus idiosincrasias y cada uno, en esos países, piensa que sus idiosincrasias es la correcta y no de los otros, ¿no? La forma de pensar de los argentinos. Bueno, todo depende porque, si sois porteño o si sois san juanillo. Pero, en general, cada país tiene su forma de pensar, ¿no? Lo mismo sucede con Brasil. A mi, Brasil, no me resultó fácil. Quizás el país más complicado para entender, pero que entendí más, entendí, llegué a entender bastante. Además, quiero mucho, aprecio mucho, es México también, ¿no? A México lo quiero mucho. Es una lástima todo lo que está sucediendo y todo eso. Y Brasil, por supuesto, no. Lo quiero enormemente. Me recorrí toda América Latina menos Granada y Haití y eso. Y realmente, los países que más quiero... Uruguay, Brasil, Argentina, México me son muy queridos, ¿no? Pero todos somos diferentes.*

²¹⁸ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

²¹⁹ *Y nos fuimos a los Estados Unidos, obviamente el primer año era de difícil adaptación. Es como que tú te trasladas de un mundo a otro. Allí la universidad es muy diferente de educación acá. En Estados Unidos, por ejemplo, te puedes ir, si vos vas a estudiar Estadística, te enseñan Estadística. No te vas a enseñar ni clases de Literatura, ni clases de Dibujo, que a veces te atrasan tu estudio, como pasa en Uruguay, allá es específico. Entonces por eso yo creo que a veces dicen un contador allá es bueno, pero un contador tiene más conocimiento amplio. Pero porque allá si vas a estudiar eso, te enseñan eso. Empezás agarrar experiencia laboral, hay mucho campo de trabajo, hay mucha mente abierta. Recibirse es una meta, digamos, que todos se la plantean, el tema de universidad. Acá en Uruguay yo veo que no. Por ejemplo, yo venía acá y veía que mis amigos eran 30 de los cuales 5 seguían estudiando. Los otros 15 dejaron de estudiar, se metieron a trabajar en alguna fábrica, en algún otro; en vez de estudiar se compraron un auto y vuelven a su pueblo. En vez de estudiar, dicen que... Vos ves la mente de 2 mundos diferentes. En Uruguay, el uruguayo es muy conformista. Así como en Miami, conocí uruguayos que estaban estudiando allá, que tienen bastante poder adquisitivo en Uruguay y los cuales reconocen que el uruguayo, en general, es conformista.*

²²⁰ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

Vimos visitar, sim. Na verdade, quem foi expulsa do país foi minha mãe, porque ela também esteve presa, não podia voltar. E nós também não. Mas depois de 85, sim, voltamos várias vezes. Entre o 80, quando saímos daqui, e o 85, nunca mais voltamos. No final de 1985 voltamos, por exemplo, que era possível voltar. E visitamos novamente. Meu pai, em 1985, quando acabou a ditadura, foi para a Suécia. Ele nos encontra e passa algum tempo lá (tradução nossa)²²¹ (informação verbal).²²²

As comparações, no entanto, não são todas negativas, e nem poderiam ser. O migrante tem que se ajustar e construir uma vida no país de acolhida. No relato de Osvaldo, reproduzido acima, ele faz uma declaração de amor pelos países que o acolheram, pelos quais passou e onde viveu. E Emmanuel parece ver no seu país de origem falhas que não estão presentes nos Estados Unidos, onde passou o final da adolescência e início da vida adulta. Já abaixo, Osvaldo fala da sua ligação com a vida política como algo que o manteve conectado não somente com o Uruguai, mas também com o Brasil e a América Latina em geral. Além das visitas frequentes, ele acompanhava de perto a política de ambos países. Olga, por sua vez, conta que sempre passava o ano juntando presentes da Espanha para levar ao Uruguai, e que levava de volta a tinta de cabelo, uruguia, nunca quis mudar de marca.

Ah, sim, voltava permanentemente. Ou a cada ano ou a cada tempo muito curto, estava indo e vindo. Sempre. Além disso, eu sempre estive muito envolvido na parte política e experiencial do Uruguai e também estive informado no que estava acontecendo no Brasil. Em geral, eu tinha mais conhecimento do que 99% dos brasileiros no Brasil. Isso, me foi dito pelos brasileiros. Sempre me interessei muito por coisas sociais, pela política, e foi um período muito interessante na América Latina, né? (tradução nossa)²²³ (informação verbal)²²⁴

Passava o ano inteiro comprando presentes para quando viesse. Ano inteiro. As malas estavam sempre abertas e as coisas não paravam de cair lá dentro. E eu sempre digo, nos dez anos que estive lá trouxe perfume para todo mundo. Porque os perfumes não pagam impostos

²²¹ *Veníamos a visitar, sí. De verdad, a la que echaron del país fue mi madre, porque ella también estuvo presa, ella no podía volver. Y nosotros tampoco. Pero después del 85, sí, volvimos cantidad de veces entre el 80, que nos fuimos de acá, y el 85 nunca más volvimos. A fines del 85 volvimos, por ejemplo, que se podía volver. Y ahí volvimos a visitar. Mi padre, en el 85, cuando termina la dictadura, va para Suecia. Se encuentra con nosotros y está un tiempo allá.*

²²² POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

²²³ *Ah, sí, volvía permanentemente. O todos los años o a cada muy poco tiempo estaba yendo y viniendo. Siempre. Además, siempre estaba tremendamente en la parte política y vivencial de Uruguay y también estaba compenetrado con lo que estaba pasando en Brasil. En general, tenía más conocimiento que 99% de los brasileiros en Brasil. Eso por lo más me lo decían los brasileiros. Siempre me interesó mucho la cosa social, lo político y fue todo un período muy interesante en América Latina, ¿no?*

²²⁴ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

nas Ilhas Canárias. São baratos. E todos são bons perfumes. E eu trouxe para todos. Eu nunca comprei um perfume para mim. Risos. Não deu O que eu sempre levava daqui era tintura de cabelo, sempre usava a mesma. Me levava daqui da Barra. Me levava homeopatia, que eu tomava para um problema intestinal (tradução nossa)²²⁵ (informação verbal).²²⁶

Manter-se fiel a uma marca específica de tinta para cabelo ou a uma medicação pode ser visto como uma outra maneira de manter-se fiel ao próprio país e às opções que ele oferece. É difícil acreditar que na Espanha não houvesse opções válidas de tintas ou medicamentos, mas ainda assim, a opção “de casa” era importante. Assim como presentear como forma de manter laços e materializar afetos.

Manter os vínculos passa ainda por criar laços com compatriotas, mesmo que estes não sejam pessoas com as quais, individualmente, o migrante se relacionaria em outras condições. O fato de existir uma origem comum, de que compartilhe todo o imaginário do que é uma comunidade, como dito no capítulo 1, faz com que essas pessoas criem irmandades, reciprocidades, quase que automáticas. O relato a seguir, de Anna, ilustra bem como essas amizades são forjadas em virtude dessa comunhão de um passado único. E Irma, logo após, fala da vinculação com a comunidade, como a associação sempre fez parte da sua rotina. Em ambos os relatos é possível resgatar novamente a ideia da comunidade imaginada de Anderson, que aproxima com um mito de uma origem comum, com signos compartilhados, pessoas que não se aproximariam de outra maneira.

Por ser uruguaia, porque existe até um... eu continuo amizade com uma delas, mas não temos nada em comum. Se tivéssemos nos conhecido no Uruguai, nunca teríamos sido amigas... nem teríamos nos conhecido... tínhamos algumas coisinhas em comum, mas ela é uma empresária, que se move em um mundo de homens, porque vende papel para cigarro. Ela é uma doida que viajou o mundo todo, ou seja, não tem nada a ver comigo. Nada a ver comigo. Mas enfim, nós nos

²²⁵ *Yo pasaba todo el año comprando los regalos para cuando venía. Todo el año. Las valijas siempre estaban abiertas y las cosas iban cayendo ahí adentro. Y yo siempre digo, en los diez años que estuve yo traje perfume pa todo el mundo. Porque los perfumes no pagan impuestos en Canarias. Son baratos. Y todos son perfumes buenos. Y yo traía pa todo el mundo. Nunca me compre un perfume. Risos. No me daba. Lo que siempre me llevaba era la tinta del pelo, que siempre use la misma. Me llevaba de aquí de la Barra. Me llevaba homeopatía, que tomaba por problema de intestino.*

²²⁶ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

tornamos boas amigas. E ela me deu, ela nos deu uma mão muito importante, quando estávamos para sair da Costa Rica e não tínhamos onde ficar... tínhamos que ficar um tempo sem pagar o aluguel, não tínhamos um lugar para ficar. Ela nos deu sua mansão, porque era uma mansão. Ela tinha que viajar [...] Com uma empregada, jardineiro, a gente ficou como se fosse tudo nosso, né?(tradução nossa)²²⁷ (informação verbal)²²⁸

Então, quando chegamos lá, já tinha serestas, uma seresta folclórica que era organizada nas noites de sexta e sábado. Por nostalgia e todas as coisas, as pessoas se reuniam. Ela (minha filha) cantava lá e a gente sempre se relacionava com a comunidade (uruguaia) de lá, sabe? E então, não sei... Fui vinculando-me cada vez mais, principalmente em movimentos de solidariedade. Em coisas de solidariedade. Então eu sempre trabalhei muito para a comunidade. Sempre sempre (tradução nossa)²²⁹ (informação verbal).²³⁰

Temos ainda elementos que atuam como marcadores identitários para os uruguaiois em migração. Objetos ou hábitos que, de uma forma ou de outra, estão conectados à sua identidade nacional, e que são reforçados e mantidos quando fora. Para os uruguaiois, em especial, o hábito de tomar chimarrão²³¹, a que eles se referem como “*tomar mate*”, é talvez o mais querido e reproduzido. Esse hábito está longe de ser apenas alimentar, já que os habitantes desse pequeno país levam consigo a garrafa térmica - *el termo* - e a cuia - *el mate* - para todos os lugares. Praia, escola, faculdade, trabalho, shopping, em todos os lugares de sociabilidade vê-se um grande número de pessoas com seus termos

²²⁷ *Por ser uruguaya, porque inclusive hay una...yo sigo la amistad con una de ellas especialmente, pero no tenemos nada en común. Si nos hubiéramos conocido en Uruguay, nunca hubiéramos...no nos hubiéramos ni siquiera...teníamos algunas pequeñas cosas en común, pero ella es una mujer empresaria, que se mueve en un mundo de hombres, porque vende papel para cigarrillo. Es una loca que ha viajado todo el mundo, o sea, no tiene nada que ver conmigo. Nada que ver conmigo. Pero bueno, nos hicimos muy amigas. [Anna] Y me dio, nos dio una mano muy importante, cuando estábamos por salir de Costa Rica y no teníamos donde...quedamos un tiempo de que dejábamos de pagar el alquiler, no teníamos donde quedar. Ella nos dio su mansión, porque era una mansión. Ella tenía que viajar [...] con empleada, jardinero, nos quedamos como si fuera nuestro todo, no?*

²²⁸ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

²²⁹ *Entonces, cuando llegamos ahí, ya había peña, peña folclórica que se organizaba los viernes y los sábados de noche. Por la nostalgia y todas las cosas, la gente se juntaba. Ella (mi hija) cantaba ahí y siempre nos vinculamos con la comunidad (uruguaya) de ahí, viste? Y después, yo que sé? Me fui vinculando cada vez más, sobre todo en las movidas solidarias. En cosas de solidaridad. Así que trabajé siempre mucho para la comunidad. Siempre, siempre.*

²³⁰ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

²³¹ O chimarrão é um hábito que deriva dos povos originários da região sul da América do sul. A erva-mate - *ilex paraguayensis* - é colocada em uma cuia e água quente é despejada sobre essa erva, que é depois sorvida com uma espécie de canudo, a *bombilla*.

embaixo do braço ou sua *mateira*²³² a tiracolo. Apesar de ser um hábito compartilhado com seus vizinhos do sul do Brasil e da Argentina, é possível diferenciar os tipos de cuias utilizados por cada um desses países, sendo a do Brasil grande e com um formato específico, diferente, e as da Argentina ainda menores que as do Uruguai. “E o tema da gente, é muito fácil localizar o uruguaio”. Olga, na seguinte fala, já reproduzida no primeiro capítulo, deixa muito claro como carregar consigo esses dois objetos funciona como um aviso, como uma identificação da nacionalidade. “Eu olhava a garrafa térmica e a cuia. Me enlouquecia, olhava para um uruguaio e saía procurando ele.”(tradução nossa)²³³(informação verbal)²³⁴. Os relatos listados abaixo dão conta da dimensão desse símbolo para o migrante, de como a manutenção desse hábito envolve uma série de escolhas, de ajustes, desde onde conseguir a erva-mate até em que horários consumi-la. Porém, é evidente a importância desse símbolo.

Eu sim tomava chimarrão. Às vezes eu não conseguia a erva, então uns amigos argentinos, desde Guatemala... na Guatemala há muitos argentinos, eles vendiam a erva, me mandavam a erva desde a Guatemala. Então, eu a poupava. Foi aí que meu hábito mudou um pouco, porque eu vinha tomar chimarrão só uma vez por dia, de manhã. Antes, como todos os uruguaios, tomava várias vezes. Já não. Eu não tomo chimarrão o dia todo. Eu tomo apenas de manhã. Continuei assim no Brasil também só pela manhã. Então, nesse sentido mudou, porque...comida a gente fazia muitas coisas no começo, mas depois eu percebi que não era por aí. Por exemplo, o primeiro aniversário do David, que é o primeiro aniversário do ano, digamos... chegamos em janeiro, em setembro, David fez aniversário. Ele tinha oito anos. Convidou todos os amigos do bairro e eu fiz o clássico que se faz no Uruguai: alfajorcitos de maizena, o bolo decorado, que ele me pediu não sei o quê, salada de maionese. Não havia ravioli, porque a Costa Rica, gastronômica, era muito limitada naquela época. Linguichinas, o que se faz aqui. Talvez eu tenha feito uma pizza ou algo assim. Quando chegou a hora de servir às crianças, "onde está o frango com arroz?", eles me perguntaram. Arroz com frango? Eles queriam arroz com frango. E na hora de cortar o bolo, "cadê o sorvete e a gelatina?". Eles comem sorvete com gelatina. E um pedaço de bolo. No aniversário seguinte, que era em novembro, que era da Mônica, eu já tinha aprendido... Uma vizinha que eu tinha lá me ensinou. Uma brasileira, que até hoje... é onde ficamos, quando saímos em 2014, uma brasileira, Vanilse, que se casou com um costarriquenho. Ela foi me ensinando e me disse "não, aqui é isso", então ela me ensinou. Então, tive que mudar hábitos. E aí eu acabei amando as tortilhas, os... eu me acostumei a

²³² Bolsa específica para carregar a garrafa térmica e o chimarrão, feita de couro ou tecido.

²³³ *Y el tema de la gente, es muy fácil ubicar el uruguayo, veías el termo y el mate. A mi me enloquecía, veía un uruguayo y salía atrás.*

²³⁴ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

comer feijão, como dizem lá, *frijoles*²³⁵. É muito parecida com a culinária brasileira, na verdade (tradução nossa)²³⁶ (informação verbal).²³⁷

Sim, o chimarrão sempre esteve, o chimarrão sempre esteve lá. Em Copenhague, havia um turco, um turco que te vendia especiarias e tudo mais, entende? E chá de vários lugares, e trazia a erva do Brasil. Ele trazia a erva, a *Canária*²³⁸. A erva-mate *Canária* é brasileira. Então ele a levou do Brasil para lá. E, não, os costumes foram mantidos, sim. E bom, a gente vai integrando os costumes do lugar também... Mas. Mas sim, nós mantivemos. Eu tomava mate todos os dias. Sempre lá. Um ano foi complicado para mim pelos horários de trabalho, mas, mas sim, sim, porque você viu que mate para os uruguaios é muito, muito importante (tradução nossa)²³⁹ (informação verbal).²⁴⁰

Mas agora, como eu disse antes, eu estava interessado em pessoas se unindo em torno de alguma coisa. Começou tocando tambor. Tinha gente que tocava tambor, se reunia, também tinha uma garrafa de vinho. [...]. E o candombe faz parte da cultura uruguaia. Nós que tocamos o tambor, seguramos a bandeira uruguaia e estamos representando os uruguaios. [...]. Então foi formado um grupo e as regras são: quem quiser vir, que venha... Ainda estou aprendendo, mas formou-se um grupo

²³⁵ Há uma variação para a palavra que designa feijão. Na Costa Rica, a entrevistada estava informando que se usa *frijoles*. No Uruguai se diz *poroto*.

²³⁶ *Yo sí tomaba mate. No conseguía yerba a veces, entonces unos amigos argentinos, desde Guatemala...en Guatemala hay muchos argentinos, tenían venta de yerba, me mandaban desde Guatemala, la yerba. Entonces, yo la cuidaba. Ahí fue que mi hábito cambió un poco, porque llegué a tomar mate solo una vez al día, en la mañana. Yo antes, como todo uruguayo, tomaba a cada rato. Ya no. Yo ya no tomo mate todo el día. Tomo solo de mañana. Lo mantuve en Brasil también solo de mañana. Entonces, en ese sentido cambió, porque...comida hicimos muchas cosas al principio, pero después me di cuenta que no era por ahí. Por ejemplo, el primer cumpleaños de David, que es el que primero cumple en el año, digamos...llegamos en enero, en septiembre, David cumplía años. Cumplía sus ocho años. Invito a todos sus amiguitos del barrio y yo hice lo clásico que se hace en Uruguay: alfajorcitos de maizena, la torta decorada, que me pidió no sé qué cosa, ensalada rusa. No había ravioles, porque Costa Rica, gastronómicamente, era muy limitada en aquella época. Chorizitos, lo que se hace acá. Capaz que hice alguna pizza o algo. Cuando llega la hora de empezar a dar de comer a los niños, "dónde está el arroz con pollo?", me preguntaron. Arroz con pollo? Querían arroz con pollo. Y a la hora de cortar la torta, ¿dónde está el helado y la gelatina?". Comen helado con gelatina. Y un pedazo de torta. Ya para el próximo cumpleaños que fue en noviembre, que era el de Mónica, yo ya había aprendido... Una vecina que tenía allá me enseñó. Una brasileña, que hasta el día de hoy...es donde nos quedamos, cuando nos fuimos el 2014, una brasileña. Vanilse, que se casó con un costarricense. Fue enseñando y me dijo "no, acá es esto", entonces me enseñó. Entonces, tuve que cambiar hábitos. Y después terminé adorando las tortillas, los...me acostumbré a comer frijoles, como dicen allá, feijão. Es muy parecida a la culinaria brasileña, en realidad.*

²³⁷ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

²³⁸ *Canária* é uma marca de erva-mate, a mais popular do Uruguai.

²³⁹ *Sí, el mate siempre estuvo, el mate siempre estuvo. En Copenhague, había un turco, un turco que te vendía especiarias y todo eso, viste? Y té de distintos lados, y traía la yerba de Brasil. Traía la yerba, la Canaria. La yerba Canaria es brasilera. Entonces la llevaba de Brasil para allá. Y, no, se mantenían las costumbres, sí. Y si bien uno va integrando las costumbres del lugar también... Pero. Pero, sí, manteníamos. Yo tomaba mate todos los días. Siempre allá. Un año se me complicó por los horarios laborales, pero, pero sí, sí, porque viste que el mate para los uruguayos es muy, muy importante.*

²⁴⁰ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

muito legal. Primeiro, éramos três loucos, depois quatro, cinco. No dia em que voltei, deixei um grupo de 106 pessoas. Era gente do Uruguai, chilenos, algumas bailarinas do Maurice, que continuam, continuam, porque eu as vejo, continuam fazendo o seu... Mas um grupo muito unido, um grupo que trabalhou muito em nível comunitário. Muitos acordos foram feitos no centro comunitário da região, onde as pessoas encontravam trabalho e estudos, casas. [...] Acho que de certa forma consegui, pelo menos, estando lá. É para garantir que nossa cultura não seja esquecida, que as pessoas também não esqueçam de onde vêm. [...] No começo eu diria que sim, me relacionava mais com uruguaios, depois não. O que acontece é que, entre outras coisas, trabalhei dez anos em dois jornais de língua espanhola (tradução nossa)²⁴¹ (informação verbal).²⁴²

Mas tinha um sítio de um montevideano, chamava-se “La Montevideana”, e às vezes íamos comer churrasco, e se não, íamos para o campo e com uma grade fazíamos um churrasquinho. E a comida em casa, a gente comia a comida que eu fazia, então era a nossa comida. [...] Em 30 de maio, o dia das Ilhas Canárias é comemorado com roupas típicas, comidas e tudo mais. E assim, acostumei-me, vesti-me de canária... senti-me parte disso, nunca me senti estrangeira. Por isso sempre digo que sou uma cidadã do mundo. Mas você também não se liberta completamente. Quando você vem com tanta frequência, continua a manter o vínculo (tradução nossa)²⁴³ (informação verbal).²⁴⁴

Além do hábito do chimarrão, outro marcador identitário que aparece é o churrasco, *el asado*, pelo qual os uruguaios, assim como seus vizinhos argentinos e gaúchos, são também conhecidos. Olga cita um restaurante que agregava a comunidade em geral, e oferecia o típico churrasco. Juan fala do

²⁴¹ *Pero ya, como te dije antes, que me interesaba que la gente se uniera alrededor de algo. Empezó por tocar el tambor. Había gente que tocaba el tambor, se juntaban, tomaban una botella de vino también. [...] Y el candombe es parte de la cultura uruguaya. Así que se formó un grupo y las reglas son: el que quiere venir, viene.. Sigo aprendiendo, pero se formó un grupo muy lindo. Primero, éramos tres locos, después cuatro, cinco. El día que yo me vine, dejé un grupo de 106 personas. Gente de Uruguay, salían chilenos, unas bailarinas de Maurice, que siguen, siguen, porque yo las veo, siguen haciendo su... Pero un grupo muy unido, un grupo que trabajó a nivel comunitario mucho. Se hicieron muchos acuerdos en el community center del área, donde se conseguía trabajo la gente y estudios, casas. [...] Creo que de cierta forma lo logré, por lo menos, estando allá. Es hacer que la cultura nuestra no fuera olvidada, que la gente no se olvidara tampoco de donde viene. Al principio, te diría que sí, me relacionaba más con uruguayos. después, no. Lo que pasa es que, entre otras cosas, yo trabajé diez años en dos diarios de habla hispana. .*

²⁴² QUIJANO, Juan. Entrevista concedida em 22/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F.

²⁴³ *Pero había un lugar de un montevideano, “la montevideana” se llamaba, y a veces íbamos a comer asado, y si no nos íbamos para el campo y con un coso de parra hacíamos un asadito. Y la comida en casa, comíamos la comida que yo hacía, entonces era comida nuestra. [...] El 30 de mayo, el Día de Canarias, lo festejan con ropa típica, y comida, y todo. Y tá, yo me acostumbre, me vestía de canaria... Me sentí parte, nunca me sentí extranjera. Por eso siempre digo que soy ciudadana del mundo, risos. Pero tampoco te desprendes del todo. Cuando venís tan seguido, seguís manteniendo el vínculo*

²⁴⁴ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

candombe²⁴⁵e do grupo que formou em Sydney para tocar o estilo de música, que é tipicamente uruguaio. Um elemento que vale ressaltar na fala de Juan é a dimensão do migrante como representante do seu país, da sua cultura. Como se lá fora, esse sujeito atuasse também como porta-voz da sua pátria de origem. Esse elemento de representatividade aparece também na teoria transnacional da migração, mencionada anteriormente no capítulo 1 e no início do presente capítulo, na qual o migrante atua como vínculo entre países, entre culturas. Osvaldo pontua muito bem essa sensação de estar carregando uma bandeira, algo maior que apenas sua identidade individual.

Por exemplo, uma coisa que a gente sempre cuidou no exterior é que era uruguaio e que estava agindo como um uruguaio e que era você quem era... aprovam ou desaprovam você, aprovam ou desaprovam o Uruguai. Então, nós sempre fomos cuidadosos com isso, eu digo. Era, era algo que era permanente. "O que eles vão pensar, né? Eu tenho que fazer assim, senão eles vão entender errado e como vamos fazer..." E pensando no Uruguai. E pensando em solidariedade. Sempre foi assim, permanentemente. Mas não só eu pessoalmente. Era assim com milhares de companheiros que estavam no exterior e era a forma de pensar deles. Teve também a parte pessoal, né? Era tentar fazer carreira, tentar conseguir uma situação econômica melhor, como se faz em qualquer lugar, mas uma coisa fundamental, chave na nossa cabeça, sempre foi que você não era só o Osvaldito, você era o Osvaldito uruguaio e você era O uruguaio Osvaldito, que eles viam. Então a gente tentou... Isso continua sendo assim em todos os lugares, certo? Que conheçam o Uruguai, que vejam isso... A gente sempre tem muito muito muito orgulho do paizinho e o leva pra todo lugar, né. Quando alguém... (te joga) um pouco de areia, te brota o patriotismo e é assim que é. Suponho que seja assim em todos os países, mas no Uruguai foi muito especialmente assim. No Chile também foi assim, na Argentina também foi assim. Essas ditaduras ferozes. É como que em

²⁴⁵ O candombe é uma expressão cultural uruguaia proveniente de expressões culturais de dança e música trazida pelos africanos escravizados. No Uruguai, especialmente em Montevideo, se popularizou em alguns bairros que tradicionalmente abrigavam essas populações. Foi reconhecido pela UNESCO como patrimônio imaterial do Uruguai, e é uma grande parte da cultura do pequeno país.

toda comunidade social, sabe? (tradução nossa)²⁴⁶ (informação verbal)²⁴⁷

Que esses sujeitos não se vejam somente como indivíduos, mas também como representantes e porta-voz de seu país é indicativo do tamanho da vinculação que existe entre a sua identidade e a identidade nacional. Não importa a quanto tempo estejam fora do país, eles carregam como elemento constitutivo de identidade a nacionalidade. Como esse vínculo, mantido a esse ponto, aparece então quando o migrante finalmente volta para o país de origem, e não é mais um representante desse país, mas um membro como todos os outros? É possível imaginar que haja um movimento de frustração, mas também de reencontro. No capítulo a seguir, iremos investigar e explorar algumas dessas trajetórias de retorno.

²⁴⁶ *Por ejemplo, una cosa que vos siempre cuidabas en el exterior es que vos eras uruguayo y que vos estabas actuando como uruguayo y que vos eras el que estaba... O te aprobaban o te desaprobaban y aprobaban o desaprobaban a Uruguay. Entonces, nosotros siempre tuvimos cuidado en eso, digo. Fue, era una cosa que estaba permanente. "¿Que es lo que van a pensar, no? Tengo que hacerlo así, si no estos se van entender mal y como hacemos..." Y pensando en Uruguay. Y pensando en la solidaridad. Siempre fue así, permanente. Pero no mío personal. Era así de miles de compañeros que estaban en el exterior y era su forma de pensar. También estaba lo personal, ¿no? Era tratar de lograr una carrera, tratar de lograr una situación económica mejor, como hacéis en cualquier lado, pero una cosa fundamental, clave en nuestras cabezas, siempre era que vos no eras solamente el Osvaldito, eras el Osvaldito uruguayo y eras el Osvaldito uruguayo que ellos veían. Entonces, vos tratabas... Eso sigue siendo así en todos lados, ¿no? Que conozcan a Uruguay, que vean que... Uno siempre tiene mucho mucho mucho orgullo del paísito y lo lleva para todos lados, viste. Cuando alguien... Un poquito de arena, te sale la patriota y eso es así. Supongo que sea así en todos los países, pero en Uruguay era muy especialmente así. En Chile también era así, en Argentina también era así. Esas dictaduras feroces.*

²⁴⁷ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

4 - O RETORNO - VOLTAR PARA CASA?

Ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas já serão outras.

Os compatriotas que retornam, se completaram pelo menos dois anos de residência no exterior, podem solicitar, junto ao Escritório de Retorno e Boas Vindas, os benefícios derivados de convênios que o MRE firmou com outras entidades públicas.

Os acordos cobrem áreas como a saúde (ASSE - Administração dos Serviços de Saúde do Estado), comunicações (Antel - Administração nacional de Telecomunicações), seguros (BSE - Banco de Seguros do Estado) e garantia de aluguel (CGN - Contadoria Geral da Nação), podendo ser adicionados novos no futuro.

Os benefícios são proporcionados de uma só vez e dentro dos prazos que cada organismo ou instituição estabelece, não ultrapassando, em caso algum, o ano a contar da data de chegada.

O objetivo destes benefícios é dar uma ajuda pontual ao momento do retorno, de maneira a facilitar a inserção anteriormente mencionada, e não prover uma assistência permanente a longo prazo. (*Manual para el Retorno*, p.23, tradução nossa)²⁴⁸

Não, não, de jeito nenhum. No começo me custou toda a papelada, todas as coisas, tudo que está envolvido no retorno. E as contas bancárias, que, tudo era um grande problema. Mas fui resolvendo aos poucos, fui me adaptando. E, às vezes, penso e bom, estou em um país de terceiro mundo. Certo. Eu não fico brava com isso. Eu tenho que ter calma, sabe? É a decisão que você tomou, agora, vá em frente. [...] Resolvi tudo sozinha. Mas, sim, eu fiz toda a papelada. Passei um ano pelo ASSE, pelo serviço de saúde. Essa é uma vantagem que eles te dão. E nada mais, não tive nenhum outro benefício. Benefício na verdade, eu não tive nenhum. E bem, sim, eu fiz toda a papelada por aí, e agora que o ano passou, eu tenho que ver qual sociedade médica escolho para estar coberta. Igual, melhor, estou pagando uma coisa pelo SEM, que é um grupo de emergência, viu? Quando eu estava muito doente com gripe, a vizinha entrou e chamou, e veio o SEM, o médico veio, então, sim. Sei lá. Há muitas pessoas que me dizem "e quando você envelhecer?". E bem, quando eu ficar mais velha, eu vou ver. Agora eu vivo o dia a dia. Não faço planos para hoje, nem mesmo para

²⁴⁸ *Los compatriotas que retornan, si han cumplido con dos años como mínimo de residencia en el exterior, pueden solicitar, ante la Oficina de Retorno y Bienvenida, los beneficios derivados de convenios que el MRREE ha firmado con otras entidades públicas.*

Los convenios cubren áreas como la salud (ASSE), comunicaciones (Antel), seguros (BSE) y garantía de alquiler (CGN), pudiendo agregarse nuevos en el futuro.

Los beneficios se brindan por única vez y dentro de los plazos que cada organismo o institución establece, no superando, en ningún caso, el año desde la fecha de arribo.

El objetivo de estos beneficios es dar una ayuda puntual al momento del retorno, de manera de facilitar la inserción anteriormente mencionada, y no de proveer una asistencia permanente a largo plazo. (Manual para el retorno, p.23).

amanhã. Eu vejo o que acontece (tradução nossa)²⁴⁹ (informação verbal).²⁵⁰

Está posto anteriormente que o Uruguai é um país de migração, que lida com esse fenômeno desde sua fundação, onde se construiu até mesmo um imaginário nacional que trata dessa “cultura de migração” Dentro desse imaginário se estabeleceu uma relação dicotômica entre o “uruguaio de fora” e o “uruguaio de dentro”. Mas no retorno vemos esse uruguaio de fora ser confrontado com o fato de ser, de repente, de fora e de dentro. Ou um de dentro incompleto.

Em que pesem todas as políticas elaboradas pelo Estado para acolher e recepcionar aqueles que retornam, esse ato de volta passa por processos impossíveis de serem regulados pelo Estado. Como são vistos pelos seus compatriotas que nunca saíram, ou como se vêem a si mesmos depois de todo esse percurso?

No presente trabalho, as motivações listadas para o retorno são individuais ou familiares, mas isso não significa que não estejam conectadas com motivações estruturais. A complexidade do fenômeno migratório exige que as motivações subjetivas e estruturais sejam ambas analisadas em conjunto. Para pensar em como interpretar e analisar o que está sendo dito é interessante ter em mente o que o discurso colocado e tecido carrega consigo. Essas narrativas não são produzidas em um vazio ou dentro de um contexto “neutro”, seja lá o que isso possa significar. Hall aponta que

[o discurso] define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e

²⁴⁹ *No, no, para nada. Me costó al principio todos los trámites, todas las cosas, todo lo que está envuelto en retornar. Y las cuentas bancarias, que, todo fue un problema enorme. Pero lo fui solucionando de a poco, me fui adaptando. Y, a veces, pienso y bueno, estas en un país de tercer mundo. Claro. No me caliento con eso. Trato de tomarlo con calma y, viste? Es la decisión que tomaste, ahora, adelante. [...] Lo solucioné todo yo. Pero, bueno, sí, hice todos los trámites. Estuve por ASE, por el servicio de salud por un año. Eso es una ventaja que te dan. Y nada más, no tuve otro beneficio. Beneficio en realidad, no tuve ninguno. Y bueno, sí, hice todos los trámites por ahí, y ahora después que pasó el año, tengo que ver qué sociedad médica me adoptó para estar cubierta. Igual, mejor, estoy pagando una cosa por el SEM, que es un grupo de emergencias, ¿viste? Cuando estuve muy enferma con la gripe, entró la vecina y me lo llamó, y vino el SEM, vino la doctora, así que, sí. ¿Qué sé yo? Hay mucha gente que me dice "y cuando te pongas más vieja?". Y bueno, cuando me ponga más vieja, me verá. Ahora vivo día a día. No hago planes para hoy, ni siquiera para mañana. Veo lo que pasa.*

²⁵⁰ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

debatido, e também influencia como as ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros. Assim, o discurso “rege” certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever ou se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então, também, por definição ele “exclui”, limita e restringe outros modos (HALL, 2016, p.80)

4.1 - Burocracias

Como já foi discutido no capítulo anterior, o Uruguai, quando começa a lidar com o retorno, e na tentativa de convidar seus cidadãos que estão além das fronteiras, é confrontado com demandas daqueles que querem voltar e buscam maneiras de facilitar esse movimento de reinserção. Na ânsia de compreender esse movimento também a partir da perspectiva de instituições governamentais, estabeleci contato com um funcionário da Junta Nacional de Migrações. Andrés Freire é Secretário Técnico desse órgão, e estabeleci contato com ele através do Consulado de Brasília. Tivemos uma conversa na sede da Junta, dentro do Ministério de Relações Exteriores, em Montevideo. A esta conversa também se juntou, por um momento, o embaixador Jorge Muiño, que estava atuando como Diretor Geral de Assuntos Consulares e Vinculação e também como presidente da Junta. Essa entrevista ocorreu em 2017, onde me colocaram a par sobre as políticas em desenvolvimento pelo Estado. No ano seguinte, 2018, também os encontrei no âmbito do II Encontro de Jovens Uruguaios no Exterior, do qual participei a convite dos mesmos e do consulado em Brasília. Em ambos os momentos de conversa todas as perguntas que fiz foram muito bem recebidas, e tanto Andrés quanto o embaixador Muiño estavam a par não só da política de migrações do seu país, mas dos países vizinhos e de investigações acadêmicas sobre o tema.

No relato a seguir, Andrés conta como foram incorporados alguns outros benefícios concedidos aos retornados, desde os mais complexos, como acesso ao sistema público de saúde²⁵¹ e até algo mais simples, como um chip com créditos para serem utilizados dentro do sistema de telefonia.

Em 2010 fomos buscar outras ofertas que dessem aos nossos compatriotas, sem dúvida, o tempo que ficaram no exterior era um ponto, vimos qualitativamente como eles se reintegram na nossa

²⁵¹ O Sistema Nacional de Saúde Integrado foi constituído a partir da Lei 18211, de 2007, e reestruturou o modelo e gestão de saúde no Uruguai. O SNIS é financiado a partir de fundos públicos e privados, e trabalha com foco na Atenção Primária em Saúde.

sociedade e, por exemplo, todos que chegam ou a maioria que vem, te pedem acesso à saúde. Que esta foi uma das coisas que, mesmo com a mudança do sistema nacional de saúde, conseguimos para que todos os que regressassem após mais de 2 anos, pudessem ter uma justificação de que residiam no estrangeiro e uma entrada gratuita na saúde pública, algo que eu, por exemplo, se eu tiver que me atender pelo sistema da saúde pública, eu tenho que pagar. Ou um estrangeiro que está aqui, se ele quiser participar, tem que pagar também. Bem, isso teve um ano. Depois, outra coisa que vimos foi a questão de que muitas pessoas vieram e, tendo perdido as redes sociais e as redes familiares, não tinham, por exemplo, uma garantia para poder alugar. Não se tinha histórico de trabalho... Bom, lá com uma renda que às vezes já traziam assegurada da Espanha ou dos Estados Unidos ou algum capital, conseguimos firmar um convênio com o Ministério da Habitação em que se oferece garantia de aluguel para compatriotas que retornam. E também há um nicho para compatriotas, especialmente mulheres vítimas de violência doméstica ou vítimas de tráfico, ou mulheres solteiras com filhos menores, que recebem subsídios de aluguel. É um grupo muito pequeno, mas também é a possibilidade de essa pessoa conseguir aceder a uma solução de casa ou habitação. Depois, uma coisa que a gente viu que foi importante é a questão da comunicação, né?, O fato de a pessoa vir e poder ter uma comunicação. Pois bem, lá firmamos um acordo com a ANTEL [Administração Nacional de Telecomunicações], que dá a cada pessoa um chip grátis com 200 minutos de bônus para que possam se conectar nos primeiros dias e que consideramos muito importante. Também, há toda uma série de assessoramento ou orientação para se integrar. Cada pessoa que retorna ao seu mundo pode precisar de certas coisas. Por exemplo, em meio à crise da Espanha, quando muitos empregados da construção vieram, assinamos um acordo com a Associação de Promotores Privados de Construção e conseguimos ser o elo de trabalho de muitos uruguaios que trabalhavam na construção para que eles apresentassem o currículo lá e teve muita gente que conseguiu emprego com isso. Vieram pessoas especializadas em fibra óptica que também conseguiram trabalho imediatamente (tradução nossa)²⁵² (informação

²⁵² *Y pero después eso fue en 2008, en el 2010 nosotros fuimos buscando otras ofertas que daban a los compatriotas, sin lugar a duda, el tiempo que estaría en el exterior era un poco, nosotros veíamos cualitativamente como se reinsertan en nuestra sociedad y, por ejemplo, todo el que viene, o la mayoría que viene, te pide acceso a la salud. Que eso fue una de las cosas que, inclusive, con el cambio del sistema nacional de salud, logramos de que todo el mundo que viniese retornado por más de 2 años pueda tener un justificativo que vivía en el exterior y un ingreso a salud pública gratuita, cosa que yo, por ejemplo, si tengo que atenderme en salud pública, tengo que pagar. O un extranjero que está acá, si quiere se atender, tiene que pagar también. Pues ahí eso, por 1 año quedó. Después la otra cosa que veíamos era el tema de que mucha gente venía y, al haber perdido redes sociales y redes familiares, le faltaba, por ejemplo, tener una garantía para poder alquilar. Uno no tenía historia laboral... Bueno, ahí con ya con ingreso que algunas veces ya se traían el seguro amparo de España o de Estados Unidos o algún capital, nosotros logramos que se pueda firmar un convenio con el Ministerio de Vivienda en el cuál se ofrece garantía de alquiler para los compatriotas que retornan. Y después también hay un nichito para que los compatriotas, especialmente mujeres víctimas de violencia doméstica o víctimas de trata, o mujeres solas con hijos menores, que son subsidio al alquiler. Es un grupo muy reducido, pero también la posibilidad que esa persona no quede con poder de acceder a una vivienda o una solución habitación. Después, otra hora una cosa que vimos que era importante es el tema de la comunicación, ¿no?, el hecho de que la persona venga y pueda tener una comunicación. Bueno, ahí firmamos un convenio con la ANTEL [Administración Nacional de Telecomunicaciones], lo de que se los otorga un chip gratuito con 200 minutos de bonificación a cada persona como para que pueda estar conectado los primeros días y que nosotros consideramos que es bueno. Después hay todo un asesoramiento o orientación que es integrar. Cada persona que retorna a su mundo puede necesitar determinadas cosas*

verbal).²⁵³

As informações sobre esses convênios, e os procedimentos necessários para acessá-las, estão presentes no Manual para Retorno, que já foi em uma versão anterior o Manual de Retorno e Boas Vindas. Em sua última versão disponível para download em .pdf na página da internet do Ministério de Relações Exteriores do Uruguai²⁵⁴, define o retorno como o processo pelo qual um compatriota que reside no exterior decide regressar ao Uruguai para viver permanentemente, trazendo consigo sua família e bens. Além disso, coloca como resumo do livro o seguinte:

Este manual foi elaborado para orientá-lo no seu retorno ao país. Explica em detalhes todos os procedimentos possíveis que você deve realizar. É importante que este documento seja lido com atenção, a fim de evitar inconvenientes posteriores. Se você tiver alguma dúvida, você sempre pode entrar em contato conosco para ajudá-lo. Lembre-se de que estar informado é seu direito e sua responsabilidade (*Manual Para el Retorno*, p. 2, tradução nossa)²⁵⁵

A importância da existência e manutenção de redes por parte daqueles que decidem retornar não passa despercebida por aqueles que são os elaboradores de políticas públicas e de estratégias de acolhimento. Segundo Andrés e Muiño, o Manual foi pensado exatamente para deixar claro para o retornante quais seriam os desafios que poderiam ter. Além do Manual, está também o Guia para o retorno²⁵⁶ que, segundo informações contidas no mesmo, tem o seguinte objetivo:

Seu objetivo é fornecer informações que lhes permitam acessar seus direitos – identidade, saúde, educação, justiça –, bem como abrir caminho para a reinserção no mercado de trabalho e acesso à moradia, entre outras necessidades. O guia é composto por recomendações

Por ejemplo, en plena crisis de España que vino mucha gente de la construcción, nosotros firmamos un convenio con la Asociación de Promotores Privados de la Construcción, y logramos ser el enlace [...] trabajo de muchos uruguayos que estaban en la construcción para que fueran a presentar su currículo ahí y hubo mucha gente que obtuvo trabajo con eso. Vino gente especialista en fibra óptica que también agarró trabajo enseguida.

²⁵³ FREIRE, Andrés. Entrevista concedida em 02/05/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C.

²⁵⁴ Ver nota de rodapé 144.

²⁵⁵ *Este manual fue confeccionado con el fin de guiarlo en su retorno al país. En él se explican con detalle todos los posibles trámites que deberá realizar. Es importante que ese documento sea lea atentamente, de manera de evitar inconvenientes posteriores. En caso de que tenga alguna duda siempre podrá contactarnos para asistirle. Recuerde que estar informado es tanto su derecho como su responsabilidad (*Manual Para el Retorno*, p. 2)*

²⁵⁶ *Volver a Uruguay*. Disponível em: https://www.gub.uy/ministerio-relaciones-exterior/sites/ministerio-relaciones-exterior/files/documentos/publicaciones/Guia_Volver_a_Uruguay.pdf. Acesso em 02/07/2022.

prévias à chegada ao país, indicações dos procedimentos a serem realizados no Uruguai e um diretório de organizações e contatos úteis. Antes de iniciar cada procedimento e, no caso de eventuais alterações nos procedimentos dos órgãos públicos, é recomendável consultar, bem como entrar em contato, o consulado correspondente no país onde reside antes de retornar. A informação é essencial no exercício dos seus direitos e, como sabemos que o processo de regresso não é fácil, nós do Ministério das Relações Exteriores esperamos que este guia o ajude. O guia foi elaborado pela Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e de Vinculação em colaboração com a Direcção Nacional das Migrações e outras entidades públicas (*Volver a Uruguay*, p. 3, tradução nossa)²⁵⁷

Sobre a elaboração e os processos que circundaram a sua criação, Andrés e Muiño explicaram as questões norteadoras, novamente enfatizando a importância das redes de contato e acolhimento durante esse processo. Segundo o seu relato, é possível pensar que o Estado, através dessas políticas, se coloca no lugar dessas redes, se disponibilizando a fazer o que seria feito por elas, como servir de garantia de aluguel e apoio para um primeiro momento de reinserção.

Em 2010, quando entramos, decidimos que tínhamos que melhorar a comunicação e a informação e, por isso, fizemos o Manual de Retorno, para que as pessoas saibam quando vierem o que vão ter e que, na hora de avaliar, diga: "bom, sim retorno ou não retorno". E aí também depende muito das redes sociais e familiares que você tem. Uma pessoa que saiu, suponha, em 1990, que tem algumas, e volta em 2017, poucas redes sociais foram mantidas e também algumas redes familiares foram perdidas, né? Isso também é... Conheço particularmente muitas pessoas que já voltaram e não passaram por aqui porque todas têm redes sociais e familiares mantidas. Eles descem do avião e... Conheço alguns amigos que desceram do avião no sábado e na segunda estavam trabalhando no SACEEM. Ou seja, com a família, eles planejam em um nível, para ver como eles podem fazer ou com pessoas que estavam

²⁵⁷ *Tiene por objeto facilitar la información que les permita acceder a sus derechos – identidad, salud, educación, justicia- así como allanar el camino hacia la reinserción laboral y el acceso a la vivienda, entre otras necesidades. La guía se compone de recomendaciones previas a la llegada al país, indicaciones de los trámites a realizar ya en Uruguay y un directorio de organismos y contactos útiles. Antes de iniciar cada trámite y, ante eventuales cambios en los procedimientos de los organismos públicos, se recomienda consultar, así como ponerse en contacto con el consulado correspondiente en el país donde reside antes de volver. La información es esencial a la hora de ejercer tus derechos, y porque sabemos que el proceso de retorno no es fácil, desde el Ministerio de Relaciones Exteriores esperamos que esta guía les sea de ayuda. La guía fue realizada por la Dirección General para Asuntos Consulares y Vinculación en colaboración con la Junta Nacional de Migración y demás organismos públicos. (Volver a Uruguay, p. 3).*

com seu capital e eles os colocam na mesma coisa que estavam lá, eles se colocam aqui (tradução nossa)²⁵⁸ (informação verbal).²⁵⁹

No relato a seguir, Anna conta de forma bem humorada a sua relação e de sua filha com os procedimentos de retorno. Elas têm um cão de porte grande, e conta que foi mais complexo completar todos os trâmites necessários para a entrada do cão do que delas mesmas. A dimensão de retorno inclui familiares, bens e animais de estimação também, por que não? No Manual Para o Retorno há uma seção dedicada inteiramente a eles. Ela, no entanto, faz a ressalva de que não utilizou todos os benefícios disponíveis pois “tem família”, segundo suas próprias palavras. Olga, por sua vez, afirma que não utilizou os benefícios, e nem passou pela Secretaria de Retorno, pois acha que não seria justo. Diz que assim como foi embora sozinha, deveria voltar sozinha. Essa reticência em utilizar os benefícios disponíveis, ou mesmo em passar pela Secretaria, não estão unicamente no relato de Olga. Parece como se houvesse algo derogatório em lançar mão desses benefícios. Mesmo Olga, que tem uma história de militância e envolvimento com o Frente Amplo e com a elaboração de políticas sociais, entra em um discurso de desresponsabilização do Estado. Esse esforço em colocar a responsabilidade sobre a situação do migrante sobre o próprio migrante parece ser um tanto contraditória com outros aspectos de seu discurso. Uma possível explicação é a questão de como são vistos os que retornam pelos que nunca saíram, ponto que será abordado adiante.

Sim, como retornadas, passamos especialmente, porque vocês têm uma série de benefícios, que já nos tinham dito. Por exemplo, saúde pública, um ano e outro com prorrogação se você não conseguir um emprego. Por exemplo, se você quiser alugar, eles te dão uma garantia, por uma porcentagem do seu salário. Nunca precisei usar, mas tudo

²⁵⁸ *En el 2010, nosotros cuando entramos elegimos que teníamos que mejorar la comunicación y la información y, por eso, fue que hicimos el manual de retorno, la vida y todo, y que la gente supiese cuando viene que lo que va a tener y que, en el momento de evaluar, diga: "bueno, sí retorno o si no retorno". Y ahí también depende mucho de las redes sociales y familiares que tenga. Una persona que se fue, pónale, en el 1990, que hay algunos, y vuelven en 2017, pocas redes sociales han mantenido y también algunas redes familiares también capaz que perdido, ¿no? Eso también es... Yo particularmente conozco mucha gente que ya retornó y no ha pasado por acá porque todas tienen las redes sociales y familiares bastante mantenidas. Bajaron del avión... Conozco unos amigos que bajaron del avión un sábado y el lunes estaban trabajando en SACEEM. O sea, que ya con la familia planifica a nivel, a ver cómo pueden hacer o gente que estaba su capital y se ponen en lo mismo que estaba allá se lo pone acá.*

²⁵⁹ FREIRE, Andrés. Entrevista concedida em 02/05/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C.

bem. Eles oferecem uma série de opções, eles orientam. Mas eu tinha família. Na verdade, usei muito pouco. Mônica fez o mesmo. Além de várias reuniões, não me lembro do que aconteceu agora. Mas, documentação, acho que não te cobraram, não lembro muito bem o que era. Mas eu não trouxe mercadorias. Eu vim com uma mão na frente e outra atrás. (risos) Nem tanto, porque trouxe minha malinha com roupas. E depois esse aí, que esse era o problema, esse cachorro, porque muita papelada tinha que ser feita lá e aqui para trazê-lo. Trazê-lo em um avião era impossível, por várias razões. E decidimos trazê-lo por terra. Acontece que na fronteira, Mônica ficou na fila com ele, com os papéis que nos foram solicitados do Uruguai, que não sei dizer o que era. Toda vez que o cara passava ele dizia: "vocês, continuem com o cachorro e os papéis". Mônica diz: "Mãe, o cara passou na nossa cara. Os benditos papéis, nunca olharam pra gente. Ministério aqui, Ministério ali, saúde, veterinário...". Eles nunca olharam para os papéis do cachorro. Em outras palavras, ele deu mais trabalho do que as pessoas (tradução nossa)²⁶⁰ (informação verbal).²⁶¹

Acho que foi porque em algum momento o governo estava ajudando eles. **Porque isso não me parece certo. Você sai por conta própria, você volta por conta própria.** Por sua conta e risco. Então eu sou responsável pelos meus atos. Se eu tomar uma decisão, é minha responsabilidade. Se der certo para mim, é meu crédito, e se não der, é minha responsabilidade. Sai e voltei por conta própria. Eu não tive nenhum benefício. Não me parece justo. Tudo bem, eu não saí por questões financeiras, talvez outras pessoas que tenham saído por questões financeiras, sim (grifo nosso) (tradução nossa)²⁶² (informação verbal).²⁶³

²⁶⁰ *Como re... Sí, como retornadas, pasamos especialmente, porque tenés una serie de beneficios, que eso nos habían dicho. Por ejemplo, salud pública, un año y otro más con prórroga si no conseguiste empleo. Por ejemplo, si tu quieres alquilar, ellos te salen de garantía, por un tanto del salario. Nunca lo tuve que usar, pero tá. Te ofrecen una cantidad de opciones, te orientan. Pero yo tenía la familia. En realidad lo usé poco. Mónica hizo lo mismo. Además de una cantidad de reuniones, yo no me acuerdo que fue ahora. Pero, documentación, creo que no te la cobraban, no me acuerdo muy bien que fue. Pero yo no traía bienes. Vine con una mano adelante y una atrás. No tanto, porque uno traía mi valijita con ropa. Y después este, que este fue el problema, este perro, porque hubo que hacer una cantidad de papelería allá y acá para traerlo. Traerlo en un avión era imposible, por una cantidad de cuestiones. Y decidimos traerlo por tierra. Resulta que en la frontera, Mónica hizo fila con él, con los papeles que nos habían pedido desde Uruguay, que no te puedo decir lo que era. Cada vez que pasaba el tipo decía: "ustedes, sigan con el perro y los papeles". Dice Mónica: "mamá, se nos pasó por la cara el tipo. Nunca nos miraron los benditos papeles. Ministerio de acá, Ministerio de allá, salubridad, veterinario...". Nunca miraron los papeles del perro. O sea, dio más trabajo él que las personas.*

²⁶¹ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideú, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

²⁶² *Creo que eso fue porque en algún momento el gobierno los estaba ayudando. Porque eso no me parece bien. Vos te vas por tu cuenta, volves por tu cuenta. Por tu cuenta y riesgo. Entonces yo soy responsable de mis actos. Si yo tomo una decisión, es mi responsabilidad. Si me va bien, es mi mérito, y si no es mi responsabilidad. Yo me fui y volví por mi cuenta. No tuve ningún beneficio. Ni me parece justo. Ta, bueno, yo no me fui por cuestiones económicas, capaz que otra gente sí, que fue por cuestiones económicas.*

²⁶³ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

A hesitação de uma parcela dos retornados acaba também por afetar as informações que poderiam ser compiladas pela Secretaria de Retorno, uma vez que a passagem dos retornados por ela é voluntária e está atrelada aos benefícios que oferece. Essas diferenças na passagem ou não pela Secretaria estão também atreladas ao que leva o migrante a empreender o caminho de retorno.

4.2 - Motivações

O que impulsiona que a pessoa empreenda o processo de retorno é, em última instância, individual, o que não quer dizer, evidentemente, que não seja permeado de questões estruturais, assim como qualquer mudança ou movimento que façamos em sociedade.

Irma, Hernán e Anna falam das suas motivações para a volta a seguir. Irma, mais velha que os outros dois, volta após a viuvez, colocando em prática um plano que era do casal. Irma migra com o marido, em um projeto familiar, e ao perdê-lo fala sobre o que parece ser uma falta de propósito no projeto. Passa a não se encontrar mais na pátria estrangeira. Tudo que antes já existia mas era relevado ganha uma nova dimensão. Hernán fala sobre o quão importante é voltar antes que os filhos sejam muito grandes, antes que tenham uma conexão definitiva com o país onde nasceram ou cresceram. Essa preocupação com a idade de retorno de filhos é algo que aparece não só em relatos de outros migrantes com filhos, mas até em falas de Olga e Osvaldo, que não tiveram que lidar com essa questão. Ou seja, é uma questão que também povoa o imaginário daqueles que estão fora de maneira geral. A construção de memórias, afinal, é um traço fundante da personalidade de todos nós. E o lugar em que se mora é fundamental para a elaboração dessas memórias. Afinal, como aponta Éclea Bosi, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (1994, p.54). A qual território, a qual comunidade imaginada estará atrelado o pertencimento dos filhos surge como uma grande questão a ser considerada para esses migrantes.

Para além da preocupação com a adaptação dos filhos, outro elemento que traz o discurso de Hernán é o exílio. Não foi uma saída voluntária. Eles foram

expulsos, como o próprio faz questão de deixar claro em sua fala. Essa saída involuntária do país de origem acaba por trazer um outro tom a toda a experiência, inclusive para as motivações de retorno. Anna, por sua vez, fala no que pode ser pensado como um retorno em duas etapas. Após dez anos na Costa Rica, se transferem para o Brasil, em um desejo de estar mais perto do Uruguai. Desde o Brasil, os filhos vão retornando de um a um, até que ela possa fazer o mesmo. Nos três relatos, a ideia de retorno sempre esteve presente, ainda que como uma opção distante. Como bem coloca Sayad, o retorno redentor está posto dentro do projeto migratório. Ainda que não se efetive, ele está lá, como uma possibilidade a ser considerada a todo momento.

Quando saímos, meu marido disse "se decidirmos sair, se decidirmos emigrar, é porque vai ser para sempre". Essa foi a decisão, sempre tivemos isso... À medida que fomos ficando mais velhos, mais sozinhos, com os filhos casados e os netos ocupados, sei lá, já tínhamos essa ideia. Mas meu marido passou 7 anos com câncer. Foi indo bem, todos os 7 anos, o último ano foi quando se agravou [...]. E isso acabou com ele, entende? E bem, há dois anos fiquei viúva. E comecei a me sentir sozinha. Eu tinha a todos perto, mas não os via. Porque meu filho mora a 45 minutos de casa ou a uma hora. E eles nunca têm tempo de vir. Não, porque ele vem jogar futebol, não porque a mulher dele está gripada, não porque ela já está cansada, não por isso, não por causa daquilo. Eles nunca vinham. Então eu estava sozinha. Eu dirigia, claro, dirigia, ia para todo lugar, mas tinha uma [...] tristeza [...]. Tantos anos na mesma casa com tantas experiências, com tantas lembranças. E chorava durante o dia, chorava à tarde e chorava à noite. Eu vivia chorando. E um dia minha filha, a mais velha, que morava a 3 horas de casa, tratava de ir, mas não conseguia, ela me disse: "Mãe, você tem que ir embora, porque se não você vai acabar em um hospital psiquiátrico. Você tem que ir embora". E assim com esse "você tem que ir", eu comecei a pensar nisso. E, sim, eu vou embora. Eu vou e tomei a decisão e aqui estou, viu? contente, sem problemas, sem conflitos, sem preocupações. E sinto falta do país, da família, dos amigos e de todas as pessoas ao redor, entende? Sinto mas .. Custa muito. Mas estou feliz, porque vou ao teatro, vou para o cinema, ouço um show hoje à noite,

sexta-feira tenho outra coisa. Reúno-me com um amigo, tomo um café. Estou ocupada todos os dias (tradução nossa)²⁶⁴ (informação verbal).²⁶⁵

Sempre. Estava sempre presente a ideia de voltar. A democracia aqui... a ditadura acabou em 1985. Mas aqui não tínhamos casa, nem trabalho, nem nada. Então, tudo bem, juntamos uns pesos e compramos uma casa, aqui em Montevideu. E, sim, depois fizemos contato e tal, e... A partir daí compramos uma casa. E demoramos alguns anos para nos estabelecermos aqui.

Meu pai e minha mãe voltaram primeiro. Melhor, primeiro, minha irmã. Minha irmã voltou em 1985, imediatamente. Ela não se adaptou à Suécia, custou-lhe muito.

Depois... Você me fez pensar. Então... Minha irmã voltou primeiro, depois meu pai e minha mãe, depois eu e depois meu irmão. Meu irmão, ele demorou mais para voltar. Ele tem um filho lá. Porque ele voltou com os filhos mais velhos. Então, se você voltar com os filhos mais velhos, agora... Ele já foi com uma uruguaia, né. Ele já foi com uma uruguaia. O limite, eu acho que é 12, 13, 14 anos. Agora sim, se você chegar nessa época, já tem problema. O guri já tem outra cultura, têm outra língua. E bem, acho que prevaleceu... Apesar de eu e minha companheira nunca termos tido problemas políticos, nós podíamos ficar lá, mas isso também aconteceu, eles nos expulsaram daqui. **Você entende? Tivemos que ir obrigados. A gente deixou a família, deixou os amigos, saiu do bairro, largou a escola, largou tudo e, bem... A decisão de voltar não foi fácil**, porque, além disso, nos afeiçoamos muito à Suécia e devemos muito à Suécia, porque aceitou a gente em um momento muito difícil [...]. Assim, cria-se um vínculo especial com aquele lugar. Eu amo

²⁶⁴ *Quando nos fuimos, mi esposo dijo "si decidimos irnos, si decidimos inmigrar es porque va a ser para siempre". Esa era la decisión, siempre teníamos esa... A medida que nos fuimos poniendo más viejos, a medida que fuimos estando más solos, con los chicos casados y no nietos ocupados, que sé yo, ya teníamos la idea esa. Pero mi esposo estuvo 7 años con cáncer. Lo llevo bien, los 7 años, el último año fue que se [...] más. Y eso lo liquidó, viste? Y bueno, hace dos años, me quedé viuda. Y empecé a sentirme sola. Los tenía a todos pero no veía. Porque mi hijo vive a 45 minutos de casa o una hora. Y nunca tienen tiempo para venir. No, porque viene a jugar fútbol, no porque la esposa tenía gripe, no porque ya está cansada, no porque esto, no porque aquello. No venían nunca. Entonces, yo estaba sola. Manejaba, por supuesto, manejo, iba para todos lados, pero tenía una [...] de tristeza [...]. Tantos años en la misma casa con tantas vivencias, con tantos recuerdos. Y lloraba de día, lloraba de tarde y lloraba de noche. Vivía llorando. Y un día mi hija, la mayor, que vivía a 3 horas de casa, así que ella trataba de venir, pero no podía, me dijo "mamá te tenés que ir, porque si no vas a terminar en un psiquiátrico. Te tenés que ir". Y así con el "tenés que ir, empecé a pensarlo. Y, sí, me voy a ir. Me voy a ir y tomé la decisión y acá estoy. Viste contenta, sin problema, sin conflictos, sin preocupaciones. Y extraño el país, la familia, los amigos y toda la gente de alrededor, viste? Extraño más... Cuesta tanto. Pero estoy contenta, porque voy al teatro, voy al cine, oigo un concierto esta noche, viernes tengo otra cosa. Me junto con un amigo, me tomo un café. Estoy ocupada todos los días.*

²⁶⁵ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

muito a Suécia, eu amo muito a Suécia (grifo nosso) (tradução nossa)²⁶⁶ (informação verbal).²⁶⁷

E voltamos mais para o sul, pensando que não queríamos que os nossos filhos crescessem tão longe do Uruguai. Porque a ideia era sempre voltar. Eu sim, meu ex-marido não, mas naquela época eu ainda não verbalizava muito porque éramos uma família, ou seja... eu sempre quis voltar. Eu tenho uma família muito grande aqui. Do lado da minha mãe. E somos muito unidos. Eu praticamente cresci com meus primos. Minha tia Norma tem seis filhos. E nós somos muito, muito próximos. Eles são como meus irmãos. Já há algum tempo que penso em voltar, desde o ano, desde que me separei, praticamente antes, um ano antes. Então, desde 2000, eu já pensava em voltar. Dois mil e dois, quando nos expulsaram, obviamente queria voltar, mas o que aconteceu? Meus filhos mais velhos queriam ficar, Mônica queria voltar. Acabou que os dois mais velhos voltaram, antes de nós e nós duas ficamos no Brasil, mais uns cinco, seis anos. As voltas da vida, certo? Então, eu sempre quis voltar. A última vez que quis voltar, foi porque tinha um relacionamento com uma pessoa uruguaia e queria voltar. Era uma pessoa conhecida, irmã de uma amiga minha. Então... O que não deu certo, depois. E... Mas, Mônica e Artur, seu parceiro na época, me pediram... Eu estava ganhando um salário decente, digamos, na universidade. Eles me pediram para ficar mais um pouco. E eu fui ficando, sabe, como tudo. Mais tarde, Mônica ficou sozinha, pois esse rapaz teve problemas e eles se separaram. E eu fui ficando, fui ficando. Mas tomei a firme resolução de estar aqui aos sessenta. Eu fiz sessenta

²⁶⁶ *Siempre. Siempre estuvo presente volver. Que la democracia acá, la dictadura termina en el 85. Pero nosotros no teníamos casa acá, ni trabajo ni nada. Entonces, tá, juntamos unos pesos y compramos una casa, acá en Montevideo. Y, tá, después hicimos contacto y eso, y... Desde allá compramos una casa. Y nos llevó algunos años instalarnos acá.*

Primero volvieron mi padre y mi madre. No! Primero, mi hermana. Mi hermana volvió ahí, en el 85, enseguida. Ella no se adaptó a Suecia, le costó mucho.

*Después... Me dejaste pensando. Después... Volvió primero mi hermana, después mi padre y mi madre, después yo y después mi hermano. A mi hermano, le costó más volver. Él tiene un hijo allá. Porque se volvió con los hijos más grandes ya. Y bueno. Y si vos te volvéis con los hijos más grandes, ya... Él ya fue con una uruguaya, verdad. Él ya fue con una uruguaya. El límite, yo pienso que son los 12, 13 y 14. Ya, ahí sí, si te venís ahí, ya tenés problema. El guri ya tiene otra cultura, tiene otro idioma. Y bueno, yo pienso que primó... Si bien yo y mi compañera nunca tuvimos problemas políticos, nos podíamos quedar allá, pero también pasó eso, nos echaron de acá. **¿Entendés? Tuvimos que ir obligados. Entonces uno dejó familia, dejó amigos, dejó el barrio, dejó estudio, dejó todo y, bueno... No fue fácil la decisión de volver, porque, además, nos encariñamos mucho por Suecia y le debemos mucho a Suecia, pues no aceptó en un momento muy duro, [...]** Entonces, uno crea un lazo especial con ese lugar. Yo quiero mucho a Suecia, yo quiero mucho a Suecia.*

²⁶⁷ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

na semana passada, eu estava aqui (tradução nossa)²⁶⁸ (informação verbal).²⁶⁹

Juan fala da sua primeira saída, e como foi esse primeiro retorno. Em meio a situação política delicada pela qual passava o Uruguai, Juan encontrava-se fora do país ouvindo notícias preocupantes sobre a situação política. Assim, se sente impelido a retornar e fazer parte do que acontecia no seu país natal.

Não, eu fui para a Venezuela com minha ex-companheira, o pai dela me pediu para tirar ela daqui, porque ela estava na mesma situação que eu. O problema é que era menor, a menina. Ele atingiu a maioridade, no meio do deserto [...]. E uma coisa é ir sozinho e outra é decidir sair com a responsabilidade de mais uma pessoa. Eu diria que éramos... Sim, ainda somos grandes amigos, mas distantes. Até que chegou um momento na Venezuela em que eu disse a ela... não me senti confortável estando lá. Eu me senti bem, por um lado, mas muito desconfortável, porque as notícias do Uruguai iam e vinham... E [...] bem, eu fiquei meio maluco assim e resolvi voltar. Voltei em condições diferentes. Ninguém me pediu documento, [...] (tradução nossa)²⁷⁰ (informação verbal).²⁷¹

²⁶⁸ *Y nos volvimos más al sur, pensando que no queríamos que nuestros hijos crecieran tan lejos de Uruguay. Porque la idea siempre era volvernos. Yo sí, mi ex-marido no, pero en esa época todavía no lo verbalizaba mucho porque éramos una familia, o sea... Yo siempre quise volver. Yo tengo una familia muy grande acá. Del lado de mi mamá. Y somos muy unidos. Yo con mis primos prácticamente me crié. Los hijos de mi tía Norma son seis. Y somos muy, muy unidos. Son como mis hermanos. Hace bastante tiempo que estoy pensando en volver, desde el año, desde que me separé, prácticamente antes, un año antes. Entonces, desde el 2000, yo ya estaba pensando en volver. Dos mil dos, cuando nos echaron, evidentemente que quería volver, pero que pasó? Mis hijos mayores se querían quedar, Mónica se quería volver. Acabó que los dos mayores se volvieron, antes que nosotras y nosotras nos quedamos en Brasil, como cinco, seis años más. Las vueltas de la vida, no? Entonces, siempre quise volver. La última vez que quise volver, fue porque tuve un relacionamiento con una persona uruguaya y quise volver. Era una persona conocida, hermana de una amiga mía. Entonces... Que no resultó, después. Y... Pero, Mónica y Artur, su pareja en aquella época me pidieron... Yo estaba ganando un salario decente, digamos, en la universidad. Me pidieron que me quedara un tiempito más. Y me fui quedando, viste, como todo. Después, Mónica quedó solita, porque este muchacho tuvo problemas y se separaron. Y me fui quedando, me fui quedando. Pero me hice el firme propósito de, a los sesenta, estar acá. Cumpli sesenta la semana pasada, estaba acá.*

²⁶⁹ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

²⁷⁰ *No, a Venezuela fui con mi ex-compañera, el padre me pidió que la sacara, porque estaba en la misma situación que yo. El problema es que era menor, la piba. Cumplió la mayor-edad, en medio del desierto [...]. Y una cosa es ir solo y otra cosa es decidir irte con la responsabilidad de una persona más. Yo diría que fuimos... Si somos, todavía, tremendos amigos, pero lejos. Hasta que llegó un momento en Venezuela que yo le dije... No me sentía cómodo de estar allí. Me sentía bien, por un lado, pero muy incómodo, porque las noticias de Uruguay llegaban y llegaban... Y [...] bueno, me puse así un poco loco y decidí volver. Volví en otras condiciones. Nadie me pidió documento siquiera en [...].*

²⁷¹ QUIJANO, Juan. Entrevista concedida em 22/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F.

E realmente lá houve muita solidariedade, muitas coisas. E então, mais tarde, com o tempo, eles começaram a voltar. Em 85 começou a voltar, veio uma massa importante e depois foi gente que veio. Não é fácil voltar. Eu voltei em 1985. Mas tive um problema e tive que voltar a sair e também eu estava fazendo outras coisas no exterior. Sim, depois disso voltei ao Uruguai e fiquei alguns anos... **Nunca encontrei totalmente o que deixei para trás. Não sei se me explico. Não só eu tinha mudado. O Uruguai mudou. O Uruguai era diferente.** Mas também, muitos amigos não estavam mais lá ou fizeram outra..... Eles estavam em outro lugar e... Foi complicado (grifo nosso) (tradução nossa)²⁷² (informação verbal).²⁷³

Muitos dos estudos que tentam dar conta dos processos migratórios falam de sucesso ou fracasso do retorno como se esse fato carregasse em si o significado de todo o processo. Talvez esses não sejam os melhores termos para pensar este fenômeno, que pode ser visto como mais um passo dentro do todo que envolve uma jornada de migração. No entanto, ainda assim vale pensar nos termos que Jean Cassarino propõe para essa volta. O autor argumenta que o grau em que os retornados podem se tornar atores de mudança e de desempenharem um papel que impulse o desenvolvimento em seus países de origem depende do grau de preparação para esse retorno. Assim, a preparação para o retorno requer tempo, recursos e vontade por parte do migrante. O autor então apresenta os conceitos de *preparedness* e mobilização de recursos:

A mobilização de recursos baseia-se [...] na teoria da rede social e diz respeito a recursos tangíveis (ou seja, o capital financeiro) e intangíveis (ou seja, contatos, relacionamentos, habilidades, conhecimentos) que foram mobilizados durante a experiência migratória no exterior. A mobilização de recursos também inclui recursos que o migrante trouxe com ele antes de sair de seu país de origem (ou seja, o capital social). Na realidade, estes dois sub-grupos de recursos constituem a mobilização de recursos. Nem é preciso salientar que os padrões de mobilização de recursos variam de acordo com as experiências de migração dos migrantes retornados, bem como com as suas origens sociais.

²⁷² *Y realmente allá sí había mucha solidaridad, muchas cosas. Y bueno, después, en el tiempo, empezaron a volver. En [19]85 empezó a volver, ahí vino una masa importante y después fue gente que vino. No es fácil volver. Yo volví en el [19]85. Pero tuve problema y tuve que salir de vuelta y además yo estaba en otras cosas en el exterior también. Sí, después de eso regresé a Uruguay y me quedé una cantidad de años... Nunca encontré totalmente lo que dejé. No sé si me explico. No solamente yo había cambiado. Uruguay había cambiado. Uruguay era diferente. Pero además, muchos amigos ya no estaban o habían hecho otra hacienda. Estaban en otro lugar y... Era [...] complicadito.*

²⁷³ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

Preparedness diz respeito não só à vontade do migrante de voltar para casa, mas também a sua *readiness* para voltar. Em outras palavras, *returnee's preparedness* se refere a um ato voluntário que deve ser suportado pela captação de recursos e informações suficientes sobre as condições de pós-retorno no lugar de origem (ou seja, a *readiness*). Claramente, *returnee's preparedness* vai além da base de livre escolha, que foi introduzida pelo Conselho da Europa. Para reforçar a ligação entre a migração de retorno e o desenvolvimento no país de origem, o retorno não deve simplesmente ser isto como um ato voluntário por parte do migrante, mas, acima de tudo, como uma prova de *readiness*. Mostra-se que *returnee's preparedness* não depende apenas da experiência do migrante no exterior, mas também da percepção de que mudanças institucionais, econômicas e políticas significativas ocorreram na própria pátria. Estas circunstâncias têm forte influência sobre a forma como os recursos são mobilizados e utilizados após o retorno. (CASSARINO, 2013, p.45).

O autor então propõe que o retorno tem um impacto positivo sobre o país de origem não somente se os indivíduos que retornam têm essa vontade, mas, sobretudo, se estão preparados e mobilizaram seus recursos adequadamente. Logo, esses padrões de preparação, que tanto influenciam o retorno em si, estariam condicionados a circunstâncias pré e pós-retorno. E assim o autor tenta escapar da dicotomia rasa sucesso/fracasso.

Nesse sentido, o relato de Hernán apresenta um grande nível de *preparedness* e mobilização de recursos. Segundo conta, os planos de retorno foram feitos com calma. Antes de deixar a Suécia, a família compra uma casa em Montevideú, se planeja, e tanto ele quanto a esposa adquirem lá uma profissão. Ele chega sem dificuldades para trabalhar, como professor secundário de sociologia, e ela logo entra na Universidade, onde é também professora.

Sim, nesse sentido sim. porque sabemos de outros casos que não compraram casa, que vieram alugar e depois acabou o dinheiro. Eles não conseguiram encontrar trabalho para sustentar seus aluguéis e acabaram indo. Correu bem para nós. Silvina formou-se economista. É DT. DT significa dedicação total, na universidade. É pesquisadora do Instituto de Economia e leciona na Faculdade de Economia. Eu sou professor e bedel. E está bem, estamos indo bem. Quer dizer, estamos indo bem. Somos classe média baixa. Estamos construindo uma

casinha em Punta del Diablo e, bem, temos netos e amigos e estamos muito felizes (tradução nossa)²⁷⁴ (informação verbal).²⁷⁵

A abordagem de Cassarino adiciona então uma nova característica ao retorno, para além da sua dimensão voluntária, qual seja, a vontade e preparação para o retorno. Assim, a noção de preparedness não é de maneira alguma uma noção vaga, mas chama a atenção para a habilidade dos retornados de mobilizar recursos tangíveis e intangíveis. Embora a visão de Cassarino tenha a importância de ilustrar a fragilidade da dicotomia sucesso/fracasso, vale ressaltar que essas categorias não são mobilizadas por estes entrevistados em suas narrativas. A volta é narrada, contada, como um passo a mais, sem muitas elaborações no que concerne um encerramento desse projeto migratório. Nas histórias aqui relatadas, os migrantes dão conta de seu retorno como fruto de decisões e motivações pessoais. Apesar de termos aqui reunidas histórias de sujeitos que saíram do país contra a sua vontade, todos os retornados aqui escutados voltaram por vontade própria, após cuidadosa consideração de vantagens e desvantagens, após planejamento. Ainda que esse planejamento seja feito baseado no afeto, e na busca por uma comunidade imaginada, no desejo de uma pátria fictícia. Assim, a mobilização de afetos parece ser tão importante quanto outras categorias.

Também se torna aqui uma importante chave analítica a Teoria das Redes Sociais, já que sua contribuição possibilita compreender as diferentes formas pelas quais os retornados utilizam seus recursos, simultaneamente sendo parte da dinâmica e manutenção de das redes sociais e econômicas transfronteiriças (CASSARINO, 2013). Essas redes geram então um processo contínuo entre as

²⁷⁴ *Sí, en ese sentido sí. porque conocemos otros casos que no se compraron casa, que vinieron a alquilar y después se les terminó la plata. No consiguieron laburo para mantenerse alquileres y terminaron yendo. A nosotros nos fue bien. Silvina se recibió de economista. Es DT. DT quiere decir dedicación total, en la universidad. Es investigadora del Instituto de Economía y da clases en la Facultad de Economía I. Y yo soy docente y adscrito. Y está bien, nos va bien. Digo, nos va bien. Somos clase media baja. Estamos construyendo en Punta del Diablo una casita ahí y, bueno, y tenemos nietos y tenemos amigos y somos muy felices.*

²⁷⁵ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

experiências pelas quais passam os migrantes nos seus países de origem e retorno.

Então, a imagem que tínhamos era de nossos parentes, principalmente, que todos já moravam aqui. E a imagem econômica ficou clara para nós. De quanto dinheiro uma família precisava, como para cinco pessoas. Um casal com três filhos. O básico para alimentação e saúde. Porque já tínhamos a casa. E tudo bem. E então nos adaptamos. Nós sabíamos... nos preparamos, tipo para a guerra. Isso ajudou muito. Isso ajudou muito. Sim, voltamos... Sim, sim. Foi mais ou menos assim... Se você começar a olhar à distância, vamos ver se quando eu converso com ela (minha esposa), a gente se dá conta, olha que loucura a gente fez! E nós dizemos que sim, foi uma loucura. Mas veja, são essas coisas malucas que você faz quando é jovem. Me entende? Sim, quantos agora? Eu tenho 57 anos e ela tem 55 e Elmar tem 36 agora. Estamos juntos há 3, 37 anos juntos (tradução nossa)²⁷⁶ (informação verbal).²⁷⁷

4.3 - Como foi voltar? Novas percepções sobre a pátria no retorno

A partir do que foi averiguado e percebido até aqui, este trabalho pode propor o seguinte: em última instância, é impossível um retorno a um lugar de origem. Tanto esse lugar como o próprio indivíduo são outros, e o retorno, como propõe Sayad, é uma ficção. No entanto, essa ficcionalidade não impede que, entre as pessoas entrevistadas aqui, a ligação afetiva com o lugar de origem exerça, mais que qualquer outro motivo, grande contribuição para esse retorno. E é esse afeto que permeia as percepções de retorno.

Vir para cá ultimamente, na última viagem, foi mais difícil para mim reencontrar as pessoas, mas estou em contato permanente. Todas as pessoas ao meu redor têm algo a ver com o Uruguai e com a situação atual do Uruguai. Não estou fazendo uma grande militância, mas acompanho. De qualquer forma, não é fácil para mim, sabe?...(tradução nossa)²⁷⁸ (informação verbal).²⁷⁹

²⁷⁶ *Bueno. La imagen que teníamos nosotros era de los familiares nuestros, principalmente, que todos ya vivían acá. Y la imagen económica la teníamos clara. De cuánto dinero precisaba una familia, tipo de cinco personas. Un matrimonio con tres hijos. Lo básico para comer y la salud. Porque la casa ya la teníamos. Y bueno. Y después nos adaptamos. Nosotros sabíamos... nosotros mentalizarnos, tipo para la guerra. Eso ayudó mucho. Eso ayudó mucho. Sí, volvimos... Sí, sí. Fue medio así... Si te pones a ver a la distancia, a ver si cuando conversamos con ella, te decimos mira qué locura hicimos! Y decimos sí, fue una locura. Pero bueno, son esas locuras que uno hace cuando joven. Me entendés? Ya, ahora cuántos? Yo tengo 57 y ella tiene 55 y Elmar cumple 36 ahora. Llevamos juntos 3, 37 años juntos llevamos*

²⁷⁷ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

²⁷⁸ *Venir acá, últimamente, en el último viaje, si me fue más difícil reencontrarme con la gente, pero estoy en contacto permanente. Toda la gente me rodea tiene algo que ver con el Uruguay y con la situación actual del Uruguay. No estoy haciendo una gran militancia, pero acompaño. De cualquier forma, no me es fácil, me entendéis...*

²⁷⁹ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

Acho que as pessoas começaram a voltar em parte porque o Uruguai está melhor. E também soma o outro. Porque se você está em um lugar estranho e as coisas estão, embora aqueles que estão na Espanha... estão ferrados. E mesmo assim teve gente que ficou. Há um rapaz que é como um irmão, um irmão adotivo. E ele foi conosco até lá e ficou. Casou-se com uma galega e ficou morando em Lanzarote. Ele estava sem trabalho, até agora eles têm dificuldades, mas ficaram. Ele já não vai vir. Porque ele já casou com uma mulher de lá, tem filhos lá, já tem a casa dele, não volta mais. E eu conheço pessoas que voltaram e foram embora de novo. Porque não se adaptam. Para mim tem muito a ver com os valores de cada um. Se as coisas materiais te pesam, obviamente lá, nem sendo mais pobre você está no nível de pobreza daqui. Obviamente, é diferente. É outra realidade. Mas honestamente, eu gosto mais disto. Eu gosto mais disto. Eu me sinto mais à vontade. E não é porque não me adaptei lá, porque as mesmas coisas que fiz aqui, continuei fazendo lá. Mas isso não me muda por dentro. Este é meu mundo. O contato com as pessoas, que você sai na rua e conhece todo mundo, e você pára para conversar. Embora eu fosse a mesma em Tenerife. Meu marido me dizia “você conhece mais pessoas do que eu” porque eu converso com as pessoas. Eu gosto de pessoas. Você conhece o outro e o outro conhece você. Mas este é mais bonito. Se a rua está cheia de poços, gostaria que não estivesse, mas não troco isso por ir morar no primeiro mundo. Os valores são outros, há mais humanidade. Apesar de todas as falhas, o que não é que eu romantize, não estou romantizando isso. Mas isso me preenche muito mais (tradução nossa)²⁸⁰(informação verbal).²⁸¹

No relato acima, de Olga, é possível observar uma certa trepidação na definição do que é que faz a volta ser melhor, ser positiva. Assim, segundo ela mesma, ainda que as ruas de sua cidade natal estejam esburacadas, aquele é o seu mundo, onde se sente confortável. Tanto Olga quanto Irma, que relata sua

²⁸⁰ *Yo pienso que la gente se empezó a volver en parte porque Uruguay esta mejor. Y también suma lo otro. Porque si estas en un lugar extraño y las cosas están. aunque los que están en España... es jodido. Y aun así hubo gente que se quedó. Hay un chiquilín que es hermano, hermano adoptivo. Y se fue con nosotros para allá y se quedó. Se casó con una gallega y se quedó viviendo en Lanzarote. Estuvo sin trabajar, hasta ahora tienen dificultades, pero ellos se quedaron. No se vino para acá; Y ese no se viene. Porque ya se casó con una mujer de allá, tiene hijos allá, ya tiene su casa, no se vuelve. Y conozco gente que se volvió y se volvió a ir. Porque no se adapta. Para mí tiene mucho que ver con los valores de cada uno. Si a vos lo material te pesa, obviamente allá ni siéndolo más pobre estás al nivel de pobreza de acá. Obvio, es distinto. Es otra realidad. Pero, sinceramente, a mí me gusta más esto. A mí me gusta más esto. Me siento más a mis anchas. Y no es porque no me haya adaptado, porque las mismas cosas que hacía acá, las seguí haciendo allá. Pero no me cambia a mí por dentro. Este es mi mundo. El contacto con la gente, que vos salís a la calle y conoces a todo el mundo, y paras a conversar. Aunque yo en Tenerife era lo mismo. Mi marido me decía “vos conoces más gente que yo” Porque yo me quedo con la gente. A mí me gusta la gente. Conoces al otro y el otro te conoce. Pero esto es más lindo. Si la calle está llena de pozos, ojalá no estuviera, pero no te cambio esto por ir a vivir al primer mundo. Los valores son otros, hay más humanidad. A pesar de todos los defectos, que no es que idealice, no estoy idealizando esto. Pero me colma mucho más.*

²⁸¹ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

experiência a seguir, mencionam o quanto é possível estabelecer conversas agradáveis e amigáveis com pessoas que talvez sejam completos estranhos, nas ruas. Mas que, exatamente pela frequência dessas conversas, passam a ser conhecidos simpáticos. O vizinho, o feirante, o motorista do ônibus. Ambas, as duas senhoras já na terceira idade, elencam esse fator como um dos principais responsáveis pelo acolhimento no retorno. Irma ainda destaca que é capaz de apreciar melhor o que tem que aqueles que nunca saíram, uma vez que eles sempre tiveram todos esses elementos, nunca sentiram a falta.

Para mim é melhor. Você está na sua língua, com seu povo, com sua música, certo? Eu me levanto... Lá você pode colocar a internet e tudo mais, mas eu não consigo ouvir todas as emissoras, a televisão, tem muita porcaria, mas o que... Você seleciona o que você gosta e você pode ver. Vou na feira, falo com os feirantes, vou na padaria, falo com o padeiro, vou no sapateiro e falo com o sapateiro, sabe, o amolador de facas vem às sextas e eu, anos atrás ... Desci imediatamente e disse "ah, tenho umas facas para afiar". Pareceu-me uma coisa de, viu?, que você revive tudo. Isso... Não, e o serviço de ônibus é fabuloso, como te tratam e como... A verdade é que não tive reclamação, porque gente, tem uruguaios que reclamam. Eles são queixosos e negativos e nada é bom para ele. Eles não valorizam o que eles tem, eu falo pra todo mundo, eu falo pra eles "[...] tão triste e tudo". **E você aprecia o que você tem, porque eles não deixaram o país. E você sofre com a falta de tudo isso.** Mas você sabe o que é caminhar ao longo da orla, e você anda o quarteirão inteiro ao longo da orla? A qualquer hora, no inverno, no verão, eu vou. Você vê, eu faço alguns quarteirões. É divino. Nada paga tudo isso. E aí, vai ao teatro, porque lá eu tinha medo... Mas eles me falaram "ah, mas, aqui tem teatro e tem cinema". Sim, há teatro em inglês. Você não os aprecia como desfruta em sua língua. Você tem que viajar uma hora, para ir a um teatro. E pagando pelo estacionamento, de repente, você paga 15 ou 20 dólares. O que posso fazer como aposentada, isso eu não posso fazer. Você vê, são muitas coisas, minha nora, por exemplo, quando ela veio até mim, a esposa do meu filho, me disse "e você, por que você está indo embora? Porque você deveria ter comprado um apartamento ou uma casa aqui e ficava aqui.". Eu falei, me diga uma coisa: "quantas vezes por mês você vai tomar uma xícara de chá comigo?" E ficou calada. Bem, você viu? Quer dizer, tem coisas que... fui muito criticada, muita gente me criticou da minha família. Da família do meu marido, eles me criticaram muito. Me criticaram e críticas feias, algumas, mas levantei a cabeça e me disse "cada um sabe onde

está o problema e por que você toma as decisões que toma" (grifo nosso) (tradução nossa)²⁸² (informação verbal).²⁸³

Anna, por sua vez, menciona o incentivo e acolhimento da família, e a facilidade de conseguir um trabalho logo após seu retorno. Ainda que seja um trabalho que nunca havia desempenhado anteriormente. Vale lembrar que Anna sempre fez questão de manter esse vínculo com a família, nunca perdeu o contato com seu núcleo e assim, tinha uma rede de apoio pronta no momento do regresso. Juan, no entanto, relata uma certa dificuldade em conseguir trabalho, mas comenta que estava buscando exatamente na área que gosta, na qual trabalhava na Austrália. Ele é muralista, e conta que a princípio não foi fácil, que começou a fazer alguns trabalhos voluntários e foi aos poucos se estabelecendo também como muralista, e hoje é requisitado para fazer pinturas em diversos lugares.

E, bem, eu voltei. Eu estava com muito medo de voltar. A cada ano, outro ano era adicionado...Eu não era mais nova, era mais velha. Então, eu sabia muito sobre o mercado de trabalho uruguaio. Eu disse "o que vou fazer no Uruguai, editora?". Não edito nada em lugar nenhum. Faz mil anos que eu não trabalhava como editora. A diagramação gráfica não existe mais. Eu trabalhava quando, na época, era separação de tinta, de cores. Agora isso não existe, isso é tudo... Eu estava avançando no computador, mas... Todos são jovens, eles não vão me dar emprego.

²⁸² *Para mi es mejor. Estás en tu lengua, con tu gente, con tu música, viste, me levanto... Allá puedes poner en internet y todo lo demás, pero no puedo escuchar todas las emisoras, la televisión, hay mucha porquería, pero lo que... Seleccionas lo que te gusta y puedes ver. Voy a la feria, converso con los feriantes, voy a la panadería, converso con el panadero, voy al zapatero y converso con el zapatero, viste, los viernes viene el afilador de los cuchillos y yo, hace años... Bajé enseguida y digo "ay, tengo unos cuchillos para afilar". Me pareció una cosa de, viste, de que revivís todo. Eso.. No y el servicio de ómnibus es fabuloso, como te atienden y como que... La verdad que no he tenido una queja, porque la gente, hay uruguayos quejosos. Es quejoso y es negativo y nada le viene bien. No aprecia lo que tiene, yo le digo a todo el mundo, les digo "[...] así de triste y todo". **Y uno aprecia lo que tiene, porque no han salido del país. Y sufre la falta de todo esto.** Pero vos sabes que estar a caminar por la rambla, y caminas toda la cuadra por la rambla? En cualquier tiempo, en en invierno, en verano, yo voy. Viste, me hago unas cuadras. Es divino. No se paga con nada todo eso. Y después, ir al teatro, porque allá yo miedo... Pero me decían "ah, pero, acá hay teatro y hay cine". Sí, hay teatro en inglés. No los disfrutas como lo disfrutarás en tu lengua. Tienes que viajar una una hora, para ir a un teatro. Y pagar un estacionamiento, de repente, te sale 15 dólares o 20 dólares. Que puedo hacer yo una pensionada, no lo puedes hacer. Viste, hay un montón de cosas, mi nuera, por ejemplo, cuando me venía, la mujer de mi hijo, me dijo "y usted, por qué se va? Porque usted tendría que haber comprado acá un apartamento o una casita y se quedaba acá.". Yo yo, decime una cosa "tú cuántas veces al mes vas a tomar una taza de té conmigo?" Y se quedó así dura. Bueno, viste? Quiero decir que hay cosas que... Me criticaron mucho, mucha gente me criticó de mi familia. De la familia de mi esposo, me criticaron mucho. Me criticaron y críticas feas, algunas, pero yo levanté mi cabeza y dije "cada cual sabe donde está el problema y por qué tomás las decisiones que tomás".*

²⁸³ CABRAL, Irma. Entrevista concedida em 24/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G.

Eu estava com muito medo, para ser sincera, mas minha família me incentivou, meus amigos me incentivaram, eles me disseram "tudo bem, venha e veremos". No ano, menos de um ano, eu já tinha um emprego. Eu vim em agosto, em julho já tinham me contratado. Claro, SECOM. Nunca na minha vida trabalhei numa companhia, numa empresa de cuidadores. Mas estou gostando, estou fazendo com prazer. Assim que é isso...(tradução nossa)²⁸⁴ (informação verbal)²⁸⁵

Bom, a nível de trabalho foi difícil (voltar). Difícil, porque o Uruguai, assim como tem muralista em todo lugar, você levanta um copo e tem um muralista e alguns que são brilhantes, jovens, então não dão trabalho aos velhos. Tenho amigos que me falam [...]. Tenho um amigo que me ligou e disse "quero fazer um mural diferente...". Quer dizer, sim, sim, é o meu negócio, já fiz um grande número de murais, faço murais comerciais também, dentro de estabelecimentos comerciais. Estou falando de cartazes. Faço murais, desenhos. Então, isso estava me tirando... eu fazia muito trabalho comunitário, no começo, depois, nas escolas e tudo. Chega uma diretora e diz que algo está quebrado... Peguei a ferramenta e consertei [...]. E diz...(tradução nossa)²⁸⁶ (informação verbal)²⁸⁷

Como já foi apontado anteriormente, o grupo aqui entrevistado compartilha de uma faixa etária já avançada, em sua maioria. São membros do que chamamos de terceira idade. E o fato de estarem já nesse outro momento de vida acaba permeando suas histórias. Como se, para empreender a aventura de sair, contassem com a energia da juventude, a expansão que com frequência acompanha esses anos. Mas, no movimento da volta, as circunstâncias estavam alteradas. As categorias mobilizadas por esses sujeitos, as representações que

²⁸⁴ *Y, bueno, me volví. Tenía mucho miedo de volver. Cada año se iba sumando un año más... Que no era más joven, era más vieja. Entonces, sabía muy del mercado laboral uruguayo. Yo decía "qué voy a hacer en Uruguay, editora?". No edito nada en ningún lado. Hace mil años, no trabajo como editora. Diagramadora gráfica ya no existe. Yo trabajaba cuando, a la época, era separación tintas, de colores. Ahora eso no existe, es todo... Yo fui avanzando en la computadora, pero... Toda la gente joven, no me van a tomar a mí. Tuve muchísimo miedo, la verdad, pero mi familia me alentó, mis amigas me alentaron, me dijeron "bueno, tá, venite y vemos". Al año, menos del año, ya tenía empleo. Yo vine en agosto, en julio ya me habían contratado. Claro, SECOM. En mi vida trabajé en una compañía, en una empresa de acompañantes. Pero me está gustando, lo estoy haciendo con gusto. Así que, bueno...*

²⁸⁵ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

²⁸⁶ *Bueno, a nivel de trabajo fue difícil (volver). Difícil, porque Uruguay, así como tiene muralistas por todos lados, levantas una copa y hay un muralista y algunos brillantes, jóvenes, entonces, a los viejos no les dan trabajos. Tengo amigos que me dicen [...]. Tengo a un amigo que me llamó y dijo "quiero hacer un mural diferente...". Digo, sí, sí, eso es lo mío, he hecho cantidad enormes de murales, hago murales comerciales también, dentro de establecimientos comerciales. Murales te estoy hablando de carteles. Hago murales, dibujos. Entonces, eso me fue quitando... Hice mucho trabajo comunitario, al principio, entonces, en escuelas y todo. Viene una directora y dice se ha roto algo.... Conseguí la herramienta y arregle[...]. Y dice...*

²⁸⁷ QUIJANO, Juan. Entrevista concedida em 22/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F.

tecem de si mesmos, são construídas com base nas interações sociais cotidianas. Assim, estes agora experienciam o seu mundo dentro dessa outra categoria identitária: são velhos.

Hernán, além disso, relata a sua dificuldade com a volta como um choque cultural clássico. Esse conceito da psicologia social e sociologia trata do desconforto provocado quando em contato com hábitos de culturas diferentes. A questão da pontualidade é muito frequente nos relatos de choque cultural. Fazem parte das regras não ditas de uma sociedade. Além disso, ele relata também momentos de dificuldades econômicas por conta do retorno. No entanto, lembrando-se do que foi dito acima, o retorno de Hernán e sua família teve uma dose considerável de *preparedness*.

E foi difícil (voltar). Foi difícil, ainda mais porque viemos de um país como a Suécia, que é tudo... tudo diferente. Não há pobres. Tudo funciona bem. Quer dizer, é uma sociedade que está muito bem organizada. Quer dizer, não tem gente dormindo na rua, porque também não pode ter, porque no inverno eles morrem, porque faz 20 graus abaixo de zero durante uma semana inteira. Então, se você ficar fora por mais de duas horas, você morre, se você não tiver as roupas certas ou... E isso. E você não pode ficar mais de 2 horas ao ar livre com 20 graus abaixo de zero, entendeu? Então, não sei, em todos os lugares há aquecimento. Os trabalhos, você ganha bem. Sim, existem problemas. Claro que tem racismo, tem feminicídio, tem racismo, tem machismo, sim. Os mesmos problemas que existem em todo lugar, mas, tudo bem, não sei. **Lá os horários são cumpridos, certo? Se você diz às 5h, é às 5h. Se diz às 8h, é às 8h, e não às 8h01. Você entende? E nós, uruguaios, somos mais ou menos. Você entende? A que horas nos reunimos? As 7h? E você vai às 7h e não há ninguém. Reunir-se às 7h no Uruguai significa reunir-se às 8h30, mais ou menos.** Mas, então, chegar aqui nos custou, viu? Custou-nos, custou-nos muito. E bem, economicamente nos custou também. Sabíamos que isso ia nos custar, mas pagamos um preço nisso. Alguns anos de muito... De viver muito justo, sem sair de férias, sem... Uma vida muito austera A parte dos amigos nos custou um pouco mais, mas tudo bem, também. Veja que muito tempo se passou. 15 anos. Me entende? Então eu parei de ver meus amigos aos 18 anos e voltei aos 33. Aos 34. Todos estavam crescidos, alguns deles casados. Me entende? Já uma vida feita em todo o mundo. Viu? Você não compartilhou esse tempo que é muito bonito, os 21, 20, 21, 19. Quando você faz todo tipo de merda,

sabe? Onde você faz... Então... sei lá. Não sei.. (grifo nosso) (tradução nossa)²⁸⁸ (informação verbal)²⁸⁹

Dentre os fatores que influenciam a chegada e a volta está também a condição em que se faz esse percurso. Se é apenas o indivíduo ou se isso acontece em família. Olga ressaltava que o seu relato talvez seja diferente de outros porque chega na Espanha acompanhada de um nativo, o seu marido da época. Assim, problemas que poderia ter tido de adaptação não teve. E, segundo ela mesma, também não passou por um momento de deslumbre com as benesses oferecidas por um país de “primeiro mundo”. Ela inclusive aponta que era contra seus filhos migrarem, uma vez que muitas pessoas que saem acabam desempenhando trabalhos que não são exatamente aqueles para os quais foram treinados, como foi o caso dela mesma. Assim, talvez seja mais fácil entender o que afirma Olga anteriormente, que prefere as suas próprias ruas esburacadas, que se sente mais confortável na sua pequena cidade.

Não, porque também quando você vai com alguém de lá, já vai com uma referência. É por isso que digo que o meu caso não é muito exemplar, mas as pessoas ficam um pouco deslumbradas com o que há lá, que é mais ou menos o mesmo em todos os lugares, mas as pessoas saem daqui e tudo o que há por lá, parece brilhar. E eu vivi lá como aqui, nem mais, nem menos. As oportunidades de viajar quiçá, mas é porque você se acostuma, porque aqui é a mesma coisa. Reúno um pouco de dinheiro e economizo e viajo quando quero. Mas as pessoas são seduzidas. Lembro-me do que meus filhos diziam, porque sempre fui contra a saída deles. Eles vão pensar que você não quer. E não, eu não

²⁸⁸ *Y fue difícil (volver). Fue difícil, más porque nosotros veníamos de un país como Suecia. Que es todo...todo distinto. No hay pobres. Todo funciona bien. Te quiero decir, es una sociedad que está muy bien organizada. Digo, no hay gente durmiendo en la calle, porque tampoco puede haber, porque en invierno se muere, porque hace 20 grados bajo cero una semana entera. Entonces, si estás más de dos horas fuera, te morís. Si no tenés la ropa adecuada o... Y eso. Y no podés estar más de 2 horas fuera con 20 grados bajo cero, entendés? Entonces, yo que sé, en todos lados hay calefacción. Los trabajos, se gana bien. Tá, existen problemas. Por supuesto que existe el racismo, existe el femicidio, existe el racismo, el machismo existe, tá. Los mismos problemas que hay en todos lados, pero, tá, yo que sé? Se cumplen los horarios, no? Si vos decís a las 5 es a las 5. Si vos decís a las 8 es a las 8, y no a las 8h01. ¿Entendés? Y los uruguayos somos más o menos. ¿Entendés? A qué hora nos juntamos? A las 7? Y vos vas a las 7 y no hay nadie. Juntarse a las 7 en Uruguay significa juntarse a las 8 y media, más o menos. Pero, entonces, llegar acá nos costó, viste? Nos costó, nos costó mucho. Y bueno, tá, económicamente nos costó también. Nosotros sabíamos que nos iba a costar, pero pagamos un precio ahí. Unos años de mucha... De vivir muy a lo justo, sin salir de vacaciones, sin... Una vida muy austera. La parte de los amigos nos costó un poco más, pero bien, también. Fijáte que también pasó mucho tiempo. 15 años. Me entendés? Entonces yo dejé de ver a mis amigos a los 18 años y volví con 33. Con 34. Todo el mundo grande, alguno casado. Me entendés? Ya una vida hecha todo el mundo. Viste? No compartiste esa época que es muy linda, los 21, 20, 21, 19. Cuando te mandás todas las cagadas, viste? Dónde hacés... Entonces... Yo que sé? No sé...*

²⁸⁹ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

quero. Porque eles saem de repente para viver pior que aqui. Conheço gente que largou um emprego público para depois trabalhar com bicos, um dia lá, outro dia aqui, em coisas que estão por baixo das possibilidades (tradução nossa)²⁹⁰ (informação verbal).²⁹¹

Sobre a percepção que se tem do Uruguai no retorno, quando questionada, Anna afirma que está tudo sendo como ela imaginava que seria, e melhor. Anna mobiliza um fator que aparece também em outros trabalhos realizados com uruguaios no retorno, que é a “tranquilidade” (CROZA, 2014). A vida no *paisito* parece estar cercada de uma tranquilidade inalcançável em outros lugares. Seja esse sentimento de tranquilidade parte de uma ficção ou não, ele aparece, por exemplo, nos relatos de Anna, Olga e Irma. Anna ainda faz a seguir uma comparação dessa tranquilidade com uma vida que teria sido conturbada no Brasil, seu país de residência anterior.

Sim e melhor. No começo... As pessoas aqui não entendem como eu voltei. Toda vez que digo que voltei depois de trinta anos, eles dizem "para que você voltou?" Horrível, não aguento. Se tem uma coisa que aprendi na América Central e no Brasil, principalmente na Carioquilândia, é ser positiva. Eu vejo meus primos. Todos estão em boa situação econômica. Alguns estão muito, muito bem. "E isso é uma merda, este país não vai para frente, não há nada aqui." Agora, não vá criticar o Uruguai, porque eles arrancam sua cabeça. Mas eles podem criticar. Então, eu já vou cortando. Você vem falar comigo... Não me fale mal do Uruguai. Eu só falo coisas positivas. Eles me disseram "ah, você está em lua de mel, esse encantamento vai passar". Um ano, ainda estou em lua de mel com meu país. Estou muito bem, estou muito feliz. Tenho a paz que não tive por talvez trinta anos e não percebi. **Não tenho uma vida esplêndida e glamorosa, não. Uma vida muito tranquila, modesta, como dizem os brasileiros. Mas estou muito bem, tenho paz depois de muitos anos e isso é muito, é muito.** Não aguentei mais, não aguentei a situação de corrupção e... não aguentei mais o Brasil. Era acordar amarga, ir para a cama amarga, impotente. Não poder fazer nada. Não me deram mais as pernas para ir... A última vez que fui a uma manifestação, atiraram gás lacrimogêneo, e Mônica e seus companheiros me carregaram entre vários, porque me afoguei. E eles me levaram. E eu, bem, "é a última vez, porque estou dificultando a vida das crianças, estou colocando-as em risco, porque elas salvam a

²⁹⁰ *No, porque además cuando vas con alguien de allá, ya con una referencia. Por eso digo que mi caso no es muy de ejemplo, pero la gente se deslumbra un poco con lo que es allá, como que fuera, y mas o menos el mismo de toda parte, pero que la gente se va de aca y todo que hay allá como que brilla. Y yo vivi allá como acá, ni más, ni menos. Las oportunidades de viajar capaz, pero eso porque vos te acostumbras, porque acá igual. junto un dinerito y voy guardando y viajo cuando quiero. Pero la gente se deja seducir. Mis hijos me acuerdo que decían, porque yo siempre me ponía en contra de que se fueran. Van a pensar que no quieres. Y no, yo no quiero. Porque se van de repente para pasar peor que acá. Yo conozco a gente que renunció a un empleo público para después andar trabajando salteado, un dia allá, otro dia acá, en cosas que están por debajo de las posibilidades.*

²⁹¹ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

velhinha que está presa". Eu também não podia ir às manifestações, não podia fazer nada. Eu me senti muito frustrada (grifo nosso) (tradução nossa)²⁹² (informação verbal).²⁹³

4.4 - Recepção e retorno

Enrique Coraza de los Santos, com o artigo "El Uruguay del exilio: la memoria, el recuerdo y el olvido a través de la bibliografía" diz:

Um fenômeno recorrente que podemos observar naqueles países que viveram esses períodos de violência, no espírito e na visão dos exilados, é que eles são vistos como aqueles que "foram salvos", aqueles que "as coisas não lhes foi tão ruim", os que "conheceram e curtiram no exterior", tanto por aqueles que os veem como "traidores" por falarem mal do país no exterior, quanto por aqueles que também os consideram "traidores" por não terem ficado e sofrido como eles fizeram (tradução nossa)²⁹⁴²⁹⁵.

Esse sentimento de estranhamento por parte dos que não saíram está presente na totalidade dos relatos obtidos por mim e também em outros trabalhos realizados com retornados uruguaios. Como cada retornado processa esse estereótipo daquele que abandonou o país de origem é variado, mas todos eles, em algum momento ou outro, foram confrontados com essa questão.

²⁹² *Sí y mejor. Al principio... La gente de acá no entiende cómo me volví. Cada vez que digo que soy retornada después de treinta años, me dicen "para qué volviste?" Horrible, no lo soporto. Si hay algo que aprendí en Centro-América y en Brasil, carioquilandia especialmente, es ser más para arriba. Yo veo a mis primos. Están todos en buena situación económica. Algunos están muy bien, muy bien. "Y esto es una mierda, este país no va para adelante, acá no hay nada". Ahora, no le voy a criticar Uruguay, porque te sacan la cabeza. Pero ellos sí pueden criticar. Entonces yo ya la estoy un poco cortada. Venís a hablarme... A mi no me hables mal de Uruguay. Yo hablo solo cosas positivas. Me dijeron "ah, estás de luna de miel, ya se te va a pasar este encantamiento". Un año, yo todavía sigo en luna de miel con mi país. Yo estoy muy bien, yo estoy muy feliz. Tengo la paz que no tuve durante, capaz, treinta años y no me daba cuenta. No tengo una vida esplendorosa, de glamour, no. Una vida tranquilísima, pacata, como dicen los brasileños. Pero estoy muy bien, tengo paz después de muchos años y eso es mucho, eso es mucho. Yo ya no resistía más, no aguantaba más la situación de corrupción y de... No aguantaba más Brasil. Era levantarme amargada, acostarme amargada, impotente. No poder hacer nada. Ya no me daban las piernas para ir... La última vez que fui a una manifestación, tiraron gas lacrimógeno, y Mónica con sus compañeros me cargaron entre varios, porque me ahogué. Y me llevaron. Y yo bueno "es la última vez, porque les estoy complicando la vida a los chiquilines, les pongo en riesgo a ellos, porque le salven a la vieja que se está quedando trancada". Tampoco podía ir a las manifestaciones, no podía hacer nada. Me sentía muy frustrada.*

²⁹³ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

²⁹⁴ *Un fenómeno recurrente que podemos observar en aquellos países que han vivido esos periodos de violencia, en cuanto al ánimo y visión que se tiene de los que se han exiliado, es que se los ve como los que "se salvaron", a los que "no les fue tan mal", los que "conocieron y disfrutaron en el exterior", tanto por parte de aquellos, que los ven como "los traidores" por hablar mal del país fuera, como los que también los consideran "traidores" por no haberse quedado y sufrido como ellos lo hicieron.*

²⁹⁵ Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-46.htm>. Acesso em 02/07/2022.

Emmanuel, que deixou o país adolescente e volta ainda muito jovem, processa esse confronto colocando a sua saída como uma grande vantagem sobre os que ficaram. Emmanuel, vale lembrar, passa seus anos formativos em Miami, nos Estados Unidos, país que conta com noções de sucesso pessoal e profissional bastante atreladas ao trabalho e bem-estar econômico. No geral, na narrativa de Emmanuel parece saltar a necessidade de se auto-afirmar, de apresentar a sua vivência nos EUA como uma grande vantagem.

Mais de uma vez eles te dizem como se "Você foi embora... É como se você não estivesse aqui nos maus momentos". O uruguaio aqui como que pensa isso... É como dizer, se eles dizem isso para você como para te ofender. Isso nunca me ofende. E mais, eu te digo, eles me falaram mais de uma vez, como "Ah, sim, agora, mas quando o Uruguai estava ruim você foi embora" e eu digo "Bem, graças a Deus". Se você der a ele a resposta "Graças a Deus! Saí, aprendi e agora vim aqui e sou seu chefe". Outro: "Se eu ficasse aqui, eu talvez estaria sentado na esquina tomando mate com a senhora, entendeu?" Bom. Porque infelizmente é assim, mas eles me dizem, mas honestamente, quando hoje, aquele cara que me diz isso, eu o vejo como uma mente pobre. Eu digo: "Pena que você pensa assim..." Porque graças, hoje o Uruguai vive graças às empresas estrangeiras. Quantos uruguaio possuem negócios aqui? Eles são poucos. O uruguaio vive de outros (tradução nossa)²⁹⁶ (informação verbal).²⁹⁷

O advento de tecnologias de manutenção de laços, como o Facebook e outras ferramentas, também se mostra um fator importante no empreendimento do retorno. Redes que estavam mais distantes, mais frágeis, acabaram sendo fortalecidas. Amigos de escola se reencontrando e família se aproximando, podendo fazer parte do dia a dia, por assim dizer, uns dos outros. O relato abaixo de Anna é um claro exemplo dessa mudança. Com a facilidade de comunicação, de difusão de informações, as redes que permeiam o processo migratório como um todo também se fortaleceram.

²⁹⁶ *Más de una vez te dicen como que "Vos te fuiste... Como que vos no tuviste en las malas". Como que acá el uruguayo piensa que eso... Es como decir, si vos te lo dicen como para ofenderte. A mí en ningún momento me ofende. Es más, te digo, me lo dijeron más de una vez, como que "Ah, sí, ahorita sí, pero cuando estuvo mal el Uruguay te fuiste" y yo digo "Bueno, gracias a dios". Si le das la respuesta "¡Gracias a dios! Me fui, aprendi y ahora vine acá y soy tu jefe". Otra: "Si yo me quedo acá, yo estaría capaz sentado en uns esquina tomando mate con la señora, ¿entendéis?" Bueno, porque, lamentablemente es así pero me dan dicho, pero yo sinceramente, cuando hoy por hoy, tío ese el que me dice eso lo veo como mente pobre. Digo: "Lastima que piensas así..." Porque gracias, hoy en día el Uruguay se vive gracias a las empresas extranjeras. ¿Cuántos uruguayos son dueños de empresas acá? Son pocas. El uruguayo vive de los demás.*

²⁹⁷ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

Não, e então, quando surgiu a coisa maravilhosa do Facebook, recuperei de volta um monte de gente que... Que ainda mantemos contato, que seguimos a vermos. Eu sou, por exemplo... Toda sexta-feira da minha vida, depois do curso que faço em SECOM, que são cinco horas, antes de ir para o trabalho, vou jantar na casa do meu primo. Eles já estão me esperando, meus primos estão me esperando com comida, estão me esperando com uma marmita para que eu possa levar para o trabalho. Ele faz isso, ele não espera que a mulher faça isso. Embora a mulher seja minha amiga mais próxima, então.. No domingo minha prima da minha idade, Alicia, fala "você sabia que aqui no domingo tem churrasco?". Eles já têm três filhos homens e o marido, são todos homens. "Você sabe que aqui, prima...". [...] eu vou no domingo eu apareço lá como ... É outra coisa. É outra coisa.

É também bastante presente nas narrativas essa percepção de quem ninguém entende por que o migrante retornou. De que ver vantagens em estar de volta no país de origem é algo incompreendido, misterioso para quem nunca saiu. E assim, nos relatos, parece que há sempre a necessidade de se defender a decisão da volta. Talvez seja válido aqui apontar novamente que as narrativas são construídas no presente. Esse olhar ao passado parte de um presente onde os entrevistados estão, ao que parece, tentando afirmar que a decisão de voltar foi a melhor a ser tomada. As memórias, impressões e histórias que são mobilizadas partem todas dessa vontade. O relato de Anna, a seguir, é bastante indicativo desse sentimento. Já a fala de Hernán mostra mais uma vez o nível de preparação de seu projeto de retorno teve. A família retornou, mas somente quando tinha garantida a possibilidade de sair novamente, como uma certeza de uma possibilidade de fuga, um plano B. E essa busca por garantias faz mais sentido ainda no caso de Hernán, que não deixou o Uruguai por vontade própria.

Sabe? As pessoas não entendem, é incrível. Nem a própria família entende por que estou aqui. Porque, no imaginário do uruguaio, quem sai melhora. Mas não é verdade. Não é verdade. Quem sai nem sempre fica melhor. Deve haver algum que sim. Não foi melhor para mim. Para mim, meu projeto que eu tinha para a família, para os estudos, tudo desmoronou. Em poucos anos, todos os projetos que eu tinha na vida acabaram e tive que me adaptar e reinventar o que fazer e o que não fazer. Esse foi um trabalho de artesão, sabe? A imaginação

das poucas possibilidades (grifo nosso) (tradução nossa)²⁹⁸ (informação verbal).²⁹⁹

Por que viemos também? Porque esperamos pra vir até sermos cidadãos suecos. Porque isso também aconteceu, porque do ponto de vista político não se sabia o que ia acontecer. A minha família e a família da Silvia, passamos por coisas muito feias, quando éramos crianças, e a gente falava, tudo bem, se der... Quando éramos crianças e jovens... Se tudo apodrecer de novo, temos passaporte sueco. Me entende? E nossos filhos também. E podemos ir para a merda quando quisermos. Me entende? Estou com alguns problemas financeiros aqui, vou para a Suécia e no dia seguinte estou ganhando 1.500 dólares. Me entende? Limpando a bunda dos velhos. Ou, não sei... Mas, também, isso influenciou, entende? A possibilidade de voltar lá teve uma grande influência. Não sei se voltaria aqui se não tivesse essa garantia... Agora, você também me deixou pensando com o que disse sobre as mulheres. Quem teve mais vontade de voltar foi Silvia. Mais determinação do que eu (tradução nossa)³⁰⁰ (informação verbal).³⁰¹

A fala a seguir de Osvaldo, mobiliza algumas dessas inquietações. Ao narrar a sua volta, repete uma e outra vez que não é de lugar nenhum, que não pertence mais a lugar nenhum. Mas mesmo afirmando, entre risos, que não é de lugar nenhum, Osvaldo ainda deixou a vida confortável que tinha no Brasil, já no

²⁹⁸ *No, y después cuando apareció el asunto maravilloso de Facebook, recuperé una cantidad de gente que... Que seguimos en contacto. Que nos vemos. Yo soy, por ejemplo... Todos los viernes de mi vida, después del curso que hago en SECOM, que son cinco horas, antes de ir al trabajo, me voy a cenar a la casa de mi primo. Ya me esperan, mis primos me esperan con comidita, me esperan con una viandita para que me lleve al trabajo. Él lo hace, no espera que la mujer lo haga. Aunque es la mujer la más amiga mía. Pero bueno. El domingo mi prima de mi edad, Alicia, dice "bueno, sabés que acá el domingo hay asado?". Ya tienen tres hijos varones y el marido, son todos hombres. "Sabes que acá, prima...". [...] me voy el domingo aparezco ahí como quien... Es otra cosa, es otra cosa.*

Entendés? La gente no entiende, es increíble. Ni la propia familia entiende por qué estoy acá. Porque, en el imaginario del uruguayo, el que sale le va mejor. Pero no es verdad. No es verdad. Al que sale no le va siempre mejor. Debe haber alguno que le va. A mi no me fue mejor. A mi, mi proyecto que yo tenía de familia, de estudios, todo se me fue abajo. En pocos años, todos los proyectos que yo tenía de vida se terminaron y tuve que adaptarme y reinventar qué hacer y qué no hacer. Eso fue un trabajo de artesano, viste? La imaginación de las pocas posibilidades.

²⁹⁹ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

³⁰⁰ *Por que nos vinimos nosotros también? Porque nosotros para venirnos esperamos para ser ciudadanos suecos. Porque también pasaba eso, porque del punto de vista político, uno no sabía que iba a pasar. Mi familia y la familia de Silvi vivimos cosas muy feas, cuando éramos niños, y nosotros dijimos, ta, si se pone... Cuando éramos niños y jóvenes... Si se pudre todo de vuelta, tenemos passaporte sueco. Me entendés? Y nuestros hijos también. Y nos podemos ir a la mierda cuando queramos. Me entendés? Yo tengo problemas acá de algún tipo económico, me voy para Suecia y al otro día estoy ganando 1500 dólares. Me entendés? Limpiándoles el culo a los viejos. O, no sé... Pero, también, eso influyó, entendés? La posibilidad de volver para allá influyó mucho. Que yo no sé si me hubiera vuelto para acá si no tuviera esa garantía.. Ahora, también me dejaste pensando con lo que dijiste sobre las mujeres. La que tenía más determinación para volver era Silvi. Más determinación que yo.*

³⁰¹ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

ocaso de sua vida, para empreender o seu retorno em busca do acolhimento fornecido por uma pátria que existe na imaginação. Na fala de Osvaldo também aparece a percepção que as pessoas que não saíram parecem ter sobre aqueles que saíram, de que quem saiu deve ser rico, ou ter melhores condições de vida, como se para aqueles que ficaram, os que saíram tiveram oportunidades melhores. Osvaldo também, assim como Anna, faz questão de deixar claro que esse não foi o caso. Ainda um outro fator que aparece com frequência nas falas de Osvaldo e Hernán é a ligação entre a motivação da volta e as razões da saída, marcando mais uma vez a diferença entre a migração e o exílio, que seria uma migração forçada. Hernán, ao contar que se lembra, sem muita certeza, que dentre as comunidades latinas exiladas na Suécia, a uruguaia foi a que mais retornou, parece mobilizar uma espécie de apreço, ou ligação “mais importante” que os uruguaios pudessem ter com a sua pátria. Seja essa informação acurada ou não, o que se destaca aqui é que marcou o imaginário de Hernán.

Quando você sai do país, sente claramente que não é de lá. E quando você volta, eles fazem você se sentir como se não fosse de lá. Talvez também não [...] **Então, quando voltamos, não somos de lugar nenhum.**

Não me sinto completo como antes, como antes de partir. Também não me sentia completo na Bahia. Seja você um exilado econômico ou um exilado político, é sempre difícil [...] É sempre difícil se localizar. É sempre difícil para eles localizarem você, entende? Como se você não estivesse totalmente aqui ou totalmente lá. Eu tinha, portanto, uma vontade terrível de ser uruguaio em todos os lugares e tentei dizê-lo. Porém, voltei e foi diferente... Vocês se falam, e apesar de terem feito um esforço, vontade, [...] de manter a língua, alguma coisinha deles... Vocês não falam, tipo... não sei o quê. **É mais ainda: morei em tantos lugares que nem sei mais onde estou, viu? Eu não sei como eu falo. Eu sei que, em todos os lugares, eles percebem que eu não sou de lá. [Risos] Que horrível, né?**

As pessoas que saem, economicamente, também têm problemas. Agora, os que saem por política, não. Eles tinham que ir embora politicamente e tinham que ir ou ir... E sempre entre os diferentes se olham um pouco de lado, viu. Eles são companheiros, eles estão juntos e sabem que passaram dificuldades, mas não são os mesmos, entendeu. E não é que você seja melhor nem mais. Você não é o mesmo. Ou você tem asilo econômico ou você tem asilo político. O político é inconcebível, entende? Mas sim, mas eles continuam pensando. Além disso, associam você à pessoa que saiu, uma pessoa que deve ser milionária. O que não tem nada a ver. 95% das pessoas que foram embora... Tenho certeza que se tivesse ficado aqui, viveria 50 vezes melhor do que se fosse embora. Ainda mais eu, que tive que ir a vários lugares, estar em vários lugares, não foi fácil. Se eu tivesse continuado no México com minha cabeça em México, suponhamos que eu tivesse colocado minha cabeça totalmente no México, eu estaria em uma situação econômica totalmente diferente, entende? **Nunca fomos de outro país.** Sempre saímos daqui. Nós podíamos e sentíamos que estávamos transitoriamente... E estávamos sempre morrendo de

vontade de voltar. Mas enfim, quando a gente chegou aqui, nós tínhamos mudado, o país mudou, as pessoas mudaram. E essa diferença, te marcam. As pessoas marcam você (grifo nosso) (tradução nossa)³⁰² (informação verbal).³⁰³

Depende... Conheço pessoas que estão na Suécia, que nunca mais voltaram. E eles não vem aqui. Não voltam nunca mais. Ou porque passaram fome aqui, ou mil problemas políticos. "Não, eu não quero mais problemas, não quero mais problemas de nenhum tipo" Então eles ficaram lá. E outros, ao contrário. **Acho que o motivo de você ir embora tem muito a ver com isso. Ter saído devido a situações políticas, certo? É diferente de você querer ir, entendeu? Isso muda tudo.** E então surgiu a oportunidade de voltar. Bem, e eu, me parece, não sei de onde tirei essa informação, que os uruguaios na Suécia foram uma das colônias de imigração política, de refugiados políticos que mais voltaram para o Uruguai. Comparado com os chilenos, com os paraguaios, com os argentinos. Sim, não sei de onde tirei essa informação. Mas os suecos devem saber muito bem sobre isso.. Enfim, também conheço muitos uruguaios que voltaram, né? Voltou para o

³⁰² Cuando salís del país, te sentís bien claramente que no sos de ahí. Y cuando volvés, te hacen sentir que no sos de ahí. Capaz que tampoco [...] **Ahora, nosotros, cuando volvemos, como que no somos de ningún lado.**

No me siento completo como antes, como antes de irme. Tampoco me sentía completo en Bahía. Ya seas un exiliado económico o un exiliado político, siempre es difícil [...] Siempre es difícil ubicarte. Siempre es difícil que te ubiquen, viste. Como que no sós totalmente aquí ni totalmente allá. Yo tenía, así, una voluntad terrible por ser uruguayo en todo lugar y trataba de decirlo. Sin embargo, volví y era diferente... Te habláis, y a pesar de haber hecho un esfuerzo, voluntad, [...] de mantener el idioma, alguna cosita de ellos... No hablas, como... No sé que. Inclusive es más: yo viví en tantos lugares que ya no se ni donde soy, ¿viste? No sé como hablo. Sé que, en todos lados, se dan cuenta que no soy de ahí. [Risadas] ¿Que horror, no?

La gente que se va, económicamente, también tiene problemas. Ahora, la gente política, no. Se tuvo que ir políticamente y que tuvo que irse o irse... Y siempre entre los distintos medios que se miran así, viste. Son compañeros, están juntos y saben que la pasaron, pero no son los mismos, viste. Y no es que seas ni mejor ni peor. No sos lo mismo. Ya sea has asilo económico o que has asilo político. Lo político es inconcebible, ¿viste? Pero sí, pero siguen pensando. Además, te asocian a la persona que se fue, persona que debe ser millonaria. Cosa que no tiene nada que ver con nada. El 95% de la gente que se fue... Estoy seguro que si yo me hubiera quedado acá, viviría 50 veces mejor que si me fuera. Más que yo me tuve que ir a varios lugares, estar en varios lugares, no fue fácil. Si hubiera seguido en México con mi cabeza de México, suponete que hubiera metido la cabeza en México totalmente, estaría en otra situación económica totalmente distinta, viste. Nunca fuimos de otro país. Fuimos siempre de acá. Podríamos y sentíamos que estábamos momentáneamente... Y siempre estábamos deseando a muerte volver. Pero igual, cuando llegaste acá, vos habías cambiado, el país había cambiado, la gente había cambiado. Y te marcaron esa diferencia. Te la marcan.

³⁰³ BALUGA, Osvaldo. Entrevista concedida em 19/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D.

Uruguai e depois voltou para a Suécia (grifo nosso) (tradução nossa)³⁰⁴ (informação verbal).³⁰⁵

Quando indagadas se pensavam em sair novamente do país, Olga e Anna foram bem enfáticas na sua negativa. Mas ainda assim, fizeram questão de dizer que isso não significa que a experiência fora tenha sido uma experiência ruim ou negativa. As representações que as duas mobilizam de si mesmas, estão permeadas de afetividade e de valores locais. Como coloca Barroso, “as representações sociais são mobilizadas ininterruptamente pelos sujeitos nos processos dialógicos quando em relação com o outro.” (BARROSO, 2021, p.568)

Não, eu já estou aqui. Não quero sair, talvez passear, mas morar em outro lugar, não sou louca, nem penso nisso. Não, não, este é o meu lugar, este é o meu lugar. Ficou muito claro para mim que este é o meu lugar. Não estou dizendo que não deveria ter ido embora, porque as experiências que tive, em nível pessoal, e as experiências, que apesar dos traumas que devo ter passado para meus filhos, por causa das viagens, da vida de ciganos que tivemos Também não lhes nego a riqueza que lhes pude oferecer, a herança que lhes deixei. Parece-me que não há país melhor que outro. Isso é uma coisa que eu tentei ensinar a meus filhos. Posso criticar um governo, posso criticar... Mas jamais criticarei costumes de um país, idiosincrasias, em geral, do país. Porque sempre há coisas que podem ser aprendidas e que aumentam, que acrescentam... A palavra acrescentar por outro lado, vem mais fácil para mim. Em português, bem... Acrescentam à sua vida. Encontrei estrangeiros que moram em outro lugar, pessoas, inclusive uruguaias, que rejeitam a cultura em que vivem. E isso me parece um erro, me parece um erro. Você traz um pouco de todos os lugares que viveu. E isso enriquece. Enriquece a sua vida, enriquece a vida dos outros. E bom. Isso é algo que deve ser positivo, obviamente. E a outra coisa de ter morado no exterior, me dá, me parece, não a ideia de perfeição, mas uma ideia do que é a humanidade em geral. Não sou o umbigo do mundo aqui, no Uruguai. Infelizmente, o uruguaio que não foi embora, que não viajou, não tem isso... A ignorância nos deixa com medo, desconfiados dos outros, daquele que vem, do outro que não é igual a mim. Acho que lidei bem com isso. Nem sempre dá certo para mim, mas eu administro bem... E é isso que a estrangeiridade te dá. Ser estrangeiro dá isso a

³⁰⁴ *Depende.. Yo conozco gente que está en Suecia, que nunca más volvió. Y ni viene acá. No vuelve nunca más. O porque pasó hambre acá, o miles líos políticos, viste? No, no. "Pero, no, yo quiero más problemas, no quiero más problemas de ningún tipo". Entonces se quedaron allá. Y otros, al revés. Yo pienso que influye mucho el porque te vas. Haberse ido por situaciones políticas no? Es distinto a que vos que quieras ir, entendés? Eso cambia todo. Y después se dio la posibilidad de volver. Bueno, y yo, me parece, este dato no sé de dónde lo saqué, que los uruguayos en Suecia fueron una de las colonias de inmigración política, de refugiados políticos que más se volvió para Uruguay. Comparado con los Chilenos, con los paraguayos, con los argentinos. Sí, yo no sé de donde saqué ese dato. Pero los suecos lo deben de tener re contra estudiado. Ta, yo que sé? También conozco mucho uruguayo que se vino, no? Se volvió a Uruguay y después se volvió para Suecia. (Hernán)*

³⁰⁵ POLONI, Hernán. Entrevista concedida em 25/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H.

você Você volta com outras perspectivas. E se você puder, trazer coisas boas (tradução nossa)³⁰⁶ (informação verbal).³⁰⁷

Você viu que eu não faço muito problema por nada. Além disso, não me permito ser nostálgica. Não tem sentido. Se eu tenho a opção de ficar, se fosse melhor lá, eu teria ficado. E se o que eu queria era voltar... Não quer dizer que eu não sinta falta das coisas, e tem coisas que eu gostaria... eu, a meus amigos, por exemplo, eu adoraria vê-los de novo, mas agora entre ir a um lugar que já conheço e a um que não conheço, vou a um que ainda não conheço. Ao contrário do meu marido, que sempre frequentava lugares conhecidos. Eu não. Eu gosto de cidades. Buenos Aires, Salvador, Lisboa, que ficou pendente.... Eu sonho. Todos os meus gostos, todos os dias, através da literatura, fujo por aí. Você lê tanto que depois acaba conhecendo. Das cidades ficou pendente Lisboa. Mas também gosto de ir a qualquer povoado (tradução nossa)³⁰⁸ (informação verbal).³⁰⁹

Por outro lado, a perspectiva do que poderia ser pensado como um fracasso migratório está presente nas falas de Andrés e Muiño. Podemos supor que essa perspectiva preocupa ou norteia os responsáveis pela elaboração das

³⁰⁶ *No, yo ya estoy acá. No quiero salir, de paseo puede ser, pero de vivir a otro lugar, ni loca, ni lo pienso. No, no, este es mi lugar, este es mi lugar. Para mí quedó clarísimo que este es mi lugar. Yo no digo que no debería haber salido, porque las experiencias que yo tuve, a nivel personal, y las experiencias, que a pesar de los traumas que le debo haber pasado a mis hijos, por causa de los viajes, de la vida de gitanos que tuvimos. No los niego también la riqueza que les pude ofrecer, la herencia que les dejé. A mí me parece que no hay país mejor que otro. Eso es una cosa que yo intenté enseñar a los chiquilines. Puedo criticar un gobierno, puedo criticar... Pero nunca criticaré costumbres de un país, idiosincrasias, en general, del país. Porque hay siempre cosas que se pueden aprender y que acrecientan, que aumentan... La palabra acrecentar en cambio me sale más fácil. En portugués, bueno... Acrecientan a tu vida. Me he cruzado con gente extranjera que vive en otro lugar, gente, uruguayos inclusive, que rechazan lo de la cultura dónde están viviendo. Y eso me parece un error, me parece un error. Vos traes un poco de todos los lados que viviste. Y eso enriquece. Enriquece tu vida, enriquece la vida de los otros. Y bueno. Eso es es una cosa que hay que sacar positivo, evidentemente. Y la otra cosa de haber vivido fuera, me da, me parece, no la perfección, pero si un, una idea de lo que es la humanidad en general. No soy jamás el ombligo del mundo acá, en Uruguay. Que lamentablemente el uruguayo que no ha salido, que no ha viajado, no tiene esa... El desconocimiento hace que tengamos miedo, que tengamos recelo por otros, por el que viene, por el otro que no es igual que yo. Eso creo que lo tengo bien manejado. No siempre me sale bien, pero lo tengo bien manejado... Y eso te lo da la extranjería. Ser extranjero. Te lo da. Vos volvés con otras perspectivas. Y si podés traer cosas buenas.*

³⁰⁷ BEVEDER, Anna Laura. Entrevista concedida em 20/07/2019. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2019. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E.

³⁰⁸ *Viste que yo no me hago mucho problema para nada. Aparte yo no me permito la nostalgia. No tiene sentido. Si yo tengo la opción de quedarme, si estaba mejor allá, me hubiera quedado. Y si lo que quise fue volverme... No quiere decir que no extrañe cosas, y hay cosas que me gustaría... yo a mis amigos, por ejemplo, me encantaría volver a verlos, pero ahora entre ir a un lugar que ya conozco y uno que no conozco, voy a uno que no conozco todavía. Al revés que mi marido, que siempre iba a lugares conocidos. Yo no. A mí me gustan las ciudades. Buenos Aires, Salvador, Lisboa, que me quedó pendiente.... Yo sueño. Yo todos mis gustos, todos los días, a través de la literatura, me escapo por ahí. Lo lees tanto que después terminas conociendo. De las ciudades me queda Lisboa. Pero además me gusta ir a cualquier pueblo.*

³⁰⁹ TRABA, Olga. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A.

políticas públicas. No entanto é digno de nota que ambos sabem bem que o processo migratório está envolto de complexidades que fazem com que as respostas não sejam tão simples. Como já foi posto em uma fala anterior, é sabido pelas instâncias oficiais que muitas vezes aqueles que as procuram são exatamente os indivíduos que não necessariamente empreenderam o seu retorno com o grau de *preparedness* desejado.

Não falamos sobre isso, mas as pessoas que voltam, em sua maioria, são aquelas que saíram no período de 2000, 2001, 2002, em plena crise do Uruguai, certo? Esse aspecto também... Você saiu com um nível muito alto de frustração e voltou com outro nível muito alto de frustração. Você saiu quando tinha 20 anos e voltou quando tinha 35, então não é a mesma coisa. O fenômeno migratório é tão complexo e vendo também o fenômeno do retorno que, além de ser tão dinâmico quanto a migração, é preciso estar sempre atento ou esperando o que se deve fazer para melhorar (tradução nossa)³¹⁰ (informação verbal).³¹¹

Por fim, vale apontar que o sentimento de pertencimento tantas vezes citado aqui também não é algo estático e fácil de ser definido ou apontado. Mesmo Emmanuel, que tem em tantos aspectos uma perspectiva distinta dos outros entrevistados, quiçá em virtude de sua juventude, declara que nunca deixou de se sentir uruguaio. Mobiliza até mesmo uma categoria quase que biológica, “o sangue”, para falar desse pertencimento.

Mas eu sei que o Uruguai, quer dizer, eu o vejo assim, mas me considero 100% uruguaio, além disso também nunca me considerei americano, nunca me senti americano. Acho que a gente sempre carrega isso no sangue, essa capacidade que todos os uruguaios carregam, ou seja, sim, o sangue puxa. O sangue puxa, mas o sangue não vai me impedir de fazer um projeto. O sangue puxa, muito bom, que eu vá para o outro lado do mundo não significa que vou me sentir menos uruguaio do que qualquer outra pessoa. Tem gente que está aqui e também é o pior uruguaio é aquele que caga o país. E quantas pessoas estão fazendo isso? Você tem que perguntar se ele se sente uruguaio ou não. "Você se sente uruguaio?" "Sim" "Por que você está fazendo isso?" Se você é uruguaio e ama o país como diz e coloca a mão no coração quando tudo está lindo e percebe que sabe o que está fazendo. É você se sente uruguaio, que se for uruguaio, fará isso com seu país. Então você tem que perguntar a essa pessoa se ela se sente uruguaia ou não. [...] Por agora sim. Tenho planos de ficar. Às vezes eu estou... Honestamente, eu não me considero aqui ou ali. [...]. Digo isso, nunca me considerei ter

³¹⁰ *No lo hablamos, pero la gente que retorna, en su gran mayoría, son los que se fueron en el periodo 2000, 2001, 2002, en plena crisis de Uruguay, ¿no? Ese aspecto también... Te fuiste con un nivel de frustración muy grande y te venís con otro nivel de frustración muy grande. Te fuiste con 20 años y te volviste con 35, o sea que no es lo mismo. Es tan complejo el fenómeno migratorio y visto también el fenómeno retorno que, además de tan dinámico como es la migración, que siempre uno tiene que estar a la expectativa o expectante de que lo que tiene que hacer para mejorar.*

³¹¹ FREIRE, Andrés. Entrevista concedida em 02/05/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Montevideu, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C.

me mudado para cá e nunca me considerado ter saído de lá. Eu vou lá e não considero "Bem, eu estava aqui antes, che, e saí agora..." Não me considero assim (tradução nossa)³¹² (informação verbal).³¹³

O sentimento de nacionalidade é algo alheio a ele próprio, é inato. Mas esse pertencimento não vai fazer com que fique preso às fronteiras territoriais desse pequeno país. O pertencimento, o sangue, será algo que ele carregará e que o acompanhará. E ele terá que mobilizar esse sentimento quando for confrontado por aqueles que nunca saíram, e que o farão se sentir "menos uruguaio".

³¹² *Pero sé que el Uruguay, digo, lo veo de esa manera, pero sí me considero uruguayo 100%, más allá también nunca me consideré americano, nunca me sentí americano. Creo que uno lleva siempre eso en la sangre, eso capaz que lo llevan todos los uruguayos, o sea, sí, la sangre tira. La sangre tira, pero a mi la sangre no me va a dejar de cortar un proyecto. La sangre tira, muy lindo, que yo me vaya al otro lado del mundo no quiere decir que yo me vaya a sentir que soy menos uruguayo que nadie. Hay gente que está acá y también el peor uruguayo es el que caga el país. ¿Y cuántas gentes están haciendo eso? Ese tienes que preguntar si se siente uruguayo o no. "¿Vos te sentís uruguayo?" "Sí" "¿Por que haces esto?" Si sós uruguayo y amás el país como decís y te pones la mano en el corazón cuándo todo está lindo y date cuenta que vos sabéis lo que estás haciendo. Y vos te sentís uruguayo, que si vos es uruguayo, va hacer eso a su país. Entonces a esa persona vos tenés que preguntar si se siente uruguayo o no. [...] Por ahora planeo quedarme. Por ahora, sí. Tengo planos de quedarme. A veces estoy... Sinceramente no me considero ni acá, ni allá. [...]. Yo lo digo, yo nunca me considero que me mudé para acá y tampoco me consideré que me fui de allá. Yo voy a allá y no me considero "Va, yo estaba acá antes, che, y me fui ahora..." Yo no me considero así.*

³¹³ BOGLIACCINO, Emmanuel. Entrevista concedida em 28/04/2017. Entrevistadora: Manuela Muguruza de Moraes. Bella Unión, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração envolve uma perspectiva de transformação social. Tanto a sociedade receptora quanto a de origem sofrem mudanças atreladas aos movimentos migratórios, além da dimensão subjetiva de alterações diversas nas redes sociais dos migrantes. Assim, a abordagem defendida por Stephen Castles (2010), que encara as migrações a partir de um viés de transformações sociais, parece ser particularmente apropriada. Na história da América Latina em geral, e do Uruguai em particular, essas transformações sempre envolveram migrações. No entanto, refletindo as mudanças nas relações de poder a nível global, essas transformações sociais dadas a partir da migração também foram adquirindo novos traços.

A migração é então, com frequência, vista como um problema a ser resolvido, sobretudo por parte dos governantes. Estes buscam maneiras de evitar que os indivíduos abandonem seus lugares de origem, ou de encorajá-los a retornarem. No entanto, Castles defende que a migração é uma parte intrínseca do desenvolvimento humano (CASTLES, 2010, p. 14). Logo, somos confrontados com diferentes maneiras de se tentar “corrigir um problema” através da implementação de legislação específica, seja ela mais restritiva, através de controles fronteiriços rígidos, ou mais liberal, através de políticas que buscam enfrentar o que seriam as “causas fundamentais” das migrações, de modo a que as pessoas não tenham que migrar.

Essa questão sempre presente adquire, sem dúvidas, um passo acelerado nas últimas décadas em virtude da aceleração também da globalização. Castells menciona que cerca de 3% da população global é de migrantes internacionais. Essa cifra, que a primeira vista parece pequena, esconde seu real impacto, uma vez que

obscurece a importância da migração enquanto expressão de mudança social e fomento a novas mudanças, pois dissimula a natureza extremamente concentrada das migrações: em algumas áreas de origem estabeleceram-se culturas de emigração, enquanto a presença de imigrantes é concentrada em países (10-25% da população dos países da OCDE) e cidades (20-45% em muitas cidades globais) desenvolvidas. (CASTLES, 2010, p. 17)

O que propomos aqui então, em concordância com Castles, é que as migrações podem e devem ser vistas como parte normal das relações sociais, e não como um problema a ser resolvido. Os processos migratórios podem ser encarados como parte das dinâmicas sociais, parte das mudanças e transformações sociais. Assim, se houver um objetivo normativo no estudo das migrações este não deveria ser o de reduzi-las, mas de garantir condições de igualdade e respeito aos direitos humanos. Esse viés, ao que tudo indica, é o que orientou o Estado Uruguaio em muitas das suas políticas de acolhimento a retornados e também a imigrantes de diversas nacionalidades que, na última década, se dirigem ao país.

Posto isso, a tentativa de finalização da pesquisa é sempre um grande desafio ao pesquisador, mormente no que toca às ciências sociais. É sempre muito presente a sensação de trabalho inconcluso, bem como a frustração de sequer ter se aproximado da palavra final. Ainda seguindo o que afirma Castles,

É difícil para um campo interdisciplinar, tal como dos estudos das migrações, desenvolver um corpo de conhecimento consensual, sendo que a este problema soma-se ainda o rápido crescimento do campo nos últimos 20-30 anos. Como era de se esperar, os novos pesquisadores, na medida em que foram atraídos ao estudo das migrações, têm aplicado as ferramentas conceituais e metodológicas de suas próprias disciplinas. As estruturas de incentivo da hierarquia acadêmica, baseada na disciplina, fazem este fato difícil de ser evitado. O resultado é que a pesquisa em migrações é fragmentada, com pouca colaboração analítica e metodológica por entre as disciplinas. O viés disciplinar tem geralmente significado uma abordagem reducionista, que foca aspectos limitados das experiências migratórias, bloqueando o conhecimento do processo migratório como um todo. (CASTLES, 2010, p. 19)

Fez-se necessário então, neste trabalho, utilizar-se sempre que possível de metodologias e contribuições de diferentes disciplinas, em virtude também da formação desta pesquisadora, que passa pela antropologia, sociologia e história. É também importante lembrar a motivação inicial geradora das indagações para o início do presente trabalho. Quando o título do trabalho, retirado de uma das falas de Osvaldo (nunca fomos de outro país), levanta questões e indagações que parecem tão profundas, a tentativa de compreender o que é que impedia que o migrante se tornasse então “de outro país”, ou nunca deixasse de ser do seu, mobilizou diversos arcabouços teóricos.

É importante também apontar que a matéria prima deste trabalho foram as entrevistas e as vozes de pessoas que passaram por uma experiência

migratória. Essa fonte vem imbuída de uma riqueza gigantesca, onde cada pausa, cada risada, cada suspiro também pode ser material de análise. No entanto, em que pese essa riqueza, a fonte não é desprovida de dificuldades também características.

A experiência da releitura é apenas um exemplo entre muitos, das dificuldades, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra têm em comum com o historiador. Para este também se coloca a meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos pretéritos, o que, a rigor, exigiria que se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados. Posto o limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão *reconstituir*, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos (BOSI, 1994, p.59)

Conforme explicitado na Introdução, esse trabalho se propõe a abordar processos acerca da reconfiguração de identidades pelas quais passam migrantes retornados, com foco especial no processo migratório uruguaio, em boa parte como corolário de constatações e percepções anteriores (monografia, tese de mestrado, pesquisas levadas a cabo no Uruguai) também mencionadas no referido item.

Corolário porque, de certa forma, e na maioria dos casos, esse retorno não necessariamente fecha o ciclo migratório pessoal e ou familiar, uma vez que, ainda que o retornado não volte a empreender outra migração, as suas contribuições, conselhos e conhecimento adquiridos acabam alimentando uma rede social que mantém o processo vivo.

Foi também afirmado que “esse trabalho não busca uma resposta ou conclusão definitiva, mas fornecer um guia condutor de novas indagações no que concerne ao processo de construção, reconstrução e afirmação de identidades na atualidade”. De fato, ao nos inteirmos das colocações de Joaquin Arango, Massey *et al.*, Cassarino, Portes, Castles e Miller, entre outros, acabamos nos dando conta, ao longo da investigação desse imponente arcabouço teórico relativo às migrações, de forma mais ampla, ou seja, relativa a outras sociedades e contextos, da dificuldade ou do descasamento, com as informações e dados que temos em mãos e que demandam compreensão e explanação teóricas. Castles afirma que, sendo o campo das migrações profundamente interdisciplinar, se torna ainda mais complicado o

desenvolvimento de um corpo de conhecimento consensual, principalmente quando se soma a isso o rápido crescimento do campo nas últimas décadas.

Como era de se esperar, os novos pesquisadores, na medida em que foram atraídos ao estudo das migrações, têm aplicado as ferramentas conceituais e metodológicas de suas próprias disciplinas. As estruturas de incentivo da hierarquia acadêmica, baseada na disciplina, fazem este fato difícil de ser evitado. O resultado é que a pesquisa em migrações é fragmentada, com pouca colaboração analítica e metodológica por entre as disciplinas. O viés disciplinar tem geralmente significado uma abordagem reducionista, que foca aspectos limitados das experiências migratórias, bloqueando o conhecimento do processo migratório como um todo. (CASTLES, 2010, p. 19)

No tocante ao caso uruguaio, em específico, a análise de autores como , Canales, Delia Dutra, Parella, Filardo e Croza, ainda que ajudem a colocar alguma luz no processo migratório uruguaio, não permitem conclusões definitivas, o que, de todo, seria temerário, principalmente quando se inclui, como no caso do presente estudo, elementos subjetivos, advindos do trabalho de campo. As dificuldades desse casamento teórico com os fatos analisados, estimularam a compreensão e percepção do quanto a temática relativa à migração desafia enquadramentos teóricos.

Mesmo quando da avaliação histórica do processo migratório uruguaio, bem como da apreciação dos dados estatísticos disponíveis, referentes a esse processo, evidenciou-se a dificuldade, senão a impossibilidade, de conclusões definitivas, principalmente a par da estrutura teórica ora existente. Pelo contrário, o estudo desse apaixonante tema migratório, relativo a esse peculiar território, vai por muito tempo, como o foi no passado, estar em aberto, por ser um processo vivo, ainda em curso. Daí nossa contribuição ser apenas mais um pequeno tijolo no esforço dessa construção. Conclusões precipitadas, ou ainda, fruto de meras inferências, por mais tentadoras que possam ser, em nada contribuirão para o aprofundamento de tão instigante tema.

Uma outra possibilidade de abordagem deste complexo tema, segundo Castles, é pensar nos processos migratórios como parte integral e essencial dos processos de transformação social, e não apenas um de seus produtos ou causas. Assim, o autor sugere que as teorias devem estar enraizadas (*embedded*) em uma teoria social mais ampla. O autor então afirma que, em virtude desse enraizamento, a pesquisa sobre qualquer fenômeno migratório

deve sempre incluir uma pesquisa sobre o contexto social no qual ele acontece. Castles encerra ainda essa argumentação apontando que, uma vez que a consciência da mudança tem início em nível local, é de fundamental importância vincular as experiências migratórias a serem estudadas em nível local com outros níveis socioespaciais, sobretudo com processos globais. (CASTLES, 2010, p. 32)

Foi dito ainda que o elemento subjetivo presente na discussão que envolve o processo migratório e suas influências na constituição de identidades era de fundamental importância e fio condutor na elaboração deste trabalho, o que, de certa forma, caracteriza-se como um passo ousado na direção da compreensão do processo em estudo, uma vez que essa subjetividade se afasta, quase que se antagonizando, ao quadro teórico existente, ao realçar diferenças marcantes nas experiências individuais e ou familiares pesquisadas.

Nesse pormenor, ainda que ensinamentos advindos de Benedict Anderson, Lúcia Lippi, Ana Frega, Shlomo Sand, Andreas Huyssen, François Guerra, Gerardo Caetano, Walter Benjamim e Abdelmalek Sayad, possam ajudar, podemos ressaltar as dificuldades tocantes à reconfiguração de identidades, bem como de territorialidade. Afinal de contas, as Ciências Sociais se estruturam nas sociedades industriais, onde o Estado-Nação permeia e rege todos os tipos de relações sociais, políticas e culturais. Esse nacionalismo que permeia e restringe a teoria social contemporânea se torna ainda mais premente o caso das migrações, já que o controle do pertencimento a uma comunidade nacional é parte fundante e essencial do que caracteriza o próprio Estado-Nação (CASTLES, 2010, p. 20).

Quadro esse que é melhor compreendido com a ajuda teórica de Benedict Anderson, Eric Hobsbawm, Andreas Huyssen, Shlomo Sand ou Stuart Hall, entre outros, quando vislumbramos a oportunidade de, apesar das diferenças individuais e subjetivas que permeiam o processo, nos dar conta das possíveis similaridades que compõem o retorno.

Esse retorno, longe de fechar definitivamente o ciclo migratório, mas indubitavelmente contribuindo na reconfiguração de identidade do migrante/retornado, nos chama a atenção para seus papéis de coadjuvante no

ciclo perene, atuando, quer seja como suporte de garantia a novos iniciantes, quer seja como janela disponível no futuro distante aos já migrados, quer seja como marcador de sucesso ou insucesso, dependendo da ótica adotada.

Frente a essa impossibilidade de elaborar e fornecer uma teoria geral das migrações, que abarque a enorme diversidade de processos e contextos nos quais esses fenômenos acontecem, Castles sugere que os pesquisadores se dediquem a elaborar o que ele chama de teorias de médio alcance, para integrar as contribuições das distintas ciências sociais no esforço de compreender as regularidades e variações dos processos migratórios dentro de um parâmetro histórico e socioeconômico determinado.

Tais teorias de médio alcance podem formar a base para um marco conceitual que considera os processos de transformação social contemporâneos como o ponto de partida para compreender as mudanças nos padrões da mobilidade humana. Este marco conceitual consistiria de um mapeamento detalhado dos fatores que influenciam os processos migratórios e das conexões entre estes fatores. Os exemplos citados focaram nas dimensões de trabalho-mercado das migrações, mas é importante, além disso, incluir os diversos fatores não econômicos que fazem da migração uma experiência tão abrangente (CASTLES, 2010, p. 38)

Não podemos também deixar de demarcar que a identidade “migrante”, ou “retornado”, contém em si múltiplos significados, nos quais uma variedade de projetos, pertencças e categorias se inter-relacionam. A história oral e as narrativas que se construíram aqui arregimentaram a noção de pertencimento a um grupo, a percepção de continuidade do indivíduo no tempo e espaço histórico (BARROSO, 2021b, p.568). Assim, mais do que uma narrativa de fatos conhecidos, a história oral nos permitiu, através do estabelecimento de uma relação entre aqueles que narram e quem ouve, vivenciar as experiências, buscar os vestígios históricos contidos em memórias e relatos, compreender o impacto dessas experiências em âmbito mais amplo.

Encaminhamos a finalização do texto com o reforço do principal argumento que este texto buscou evidenciar. Apesar de possuírem histórias distintas de vida, os entrevistados todos, em suas histórias, possuem um fio condutor em comum: a permanência de um processo que se inicia na emigração, mas que não se finda na chegada em outro país. Na verdade, esse processo segue em curso mesmo com o retorno ao país de origem. Entender o retorno a

partir de uma perspectiva de sucesso ou fracasso, como sugerido pelas teorias clássicas, não fornece as explicações necessárias e suficientes para o entendimento desse processo. A migração de retorno não pode ser vista como uma volta, mas como uma parte integrante de algo que estabelece uma ligação com memórias e sentimentos de pertencimento a uma comunidade mais ampla, presentes em todas as etapas do empreendimento migratório.

A partir dessa percepção, afirmamos que a questão da migração não deve ser explicado puramente por termos econômicos, políticos, sociais ou qualquer outra perspectiva monotemática. Todas elas fornecem uma colaboração importante quando utilizadas e instrumentalizadas de forma conjunta, na medida que seus efeitos são percebidos nas histórias narradas pelos migrantes estudados.

Para finalizar, retomo a epígrafe deste trabalho, de Jorge Drexler, renomado cantor uruguaio, que apresenta as idas e vindas, a porta giratória da história, e os caminhos de ida que se transformam em caminhos de regresso. Eu me encontro dentro desses caminhos de idas e vindas, nasci e cresci dentro desse movimento giratório, e talvez, um dia, também empreenda o retorno a esse lugar mítico de origem. Entretanto, novamente, essa aproximação que não prejudica o olhar sobre o objeto, permite uma percepção distinta. Tomo aqui também emprestada uma citação utilizada no encerramento da tese da companheira de doutorado, Renata Almendra, do professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Durval Muniz de Albuquerque Júnior que, em uma densa e poética reflexão sobre o papel do historiador, aponta que:

Para fazer história não é necessário se afastar do mundo, das coisas, das pessoas, mas estar tão próximo delas que já não saibamos quando começa o eu e o outro, o eu e o eles. Para ser historiador, como para ser poeta, é preciso não estar alheio a nada, é preciso estar envolvido pela vida, estar misturado com as pessoas e as coisas, para existir nelas, ser disfarçado. Misturar-se para apodrecer seu próprio eu; apodrecer para fermentar novos personagens e novos entendimentos para a vida e para o passado, fazer história como exalação que corrompe os limites do homem, tal como ele se define e está definido em nosso tempo. O historiador, como o poeta, é um formulador de devires outros (JUNIOR, 2007, p. 89)

Este texto nasceu a partir de uma necessidade individual de me encontrar dentro dessas identidades nacionais que permeiam a minha trajetória de vida.

Mas, ao longo do seu processo de escrita, também se tornou um caminho para ampliar o olhar sobre o migrante retornado, o que se foi, e de que forma as histórias individuais vão sendo formadas, pois, na verdade, não há um ponto final nesse processo. Apenas vários pontos de partida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADIE; Washington., BRUSCHERA, Oscar. e MELOGNO, Tabare. **Artigas: Su significación en la revolución y en el proceso institucional Iberoamericano**. Montevideo: Biblioteca de Cultura Uruguaya, 1966.
- ACEVEDO, Eduardo. **Anales históricos del Uruguay**. Montevideo: A Barreiro & Ramos, 1933.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTÍA, Fernando. **Uruguay 2002: contagio, crisis bancaria y perspectivas**. In: ICONOS. Revista de Ciencias Sociales, no. 15. FLACSO, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Quito, Ecuador: Ecuador. Dezembro. 2002.
- ARANGO, Joaquín. HUGO, Graeme. KOUAOUCI, Ali. MASSEY, Douglas S. PELLEGRINO, Adela. TAYLOR, J. Edward. **Theories of International Migration: A Review and Appraisal**. In: Population and Development Review, Vol. 19, No. 3 (Sep., 1993), pp. 431-466.
- ARANGO, Joaquín. **Becoming a country of immigration at the end of the twentieth century: the case of Spain**. En King, R. Lazaridis, G. y Tsardanidis, C. (Eds). Eldorado or Fortress Migration in Southern Europe (pp.253-276). London: Macmillan, 2000.
- ARANGO, Joaquín. **Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración**. In: Revista internacional de ciencias sociales, 52, 3 / 165, p. 283-296, illus. Setiembre 2000.
- ASSIS, Glaucia Oliveira, SASAKI, Elisa Massae. **Teoria das migrações internacionais**. Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 2000.
- BARROSO, Eloísa Pereira. **Reflexões Sobre A Velhice. Identidades Possíveis No Processo de Envelhecimento na Contemporaneidade**. História Oral, v. 24, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2021a.
- _____. **Relações de Gênero na Guerrilha: A Configuração dos Espaços de Luta**. In: Estudos Históricos (Rio de Janeiro), Volume 34(74). Set-Dec 2021b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210307>, acesso em 01/07/2022.
- BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; BLANC, Cristina Szanton. **Nations unbound: Transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states**. Basel: Gordon & Breach. 1994.

- BENEDETTI, Mario. **Andamios**. Mexico: Alfaguara, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O Terceiro Espaço**. Entrevista a Jonathan Rutherford, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, No. 24, 35-41, 1996.
- BIELOUS, Silvia Dutrénit (Org). **El Uruguay del Exilio: Gente, Circunstancias, Escenarios**. Montevideo: Trilce. 2006.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAETANO, Gerardo. **Notas Para Una Revisión Histórica Sobre La “Cuestión Nacional” en el Uruguay**”. In: ACHUGAR, Hugo (org). Cultura(s) y nación en el Uruguay de fin de siglo. Montevideo: Logos, 1990.
- CAETANO, Gerardo (org). **Los Uruguayos Del Centenario: Nación, Ciudadanía, Religión y Educación (1910-1930)**, Montevideo: Taurus, 2000.
- CAETANO, Gerardo. **La República Batllista**, Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.
- CANCLINI, Néstor García. **Latinoamericanos Buscando Lugar En Este Siglo**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- CASTLES, Stephen., MILLER, Mark. J. **The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.
- CASTLES, Stephen. **Entendendo A Migração Global. Uma Perspectiva Desde A Transformação Social**. REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, vol. 18, núm. 35, julio-diciembre, 2010, pp. 11-43.
- CASTRO, Alessandra Gomes. (2011). **Abordagens teóricas da migração internacional**. Revista Interdisciplinar, n. 5, p.23-29.
- CASTRO, Maria da Consolação G. de. FERNANDES, Duval. **Migração e Crise: O Retorno dos Imigrantes Brasileiros em Portugal**. In: REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 99-116, jul./dez. 2013.
- CASSARINO, Jean-Pierre. **Teorizando Sobre a Migração de Retorno: Uma Abordagem Conceitual Revisitada Sobre Migrantes de Retorno**. In: REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 21-54, jul./dez. 2013.
- CAVALCANTI, Leonardo. **Novos fluxos migratórios: haitianos, senegaleses e ganeenses no mercado de trabalho brasileiro**. In: Gediel, J.A.P. y Godoy, G.G. (Eds). Refúgio e Hospitalidade. Curitiba: Kairós Edições, 2016.

- _____; Parella, Sônia. **El retorno desde una perspectiva transnacional.** *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana - REMHU*, v. 21, pp. 9-20, 2013.
- COSTA, Cléria Botelho da. MAGALHÃES, Nancy Alessio, **Contar História, Fazer História - História, Cultura e Memória.** Brasília: Paralelo 15, 2001.
- CROSA, Zuleika. SOUZA, Lydia de. **Migración de Retorno en Uruguay: Una Fragmentación Social y Simbólica.** In: *Revista Encuentros Uruguayos* Volumen VII, Número 1, Octubre 2014, p. 20 - 39.
- CROSA, Zuleika. **Escenarios de la Migración de Retorno: El Caso Uruguayo en Buenos Aires.** XI Reunión de Antropología del Mercosur, 30 de noviembre al 4 de diciembre de 2015, Montevideo, Uruguay.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral - Memória, Tempo, Identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DICONCA, Beatriz (Org). **Migración uruguaya: Un Enfoque Antropológico.** Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República : Organización Internacional para las Migraciones, OIM, 2007.
- DICONCA, Beatriz. **El Camino Del “Afuera” El Camino de Migrar.** In: GORSKI, Sonia Romero. “Antropología Social y Cultural en Uruguay: 2002-2003”, p.155-172.
- Dirección General para Asuntos Consulares y Vinculación; Dirección de Vinculación; Oficina de Retorno. **Manual Para El Retorno.** Montevideú: Guías, 2019.
- _____. **Volver a Uruguay - Guia Facilitadora de Tramites Para Compatriotas que Retornam al Pais.** Montevideú: Guías, 2017.
- DURAND, Jorge, LUSSI, Carmen. **Metodologias e Teorias no Estudos das Migrações.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008
- FEIJÓ, Glauco Vaz. **O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e Discursos de Identidades.** 2015. 480f Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília. Brasília. 2015.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social: Novas Perspectivas Sobre o Passado.** Lisboa: Editorial Teorema. 1992.
- FIGUEREDO, Marcello. **Uruguay 200 Años Doscientas Preguntas.** Montevideo: Ediciones Santillanas, 2011.
- FILARDO, Verónica (org). **Expectativas y Experiencias de Retorno de Uruguayos.** Montevideú, 2011.

- FLEISCHER, Soraya. **Passando a América a Limpo: o trabalho de Housecleaners Brasileiras em Boston, Massachusetts**. São Paulo, Annablume, 2002.
- FREGA, Ana. **Historia Regional e Independencia del Uruguay: Proceso histórico y revisión crítica de sus relatos**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.
- GEORGE, Pierre. **As migrações internacionais**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- GILROY, Paul. **Después del Império. Emigración, Xenofobia y Diversidad cultural**. Barcelona: Ensayo Tusquets, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia Histórica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- GUSMÃO, Neusa. **Jovens Mulheres Africanas Em Portugal: Narrativas e Itinerários**. In Sociedade e Cultura, v.11, n.1, jan/jun. 2008
- GREISSING, Carolina. **Conflictos y Tensiones en el Debate Por La Educación Durante el Centenario (1910 – 1934)**. In: CAETANO, Gerardo (org). Los Uruguayos Del Centenario: Nación, ciudadanía, religión y educación (1910-1930), Montevideo: Taurus, 2000.
- GUERRA, Antonio Annino François-Xavier (coord). **Inventando La Nación: Iberoamerica Siglo XIX**. México, D.E.: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- GURAK, Douglas, CACES, Fe. **Redes Migratorias y la Formación de Sistemas de Migración**. In: Malgesini, Graciela. (Ed), Cruzando fronteras: migraciones en el sistema mundial. Barcelona: Icaria-Fundación Hogar del Empleado, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013
- HALL, Stuart. **The Formation of a Diasporic Intellectual**. In: Critical Dialogues in Cultural Studies, 484-503. Londres: Routledge, 1996.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Ed. 10, Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG. 2006.
- HIRSCH, Olivia. **“A Gente Parece Um Camaleão”: (Re)Construções Identitárias em um Grupo de Estudantes Cabo-verdianos no Rio de Janeiro**. In: Proposições, Faculdade de Educação (Unicamp), SP, vol. 20, n.1(58), jan/abr. 2009.
- HIRSCHMAN, Charles. KASINITZ, Philip. DEWIND, Josh. **The Handbook of International Migration: The American Experience**. New York: Russell Sage Foundation, 1999
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos Pela Memória: Arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. São Paulo:Paz e Terra. 2012

HOBBSAWM, Eric. **Naciones y Nacionalismos desde 1780**. Barcelona: Crítica. 1991.

ISLAS, Ariadna. **Límites Para un Estado. Notas Controversiales Sobre Las Lecturas Nacionalistas de la Convención Preliminar de Paz 1828**. In: FREGA, Ana (org). *Historia Regional e Independencia del Uruguay: Proceso histórico y revisión crítica de sus relatos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.

International Journal on Multicultural Societies: Managing Migration and Diversity in the Asia Pacific Region and Europe. Unesco, Vol. 6, n. 2, 2004.

JARDIM, Denise (Org). **Cartografias da Imigração: Interculturalidade e Políticas Públicas**. Porto Alegre: UFGRS. 2007.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a Arte de Reinventar o Passado**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE. **Las Fuerzas Armadas Al Pueblo Oriental: El proceso político**. Uruguay, 1976.

KOOLHAAS, Martin. **Perfil Migratorio de Uruguay 2011**. Buenos Aires: Organización Internacional Para Las Migraciones (OIM), 2011.

MACHADO, Patrícia. **Avanços e Retrocessos na Luta Por Justiça no Uruguai Pós-Ditadura (1986-2013)**. Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 19, p. 209-228, Dez. 2016.

MARQUES, Jose Carlos Laranjo. (2008). **Os portugueses na Suíça: Migrantes Europeus**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

MASSEY, Douglas. *et al.* (1993). **Theories of International Migration: a Review and Appraisal**. En NI, v. 19, n. 3, pp.431-466.

MASSEY D. **Why Does Immigration Occur?** In: Hirschman, C., Kasinitz, P., DeWind, J. (Eds). *The Handbook of International Migration: The American Experience* (pp. 34–52). New York: Russell Sage Foundation, 1999.

MATEOS, Natália Ribas. **Una Invitación a La Sociología de Las Migraciones**. Barcelona: Bellaterra, 2004.

MORAES, Manuela Muguruza de. **Comemorações do Bicentenário Uruguio em 2011: Negociações em Torno da Identidade Nacional**. 2013. 110 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NEGRI, Camilo. **Restrição de Abrangência de Conteúdos Ideológicos da Democracia: Uma Análise Sobre a Não-Consolidação de Programas de Governo de Esquerda no Chile, Brasil e Uruguai**. 2009. Tese (Doutorado) CEPPAC, UnB. Brasília, 2009. Disponível em:

<http://www.ceppac.unb.br/images/stories/media/teses_doutorado/camilo%20negrise_tese_2009.pdf>. Acesso em: 20 Ago. 2013.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **As Festas que a República Manda Guardar**. Revista Estudos Históricos, Brasil, 2, dez. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2283/1422>. Acesso em: 20 Ago. 2013.

PAREDES, Karina. **Dinamicas Identitarias y Procesos Migratórios, Reflexiones a Partir del Acercamiento al Colectivo Uruguayo en Madrid**. In: DICONCA, Beatriz (Org). Migración uruguaya: un enfoque antropológico. Montevideo:UdelaR, 2007.

PASTORINI, Laura. **“No Estamos Todos Los que Somos Ni Somos Todos los que Estamos”. Relaciones entre los Procesos Migratorios y los de Construcción de Identidad en el Caso de los Migrantes Uruguayos en México**. In: DICONCA, Beatriz (Org). Migración uruguaya: un enfoque antropológico. Montevideo:UdelaR, 2007.

PELLEGRINO, Adela. **Las Políticas de Migración y Desarrollo**. In: Sur, Migración y Después: Propuestas concretas de políticas de población en el Uruguay. CALVO, Juan José y MIERES, Pablo (org), UNFPA 2008.

PEREIRA, Aline Pinto. **Domínios e Império: O Tratado de 1825 e a Guerra da Cisplatina na Construção do Estado do Brasil**. Orientadora: Profa. Dra. Gladys Sabina Ribeiro. 2007. 269 f. Dissertação (Mestrado). Curso de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007 PEREIRA Aline Pinto-S.pdf>. Acesso em: 15 de Jun. 2022.

PEREIRA, Sônia. SIQUEIRA, Sueli. **Migração, Retorno e Circularidade: Evidência da Europa e Estados Unidos**. In: REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 117-138, jul./dez. 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 10. 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989

PORTELLI, Alessandro *et al.* **O que Faz a História Oral Diferente**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 14, 1997.

PORTES, Alejandro. BÖRÖCZ, József. **Migración contemporánea. Perspectivas teóricas sobre sus modalidades de incorporación**. In: Malgesini, Graciela. (ed.) Cruzando fronteras, Migraciones en El Sistema Mundial (pp.43-70). Barcelona: Fundación Hogar Del Empleado, 1998.

RAMELLA, Franco. **Por Un Uso Fuerte del Concepto de Red en los Estudios Migratorios**. En Bjerg, María; Otero, Hernán. (Eds), Imigración y

redes sociales en la Argentina Moderna (pp. 9-21). Tandil: Cemla – IEHS, 1995.

RANINCHESKI, Sonia. **Elites e Trabalho no Brasil e no Uruguai: Origens do Debate Atual**. Brasília: UnB, 2010.

REALI, María Laura. **La Reflexión de Luis Alberto de Herrera En Torno a Gran Bretaña Como Árbitro Internacional en el Proceso de Independencia del Uruguay**. In: FREGA, Ana. Historia Regional e Independencia del Uruguay: Proceso histórico y revisión crítica de sus relatos. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.

RIBEIRO, Gustavo L. **Globalización y Transnacionalización: Perspectivas Antropológicas Y Latinoamericanas**. Série Antropológica: Brasília; Vol. 199; 1996.

RODRÍGUEZ, Yolanda María de la Fuente. **La Emigración de Retorno: Un Fenómeno de Actualidad**. Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social. N. 11 (dic. 2003). ISSN 1133-0473, pp. 149-166.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: Uma Teoria da História Como Ciência**. Tradução de Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: UFPR, 2015.

SÁNCHEZ, Liliana Rivera. **¿Quiénes Son Los Retornados? Apuntes sobre el Migrante Retornado en México Contemporáneo**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela *et al.*, La construcción social del sujeto migrante en América Latina. Prácticas, representaciones y categorías. Quito: CLACSO. 2011.

SÁNCHEZ, Liliana Rivera. **Migración de Retorno y Experiencias de Reinserción en la Zona Metropolitana de la Ciudad de México**. In: REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 55-76, jul./dez. 2013.

SAN ROMÁN, Gustavo. **Soy Celeste: Investigación Sobre La Identidad de los Uruguayos**. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 2007.

SAND, Shlomo. **A Invenção do Povo Judeu**. São Paulo: Benvirá, 2011.

SANTOS, Enrique Coraza dos. **El Uruguay del Exilio: la Memoria, el Recuerdo y el Olvido Atraves de la Bibliografía**. In: *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788], N° 94 (1), 2001.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. **Direito à Verdade e à Memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

SEGATO, Rita. **Anibal Quijano y la Perspectiva de la Colonialidad del Poder**. In: La crítica de la colonialidad en ocho ensayos. Buenos Aires:Prometeo, 2013.

SILVA, Kelly Cristiane da. **A nação cordial: uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de "comemoração dos 500 anos do Brasil"**. Rev. bras.

Ci. Soc., São Paulo , v. 18, n. 51, fev. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 ago. 2013.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno.** Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

STOLCKE, Verena. **Talking Culture: New Boundaries, New Rhetorics of Exclusion in Europe.** Race and ethnic studies, 1995.

SUBUHANA, Carlos. **A Experiência Sociocultural de Universitários da África Lusófona no Brasil: Entremeando Histórias.** In Proposições, Faculdade de Educação (Unicamp), SP, vol. 20, n.1(58), jan/abr. 2009.

VIDART, Daniel. **Caballos y Jinetes: Pequeña Historia de los Hombres Ecuestres.** Montevideú: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

VIDART, Daniel. **El Mundo de Los Charrúas.** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2010.

VIDART, Daniel. **Uruguayos - Quiénes Somos, Cómo Somos, Dónde Estamos.** Montevideú: Ediciones B, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM OLGA TRABA

Entrevista concedida em 28/04/2017.

[Olga] Yo nací acá en Bella Unión y siempre pensé que iba a vivir toda mi vida acá en Bella Unión, nunca tuve planes de irme. Viví en Salto un año, cuando estaba terminando el bachillerato, después viví un año en Montevideo.

[Manuela] ¿Estudiando también?

[Olga] No. Yo siempre me voy por cuestiones del corazón (risos). Me fui porque terminé con una pareja acá y me fui. Tá, tuve un año y ya volví con el padre de mis hijos. Y bueno vivimos 22 años y la pareja dejó de funcionar y yo fui a Valencia, yo siempre estuve metida en los temas de las mujeres, de violencia sobre todo, y fui invitada por las donas de valencia, fui invitada para un seminario en el mes de agosto, septiembre del... 99. E iban un montón de gente de España pero de otros lados también. Y no le dije a nadie que me iba a Valencia. Fui sola, era la primera vez y ta, era todo una experiencia. Y algunas de las personas con las que hablaba eran de Canarias, y yo le dije que canarias era lejos. Pa que, cuando termine de decirle me estaba invitando para ir a canarias. Ai fui a canarias y bueno, entramos en una relación, y en mayo del 2000 me fui a vivir a canarias

[Manuela] ¿Te fuiste en definitivo?

[Olga] Si me fui en definitivo, ya los gurizes se habían ido para salto estudiar, y nos divorciamos con el padre de mis hijos y ta. Y bueno, toooodo una experiencia. Lo fácil era que el idioma es el mismo, La cultura muy parecida. La cultura de Canarias es muy parecida a la nuestra. Yo siempre digo, los canarios son muy parecidos , muy abiertos, muy gritones. Y muy agradables. No me fue difícil. Aparte yo fui con referencias, no era lo habitual de un migrante. Yo me fui con referencias al partido socialista, hacia el SOE, y el que después se convirtió en mi marido es un hombre nacido en canarias, y entonces como yo estaba con

ese tema acá, trabajando con violencia acá, eso también me contacto con una ong

[Manuela] ¿Enseguida ya tenía empleo?

[Olga] No, no tanto el trabajo, yo demore para empezar a trabajar. Yo me fui mantenida, digamos. (risos) Yo tenía que ayudar a mis hijos por acá era un momento de crisis, pero ta, digamos que el compromiso fue ese, ayudar a mis hijos. Y yo siempre pensando en trabajar, no. No conseguiría vivir sin trabajar. Pero de todos modos no me tuve problemas para. Yo me fui en mayo y en junio fue la asamblea de Mararias, la asociación a que me integre, y me eligieron miembro de la dirección, y tá, ya me quede ahí. Como yo no tenía nada que hacer, porque mi marido se iba a las siete de la mañana a trabajar en otro pueblo como maestro, Yo lo que hacía era irme a Mararia a las ocho de la mañana y pasaba toda la mañana ahí y volvía a las 12 a cocinar

[Manuela] ¿Era una ong?

[Olga] Si. Y ta, me quedaba ahí con las chiquilinas. Sí, yo tenía manejo de tema, tenía formación, entonces empecé a atender como voluntaria. Ellos tienen dos actividades al año que son la base del trabajo dellos, para fuera, no, que son uno lo que llaman jornadas de noviembre, que el el torno del 25 de noviembre Yo lo del ocho de marzo. Entonces este, me integre para la de noviembre, Pero la muchacha que era la coordinadora, que es un centro de formación, lo que tienen, básicamente, y una casa de acogida, les presento la renuncia y dijo que pasado la jornada se retiraba. Y bueno yo estuve trabajando en la jornada, pero aparte yo ya estaba acostumbrada a ese tipo de organizaciones.

[Manuela] ¿Trabajabas con más o menos lo mismo por acá?

[Olga] Si, más o menos lo mismo. Este y empezaron a buscar a alguien para sustituir a la muchacha que era abogada. Y de repente cayeron en la cuenta que yo ya estaba allí y yo ni siquiera lo había pensado tampoco. Ta, me ofrecieron, era una miseria el sueldo, pero me ofrecieron si quería trabajar y yo dije que sí, de inmediato. Pero yo tenía el problema de que en diciembre yo me venía, y me quedaban 15 días más, pero yo me venía todo julio y todo agosto. No era fácil encontrar trabajo en esas condiciones. Pero yo les planteé y me dijeron que sí,

que no era problema. Así que agarre con las dos manos. Entonces ahí empezó mi... Estaba trabajando en el negro, no. Yo en ese momento no tenía papeles todavía. Yo recién al año siguiente organice todas las cosas y saque los papeles para el casamiento y en junio nos casamos

[Manuela] ¿Al principio fuiste con el visto de turista?

[Olga] Si, yo fui como turista por 90 días, así que cuando vine a fin de año, había pasado. Así la asociación hizo una carta cuando yo vine como que yo estaba preparando un libro, que era un proyecto que tenía, se había presentado, pero no fue aprobado. Entonces por eso había demorado mi estancia en Lanzarote. Nunca me pidieron nada. En ese momento no había ningún problema. Y al año siguiente, yo vine en junio, fui al consulado y hice los papeles, no tuve ningún problema.. Yo trabajé tres años ahí, después ellas tuvieron unos problemas internos, yo renuncié a la dirección, me parecía contradictorio ser empleada y ser parte de la.. Renuncié. Unos problemas con la gente de la casa de acogida. Y me ... yo sentí que las cosas no eran como yo había aprendido, no. La forma de dirigir la asociación bien típica de los españoles. Los dirigentes mandan y el resto obedece. Los voluntarios no son gente que va a hacer trabajos cuando quieren, si no que los llamaban como sirvientes. En realidad era para evadir pagar. No me gusto. Y la forma que... La encontré robando la que estaba en la casa de acogida. Y algunas eran miembro de la dirección también. Y en realidad no lo descubrí yo, lo descubrió una chiquilina que trabajaba conmigo, y somos amigas hasta hoy, una guriza jovencita. Y la guriza vio que hacían compra para la casa de acogida y compraban de lo mejor, que bueno, no me parece mal, pero el tema era que no llevaban esas cosas. Compraban a los chinos, cosas baratas, y llevaban para su casa las cosas buenas. Y las boletas que se presentaban eran esas. Y eso es totalmente contra lo que yo creo. Y uno intenta hacer las cosas que cree. Entonces ta, le dijimos a la presidenta, que a su vez era diputada del SOE y mujer del presidente del cabildo, risos, se sobreponía muchas cosas. Y lo planteamos, y ellas no encararon bien. A mi me parece que esas cosas se dicen en la cara. Me hiciste eso, te enfrente y lo saco como sea y no hicieron asi. Las otras le hicieron un juicio por un despido improcedente, le terminaron ganando, le sacaron dinero. Y quedaron como si fueran las buenas de la película y la asociación hubiera hecho las cosas mal. Bueno, y todo aquello a mí me disgustó

y le dije a la presidenta, que nos llevamos bien, este, yo voy a renunciar, por esto y esto y esto, y ella no para, la asamblea y no se cuanto, y yo digo no. Entonces en plena asamblea planteé la renuncia y seguí trabajando. Pero seguí bien, no, seguí trabajando bien. Pero ya viendo que no me gustaba la cosa. Y en diciembre yo me vine y mi contrato terminaba en diciembre. Y en enero yo volví y no me llamaron, no me renovaron el contrato, pero no me despidieron. No hubo nada, quedó ahí. Pero tá, yo no voy a andar mendigando. Quedé sin trabajo. Ay yo ya tenía papeles, entre al paro, entre a buscar trabajo, y por el paro tenía oportunidades de hacer cursos. Ahí hice dos cursos, bien interesantes. Pero después fui a buscar trabajo. Trabaje distintas cosas. Como cocinera trabajé un día. Risos. Me contrataron para cocinar. Cocinar. Y cuando dijeron que había que planchar también... odio planchar. Pero ta, planche unos trapos que había ahí. Y era para tres personas. Y después resulta que ya era para 5 porque la muchacha que limpiaba también comía y había otra persona en la casa. Una de las mujeres era vegetariana. Y ta, cocine. Yo me acuerdo que hice unas zanahorias al escabeche para la vegetariana y milanesas de pollo para el resto. Y al otro día cuando fui, la muchacha colombiana, yo entraba a las 9 y cuando llegué la muchacha no estaba, y yo esperando. Yo digo, nueve y media si no viene me voy a la mierda. Risos. Y cuando llega la muchacha, ¿le preguntó "hay algo para planchar?" y eran trapos de verdad y la misma ropa que había planchado ayer "ah, capaz que a la señora no le gusto como planchó". Y yo había dejado una lista de comida, porque en la casa no había, y yo no voy a salir a comprar, ¿y yo estaba con el delantal puesto "como??" "ah, no le habrá gustado a la señora" Me voy pa mi casa. Risos. Porque en realidad no tenía necesidad. Es la costumbre de trabajar. Pero no voy a estar aguantando insolencias. Y a la muchacha no le gusto. Risos. "pero como usted se va a ir así?!" "voy para mi casa, tranquilamente" "ah, por lo menos llámala entonces..." Nunca le llame, me fui a la miércoles. Un día me duro mi experiencia como cocinera. Risos. Después trabajé en una empresa de limpieza, lo que llaman desbloqueo, cuando terminan una construcción se limpia todo y se deja para habitar. Y yo empecé en la parte de incendios, cuando hay incendios. Y ta, no era muy pesado. Con un muchacho musulmán y una muchacha uruguaya. Bueno, bárbaro. 5, 6 meses ahí. Y de repente empezó el desbloqueo mismo, que no me daba el culo. Le dije al patrón "mira, yo no voy a aguantar". Y el me llevo a la casa y me pagaban por hora. Yo

te juro que limpiaba dos o tres veces todo pa aguantar las cuatro horas, porque no había para hacer, era todo limpito. Bueno, ahí llegue hasta junio, que me vine. Y después el trabajo que tuve en los últimos cuatro años, que trabajé como auxiliar educativo, para la consejería de educación. Es decir, la Consejería le pagaba a una empresa y la empresa nos pagaba a nosotros. Un servicio tercerizado. Toda una experiencia porque el instituto donde yo trabajaba era de integración, entonces todos los gurises que tenían problemas motóricos, de toda la isla, lo que me enseñaron esos gurises, increíble, divino divino, teníamos un promedio de cuatro chiquilines por cad auxiliar. Después aumento y empezaron los problemas, porque te pagan cada vez menos. Te pagaban una cantidad y nunca sabias cuánto ganaba, por que sabia lo que cobrabas, pero si preguntaba cuanto era tu sueldo decían que estaba todo rateado, porque no te pagan licencia, no te pagaban ... era todo un paquete. Y bueno, a mi me servía porque era el mismo horario que mi marido, el mismo instituto, las mismas vacaciones. Solo que yo no cobraba en vacaciones, pero ta, yo no... no era una necesidad imperiosa de dinero. Y en los meses que no estaba trabajando, yo tenía un apartamento, bueno, mi marido, yo no tenía nada, tenía un apartamento alquilado y en esos meses ese dinero era mío. Yo le podía mandar a los gurises ahí. Porque yo soy mala. Si tengo reviento y si no tengo, no como. Por suerte uno tiene esa... Y bueno, ahí estuve hasta que decidí volver.

La pareja se fue desgastando, venía arrastrando problemas de la pareja anterior, el hijo empezó con una esquizofrenia, entonces, como que no tenia resultado las cosas. Y no tenía mucho sentido quedarme si no iba a estar con él.

Bueno, me volví en el 2010. Tomé la decisión de volver en octubre del 2009, pero en el 2010 terminé. Diez años justito. Toda una experiencia.

Formamos una asociación de uruguayos allá, empezó a aparecer mucha gente, mucha gente.

[Manuela] ¿En Canarias?

[Olga] En realidad en Lanzarote. Yo tenía mucho contacto con la gente de Fuerteventura que está en frente, y llegamos a tener doscientos y pico personas ahí

[Manuela] ¿De uruguayos?

[Olga] Si. Incluso en el periodo que estuvo Gargano como ministro de exterior se llegó a formar un consulado honorario en Lanzarote.

[Manuela] ¿Consejo Consultivo tenía?

[Olga] Estaba empezando. Arrancaban los Consejos Consultivos. Yo estuve en la primera reunión, que fueron de aca de uruguay. Yo fui delegada a esa reunión, en la otra isla, en la isla capital, Gran Canaria. Y bueno, yo fui designada cónsul, en Lanzarote. Tengo por ahí la carta. Yo vine, hablamos por teléfono con Gargano. Yo lo conocía del partido socialista. No éramos amigos, pero teníamos un vínculo bastante cercano. Y lo primero que me dijo fue "Olguita, vos tenes un vínculo con la asociación?" Y yo le dije "Gargano, yo soy fundadora". Fuimos entre cuatro o cinco los que armamos la asociación. Y me pregunto si yo aceptaba ser cónsul. Yo encantada. yo no estaba trabajando, tenía lugar en mi casa. Y me dijo lo que tenía que hacer. Y yo escribí la carta a la cónsul ofreciendo mi casa, la computadora... Y tenía que presentar todo eso. Y tan terrible el poder que tiene a ese nivel que en realidad no son quien toman la decisión pero son los que deciden. Y estaba nombrada por el ministro, pero la señora cónsul general del uruguay me puso todos los pelos en el camino para que no fuera Porque quería que yo pagara una persona para que fuera, no me sale la palabra en ese momento, para que hiciera todos los tramites, pero si yo lo que ofrecía era eso. Yo vi que eran piedras en el camino, yo vi que iba a ser un problema, y además, no ganaba nada. Es decir, era un orgullo, pero... Y además yo siempre me vine los dos meses de invierno, siempre esos dos meses estábamos acá, ahí lo llame a Gargano y le dije, no se moleste porque realmente yo no voy a estar haciendo mil cosas por pelear por una cosa desas. Siguió siendo el consulado en Gran Canarias, que era una pieza mas chica que esa, risos. Y siguió la asociación, que se llamaba Jacinto Veras, porque recordábamos el primer obispo uruguayo, que era canario en realidad, y hay un barrio en Montevideo, que se llama Jacinto Veras, entonces era una forma de aunar los uruguayos con los canarios. Y estábamos en contacto con los canarios de aca.

Mis hijos, los dos fueron. Tengo dos, una hija de 39 y un varón de 36. Ella vivió un año con nosotros, pero no le gustó. A ninguno de los dos les gusto para

quedarse. Para ir y venir, para pasear, pero no para quedarse. Yo si, yo me adapte. Yo soy como repollito, risos, hay agua me quedo. Pero tampoco te desprendes del todo. Cuando venís tan seguido, seguís manteniendo el vínculo.

[Manuela] ¿Siempre viniste los dos meses de invierno?

[Olga] Siempre me decían, porque yo vivía en un lugar de playa, pero yo casi no fui. Y perdí de conocer mucho más a Europa, porque nos veníamos, gastábamos todo el dinero aca. Salíamos en carnaval, viajábamos un poquito allá, pero no mucho. Pero yo tuve una experiencia muy rica

Y el tema de la gente, es muy fácil ubicar el uruguayo, veías el termo y el mate. A mi me enloquecía, veía un uruguayo y salía atrás. Más que yo, yo no soy nostálgica. Pero el tenía una locura con Uruguay. Me acuerdo de una vez que encontramos en la casa de acogida... Porque en la casa de acogida iban a dormir de las 8 de la noche hasta las ocho de la mañana. A esa hora tenías que ir, si tenías trabajo o no tenías trabajo, era eso. Entonces salimos a caminar y vimos una muchacha y un muchacho con el termo. Ese día ya se fueron para casa y yo le puse un poco más de pechuga al guiso y comieron con nosotros, miramos partida de fútbol y nos hicimos amigos amigos. Alguno volvió y seguimos en contacto. No es fácil la vida del inmigrante. El tema es que quedas como repartido un poco, no. Porque algo tuyo queda en el otro lugar Si vuelves. y si llegas a tener hijos más complicado todavía. Porque yo veo la gente que tuvo hijos allí, o que se criaron los gurises por allá, no quieren volver. Porque hicieron su arraigo por allá y la gente que se fue en la época de la dictadura fue peor porque el dolor de volver.. los padres tenían las raíces acá y volvían.. pero los gurises quedaron por allá

[Manuela] Y los gurises acaban sendo como inmigrantes, no

[Olga] Exacto, su lugar es aquél. Parece mentira, pero es el lugar donde aprendes los primeros códigos. Y el tema del lenguaje.. Yo tengo un cuento, que se llama Inmigrante. Es un muchacho que se había ido de aca de bella unión y quería llevar a su mujer, y estaba buscando trabajo desesperado, y tenía experiencia en bares. Entonces anduvo buscando. Y es un muchacho lindo físicamente, muy agradable, muy educado. Entonces como el habla con el que

lo va a tomar trabajo y el otro no entiende. Hablando español los dos no entienden. Y ese con el tal de tener trabajo se doblega, y acepta las palabras del otro, y dice “voy a poner las mesas” “las mesas están puestas. A montarlas?” “Montar se monta un caballo, pero bueno, a montar las mesas” 22:16 Cada cosa que le dice es diferente como lo plantea y cuando termina el cuento diciendo porque el paisa contento, consiguió el trabajo. Y es abogado. En realidad tenía mucho más formación que el otro, pero la realidad lo lleva a doblegarse y aceptar las cosas que el otro le dice. Y hacemos cosas que acá de repente no haríamos. Para mi madre por ejemplo, a ella no le gusta. No nos criaron para trabajar de doméstica, entonces que vaya a trabajar de doméstica a otro lado le duele. Le duele. Y yo digo, para mi es al revés. Para mi es admirable que alguien sea capaz de hacer cualquier tarea. Ese gurí mismo, a la madre no le gustaba que trabajase por debajo de sus habilidades, pero allá el título no te vale un carajo. A no ser que sea... Si sos carpintero, sos carpintero en cualquier lugar. Había un muchachito carpintero que llegó allá derecho a trabajar. O electricista. Si sos electricista, sos electricista en cualquier lugar. Pero un título universitario? Tienes que revalidar. Incluso en algunas cosas tener que hacer (...) primero, después concursar y después recién puedes... Y bueno, la situación en España se viene poniendo mal. Espantoso...

[Manuela] ¿Los uruguayos de allá, de la asociación, como los veía?

[Olga] La mayoría trabajaba. La mayoría trabajaba en el negro. Si no tienes papeles no hay vuelta, no. En el periodo de Zapatero intentaron solucionarlo, y si tenías una oferta de trabajo. Y después por arraigo. Si estabas tantos años sin haber venido, te consideraban que ya tenías arraigado, tenías familia, ya había alquilado. El tema de los alquileres, también, en muchos casos era difícil que te alquilen. Y en cada lugar era diferente. Canarias, por ejemplo, era menos duro. Yo nunca encontré, no vi, pero de la península, bravísimo. Te trataban mal. Sobre todo con los colombianos, los ecuatorianos, que eran masa, eran muchos. Los uruguayos como que siempre hay como cierta deferencia hacia los uruguayos, y en canarias conocen mucho. Se sienten como un poco padres porque como fueron fundadores de Montevideo se sienten como parte.

[Manuela] ¿Ellos allá se daban cuenta que vos eras uruguaya?

[Olga] Por el acento sí. Por el acento saben.

[Manuela] ¿Y sabían que eras uruguaya y no argentina o se confundían?

[Olga] Sabes que no, muchas veces te confunden con argentino. Y nosotros nos encargamos de aclarar de inmediato que no. Yo incluso acompañé a mucha gente con mi marido por los alquileres, porque a los argentinos no les alquilan. Tienen mala fama, de no pagar y de robar. Tienen mucho más mala fama los argentinos que los uruguayos. Los uruguayos están bien vistos.

[Manuela] ¿Y con eso no tuviste dificultades allá?

[Olga] No, porque además cuando vas con alguien de allá, ya con una referencia. Por eso digo que mi caso no es muy de ejemplo, pero la gente se deslumbra un poco con lo que es allá, como que fuera, y más o menos el mismo de toda parte, pero que la gente se va de acá y todo que hay allá como que brilla. Y yo viví allá como acá, ni más, ni menos. Las oportunidades de viajar capaz, pero eso porque vos te acostumbras, porque acá igual. junto un dinerito y voy guardando y viajo cuando quiero. Pero la gente se deja seducir. Mis hijos me acuerdo que decían, porque yo siempre me ponía en contra de que se fueran. Van a pensar que no querés. Y no, yo no quiero. Porque se van de repente para pasar peor que acá. Yo conozco a gente que renunció a un empleo público para después andar trabajando salteando, un día allá, otro día acá, en cosas que están por debajo de las posibilidades.

[Manuela] ¿Cuando estabas allá algún conocido tuyo llegó a ir?

[Olga] Si. Este muchacho que te digo. Este televisor que yo tengo lo compre a él para que pudiera terminar de pagar el pasaje a la mujer. Si, acá de Bella Unión, hay varios. Y me venían a hablar, a preguntar.

[Manuela] ¿Y vos intentabas disuadirlos?

[Olga] Con toda franqueza. Les dije la verdad. Y ta, yo ganaba 700 euros. Yo vivía porque tenía una casa, no tenía que pagar alquiler, tenía un marido que se bancaba los huesos de la casa. Pero si vas a pagar alquiler, pagar todo... Yo no hubiera vivido con 700 euros. Tendría que tener otro trabajo. Yo trabajaba 6 horas por día. Ponele que un albañil podía ganar 1400 euros. Pero vivía en la

obra, o alquilaban 8 o 10 juntos. Pero dentro de la propia España viven los gallegos también en esas condiciones. Tienen sus hermosas casas con piscina y todo, pero no las disfrutaban. Entonces eso te enseña. Te enseña mucho.

[Manuela] ¿Y acá cuando volvías en invierno volvías siempre a Bella Union?

[Olga] Si, siempre. Después de acá nos movíamos. Alquilavamos un auto, y después compramos uno, y nos quedábamos en la casa de mis padres. Los primeros dos años. Y después nos hicimos esta casa. Porque ese terreno era de mi casa. Ese pedazo. Después compramos otro pedacito. Son 60 metros. Así ya nos arreglamos acá. Y en invierno estábamos acá siempre. Y de ahí recorremos todo. Y ahí yo conocí todo. El quería conocer a Uruguay y nos anduvimos todos.

[Manuela] ¿Y ustedes volvían sobre todo para ver a tus hijos, que están acá en Bella Unión?

[Olga] Si, el padre de mis hijos, todos, toda la familia.

[Manuela] ¿No hay nadie que no esté acá?

[Olga] No, todos acá. Toda mi familia está aca. Incluso todos acá en la vuelta. Por eso digo, nunca pensé que me fuera, nunca pensé.

[Manuela] ¿Así que ganas de irse no tenías antes?

[Olga] Yo nunca nunca. Siempre dije que capaz que podría ir a vivir a Salto, porque estudie ahí, pero nunca nunca pensé que me pudiera ir. Porque yo soy así, risos, Pero es preciosa España. Y la comida! Yo engordé 14 kilos, risos. Y las fiestas! Viste que hay mucha gente con finquitas, chicas, pero plantan y tienen bodega, entonces los fines de semana era comer y tomar, meta vino, risos.

[Manuela] ¿Y de acá que extrañabas allá?

[Olga] A mi gente. Lo único, lo demás no. Nada. Las costumbres no son tan distintas. A parte si hubiera sido frio habría sido peor, pero una temperatura de lujo. El viento me costó adaptarse. El viento. Me costó mucho.

[Manuela] ¿Y el mate seguías tomando?

[Olga] No. Yo no tengo... Tomo mate, pero si no tomo no pasa nada. Pero tá, mi marido se compró mate y bombilla, y tomábamos. Pero no todos los días. Pero había un lugar de un montevideano, "la montevideana" se llamaba, y a veces íbamos a comer asado, y si no nos íbamos para el campo y con un coso de parra hacíamos un asadito, pero la verdad que no. Y la comida en casa, comíamos la comida que yo hacía, entonces era comida nuestra. Y el pescado me encanta.. No es muy distinto. La vez que me invitaron... Para nosotros sancocho es una comida mal hecha, y mi marido ya estaba trabajando en secundaria, era el segundo año. Y me invitó a comer un sancocho en el instituto. Y yo, por no decir que no, será una comida asquerosa, pensé. Pero sancocho es pescado salado, lo desalgan, como un puchero, pero con pescado. Con boñato, papa y pescado. Pero tan exquisito, tan exquisito. Y además fue un compañero que hizo. Comí dos veces y me daba vergüenza. Después ellos tienen, cultivan mucho más todo lo que tiene a ver con sus raíces, mucho mas que nosotros. El 30 de mayo el día de canaria lo festejan con la ropa típica, y comida, y todo. Y tá, yo me acostumbre, me vestía de canaria... Me sentí parte, nunca me sentí extranjera. Por eso siempre digo que soy ciudadana del mundo, risos.

[Manuela] ¿Y cuando estabas ahí seguías hablando seguido con tus padres, tus hijos?

[Olga] Con mi padre demore mucho, ellos no tenían teléfono, entonces... A los gurises si, yo les llamaba los domingos y les escribía por mail. La computadora que tenían los gurises, era prehistórica, daba miedo, risos. A Damiana le escribia todos los dias. A el no le gustaba la tecnología, pero con ella si. Eran mensajes todos los días, dos o tres veces. Pero después tá, fue mejorando la comunicación, y ahí nosotros trajimos otra computadora. Y nos comunicábamos con más facilidad, y yo pase a llamar más seguido. Ellos fueron en el 2001, y por el 2005 Damiana fue con nosotros.

[Manuela] ¿Y plata siempre mandaste?

[Olga] Si, siempre siempre siempre. Yo tengo guardada una entrevista que me hicieron allá, de las cosas que yo llevaba de acá y lo que traía de allá. Después te paso por mail. Y como estaba la cosa por allá. Nosotros vimos el país venirse

abajo. Y pasabas unos meses sin venir y cuando venías, estaba peor. Peor. Los comedores llenos de gurises, los gurises pidiendo en la calle. La ropa de la gente, vos veías el deterioro de que año a año el desgaste y que no había, no se reponía, todo. Los carteles de alquiler por todos lados. Era doloroso, doloroso. Y cuando la gente venía a preguntarte, para irse. Ahí empezó más gente a salir. Los carteles de se vende y se alquila en las casas, daba pena. Y también se empezó a notar cuando cambió. Yo me acuerdo que ganó el Frente y yo con una bandera en la ventana moqueando, no pude festejar. Y después en el edificio había un muchacho que era argentino, pero había vivido en Montevideo, pero salió a festejar en otro lado, Así que era solo yo en el edificio. Pero ta , empezaste a ver, me acuerdo que decíamos, las carreteras, había maquinaria por el campo, autos nuevos, en la terminal no se veía más gurises pidiendo. Me acuerdo que el primer año que vine me fui a anotar para estar como voluntaria en el primer plan del MIDES, pero no tuve suerte, no me pelaron. Fue una cosa dolorosa. Siempre estuve con eso. Y cuando por primera vez estuvo el Frente me intenté poner ahí, tenía dos meses, y no había lugar. Eso fue como un rechazo.

[Manuela] ¿Y tu vuelta como fue?

[Olga] Vine derecho a Bella unión. En la cabeza tenía más o menos planeado el laburo que quería. Yo vine estando en el paro, el paro te lleva de seis meses a un año,, porque hicimos trampa y Matias siguió haciendo los papeles desde allá, por internet. Y daban 7000 pesos más o menos. Entonces tenía una seguridad. Yo vendí el auto, no tenía sentido, no manejaba. Entonces tá, tenía como un respaldo, había juntado algo. Hicimos el cuarto para damiana ahí, hicimos otro baño, y empezamos a trabajar con viandas, ella cocinaba un día y yo el otro. Estuvimos un buen tiempo así. Era limitado, tenía diez viandas por día. Y la comida nuestra. Entonces no es difícil cocinar para 14 personas. Ella y yo. Y compartíamos los gastos. Y eso fue todo el año, me mantenía con eso. Después en el 2011 me llamaron en el liceo para hacer una suplencia en literatura. Yo no soy docente, he trabajado con educación popular, pero dando clases así, no. Pero me gusta literatura y no había, no encontraron. Entonces me ofrecieron, y tuve que hacer una especie de prueba ahí y un proyecto. Y la directora me autorizo a trabajar. Hice todo el año la suplencia. Me encontré con dificultades enormes, porque, claro, no tengo formación técnica. Porque podía me parar

frente a una clase de gurises, se como trabajar, se como incentivar a los gurises, sacarles lo mejor, pero yo no tenía para darles. El gusto por la literatura era lo que yo podía transmitir. Pero como era un cuarto año, nos riamos porque mi hijo es docente de literatura, pero no puede trabajar en segundo ciclo, y yo que no tengo risos. Entonces fue una suplencia. Y bueno, a fin de año me ofrecieron otra suplencia que era para quinto y sexto de bachillerato. Era hacer un repaso. Y yo le dije a Richard, el profesor "Richard, yo tengo todo el material, puedo repasar, o puedo trabajar con taller" Y el dijo que si, que yo podría trabajar con taller. Y ahí si, fue una experiencia extraordinaria, porque es otra cosa, trabajar con creatividad y todo. Y al año siguiente si, la directora me dijo porque no presentas un proyecto para trabajar con unas que son optativas. Y ta, presenté un proyecto para trabajar con una radio, inicial, y otro taller de narración oral, que yo presenté un taller de narración oral, pero teníamos que trabajar escrito, risos, claro, la clase es grande y gurises grandes. Entonces empezamos a trabajar lindísimo. Empezamos trabajando con retrato, autorretrato, escribieron, retrato, autorretrato, el retrato de la persona que más querían. Increíble como escriben los gurises. Aunque ellos no saben lo que pueden hacer. Para mi es una experiencia, una realización. Y al año siguiente ya estaba para seguir trabajando. Pero mi nieta había a nacido en julio del año anterior, e iban a ser menos horas porque se habían dividido en dos, la segunda parte iba a ser de cine y no se que, y me quedaban la mitad de las horas, serian solo uns 3000 pesos, entonces, yo me quedo a cuidar la nena, los gurises me compensaba esa parte. Y a los pocos días concurse en el instituto de estadística y era un puesto solo para el departamento y quede en cuarto lugar, y ahí anduve medio rascando, porque estaba complicada la cosa, me había quedado sin nada, y me llamaron del INE, habían renunciado las otras tres personas, porque en realidad era para Bella Unión, entonces para mi... estuve tres años y pico ahí. Después, me llamaron para trabajar como secretaria técnica en el servicio de violencia y también (...), acepté y estoy en el equipo. Y el año pasado renuncié al INE porque no podía con las dos cosas. Y realmente yo no doy tanta bola al dinero, porque si me sube el sueldo desde a 12 mil pesos yo me quedo acá y dejo. Porque antes llegaba y después tenía que salir de tarde si o si hacer encuestas. I a veces me mandaban 15 encuestas y habían meses que me mandaban 45, y no podía decir ese mes

no quiero hacer encuestas. Y bueno, me subieron, no llego a 12, 1167, risos, renuncie igual. Y siempre sale una cosa o otra. Risos.

[Manuela] ¿Entonces en realidad para readaptarse no tuviste mucho problema?

[Olga] Risos, viste que yo no me hago mucho problema para nada. Aparte yo no me permito la nostalgia. No tiene sentido. Si yo tengo la opción de quedarme, si estaba mejor allá, me hubiera quedado. Y si lo que quise fue volverme... No quiere decir que no extrañe cosas, y hay cosas que me gustaría... yo a mis amigos, por ejemplo, me encantaría volver a verlos, pero ahora entre ir a un lugar que ya conozco y uno que no conozco, voy a un que no conozco todavía. Al revés que mi marido, que siempre iba a lugares conocidos. Yo no. A mí me gustan las ciudades. Buenos Aires, Salvador, Lisboa, que me quedo pendiente.... Yo sueño. Yo todos mis gustos, todos los días, a través de la literatura, me escapo por ahí. Lo lees tanto que después terminas conociendo. De las ciudades me queda Lisboa. Pero además me gusta a ir cualquier pueblo. Y estamos pensando en volver a Salvador.

[Manuela] Yo ande leyendo otros depoimentos de uruguayos que reclaman que cuando vuelven, la gente no los trata bien de acá. Porque se fueron y todo eso.

[Olga] Sabes que yo me encontré con eso. En internet me encontré con eso. Yo, en general, no agrego a gente que no conozco al Facebook, y me agrego alguien de Artigas, que yo conocía así, de vista, pero un compañero del frente, entonces tá, lo acepte. Pero en un momento me dijo tanta barbaridad. Porque yo me había ido cuando las papas quemaban, y no se cuánto. Pero que sabe usted de mi circunstancia. Me conocía de la junta departamental, pero no para eso. Primero porque mi vida es mía, segundo porque yo no deje a nadie ensartado, no quede debiendo a nadie. No jodi a nadie. Pero notas como cierto, en algunas personas retorcidas. Es la vida de cada uno. Bueno, te digo un caso concreto, no. Como una cierta molestia. Más bien como si te pasaste en fartura. No te quedaste para sufrir con nosotros. Entre mis compañeros de trabajo, dos, Alberto que es este que te digo que trabajamos juntos, que se fue, que era abogado, Y después ahí una muchacha, Monica, que se fue a Estados Unidos, que es otra realidad. Capaz que si te sirve. Ella es escribana y se fue a trabajar como doméstica, haciendo limpieza. Tuvo siete años, creo.

[Manuela] ¿Hay algún núcleo o algo que reúna a la gente que volvió?

[Olga] No. No.

Hay una pagina en internet que es de retornados a Uruguay, pero está muerta desde el 2012.

Eso creo que eso fue porque en algún momento el gobierno los estaba ayudando. Porque eso no me parece bien. Vos te vas por tu cuenta, volves por tu cuenta. Por tu cuenta y riesgo. Entonces yo soy responsable de mis actos. Si yo tomo una decisión, es mi responsabilidad. Si me va bien, es mi mérito, y si no es mi responsabilidad.

[Manuela] ¿Así que para volver no te anotaste en nada de eso? Porque ellos tienen como una cantidad de cosas que ayudan, no?

[Olga] No, no, para nada. Yo me fui y volví por mi cuenta. Nunca. No tuve ningún beneficio. Ni me parece justo. Ta, bueno, yo no me fui por cuestiones económicas, capaz que otra gente sí, que fue por cuestiones económicas.

[Manuela] ¿Pero tuviste que anotarte en el consulado cuando ibas a volver y eso?

[Olga] No, nada. Yo tengo la documentación española y jure lealtad al rey (faz ruído de nojo). Era otro que estaba, no este. Risos. Tuve que sacar para sacar la nacionalidad y poder aspirar a otros trabajos. Y no no, nada. Nunca tuve que hacer nada. No renove. Venció el año pasado en agosto y no renové.

[Manuela] ¿La nacionalidad?

[Olga] La nacionalidad sigo teniendo, no renove el pasaporte ni el documento. Para renovar, para sacar el documento allá tienes que domiciliarte. Tenes que sacar el documento allá.

[Manuela] ¿Te quedas con el pasaporte uruguayo nomás?

[Olga] Si. Nosotros no tenemos convenio de doble nacionalidad, no. Nosotros.. Claro, tu nacionalidad de origen no la pierdes nunca. Pero el momento que optaste por la española, tenes la española..... Cuando volví, trece cajas.

[Manuela] ¿Trece cajas, nomas traías?

[Olga] Libros! Libros nomas. Mis trapos venían en la valija. Y eso fue lo que traje. Algún adorno, alguna cosa que me habían regalado. Pero eso fue lo que traje. Lleve dos valijas y traje trece cajas. Risos.

[Manuela] ¿Y cuando estabas allá, llevabas cosas de acá, mandava cosas?

[Olga] Yo pasaba todo el año comprando los regalos pa cuando venía. Todo el año. Las valijas siempre estaban abiertas y las cosas iban cayendo ahí adentro. Y yo siempre digo, en los diez años que estuve yo traje perfume pa todo el mundo. Porque los perfumes no pagan (¡jijique?) en Canarias. Son baratos. Y todos son perfumes buenos. Y yo traía pa todo el mundo. Nunca me compre un perfume. Risos. No me daba. Lo que siempre me llevaba era la tinta del pelo, que siempre use la misma. Me llevaba de aquí de la Barra. Me llevaba homeopatía, que tomaba por problema de intestino. Que en determinado momento empecé a sentir dolor en el intestino. Que yo me regularizaba totalmente por el estreñimiento. Pero nunca tuve dolor. Y me empezó un dolor, dolor de intestino horrible. Y sabes que empecé a mirar y ya no era una homeopatía! Era un laxante. Y yo creo que de tanto susto se me regularizo todo. Risos..... Ta, y el problema de la gente con los hijos, yo me acuerdo de como querían transmitirle a los hijos las cosas nuestras. Y ta, al principio lo podes hacer, pero después todos sus pares viven de otra manera. Me acuerdo uno que tenía cinco gurises, que era de la asociación, y ellos tenían una murga...Y yo esas cosas como que me opongo No me parece que tengas que... Si te vas, estás a lo que hay, no hay que quedarte arrastrando. Tus raíces son tus raíces, no las perdes. Y lo otro era lo de hacer comité de base del Frente Amplio allá. Anda cagar, risos. Cuando llegó el momento que podía votar, vote y participaba de las cosas sociales, pero no me parece que haya que trasladar. Y yo de allá fuera que iba a estar opinando acá? Es decir, no me parecía..

[Manuela] Así que esa lucha del voto afuera no te parece

[Olga] No, lo del voto si, es otra cosa. Yo soy ciudadana, aporto a mi país, estoy mandando dinero. Entonces por ese lado si. Pero no me parece que yo tenga que repetir los conflictos del Frente acá. Ir a pelearme con.. No. No. Me parece

que tenes que intentar gestionar.. Yo nunca vine a votar, nunca vine a votar, primero porque era un gasto enorme. Y segundo porque me coincidía con épocas de trabajo y no podía venir. Nunca lo consideré una necesidad. Pero si me parece que tiene que ser un derecho. Vos lo ejerceis o no lo ejerceis. Pero derecho.

[Manuela] Y la asociación que ustedes tenían allí tenía algo que ver con algún partido político o

[Olga] No. Y yo nunca pensé que debería. La mayoría era gente de izquierda, obviamente. Porque son quien se mueve. Pero había de todo. Yo me acuerdo que el que elegimos presidente, no me acuerdo el apellido ahora, era colorado. Procopio era el apellido. Pero había alguna gente que estaba en contacto permanente y estaba bombardeando y queriendo trasladar cosas de acá para allá. No, estás en otro lugar. La realidad es otra. Ayudar, de repente colaborar económicamente, pero pensar que voy a incidir desde allá en lo que piensa los que están acá... es como estar manejando marionetas.

[Manuela] ¿Y ahora cuando volviste a Uruguay encontraste mejor de o que había dejado?

[Olga] Ah, mucho mejor. Mucho mejor. Y encontré algunos de los vicios que encontré allá cuando fui, lo encontré ahora acá. Que me duele un montón. El consumismo.

[Manuela] ¿Empeoro acá?

[Olga] Imponente. Imponente, imponente. El tema de la dependencia con esa porquería (aponta para el celular) que són bárbaros, pero si vos sabes manejarlos. A parte el tema de los gurises, con los gurises. Hoy estábamos hablando en el trabajo, con una compañera, la gente ahora sabe todos sus derechos, y eso no me parece mal, pero un derecho tiene también una obligación como respuesta. Digo, a mi me educaron de esa manera. Si vos tenes derecho a esto, y yo te doy esto, algo me tenes que dar a cambio. No se si vos visteis el barrio de las láminas?

[Manuela] No.

[Olga] Bueno, es un barrio que se construyó, lo construimos todos, porque pagamos impuestos y con esos impuestos se construyó. Se regalaba a gente que había hecho un asentamiento. No me parece mal, todo el mundo tiene derecho a la vivienda, hay que levantar los que están más abajo para llegar a un determinado nivel. Estoy de acuerdo, totalmente de acuerdo. Pero yo te pido algo a cambio. Yo no te doy nada por nada. Vos me venís a pedir, yo no te doy dinero. Si me venís a decir que me cortas el pasto, y me cortas el pasto, yo te pago. Pero de la nada, no. A mí no me lo dan. Y se genera ese asistencialismo que yo no lo soporto. Se mal acostumbran y después la derecha te castiga, te dice que estas manteniendo inútiles, y en parte es cierto. Y no hay políticas de viviendas para los jóvenes, por ejemplo. Porque hay una cantidad de jóvenes profesionales que están contribuyendo económicamente y por lo menos les abris la puerta. Yo tengo todos los gurises, hijos y sobrinos todos, se han hecho su casa por su cuenta. No porque hayan accedido a políticas de gobierno. A mí es doloroso, porque es una de las cosas que yo esperaba. No voy a votar otra cosa, obviamente, pero te caen las medias. Y entiendes cuando la derecha tira esas cosas. Porque si uno que es consciente, que lleva toda una vida intentando entender a esas cosas reacciona así, imagina los que votaron... peor. Es bien complejo.

[Manuela] ¿Y a vos te parece que porque está mejor ahora Uruguay la gente se empezó a volver o tiene mas que ver con la crisis de allá. Porque la gente se empezó a volver, ¿no?

[Olga] Yo pienso que la gente se empezó a volver en parte porque Uruguay esta mejor. Y también suma lo otro. Porque si estas en un lugar extraño y las cosas están. aunque los que están en España... es jodido. Y aun así hubo gente que se quedó. Hay un chiquilín que es hermano, hermano adoptivo. Y se fue con nosotros para allá y se quedó. Se casó con una gallega y se quedó viviendo en Lanzarote. Estuvo sin trabajar, hasta ahora tienen dificultades, pero ellos se quedaron. No se vino para acá; Y ese no se viene. Porque ya se casó con una mujer de allá, tiene hijos allá, ya tiene su casa, no se vuelve. Y conozco gente que se volvió y se volvió a ir. Porque no se adapta.

[Manuela] No se adapta a la vuelta, ¿no?

[Olga] Si. Para mí tiene mucho que ver con los valores de cada uno. Si a vos lo material te pesa, obviamente allá ni siéndolo más pobre estas al nivel de pobreza de acá. Obvio, es distinto. Es otra realidad. Pero, sinceramente, a mí me gusta más esto. A mí me gusta más esto. Me siento más a mis anchas. Y no es porque no me allá adaptado, porque las mismas cosas que hacia acá, las seguí haciendo allá. Pero no me cambia a mí por dentro. Este es mi mundo. El contacto con la gente, que vos salís a la calle y conoces a todo el mundo, y paras a conversar. Aunque yo en arrecife era lo mismo. Mi marido me decía “vos conoces más gente que yo” Porque yo me quedo con la gente. A mí me gusta la gente. Conoces al otro y el otro te conoce. Pero esto es más lindo. Si la calle está llena de pozos, ojalá no estuviera, pero no te cambio esto por ir a vivir al primer mundo. Los valores son otros, hay más humanidad. A pesar de todos los defectos, que no es que idealice, no estoy idealizando esto. Pero me colma mucho más. Eliseo Porta decía una cosa que en los pueblos vos te sientas y sabes la gente que anda, conoces, y eso no lo encontras en la ciudad. A mí no me gusta la ciudad. Aprecias otras cosas. Y no tiene costo, porque, yo que sé, me da ganas de ir a caminar y voy. Y eso que no es para nada como era cuando nos criamos. Por ejemplo, nos criamos ahí adelante, corriendo frente a la cancha, en el campito ahí a frente. Y de noche mi padre se sentaba ahí afuera y quedaba nos mirando jugar. Y eso ya no se da tan así. Pero igual. Es distinto. Y poder juntarte con la familia, y todo el problema de los viejos. Nosotros cada una sale y va, no. Nos juntamos. Todos los días nos vemos. Y si vive en la ciudad, que los vas a ver. Yo me acuerdo en Montevideo, nunca fui tan desgraciada como cuando vivía en Montevideo. Librerías, bibliotecas, teatros. Y no accedía a nada. No tenía dinero, no iba. I acá, sin embargo, viene algo, viene gratis. ¿Allá salís a apreciar la naturaleza, conversar con el vecino? No. No lo cambio.

[Manuela] ¿Así que no piensas ir de vuelta?

[Olga] No. No. Después que nacieron mis nietas menos. No que me alegro de haber venido antes que nacieron, de poder disfrutar. Eso si que es una maravilla, eso si que es un regalo de la vida. Ver esas cositas crecer. Uno con los hijos comete mil errores, ya con los nietos es otra cosa. No son tu obligación, entonces es puro disfrute. Toda la vida, todos... No conozco a nadie de mi familia que no sea de acá. Todos de acá. Mis bisabuelos eran españoles y portugueses,

o brasileiro... Llegue hasta ahí, buscando partidas de nacimiento. Hasta los bisabuelos. Y del lado de los Traba hasta los tatarabuelos. Y Fui a España del lugar de donde salieron. En Galicia, en un pueblito que se llama San Salvador. No quedan prácticamente Traba en Galicia. En otros lugares de España si. Pero fuimos y ahí hay un pueblito que se llama, Traba. Y ahí hay una laguna... Pero fue una cosa mágica. Porque un año sorteamos con un grupo de amigos que viajábamos todos los años, en febrero.

[Manuela] ¿Españoles eran?

[Olga] Si gallegos, de canarias. Eran siete parejas. Y ese año querían ir a Inglaterra, a Londres. Y yo no quería ir a Inglaterra. La comida de los ingleses es un asco, yo no hablo inglés. Vamos a Galicia. Y ta, nos organizamos y nos fuimos a Costa da Morte. En pleno invierno, habíamos alquilado un auto, y yo con el mapa, buscando la parroquia de Traba. Y de repente, estaba gris todo, no, y sale un rayo de sol, y el sol justo ilumina el cementerio de la parroquia. ¡Fue mágico! Encontrar el lugar, en realidad no es el lugar de donde salió mi familia, pero el lugar del apellido. Condes eran. Criaron a un rey de España. Algunos se hincharon acá cuando yo comente. Risos. Como chiste sirve. Mi padre dijo “pero che, ¿no habrá nada para reclamar?” Un condado para nosotros, ¡imagínate! Si los españoles ya se repartieron todo, ¡incluso lo que había acá! Pero muy lindo, una zona preciosa de España.

[Manuela] Bueno, ya te estoy tomando mucho el tiempo, ya hace mas de una hora...

[Olga] No, mira, estamos en contacto por whats app, seguimos hablando, y yo te pongo en Contacto con más gente. Tengo compañeros de trabajo, hay otros muchachos también... Hay pila de gente. Y hay gente que esta allá todavía también. Hay pila de gente... Yo me he encontrado con gente que me conocía de la asociación de Fuerteventura, y estaba pintando la casa de mi hermana y me pregunta “usted sos la Traba, no?” digo que si y dice “usted es bien buena!” y yo no sabia quien era. Risos. Me dijo el nombre y que vivía en Fuerteventura. Claro, mucha gente me llamaba y yo solucionaba problemas, de buscar un abogado o cosas así, pero ta, era no porque fuera muy buena, pero porque al

conocer tenias mas facilidad. Aparte yo tenia trato con una asociación de mujeres que había en la otra isla y tenia mucho más facilidad...

[Manuela] ¿A fin de cuentas eras una figura de referencia allá?

[Olga] Es que era la cónsul! De hecho era la cónsul. Risos. Eso el me dijo! "Usted era cónsul" Yo dije que yo nunca llegue a ser cónsul, no oficialmente. Y, claro, yo tena papeles. Sabia todos los tramites que tenia que hacer para empadronarse y todas esas cosas. Entonces yo me agarraba todos los paquetes de cosas y me iba, no estaba trabajando, me iba al ayuntamiento y empadronaba todo. Y lo otro era las cartas invitación. Si ibas con una carta invitación no te hacían problema para entrar. Y nosotros hicimo pila de cartas invitación. Cuando nos enteramos que significaba, dejamos de hacer.

[Manuela] ¿Como funcionaba eso?

[Olga] Ibas a un notario, hacias la carta invitación, y la persona iba, tu responsable era esa persona. Pero después nos enteramos que si a la persona le pasaba algo, si se enfermaba, vos tenias que pagar los gastos. Entonces era un compromiso de la gran siete. Entonces ya no lo hicimos más.

[Manuela] ¿Y eso para gente que migraba mismo?

[Olga] Si, para gente que se iba. Bueno, para Damiana (la hija) claro. Victor, el hermano de mi hermano, se fue con nosotros sin invitación. Fue con una beca. Una beca de seis o tres meses, no me acuerdo. Iba mantenido y tenia ese interin para buscar trabajo. Y pronto consiguió. Pero se porto tan bien que se quedo un año con nosotros. Despues se caso y todo. Pero nosotros no llevamos la invitación, y cuando llegamos al aeropuerto... ay, que terror. Claro, nosotros pasabamos por la zona de europeos y el tubo que entrar por la otra cola, y cuando yo veo lo llevaron para tras. Y allá Sali yo corriendo y me dejaron pasar. Ahí yo dije que venia con nosotros. Que era invitado nuestro. Y ta, lo dejaron entrar, no paso nada. Pero el pobre Victor temblaba. Y el otro caso que lo hicimos era una pareja. El era carpintero y ella trabajaba como domestica. Y se fueron los dos bien arreglados. Y el era negro. Y vos podes creer que a ella la hicieron dar vuelta y el entró? A nosotros nos sorprendio totalmente. El entro. Y ella tubo que dar vuelta. Y en Fuierteventura me acuerdo que a veces recorrían los lugares

de trabajo y sacaban los muchachos. Y de noche me llamaban. Un muchacho de Bella Unión una noche me llamo, que le habían sacado el pasaporte y todo. Pero se hizo de amigo de los milicos, y no se como hizo, pero sigue allá! Nunca se vino. Un personaje es. Bueno, cada historia hay de la gente. Ahí en la cola esperando. Uno contaba. Nunca había trabajado de albañil, pero se fue anotar para trabajar de albañil. Era lo que había. Entonces repetía todo lo que decía el de adelante. Riusos. No tenía ni idea. Y este esta allá hasta el día de hoy. El otro que sabía, que trabajaba de albañil se vino. Tienes que buscarte, no tenes mas remedio. Mira, uno de los cuatro esos que conocimos en la calle, que después se hicieron amigos nuestros era de Treinta y Tres. Un hombre chiquitito, pajarito le decíamos. Y al hombre le costaba horrores para la construcción, no podía trabajar en la construcción, un hombre flaquito. Entonces anduvo,. Hacia una pintada por acá, otra por allá. Nunca trabajo fijo. Y que hacia el infeliz, andaba todo el día. Cuando no andaba trabajando andaba buscando, dando vuelta. Se compraba una lata de atún, o una lata de arvejas y era lo que comía. Dejaba el bolso en el supermercado, sacaba la llave y de tardecita lo venía a buscar. Horrible. Pero estaba en Lanzarote. Era empleado de meteorología. Tenía un sueldo público, tenía casa. Entonces hay gente que se va un poco por la aventura. Y el quería volver allá. Hasta hace poco quería volver. Y yo le decía, ¿pero pajarito, que vas a hacer allá? ¿En que vas a trabajar? Pero el volvió. Había sacado una excedencia y volvió. Dejo su casa, su familia. Y él vivía bien. Pero ta. Hay gente que vive así, de eso, Te sacas una foto, al lado de un auto bueno, en un apartamento que no es tuyo, pero igual, es como que estás viviendo en otro ambiente. De cada uno la idea que tiene de lo bueno.... Yo lo que no me imagino es en un lugar donde no entienda el idioma.

[Manuela] ¿Así queda mucho más fácil, no?

[Olga] Sí, no tenes esa barrera. Imagina que vayas a hablar y nadie te entienda nada. Como si te fueras a Suecia, por ejemplo. Además, el frío, a mí me mata. Y más cuando te vas y no podías volver. Porque si uno se va y sabe que puede volver ta, pero cuando te ibas y no sabias si podías volver, en la época del exilio mismo... ah, ni loca. Y allá lejos está todo lo que quiero, todo lo que a mí me gusta.

[Manuela] ¿Claro, es distinto ir eligiendo, no?

[Olga] Si, claro. Yo me fui porque quise.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM EMMANUEL BOGLIACCINO

[Manuela] Habláis todo lo que quieras. A mi me interesa escuchar la historia.

[Emmanuel] Bueno, mira, en realidad yo me fui cuando tenía 14 años, obviamente era menor de edad, y dependiente de tu padre.

[Manuela] Fuiste con tus padres.

[Emmanuel] Me fui con mis padres. Era un momento que Uruguay atravesó una crisis, que era una más grande en 2002, 2003, la devaluación del dólar, mi padre también tenía un comercio, [...] mucho el comercio. Mi madre tenía a la familia ya las hermanas en Miami.

[Manuela] ¿Y vivían acá en Bella Unión?

[Emmanuel] Nosotros vivíamos en Bella Unión. Mi tío vivía en *Artigas* [*Tartillas?*]. Había ido dos años antes y entonces está acá en Uruguay empezó mal la economía, como que era, se venían todos para bajo. Mi madre siempre fue de apostar como en la educación de los hijos. Por ejemplo, siempre se aseguró que estudiáramos inglés, hicimos inglés, italiano. Más de educación que capaz que no tanto irnos de vacaciones todos los años. *Malamente* la idea de lo uruguayo; lo uruguayo está aquél que buscó educación aquél que buscó placer. Él que vive el día a día y él que piensa mañana. Y siempre fue así. Mi madre en eso, mi padre, como que en una hora pensaron en el mañana, como que pensaron en nuestro futuro. "Que si nos quedamos en Bella Unión. Bella Unión tiene 4, 5 años malo. O sea, te iba a empezar a comer, digamos, tu capital, tu ahorro, los hijos a dejar estudiar inglés, porque inglés es caro y tiene que empezar a esto. Iba a empezar a reducir gastos a ver si levantaba el Uruguay. *Antes* que corras tanto riesgo, aparece ahí una oferta de trabajo allá en una empresa de seguro. Mi papá trabajaba en *la misma cosa* de seguro acá en Salto y, dale, una visa de trabajo por un año y bueno está ahí, como que no

era nada del otro mundo y decidieron a arriesgar. Yo sí era el menor, mis hermanas... Yo tenía 14 años. Mi hermana ella tenía 17 y la otra tenía 19.

[Manuela] ¿Fueron todos?

[Emmanuel] La mayor no se fue. La mayor quedó, estaba en Montevideo porque estaba novia con un italiano que venía seguido a verla y ellos tenían el plan ya de irse. Ella tenía la mente muy abierta de... digamos, ya veía que el Uruguay venía mal y ya no le gustaba el Uruguay, que acá no se crecían, que acá no habían futuro, que acá vives un día a día, que *pasas* sentado en la vida tomando un mate, ya se iba. Entonces ya había planificado irse a Italia, ya que tenemos la documentación italiana, y [...] me voy a allá, [...], si no me gusta, nos venimos. Hay que tener la mente abierta a veces a probar. Hay gente que es capaz que tiene mucho capital y nunca salió del Uruguay, o nunca subió en un avión. O te hablan de un avión como estuviesen hablando de una bomba, ¿entendéis? O sea, parece mentira pero el uruguayo tiene muy poca cultura. Y nos fuimos a los Estados Unidos, obviamente el primero año era de difícil adaptación. Es como que tú te trasladas de un mundo a otro.

[Manuela] ¿Pero vos ya hablabas inglés?

[Emmanuel] Yo había estudiado inglés. Ha estudiado 6... Estaba en *senior 5* en ese momento y creí que sabía inglés, llegué allá y me *di cuenta* que no sabía nada. O sea porque la... Escuchar y hablar tiene una fluidez única. Era americano, te hablan un inglés muy cerrado. Entonces yo veía anuncios escritos y los entendía a veces. Pero después te hablan, es como el español. Un americano o un inglés que estudia español, te vas a estudiar español de España. No te vas a estudiar un "tche", "ta", expresiones que cada país tiene. Entonces era entender o no entendía nada. Obviamente, me inscribieron a High School, porque me faltaban terminar 2 años para que lo que vendría a ser el liceo allá. No te lo miento, en los primeros 2 meses no sabía ni donde estaba, no entendía nada, pero siempre hay un programa en Estados Unidos que los llaman ESL [English as Second Language], que en el cuál te dicen cuando el inglés no es tu lengua primaria, te meten en un programa ESL que es un poco más... Te

enseñan en inglés. Nunca te enseñan el inglés en español. Si vos querés aprender el inglés, tenéis que aprenderlo mientras que te enseñen en inglés. Si quieres aprender francés, tienen que enseñar en francés. Eso de que yo, si hablo español, te enseñó en español el inglés, no vas a lo aprender nunca. Así como que creo en todos los idiomas. Yo lo comprobé porque te puedo decir que, en menos de un año, yo ya entendía. Yo llegué allá y abrí un poco la cabeza y me metí en un equipo de basketball que es todos morenos. Los morenos hablan el inglés más fluido que cualquier americano y me metí con ellos y empecé por el basketball. Me gustó y empecé a hacer un grupo de amigos, me empecé a juntar con unos americanos y con algunos argentinos. O sea, esa es una otra: si vos te vas y te juntas con gente que habla español, uno no se aprende nunca el inglés. Puedes vivir 40 años en Estados Unidos, 20, 30, 35, no vas a hablar nunca una palabra de inglés. Llegas, te metéis en una high school y te rodeas de gente que hablan inglés, y lo vas a aprender en seguida. Y eso fue lo que hice, me empecé... A los 2 años ya me sacaron del programa ESL. Me dijeron que ya estaba capacitado. Ahí tenía que entrar a la universidad. Entré en College, primero que es lo mismo que universidad allá y es un Community College, se llama, hice 2 años, encaminé el tema universitario, trabajaba en una importadora/exportadora...

[Manuela] ¿Siempre en Miami?

[Emmanuel] Siempre en Miami, siempre en Miami. Y en una importadora/exportadora de [...], por mayor, empecé a venir en Uruguay, justo [...] empecé a venir en Uruguay seguido. Venía y veía mucho la diferencia, o sea entre mis amigos, entre mis costumbres. Ta, el tema de hablar, por ejemplo, con el acento, se te pierden algunas palabras. Miami tiene mucha gente de todos lados. Mucho colombiano, mucho venezolano, cubano, puerto riqueño, americano, entonces el español de allá nunca sabes cuál es el correcto porque todos hablan un español diferente. Aunque parezca mentira, tenemos expresiones diferentes dentro del español. Palabras que... Hay una palabra, por ejemplo, el "arrecho" para un colombiano es arrechó como "¡Pa, está buenísimo!", o sea está arrechó. Para un venezolano, que es país fronterizo, "arrecho" significa que estás excitado. Para que veas la diferencia y como esa y

varias palabras, entonces dentro mismo del español si encontramos varias diferencias, en inglés es lo mismo. El inglés viste es un idioma, siempre que más pequeño, más reducido en palabras, pero es más fácil de aprenderlo. Cuando estaba en universidad, empecé a estudiar, obviamente empezáis a ver cosas, empecé [...] tema a fin con Contabilidad, después me pase para tema de Finanzas. Me gradué para largarlo un poco, me gradué en Finanzas y Economía, hice un posgrado en Finanzas Estadístico-Financieras. Hice un posgrado allá, estudié en FIU [Florida International University], me recibí allí y hice un posgrado en UM [University of Miami] de Miami. Siempre que entré en universidad, estuve trabajando y me trataba de pagar lo que más que puedas tuyo, conseguía becas, conseguía cursos, nunca financié con el gobierno. Allá te hacen una financiación 100% si queréis y tá, y lo que te puedo decir es que agarré experiencia laboral, empecé a trabajar en bancos. Después empecé a trabajar en un banco, el Bank of America, [...] *City Bank*, después empecé a trabajar para un privado cuando me recibí... Tuve una oferta de un privado, [...] tenía ofertas para irme a Chicago porque la universidad allá te ayuda mucho. Allá la universidad es muy diferente de educación acá. En Estados Unidos, por ejemplo, te puedes ir, si vos vais a estudiar Estadística, te enseñan Estadística. No te vas a enseñar ni clases de Literatura, ni clases de Dibujo, que a veces te atrasan tu estudio, como pasa en Uruguay, allá es específico. Entonces por eso yo creo que a veces dicen un contador allá es bueno, pero un contador tiene más conocimiento amplio. Pero porque allá si vas a estudiar eso, te enseñan eso. Empezáis agarrar experiencia laboral, hay mucho campo de trabajo, hay mucha mente abierta. Recibirse es una meta, digamos, que todos se la plantean, el tema de universidad. Acá en Uruguay yo veo que nó. Por ejemplo, yo venía acá y veía que mis amigos eran 30 de los cuales 5 seguían estudiando. Los otros 15 dejaron de estudiar, se metieron a trabajar en alguna fabrica, en algún otro; en vez de estudiar se compraron un auto y viven a su pueblo. En vez de estudiar, dicen que [...] no vas a estudiar y vos *estáis de vacaciones*. Vos veis la mente de 2 mundos diferentes. En Uruguay, el uruguayo es muy conformista. Así como en Miami, conocí uruguayos que estaban estudiando allá, que tienen bastante poder adquisitivo en Uruguay y los cuales reconocen que el uruguayo, en general, es conformista. Son muy pocos los empresarios, muy pocos los que tienen visión. Eso me di cuenta porque conocí allá y porque yo venía a cada 3, 4 meses me daba una

escapada de 3, 4 días y se via mucho la diferencia, yo ya la via con mis amigos. Mis amigos, los temas que te venían, los planes que se hacían y las metas que se habían logrado. Ya me estaba recibiendo, estaba trabajando, muchos amigos míos ya estaban recibidos, no tenían trabajo. Hay un amigo que ya se llevaba 2 años recibido y, el sueldo o el estilo de vida que se estaba dando como contador, para mi... ¿¡Tanto sacrificio para vivir como que así?! Como que no le veía mucha, mucho premio, digamos. Mucho resultado. Entonces, ves mucha diferencia en ese lado. Te abre mucho la cabeza, tipo allá en el tema de negocio me *enquilé* con bastante gente de mente abierta, con gente empresaria. Trabajaba para empresarios, trabajé para empresarios... Un empresario sólo maneja más de 140 empresas, es venezolano, anda en todo lo que es industria. Me abrió mucho, me enseñó, me aconsejó, me corrigió, me ayudó en *partir* la primera versión que hice fue con el. Hasta hoy en día trabajo para el, desde acá. Cuando voy, llevo trabajo, siempre una cosa o otra que me pide. Allá hay gente empresaria, viste, que aprendéis, ves, tenéis visión. O sea, te das cuenta de que siempre hay más para adelante. Como que la meta no es tener un auto. La meta no es tener 2 parlantes. La meta no es [...] 10 días en Punta del Este y con un credito. Acá tienes que hacer las vacaciones con un credito. O sea, llega marzo y acá no hay plata. Llega fin de mes y acá no hay plata. Eso pasa sólo en Uruguay porque es un país, para mí, de tercer mundo. Estados Unidos, por ejemplo, el pago es semanal. Entonces yo creo que la economía allá te mentaliza diferente. Hay un consumo enorme. La gente cobra por semana, entonces eso le favorece a la economía del país de que nunca hay un fin de mes. Nunca hay un esto que en Uruguay lo que yo veo es eso. Yo hablo, por ejemplo, cuando vine, empecé a venir, venía a un baile acá y yo veía el baile lo que era, más o menos, la infraestructura que tenía, la inversión que tenía el capital o el capital que precisas para hacer un baile de eso y se vía el retorno. Yo veía cuanta gente iba, más o menos, comparaba en una cantina cuanto vale una bebida. Iba en el free shop o en un lugar y veía cuanto salía el costo y a cuanto estaba vendiendo. Ya más o menos como que empezáis a tirar la visión, viste, pero una visión que yo, quizá lo aprendí allá porque acá mis amigos nunca veían eso, o no lo entienden, o te dicen "¿Ah, porque tenéis que verte un baile acá? *Esto también es tu baile.*" Y yo digo: "Sí, porque..." no le vas a dar explicación, pero yo vine acá y vi que, con poco capital, hacías un buen negocio, podría *marcar una*

inferencia, y el margen es grande. Yo me dé cuenta que el uruguayo, por ejemplo, yo vi una discoteca allá. Llegué, abrimos... Venía, bueno, iba con unas hermanas [...] el baile es una cagada, no tenía nada, no tenía infraestructura. Yo veía bailes de allá que nada que ver. Y está como que salió la idea, planteando [...] Nó, como que la gente tiene miedo de dar ese paso. "No, ya hay uno..."

[Manuela] No quieren arriesgarse.

[Emmanuel] No quieren arriesgarse. Prefieren no hacer nada y yo me quedé con esa, con esa espina y hasta que un día la invité "Vamos hacer un baile acá" y ahí "¡Está bueno!". Cuando busqué socio, no tuve. Tuve gente que me ayudaba pero no bueno, "Ta, vamos hacer todo a medias". No encontré nadie [...] y vamos a hacerlo así. Yo vivía allá todavía. [...] yo me organizar para ver si "Ta, a ver... tengo un trabajo, tengo unas propiedades allá" y digo "Ta, ya tengo mi ingreso [...] Me hice ciudadano, ya me recibí, tengo posgrado". Es un arma que te vale a cualquier momento, mismo a Estados Unidos, y "Ta, tengo todo al día". Y vine a empezarle la discoteca, obviamente fue la novedad, empecé a trabajar bien, empezó la competencia. La gente uruguaya compitió de una manera barata. La competencia mía era con [...] negras. No era con competente de calidad que te buscaba saber [...] Entonces te dás cuenta la mente del uruguayo, como compiten los uruguayos y como tienes que matar eso. Fue algo medio negro, [...] de una manera, pero ta, se pasó esa etapa. Entonces lo que yo veía fue eso. Yo [...] eso. Uruguay es un país que es difícil de invertir acá. El comercio no anda. Es un país que depende de Argentina, depende de Brasil, entonces no podés hacer nada referente a eso. Vendes ropa. Mañana te baja el peso argentino, no vendes nada. Vendéis caldera, mañana te baja el peso argentino, te abre un free shop, te mata. Entonces como que el comercio te va muy bien, pero se te puede quebrar de noche a la mañana. Mañana el dólar quiebra y vos quebraste. Y debeis plata y debeis allá y tenéis que estar vendiendo y tenéis que pagar alquiler y tienes proveedores y tienes clientes. Yo veo, por ejemplo, el Uruguay es un país que está, para mi están malas las leyes. No estoy de acuerdo como se manejan las leyes del tema del empleado, los derechos del empleado, el tema de sindicato, el tema de obligaciones. El empleado manda. O sea que pasa, si estás en un país que el empleado tiene más derecho que jefe, este es un país... Yo lo

comparo con Cuba y Venezuela. Capaz no a ese extremo. Dónde le dan el derecho al pobre. El pobre... Y todo arranca en la política de que todo voto vale uno. Ya en Estados Unidos todo voto no vale uno porque en Estados Unidos no hay obligación en votar, no gana el que tiene más votos. Gana el que gañe en los *países* de economía. Entonces es diferente la votación. Si lo explico, me demoro mucho, pero es muy diferente. En Uruguay, no. En Uruguay, vos queréis, si queréis ser el presidente o, por ejemplo, en Italia vos tenéis que tener mayoría de votos. Si vos tenéis que tener mayoría de voto, vos sabéis que el voto más fácil de comprar es el voto del pobre. Entonces el voto del pobre y clase media para bajo. Para comprar ese voto, ¿cómo lo ganáis? Mintiéndole, haciéndole promesas y dándole derechos y obligaciones porque ese pobre y clase baja para bajo no es dueña de una empresa. Entonces que pasa: si vos le vas, tenéis que dar más derecho a el que al empresario, entonces va a estar contente contigo. Entonces yo creo que toda arranca de esa política y economía del país. Por eso es la mente de la gente de la sociedad como está y esto es una cadena que engancha con la otra. Esto es una cadena que cada hora se engancha con otro. Como te digo, o sea, tenéis una empresa acá y tenéis un empleado que te llega la inspección, que te reclama eso, te reclaman al otro. Te rompen el vínculo trabajando y después los empleados son dueños de la empresa. Si no les gusta, te paran. Te hacen un paro, estás en un sindicato. Date cuenta que una semana al mes te hacen un paro de ómnibus. ¿Quién sale perjudicado? El estudiante. ¿[...] con un senador, un presidente, le va a importar un paro de ómnibus? Andan en BM, en Mercedes, no andan en ómnibus. Pero hacen eso para llamar la atención del país. O sea, y si mal o bien se están cortando las patas entre ellos porque se están cortando las patas de los que estudian a Salto, que estudian a Montevideo, que se quieren venir [...] y hacen un paro de ómnibus. Entonces no logran nada, yo creo que las decisiones que toman las empresas, o sea el tema de los empleados no logra porque el paro quien lo hace es el empleado, no lo hace el dueño de la empresa de camiones, lo hace el empleado. Entonces el empleado lo hace poco lo mismo. Hace un paro de camiones, vamos a parar todos los camiones y nos paran las fabricas porque no nos están pagando lo que queremos. El dueño de la fabrica, el que cria el trabajo, el que invierte, el que mete capital y después los empleados van y ponen un camión a la puerta. Y las leyes, siendo más extenso, las leyes de jugados, de la justicia, no son capaces

de poner una ley que diga "No, saca ese camión de ahí, pues si no se lo ponemos fuego". Estados Unidos, si el empleado no está conforme, se va. No existe sindicato, todos los empleados tienen derecho, todos los jefes tienen derecho. Si te quieren correr, te corren. No hay que me presenten *especial*, no existe eso. Tenéis que tener una justificación, pero en el Estados Unidos el que manda en primero es la empresa. El empleado está conforme se va, no hay de que tengo historial, tengo tal... Para que tenga una idea, en Uruguay, después de un año, tenéis 21 días de vacaciones. ¡Es un disparate! Un disparate. En Estados Unidos, después de un año, tienes 5 días hábiles de vacaciones.

[Manuela] ¿5 sólo?

[Emmanuel] 5. Entonces la gente ya no está acostumbrada a vagancia. Acá, cualquier paro, la gente ya no va. Acá llueve, el empleado no te va. Te llegan tarde. Allá hay una mentalidad de que es minuto por minuto. El tiempo vale. O sea el tiempo no dejas correrla. Es más acelerado, más acelerado en Estados Unidos. Si entráis a las 8, tienes que estar 8 menos 10. Acá, si tienes que estar a las 8, llegas 8 y cuarto con el mate. Y charlando, saludando. Empezáis a trabajar a las 9. Entonces que pasa, si ya arrancas con esa mentalidad, ya es esa la sociedad, estás dando cuenta que alimentais al pobre, le das vida al pobre, le das todo, le quitáis, le metemos los impuestos al que tiene, lo cargáis de impuestos, lo cargáis de gastos, entonces que pasa, te corres a la empresa. Al correr la empresa, ¿quién gana? El país, a la larga, no gana. Pero, a la corta, si gana porque gana votos. Mañana se postula y lo que pasa, por ejemplo, si o no a la política, pero, por ejemplo, "¡Los blancos, no! Porque a la época de los blancos..." ¿Que va a decir la clase media? "No, los blancos nos mataron de hambre. Los blancos no hacen cuanto... Ahora con el *flote* está lindo." ¿Está lindo porqué? Porque piensan que están haciendo las cosas bien. Entonces capaz que haces algo bien, pero sale algo mal. Seguro que es todo... La política maneja mucho eso y ellos se influyen en la sociedad y una cosa engancha en la otra. Entonces ya voy, en el tema, cuando venía para cá, todas esas cosas las veo, las veo porque viví allá. Porque si yo estuviera acá, yo no vería. Es capaz que yo hoy estaba de acuerdo con las cosas. Yo veo acá y les digo a la gente que trabaja conmigo, yo tengo 18 empleados en la discoteca y les digo: "Miráis,

si van a estar conmigo, yo hago la mente mía. ¿No te gusta? Te va. ¿Me quieres hacer un juicio? No *tenemos* un juicio. Yo no les tengo miedo y si tengo que enfrentar, enfrento y lamento, ¿entendéis? Pero acá la gente ya tiene la mentalidad de que tiene derecho, de que tiene [...]. Conozco a mucha gente que no estudió, está acomodada, su trabajito acomodado. Entonces un trabajo acomodado es gente incapacitada. Allá, así se hace dijo el dueño: "Vos, para que llegáis a un puesto, tenéis que estar capacitado." No te digo que no influye, pero yo veo que allá, por ejemplo, a esta persona que vez o otra trabajo para el, que es, la verdad, es un empresario ejemplar, los hijos y los sobrinos de el estudian. Y el exige el estudio y no es que "Ah, papa tiene plata, tengo el futuro asegurado." Acá piensan que, porque tu padre o tu madre tienen un capital, "Ah, el hijo de fulano ya va a estar bien" y no es así porque pasa mucho "Ah, no, fulano tiene campo y campo vale, tiene plata", no es así. Allá no está tanto esa mentalidad. Yo me lo la veía. Yo conocía gente que estaba en buen nivel económico allá y se rompían estudiando y empezaban de zero y agarraban en otras empresas afuera para después venir implementar una idea. Entonces yo creo que a veces tenéis que aprender, observar y sacarle el fruto. Acá en Bella Unión. La discoteca yo lo vi como [...]. Acá la gente no piensa. Acá la gente *arranca* plata y la gasta. La gente vive la fiesta. La gente no te paga un teléfono, pero sí te compra una cerveza. La gente acá capaz está estresada ¿y como se desestresan? Haciendo un baile, tomando y olvidándose que en la casa hay problema. Entonces, si vos queréis sacar provecho, tenéis que ver que es lo que la gente le vas a sacar provecho acá. ¿Para que venís y armar una joyería si la gente no va a comprar joya? ¿Para qué venir acá y armar un precioso restaurant si después te venden choripan en la esquina y te matan? A ver, hice un baile, lo haces relativamente al estilo de acá, que la gente para... Yo siempre digo, la gente para plata y salir a moteles siempre tienen. Para ir a baile y a motel siempre tienen. Eso es una cosa que es de acá. Abri una discoteca...

[Manuela] ¿Cuando volviste, volviste derecho a abrir la discoteca, entonces?

[Emmanuel] Vine derecho, o sea la fui abriendo...

[Manuela] Ya tenía la idea.

[Emmanuel] Ya tenía la idea, la fui haciendo y cuando vine la abri. Y hasta el día de hoy, cada vez [...] más de razón de como son las cosas y me fui sacando todas las dudas de porque y la diferencia que veo es esa. El uruguayo es muy conformista, tiene miedo de invertir, le gusta depender de otro, ¿sabe? No le gusta arriesgar. Como digo, si tienen 50 mil dólares, en vez de... O están trabajando en un baile, nunca son capaces de "Sabéis que me gusta de trabajar en el baile, pero yo empiezo a querer tener un baile". El uruguayo no piensa así. El uruguayo piensa que ese baile va a estar abierto, no piensa si en 10 años el baile va a estar abierto o no, te trata a veces de matar el jefe sin pensar que si era la vaca. Vos toda la vida le sacaste leche, la matáis, no va a dar más leche. Como dice el refrán, esas cosas. Y es lo mismo: acá el uruguayo no piensa en eso. El uruguayo tiene visión muy corta.

[Manuela] ¿Y en que año fue que vos volviste?

[Emmanuel] Volví en el 2013.

[Manuela] Ya tiene 4 años, entonces.

[Emmanuel] Tiene 4 años.

[Manuela] ¿Y volver con toda la mentalidad distinta que era allá y es acá, para vos, personalmente, tuvo dificultad de adaptarse a la vuelta y eso?

[Emmanuel] Sí, sí. Ahí va mi personalidad. Como te puedo decir... Yo soy una persona capaz que "[...] Tienes allá. Tienes tu casa, que esto, tu auto..." Si vos miráis el lado de comodidad, sí, sí es un atraso venir para cá. Y yo lo miro por la...

[Pausa no áudio]

[Emmanuel] Sí, entonces la adaptación, viste, como que yo la veo, por ejemplo... Si te va a comparar en el tema de las [...] es un desastre, la educación es un desastre, los robos que...

[Manuela] ¿Vos volviste sólo?

[Emmanuel] Yo volvi sólo. Volvi sólo. Y ahí creo que yo, por ejemplo, mis hermanas son diferentes. Mi hermana no es tanto arriesgada y como que yo digo no tengo hijo, no estoy casado. Yo, como que, mi suerte y que quería arriesgar y para mi hasta el día no me arrepiento. Las diferencias son enormes. Adaptarte, yo te puedo decir, sinceramente, que no me termino a tragar, así, en el sentido de que, ta, estoy yendo seguido para allá, estoy en desacuerdo con muchas cosas de acá...

[Manuela] ¿Acá cuanto más o menos vas allá?

[Emmanuel] Todos los meses.

[Manuela] ¿Todos los meses?

[Emmanuel] Sí. Todos los meses [...] una vez por mes.

[Manuela] ¿Y cuando venías antes de volver de una vez, venías seguido también?

[Emmanuel] Acá venía seguido, tipo, con el tema de que, por los guris [...] la edad de 20, 18, 23 años venía poco por el tema de pasar... Venía 3, 4 días.

[Manuela] Claro, los amigos.

[Emmanuel] Claro, y después venía una vez por mes cuando estaba abriendo la discoteca.

[Manuela] ¿Y venías acá a Bella Unión?

[Emmanuel] - Venía acá a Bella Unión. Sí, venía acá en Bella Unión y sólo lo que traté fue de imponer algo diferente de la visión de la gente de acá y traje todo lo de allá. Acá la gente metían un humo enorme, inflaban, como que... "Ah, una discoteca de un loco de Estados Unidos". Yo no era ningún loco de Estados Unidos. Yo vivía acá y vine y la gente, claro, parece que acá la gente como que ve algo y ya enseguida lo empiezan a agrandar, ¿entendéis? Y ya está el cosa, acá como que la gente se impresiona mucho. Los uruguayos se impresionan mucho y, en realidad, como te digo, no ven las cosas como son. Se come cualquier [...], así como que te viene uno y los caga mentiras, ellos creen. En realidad, creo lo falta un poco de abrir un poco la cabeza a la gente. Eso yo lo veo mucho porque me di cuenta, hasta cuando uno hace un asado [...] te da cuenta. El tema de que te hablan, la edad que tienen, que hacen, el día a día que ellos tienen y yo creo que todos ahí es lo que en realidad... Digo, yo no creo que [...] Lo veo como que un atraso, muy conformista, ¿viste? Y entonces está ahí.

[Manuela] ¿Y tienes ganas de irte de vuelta?

[Emmanuel] Mira, tendría ganas de irme, capaz, no me cierra irme, pero, digo, mientras tanto la discoteca está trabajando bien. Lo veo como un negocio, acá. Lo veo como un negocio y no lo veo como mucho más que eso. No me planifico... Si mañana tengo un hijo acá o no, digo, ta, si me tengo que ir con un hijo, me iré. No me ata. Pero como que, la verdad, creo que si te atáis acá, caes en la misma, viste. La gente acá, que yo no lo puedo creer, que antes estaban bien y ahora están mal. Son muy pocos, digamos, los que yo digo "Sí, [...] Tienen mente empresarial, tienen ganas de hacer algo". Mira, una de las preguntas que me hicieron allá cuando *hice* el primer trabajo cuando entré en el banco, el que me la hizo gerente después que pasé la entrevista, el gerente mira y me dice: "Mira, sólo una pregunta", me dijo. "Dentro de 10 años ¿vos que pensáis a hacer?" Y yo le intenté explicar. "No, quiero estar mejor, quiero tratar de acceder a esto, al otro" y, ta, entré a trabajar. Un mes después, un día charlando con el, me dice una cosa: "Esa pregunta me la contestaste mal". Y dice "Ta, igual, ya estabas tomado, viste, pero tenéis una cosa: cuando te preguntan... Una persona que aspira y siempre es una pregunta muy americana, las hacen mucho en las

películas. Dicen: "Dentro de 10 años, ¿donde queréis estar?" ¿Sabéis cuál es la respuesta ideal? Que te da [...] Dentro de 10 años quiero estar [...] vos." Y eso uno no piensa y era la respuesta más corta y más sencilla. Dice: "Eso es lo que da visión a que vos no te vas a conformar". Así como estudiáis, "Bueno, voy a querer hacer un posgrado." Y no que "Ta, ya estudié, [ruído] papá, mamá, [...] cualquier cosa". Vos tenéis que pensar en vos y crecer como vos y si, como te digo, estás trabajando y ves que puedes aportar para salir de eso. O sea, que no te puedes conformar con lo mismo. Por ejemplo, yo tengo una discoteca acá y pensando en abrir otra en Salto, viste. Como que no te puedes conformar en el tema de: "Ta, me conformo con esto, estoy trabajando bien, me da *para la nata, para la sau*. Ta, estoy cómodo. Cambié de auto, estoy contento". Eso, para mí, no es progresar. Para mí, progresar es tener una visión y saber que estáis creciendo y que vais a tener otra estabilidad. En un país chico como Uruguay, tenéis que apostar un poco en la diversidad. No puedes depender de lo mismo porque es un país inestable. Por ejemplo, para el que planta, no podéis plantar sólo morrón. Por más que un morrón vale bastante, plantas cebolla y papa porque, lo que pasa, mañana el morrón no anda o hay un problema, vos tenéis la papa que te salva. Y en esto es lo mismo. Si vos tenéis empresas diversas, la diversidad es lo que te enseñan mucho allá. Siempre apostar en la diversidad por el tema de no ser un monopolio y no depender de lo mismo. En todos lados pasa eso. Y esa persona que es empresario ya, tiene 143 empresas. 143, 140 y pico y va de la industria de minerales al petróleo, la venta de diamante, minas y industrialización. O sea, así como te ves que no es mentira, él es el CEO, le dicen, de todas las empresas. Las maneja él, tiene una administración enorme, tiene más de 4 mil empleados y es un bocho enorme y algo ejemplar. Yo siempre lo admiré, digo sinceramente, te charla con la humildad cualquiera, te explica, te dice, te ayuda y eso también... Trabajáis con gente así y vos estáis dispuesto a aprender, voy a observar. Ahora, si yo me da trabajar para él y voy a estar envidiándolo, como hacen mucho acá en Uruguay. La gente en vez de querer aprender de vos, te envidian. Yo creo que va en la mentalidad, viste. Está el que quiere crecer y el que te envidia.

[Manuela] Y una cosa que yo he leído mucho de gente que es entrevistada, que vivió en Uruguay y vuelve, y que a veces la gente de acá no los tratan muy bien.

Porque dicen que lo dejaron el país y no sé qué. ¿Te encontraste con algo de eso?

[Emmanuel] Ah, [...] me dijeron eso que "Ah, disparaste a la época difícil, yo siempre estuve acá". Yo creo que eso es algo que no existe y lo veo como... Me dá vergüenza escuchar eso porque me dá lástima porque lo dice... Porque, la verdad, me veo, una vez me dice así, le di una respuesta: "Sí, yo tuve cá [...] y yo pensé en mi y crecí. Si tu país está mal, tenéis que migrar". O sea, no es que... No significa nada de superioridad, sabes, que si el país está mal, vos te quedaste, si tu podrías ir, te vas. Que le puedo decir: "Bueno, si vos no te pudiste ir, no es culpa mía".

[Manuela] Sí, ¿pero eso te ha pasado eso?

[Emmanuel] Me ha pasado, sí. Más de una vez te dicen como que "Vos fuiste... Como que vos no tuviste en las malas". Como que acá el uruguayo piensa que eso... Es como decir, si vos te lo dicen como para ofenderte. A mí en ningún momento me ofende. Es más, te digo, me lo dijeron más de una vez, como que "Ah, sí, *ahorita* sí, pero cuando estuvo mal el Uruguay te fuiste" y yo digo "Bueno, gracias a dios". Si le das la respuesta "¡Gracias a dios! Me fui, aprendi y ahora vine acá y soy tu jefe". Otra: "Si yo me quedo acá, yo estaría capaz sentado en uns esquina tomando mate con la señora, ¿entendéis?" Bueno, porque, lamentablemente es así pero me dan dicho, pero yo sinceramente, cuando hoy por hoy, tío ese el que me dice eso lo veo como mente pobre. Digo: "Lastima que piensas así..." Porque gracias, hoy en día el Uruguay se vive gracias a las empresas extranjeras. ¿Cuántos uruguayos son dueños de empresas acá? Son pocas. El uruguayo vive de los demás. [...] por dentro y digo, la verdad, es increíble que la gente piensa así que haberte ido es ser o cobarde o lo que sea porque, yo creo que, si te vas, estás buscando un futuro mejor. Cuándo te fuiste disparando una guerra ni buscado por Interpol [International Police] ni nada. Es bastante... Él que no se fue dice eso. Él que se fue nunca te va a decir eso. Él que no se fue no conoce otro mundo. Piensa que esto es lo mejor y que vivir en aquella casa preciosa es lo mejor. O sea, para mi lo mejor es capaz tener 100 casas de esas alquiladas. En cambio, la gente acá piensa que no. Entonces,

como que van mentalidades. Eso te lo dice uno que tiene mente cerrada y raramente... Creo que no sabe lo que dicen, sinceramente.

[Manuela] ¿Y allá tenías alguna dificultad por ser uruguayo? Alguien te, te... ¿No?

[Emmanuel] No. Allá en el [...] me integraron mucho. En el trabajo, siempre el americano tiene un poco de envidia, a veces, cuando toman un trabajo, pero allá lo que tienen, hay un derecho de igualdad muy marcado. No miran de dónde sós, si sós lindo, si sós feo, si sós gordo, si sós flaco. El trabajo te lo ganáis con tu educación, viste. Si te van a buscar para hacer receptor de una oficina, te va a entrevistar una persona capacitada y va a tomar la persona más capacitada. No va a tomar a la que le mandó mensaje, a la amiga... No hay esas acomodaciones que hay en Uruguay, los cuáles colabora y aporta a como está el Uruguay hoy en día. Allá si vos queréis estar en una posición, van a tomar la persona más preparada, entonces como que no hay esa... De que te tratan mal porque sós uruguayo, o sea, a mi yo me llevé bien con [...], con gente de todos lados y ninguno me trató mal nunca. Broman de que és un país chico, broman así el estilo de países siempre, pero en el tema laboral, no. La verdad que nunca. El americano te ayuda, hace fuerza para entenderte. Yo lo veo que el americano profesional integra mucho porque aprenden de los hispanos. O sea, no están en desconformidad con el que va y intenta hacer algo.

[Manuela] Y en Miami hay cantidad de gente de otros lugares, ¿no?

[Emmanuel] Hay de todos lados y hay de todo. No todos piensan iguales, allá también, miráis que en Miami también van los uruguayos con la mente de acá. Que están allá y piensan porque tienen un BM, que allá lo tiene cualquiera, por ejemplo, están bien. Están pendientes de lo que piensa la gente de acá. Por ejemplo, son de acá, se van para allá y están todos en Facebook poniendo esto para como que la gente de acá piense que ellos están bien. Entonces están allá con la mente acá. Si vos estáis allá y queréis crecer, tenéis que estar con la mente allá.

[Manuela] ¿Vos creéis que tuviste mejor adaptación por que te fuiste joven?

[Emmanuel] Yo creo que por la edad que me fui... Sí, yo creo que fue porque la *dama* ayudó mucho y el tema de universidad que enganché justo cuando hice las amistades. La profesión laboral... Yo creo que lo enganché mucho por la edad aún que también he visto gente que salió mayor y también ha tenido buenos resultados. Veo que también conocí gente que se fue mayor, ya con hijos y han salido adelante y han crecido a nivel de, prácticamente, como persona. Capaz no han estudiado, pero digo, le han apostado. Como también veo mucho que van allá hace 10 años y están en la hora de venirse. Están... Yo conozco gente que se fue por 10 años, vino y vive en una chacrita acá y tiene 3 ovejas [...]. Y vos la escucháis: "Sí, pues yo no aguantaba allá." Van la mente... Se fue mayor. Va de la mente de cada uno. Si vos ponéis en la mente de crecer acá pero no tenéis recursos, entonces pero si te vas para allá y aprovecháis esas ganas de crecer y esas ganas de progresar, allá le vas a sacar mucho provecho.

[Manuela] ¿Y tus padres siguen allá?

[Emmanuel] Mis padres, no. Mis padres están viviendo en España. Mi padre se jubiló allá, está tramitando la jubilación acá ahora, por [...] acá. Como que ya se criaron los 3 hijos, tienen 4 nietos y como que ahora quieren, en pocas palabras, disfrutar de los nietos, así que... Se mudaron 3 veces, ahora están viviendo en Ibiza, pues tengo una hermana que vive en Ibiza. Mira, somos 3: una está en Italia, la otra está en España y yo estoy acá. Así que estamos medio desparramados. Yo creo que, en realidad, a los 3 nos hizo bien la visión de *haberte ido*. Digamos, te fuiste a la fuerza, en otras palabras, porque obviamente no me quería ir, pero hoy en día, si le digo, en cualquier momento, por más que la putié o no estaba de acuerdo con mi madre, hoy en día la agradezco enormemente de haberme sacado de esa [...] y de haberme dado la oportunidad de ver otro mundo.

[Manuela] Y esas leyes que hicieron ahora de retorno, que se puede traer cosas y a coger a la gente, ¿vos utilizaste algo de eso?

[Emmanuel] Lo voy a utilizar, pero como beneficio propio. No como, como lo plantea el país. Lo voy a hacer como lo que aprendí, lo voy a hacer para traer cosas, para traer un vehículo, para traer unas cosas para mi. Pero ahí yo no sé con que mentalidad lo hizo el gobierno, así con traer la gente de vuelta para acá o con inventar algún curro, digamos, porque ahí es mucha politica en el medio. Porque en Montevideo hay un negocio muy grande en la Embajada Uruguay en Miami que, si vos te estás mudando, yo te pago 5 mil dólares y vos traes un auto para ellos. Y después llegan acá y los venden como autos importados. Entonces yo no sé con qué finalidad lo hicieron, la verdad, así como te puedo decir muchas cosas de la politica, con qué finalidad le dan una computadora a cada niño de la escuela. No le veo ningún, no le veo ninguna inteligencia en eso, para *remontar* a la sociedad, pero si vos queréis mirar más arriba, el que ingresan las computadoras es hermano del presidente. Entonces vos te ponéis a pensar, no lo hacen por el bien del país, lo hacen por el bien propio. [...] gente piensa en ellos. Tratan de decir: "No, que bueno, que gusto", alumbran todo un barrio. Ahí [...] fuiste ahí, todo un barrio que era un pobre [...], le hicieron casa, luz, agua, todo eso y, ta, como que esa gente contenta, pero eso no lo paga el gobierno. Eso lo paga el dueño de las empresas. Entonces, me torné a pensar y acá es todo un engaño. Lo que yo veo que hay un engaño muy grande y la gente cree. La gente cree para que te piensen en ellos, o sea, yo voy a votar a un politico que me acomode porque pienso en mi. No va a decir: "Miráis, pensáis vos que, si gana este partido politico, viste, que tiene esas ideas, tiene aquellas..." Cada gente como que, vos tenéis que apostar a la mayoría de votos. Entonces se va a apostar como le decía *Moyal*, al voto fácil. ¿Para qué te va a andarte mal a la cabeza si puedes agarrar al voto fácil? Y vos creciendo el voto fácil, vos vais disminuyendo el país, empobreciendo el país como persona porque no como plata, como persona, o vas agrandando en el alfabetismo acá, digamos, porque ojo, que te digan, que te marquen una estadística de que el Uruguay no tiene analfabetismo, no sé que... Eso me embolazo porque vos charlas con gente, te das cuenta que estamos en un nivel social bajísimo. Bajísimo. La gente no cuida, la gente no quiere, la gente no piensa en los demás. Eso para mi es algo bajísimo. Tenéis una pobreza que no se cura de un día para otro y eso va ganando la sociedad. Cuando ves, va consumiendo, consumiendo, consumiendo y, la verdad, el Uruguay está [...] con eso. Después no hay partido politico que

mejore, no hay nada, porque estás dañando a la sociedad, a la gente. Entonces es algo que yo lo veo mucho y *tengo me dado cuenta de como es* allá. Allá, [...] Entonces digo, te das cuenta el punto que es... Acá no hay normas. Hay mucho acomodo y eso es lo que tranca que el país crezca. Para mi lo que tranca los estudiantes, lo que tranca a la gente que tiene ganas de hacer algo. Lamentablemente, [...] si vos queréis tener un buen trabajo, tienes que tener un contacto. Y eso parece mentira. [...] esos chistes que te dicen del tema de lo trabajo y son totalmente reales. Si vos queréis tener un buen trabajo y ganar bien, vos tenéis que tener un contacto. "No basta rompérmelo estudiando porque voy a agarrar aquél trabajo". ¡Mentira!

[Manuela] Sí, en Brasil decimos que tenéis que tener un Q.I.... Quién indica.

[Emmanuel] Sí, y es así. Y cargos inventados y entonces... En Estados Unidos, si vos te rompéis volteando, vos sabéis que vas a tener un buen trabajo porque no hay nadie que estudie en una carrera de 10 años que maneja un táxi. Acá en Uruguay hay eso. Te subiste en un táxi, empezáis a charlar con él, ta, a veces es una persona de táxi, y a veces es un médico. "Y sí, manejando un táxi" y te van a pensar y "¿Qué pasó?" y te dice "Bueno, no tuve un contacto que me..." Todo se hace contacto. Entonces son pocos los que se acomoden entre ellos, piensan entre ellos y los demás que *exploten*. Y hoy son unos, mañanas son otros, pero yo creo que acá hay una sociedad bajísima, entonces no me adapto, no me siento cómodo, trato de no pensar mucho en eso. Tipo, vivo acá prácticamente, no me entero con mucho porque, si me quiebro mucho la cabeza pensando, me quema la cabeza saber como la gente piensa o los temas que andan en la calle, digamos, y intento hacer una adaptación, después sigues en la tuya y...

[Manuela] ¿Y los amigos de tu generación, seguís charlando, saliendo con ellos?

[Emmanuel] Sí, me dio con ellos. O sea, me siento muy diferente en muchas cosas con ellos y creo que tenemos metas diferentes, hemos logrado cosas diferentes. Son muy pocos los que han pensado en progresar, en tener una

familia, otros piensan en, como te dice, no se [...] toda la vida. Entonces yo creo que la mayoría de mis amigos están... Yo los veo y te digo, gracias a dios me fui. Porque sinceramente prefiero gracias a dios, y agradezco a mi madre que me llevó en tiempo indicado porque el porcentaje y la probabilidad de que yo sea uno, tienes que mirar a la probabilidad máxima. Y la mayoría la veo... No me pueden decir nada porque ellos están contentos así, viste. Ves tanta diferencia que te sentís diferente. Ayer estaba en el baile y llevé una [...] de Salto y lo primero que me dijeron, dice: "Vos no parecés de acá". Charlamos un rato y dice: "Vos parece que tenéis como una manera... Parece americano" me dijo el loco. Sin conocerme y se parecía americano. "Soy americano, tengo pasaporte americano, vivi 15 años en Estados Unidos" y dice "Ah, vos no sós de acá. Yo hablé contigo, no sós de acá". Hay gente que tiene eso, se da cuenta. No te digo que él es una persona... Pero te digo, dentro de lo poco que somos, hay una minoría que ve la diferencia.

[Interrupção na entrevista]

[Manuela] ¿Y vos seguís sintiéndote uruguayo? ¿Te sentís uruguayo?

[Emmanuel] Yo me siento uruguayo, me siento uruguayo totalmente y sí siento capaz que soy de un porcentaje de los uruguayos capaz de ver la manera, ni mejor ni peor, porque yo no digo, capaz que mis amigos que no tienen nada son más felices que yo. Porque yo me paro para pensar en otras cosas. A veces no disfruto tanto de la vida. Como dicen... No tengo nada, pero pues el que más tiene menos disfruta. Entonces, en este caso es lo mismo. Capaz que el que más piensa menos disfruta. No me creo ni mejor ni peor. Simplemente que pertenezco capaz a una minoría del Uruguay, de los cuáles apuestan capaz o tratan de ver más allá un poco. Y ven que acá no hay mucho como que para explotar como para agrandar ese conocimiento. Pero sé que el Uruguay, digo, lo veo de esa manera, pero sí me considero uruguayo 100%, más allá también nunca me consideré americano, nunca me sentí americano. Creo que no lleva siempre eso en la sangre, eso capaz que lo llevan todos los uruguayos, o sea, sí la sangre tira. La sangre tira, pero a mi la sangre no me va a dejar de cortar un proyecto. La sangre tira, muy lindo, que yo me vaya al otro lado del mundo no quiere decir que yo me vaya a sentir que soy menos uruguayo que nadie. Hay gente que está

acá y también el peor uruguayo es el que caga el país. ¿Y cuántas gentes están haciendo eso? Ese tienes que preguntar si se siente uruguayo o no. "¿Vos te sentís uruguayo?" "Sí" "¿Por que haces esto?" Si soís uruguayo y amáis el país como decís y te pones la mano en el corazón cuándo todo está lindo y date cuenta que vos sabéis lo que estás haciendo. Y vos te sentís uruguayo, que si vos es uruguayo, va hacer eso a su país. Entonces a esa persona vos tenéis que preguntar si se siente uruguayo o no. No al que se fue o por capaz que se fue y vive y cree 20 fuentes de trabajo. Y bueno y si yo no me iba, capaz que no creaba esas fuentes de trabajo, entonces... Tenéis que ver... Como lo ves, y pago impuesto y pago cosas que otros no pagan...

[Manuela] Que es lo que aprendiste allá, ¿no?

[Emmanuel] Entonces, aplico un poco el conocimiento acá y trato de implementar acá, trato de más o menos siempre traer una novedad, un paso adelante. Un ejemplo, yo trago una cierta cantidad de luces y nadie las tiene. A los 2 años, van a empezar a las tener. Como que ahí te das cuenta que estamos totalmente retrasados, viste. Y que la única manera es tener visión y tener movimiento. Podéis ir, venir, observar... Ahora, podéis ir, venir y no observar nada. Entonces, no es que "Ah, no, aquél, porque fue allá". Va en cada uno. Hay gente que va y viene, va y viene o vive allá 30 años y viene acá y tiene una verdulería. ¿30 años allá y no aprendiste nada? ¿No te implementaste nada? Hay gente que se viene con las mudanzas para cá y trae herramienta de trabajo. Acá hay más de uno y abre una empresa de yeso o de poner piso. Porque le dice, allá aprendió, trajo tecnología, lo implementó acá, le fue bien. Hay gente que está allá, hace eso, viene acá y no trae nada, viste. Y llega acá y busca trabajo de cero. Entonces va en la mente. Es muy poca probabilidad de que el uruguayo tenga mente empresarial o visión al futuro. Son pocos los que se van a estudiar así. Son pocos los que piensan en un doctorado. ¿Cuántos hacen un doctorado acá? ¿Acá, cuántos estudiantes hacen un doctorado? Pocos, entendéis. ¿Cuántos acá se van a estudiar afuera para agarrar una educación mejor? Ninguno. Se están como [...] Vos ya ves mucha diferencia en ese lado, ¿no?

[Manuela] Sí, sí, es verdad.

[Emmanuel] Pero por eso digo, o sea, realidad, sea el tema que vayas a tocar, tiene mucho detalle. O sea, tenéis que, digamos, para especializarte en un tema y *hablar algo* de eso. Yo creo que es así, me parece como lo veo.

[Manuela] Bueno, sí. ¿Y hay una cosa que te parece, una historia o algo así, que te parece que sea interesante para lo que yo hago, que quiera hablar...? No sé, algún cuento de la vuelta o de gente que conociste allá y vuelve.

[Emmanuel] ¿Gente que fue y vino? Ejemplos así, historia, por ejemplo, yo tengo mis padrinos que se fueron para allá y se quería venir y ahora no se vino. Se casó allá y se estaba planificando venirse para acá y ahora, digamos, había comprado una chacrita y cosas así y se puso a vender todo porque vino acá y no le gusta. Me dice a mi, me charla y dice: "¿Como venís acá, teniendo aquello allá, teniendo esto...?" Entonces, no hay manera de explicarlo como te digo y él, por ejemplo, hace 5 años atrás, se quería venir, se quería venir, traía plata, traía plata del banco *que allá* no te paga interés. La plata en el banco no crece. Entonces, yo siempre soy partidario de tener, por ejemplo, un capital en crecimiento. Por ejemplo, aparte en el banco no se reproduce, para mi. Tener 10 mil dólares en un banco, no tenéis nada. Tener 10 mil dólares invertidos en algo que mañana vas a ganar 2 mil... Yo estudié mucha estadística y finanzas y economía, entonces como que me gusta eso, lo amplio. Te tengo 3 empresas. 3 empresas diferentes. Una en Panamá, una en Miami y una acá en Uruguay y depende de mi. Soy mi contador, soy casi mi escribano. [Áudio interrumpido] [...] Por ejemplo, entonces viste, mi padrino que es mayor "Ahora estás despegado, pero" y él me dice: "Yo, en Orlando, sé como podéis venir acá, fijate vos los [...]" y se va y ta y... Entonces, *con él* cuando comparaba antes, a principio, y como que dio un cambio de 180 grados y se agarró un anti-Uruguay ahora y que no viene y que todo es un desastre. Entonces es difícil, a veces, decir quién tiene razón y quién no.

[Manuela] Sí. Pero igual, cuando estabas allá, ¿vos extrañabas cosas de acá?

[Emmanuel] Extrañaba, capaz, eso que me gusta mucho decir... Allá no existe a las 7 de la tarde vamos a tomar un mate. Allá la vida es mucho más seria que acá. Acá, entonces la gente que está acostumbrada a la tranquilidad, a ir a una *sau*, a estar con 20 personas, la *sau* [sala?], esa persona... Eso [...] pues allá yo no lo viví. Nos juntábamos, yo me juntaba en la universidad, pero allá son pocos los que tienen la mente [...] la universidad, yo trabajaba en la mañana, iba a la universidad, llegaba de noche a mi casa. Y en la universidad hay gente todo el día. Nos juntábamos ahí, estudiamos, como que no era la idea hacer una *sau* [??], salir, enterarte de un baile. No era esa tanto la diversión. Yo creo que acá la vida es muy tranquila.

[Manuela] Es otro ritmo.

[Emmanuel] Todo parte del conformismo. Vos trabajaste 8 horas, ya está. ¿Para qué vas a trabajar 4 más? Si trabajas 4 horas más, no tienes tiempo para salir con tus amigos, te dicen. "No tengo tiempo para estar en la casa, no tengo tiempo para esto..." Y para qué quiero estar en mi casa yo si... Yo, lo digo, no lo veo así. Entonces yo creo que esa es la parte del conformismo uruguayo. Allá no. Allá si pueden tener 2 trabajos, tienen 2. Y si estás saliendo adelante, sales adelante de cero y si vos queréis crear capital y salir adelante, tenéis que decir, en un plazo de 10 años me voy a romper el culo trabajando y juntar plata para después, cuando tenga 40, estar con más tiempo para mis hijos. Pero si yo, con 25, 30 años estáis pensando que no puedes trabajar en 2 trabajos... ¿Qué dirás cuando tengas 40? Entonces, como que tenéis que sacrificar ciertos años de tu vida para después tener un futuro mejor. Yo creo que lo veo así. Hay que sacrificar una parte de la vida y yo capaz que lo diría: "Yo sacrifiqué los 20, los 25, hasta los 27 cuando me recibí, trabajaba, estudiaba y no me sobraba tiempo para nada. Iba a clases los sábados mañana." Si yo digo, en 7 años no vivi ir a *sala* de fiesta, ir a baile. En 7 años, prácticamente no, era mínimo. La juntaba con mis amigos estudiantes ahí tomar un café, charlar...

[Manuela] Estabas concentrado en eso.

[Emmanuel] Estaba muy concentrado, concentrado en eso. Como que dejé de lado, no es que lo extrañé, pero yo venía acá y las historias de mis amigos eran otras. "Que este, que lo otro y que tal cosa". Entonces, como que eran vivencias... Yo veía que estaba viviendo una vida totalmente diferente. Entonces fue lo que yo diría... Sí, la verdad es que me parece *estar* para la vida. Cuando ahora tengo, por ejemplo... Veo un baile y [...] un baile, no estoy en un baile. Estoy en un trabajo. Estás pendiente a todo. Yo prácticamente abarco muchas responsabilidades, yo no tengo un supervisor o cosa. Tengo personas que hacen una mínima parte y así mismo yo veo que no están capacitados. Una persona atender en la cantina y parece que lo tenéis que estar diciendo todos los días lo mismo. Y si yo mañana digo: si esa persona no puede atender una cantina, imagínate que tenga que atender la cantina y [...]. Sería incapaz totalmente. Ahí vos te das cuenta de la diferencia de venir de afuera y tener otra educación y ver otras cosas y ver que... como se hacen y como mejorar y que puedes implementar. Y me vas a decir: "Ta, yo estoy atendiendo la cantina conforme [...]. Atiendo la cantina, wee-hey, ta, cobra, 700 pesos, me voy." No piensan en "No, pero yo quiero coger más, yo voy a ver si yo poso ser supervisor de acá". No tienen, ninguno, nunca, me dijo: "Tcho, sabes que yo creo que te puedo dar una mano. Yo te veo muy estresado, te veo muy alterado. Yo te controlo la cantina. Déjamela". Nadie viene y te hace un planteo de eso porque la gente tiene miedo de hablar, miedo de dar un paso, eso está mal, no sabe. Ni se las cruza por la cabeza. Y allá ha pasado eso. Si tenéis miedo de crecer, vos tenéis que decir: "Tche, mira, sabes que yo creo que a vos te falta esto porque yo vengo trabajando para vos y yo veo los errores. Yo te puedo ayudar a corregir esos errores". Entonces a mi, si me viene una persona con esa mente, la voy a agarrar en seguida, pues me puede ayudar a crecer. Me va a ahorrar tiempo y me va a permitir *darle* tiempo a otras cosas. Pero, si no nace del empleado, no es decir: "Tche, mira, yo quiero que vos seas supervisor acá". Ta, ta, [grunhidos]. La gente acá piensa así. No es que les nace y allá, si no, allá ven mucho eso. Vos dar a plantear una idea a la empresa. O sea, allá, y te lo dicen en un principio: "Si vos crees caer en una posición la cuál no la tenemos, plantéala. Hace un proyecto y plantéala. Preséntala y que si se aprueba, te la damos". Y eso yo lo dice más de una vez. En una vez, tuve, digamos, *a lo que sería eso*. Acá nadie te plantea,

nadie ve lo que falta, nadie ve lo que está bien, lo que está mal. Hacen lo suyo y listo y nada más, viste. Entonces, es diferente.

[Manuela] Bueno, era más o menos lo que tenía planeado preguntar. Muchas gracias.

[Emmanuel] No, no hay ningún problema.

[Manuela] Por charlar y ...

[Conversas com terceiros]

[Manuela] ¿Vos cuando venías visitar, entonces, venías sólo?

[Emmanuel] Venía sólo.

[Conversas com terceiros]

[Emmanuel] Si ibas al baile ayer, ibas a entender más todo lo que te dije. Te ibas a dar cuenta de la mentalidad. Yo le decía, viste, un fin de mes, Marcela, pero vos no sabéis de dónde la gente saca con baile, viste. [Ruidos]

[Manuela] Mas es que Bella Unión es un pueblo chiquito.

[Emmanuel] Tiene nada para hacer. Entonces va todo el mundo para el mismo lugar.

[Conversas com terceiros e ruidos]

[Manuela] ¿Vos tenéis terrenos allá ahora en Estados Unidos?

[Emmanuel] Propiedades. Tengo una propiedad y tengo dos empresas, una en Panamá y una en Miami. [...] una empresa de estadísticas que le hacemos proyecciones a [...] empresas [...].

[Manuela] Vos mantenéis tus vínculos allá.

[Emmanuel] Sí, sí, eso lo mantengo y voy seguido. Desde acá, por internet un poco me ayuda. Sé que, si estaría allá, le dedicaría más tiempo, pero también como que no quiero dejar lo que hice acá y tampoco tengo esa ambición de ser... Estoy bien así...

[Manuela] Por ahora te parece mejor vivir acá.

[Emmanuel] No sé si mejor o peor... Por ahora, como estoy en el baile y estoy haciendo algo, por lo menos, la agarro un poco la mano y como que me gusta y sé que no es pérdida. [...] Y estoy apostándole a crecerla en ese medio de acá. Después, espero poder lograr conocer gente de delegar. Delegar no es fácil. Para delegar, tienes que ser capacitado, no amigo. [Ruidos] [...] Es difícil encontrar una persona capacitada que le puedas delegar. Si mañana cruzo con una, sé que me ayudaría muchísimo, pero esa persona no la buscáis, aparecen.

[Manuela] ¿Y por ahora te planeas quedarte por acá?

[Emmanuel] Por ahora planeo quedarme. Por ahora, sí. Tengo planos de quedarme. A veces estoy... Sinceramente no me considero ni acá, ni allá. [...]

[Manuela] Y además, como estás manejando las 2 cosas, ¿no?

[Emmanuel] Sí. Yo lo digo, yo nunca me considero que me mudé para acá y tampoco me consideré que me fui de allá. Yo voy a allá y no me considero "Va, yo estaba acá antes, tche, y me fui ahora..." Yo no me considero así.

[Manuela] Hay una figura que la gente que investiga migraciones se llama transmigrante, que es el migrante que no está en ningún lugar. Está ahí en los 2. Tiene ligaciones con los 2. Tiene negocios con los 2. Vos serías más o menos eso.

[Emmanuel] Yo, sí, por mi, yo vivería en los 2 lugares a la vez. [...] No me cierro a esa vida. Para mi no está mal. Hay gente dice que "No, pues tienes que estar acá o allá"

[Manuela] ¡No! y cada vez hay más gente que hace eso, que haces vos. Es más fácil con toda la tecnología de comunicación, de transporte.

[Emmanuel] Y no estás tan dependiente de lo mismo porque tenéis... Por eso mismo la diversidad, no dependo sólo de una cosa. "Está mal allá, bueno, la puedes tomar acá. Tomar acá, [...] allá." Y le vas sacando provecho y trato de ir creciendo, digamos, mi propio capital.

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANDRÉS FREIRE

Entrevista concedida em 28/04/2017.

[Manuela] Bueno, te explico más o menos Andres el contexto de lo que estoy haciendo...

[Andrés] Bueno, si quiere contarme algo... ¿Qué puedo yo contestar?

[Manuela] Sí. Mira, yo soy antropóloga de formación y yo hice la maestría allá en Brasília en el tema del Bicentenario de Uruguay.

[Andrés] Ah, mira.

[Manuela] La cosa de formación de identidad uruguaya.

[Andrés] Que bueno, muy bueno.

[Manuela] Y ahora en el doctorado estoy haciendo en historia cultural y me interesó ver la cuestión del retorno a Uruguay, de los migrantes que vuelven y como se dan todas las reconfiguraciones identitarias de esas personas. Entonces, lo que yo tengo idea de hacer es una cosa menos de cantidad, cuantitativa, y más cualitativa. Quiero entrevistar algunos retornados, pocos, como 15, y ver la historia de vida de cada uno, lo que los impulsó salir, lo que los impulsó a volver y como se dá esa adaptación más que nada. No sé lo que a mi me interesaría escuchar de vos es más o menos como está la política, de como Uruguay está preparado para recibir esa gente porque yo sé que hubo un aumento grande de número de gente que volvía, ¿no?, en los últimos años, con todas las crisis en Europa y todo...

[Andrés] Claro, ahí va... Sí, sí, eso es fundamental. Pero anteriormente a eso también tuvimos un retorno que fue 1985 cuando entramos a la democracia,

¿no?, cuando salimos de la dictadura cívico-militar, ahí hubo el primer impulso para retornar que fue entre [19]85 y cuando el entra en [19]89 o [19]90, donde pues empezó nuevamente a fortalecer la experiencia de migrar, ¿no? Es muy diferente el que venía, la persona que vino en [19]85, [19]90, muy vinculada a todo lo que tuvo que ver con el exilio político, ¿no? A partir del [19]90, Uruguay se va consolidando como país, o vuelve a consolidarse como país de migración, y ya vinculaba el tema económico, el exilio económico. Empieza la gente ahí a buscar la entrada de la comunidad europea de España es muy importante porque eso hace que el nieto de españoles, los que entraban la doble nacionalidad o la apertura que se hizo en nivel migratorio en España, lograba que atraería a mucha gente. Y después en el [19]99, estuvo la ida a los Estados Unidos por que muchos organizaron el mecanismo la visa *vuelva* que era entrar sin visa y lamentablemente se quedaron y esa gente también sembró toda una historia migratoria porque hasta ahora no han podido muchos regularizarse porque no es una visa que te otorgue la regularización, ¿no? Visto eso, nosotros cuando empezamos acá en el 2010 a la Ley de Migración, tenía dos años, el artículo 76, el que habla directamente del retorno, que dice que los uruguayos con más de 2 años de residencia en el exterior pueden traer su un vehículo automotor que esté en su propiedad por más de 1 año y lo hace sin pagar ningún tributo, ni trámite, ni legalización del documento, ni nada. Aparentemente uno cuando mira así, dice "uh, bueno, pero ¿qué me dá el estado, no? porque, en realidad, si ves el manual del retorno también ponemos una escala de lo que el Estado no te cobra por traer [...] y además, dentro de una ley que es la 16.340 juntamente con que para extranjeros jubilados, muy selectiva, como estas son las únicas poblaciones que pueden entrar un vehículo usado. Uruguay tiene una ley que proíbe el ingreso de vehículos usados para sostener el aumento de la... Y pero después eso fue en 2008, en el 2010 nosotros fuimos buscando otras ofertas que daban a los compatriotas, sin hogar a duda, el tiempo que estaría en el exterior era un poco, nosotros veíamos cualitativamente como se reinsertan en nuestra sociedad y, por ejemplo, todo el que que viene, o la mayoría que viene, te pide acceso a la salud. Que eso fue una de las cosas que, inclusive, con el cambio del sistema nacional de salud, logramos de que todo el mundo que viniese retornado por más de 2 años pueda tener un justificativo que vivía en el exterior y un ingreso a salud pública gratuita, cosa que yo, por ejemplo, si tengo que atenderme en salud

pública, tengo que pagar. O un extranjero que está acá, si quiere se atender, tiene que pagar también. Pues ahí eso, por 1 año quedó. Después la otra cosa que veíamos era el tema de que mucha gente venía y, al haber perdido redes sociales y redes familiares, le faltaban, por ejemplo, tener una garantía para poder alquilar. Uno no tenía historia laboral... Bueno, ahí con ya con ingreso que algunas veces ya se traían el seguro amparo de España o de Estados Unidos o *algún capital*, nosotros logramos que se pueda firmar un convenio con el Ministerio de Vivienda en el cuál se ofrece garantía de alquiler para los compatriotas que retornan. Y después también hay un *nichito* para que los compatriotas, especialmente mujeres víctimas de violencia doméstica o víctimas de trata, o mujeres solas con hijos menores, que son subsidio al alquiler. Es un grupo muy reducido, pero también la posibilidad que esa persona no quede con poder de acceder a una vivienda o una solución habitación. Después, otra hora una cosa que vimos que era importante es el tema de la comunicación, ¿no?, el hecho de que la persona venga y pueda tener una comunicación. Bueno, ahí firmamos un convenio con la ANTEL [Administración Nacional de Telecomunicaciones], lo de que se los otorga un chip gratuito con 200 minutos de bonificación a cada persona como para que pueda estar conectado los primeros días y que nosotros consideramos que es bueno. Después hay todo un asesoramiento o orientación que es integrar. Cada persona que retorna a su mundo puede necesitar determinadas cosas, por ejemplo, un uruguayo que si viene, yo te explicaba eso de la salud, algún uruguayo que fue transplantado en España, que vino, que a cada 6 meses se tiene que hacer un control determinado, la salud pública en principio decía que, bueno, que eso no lo habían pensado, que en el Fondo Nacional de Recursos, y logramos también hacer un nexo con el Fondo Nacional de Recursos que todo uruguayo que haya tenido un trasplante en el exterior o una enfermedad cardiovascular que se te haga atender también, va a ser atendido como cualquier persona que vive acá en Uruguay a través del Fondo Nacional de Recursos. Y después, lo que yo te decía, era mucha orientación, ¿no? Nosotros apostamos mucho en todo el periodo anterior a informar adecuadamente y pedir a la gente que, antes que retorne, vea determinadas cosas que son necesarias y que por acá son bastante complicadas.

[Manuela] Yo vi en las cosas que están en internet que piden que inicien el proceso en el consulado del país en que están.

[Andrés] Ah, ahí está, y después que consulten mucho las dos vías que hicimos – que una es volver a Uruguay y otra es vivir en Uruguay. Y también las cosas que nosotros avanzamos también con la nueva ley 19.254 es a que la pareja del compatriota pueda, o el padre o la madre del compañero, pueda obtener la residencia rápidamente y gratuitamente la haciendo acá con nosotros. Ahora tenemos una chica que es altamente calificada, que viene de Italia, viene con su esposo italiano y, bueno, el ya va ir al consulado con su esposo y le vamos a hacer el trámite de residencia y, ya con la parte de nacimiento del hijo, pues ellos no son casados, en la documentación de la persona con un trabajo de seguridad que se hace con *interpol* y policía [...] se otorga la residencia en menos de 30 días. Ahí que vamos a estar también viendo el universo que existe, ¿no? Para que tenga una idea de la residencia que se otorga a los familiares uruguayos, hay un 20% de las 15 mil y pico de la residencia que se otorgaron, son todas de reunificación familiar y pues retornan, ¿no?, ya sea gente que retorna puede ser el que vive acá y se novió con la argentina o que vive en Argentina y se trajo la argentina, un poco como ejemplo, pero... Después, los otros que trabajaron mucho en el periodo anterior fue con también las guías [...] pues son guías referenciales y los efectos de indicar a la gente, cuando llega a dónde tiene que llegar los hijos para botar a la escuela, qué documentaciones tiene que traer, certificado de estudio, qué es lo que tengo que traer si yo, por ejemplo soy antropóloga y quiero venir a trabajar a Uruguay y tengo que revalidar el título... Medio complicado para hacer una reválida o un reconocimiento de título. Estaba mirando el acta del grupo de trabajo de ciudadanía que no somos los únicos que tenemos el problema, hay otros países del Mercosur que también tienen ese problema y justo ahora, entre 2, 3 días, estamos haciendo en Buenos Aires un grupo de trabajo sobre asunto jurídicos y consulares que vamos ahí a reunirnos a nivel del Mercosur y tenemos 1 semana a hablar. Servimos como anexo o como alianza para determinadas personas con determinadas características para conseguir trabajo. Por ejemplo, en plena crisis de España que vino mucha gente de la construcción, nosotros firmamos un convenio con la Asociación de Promotores Privados de la Construcción, y logramos ser el enlace [...] trabajo de

muchos uruguayos que estaban en la construcción para que fueran a presentar su currículo ahí y hubo mucha gente que obtuvo trabajo con eso. Vino gente especialista en fibra óptica que también agarró trabajo enseguida.

[Outra pessoa] Yo también le comenté lo del enlace con Inefop [Instituto Nacional de Empleo y Formación Profesional] y Flacso... latinoamericana...

[Andrés] Ahora la reciente... Que ya es el segundo año que estamos dando posgrado, diplomados... Cursos que no tenéis que tener nivel terciario. Eso fue lo que encontramos para poder hacer determinados cursos.

[O.] Que son gratuitos a través de la firma de un convenio. Todas estas acciones somadas en conjunto...

[Andrés] Ahora, hay un aspecto que siempre nos ha preocupado, que es un tema que hay muchas veces que el Estado, por lo más cosas que pueda volcar a un compatriota, no puede resolver. Por ejemplo, hay una parte bastante complicada con respecto al retorno que es: cómo el ser humano, cómo el compatriota está con su cabeza para venir a un país que no fue el que dejó y que no es el que estaba, además. Hay todo uno aspecto, nosotros por efecto post-traumático también tenemos con psicología. Durante 3 años estuvimos llevando adelante atención en lo que hace el efecto post-traumático en un retorno forzado como puede ser una deportación. ¿Fueron 90 personas que se atendieron?

[O.] Más o menos, sí.

[Andrés] 90 personas que se atendieron que es una primera línea, no es que se hace un tratamiento... Pero bueno, se ha podido... Pero el [...] migratorio tiene ya, por sí, por ser un tema migratorio, tiene un tema de tener cuidado con determinadas cosas que son difíciles que el Estado abarque. Es de acuerdo al chip que vos vengas. Si venís con un chip requiriendo muchas cosas, puede ser que te frustres rápidamente. Si tenéis un chip del cual vos es un emprendedor en el exterior y venís como emprendedor acá, uno puede buscar soluciones al

corto, mediano plazo. Es de acuerdo a lo que uno pueda... Si es cierto que 65% de los retornos del 2011 a ahora se han dado por un efecto económico en el exterior. Hay una pregunta que se hace cuando vienen acá es: ¿como fue la estadía migratoria en el país de residencia? Te dicen algunos "muy buena", otros te dicen "buena", otros te dicen "regular", otros te dicen "mala", mucha gente te dice "muy bien" pero, cuando le preguntas porqué retornó, es porque allá estaba mal. Ahí hay que tener mucho cuidado cuando uno entra en la parte... No lo hablamos, pero la gente que retorna, en su gran mayoría, son los que se fueron en el periodo 2000, 2001, 2002, en plena crisis de Uruguay, ¿no? Ese aspecto también... Te fuiste con un nivel de frustración muy grande y te venís con otro nivel de frustración muy grande. Te fuiste con 20 años y te volviste con 35, o sea que no es lo mismo. Es tan complejo el fenómeno migratorio y visto también el fenómeno retorno que, además de tan dinámico como es la migración, que siempre uno tiene que estar a la expectativa o expectante de que lo que tiene que hacer para mejorar. En el 2010, nosotros cuando entramos elegimos que teníamos que mejorar la comunicación y la información y, por eso, fue que hicimos el manual de retorno, la vida y todo, y que la gente supiese cuando viene que lo que va a tener y que, en el momento de evaluar, diga: "bueno, sí retorno o si no retorno". Y ahí también depende mucho de las redes sociales y familiares que tenga. Una persona que se fue *poner* en el [19]90, que hay algunos, y vuelven en 2017, pocas redes sociales han mantenido y también algunas redes familiares también capaz que perdido, ¿no? Eso también es... Yo particularmente conosco mucha gente que ya retornó y no ha pasado por acá porque todas tienen las redes sociales y familiares bastante mantenidas. Bajan del avión... Conosco unos amigos que bajaron del avión en un sábado y el lunes estaban trabajando en SACEEM. O sea, que ya con la familia planifica a nivel, a ver como pueden hacer o gente que estaba su capital y se ponen en lo mismo que estaba allá se lo pone acá.

[O.] A mi, sólo una cosita, no más, que me parece que cómo se dio, lo que hablaba Jorge, de las crisis en los países de origen, sobretodo España, principalmente, y también Estados Unidos, eso de que fue más difícil preparar el retorno, de si busco trabajo con tranquilidad...

[Andrés] Exactamente. Fue un golpe muy fuerte...

[O.] Me tengo que ir porque ya no...

[Manuela] El retorno se da como un último paso.

[Andrés] O, si no, es lo primero que tengo porque, si no... Nosotros tenemos el caso de gente que el desahucio que se le decía, le sacan la casa que han embargado, que han hipotecado, que han de todo... "Me vuelvo porque no tengo trabajo, porque la empresa mía cerró" y es más o menos lo que pasó en 2002 acá, pasó también también en España donde también la política del desahucio es muy salvaje con respecto a la de acá, ¿no? Tenéis un emprendimiento, tenéis una casa hipotecada, te la rematan y sálgate... Te sacan el apartamento...

[O.] Y si hay un aval familiar, también te sacan el apartamento...

[Andrés] Y eso te lleva a cerrar caminos... Te cierran caminos para hacer emprendimiento porque estás embargado porque no puedes ningún préstamo porque no tenéis nada y cerró la empresa y la empresa no abre más, te quedas sin trabajo y vos sabías hacer eso. O sea el poder también de reconversión de la persona tiene mucho que ver con el retorno. Lo que te quiero decir es que el fenómeno retorno, o el fenómeno migratorio retorno, es un fenómeno muy complejo donde cada persona en su mundo y uno tiene que tratar como eso, ¿no es?. Que la misma solución que yo le di a Andres va a ser igual para vos porque capaz que se la dé a Andres sin hijo y vos tenéis un hijo. ¿Entendéis? O vos venís sola y Andres viene con su pareja. También ha mostrado que el tema migratorio ha hecho disolver parejas, formar nuevas parejas o no y eso también, dentro de la vida de una persona, puede ser relativamente traumático, frustrante. Yo creo que es muy rico, ¿no? Es muy rico el tema migratorio y el tema retorno que no hay que hacerlo a la apresurado porque, además, el Estado puede dar mucho, pero si vos... Yo siempre digo: nosotros hemos sentado a gente que le dijimos: mira, *anda lunes* a este trabajo que empezáis a trabajar y su frustración y su estado mental no lo permiten, ¿entendéis? No es solamente trabajo o tener una garantía. Es todo un cumulo de cosas que pueden tener uno uruguayo...

[O.] ¿[...] volver es una nueva migración?

[Manuela] Claro.

[Andrés] Decimos siempre, ¿no?

[O.] Aunque conozcas el terreno, de lo que vos dijiste al principio de este punto de partida así general decir que ya el país no es el mismo, las nuevas personas...

[Manuela] No volvéis para donde saliste.

[O.] Exacto. La edad no es la misma. Diciendo de un punto de práctico para decir "vuelvo al mercado de trabajo y, bueno, en Uruguay o en otra parte del mundo, después de los 40, ahora Uruguay también *quitó* para acceso al empleo público, la edad es importante, ¿no?

[Andrés] Bueno, el Ministerio a diplomáticos tenían hasta 35 años y ahora lo sacó. Ahora hacen 2, 3 exámenes...

[O.] Y una cosa de lo más que me parece importante destacar que es el contexto en cuanto al perfil de los uruguayos que retornan, igual hay indicadores positivos, es decir que a veces tendemos a focalizarnos porque también son los casos que llegan por urgencia, en necesidades de los retornados pero también hay muchas historias de éxitos que supongas [...]

[Ruido incomprensible]

[Andrés] Eso algunas veces lo decimos y tratamos de siempre decir: "Ojo que el retorno no es todo lo que vos pasáis por enfrente... Que también ojo de lo que te pasa por enfrente va a ser todo, ¿no?" Porque también, eso que yo te digo, que es solamente experimental de la vida mía, en mi vida, decir: si yo a me pongo a contar, tengo casi 15 uruguayos que retornaron entre 2010 y ahora y ninguno pasó por acá. Y digo, ¿porqué no pasó? ¿Porque ya tenían solucionado, se

fueron a veces con el padre o ya tenían la casa que estaban alquilando, que ahí se alojaron? ¿Tienen la empresa del padre, trabajan acá?

[O.] O incluso pasó solo para hacer el trámite de [...]

[Andrés] Para [...], nada más!

[O.] O del coche, el auto que es mucho dinero, ¿no? Es muchísimo la importación.

[Andrés] Entonces, ahí viste yo tampoco puedo decir: "Mira, lo que pasan a allá son un poco y los que tanto vienen son..." O sea, por ejemplo, Martín Cuelca dice que lo que pasan acá... 40... Ahora los llevo a 50.

[Ruido incomprensible]

[Andrés] Sí, sí. El 50%, o sea que, si yo recebi entre el 2011 y el 2016 12 mil personas, habrán venido 24 mil, ¿no? O sea, hubo 12 mil personas que no vinieron para acá.

[Manuela] ¿Y las políticas que tienen acá en la junta hacen consultas públicas? ¿Viene la sociedad civil a demandar?

[Andrés] Sí, siempre. Sea al exterior, sea... Nosotros tenemos una vez por mes del cuál reservamos una hora, una hora y media, para la sociedad civil. Por lo general, viene la sociedad civil que está radicada en Uruguay, pero también, por ejemplo, este año, en diciembre, vamos a hacer el séptimo encuentro del consejo consultivo y segundo de las asociaciones que van a venir y nosotros también vamos a los recibir acá.

[O.] Sí, donde marcan agenda, plantean todas las necesidades y demandas. También hacen propuestas y se los escucha todos los meses estamos a parte, no sólo la reunión presencial, si no que en la comunicación permanente con las asociaciones.

[Andrés] Hoy la agenda de ellos ha cambiado. Si vienen [...] era focalizado al tema del tratamiento del retorno, pero hoy ha cambiado porque, bueno, ha disminuido el retorno y están pensando más en una integración sin retornar. Entonces, viste, por ejemplo, ese del exterior se plantea que estamos con el SINAIE, el Sistema Nacional de Emergencia y el Bando República se abre una cuenta en caso de desastres naturales para que los uruguayos al exterior puedan mandar, ¿viste? Donaciones, bueno, otras donaciones que vienen físicamente a través de Noruega, de Suecia, de Australia, digo, ya se piensa, viste, en una diáspora o en un relacionamiento o un vínculo con el Estado independientemente asociado al retorno, ¿viste? Y al retorno nada más que vos quisiste venir muchas veces o que [...] vino en la crisis, también donde mejor en esos países, también vuelven a salir porque también no te olvides que, 15 años de residencia, 10 años de residencia, haz hecho raíces, tenéis hijo que se siente con doble nacionalidad. Hay todo un aspecto muy... Uno de los primeros directores de acá, de la dirección general, era *sociólogo* [?] [...] Portillo, el, ya en el 2005, 2007, el ya visualizaba en una migración ya circular, viste... De un tiempo, y está visto que también Uruguay, además después del 2010, ha vuelto atractivo no sólo para los retornados sino para la migración regional y extra-regional. Cada vez más vienen los franceses a pasar 6 meses acá y después 6 meses allá. Cada vez más vienen los alemanes, digo. Hay determinados movimientos que se dá para el Uruguay que lo hace ser un país atractivo, ¿no? Valoran capaz que otra cosa de los que estamos acá.

[O.] Yo tengo, nada más que un comentario muy rápido, que una de las trampas que tenemos los retornados [...] por lo menos, de punto de vista personal, es pensar, estar comparando todo el tiempo el lugar de donde venís con el Uruguay, sin olvidar lo que es cada país, y su historia y manejo de expectativa, ¿no? Pero estar comparando si todo lo que funciona bien, todo lo que funciona mal. Eso es una trampa en la que uno puede caer donde la frustración es inmediata. En general, es inmediata. Sin [...] tenemos vínculos familiares, que pones en la balanza...

[Manuela] Al final, es muy subjetivo, ¿no?

[Andrés] Sí, totalmente, totalmente. Hay gente que capaz que vos los vas a entrevistar y te dice: "El Estado a mi no me dio nada" porque pretendían que el Estado les diera casa, trabajo, comida... No hemos hablado que es muy particular sobre el retorno forzado, no por deportación sino por indigencia. El Ministerio tiene una ley, el artículo 120, la ley 18.996, que habla del repatrio y de la posibilidad que le dá el Estado a un compatriota en situación de indigencia, indigencia circunstancial, problema de salud, en la realidad social, de ser repatriado con una firma de un compromiso reintegro [...]. En el 2012 fueron como 200 personas que repatriamos. Después, bueno, eso fue disminuyendo, el año pasado fueron pocas, fueron 17. También trabajamos muy comunadamente con el Banco República. El hecho de que se pueda hacer... La familia pueda sacar un crédito social que se lo puede pagar en 36 o 48 cuotas antes de pedirla al Estado y lo tenga que que pagar en 12 meses, ¿no? También hay determinadas evaluaciones que se hacen después en el post-retorno, como puede ser mandar un asistente social a ver si está bien económicamente, si no está bien y también se puede evaluar, después de los 12 meses una exoneración. Ese también, lamentablemente, hemos tenido, hoy está aumentando un poco el tema Venezuela por muchos compatriotas, de muchos años, que han vivido allá y que, bueno, que entraron en una situación de problemas de salud... Pero bueno. Ese el otro beneficio que le dá el Estado. No es para todo el mundo, pero...

[Manuela] Sí, para la pequeña población que [...]

[Andrés] Si yo, por ejemplo, estoy mal en el exterior, tengo mi cuñado que está mal en el exterior, si quiere venir. Bueno, ya agarro mi sueldo, agarro mi señora, juntamos plata y [...] venir. El te mata cuando yo no tengo un trabajo de 15 mil pesos, tengo 3 hijos y no puedo traer... Ahí bueno, como que... Es donde interviene el Estado como para repatriarlo, pero también se debe a que eso tiene que ser *preparado*. Por eso te decía que hay muchas personas que le ponemos eso de mujeres de violencia doméstica, mujeres solas con hijos menores, víctimas de trata que utilizamos ese fondo para traerla.

[Manuela] ¿El Estado, entonces, te parece que quiere estimular que vuelvan las personas?

[Andrés] Mira, yo soy muy cauto sobre el tema estimular porque, vuelvo a decir, de que cada ser humano, y así yo lo he tratado de pregonar a la superioridad, tiene su... Uno no puede decir "venga" a una persona que... O sea, es tan complejo el tema que yo le digo "venga" y después viene y le va a mal y me va a decir que es culpa mía.

[O.] Lo importante es que Uruguay no tiene una política activa de estímulo al retorno a la emigración. No la tiene explícitamente, es decir.

[Andrés] Lo tienes incorporado por determinadas normas, por determinadas acciones. Mira que yo, cuando voy de viaje, me junto... Cuando estuve en Estados Unidos, una señora de casi 70 años me *levantó* la mano y me dice: "¿Y tu que me dice sobre retornar al Uruguay?" y yo le pregunté: "¿Y tu con quien vive acá?", "Yo vivo con mi hija y con mi yerno", "¿Y ellos tienen trabajo?", "Sí". "¿Usted tiene años allá en Uruguay trabajados?", "No". "¿Tiene casa allá en el Uruguay?", "No". Y bueno, yo le digo: "Que si usted quiera, vaya visitar al Uruguay pero después vea la posibilidad de quedarse donde está". "¿Pero usted me dice eso y usted es el Director General?", digo: "Sí, prefiero decirle eso a decirle venga! todo bien! sensacional! y después cuando esté allá y esté con una mano atrás y otra adelante..."

[O.] Y en Uruguay, en lo momento... Cuando hablo, quiero hablar... No habla el director, ¿sí?

[Manuela] Sí.

[O.] Capaz que se generó, allá por el 2011 o algo... Unas expectativas enquanto a lo que el Estado podría brindar a los retornados, ¿no?

[Andrés] Yo quiero creo que en algún momento tendría que haber un

[Ruido incomprensible]

[Andrés] Tiene que haber un sinceramiento general porque la condición que era que yo me venía porque yo estaba mal y después, como que no quería decir que yo vine cuando estaba mal, le hecho la culpa a alguien ¿y a quién le culpó? Al tipo que fue y dijo: "Vengan! Vengan!" [Ruido] Son cosas de Estado como las personas son irresponsables. De la misma manera que cuando vos agarraste la valija y te fuiste, y que fuiste callado de la boca y que fuiste, agarraste, abajaste la cabeza y dijiste: "Adelante", capaz que debería venir... Pero claro, está ahí un condicionante que *escapa* la ley de migración, se crea una oficina para atender a esas cosas, entonces... y capaz que alguna persona política vinculada al tema retorno o al tema migratorio manifestó la...

[O.] Sí, a partir del contexto de la cámara laboral también, en Uruguay... [Ruido] 100% *desocupación*, claro... 100% histórico. Eso tiene mucho que ver. Y bueno, también el marco de seguridad social.

[Ruido incomprensible]

[Andrés] Pero ahí hay toda una... Nosotros tratamos de ser muy cautos cuando hablamos del retorno. Por eso mismo que yo te decía, por la complejidad, porque existen cosas internas del ser humano y externas que pueden... Una decisión tomada no es fácil y bueno porque van a llegar a un lugar que no es el mismo que se fueron, no es el mismo que residen y los cambios... Y cambia la modalidad [...]

[O.] Lo que hemos hablado mucho también, creo que es de hacer un trabajo de lo que decía Jorge de asesoramiento, *charlas* en el Consulado... de orientación. Decir que la persona sepa: "el Estado no... Directamente del Consulado no le va a buscar una oferta de empleo. Si a ver, tu me traes tu currículum [...]"

[Manuela] Claro.

[O.] Y mismo acá, acá si puede hacerlo en el Ministerio del Trabajo, ¿no?, pero también de orientación, para *organización* laboral que geralmente... Pero el Centro Publico de Empleo... Que sepa con lo que cuenta. Que es lo que el Estado uruguayo le puede ofrecer.

[Andrés] Yo lo que vengo encontrado es que la gente que nunca pidió nada y que, por sus propios medios resuelven mejor las cosas... Hay un tema así que es verdad, pero es un tema no de Uruguay, es mundial, ¿no? El tipo que te viene con 60 años, o sea la persona que te viene con 60 años... es complicado.

[Manuela] Claro.

[Andrés] Es complicado, ¿no?, porque estamos en un mercado de trabajo donde, si vienen a la parte publica tratamos de no poner edades... No nos olvidemos que el 75, 80% de los empleadores en Uruguay son privados y ellos se arroban el derecho a contratar personas que, si vienen, capaz que el Estado debería pensar que, si en algún momento hubo una politica o hay una politica sobre contratación de jóvenes, también habría que tener una politica de contratación de aquellas personas que se estén acercando a culminar su carrera laboral, ¿no?, a los efectos de también, que no queden sin trabajo porque al Estado le sale mucha más plata sostener eso que...

[Manuela] Claro.

[Andrés] La persona que tiene mucha edad, que viene, si no tiene un sostén propio, una [...] personal porque también, yo te digo eso, he visto casos maravillosos. Gente que estuvo encargada de mantener el mantenimiento de un club de alto grado en Estados Unidos y viene acá y [...] consigue trabajo en algún club y le van a pagar mucho menos pero digo no van a... Y ahí entra también lo que pasa en tu cabeza, ¿no?, como retornado. Que es lo que como uno viene predispuesto, ¿no?

[O.] Los uruguayos son muy de decir, a los que venimos o a los que están por venir, que te dicen: "¿Que venís hacer acá?" Eso es una frase [...] repetida

muchísimo. Tu te la encontrarás seguramente en las entrevistas, ¿no? Después queremos ver tu trabajo. A mi me interesa!

[Manuela] Claro!

[O.] Si lo puedes mandar después...

[Manuela] Claro, claro!

[Andrés] Y ahora te dice, hay que tener cuidado. Ayer justamente tuvimos una conversación familiar sobre el de adentro y el de afuera. Que se ha disminuido mucho eso, pero cuando acá se salía a decir que se va a hacer una política de retorno, que se le iba a dar la posibilidad de traer esto, [...], el que está adentro también eso tiene un efecto contrario y puede llevar...

[Manuela] Eso que yo iba a preguntar. Lo que yo he visto, hay como una resistencia de los que se quedaron con los que vuelven, ¿no? Como "¿Porque fuiste?"

[Andrés] Mira, se da por varias cosas y ayer me lo comprobaron y sigo comprobando... Cuando lo que estaban afuera estaban muy bien, venían al Uruguay a veranear y a gastar todo el dinero que hacían afuera. No importaba que lo tuvieran en el banco o que explotaban las tarjetas. Pero acá veían la ostentación de llenar el... el carro y de irse hasta Punta del Este y a quedarse...

[O.] Que ven que estoy pasando afuera con ustedes, acá.

[Andrés] Y ese imaginario se fue *callando* a la gente, sea familiares, sea amigo. "Mira, vino Fulanito que hace 10 años y mira [...] con un tremendo auto." "Sí, porque lo alquiló, porque..." Entonces... Esa ostentación de dinero, de decir "Viste, yo me fui y por eso estoy mejor", eso entra en el imaginario de la persona que vive acá. Y yo siempre digo que, como un denominador de la gente que retorna no es esa. Hay mucha gente que también le ocasiona mucho dolor decir que se fue frustrada y vuelve frustrada. También es un mecanismo de defensa como para poder decir "Tengo que seguir adelante y no te tengo", "¿Y como te

fue en el exterior?", "Ai, bárbaro!". Está ahí un cuento que sobre migración mortal que es un uruguayo que se va, o sea, el ya decidió irse y la madre se junta con la madre de un amigo de el y le dice "Anda", pero ahora no me acuerdo el nombre pero, "Decíle a tu hijo que vaya a ver a Pepito que Pepito se le ha encargado de los restaurantes de Fulanito de Tal y le da trabajo en seguida", ¿no? Y este, bueno, se fue con una expectativa que al primero día buscó, no encontró mucho, y si estás mucho a ver a Pepito. "Pepito!" entra en un restaurant que se había y "Quiero hablar con el encargado con el Pepito" y lo quedamos mirando el todo, ¿no? "A ver, Pepito, venís!" y el es el que limpiaba los baños, ¿no?, y usted, luego que lo [...] le dice "Ni se te ocurra... Yo a mi madre no le voy a decir que estoy limpiando *water* todos los días." Así que, seguían pensando de que yo soy el encargado de todo este restaurant, ¿no? Esas situaciones se dan, lo digo no para culpar, lo digo de un punto de vista mucho más abstracto de la culpa... Porque el ser humano, el proceso de la cabeza del ser humano pasan muchas cosas.

[O.] Mi opinión personal, tenemos una actitud, me parece los uruguayos, respecto a los que estamos acá a veces estamos como medios, como de mal humor, ¿no?

[Andrés] Sí, o de conforme.

[O.] De conforme! Estamos de conforme. Conocía una: "Lamentablemente estamos bien", decía una escritora venezolana que tituló así un libro que está muy bien hablando de la característica de los uruguayos y esa es una frase que nos caracteriza, ¿no? Lo que estamos acá estamos así, con ese estado. También con el que volvió, ¿no? "Este que volvió, que nosotros que nos quedamos a luchar, mientras vos te fuiste. Por suerte te fuiste!"

[Ruido incomprensible]

[O.] Incluso, la mayoría de los retornados, bueno, el porcentaje de remesa es igual. Había mucha familia que mandaba dinero para mantener acá... Lo siguen haciendo.

[Andrés] La *sociedad médica*, había FONASA [Fondo Nacional de Salud], el tema del alquiler, el sobrino del hijo...

[O.] Hay una contribución muy importante de los uruguayos que están afuera y que volvieron. **[Ruído]** Y pues el uruguayo que está afuera también, que a veces parece que tenemos como eso que nos molesta, que bueno el ultimo es el tema del otro, ¿no?, que tanto se luche, se sigue luchando por que se implemente, que Uruguay no sea el único, ser el único país que no tiene ese derecho de la región, ¿no? Lo que está de fondo, la justificación de porque ese uruguayo no tiene que votar también es importante. Muestra también la visión que tenemos los uruguayos que estamos acá de a este que está afuera. También del que volvió y de los que estamos acá. Entonces tenemos... Es complicado. Ese imaginario, ahora hay unos estudios sobre migración que sacó la Facultad de Ciencias Sociales y que hicieron también un estudio sobre los retornados, cuál es el imaginario, la opinión de los uruguayos respecto al retornado. Eso no es publico todavía, pero tienen los datos para... que hacen interesante. "El retorno es positivo!" Cuál es la visión del retornado, ¿no?

[Andrés] Y se lo da lo que pasa es que... El tema de las encuestas, yo le digo siempre que hay que tener cuidado, mira. Y esto capaz que, como que para guía para vos... Un organismo publico que tomó a 60 personas que habían retornado y, claro, ese organismo publico se vincula mucho con la personas que retornaron vulnerables. Los tipos sacaron un informe publico, basado en esas 60. Yo digo: "pero pará, no son los 60. No es el universo." Ahí va. Entonces vos estáis diciendo que todo los... Porque, cuando uno escribe, después queda en *malos* medios de imprenta uruguayos, te dicen: "Fracaso de los retornados a Uruguay" e vos lo hacéis como ese titulo mediante una encuesta de forma, creo que se llama, no probabilística...

[Manuela] Sí, no representativa.

[Andrés] Que te da un [...].

[O.] Lo que se *saca* muchas veces, seguramente los investigadores, se ponen... que los resultados no son generalizables a toda la población, pero esa es la parte que a mi me ponen...

[Ruido incomprensible]

[Andrés] O aquel diario que dice, toman entre comillas, a uno que dice: "Se fueron y a ahora vienen a pedir muchas cosas", yo que se, viste. Eso también se genera. Por suerte, yo creo que es que sea determinado, si no que quedó más en el inconsciente que en el consciente, ¿no?, pero hay una crítica en el de adentro y en el de afuera muy fuerte. Hay una crítica, viste, inclusive hay una crítica de el que estaba adentro, que ahora se corrió el manto de lo que hacías afuera es mucha gente y que todavía no retornó pero se sigue jugando, ¿no? "Ah, bueno, pero... Todas las mañanas van a desayunar al bar." También el uruguayo que entra en determinado circuito de consumo, viste, como que... Te lleva, te lleva, te lleva y te absorbe eso y bueno, yo que se yo. Tenerlo muy en reserva, pero, yo visité una señora en España que justo era el cumpleaños del hijo y me dijo "Viste, ¿te diste cuenta porque yo estoy acá? Porque si no a este niño no le podría hacer el cumpleaños *McDonald* como se lo estoy haciendo". Toda esa... La gente también es un poco de lo que es y de lo que quiere que sea, ¿no?

[Manuela] Lo que quiere mostrar.

[O.] *Yo me iba a ir* [...] una pregunta breve... No, que yo no hablo para que hable Jorge [...]

[Manuela] No, yo no más iba a preguntar si ellos los retornados tienen como una organización de ellos.

[Andrés] Hay un grupo que está muy caído, muy en desahucio, ¿no?

[Manuela] Desde el 2012 no hay nada.

[Andrés] Y más te digo, mejor que no la tengan porque eso que te estamos diciendo, el tema de salir publicamente a reclamar cosas no está bien... Yo conozco a la persona que dirigió eso y vos sabéis que yo tengo una excelente relación con el y el es una excelente persona y el me decía: "Mira que vamos a

hacer esto." y yo le decía: "Ojo porque esto te va a ser un *boomerang* y te va a jugar en contra" y efectivamente hicieron una reunión en la época, ya por el 2012, que lo único que sacó la *tele* fue un tipo médico criticando los médicos en Uruguay, que no iban al interior. Uno no sabe lo que fue... Y me dice: "Vós sabéis que tenía razón. Vós sabéis que también me amenazaron de muerte". O sea, hay que tener mucho cuidado con el respecto a lo que uno publica, viste. Mucho cuidado porque puede generar [...]

[O.] Acá tu selección de casos, claro te llegarán diferentes historias y, claro, ahí depende del investigador, ¿no?, si elige los casos de éxito [...]

[Ruido incomprensible]

[Andrés] Yo no soy investigador, pero a mi me parece hay que hacer un...

[Manuela] Un equilibrio

[Andrés] Cuando uno tiene una... [Ruido] Si vós... Mire que yo estoy hablando de oído, capaz que le esté errando. Cuando vós tenéis una población objetiva, de cual puede ser cuantitativamente mucho, pero que vós no podéis llegar... O sea, tenéis que hacer un corte, viste, es que necesariamente tenéis que buscar al *equilibrio*. Fue bien, al que no le fue tan bien y al que le fue mal. Tenéis que hacer esa mistura porque, si no, no podéis ver todo el... Esto que yo te hablo es por la experiencia que tuve 12 mil personas pasando por ahí y yo como Director General he ido atender a la gente, viste, y he atendido y hablado y viajo y me preguntan, viste. De eso es lo que he encontrado.

[Manuela] ¿Y vós tenéis bastante contacto con la gente, no?

[Andrés] Tenéis que tenerlo, pues si no lo tenéis, es imposible esto que yo te cuento es imposible saberlo si no lo tenéis.

[O.] Si me permite, Jorge tiene un estilo a sentarse con la gente. Acá la persona no es el director que estaba allá arriba y, o sea...

[Andrés] Fuimos a los Estados Unidos. Me fui a Los Angeles, a Houston, a Miami y mi centro fue la gente. En sentarme en una mesa así, más grande y hacer un consulado móvil y era en una iglesia donde la donaron para... la cedieron para ser el consulado móvil y habían uruguayos en mesas y yo me fui poniendo cada uno en la mesa a charlar con cada uno, a ver que lo... Y anotar las cosas que ellos pedían. Y a usted te digo, eso siempre te da una experiencia que podéis *cerrarla* el final, ¿no? [Ruido] Pero el conocimiento, sí, es lo que también tenéis una... Tenéis que borrar todos los prejuicios en tu cabeza, ¿no? Si vos tenéis que ir muy abierto y de pensar esto que yo te decía que cada migrante es un mundo, ya sea el que queda o el que retorna o el que viene y se vuelve a ir. Eso es así... Yo no puedo decir porque tengo 20 amigos que le fue bien que todo el retorno fue exitoso. Eso no lo puedo decir. No puedo decir de que es una *macana* todo lo que pasan al retorno porque yo no atiendo a 10 personas que 8 vienen quebradas [...] vienen quebradas de allá, ¿no? Lo que sí puedo dar cosas, datos importantes, ¿no? Yo se que yo estoy en la mitad de la historia y contrafáctica no puedes hacer, ¿no? Pero contrafáctica no puedes hacer historia, ¿no? Si hubiese pasado a tal. Si Hitler no se hubiese matado [...] Eso no lo puedes hacer.

[O.] Si hubiese se dedicado al arte... [Ruido incomprensible]

[Andrés] Si no le hubiesen relajado tanto del niño, ¿no? [Ruido]

[O.] Por ejemplo, era vegetariano y quería a su perro. O sea que todo los vegetarianos [...] querer a los animales y ser vegetariano estás seguro a nada.

[Andrés] Yo me pongo a pensar, ¿no? Si hubiese habido crisis en Estados Unidos y en España o hubiésemos recibido tantos retornados como... Porque yo cuando le hago la pregunta acá, el 70% te dijeron que estaban pasando bien y porque se vienen no por problemas económicos. No es que haya una contradicción. Pudiste haber pasado bien 8 años pero te vino la mala y la [...] y tuviste que venir. No es contradicción eso que te digan: "¿Y qué pasa?", es la realidad. Entonces en eso tenéis que [...] Tenéis que ver mucho. Viniste sólo. Gente que se fue con matrimonio, vino con otro matrimonio. Gente que se fue

con matrimônio y vino sólo. Gente que fue con matrimônio, se separaron, [Ruído] después se junto con un norteamericano y el norteamericano lo denunció por inmigrante ilegal y lo mandaron para cá y el tipo no puede ver a la hija. Las cosas más mezquinas, más horribles podéis encontrarla cuando 2 personas se encuentran. Hay todo un...

[O.] Si tenéis una otra consulta [...] buscar por Jorge [Ruído]

[Manuela] Bueno, muchísimas gracias por recibirme, por charlar y todo. Muchas gracias.

[Andrés] ¡Bueno, a las órdenes! Ah, lo que quería comentar. Una persona que es especialista en retorno: Ana María Sosa. Es una uruguaya que es profesora en Porto Alegre, en la Universidad de Porto Alegre.

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM OSVALDO BALUGA

Entrevista concedida em 19/07/2019.

[Manuela] Bueno, entonces, lo que me gustaría saber es más o menos tu historia. Cuando saliste de acá, en que año, como fue y después el proceso de volver. ¿Vos saliste de acá cuando?

[Osvaldo] Ahora, yo tuve distintos momentos. Uno en 1976 cuando empezó toda la persecución y yo me tuve que ir. Salían encabezado de los diarios y de todos los demás y ahí nosotros todos salimos por la Embajada de México. Llegamos allá, fue una cosa muy difícil porque la Dictadura no nos quería permitir salir para México, ¿no?. Se hacía toda una cuestión muy fuerte muy fuerte para volver a recapturarnos. No, recapturarnos, en mi caso capturarnos.

[Manuela] ¿Vos erais del Partido Comunista?

[Osvaldo] Éramos de distintas tendencias la gente que estaba en el Consulado. Ahí nos fuimos para México, llegamos a México, en la Embajada de México éramos más de 320 personas. Creo que llegamos, en determinado momento, eran como 360 o 300 y pico personas en una casa grande, pero una casa. Para se ir al baño había cola. Para comer, comíamos [...] y todo los demás. No sé si te sirve...

[Manuela] ¡Sí, sí, sí! Todo me sirve.

[Osvaldo] Nada más con un Embajador que fue maravilloso, que era Muniz, ¿no? Muniz, nosotros le hicimos un monumento en México y un monumento acá porque realmente fue una persona absolutamente excepcional. Él era de uno de los organismos, había sido parte de uno de los organismos económicos de América Latina, creo que la... No me acuerdo como es el nombre. Y aparte era Embajador de México. Él era un hombre grande, muy culto, muy culto y, para mi, fue un impacto también porque, nosotros en aquél tiempo, yo trabajé mucho

tiempo en la clandestinidad. Y nosotros, durante aquél tiempo, por ejemplo, no permitíamos que hubiera gay dentro de las Fuerzas Revolucionarias porque pensábamos que los gays eran personas que tenían debilidades. No debilidades, si no que tenían lugares donde el enemigo podría explotarlo y podría ser muy difícil parar ellos. Y, sin embargo este maravilloso *ser*, valiente y inacreditable, increíble, increíble, valiente. Una de las tantas veces... Siempre el ejército estaba rodeando la Embajada. Aún así, nosotros entrábamos. Entrábamos por el Consulado, entrábamos con los autos de la Embajada que nos recogían, cosas así. En uno de esos momentos, nosotros estábamos allí, ya éramos como 300, el ejército [...] invadir la Embajada [...], estaban puestas todas las unidades para la invasión toda y el secretario llama por teléfono el Consulado, que era donde estaba el cónsul... No sé si te interesa.

[Manuela] ¡Sí, sí, sí me interesa!

[Osvaldo] Llama por teléfono a Muniz y le dice: "Mira, están..." le dijo un mexicano, ¿no? "Mira, están por invadir aquí el ejército, los niños y las mujeres se fueron para el ático..." la parte de arriba, ¿no?, que es la parte más protegida y nosotros no teníamos ningún arma, ni una *onda* y vamos a hacer una barricada pero que podríamos aguantar un minuto o menos porque no teníamos absolutamente nada. Ni íbamos a... Y él se agarró la limusina que tenía y salió como que a 180 o 100 por la [...] y, cuando llegó allá, tiró... Estaba todo rodeado y él tiró la limusina con toda la fuerza contra las fuerzas, contra los milicos le tiró. Entonces, había, al mando de eso, creo que era un mayor, y él "¡Ah, pero usted está loco, usted está loco!" Y dice "No, carajos, yo soy el Embajador de México y no sé qué, chinga tu madre, cabrón" y no sé que, no sé cuantos. Y entonces él entró, y al final, anuló la invasión que iba haber y la muerte de la mayor parte de la gente y unas cosas muy... De ahí se me fue uno de mis esquemas estúpidos, ¿no?, y vi que, en realidad, tanto una mujer como un gay como un hombre eran exactamente lo mismo, ¿no?, y me vino un inmenso respecto también por esta gente, ¿no? Por ser tan maravillosos... ¡[...] de antes, por supuesto! Ellos siempre eran muy dispuestos, muy políticos, muy valientes y ayudaron enormemente a nuestra gente. Cosa que estaba en desacuerdo la gobernación que vino, no sé como, el Ministerio del Interior de México y el Ejército de México estaba en ese

acuerdo y la Presidencia al final atacándolo a él por toda la presión que, los únicos, pero él abrió la cosa de una forma increíble, ¿no? Él abrió la posibilidad, nos salvó como a 300 o 400 de nosotros nos salvó. En el momento que éramos más, éramos como 320, 360, por ahí, después hubo algunos menos que ingresaban, pero ya después se cortó porque México cortó el ingreso a México.

[Manuela] En asilo...

[Osvaldo] Fue una cosa muy importante.

[Manuela] ¿Y de ahí pudieron irse todos a México?

[Osvaldo] El primer vuelo... Porque ellos buscaban, sobretodo, a 3 de las personas que estaban ahí. Si entregaban a esos 3, dejaban que saliera el resto. Pero, en el primer vuelo, 1 de los 3 que era Guillermo *Bona*, que estuvo desde el primer momento, fue el primero que llegó, y que era chantajeado con una bebida que tenía él, que entonces se agarraron a la... Los milicos se agarraron a la bebida y a la abuela y la tenían en la casa y no la dejaban salir para nada y solamente si él se entregaba. Él y la mujer. La mujer era Flora, excelente, una compañera excelente. Entonces, va a salir el primer vuelo y en el primer vuelo sale Bona y el Embajador acompaña el vuelo, toma el mismo avión en Carrasco y baja en Ezeiza porque ahí seguía el vuelo para otro lado y él cuidó hasta eso. Él acompañó hasta Ezeiza para que no hubiera un masacre o no hubiera una captura. Y entonces así llegamos a México. Después, en México, parte... México dijo que podría recibir al resto si el que... Si salían del territorio de... Ah, y algunos que se fueron para España, otros se fueron para otros lados, yo me fui para Cuba, ¿no? Fui a Cuba y ahí pasé unos años. Llegué a ser jefe de cátedra de química a nivel de secundaria, pero no es como la secundaria de acá. La institución donde yo trabajaba tenía 2.500 alumnos solamente esa institución. Y esa institución podían entrar alumnos de 97 puntos a 100. Que es decir como la crema de una provincia entera, no... Y bueno fui ahí, estuve trabajando y *viviendo*. Enseñan muchas cosas ahí. Trabajamos, ayudamos en la construcción. Ayudamos en varias cosas. Estudiamos...

[Manuela] ¿Vos te fuiste sólo, estabas sólo ahí?

[Osvaldo] ¿Perdón?

[Manuela] ¿Estabas sólo?

[Osvaldo] No, yo había ido con la que era mi mujer en ese *entonces*...

[Manuela] Claro

[Osvaldo] Entonces fue bastante repetido... **[Risos]** Con Alicia que ella también estaba siendo perseguida. Nos escapamos los 2 juntos, ingresamos al Consulado los 2 juntos. Muy particular la forma que entramos, pero no es lo que vos estáis queriendo saber, parece. Bueno, y entonces ahí estuvimos trabajando, estudiando, y en fin, otras cosas... Saliendo y volviendo a la isla para reuniones que se hacían en otros lados, esas cosas que se hacían. Y, ta, punto eso. Después de ahí, yo, en un determinado momento, pude volver a México y ahí en México hice toda una experiencia, había una colonia en México muy grande de uruguayos. Yo creo que eran como 2.000 y pico de uruguayos en México. Era una colonia bastante organizada que le dio mucho prestigio a Uruguay. Le digo, solamente muchas partes del exilio, de todo lo mejor *[mejorcito?]* que se podría encontrar en un... Por ejemplo, uno de los que se fue y que después... Él sólo hizo una contribución a la economía mundial y a la economía mexicana que... vamos a decir que... Todo lo que podrían haber gastado comiendo, viviendo, etc, etc, etc, en todos los países América, él sólo, con el trabajo que hizo, porque él es el ingeniero Vargas *[Buargas?]* que fue de Cano, de la Universidad de Ingeniería, y no sé, alguna cosa más ahí también. Vargas, por ejemplo, de una forma muy uruguaya, resolvió uno de los problemas más grandes que había y era que... Por ejemplo, las represas, todas las embalses y las represas del mundo se podían llenar pero, nunca se llenaban a lo que estaba calculado que se podría llenar. Siempre determinada cantidad, pero nunca se podía llegar a eso porque, cuando gira la turbina, genera una vibración. Esa vibración, se dije, como si fuera el eje de la turbina. Ya te lo digo así no más, no... Golpea en el espejo del agua y vuelve para tras. Eso significa

una recarga de las turbinas que cuestan millones de dólares, ¿no? Entonces eso significa una recarga impresionante, pero además, las represas no se podían nunca llegar a la cuota porque ese problema habían. Entonces *Juargas* [?] la resolvió a la uruguayo porque ¿qué hizo? Él era un funcionario de hidrografía, pero después de esto lo nombraron Director de todo el plan de hidrografía, creo que fue así, de México. Fue el Director, él, ¿y él que hizo? Puso, en el eje que salía, fuera del receptáculo de la turbina, puso un motorcito. Como que era del tamaño de una lava-ropa pero que giraba sentido contrario a donde había la vibración y anulaba la vibración. Eso pudo hacer de que todas las represas... Eso era un problema para México, era para Estados Unidos, era para Rusia, era para... Todos los países tenían ese mismo problema y ahí, *Guarda*, con ese invento resolvió una cosa que es... En todos esos países estaba gastando, pero no te exagero en decirte que eran miles de millones de dólares que se gastaban para resolver eso. Porque, supónete, no sé que cantidad, pero una cantidad importante, yo no sé, no quiero exagerar. 2 vigésimos, supónete, de las represas no se podían [...] por el problema de esa vibración y 1 tipo, que salió al exilio, que era un funcionario que entró ahí, que era un universitario nuestro, era un tipo importante dentro de la Facultad de Ingeniería, resolvió eso que fue, para toda esa gente que trabajaba en eso, era una cosa... Automáticamente nos nombraron director general de todas las cosas del Instituto de Hidráulica o una cosa así. Él pasó, de un escritorio, a ser el dirigente... Para México, fue un orgullo también y para nosotros también porque significó mucho.

[Manuela] Claro. ¿Y usted mantenían los lazos con el Uruguay cuando estaban allá de alguna manera?

[Osvaldo] Sí, nosotros siempre manteníamos los lazos... Cada una de las organizaciones, el frente amplio que estaba formado también mantenía los lazos, nos comunicábamos, hacíamos... Ejercíamos distintas cosas, ¿no? Ejercíamos una enorme solidaridad. Cuando sabíamos que había caído alguien, todo lo más, enseguida nosotros veníamos... Los canales para publicarlo o para *tratarlo* de que se conociera mundialmente de que fulano, que era tal, que había hecho tal, que estaba tal, que estaba no sé que y había caído preso porque, si no, enseguida te pasabas a la tortura y podrías desaparecer y te

podrían matar. Entonces, si esas cosas, nosotros las manteníamos muy fuertes. Otra cosa que había era una parte financiera también. Realizar todo un trabajo financiero para abastecer a la clandestinidad, ¿no? Por ejemplo, a los periódicos que se editaban acá. Que no eran periódicos, eran hojas [...] que se hacían y que algunas de esas funcionaron mucho tiempo. Muchísima gente cayó por eso. Más los viajes, más los problemas de comunicación, todo lo que tenía que ver con el vínculo, con la prensa, inclusive algunos exiliados hicieron agencias informativas en el exterior que tuvieron un papel muy importante. Trabajaron para agencias informativas importantes, como ANSAC, como en Italia y cosas por el estilo y a su vez tenían como un objetivo fundamental tratar de divulgar todo lo que era. Y después manteníamos a todo el exilio, sea pelo que sea, aunque no tuvieras pelo también, [risos] tratábamos de mantener un hilo, tratábamos de mantenerlo informado y tratábamos de mantener una mística para que él, después, pudiera volver. Entonces todo eso era [...] del exilio. De todas las organizaciones y después de cada organización en particular. Algunas trabajaban porque tenían más vínculo o porque tenían más prestigio o lo que fuera, trabajaban más intensamente que otros, pero todos trabajábamos en esa cosa. ¿Te sirve esto?

[Manuela] ¡Sí, sí, sí me sirve, sí! ¿Y ahí en México te quedaste más años?

[Osvaldo] Sí, en México me quedé unos años más. Yo, igual, estaba haciendo determinadas cosas. Hubieron unos compañeros nuestros que salieron al exilio y que combatieron hacia otros lugares. Hubieron compañeros nuestros que murieron en Nicaragua tratando de derrocar, con los nicaragüenses en primer lugar, etc, etc, pero inclusive con muchos sectores, muchas nacionalidades también, tratábamos de derrocar a Somoza que había estado 50 años ahí en la dictadura. También se hacía cosas hacia otros países, era un problema de solidaridad también. Hacia otros países, como, por ejemplo, Guatemala, ¿no? Ahí 1 estuvo en Guatemala, en otros lugares y hubieron compañeros nuestros que hicieron muchos en esos lugares y algunos *defender* por la vida, ¿no? Eran luchadores acá en Uruguay que estaban en el exilio, pero también ayudaron a otras situaciones. Nosotros nos sentíamos también en una cosa que había y que los uruguayos tenían mucho era sentirse parte de América Latina. Y sentía tanto

la dictadura uruguaya como la dictadura en otros lugares. Mucha gente participó. No participaron sólo los uruguayos. Hubo argentinos, hubo chilenos, hubo de todos lados de América Latina hicieron cosas para ayudar otros países, otras cosas. Vos lo sentías como tu propia patria, como la patria *grande*.

[Manuela] Sí, la patria grande.

[Osvaldo] Claro. Y realmente allá sí había mucha solidaridad, muchas cosas. Y bueno, después, en el tiempo, empezaron a volver. En [19]85 empezó a volver, ahí vino una masa importante y después fue gente que vino. No es fácil volver.

[Manuela] ¿Vos volviste en esa época?

[Osvaldo] Yo volví en el [19]85. Pero tuve problema y tuve que salir de vuelta y además yo estaba en otras cosas en el exterior también. Nosotros... Hacíamos cosas también afuera. Yo volví para México, en el [19]85 vine acá con la [...] mujer que no era aquella mujer. En el [19]85, estuvimos un tiempito, estuvimos como lo era ahí, ya tenía 2 hijos y cosas por el estilo... No era fácil volver porque vos vas allá y no sois sólo vos. Es la familia que formáis, *es lo medios que abris* y todo lo demás. Ahora, nosotros siempre pensamos en Uruguay. Siempre vivíamos para Uruguay y es terrible el exilio porque vos no sabéis de donde sois. No sabes de que pertenecer. Parece como si estuvieras en una raya, viste. Siempre estás tratando de encontrar *lo de* Uruguay que es lo que tienes más sensibilidad. Pero mucha gente nuestra pasó años. La dictadura fue, creo que 14 años. Entonces se te fue con niños chiquitos, los niños crecieron, tuvieron esa cuestión medio incómoda de crecer, crecieron... Entonces, el problema es que empiezan a tener amistades, hacer el liceo y todo lo demás y había gente que estaba más grande y que empezó a ir a la facultad. Volver a romper la familia porque parte se quedaba allá, parte se venía para acá, etc, etc, no era nada fácil. Entonces el exilio a veces tiene esa cuestión que a veces sientes como que no es comprendida por la gente acá. Porque mucha gente, inclusive gente a fin *aún* y cosas por lo estilo, pensaban que ibas allá y que ibas pasar la guita porque habías ido por la desgracia pero, que estabas haciendo la guita... Había mucha gente que no era así. Había mucha gente que no era así. Yo me acuerdo,

por ejemplo, en la casa... Por ejemplo, uno de los personajes muy importantes que hubo en aquél tiempo era Lucía Salas. Lucía Salas era una historiadora que, acá siempre había sido muy importante, junto con Rodríguez y otros más formaban un equipo que fue muy perseguido por la dictadura. Entonces yo me acuerdo de haber pasado de que yo iba a visitar y Lucía Salas, que era catedrática, doctora, poco menos que honoris causa y cosas por el estilo, vivía meses y meses comiendo *alitas* de pollo. Para cocinar para a 10 que vivían en un apartamento [...] y además venían 10 más que eran amigos, que venían a comer porque no tenían otro lugar donde comer. No fue fácil. Eso no quiere decir que nosotros no hicimos, no hubo un desarrollo de la gente allá. La gente siempre participó, siempre actuó, pero vos vivías... Los españoles, los emigrados españoles que tenían una experiencia mucho anterior a todos los emigrados de América Latina, nos decían: "Mira, ustedes se equivocan. No se puede vivir pensando que uno es un emigrado de Uruguay. Tenéis que vivir intensamente y tratar la vida más normal porque, si no, te volvéis loco. Porque te desesperáis. Porque ni sois ni sois... ¿Entendéis? Era terrible. Esto muchas veces no sentían acá. La gente que se quedó acá no sentían. Ah, yo, para nada, no tengo ningún conflicto con nadie ni con... Caso concreto, mi cuñado estuvo preso 6 años y fue terroríficamente torturado. Nosotros allá hicimos una enorme campaña por Omar que era mi cuñado y estuvo [...] y todo lo demás. La gente que hacía esos *diaritos*, a que salían medio de la dictadura a ser una... A dibujar una *consigna* en una pared era una forma brutal de jugarse. Por favor, nosotros siempre... Eso era el centro de nuestra... Siempre estábamos viviendo y trabajando y pensando siempre en los que habían quedado. Ahora, más allá de eso, tampoco los nuestros eran... Eso lo quiere decir que algunos, que no son la mayoría, pero algunos sí se destacaron, hicieron cosas buenas. Por ejemplo, ya que te hablé de Lucía, Lucía después fue uno de los personajes más importantes de la UNAM, ¿no?, en la Ciudad de México. Ya hablé de *Guarda* y te puedo hablar de 40 o 50 más que hicieron realmente aportes, tanto en la ciencia como al país concreto donde estaban, como a cosas... O participando directamente en la cosa diaria, ¿no? [...] porque ser un catedrático para estar aportando. Cada uno aporta cosas... Pero esas personas, y otras más, trataban de mantener el prestigio, en el exilio, de los uruguayos. No sé si te está sirviendo.

[Manuela] Sí, sí, sí me sirve. ¿Y vos después saliste de vuelta en el [19]85 y volviste a México?

[Osvaldo] Sí, volví a México y me quedé unos años allá. Lo que pasa que yo andaba caminando por el mundo, digo. A veces tenía que ir a un lado, a veces tenía que ir a otro. Y hacíamos y ayudábamos y hacíamos cosas.

[Manuela] ¿Así que volviste a Uruguay después de eso?

[Osvaldo] Sí, después de eso regresé a Uruguay y me quedé una cantidad de años... Nunca encontré totalmente lo que dejé. No sé si me explico.

[Manuela] Sí...

[Osvaldo] No solamente yo había cambiado. Uruguay había cambiado. Uruguay era diferente.

[Manuela] ¿Vos no tuviste hijos cuando estabas afuera?

[Osvaldo] Pero además, muchos amigos ya no estaban o habían hecho otra hacienda. Estaban en otro lugar y... Era [...] complicadito.

[Manuela] Sí. ¿Vos no tuviste hijos cuando estabas afuera?

[Osvaldo] Yo no tuve nunca hijos.

[Manuela] Sí... ¿Y cuando volviste en esa vez que quedaste acá unos años, fue con una mujer que estabas?

[Osvaldo] También me divorcié...

[Manuela] [Risadas] Bueno.

[Osvaldo] Después, cuando estaba divorciado, esa vez, regresé a Uruguay y yo estaba solo en ese momento. Me fui más fácil. Hice camino para regresar a

Uruguay. Fue muy particular porque me vine, desde la Ciudad de México, aquí, me vine, hice un viaje. Lo que pasa es así: vos tenéis... Como que cosas ideales que quieres hacer en tu vida cuando sois un guri, un joven. Una de las cosas que ya me había puesto en la cabeza era hacer un viaje por toda América Latina. La verdad es que yo conocía la mayor parte de los países de América Latina porque había estado en delegaciones, otras cosas, o porque a veces para ir a un lugar, tenía que pasar por otros y trataba de conocer lo máximo que podía. Pero, una vez que estaba allá y no tenía trabajo... Traté de cerrarme para no tener mujer tampoco [risadas], pero creo que fue así, para que fuera el momento para organizar todo y me vine. Entonces vine desde la Ciudad de México hasta la frontera con Argentina y eso, vine en Moto.

[Manuela] ¡Ah, mira!

[Osvaldo] Y después vine en un auto hasta acá. Atravesé todo [...] Ciudad de México hasta el resto de América Latina por el lado este, ¿no? No, esa vez yo conocía, allá, Venezuela y Brasil. No conozco Guyana, pero esa vez no toqué en nivel nacional ni Brasil. Pasé por toda la parte oeste del cono sur, atravesé toda la América Central, ahí todos los países, por supuesto, menos Haití. Haití no conozco.

[Manuela] ¿Y todo en moto?

[Osvaldo] ¡Sí!

[Manuela] ¡¿Y sólo?!

[Osvaldo] No, el que... El dueño de la moto era el hijo de un exiliado en Suecia que había comprado una moto en inconcebible, enorme, preciosa. Era una Honda 2000. Un bicho enorme, enorme. [Risadas] Que no tenía marcha atrás. Era la última sin marcha atrás. Y, con él, recorrimos, atravesamos 2 veces los Andes. Tuvimos que embarcarnos, cuando llegamos a Panamá, nos enteramos de que la carretera Pan-Americana era intransitable porque, ahí en el Golfo de Darien, y toda la parte esa, Panamá y pedacito de Colombia que da ahí, estaba

ganado por las drogas y entonces era imposible pasar. Cuando venías, te veían ver desde lejos y entonces tiraban aludes de tronco que te sacaban de la carretera y te mataban, ¿no? Te robaban todo lo que tenías y te mataban. Entonces, tuvimos que tomar, con la moto que era enorme, tuvo que empujarla. Eramos un montón para empujar la moto esa. Hubo que subirla a un navío para bajarnos en Mérida y de Mérida nos fuimos hasta a la ciudad más linda de América Latina, en el norte colombiano. Es esta ciudad... ¡Ay!, ahora no me sale el nombre. Bueno, es una ciudad famosísima...

[Manuela] ¿Cartagena? No...

[Osvaldo] Con cosas coloniales increíbles.

[Manuela] ¿Cartagena de Indias?

[Osvaldo] ¡Cartagena! Cartagena de Indias. Fuimos hasta Cartagena de Indias y después fuimos bajando todo Colombia hasta Ecuador, Peru y de ahí para bajo. Pasé por el desierto Atacama en Chile. Era terrible eso, también. Entré por La Quiaca, en Argentina. Estuvimos en el lago... Que ahora está secándose.

[Manuela] ¿El Salar de *Uyuni* que está allá en Argentina, no?

[Osvaldo] No, el que es parte de Bolivia. El... Donde hacen esas canoas con pajas y... No me sale. Mira que el problema de memoria no es solamente con la edad. [Risos] [...] Después conversando me sale. A veces, cuando daba clases, decía: "Este hombre... Este hombre que hizo tal cosa, tal cosa y tal cosa. ¡Pero que se casó con tal y no sé quién y no sé quién!" y no me salía nada. ¡Nombre! y era Picasso, o otra cosa, también. Ya siempre tengo problemas con los nombres. Tengo problema con los nombres, con los teléfonos y las direcciones. Problemas de clandestinidad.

[Manuela] ¡Sí! [Risos]

[Osvaldo] Sí, en serio. Mucha gente que trabajó en la clandestinidad tiene el mismo problema. ¿Es Titicaca? No... ¿Sí, no?

[Manuela] ¡Sí, creo que es!

[Osvaldo] Ese, el Titicaca, sí. Y ahora se está, ahí una seca muy grande, y se está agotando, aunque sea enorme...

[Manuela] Está vaciándose... ¿Y bueno de ahí te quedaste unos años acá en Uruguay?

[Osvaldo] ¿Cómo?

[Manuela] ¿Ahí quedaste unos años en Uruguay?

[Osvaldo] Sí, ahí quedé unos años y, después, hace unos 14 años fui... Me gradué también en Bellas Artes, pero acá. Estudié Bellas Artes, que son 7 años, más 1 año de especialización en Buenos Aires y fui para el lado de Brasil, para hacer una experiencia por la costa. Pensaba a ir agarrar la costa y llegar a Jericoacoara que queda en el norte, bien en el norte. Es un lugar muy especial, pero justo antes tropecé con una brasileira y ta. Me quedé... Estuve casado 12 años. ¡Qué horror!

[Manuela] ¡No, está bien! ¡Está lindo! [Risos] ¿Entonces, cuando saliste de Uruguay, ya querías salir para vivir en Brasil?

[Osvaldo] No.

[Manuela] Fuiste pasear.

[Osvaldo] Mi padre había sido también un tipo muy inquieto. No inquieto. Era excelente, maravilloso tipo. Él fue Secretario General del Sindicato Gastronómico de Argentina y ahí tuvo [...], tuvo que ir a Brasil y tomó toda esa parte de Brasil como si fuera la nacionalidad de él. Realmente aparecía él como si fuera originario de ahí y yo quise ir a conocer todo eso también. Entonces, en

parte fue por un poco de aventura y en parte fue también por tratar de encontrar las orígenes. Hasta que tropecé como te dije.

[Manuela] Sí. ¿Y ahí decidiste quedarte?

[Osvaldo] Y ahí me quedé unos años. Me quedé más de 10 años. Estuve casado con *Areli* [Aurelie?].

[Manuela] ¿Pero al país te costó adaptarse a Brasil porque primer país que vivías que no hablabas la lengua, no?

[Osvaldo] Conozco 14 estados.

[Manuela] ¡Ah, mira! Viajaste bastante.

[Osvaldo] Sí, sí, sí. Conozco 14 estados, en varios estados volví varias veces. Siempre el espíritu aventurero nunca lo dejé, hasta ahora. Ahora estoy más tranquilo.

[Manuela] Que bueno. ¿Cuántos años tenéis ahora vos?

[Osvaldo] No, no es por los años. También es por la parte económica.

[Manuela] Ah, sí. [Risos]

[Osvaldo] Este último divorcio me costó bastante y, entonces, estoy más tranquilo ahora acá. Y además estoy menos para la aventura como antes.

[Manuela] Sí.

[Osvaldo] Antes no era por el aventurero. Antes era porque estaba en las organizaciones estudiantiles o, por ejemplo, por una organización yo fui hasta Hungría a un congreso. Después por otras organizaciones fui por otros lados. Estaba en la militancia, ¿no? Estaba en la actividad y, entonces, a veces conocía eso. Por Francia estuve ahí una vez...

[Manuela] ¿Y ese último regreso como te fue? ¿Decidiste volver por el divorcio?

[Osvaldo] Sí. Fue un poco para reencontrarme con Uruguay.

[Manuela] ¿Pero vos visitabas bastante cuando estabas allá? ¿Volvías a visitar o no?

[Osvaldo] ¿Como?

[Manuela] ¿Vos volvías a visitar Uruguay cuando estabas allá?

[Osvaldo] Ah, sí, permanentemente. O todos los años o a cada muy poco tiempo estaba yendo y viniendo. Siempre. Siempre estaba viendo y todo lo demás. Además, siempre estaba tremendamente en la parte política y *vivencial* de Uruguay y también estaba conpenetrado con lo que estaba pasando en Brasil. En general, tenía más conocimiento que 99% de los brasileros en Brasil. Eso por lo más me lo decían los brasileros. Siempre me interesó mucho la cosa social, lo político y fue todo un período muy interesante en América Latina, ¿no?

Manuela] Sí. ¿Vos cuando estabas allá estabas trabajando en algún lado?

[Osvaldo] Trabajé, di clases en Rio grande del Sur, di clases en BH [Belo Horizonte] ... Cuando llegué a Salvador, ahí paré de dar clases. Y hay más, después, casi rápido, me jubilé. Una pequeña jubilación, pero me jubilé. Había llevado algo de dinero que quedó ahí invertido. Por otro lado, la que era mi mujer era una persona que ganaba bien también. También, no. Mejor, mucho mejor que yo. Ahí, en Salvador, no tuve necesidad de trabajar. Tampoco encontré *camino* para trabajar porque quise entrar a dar clases, pero como que te cerraban los caminos. Eso me pasó en Salvador, cosa que no me pasó en BH. En BH me abrieron todas las puertas. En [...] clases, en facultades en Pelotas, en Rio Grande do Sul, la ciudad. En todos esos lados [...], clases también, pero, cuando llegué a Salvador, me encontré con un muro. Capaz que era yo, no lo sé.

[Manuela] Sí, difícil saber eso.

[Osvaldo] Sí. Y ahí, sí... Por ejemplo, en BH di cursos especiales para cera mista y otra gente, ¿no?, que estaba interesada en arte, en todo eso. En Rio Grande do Sul también di a *buen* nivel. Aquí en Salvador fue lo más difícil.

[Manuela] ¿Y para volver acá, cuando te volviste, te encontraste difícil ese retorno?

[Osvaldo] Sí. En primer lugar, yo tengo *mucho a dar*. Mis compañeros tienen nietos o bisnietos. La gente se fue, como haciendo sus vidas, y sus vidas nos fue llevando a otros lados. Perdí muchas amistades y además tengo una edad donde mucha gente muere.

[Manuela] ¿Con cuántos años está vos *ahora*?

[Osvaldo] ¿Cómo?

[Manuela] ¿Cuántos años tenéis?

[Osvaldo] Estoy por cumplir 80.

[Manuela] Ah, mira.

[Osvaldo] Ese año cumplo 80. Entonces, claro, hay gente que vos las perdéis. Cada vez la gente dura más, pero a esta edad es complicado. De cualquier forma, me sigo interesando [...] con todo lo político y todo lo demás. No estoy haciendo una gran militancia. Mi militancia es pequeña ahora. Participo, acompaño, pero no estoy haciendo una militancia importante como hice en toda mi vida, en todos lados. Desde que regresé. Bueno, yo allá éramos un grupo, pero éramos un dos los responsables de *todos los uruguayos en Salvador*.

[Manuela] ¿Estabas en el Consejo Consultivo, sí? ¿Estabas en el Consejo Consultivo allá?

[Osvaldo] Claro. Tuvimos un montón de [...] frente al Consejo Consultivo. Bueno, ahí nos mantuvimos con *baliza* [?] y con 2 o 3 más, más otra cantidad que participaba, no. Venir acá, últimamente, en el último viaje, si me fue más difícil reencontrarme con la gente, pero estoy en contacto permanente. Toda la gente me rodea tiene algo que ver con el Uruguay y con la situación actual del Uruguay. No estoy haciendo una gran militancia, pero acompaño. De cualquier forma, no me es fácil, *me entendéis...* Todos los países tienen sus idiosincrasias y cada uno, en esos países, piensa que sus idiosincrasias es la correcta y no de los otros, ¿no? La forma de pensar de los argentinos. Bueno, todo depende porque, si sois porteño o si sois san juanillo. Pero, en general, cada país tiene su forma de pensar, ¿no? Lo mismo sucede con Brasil. A mi, Brasil, no me resultó fácil. Quizás el país más complicado para entender, pero que entendí más, entendí, llegué a entender bastante. Además, quiero mucho, aprecio mucho, es México también, ¿no? A México lo quiero mucho. Es una lástima todo lo que está sucediendo y todo eso. Y Brasil, por supuesto, no. Lo quiero enormemente. Me recorrí toda América Latina menos Granada y Haïti y eso. Y realmente, los países que más quiero... Uruguay, Brasil, Argentina, México me son muy queridos, ¿no? Pero todos somos diferentes.

[Manuela] ¿Y ahora acá que estás haciendo vos? ¿Seguís jubilado, no?

[Osvaldo] Estoy jubilado, pero, al mismo tiempo, fui a visitar el Instituto Figari y me enamoré profundamente de un laboratorio que tienen allí de cerámica que es la cosa que vi hasta ahora. Y entonces estoy ahí. Me dejan [...] y todo lo más. Estoy ahí. Entonces estoy yendo a clases de Historia del Arte, hago otras cosas.

[Manuela] La abuela dice que tenéis una novia ahora. La abuela dice que tienes una novia ahora. [Risos]

[Osvaldo] [Grunhidos] Algo así... ¿La abuela dice?

[Manuela] Sí. [Risos]

[Osvaldo] Este, sí... Es una persona muy bien, todo eso.

[Manuela] Y todas las facilidades que ofrece el gobierno para la gente que vuelve, ¿vos utilizaste algo de eso? ¿De coche, de eso?

[Osvaldo] El problema es así, mira. Yo era prácticamente, todos dicen, no es porque yo lo diga... Todos dicen que yo era algo así como la Alma Mater de ahí de toda la parte Salvador y bueno. Pero, cuando me tocó volver, resulta así. Yo nací en Buenos Aires. Entonces, tenía 3 meses cuando me vine a Uruguay. Entonces, soy profunda y completa, epidérmicamente uruguayo y que representé a Uruguay en el exterior también, cuando era joven, por ejemplo. Cuando estaba en la Federación de Estudiantes, cuando iba a otras actividades internacionales y todo lo demás, representaba Uruguay. Sin embargo, aquí en Uruguay, cuando voy a volver, me entero de que soy natural. Entonces, eso que tienen todos, de facilidad de poder traerse su carro, sus cosas y todo lo demás yo no los tuve. Tuve que venirme poco menos que... Con una mano adelante y una mano atrás. Un desastre. Lo que pasa que también mi mujer última, *Ariri*, viví con ella bastante tiempo y ella tenía un problema y que era bipolar. Entonces es muy difícil eso y, al final, decidí darme un descanso. Pobrecita... Lastimo mucho. Realmente lastimo. A veces [...] con ella ahora y eso. Lastimo mucho, pero fue imposible. En determinado momento, fue imposible poder seguir. Ella no se medicaba, vos entendéis. Entonces, todos los momentos estaba...

[Manuela] Descontrolada...

[Osvaldo] Vivíamos en la ola, entonces era muy difícil. Aquí, más [...] era ella, ¿no? Es terrible, no. Esa enfermedad para esas personas es terrible. Y también el [...] *de que conviví con el...* Ni modo. En determinado momento, cuando decidí yo, hubo [...] después. Ella se arrepintió y todo eso, pero... Me pidió... Pero yo siempre había estado al borde de tomar la decisión y ahí la tomé.

[Manuela] Sí, claro. ¿Y vos cuando estabas allá seguías haciendo cosas, por ejemplo, tomar mate y eso? ¿Esos hábitos?

[Osvaldo] Sí, sí siempre estuve metido con la *uruguayilla*, ¿no? No tanto el mate porque ahí me da... Siendo uruguayo típico, tengo un poco de alergia.

[Manuela] ¡Ah, mira! [Risadas]

[Osvaldo] A las hierbas. Sí puedo tomar cuando está lavado, ¿viste? Que no tiene tanto sabor. Y más que de acá me mandaban las hierbas ganadería que es *terrible de fuerte*.

[Manuela] Fuerte, sí.

[Osvaldo] ¡Y me querían hacer sentir más! [Risadas] Los uruguayos me mandaban la... Y sí, siempre mantuve, en cada lugar que fui, siempre, inclusive cuando estaba en pleno exilio y todo eso. Exilio político y todo eso. Yo trataba de mantener la forma de hablar, traba de mantener la forma de pensar, la forma de sentir de lo que se podría decir la *uruguayilla*. Eso no quiere decir que lo logre. Siempre algo se filtra. Ahora yo hice un esfuerzo brutal porque siempre pensaba que tenía que volver en medio la clandestinidad acá, ¿no? Después se dio que no. Que volví cuando recién se salió la dictadura, el [19]85, que había acá la democracia incipiente. Pero siempre trataba de mantener el máximo de rasgos para poder introducirse. Siempre quise, siempre me sentí muy uruguayo en todos los momentos. Todos me consideraban así, inclusive a veces había reuniones que participaba donde habían 30, 40 argentinos. Me dicen: "¡Tu eres uruguayo! [Risadas] Así que imagínate.

[Manuela] Sí...

[Osvaldo] Hasta ellos me consideraban, entonces.

[Manuela] ¿Y para vos te parece que te hizo bien volver ahora? ¿Estás bien acá?

[Osvaldo] A ver. Yo quiero a Brasil, ¿no? Y Brasil... Esa frase es tan manía de Brasil, de que Brasil es un continente.

[Manuela] Sí.

[Osvaldo] Y Salvador es muy especial y muy lindo, ¿no? No así BH. A mi, BH no me gustaba... No me gustaba para nada. Sucede lo mismo que en Argentina, ¿viste? Una cosa se dice: la gente de Brasilia, otra cosa la gente de São Paulo, otra cosa es la gente de Rio Grande que es totalmente diferente. Otra la de Salvador. Y inclusive dentro de los mismos estados, consideran a los demás como otra cosa. Inclusive, en todos los países que visité, y que tenían muchos estados y que algunos de esos estados estaban en el trópico, siempre esa gente era segregada. Siempre había un estado que tenía más dinero y un estado que tenía menos dinero o por ahí. Porque Bahía tiene por ahí, ¿no?

[Manuela] Sí, sí.

[Osvaldo] De los últimos estados. Pero, lo que tiene Bahía es mala fama ¡y además es mentira! ¿No? ¡Es absolutamente mentira! Yo vivía en un barrio en Salvador en donde, si alguna vez por caso allá me llegaba a andar a las 5 y media, 6 de la mañana, era imposible [...] ¡Era porque toda gente iba al trabajo! Entonces, son laboradores. Ahora es el trópico. Entonces al medio día es complicado. Es lo mismo que lo que se dice de México. Por ejemplo, en México hay un estado que es Monterrey, que es tan al norte, con Estados Unidos. Entonces es más frío. Pero, a parte, los tipos se creen como que son los reyes, ¿viste?, de México. Como que son los que hacen todo y todo el resto de México vive en las costillas de ellos. Cosa que es total y completamente mentira. Y lo mismo pasa en Brasil. Y lo mismo debe pasar en otros países también. Siempre hay, dentro de cada país, hay discriminación, hay idiosincrasias particulares de cada estado y de cada provincia. Nada es uniforme. Son todos grises.

[Manuela] Sí. Todo matices de gris.

[Osvaldo] Claro. Ahora, ¿como me siento acá? Me siento como añadido.

[Manuela] ¿Añadido?

[Osvaldo] Sí. ¿En qué sentido? No me siento completo como antes, como antes de irme. Tampoco me sentía completo en Bahía. Ya seas un exilado económico o un exilado político, siempre es difícil [...] Siempre es difícil ubicarte. Siempre es difícil que te ubiquen, viste. Como que no sois totalmente aquí ni totalmente allá. Yo tenía, así, una voluntad terrible por ser uruguayo en todo lugar y trataba de decirlo. Sin embargo, volví y era diferente... Te *habláis*, y a pesar de haber hecho un esfuerzo, voluntad, [...] de mantener el idioma, alguna cosita de ellos... No hablas, como... No sé que. Inclusive es más: yo viví en tantos lugares que ya no se ni donde soy, ¿viste? No sé como hablo. Sé que, en todos lados, se dan cuenta que no soy de ahí. [Risadas] ¿Que horror, no?

[Manuela] Y ahora, una cosa que tengo visto con la gente que vuelve es que, a veces, cuentan que la gente que se quedó como los miran mal, los tienen como una... una resistencia.

[Osvaldo] Sí, es un poco lo que te decía hoy con la gente que se fue al exilio, ¿no? La gente que no es militante, como que te fuiste a la tuya o que te *arrajuste*. La verdadera palabra de acá, ¿no? [...] se *arrajó*. Nos sienten así. De cualquier forma, te tratan bien, hablan bien y todo más, pero vos sentís eso.

[Manuela] ¿Vos sentiste eso?

[Osvaldo] Ya sea has asilo económico o que has asilo político. Lo político es inconcebible, ¿viste? Pero sí, pero *siguen* pensando. Además, te asocian a la persona que se fue, persona que debe ser millonaria. Cosa que no tiene nada que ver con nada. El 95% de la gente que se fue... Estoy seguro si yo me hubiera quedado acá, viviría 50 veces mejor que si me fui. Más que yo me tuve que ir a varios lugares, estar en varios lugares, no fue fácil. Si hubiera seguido en México con mi cabeza de México, supónete que hubiera metido la cabeza en México totalmente, estaría en otra situación económica totalmente distinta, viste. Nunca fuimos de otro país. Fuimos siempre de acá. Podríamos y sentíamos que estábamos momentáneamente... Y siempre estábamos diciendo a *muerte* volver. Pero igual, cuando llegaste acá, vos habías cambiado, el país

había cambiado, la gente había cambiado. Y te marcaron esa diferencia. Te la marcan.

[Manuela] ¿Tu hermana se quedó siempre acá?

[Osvaldo] ¿Perdón?

[Manuela] ¿Tu hermana se quedó siempre acá?

[Osvaldo] Sí, se quedó siempre acá, mi cuñado también se quedó... Él viajó mucho también, pero eran viajes cortos de no mucho tiempo y también mi hermana conoce muchos lados... Somos una familia viajera. Somos una familia viajera y todo eso, nos queremos mucho.

[Manuela] ¿Y vos siempre tuviste contacto con ella?

[Osvaldo] Sí, a muerte, sí. Permanente.

[Manuela] ¿Y es su única familia acá hoy?

[Osvaldo] Hoy es la única familia, mi hermana, y nosotros es una familia... Quedamos nosotros sólo. Nosotros sólo. Ella tiene hijos. Tiene 2 hijos. Yo no continué la cosa y con otra gente de la familia no estamos conectados prácticamente. En cambio, por el lado de mi cuñado, sí. Él tiene una familia mucho más diversificada, etc. Ellos se quedaron todo el tiempo acá. Sufrieron la dictadura [...]. Ya te dije que mi cuñado estuvo preso 6 años y pico acá y mi hermana era una cosa increíble porque ella trabajaba en el gremio... No en el gremio... La parte de la salud de la UJA [?] no sé como se dice. Tiene un nombre esa... Pero no me di cuenta. Y ella estuvo, tenía 2 hijos, uno de los chiquitos tenía problema, ella *pechugaba* con toda a la situación y, aparte, durante años no se veía con Omar porque Omar estaba en *amnistía* total. En realidad, se empezó a ver más cuando cayó preso, pero ella le echaba a él todas las culpas de que era un sin vergüenza, que había dejado a los hijos y ahí ya [...], no sé qué, no sé cuanto, y al mismo era respaldo de Omar. Tenía que ir a la cárcel, tenía que llevarle los hijos, tenía que darle de comer, tenía todo y, a veces, le

pedían que hiciera algún viaje a Buenos Aires para resolver alguna cosa en la clandestinidad y eso. Inclusive, era tan anormal que hasta era Secretario de Organización del Gremio, fue un período de tiempo. Era loca, viste. No tenía goyetes... Pero, bueno, lo hizo. Y mi cuñado es un ser excepcional también. [...] Todo mundo lo adora y haciendo muchas cosas...

[Manuela] Si tenéis que irte andar, no más, [...]...

[Osvaldo] El problema es que empiezan a las siete.

[Manuela] Sí.

[Osvaldo] Estoy con el carro. Bueno, esas cosas así. No sé si algo te sirvió...

[Manuela] Sí, sí, me sirvió, sí. Porque lo que a mi me interesa es esa... Como que una nueva inmigración cuando vuelve, ¿no?, porque no hay *bien* volver...

[Osvaldo] Sí. Es exactamente así. Cuando salís del país, te sentís bien claramente que no sois de ahí. Y cuando volvéis, te hacen sentir que no sois de ahí. Capaz que tampoco [...] Ahora, nosotros, cuando volvemos, como que no somos de ningún lado.

[Manuela] ¿Y ese retorno ahora que volviste de Brasil es muy distinto de lo que vos... retornaste antes, no? Tuvo 2 veces esa experiencia.

[Osvaldo] Sí, sí, es distinto. Yo, cuando volví, me metí en la militancia todo el tiempo, haciendo cosas. Lo que pasa es que yo trabajé en la clandestinidad, después estaba en la legalidad. No era lo mismo. Era una cosa más complicada. Acá no es solamente problema de exilio o no exilio. El problema es que, cuando hubo un proceso como al que hubo en Uruguay, en donde fue un *dejarlo* tan grande, no, en la parte política, económica, social, familiar, etc, etc. Cuando hay un *dejarlo* así es muy difícil ubicarte, no. Seguíis siendo como exilado toda tu vida hasta que te muera. No sé. Es muy complicado.

[Manuela] Y contacto con otra gente que volvió, ¿vos tenéis?

[Osvaldo] Alguna...

[Manuela] ¿Y las experiencias son más o menos parecidas con las tuyas?

[Osvaldo] Sí, son más o menos parecidas. Unos los llevan de una forma, otros de otra. Otros tienen familia más numerosa. Pero sí, yo creo que para todo el mundo es complicado. Inclusive hay, a veces, hasta... Hasta como que se hubiera *recorre*... Vos a veces sentís como que la gente que quedó acá te aparta. Y todo depende también, depende con quién te relacionáis. Pero eso lo sentís, lo sentís... Lo que pasa es que acá, una herida tan grande como una dictadura, crea una situación que es terrible porque no era solamente los que tuvimos que irnos. Los que estuvimos obligados a irnos. Inclusive, además, yo recibí la orden de que tenía que salir, ¿ta? Porque estaban persiguiendo a toda la gente de mi grupo y había que salir para no crear más problema. Pero no era solamente eso. También hubo otra cantidad de gente que fue preso y eso también era otro mundo. Y había mucha gente que fue clandestina. Era otro mundo. Y había gente normal, común, amas de casa, etc, que no tenían la más mínima idea de nada que habían padecido porque... Entonces, eran 4 cosas distintas que había que volver a mezclar y volver... Y muchas veces había contradicciones entre ellos mismos.

[Manuela] ¿Las historias eran distintas? De lo que vivieron...

[Osvaldo] Dentro de la gente de los mismos partidos políticos era una cosa... Había gente que había quedado en la clandestinidad y tal y tenía determinadas cosas. Otra gente que había estado preso mucho... y tenía otras cosas. Como que habían vivido dentro de un país dentro de otro país. Y la gente que fue al exilio también, entonces era muy difícil entenderse entre todos. Habían resquemores, habían cosas, habían no entender y todo. Siempre lo político tratáis de unir, tratáis de mantener, tratáis de forjar, tratáis de empujar y todo lo demás, pero realmente eran cosas diferentes, experiencias diferentes. La dictadura fue una herida *purulenta*, brutal.

[Manuela] Y que no fue bien curada.

[Osvaldo] La gente que se va, económicamente, también tiene problemas. Ahora, la gente política, no. Se tuvo que ir políticamente y que tuvo que irse o irse... Y siempre entre los distintos medio que se miran así, viste. Son compañeros, están juntos y saben que la pasaron, pero no son los mismos, viste. Y no es que seas ni mejor ni pero. No sois lo mismo. No sé si eso te ayuda...

[Manuela] Sí, sí, me ayuda, sí.

[Osvaldo] Acá, por ejemplo, dentro de los partidos, por ejemplo, supónete, el partido más organizado siempre fue, y era el más numeroso de todos, era el Partido Comunista, ¿no?, estructurado como tal. Bueno, esas 3 vertientes, fue muy difícil.

[Manuela] ¿Y tu militancia estuvo siempre ligada al Frente Amplio?

[Osvaldo] ¿Cómo?

[Manuela] Tu militancia...

[Osvaldo] Sí.

[Manuela] ¿Siempre conectada con el Frente?

[Osvaldo] Sí, siempre, siempre.

[Manuela] ¿Allá fuera en México y todo eso?

[Osvaldo] Nosotros estuvimos en un grupo que yo hice seguridad [Risadas] con mi estatura y mi físico, cuando fue Ferreira Aldunate y la gente del Frente y, sobretodo del partido y eso, le hizo la entrevista, le consiguió una entrevista con Salinas de Gortari y [Miguel] de la Madrid. No me acuerdo... Creo que *salía a Gortaria*... Que era el Presidente. Que era muy importante para nosotros, que

es Ferreira Aldunate, se entrevistaba con el Presidente de México porque eso era darle otra [...] a todo y, a parte, nos servía de entrevistar político también internamente para poder seguirnos [...] usando la solidaridad con Uruguay, ¿no? Entonces se hizo mucho. Se trabajó mucho. Se puso mucho esfuerzo, mucho dinero. Es precioso, ¿eh? Por favor, esto no es ninguna queja de nada, pero se hizo mucho en el exterior. Y hay compañeros que siguen haciendo cosas. Por ejemplo, Noruega hay un grupo que sigue trabajando de ex-exilados que trabaja con organizaciones de Noruega y ya mandaron 80, no... 90, no... 100... Ahora llegaron a 98, hace un mes atrás. 98 containers llenos de aparatos, computadoras, sobretodo cosas, camillas para hospitales, pero no camillas comunes. Las camillas especiales. Porque lo que pasa que en esos países, sucede lo siguiente: cada determinados 2 años, usan y después...

[Manuela] Cambian.

[Osvaldo] Entonces, ahí esos compañeros se dedican a recolectar todos esos materiales que son donativos importantes. Pero mira que salas quirúrgica y cantidades de cosas. Por ejemplo, para... Han munido de instrumentos a todos los hospitales del interior de la República. Han llegado acá cantidades de containers, ¿vos sabéis lo que es un container? Es ese enorme, cosas metidas a [...], una dentro de la otra con cosas para inválidos, por ejemplo. Aparatos ortopédicos, cantidad... Pero todo abastecimiento sanitario, cantidades de computadoras que se mandan de allá para distintos organismos aquí en Uruguay. Ya van 100 containers... ¡100 desde Noruega!

[Manuela] ¿De gente que se fue cuando estaba en el exilio?

[Osvaldo] Y gente que quedó en el exilio y que quedó allá. Ahora, fijate: si vos te ponéis a mirar. "Bueno, esa gente se quedó allá. ¿Qué produjo para Uruguay?"

[Manuela] Cantidad de cosas.

[Osvaldo] ¡Imagínate vos, no solamente lo político! No solamente el prestigio social también porque ser vos... Por ejemplo, una cosa que vos siempre cuidabas en el exterior es que vos eras uruguayo y que vos estabas actuando como

uruguayo y que vos eras el que estaba... O te aprobaban o te desaprobaban y no te aprobaban o te desaprobaban... Aprobaban o desaprobaban a Uruguay. Entonces, nosotros siempre tuvimos cuidado en eso, digo. Fue, era una cosa que estaba permanente. "¿Que es lo que van a pensar, no? Tengo que hacerlo así, si no estos se van entender mal y como hacemos..." Y pensando en Uruguay. Y pensando en la solidaridad. Siempre fue así, permanente. Pero no mío personal. Era así de miles de compañeros que estaban en el exterior y era su forma de pensar. También estaba lo personal, ¿no? Era tratar de lograr una carrera, tratar de lograr una situación económica mejor, como hacéis en cualquier lado, pero una cosa fundamental, clave en nuestras cabezas, siempre era que vos no eras solamente el Osvaldito, eras el Osvaldito uruguayo y eras el Osvaldito uruguayo que ellos veían. Entonces, vos tratabas...

[Manuela] Llevabas la imagen del país, claro.

[Osvaldo] ¡Claro! Eso sigue siendo así en todos lados, ¿no? Que conozcan a Uruguay, que vean que... Uno siempre tiene mucho mucho mucho orgullo del paísito y lo lleva para todos lados, viste. Cuando alguien... Un poquito de arena, te sale la patriota y eso es así. Supongo que sea así en todos los países, pero en Uruguay era muy especialmente así. En Chile también era así, en Argentina también era así. Esas dictaduras feroces. Es como que en toda comunidad social, ¿no? Hay gente que está [...] de eso, que está para la de él... Pero el 80% era gente que pensaba en Uruguay, que estaba... Había gente que se perdía. Se perdía y ni sabía que es lo que estaba pasando... Capaz que lo que encontrabas 5 años después "¿Vos todavía seguís acá?", "Sí" y el tipo estaba por [...] Pero nosotros siempre tratamos de mantener [...] todo, ¿no?

[Manuela] ¿Y acá en Uruguay siempre viviste en Montevideo?

[Osvaldo] Sí, viví siempre en Montevideo. Conozco a toda la República, menos Artigas.

[Manuela] ¿No conoces Artigas? [Risadas]

[Osvaldo] Menos Artigas. Lo único que me falta conocer. Nunca llegué. Una vez iba en una delegación de la *FERM* [?] que salió hacer un recogido y fuimos a Rio Negro, después fuimos a Paysandu, Salto y teníamos que ir a Artigas. Cuando estábamos tomando el tren para ir para Artigas, aquél tiempo era por tren, vieron corriendo y nos dijeron que la gente del *MEN* [?], que era una agrupación fascista, no estaban esperando en la estación para reventarnos. Que la delegación de la *FERM* no tenía que ir hasta allá. Y entonces los compañeros vieron que no mejor que ir. Nos mandaron noticias de Montevideo que pararon *monajera* [?]... Por eso que no conozco Artigas. Iba en viaje y me sacaron del tren. Pero, después, conozco todo los otros 18 departamentos. Pero claro, por supuesto que los conocí com uno conoce las cosas, ¿no? [...]

[Manuela] ¿Y por ahora no pensáis irte de vuelta?

[Osvaldo] No... En primer lugar que ya tengo mucha edad, viste. Irme de nuevo a... No. De cualquier forma, estar en contacto, un montón de cosas, sí, por supuesto. Pero no como... A veces, si puedo hacer un viajecito chiquito y cosas así. Medio turístico y se acabó. Pero no, ahora estoy jubilado [Risadas] en serio.

[Manuela] Sí, ya hiciste mucho toda la vida.

[Osvaldo] Yo que sé... Uno siempre *hacer más*, ¿no? O piensa que podrías hacer más... Yo pienso que la viví. Pienso que viví tanto como... No te quiero mentir... Tanto cuanto 10 vidas comunes o más. Estuve en situaciones muy difíciles. No solamente acá en Uruguay. Estuve en situaciones complicadas en otros países. Una vida muy intensa. Tuve muchas mujeres. [Risadas]

[Manuela] Sí... ¡Bueno, muchas gracias Osvaldo!

[Osvaldo] No sé si te sirvió.

[Manuela] ¡Sí, sí me sirve, sí! Estoy coleccionando historias ahora.

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANNA LAURA BEVEDER

Entrevista concedida em 20/07/2019.

Parte I

[Manuela] Sí, todas las entrevistas que yo hice hasta ahora fueron en español.

[Anna] Claro, porque eran retornados uruguayos.

[Manuela] Claro.

[Anna] Hiciste entrevista con retornados uruguayos de otros lugares?

[Manuela] De otros lugares, sí, de España, de Estados Unidos y uno de Brasil también. Estoy intentando agarrar ejemplares de todo.

[Anna] Sí, un amplio abanico de gente.

[Manuela] Sí.

[Anna] Muy bien.

[Manuela] Bueno, no sé, si podrías comenzar explicando cómo fue la salida, en que año salieron de acá, porque...

[Anna] Salimos, tengo que hacer memoria, pero salimos el 89. Tuvimos una oportunidad de beca de estudios para mi ex marido, el padre de mis hijos, para irnos a Costa Rica. Nos fuimos a Costa Rica primero, a San José. Él iba a hacer un posgrado. Es teólogo e iba a hacer Estudios Latinoamericanos en la Universidad Nacional de Costa Rica. Y yo iba a continuar mis estudios. Yo acá estaba haciendo Servicio Social, en la Universidad Católica. La idea era continuar mis estudios. Salimos con un niño de siete años, una de casi cuatro y una de dos, que era Mónica, la más chica. Y bueno, salimos en el 89 y estuvimos en Costa Rica unos siete, ocho años más o menos. Y no terminé mis estudios allá y me encaminé para otra carrera, hice una carrera técnica como editora. Y hice un curso de diagramación gráfica, entonces trabajé siempre como editora.

[Manuela] Sí.

[Anna] Entré a una universidad privada, donde mi ex-marido, después de terminar su curso de Teología y Estudios Latinoamericanos en la Universidad Nacional, él trabajó ahí como decano, después como rector. Y yo estuve siempre en el Departamento de Publicaciones. Y bueno, así salimos.

[Manuela] Salieron ya con todo como planeado, no?

[Anna] Sí, yo conseguí una beca para los pasajes. Los pasajes fueron por una beca que yo conseguí. El Consejo Mundial de Iglesias, que queda en Europa. Nosotros éramos de la Iglesia Protestante [...]. Y yo conseguí los pasajes para toda la familia. Y él consiguió la beca de estudios para terminar sus estudios en Teología. Y con una beca de ese seminario, que es un seminario latinoamericano. Ahora es universidad latinoamericana, en San José de Costa Rica. Entonces fuimos ya con todo. Nos esperaron, teníamos casa, dinero para vivir, porque era una beca.

[Manuela] Sí.

[Anna] Y bueno, y después a los tres años ya habíamos terminado. O cuatro años, ahora las fechas se me van un poco. Y entonces le ofrecieron a él que se quedara en la universidad trabajando. Y como bonus para que nos entusiasmáramos me dieron a mi en Publicaciones. Así que nos quedamos unos tiempos más. Después de ahí, en el...tiene que haber sido en 97, creo, que ya fuimos para Brasil. Las fechas se me complican un poco. Queríamos venirnos más al sur.

[Manuela] Para quedar más cerca?

[Anna] Más cerca. En Costa Rica también era muy difícil todo lo que es legalización de extranjeros. Había gente conocida que no había conseguido en años y años y años de estar allá, no habían conseguido residencia permanente.

[Manuela] Y ustedes tenían todavía la..

[Anna] Una residencia temporal que dependía de nuestro estudio primero. Y luego dependía del trabajo de mi ex-marido. Porque yo siempre trabajé, como se dice en Brasil, "en laranja". Siempre. Allá en Costa Rica, ningún beneficio agregó a mí...el clásico papel de mujer que acompaña al marido. Y me fui re salada. La idea era que él estudiara y después me tocaría a mí. Ese después me tocaría a mí" se extendió hasta que nos separamos y no me tocó.

[Manuela] Sí.

[Anna] Entonces, bueno. Básicamente es eso. En el 97, creo que fue, nos fuimos para Río con una invitación. Donde trabajábamos, en Costa Rica, era un seminario primero después una universidad. Ya estábamos allá cuando se hizo la transición para universidad latinoamericana. Había estudiantes de toda Latinoamérica y algunos de Europa. Una experiencia riquísima de vida, increíble. A mí me abrió la mentalidad. Vivir en un país como Uruguay, chiquitito así y, de repente, ver que había otras culturas tan diferentes, tan válidas, especialmente me abrió mucho los ojos a lo que tiene que ver la religión, mis creencias de cristianismo occidental. Cuando me topo allá, lo que más me llamó la atención, la cosmogonía maya. Toda la cultura maya. Toda la variedad, la riqueza, bueno. Eso me impactó y me cambió la vida. Evidentemente, me cambió la vida.

[Anna] Entonces, el 97, el rector de una universidad de Río de Janeiro, una universidad privada, Bennett, el Instituto Bennet. Que había intercambio con estudiantes de Brasil. Entonces fueron y conocieron a mi ex-marido, y entonces lo invitaron, entonces nos invitaron, otra vez con bonus para mí, para que aceptáramos. Yo trabajaría en ediciones, en Bennett, que es lo que hice. Y nos volvimos más al sur, pensando que no queríamos que nuestros hijos crecieran tan lejos de Uruguay. Porque la idea siempre era volvernos.

[Manuela] Siempre tuvieron esa idea en la cabeza, que un día se volverían?

[Anna] Yo sí, mi ex-marido no, pero en esa época todavía no lo verbalizaba mucho porque éramos una familia, o sea...

[Manuela] Sí.

[Anna] Yo siempre quise volver. Yo tengo una familia muy grande acá. Del lado de mi mamá. Y somos muy unidos. Yo con mis primos prácticamente me crié. Los hijos de mi tía Norma son seis. Y somos muy, muy unidos. Son como mis hermanos.

[Manuela] Y son de acá, de Montevideo, la familia?

[Anna] Todos, menos una que ahora está en Argentina, porque se casó con un argentino. Pero vienen continuamente. Que es mi mejor amiga. Ha tenido una experiencia similar con la mía, no?

[Manuela] Y creciste acá en Montevideo?

[Anna] Yo crecí en Montevideo, en un barrio de clase media, no diría baja, pero barrio obrero. Mi papá era marino mercante, era maquinista naval de un barco petrolero. Viajaba mucho. Y mi mamá, profesora de música, toda la vida. No sé si le interesa algo de mi infancia.

[Manuela] Sí, sí.

[Anna] Tengo solo una hermana, menor que yo, bastante menor. Como seis años menor. Bueno, y estudié, pasé la dictadura...terminé la escuela, hice escuela pública, que era de muy buena calidad, la escuela pública. Y cuando me tocó ir al liceo, es cuando se instala la dictadura. Entonces, mi padre, a pesar de que era comunista, porque era de Sindicato Obrero de Ancap. Mis padres eran comunistas, decidieron igual mandarme al colegio de monjas, que quedaba cerca de mi casa. Era la opción que tenía la gente de clase media para sus hijos, para sacarlos del liceo, que me iba a tocar, que era el [...], que era un liceo público, donde el movimiento estudiantil estaba increíblemente, en un auge. Había de derecha y de izquierda. Y yo tenía primos segundos que eran de derecha y izquierda. Y mis padres tenían miedo que y quedara en el medio ahí.

[Manuela] Claro, quisieron protegerte.

[Anna] Sí, y me mandaron a un colegio de monjas. Entonces fui cuatro años al colegio de mujeres, de monjas, cerca de mi casa. Hice estos cuatro años del liceo y después hice lo que acá se llamaba preparatorio. Qué son los dos años

siguientes a los cuatro del liceo. Ahora es hasta sexto acá. Es casi lo mismo, pero es orientación. Yo hice el preparatorio de arquitectura, pensando que me gustaba. [...] evidentemente. Así que el preparatorio, en vez de llevarme dos años, me llevó cuatro. Y me casé muy joven, me casé a los veinte años. A los veintiuno ya tenía a un hijo. Entonces hice la Universidad Católica, que era una buena opción, me dieron una beca. Me casé con un muchacho de la iglesia protestante, porque a pesar de que mis padres eran comunistas, papá especialmente, me daban cierta libertad. Mi tía ya era de la iglesia protestante. Ahora se convirtió en otra cosa, pero, cuando mi tía entró a la iglesia protestante, era una iglesia bien...que tenía mucha fuerza en el área social. De hecho ellos tenían un seminario, allá adelante un predio enorme, que ahora lo vendieron, hace años, se tuvieron que ir de acá, porque llevaron presos a los pastores, a los profesores. Era una época brava.

[Manuela] Sí.

[Anna] Entonces, era una iglesia bastante contestataria. Y yo trabajé en la época de la dictadura...trabajé, colaboré, cuando hacía liceo con las monjas, con curas más...el Padre Cacho, el que trabajaba con nosotros en las favelas [...]. Y vamos, éramos jovencitos, igual nos metíamos. Era una época así, combatiente. Bueno y que...me casé muy joven, mi ex-marido era pastor, en una iglesia. Teníamos también...era muy criticada por otros pastores, porque éramos muy de izquierda, por los demás. Teníamos un merendero para niños, que después de la escuela venían a comer. Y era todo por voluntarios, la gente de la iglesia era toda voluntarios. Una época brava.

[Manuela] Sí.

[Anna] Junto con un padre católico que ahora no me acuerdo el nombre. Era un cura. También del lugar. Vivíamos en La Paz, en la ciudad de La Paz, en Canelones. Y trabajamos en eso. Eso fue lo que a mi me decidió a estudiar Servicios Sociales. Y empecé en la Universidad Católica y no terminé. El último año que cursé, quedé embarazada. Y cuando tenía que empezar a escribir la monografía, nació Mónica, después ya nos fuimos [...]. una cosa así. Y bueno, qué más.

[Manuela] Y cómo fue llegar a Costa Rica? Conocieron otros uruguayos?

[Anna] No, teníamos como referencia, teníamos un uruguayo. Era una referencia, era amigo de un señor mayor, amigo de un tío de mi...que se fue exiliado de acá. Era un pastor metodista. Se fue exiliado de Europa. Ahora murió hace pocos años. Porque era Tupamaro. Él y la esposa. Y, entonces era amigo de...Mortimer Arias se llamaba.

[Manuela] Amigo de tu ex-marido?

[Anna] De ese. Ahí está, del tío de mi ex-marido. Y él estaba allá con su mujer, que era una argentina. Era una pareja mayor. Hicieron de abuelos para nuestros hijos, eran nuestros vecinos. Ellos eran...él era el rector de la universidad allá.

[Manuela] Por eso consiguieron la beca o no, nada que ver?

[Anna] No, porque podríamos...la beca no tenía nada que ver. Porque la beca era de la iglesia menonita. Ellos fueron los que nos aconsejaron, la parte de pasajes y todo eso para la familia, que era muy caro.

[Manuela] Sí.

[Anna] Esa época más. Ahora es más fácil viajar. Lo hicimos otra vez del congreso mundial de iglesias. Que también si, pues alguna vez [...] es un área bastante de izquierda, de la iglesia protestante.

[Manuela] Y estuvo muy actuante en las dictaduras de América Latina.

[Anna] Y sigue. Sigue, no? Bueno. Y bueno, cuando llegamos allá, ellos nos estaban esperando. Era el rector, la esposa del rector, que tenía alguna tarea en Bibliotecología, no me acuerdo cual. Y así empezamos. Y bueno, teníamos una beca. Al principio no nos daban la beca. Habíamos pedido poco. Nos habían dicho una cosa y resulta que después el costo de vida allá era...O sea, pasamos mal, pasamos mal los primeros dos años. Yo extrañé horrible. Me acuerdo de la primera Navidad y el fin de año, acostumbrada acá con los cohetes y todos, bullicio y la familia. Solo, ni un ruido, nada. Yo miraba por la ventana y lloré toda

la noche. Fue bravo. Éramos muy jóvenes, treinta años. Llegué con treinta años. Era muy jovencita. Ya tenía tres hijos. Y bueno, y la adaptación, de a poco.

[Manuela] Podrían volver? Venían para visitar o no? Porque era muy lejos, no?

[Anna] Muy lejos y muy caro. A los tres años volvimos. Cuando terminamos de estudiar y tuvimos el...la invitación para trabajar allá. En realidad teníamos una invitación a Guatemala. Nos íbamos a Guatemala. Ya estaba todo pronto para que mi esposo, mi ex-esposo entrara como rector en la universidad, una universidad de Guatemala. Porque él había hecho doctorado en Educación.

[Manuela] Sí.

[Anna] Doctorado en Educación no, Estudios Latinoamericanos. Doctorado en Educación lo hizo en Brasil después. Pero resulta que nos dieron una oferta mejor en Costa Rica. Y ya conocíamos.

[Manuela] Claro, ya estaba.

[Anna] Y entonces decidimos al último momento, que fue un shock terrible para los de Guatemala, porque eran de esta iglesia, nos estaban esperando, casi hubo una ruptura ahí, pero, estábamos haciendo lo que nos parecía mejor. Así que ese año, nos volvimos con el dinero que nos correspondía para la vuelta. En realidad veníamos de visita y volvíamos ahí por nuestra parte. Eso fue lo que hicimos. Vinimos de visita. Sí, fue la primera vez.

[Manuela] Y después de Costa Rica?

[Anna] Tal vez cada...Vinimos a los dos años después. Yo después volví, porque mi papá estaba medio enfermo. Volví. Habremos venido tres veces, tal vez. De Costa Rica, tal vez dos veces. Y después yo vine sola, una vez.

[Manuela] Y cómo era venir?

[Anna] La primera vez fue muy emocionante. Fue muy emocionante, con muchas expectativas. Uruguay era casi un paraíso. Todo lo vivíamos en Costa Rica lo comparábamos con Uruguay. Nunca, estando allá, mira que cosa loca. Estando allá en Costa Rica, nunca me gustó Costa Rica. Nunca me gustó.

Después nos fuimos con mis hijas. Con Mónica y Anita fuimos al casamiento de la amiga de ellas. En 2014, fuimos hace poco. Me pareció divino. Y como no aproveché este país tan precioso? Pues no me gustaba. Estaba...

[Manuela] Querías otra cosa. Y bueno, fue emocionante la venida, la acogida de la familia, lógico. Los chiquilines grandes, estábamos un poco desconectados. Había niños de la familia que no conocía. Que conocimos en ese momento. Pero no fue difícil la conexión con la familia de nuevo. Y yo siempre continué con mis amistades. Yo. hasta el día de hoy, me reúno. Ahora no lo estoy haciendo tanto, porque trabajo de noche y es complicado, pero me reúno con mis compañeras de liceo. Somos 15, 16, y nos reunimos todos los meses.

[Manuela] Que lindo!

[Anna] Ahora fue mi cumpleaños, mira, me acabaron de regalar una flor, que es la flor que nos caracteriza. Y continué...mi amiga de la universidad sigue siendo mi amiga hasta el día de hoy. Que vio nacer a Mónica, que conoce a Anita desde bebida. Amigas de escuela. Yo siempre mantuve algunas amistades de todas las épocas de mi vida. Entonces siempre tenía acá alguien para visitar.

[Manuela] Sí.

[Anna] Y yo siempre decía: yo no voy...cuando viajo, no viajo a lugares, yo viajo a personas.

[Manuela] Ay, que lindo!

[Anna] Para mí, eso era clarísimo, no?

[Manuela] ¿Qué te iba a preguntar? Mantenías el contacto estando allá en Costa Rica, por teléfono, carta y eso?

[Anna] No, por teléfono era imposible en aquella época. No teníamos teléfono en casa. Teníamos a una vecina que nos hacía un favor cuando un terremoto, al año que llegaba a [...]. Hubo...Eso que no salga en la cosa, porque van a creer que soy tonta.

Parte II

[Anna] Ahora volvió. Qué era lo que estábamos hablando?

[Manuela] Del teléfono que me decías.

[Anna] No había teléfono. Tenía a una vecina que nos hacía el favor. Cuando hubo un terremoto allá, el primer año, mi papá muy preocupado...no había sido donde yo estaba, había sido en el Limón, en otra provincia. Pero, qué sabía en aquella época?

[Manuela] Nada.

[Anna] Mi padre llamó y la llamada fue así: Nena, están bien? Sí, papá. Bueno, tchau. Porque era muy caro, porque él estaba muy nervioso y no se llamaba internacionalmente. Ha cambiado mucho [...] la cosa. Entonces con mi mamá, siempre nos escribíamos una carta semanal. Con mis primas, nos escribíamos una carta semanal. Costa Rica no es como acá, como Brasil que tienen números y nombres, las calles. No, cincuenta metros al norte, treinta al oeste y cincuenta al sur de tal lugar, de la iglesia que tiene...Es así. Entonces, nuestra dirección era gigante. Entonces, el correo...es mejor tener una caja postal en el centro. Entonces, todos los viernes, yo iba al centro de San José y buscaba mi correspondencia. Y llevaba...

[Manuela] Más cartas.

[Anna] Más cartas, así, mandaba. Y con eso nos mantuvimos.

[Manuela] Que lindo!

[Anna] Sí, escribimos muchísimo esos años.

[Manuela] Entonces, todas semanas escribías a tu madre y a tus primos.

[Anna] Algunas primas, Alicia que la de mi edad, a Mónica que es la que...mi prima Mónica, mi hija llama Mónica. Así que bueno, así era como nos comunicábamos. No había internet, el teléfono no era una cosa fácil. Creo que nunca estuve en contra de tener un teléfono. Lo que pasa es que no tuvimos nunca teléfono.

[Manuela] Pero igual, mantuviste contacto siempre.

[Anna] Mantuve contacto siempre. Y además, mi tía fue a visitarnos, de pasar un día [...] su viaje a Estados Unidos. Fue dos o tres veces. Mi ex-suegra fue también. Una amiga de toda la vida, Edith, que siempre me ha seguido a donde iba. Ella fue también a visitarme. Siempre tuvimos contacto con Uruguay.

[Manuela] Mantenías contacto tu o tu esposo también mantenía contacto?

[Anna] Él nunca fue muy familiar. La familia de él es más chica. Los padres divorciados, que hace una gran diferencia, porque tiene familia por aquí, familia por allá. No era una familia muy cariñosa ni muy unida. En realidad, cuando yo me casé con él, él no estaba con muy buena relación con su mamá. Y yo me hice muy amiga de la mamá de él, y ahí fue que...

[Manuela] Se reanudó.

[Anna] Pero, en realidad, siempre fue "mi" familia.

[Manuela] Sí.

[Anna] [...] prácticamente...mis hijos no tienen un recuerdo así especial de los abuelos paternos, por ejemplo.

[Manuela] Sí, en mi familia pasa lo mismo. Mi familia es la de acá.

[Anna] Sí, mis hijas se sienten más [...] que Brum. No tienen nada que ver, casi. Tienen solo un primo con el que mantienen, que mantienen amistad, que es el hijo de mi ex-cuñado, que vive acá. Pero también porque yo...cada vez que veníamos él se venía a quedar con nosotros. Y me sigue diciendo tía hasta el día de hoy, pero es el único. Pero él no tiene contacto ni con la abuela, con nadie. Vive todavía.

[Manuela] Sí, en mi familia pasa lo mismo. Y para los gurises como fue llegar allá? Principalmente los mayores, no? Porque [...].

[Anna] No, la que tuvo...pero más problema fue Mónica.

[Manuela] Ah, sí?

[Anna] Sí. Recién ahora estudiando Psicología, porque el Secom, donde yo trabajo, nos dan un curso, que ya lo estoy terminando. Y entre las materias que tenemos, Psicología es una. Me estoy dando cuenta que Mónica sufría de una, un trastorno del sueño. Como se llama? Terror Nocturno. Yo no sabía.

[Manuela] Ah, sí.

[Anna] Mónica, ni bien salimos de Uruguay [...] mira, tenemos foto de ella en esta casa. No en este sillón. Pero creo que era en este o en ese. En ese sillón era. Chiquitita, con cara de tristeza, apoyada ahí. Ella, el cambio, solo de haber salido de la casa de La Paz, venir...habíamos vivido dos semanas en la casita de al lado, que estaba vacía, ya se notaban las fotos de ella anoche, que nos íbamos, ya se notaba ella abatida. Pasamos primero por Colombia, la casa de unos amigos. Estuvimos como una semana y media, dos semanas. Mi esposo aprovechó un curso que tenía ahí. Y Mónica nos hacía escándalos absurdos en la calle. Gritaba sin motivo aparente. Se tiraba, se desmayaba, gritaba, todo el mundo nos miraba. Fue un viaje horrible con ella. Y allá en Costa Rica, de noche, empezaba a gritar, de noche. Era espantoso, pues no la podíamos despertar. Gritaba y lloraba y gritaba y lloraba. No sabíamos qué hacer. Vivíamos en apartamento, teníamos vergüenza de los vecinos que pensarían que a la niña la estaríamos matando.

[Manuela] Sí.

[Anna] Yo después con los años llego a enterar que esta nena seguramente tuvo Terror Nocturno. Por traumas específicos, bueno. Ella fue la única, porque los otros dos se adaptaron enseguida. Mónica después, al poco tiempo, se adaptó también.

[Manuela] Sí.

[Anna] Ya cuando fuimos a Brasil, la cosa fue diferente. Quien se adaptó menos fue David, que tenía 17 años. Y que, pobrecito, tuvo una depresión. Pasó unos meses muy difíciles. Pero, para ir a Costa Rica, fue Mónica la que más sufría. Se le notó que sufría. Pero luego aprendieron, hablaban como tiscos, hablaban con el acento de allá. Eran bien tiscos los tres.

[Manuela] Y para vos, cómo fue? Porque, al principio, no trabajaste?

[Anna] No. Al principio, no trabajé. Estaba...pero estudiaba. Enseguida, mi meta era hacer la universidad. Fui a averiguar, para seguir haciendo Servicio Social, y era muy difícil el trámite. Yo, muy inocente, me fui sin nada. Me fui con él, con él...un legajo que te dan acá con un sello de, yo que sé, de cera, no se que, que había terminado educación secundaria y preparatorio. Y lo que había hecho en la Universidad Católica, eso no era suficiente.

[Manuela] Te habían que autenticar?

[Anna] Se me hizo un cuesta arriba. Y la universidad era lejos. Porque tenía que ir hasta Heredia, la Universidad Nacional, y era lejos. Entonces, fui, averigüé, me hice amiga de una española. Costa Rica tiene ese problema. Es muy difícil hacer amigos nacionales. Durante los 7, 8 años que estuvimos allá, no hicimos amigos costarricenses. Solo las amigas de las nenas, que hasta el día de hoy, pero no somos amigos de la familia de ella, por ejemplo. Fuimos al casamiento, y tienen a una mansión de casa, nos pagaron el pasaje, pero no estuvimos en su casa. Tuvimos que buscar...ellos nos mandaron a un hotel [...]. Entonces teníamos amigos extranjeros, nada más, en Costa Rica.

[Manuela] Y gente de donde?

[Anna] De toda América Latina. Y especialmente gente muy joven y solteros. Que veían en nosotros...gente que estaba sola, igual que nosotros. Estudiantes. [...]. Eran los tíos de mis hijos. Ellos han tenido tíos por pisos toda su vida. Suplían su necesidad de familia con esos tíos postizos. Tuvieron de Nicaragua, había un argentino que hasta el día de hoy es nuestro amigo, que se casó con una ecuatoriana de allá. Él la conoció allá. Salvadoreños, teníamos muchos amigos. Nos reunimos, inclusive, en una comunidad de base salvadoreña, con un cura, que era casado. Un cura católico que era casado. La primera vez en mi vida, cuando vi que dos nenitas venían y lo abrazaban y decían papá. Y yo decía que cariñosas con el padre [...]. Me dijeron que el amigo que nos llevó [...] es el papá. Si él es casado. Y el Vaticano haciendo...esos casos en Centroamérica, es muy común, no se habla. Las experiencias en Centroamérica fueron riquísimas para mi vida. Hay un antes y un después en mi vida con el viaje a

Centroamérica. Yo digo Centroamérica, porque me dieron por [...]. Y como tenía tantos amigos, me dio la oportunidad de salir un poco de Costa Rica. Costa Rica es difícil para hacer amigos. El costarricense no va a tu casa, el costarricense no te invita a su casa. Son cerrados. Sí, son muy cerrados. No sé si es vergüenza o que tienen, que no tienen, no sé, no me lo explico, porque el resto de los centroamericanos no es así. Y eso me costó, porque viste que el uruguayo es diferente.

[Manuela] Sí.

[Anna] Ha cambiado un poco, pero el uruguayo te conoce y a la semana ya te invitó a su casa, a comer un asado.

[Manuela] Sí.

[Anna] Eso no se daba allá. Eso me costó. La soledad me costó mucho por la familia. Yo era muy de familia. Hice amigas, mis mejores amigas eran extranjeras. Dos uruguayos y una española.

[Manuela] Y estaban ahí estudiando también?

[Anna] La española fue la que me invitó. Era una vecina mayor que yo, que empezó a estudiar. Y empezamos Bibliotecología juntas [...] Yo hice Editoración y ella siguió en Bibliotecología. Esa era mi amiga. Sigo la amistad con ella, a distancia. Y bueno.

[Manuela] Y los uruguayos que elegiste estaban ahí también y se juntaron por serien uruguayos, no?

[Anna] Por ser uruguayo, porque inclusive hay una...yo sigo la amistad con una de ellas especialmente, pero no tenemos nada en común. Si nos hubiéramos conocido en Uruguay, nunca hubiéramos...no nos hubiéramos ni siquiera...teníamos algunas pequeñas cosas en común, pero ella es una mujer empresaria, que se mueve en un mundo de hombres, porque vende papel para cigarrillo. Es una loca que ha viajado todo el mundo, o sea, no tiene nada que ver conmigo. Nada que ver conmigo. Pero bueno, nos hicimos muy amigas.

[Manuela] Sí.

[Anna] Y me dio, nos dio una mano muy importante, cuando estábamos por salir de Costa Rica y no teníamos donde...quedamos un tiempo de que dejábamos de pagar el alquiler, no teníamos donde quedar. Ella nos dio su mansión, porque era una mansión. Ella tenía que viajar [...] con empleada, jardinero, nos quedamos como si fuera nuestro todo, no? No tuvimos amigos uruguayos, porque la comunidad uruguaya en el exterior es una cosa difícil. Especialmente el uruguayo que está relacionado con consulado, con embajada. Es un grupo difícil, no me siento cómoda. En Brasil me pasó exactamente lo mismo. Mis amigos uruguayos eran de fuera de ese grupo. El uruguayo es muy bárbaro acá, pero tiene miedo, en el exterior, que le vayas a pedir un favor, que vayas a aprovechar. El uruguayo es desconfiado. No te hace un favor. Tiene miedo, en realidad, de que le acerques por interés. Entonces, en Costa Rica, sabíamos que había muchos uruguayos, pero no nos relacionamos con la comunidad uruguaya, para nada.

[Manuela] Y de hábitos uruguayos que ustedes mantuvieron, por ejemplo, tomar mate y...

[Anna] Yo sí, mi ex-marido nunca tomó mate, yo sí tomaba mate. No conseguía yerba a veces, entonces unos amigos argentinos, desde Guatemala...en Guatemala hay muchos argentinos, tenían venta de yerba, me mandaban desde Guatemala, la yerba. Entonces, yo la cuidaba. Ahí fue que mi hábito cambió un poco, porque llegué a tomar mate solo una vez al día, en la mañana. Yo antes, como todo uruguayo, tomaba a cada rato. Ya no. Yo ya no tomo mate todo el día. Tomo solo de mañana. Lo mantuve en Brasil también solo de mañana. Entonces, en ese sentido cambió, porque...comida hicimos muchas cosas al principio, pero después me di cuenta que no era por ahí. Por ejemplo, el primer cumpleaños de David, que es el que primero cumple en el año, digamos...llegamos en enero, en septiembre, David cumplía años. Cumplía sus ocho años. Invito a todos sus amiguitos del barrio y yo hice lo clásico que se hace en Uruguay: alfajorcitos de maizena, la torta decorada, que me pidió no sé qué cosa, ensalada rusa. No había ravioles, porque Costa Rica, gastronómicamente, era muy limitada en aquella época. Chorizitos, lo que se

hace acá. Capaz que hice alguna pizza o algo. Cuando llega la hora de empezar a dar de comer a los niños, "dónde está el arroz con pollo?", me preguntaron. Arroz con pollo? Querían arroz con pollo. Y a la hora de cortar la torta, "dónde está el helado y la gelatina?". Comen helado con gelatina.

[Manuela] Mirá!

[Anna] Y un pedazo de torta. Ya para el próximo cumpleaños que fue en noviembre, que era el de Mónica, yo ya había aprendido...

[Manuela] Arroz con pollo.

[Anna] Una vecina que tenía allá me enseñó. Una brasileña, que hasta el día de hoy...es donde nos quedamos, cuando nos fuimos el 2014, una brasileña. Vanilse, que se casó con un costarricense. Fue me enseñando y me dijo "no, acá es esto", entonces me enseñó. Entonces, tuve que cambiar hábitos. Y después terminé adorando las tortillas, los...me acostumbré a comer frijoles, como dicen allá, feijão. Es muy parecida a la culinaria brasileña, en realidad.

[Manuela] Ah, sí?

[Anna] Mucho arroz, muchos frijoles, no pueden faltar. Todos los días de la vida. Inclusive de mañana se comen un desayuno, que se llama Gallo Pinto. Galo pintado quiere decir. Que es el arroz y el feijão que son del día anterior, hacen como un revoltijo. El arroz queda negro. Y se le pone una cosa que se llama Salsa Lizano, que todavía hoy Mónica cocinó con el último poquitito que nos quedaba, que nos trajeron. Que dió otra hija, que me trajo ahora, hace poquito. Que es una mezcla de condimentos que es casi como el de Costa Rica. Y comen con huevo, con bacon.

[Manuela] Eso de desayuno?

[Anna] Eso de desayuno.

[Manuela] Mirá!

[Anna] Pero no puede faltar el arroz y el frijol. Costa Rica es muy parecido...Y todo que tiene que ver con el maíz. Que no es de nuestra cultura de Sudamérica.

Nosotros es más la papa. Allá es milho, es maíz. Entonces, eso me encantó. Y, bueno, me imagino que trajimos un español que solo a veces lo entendíamos nosotros. Palabras que ellos usaban en Centroamérica. El español ya viste lo que es.

[Manuela] Ah, sí.

[Anna] Es una variedad increíble.

[Manuela] Va cambiando.

[Anna] Y además el nombre de las frutas y las verduras. Todo lo que es producto de la tierra tiene, en Centroamérica, mantiene el nombre original en náhuatl, que es el idioma original, no? Entonces, todo cambia de nombre. Yo al principio decía deme un kilo de eso...es el vecino. Porque todo se llama diferente. Elote es choclo, elote. Todo lo que se termina con "ote", "ate" es náhuatl. Entonces, me fui acostumbrando, como todo. Viste, entonces cuando veníamos a Uruguay, se mataban de la risa de como hablaba. En vez de decir "se reventó" o... "se cayó y se reventó", "se despapayó", de papayas.

[Manuela] Y la mudanza para Brasil, cómo fue?

[Anna] En qué sentido?

[Manuela] Cómo se adaptaron ustedes. Porque tuvieron que aprender un nuevo idioma.

[Anna] Sí, fue terrible. Porque pensamos que sabíamos. En Costa Rica, empezaba la época del cable ya, entonces veíamos al Boris Casoy.

[Manuela] Ah, sí.

[Anna] El informativo que era latinoamericano, un canal que se decía latinoamericano. Y pasaban el informativo de la tarde. Entonces, qué hacíamos? Durante un año o más, nos sentábamos religiosamente, toda la familia, a escuchar al Moriscas Hoy.

[Manuela] Para aprender portugués?

[Anna] Sí, y entendíamos todo. Porque, claro, Moriscas Hoy parece que pica las palabras. Teníamos tejo, no? No vamos a tener problema ninguno. Que shock. Cuando llegamos al Río de Janeiro, que es un portugués arrastrado, con muchas "rrr", muchas "shhh". No entendíamos nada. Los chiquilines llegaron, ponele, en enero, en febrero... Fuimos en enero, dejamos las valijas, en un lugar, volvimos a visitar, estuvimos un mes acá y después, entraron, a la semana ya estaban estudiando. Pobrecitos. Lo que les hicimos. No sabían ni decir buen día "en español". Entonces eso fue difícil. Como todo, como mamá, y mamá muy protectora. Entonces yo me hacía la "no, la cosa es fácil, lo vamos a...". Entonces esa actitud mía, creo, que ayudó, creo que en parte fue eso, ayudó que se fueran adaptando. Mi hija del medio, Anita, se negó rotundamente, te lo decía, hablar portugués en primera lengua. Los profesores le hablaban en portugués, ella respondía en español. La bancaron, sin problema. Ella escribía en portugués. Pero ella se negó. Entonces ella siempre tuvo sotaque. Ella nunca perdió el sotaque del español. Habla portugués muy bien, pero...

[Manuela] Se nota.

[Anna] Creo que del Río Grande del Sur, tal vez.

[Manuela] Sí.

[Anna] Ya los otros dos no, porque, la Mónica no tiene sotaque ninguno, acento ninguno. David el primer año, entró al último año de liceo. Tenía diecisiete años. Fue el que más sufrió, te dije. Los grupos eran en Bennett. El Colegio Bennett es un colegio tradicional en Río de Janeiro. Bennetchi, como dicen allá. Los grupos ya formados, se conocían desde jardinera. Entonces él era un paria. Y no era un chiquitín como ese ahora, que es otra persona. Era tímido. No sabía nada del idioma, entonces, sufrió mucho ese año. Pero al fin de año, de ese mismo año, cuando entregaron los diplomas de finalización de secundaria, nos llevamos la sorpresa enorme, que a él le dieron una mención especial, porque era... quedó entre los tres primeros lugares de todas las turmas, de todos los grupos, en portugués. En el idioma portugués.

[Manuela] Mirá! Se aprendió todo.

[Anna] Sí. Él focado, no? Muy perfeccionista. Dijo "acá no me van a ganar, voy a aprender". Y lo aprendió. Así que, bueno, para Mónica fue más natural. Mónica fue bien. Y yo, enseguida, empecé a trabajar en editorial, hice mi trabajo con un jefe en portugués, que tenía un acento fortísimo. Entonces era un poco difícil al principio. Y después, bueno, vas aprendiendo. Nunca estudié... Ninguno de nosotros estudió portugués formalmente. Que hubiera sido lo ideal, tomar unas clases de portugués [...].

[Manuela] Sí.

[Anna] Vengo a aprender portugués, cuando empecé a enseñar español, aunque parezca mentira. Empecé a enseñar español, como segunda lengua ya, y me di cuenta de la cantidad de cosas en portugués. Bueno. Lo hablo con mucho sotaque, pero lo hablo.

[Manuela] Sí. Y, para usted como fue hacerse amigos ahí, conocías gente?

[Anna] Mucho más fácil. En Brasil fue muy fácil para mí. De todas formas, había ahí una... que es una cosa más interna de nuestra familia. Mi ex-marido, una persona que no es fácil de hacer amigos. Yo soy más abierta y hago muchos amigos con facilidad. Había toda una dinámica media rara. Empezamos a tener problemas matrimoniales, también que eso hizo que nos [...] un poco. Yo hice muchos amigos. No tanto en los primeros años de casada que estuve en Brasil. Ya después... ahora, de todas formas, lo que puedo decir de Rio de Janeiro, que no sé si es igual en todos lados de Brasil, porque no viví en otros lados, es que el carioca es muy superficial. Las amistades con el carioca son de la puerta de tu casa para fuera. En diferentes motivos que en Costa Rica. En Costa Rica, el motivo es que no te invitan, y es siempre así. El carioca es muy amigable de la puerta de su casa para fuera. Yo no conozco la mayoría de las casas de mis amigos, por ejemplo. Eso es un indicativo. Creo que es el clima, tal vez. Las amistades son de bar, las amistades son de playa, las amistades son de tu puerta para fuera. Que yo invitara a mucha gente a mi casa, después que me separé, era muy raro. Yo invitaba a mucha gente a mi casa. Y venían y hacían las fiestas en mi casa. Me gusta tener gente. Y eso era raro. Pero eso, creo que es una cuestión más climática. No sé que es, no sé.

[Manuela] Y con uruguayos te relacionabas ahí en Río? Conocías a alguien?

[Anna] Ya te digo por el consulado y eso, no. Es otro tipo de uruguayo. No tenía interés en relacionarme. O sea, aquél uruguayo que está para aparentar, que ya está asentado en una cierta posición. No tengo ganas de ese tipo de gente. Empecé, cuando me separé, [...] de cosas para poder salir adelante, porque después de veinticinco años dejar la persona para mí fue difícil.

[Manuela] Claro.

[Anna] Y no conseguí... mira empecé el coro, siempre canté, empecé la guitarra de música clásica, o sea, pero no conseguí. Entonces, me relacioné más con grupos de la universidad, de la UERJ, de la Universidad de Río de Janeiro, con el coral de ahí. Ahí hice muchísimas amistades.

[Manuela] Brasileiros?

[Anna] Todo brasileños. Uruguayos, entonces, hice amigos por fuera. Por ejemplo, a través del coro. Mi primer alumno de español, que fue el que incentivó a dar clases de español en Brasil, cuando hicimos un viaje con el coro acá, se enamoró de una chica de acá, de la universidad, de la república de acá, que aún estaba en el cole. Ahora es su esposa, tiene tres nenas divinas ya. Y me dijo "me tenés que enseñar español, porque yo quiero comunicarme con Natalia". Bien, entonces, él fue el que me incentivó. Yo digo que él es mi ángel. Me incentivó. Entonces son nuestros amigos de allá, uruguayos, digamos. Vienen todos los años. Y, en realidad, si te digo, tengo más amigos argentinos que uruguayos en Brasil.

[Manuela] Sí, eso pasa.

[Anna] Sí, que si estuviéramos en otra situación. Especialmente estoy pensando en una pareja, que son muy amigos, no seríamos amigos en otros ámbitos, seguramente. No tenemos nada que ver.

[Manuela] Y ahí en Río se te quedó más fácil mantener los vínculos con la gente que estaba acá en familias.

[Anna] Sí, al principio, veníamos todos los años. Después que me separé, me quedé económicamente muy perjudicada. Me quedé sin trabajo, porque el permiso de residencia que teníamos era, otra vez, del trabajo de mi ex-marido. Yo cuando trabajé, trabajé en laranja. Cuando él se vá de Brasil. Nos separamos y se fue. Teníamos... Íbamos todos a Guatemala de nuevo, porque lo habían invitado para ser rector en la Universidad de San Carlos. Es una universidad muy prestigiosa de Guatemala. Él hizo doctorado en Educación, en Brasil, en esos años, en la federal. Entonces, nos íbamos solo con Mónica, porque los otros dos ya tenían su vida ahí en Brasil, y eso. Nos separamos, era una cosa que ya venía anunciada. Yo no quise irme, por los chiquilines. Se querían quedar y todo. Y él se fue. Me quedé ilegal en el país cinco años. Anita se casó con un novio que tenía de la adolescencia. Porque Anita es lesbiana. En realidad fue un primer intento de tener novio y, bueno... él, que es como un hijo, él me ofreció, vino a decirme que él se quería casar con Anita, porque Anita tenía que seguir estudiando para conseguir los papeles. Así que mi hija, Anita, fue casada. Se divorciaron a los cuatro, cinco años, nunca vivieron juntos, pero bueno. Esos gestos de los cariocas fueron todo para mí. Cuando yo me separé... Tengo unos amigos gay, Marcelo y Omar, que me invitaron a cenar una noche, yo estaba desesperada, no conseguía papeles, Mónica no podía estudiar. No conseguía... fui a llorarle a un liceo público, llorar literalmente a la directora, para que me la tomara. Porque Mónica tenía que terminar el liceo, tercer y cuarto años. Y se apiadaron de mí. Que, cuando yo tuviera papeles les traería. Por favor, no me la dejara sin lugar, porque él se fue y se terminó el vínculo empregatício y, entonces...

[Manuella] En Bennett?

[Anna] En Bennett. No teníamos becas más para los niños, quedaron sin lugar para estudiar. David quedó sin universidad. Todos... los planes se nos fueron al carajo. Nos despidieron de Bennett, porque, Bennett... Hubo un problema de corrupción muy grande, robaron lo que no había y despidieron ochenta empleados ese fin de año, entre ellos nosotros. Nos quedamos sin nada de un día para el otro. Sin casa, porque era todo parte del salario, el alquiler de la casa, la beca para los niños, nuestros salarios... Entonces, me quedé sola en Brasil ilegal. Anita se casó con Neguinho, entonces a través de Anita conseguimos

mudarnos de aquella casa donde vivíamos, que era cara, a una casa más humilde. Porque ella era la única que tenía papeles. David se fue a San Pablo a trabajar y se casó con la novia que tenía, así que fue su primer casamiento, duró un año, pero, le dio papeles, por lo menos.

[Manuela] Sí.

[Anna] Ahora es casado hace once años con una chica de San Pablo, pero bueno, en esa época... y me quedé, Mónica y yo nos quedamos sin papeles durante cinco años, esperando el milagro de una amnistía, que decían que había. Y bueno, y tuve que arreglármela como pude. Vendí panes caseros, masitas caseras, soy... estudié pedicura hace muchos años para pagarme la universidad, para ayudarme en los boletos. Entonces, hice pieza a domicilio. Esta amiga de Costa Rica fue a Brasil por negocios y me regaló, en esa época eran ochocientos dólares. Me dijo "comprate todo lo que necesites para pedicura". Entonces me compré la maquinita pulidora, todos los artefactos y hice pedicura a domicilio. Y después, y fui entrando en la universidad por el coro... el mismo mes que mi marido se fue a Guatemala, yo me quedé con los chiquilines, ese mismo mes un amigo que teníamos en común me invita al coro de la universidad. Y me dijo "ahora no tienes excusa". Porque yo había tenido tanto conflicto con mi ex-marido que no quería hacer nada. Estaba con la energía muy baja.

[Manuela] Claro.

[Anna] Entonces me dijo "no tenés ninguna excusa", tenía el coro. Y empecé a ir y eso me salvó, fue mi terapia. El coro ese fue mi terapia. Y ahí, entonces, vendía, en la universidad vendía tortas de fiambre, que allá no era muy conocida. Focaccias, panes... lunes y miércoles era venta. Con esa venta hacia el dinero de la feria. Anita tuvo algunos trabajitos, que también muy poquito, o sea, entre las tres, nos fuimos... pasamos mucha necesidad económica. Me costó salud, tuve una depresión muy grande que duró unos años. Igual una depresión funcional, porque igual tenía que salir a luchar, no podía quedar... no tenía opción. Me costó, tuve un pico de presión muy alto. Llegué a veintiuno, veintidós, casi un ACV. Y bueno, y fuimos saliendo, saliendo... a los cinco años de estar ilegales con Mónica, hubo un tratado bilateral Uruguay-Brasil y ahí nos

legalizamos. El papá de Mónica le ayudó, porque eran dos mil reales en aquella época. El papá de Mónica ayudó a Mónica y mi familia me ayudó a mi. Entonces pudimos legalizar nuestra situación. Ahí la cosa empezó a mejorar. Y ahí tuvieron un [...] de ciudadano permanente. Residencia permanente.

[Manuela] Residencia permanente.

[Anna] Residencia permanente. Tenemos hasta el día de hoy una residencia permanente. Sí, tenemos cédula de identidad de extranjero y todo. Y, bueno, empezó como a mejorar un poco la cosa. Hice muchos contactos, a través del coro de la universidad empecé a hacer contactos. Empecé a hacer traducciones. Como soy editora, empecé a corregir monografías y una cosa que no se debe hacer, pero que lo hice durante muchos años, que nos dio de comer, hacer monografías para otros. Entonces, sí hice de fisioterapia, como beneficios de la fisioterapia a las embarazadas. Esa fue mi primera. Hice un trabajo que inventé. Porque, qué escribir sobre las cuotas para negros? Qué escribir, sí o no? Si estoy de acuerdo o no estoy de acuerdo... Entonces, bueno, inventé de hacer una encuesta, con recortes de periódicos que la persona había, por lo menos, lo único que yo había recortado durante un año entero de noticias. Entonces, dividía opiniones en contra y a favor, hice como una entrevista... Tremenda tesis, una tremenda monografía salió. Hice varias. Y de eso fui viviendo, traducciones, después la Universidad de Río de Janeiro. En el departamento, entré por Mónica. Estaban necesitando una asistente para la directora del Departamento de América Latina y Caribe. Como yo tenía experiencia de editoración de libros latinoamericanos y eso, entré ahí, trabajé un año y medio. Ahí, después, el Departamento de Publicación de la UERJ también me contrataba para hacer unas traducciones. Fui metiendo... Y después di clases.

[Manuela] De español?

[Anna] Sí, de español en... Yo no soy profesora de español, pero como hice editoración y soy muy perfeccionista, soy muy exigente conmigo mismo, entonces estudié como loca, entonces soy... Considero que soy buena profesora de español. Y me... Por medio de un amigo que trabaja con recursos humanos, Omar de esa pareja que yo te dije, gay. Que no te terminé de contar el cuento,

después te lo voy a contar. Él trabajaba, trabaja hasta el día de hoy en Departamento de Recursos Humanos. Es profesor también de la UERJ. Me consiguió para dar clases de español, por fuera también, para el personal. Entonces, yo tenía desde el barrendero hasta la bióloga, tuve durante tres años mis clases de español en la UERJ. Fue una experiencia increíble. Esta pareja de gays, que yo te iba a decir, cuando yo estaba tan desesperada, que no conseguía ningún empleo ni nada, estaba ilegal totalmente. No podía alquilar, no podía comprar, no podía nada, no tenía nada a mi nombre. Bueno, una vez me invitaron a cena y los dos padres de santo de candomblé, y muy formalmente, Marcelo, uno de ellos, me ofreció casamiento. Me dijo "estuvimos hablando entre los dos y queremos proponerte que te cases con Marcelo", me dijo Omar, "porque así tenés los papeles". Fue así. Hasta el día de hoy son mis amores. No, yo los amo. Son personas muy especiales. En Brasil, me topé con personas muy especiales. Después, mi familia baiana, que es donde pasamos las diez últimas navidades de mi vida, las pasé con ellos, esos baianos, pero viven en Río. Es mi amiga, el esposo que se murió, que lo sentimos como si fuera un familiar y los dos hijos. Son nuestra familia brasileña, o sea, hubo gente, que no sé de donde apareció la gente. Yo, cuando me separé de mi marido, empezó a aparecer gente. Fue increíble [...].

[Manuela] Y cómo pensaste, empezaste a pensar en volver a Uruguay?

[Anna] Hace bastante tiempo que estoy pensando en volver, desde el año, desde que me separé, prácticamente antes, un año antes. En el 2000, empezamos a tener problemas serios. Ya teníamos problemas, pero el 2000 fue un año bien crítico. Hubo infidelidades de parte de él, que comprometió nuestro trabajo. Pienso que una de las razones por las cuales lo echaron en el 2002 tuvo que ver con eso, porque tuvo relaciones con una estudiante y eso se supo. Fue muy desagradable para toda la familia. Entonces, desde el 2000, yo ya estaba pensando en volver. Dos mil dos, cuando nos echaron, evidentemente que quería volver, pero que pasó? Mis hijos mayores se querían quedar, Mónica se quería volver. Acabó que los dos mayores se volvieron, antes que nosotras y nosotras nos quedamos en Brasil, como cinco, seis años más. Las vueltas de la vida, no? Entonces, siempre quise volver. La última vez que quise volver, fue porque tuve un relacionamiento con una persona uruguaya y quise volver. Era

una persona conocida, hermana de una amiga mía. Entonces... Que no resultó, después. Y... Pero, Mónica y Artur, su pareja en aquella época me pidieron... Yo estaba ganando un salario decente, digamos, en la universidad. Me pidieron que me quedara un tiempito más. Y me fui quedando, viste, como todo. Después, Mónica quedó solita, porque este muchacho tuvo problemas y se separaron. Y me fui quedando, me fui quedando. Pero me hice el firme propósito de, a los sesenta, estar acá. Cumpli sesenta la semana pasada, estaba acá. Y, bueno, me volví. Tenía mucho miedo de volver. Cada año se iba sumando un año más... Que no era más joven, era más vieja. Entonces, sabía muy del mercado laboral uruguayo. Yo decía "qué voy a hacer en Uruguay, editora?". No edito nada en ningún lado. Hace mil años, no trabajo como editora. Diagramadora gráfica ya no existe. Yo trabajaba cuando, a la época, era separación tintas, de colores. Ahora eso no existe, es todo... Yo fui avanzando en la computadora, pero... Toda la gente joven, no me van a tomar a mí. Tuve muchísimo miedo, la verdad, pero mi familia me alientó, mis amigas me alientaron, me dijeron "bueno, tá, venite y vemos". Al año, menos del año, ya tenía empleo. Yo vine en agosto, en julio ya me habían contratado. Claro, SECOM. En mi vida trabajé en una compañía, en una empresa de acompañantes. Pero me está gustando, lo estoy haciendo con gusto. Me está tapando la nariz, estoy resfriada. Así que, bueno...

[Manuela] Y cómo fue, empezaste a planear o te decidiste...

[Anna] Soñaba, soñaba. Planes no tenía muchos, la verdad. La verdad que no. No sabía muy bien como hacer. No tengo una mamá muy tradicional, esas madres que yo hubiera... "Venite, si, mi amor, no importa, de alguna forma nos vamos...". No, no tenés [...]. Tiene una casa que tiene tres cuartos, pero ella sola. "No, te vengas...". Prácticamente, me lo impuso y dijo... "Sos mi madre, me voy a vivir contigo". Y bueno, y me vine. Creo que no me lo planeé, la verdad. Tenía algunas ideas de que podía ser. Pensé en hacer un curso de manicuría, cosas que fueran, más o menos, que yo pudiera ejercer, algo para ganarme la vida.

[Manuela] Claro.

[Anna] No tengo grandes pretensiones, la vida me ha enseñado, he cambiado tanto de casa, en Brasil nos mudamos muchísimas veces. Me enseñó que las

cosas son cosas. Me deshice de todo, cuando vine de Brasil. Fíjate que en Brasil he vivido veintiún años. No, nada. Regalé todo. Les dije a los porteros del edificio donde vivíamos. El último año, año y medio vivimos en un lindo apartamento. Que tenía hasta portero veinticuatro horas. Porque, claro, teníamos el salario de mi hija, de Mónica, que ganaba bien en la UFRJ, de Artur, la pareja, y mío. Entonces, ese año y medio fue un buen año. Que terminó de repente, porque la pareja de Mónica tuvo problemas psiquiátricos. Fue así de un día para otro que terminó todo. Entonces, vendí la cocina, el lava-ropa que acabábamos de comprar nuevo, la heladera, el microondas y nada más, porque hasta el aire-acondicionado le dije a los porteros: "si ustedes me ayudan desocupar el apartamento, yo les regalo todo". Sacaron hasta las cortinas, el aire-acondicionado, el sillón, los sillones, las camas, los colchones. Lo único que llevé fueron toallas... Porque yo viví unos meses en casa de una amiga, antes de venirme. Para terminar mis clases yo estaba dando clases en la Universidad de [...]. Trabajé tres años, dando clases de español. Mi ropa y mis cosas de cocina, porque me gusta mucho cocinar. Una caja y libros. Que no sabes la cantidad que regalamos, que tiré a la basura, porque, libros en español, nadie quería. Entonces aprendí que las cosas son cosas. Entonces fue muy simple. Tengo una forma de vivir muy simple. Si tengo plata, me compro algo que me gusta. Si no tengo, no me compro. Entonces, para mí, ganar un salario que me de... Yo no pago alquiler, porque vivo con mi mamá. Pago las cuentas, en la casa las pago yo. Y estoy bien.

[Manuela] Y de cuestiones burocráticas pasaste por la oficina de recepción y eso?

[Anna] Como re... Sí, como retornadas, pasamos especialmente, porque tenés una serie de beneficios, que eso nos habían dicho. Por ejemplo, salud pública, un año y otro más con prórroga si no conseguiste empleo. Por ejemplo, si tu quieres alquilar, ellos te salen de garantía, por un tanto del salario. Nunca lo tuve que usar, pero tá. Te ofrecen una cantidad de opciones, te orientan. Pero yo tenía la familia. En realidad lo usé poco. Mónica hizo lo mismo. Además de una cantidad de reuniones, yo no me acuerdo que fue ahora. Pero, documentación, creo que no te la cobraban, no me acuerdo muy bien que fue. Pero yo no traía bienes.

[Manuela] Más tranquilo.

[Anna] Vine con una mano adelante y una atrás. No tanto, porque uno traía mi valijita con ropa. Y después este, que este fue el problema, este perro, porque hubo que hacer una cantidad de papelerío allá y acá para traerlo. Traerlo en un avión era imposible, por una cantidad de cuestiones. Y decidimos traerlo por tierra. Resulta que en la frontera, Mónica hizo fila con él, con los papeles que nos habían pedido desde Uruguay, que no te puedo decir lo que era. Cada vez que pasaba el tipo decía: "ustedes, sigan con el perro y los papeles". Dice Mónica: "mamá, se nos pasó por la cara el tipo. Nunca nos miraron los benditos papeles. Ministerio de acá, Ministerio de allá, salubridad, veterinario...". Nunca miraron los papeles del perro. O sea, dio más trabajo él que las personas.

[Manuela] Y qué te parece volver a Uruguay? Es lo que pensabas que iba a hacer?

[Anna] Sí y mejor. Al principio... La gente de acá no entiende cómo me volví. Cada vez que digo que soy retornada después de treinta años, me dicen "para qué volviste?".

[Manuela] Sí, la gente es muy pesimista, no?

[Anna] Horrible, no lo soporto. Si hay algo que aprendí en Centro-América y en Brasil, carioquilandia especialmente, es ser más para arriba. Yo veo a mis primos. Están todos en buena situación económica. Algunos están muy bien, muy bien. "Y esto es una mierda, este país no va para adelante, acá no hay nada". Ahora, no le vayas a criticar Uruguay, porque te sacan la cabeza. Pero ellos sí pueden criticar. Entonces yo ya la estoy un poco cortada. Venís a hablarme... A mi no me hables mal de Uruguay. Yo hablo solo cosas positivas. Me dijeron "ah, estás de luna de miel, ya se te va a pasar este encantamiento". Un año, yo todavía sigo en luna de miel con mi país. Yo estoy muy bien, yo estoy muy feliz. Tengo la paz que no tuve durante, capaz, treinta años y no me daba cuenta. No tengo una vida esplendorosa, de glamour, no. Una vida tranquilísima, pacata, como dicen los brasileños. Pero estoy muy bien, tengo paz después de muchos años y eso es mucho, eso es mucho. Yo ya no resistía más, no aguantaba más la situación de corrupción y de... No aguantaba más Brasil. Era

levantarme amargada, acostarme amargada, impotente. No poder hacer nada. Ya no me daban las piernas para ir... La última vez que fui a una manifestación, tiraron gas lacrimógeno, y Mónica con sus compañeros me cargaron entre varios, porque me ahogué. Y me llevaron. Y yo bueno "es la última vez, porque les estoy complicando la vida a los chiquilines, les pongo en riesgo a ellos, porque le salven a la vieja que se está quedando trancada". Tampoco podía ir a las manifestaciones, no podía hacer nada. Me sentía muy frustrada.

[Manuela] Sí.

[Anna] El desgaste emocional que tenía en Brasil era demasiado. Entonces, yo vivía una vida amargada, salía a la calle rabiando con las respuestas de las personas. Yo no podía creer el razonamiento tan simple que tenían las personas. Llegó el momento, viste, cuando ya estás saturada. Yo ya no quería más. Acá hay problemas, pero, hay oxígeno todavía.

[Manuela] Y con tus relaciones de acá te reanudaste fácil?

[Anna] Reanude muy fácil, sí. Nunca dejé.

[Manuela] Claro, nunca fueron interrumpidas.

[Anna] No, y después cuando apareció el asunto maravilloso de Facebook, recuperé una cantidad de gente que... Que seguimos en contacto. Que nos vemos. Yo soy, por ejemplo... Todos los viernes de mi vida, después del curso que hago en SECOM, que son cinco horas, antes de ir al trabajo, me voy a cenar a la casa de mi primo. Ya me esperan, mis primos me esperan con comidita, me esperan con una viandita para que me lleve al trabajo. Él lo hace, no espera que la mujer lo haga. Aunque es la mujer la más amiga mía. Pero bueno. El domingo mi prima de mi edad, Alicia, dice "bueno, sabés que acá el domingo hay asado?". Ya tienen tres hijos varones y el marido, son todos hombres. "Sabes que acá, prima...". [...] me voy el domingo aparezco ahí como quien...

[Manuela] Sí.

[Anna] Es otra cosa. Es otra cosa. No tengo una muy buena relación con mi mamá, nunca la tuve. Vivo con ella, nos toleramos mutuamente. Algún día

espero que eso cambie. Estoy esperando que Mónica consiga un empleo para juntar, porque mi salario no da para alquilar. Estamos esperando eso. Toda esa paciencia, tanto para Mónica como para mí, aunque para mí también haya sido difícil... Pero Mónica y yo hemos vivido muchísimo juntas. Treinta años de la vida de ella juntas. Y de la mía. Treinta años. Entonces tenemos una simbiosis bastante grande. Entonces pensamos vivir juntas seguramente. Entonces unir esfuerzos. Estoy que ella... Y todo nos ha costado un huevo y medio. No un huevo, un huevo y medio. Siempre nos ha costado. Estamos, yo que sé, si acostumbradas o que. Algún día llegará.

[Manuela] Y tu hija se volvió antes que ustedes?

[Anna] Anita, sí. Anita se volvió, porque, en Brasil, ella quería estudiar Veterinaria. Como yo no podía pagarle la carrera, ella hizo Publicidad. Y empezó a trabajar en Publicidad. Y se ahorró dinero para pagarse universidad privada, porque la universidad de Veterinaria en Río de Janeiro es en Seropédica. Está a varias horas de Río y hay que vivir allá. Y yo no tenía cómo pagarle una residencia. Entonces empezó a estudiar en la Universidad Estácio, Veterinaria. Pero era lejos, en Guaratiba. Que es lejos. Yo no sé si tu conoces a Río, pero es lejos.

[Manuela] Conozco el centríto ahí, no más.

[Anna] No había manera de ir y venir todos los días, era lejos. Entonces, la amiga de ella, ella es madrina de la hija de esa muchacha, le ofreció vivir con ella. Tiene una casa tipo refugio para perros y, bueno. Anita, un año estudió Veterinaria en la Estácio de Sá, hizo un estágio, una práctica en el, ahí mismo, en el Departamento de Silvestres, de animales silvestres, que es lo que a ella le gusta. Y trabajaba en una veterinaria. Eso la desgastó. En un año y medio, Anita estaba enferma, tenía de todo.

[Manuela] Sí.

[Anna] Entonces, se me ocurrió la idea, porque mis hijas lo reconocen hasta el día de hoy, las ideas y salidas que han tenido de estudios, he sido yo la que les daba las ideas. Al principio, "ay, mamá, qué ridículo", después, parecía que tengo

buena visión. A veces dió cierto y a veces no. En este caso dió cierto y le dije "Anita, por qué no te vas a Uruguay a estudiar? Vivís con mi madre, que queda veinte, treinta minutos, a veces cuarenta, de la universidad, vos sos uruguaya, nunca viviste en Uruguay. Viviste dos años, tres años de tu vida". Y bueno, la fui convenciendo, porque era la más carioca de todos. No quería, no quería. Y más, amigos por todos lados. Anita es re popular. Y se vino a estudiar. Le costó una depresión horrible, vivió horrible. Mi madre se hizo insoportable. Que eso no quede grabado, loquita. Y tuvo que salir. Vivió dos años con mamá, que fueron, a veces quedarnos horas en Skype hablando con Anita hasta altas horas. Esta china se me enfermó, se deprimió, empezó a ir a psicólogo. Y de ideas suicidas, inclusive, bueno. Pero, mirá, fue saliendo, fue saliendo, fue saliendo y, tá. Está feliz ahora. No quiere volver a Río. Esta noche está viajando a Río, porque esa amiga le pagó el pasaje, para que fuera allá diez días a visitar a su ahijada. Está feliz, pero solo de visita. Ya hace años que sabe que es solo de visita. Ella ya está bien, ahora hace siete años que está acá.

[Manuela] Hace siete? Ah, bastante.

[Anna] Siete. Siete años que está acá y está feliz. Tiene pareja ahora, asumió su homosexualidad y la familia toda la rodeó, divino, mi nuera es divina. Estuvieron acá a buscar una valija prestada. Así que ella se vino antes. Y mi hijo, David, se casó con una paulista, paulistana y, hace... Una chica muy bien, muy trabajadora, era gerente de la IBM. Y le dieron la oportunidad de ir a Europa, bueno, o a Zelandia. Para los gerentes, de vez en cuando, la IBM les da esa oportunidad. Y se decidieron ir a Europa, a [...], a República Checa. Y, hace ya, nueve años, ocho, tal vez ocho años hace que se fueron a República Checa. Su segunda esposa, ya te digo, la primera duró un suspiro. Se envió con esta chica. Se casaron para poder ir a Europa. Ya vivían juntos. Y él trabajó a distancia con Brasil, porque acá no le querían largar de la empresa. Él es diagramador gráfico, ingeniero de computación. No terminó la carrera. Trabajó una año y después se metió también en IBM. Y a ella le hicieron una oferta de trabajo buenísima en la Novartis, que es un laboratorio...

[Manuela] De farmacéutica.

[Anna] Sí, en Suiza. Y ella aceptó y le va muy, muy bien. Y ahora se mudaron a Praga. Viven en Praga. Ya hace varios años. Y mi hijo estudió sommier de cerveza y ahora el último curso de cuatro años, curso largo, juez. Entonces hay veintidós jueces cervecedores en Europa, uno de ellos es David.

[Manuela] Mirá, que lindo.

[Anna] Le encanta. Es gordo panzón.

[Manuela] Sí.

[Anna] Y ella lo acompaña en toda esa locura. Tienen cerveza ya de ellos, registradas. él empezó con un grupo de compañeros. Una vez al año hacen el primer certamen, un encuentro de cerveza artesanal que se hace en Praga, todos los años. Lo creó mi hijo con todos sus amigos. Entonces todos los años hacen. Va creciendo. Este año tuvieron más de dos mil personas el primer día. La primera semana quiero decir. Y bueno, tienen su vida, ya está muy bien.

[Manuela] Y él viene acá a veces?

[Anna] Vino ya a Uruguay y a vivir ha ido a Brasil, porque la familia de ella está acá en São Paulo. La última vez fue el 2017, que por primera vez en cinco, seis años, reuní a mis tres hijos juntos. Porque siempre cuando iba David a Río, Anita estaba acá, o David venía acá y Mónica estaba en Río. Veía a una de las hermanas por separado. Esta vez pudimos, en 2017, reunirme con mis tres hijos, mi mamá, mi hermana, mi sobrino. Mi hermana no vive acá, vive en Ribera, en la frontera. Y el año que viene estoy planeando yo ir para allá, como regalo de mis sesenta, me voy el año que viene. Ya estoy haciendo planes, juntando plata. Voy a conocer Europa, que no conozco. Praga, en realidad. Y Portugal, que tengo dos amigas brasileñas que quiero pasar por ahí.

[Manuela] Entonces tus hijos siempre mantuvieron en vínculo con la idea por lo menos de Uruguay, sabían, siempre supieron que eran uruguayos y tenían en eso...

[Anna] Sí, sí, sí, en casa siempre se habló español, no hablamos portugués. Mi nuera brasileña habla muy bien el español, no tiene otra, habla español. El ex-

compañero de Mónica hablaba español, entendía perfecto. En mi casa siempre se habló español. Los chiquilines siempre se sintieron muy uruguayos. David, por ejemplo, sigue lo que es política uruguaya sigue al dedillo. Está en Europa. Fútbol y política para él... Y sigue todo, sabe todo. Claro, no es lo mismo vivir acá. Yo sé, pero él puede opinar con propiedad, porque siempre mantuvieron vínculos.

[Manuela] Está acompañando.

[Anna] Pero tienen muchos vínculos con Brasil. Los tres. Los tres tienen vínculos con Brasil. Muy fuerte, lógicamente. Mi nuera es brasileira también. Entonces, son los dos países. Mi hijo con mi nuera siempre hablan de la posibilidad de volver a América cuando sean viejos. Y instalarse en Uruguay. Si se va a hacer, no sé.

[Manuela] Sí, pero hablan de eso.

[Anna] Pero hablan de eso.

[Manuela] Y vos tenés, pensás o tenés ganas de salir de vuelta de Uruguay?

[Anna] No, yo ya estoy acá. No quiero salir, de paseo puede ser, pero de vivir a otro lugar, ni loca, ni lo pienso. No, no, este es mi lugar, este es mi lugar. Para mí quedó clarísimo que este es mi lugar. Yo no digo que no debería haber salido, porque las experiencias que yo tuve, a nivel personal, y las experiencias, que a pesar de los traumas que le debo haber pasado a mis hijos, por causa de los viajes, de la vida de gitanos que tuvimos. No los niego también la riqueza que les pude ofrecer, la herencia que les dejé. Mi ex-marido y yo, los dos. Y a pesar de que hubo mucho sufrimiento, "envolvido", como dirían los brasileños, hay una riqueza de experiencia de vida que no cualquiera la tiene. Yo le decía a Mónica: "en crisis, estábamos en Brasil". Mónica deseando salir, yo deseando salir. Y yo le decía "Mónica, nosotros somos, nosotras somos privilegiadas". Una de sus mejores amigas, Silvia, es una china que nació en favela. La única persona que hizo universidad, que la monografía final de... Mó ya hizo el doctorado y esta china recién se acaba de recibir, recién tiene graduación, en servicio social, porque es de una pobreza, el entorno de ella es de pobreza, ella tiene depresión,

la madre [...] de casa. Es una cosa. Digo "Mónica, nosotras tenemos a dónde irnos, tenemos a dónde huir, tenemos una malla, una red de amistades en el mundo. Te podés ir a Costa Rica, te podés ir a Estados Unidos, dónde está tu padre. Te podés, yo que sé?". Somos privilegiadas, para ver sacarla un poco de aquella. Que "ay, que es lo que me pasa a mi, que horrible, etc, etc, etc". Entonces yo reconozco que esta vida ha sido medio loca, un poco inestable, muy sufrida en algunos momentos, aunque les traté de evitar a ellos mucho sufrimiento. Pero, no digo que no tendría que haber salido de Uruguay. Nos eso yo que lo digo, pero este es mi lugar. Este es mi lugar, es dónde yo me siento cómoda. Son treinta años que estuve fuera y es como que...

[Manuela] Y en tu cabeza, durante todos esos treinta años, siempre estuvo en tu cabeza la idea de volver?

[Anna] Siempre. Nunca la idea fue de morirme en otro lugar. De hecho, venimos más al sur, porque no queríamos que nuestros hijos crearan relaciones amorosas en Costa Rica, tan lejos de Uruguay, porque sabíamos que íbamos a volver. En mi cabeza, los chiquilines no podían ser adolescentes en Costa Rica. Tenían que volverse antes, porque yo quería que crearan lazos, que se enamoraran allá y les quedaran lejos... En definitiva la vida está lejos. Y la vida da muchas vueltas y yo no sé si Anita no se va y Mónica también se va a ir un día. Y me dejan este clavo. Probable. Pero yo quería volver. Para mí era clarísimo. Yo, mis últimos años en Brasil, me iba a morir de tristeza. Me sentía muy sola, porque Mónica empezó a tener su vida, claro, normal.

[Manuela] Claro.

[Anna] Común. Entonces, cada vez dependía menos de mi. Cada vez, entonces, yo me sentía muy sola. Y los amigos son amigos cada uno tiene su familia, sus cosas, bueno.

[Manuela] No son familia familia no?

[Anna] No, no. Para mí peso mucho eso. Entonces, este es mi lugar. Hay una canción en portugués que dice "aqui é o meu lugar". Que es de... bueno, no me acuerdo ahora este hombre, que en la época de la dictadura era muy...

Brasileño... Bueno, ya me voy a acordar. Pero dice "aquí es mi lugar". Para mí no cabe duda.

[Manuela] Y Montevideo?

[Anna] Ah, sí. Yo soy montevideana. No soy de campo. El campo tal vez voy un ratito para tomar aire. Y me gusta mirar, así todo planito, todas las vaquitas, pero me quiero volver acá. A mí no me gusta el campo. Yo soy montevideana. Me gusta Montevideo. Me gusta la ciudad. Este aire gris del invierno. A mí me encanta el invierno. Y después, el verano en Uruguay es hermoso.

[Manuela] Sí, es divino.

[Anna] El verano en Montevideo, a mí es una ciudad que me encanta. Yo no entiendo como, por ejemplo, mis primos no ven linda su propia ciudad. Me reuní con una amiga del liceo, Miriam, que es una de mis amigas más cercanas y conocí... Claro, estuve 30 años fuera, no conocí a los hijos. Estábamos en el Parque Rodó, sentadas, tomando mate y, de repente, pasaron dos gurisas en bicicleta. Y una china que para, Lorena, la hija de ella que estaba bicicleta con unos amigos. Y viene y se sienta a tomar mate con nosotros. Encantadora la chiquitina. Y ella le dijo una cosa que no me lo había dicho a ninguno de mis sobrinos. Me dijo digo "ay, porque es divino Montevideo". Que bien que andás en bicicleta, igual que mi nuera. Mi nuera es la esposa de Anita. Andan en bicicleta mucho. Que resultaron ser muy amigas de ella y yo no sabía. Y me dice "es que es divino salir, salir a andar en bicicleta en Montevideo. Si esta ciudad es divina. Le digo 'te voy a grabar, te voy a [...], porque es el primer joven en este país que me dice que le gusta Montevideo. Dice "pero si es divina mi ciudad, mira lo que es esto, mira... No se puede comparar". Fue la primera chiquilina joven que dijo que le gustaba Montevideo. Todos están queriendo irse siempre. Seguramente, yo era así también antes.

[Manuela] Y ves [...] distinto de cuando eras joven tú y ahora los jóvenes, que ahora se quieren ir y antes no querían, o siempre hubo [...]?

[Anna] Siempre hubo. Acá la gente siempre se quería ir. Por otros motivos.

[Manuela] Sí.

[Anna] Antes de la dictadura, yo... Mucha gente se fue. Mis padres pensaron en irse una época a Venezuela. Nos íbamos ahí. El uruguayo es así, muy migrante. Y ahora con esta nueva nota de inmigrantes venezolanos, cubanos, también, viene toda una generación de gente que tiene un pie acá, otro allá. Y van a querer ir y venir. Y esto no se acaba. Y, bueno. Hay cosas que no me gustan de Uruguay, pero muchas cosas que me gustan del uruguayo.

[Manuela] Así que volver y readaptarse para vos fue bien tranquilo?

[Anna] Bien tranquilo, sí. Seguramente, porque ya te digo...

[Manuela] Claro, los vínculos estaban...

[Anna] Un lugar donde estar y había pasado tanta dificultad, pero tanta en Brasil. Tanta, tanta soledad. Tantas cosas que no salían, tantas deudas que tuve, porque no podía pagar cosas. Pagaba aquí, dejaba allá. Tantos dolores de cabeza. La pasamos muy jodida, muy jodida. Y que tener un trabajo, con un salario chiquito, pero tenés 13º, el aguinaldo, vacaciones pagas, una empresa seria que... Tengo todos mis derechos, salud, donde en Costa Ri... En Brasil llego a tener el servicio... Primero el servicio público acá es excelente. Los exámenes que, en Río de Janeiro, no me los hicieron en 4, 5 años, acá inmediatamente, en 3 meses, en el Pereira Rossel, yo tenía todos mis estudios ginecológicos.

[Manuela] Sí.

[Anna] Nunca descubrieron que tenía un mioma. En Brasil, como es posible? Un mioma de doce centímetros. No puedes entenderlo. Y yo acá vine, y en tres meses había ido... Hasta me hicieron una histeroscopia intravaginal. Yo que sé? Entonces, cómo no voy a estar bien?

[Manuela] Sí.

[Anna] Entendés? La gente no entiende, es increíble. Ni la propia familia entiende por qué estoy acá. Porque, en el imaginario del uruguayo, el que sale le va mejor. Pero no es verdad. No es verdad. Al que sale no le va siempre mejor. Debe haber alguno que le va. A mi no me fue mejor. A mi, mi proyecto que yo

tenía de familia, de estudios, todo se me fue abajo. En pocos años, todos los proyectos que yo tenía de vida se terminaron y tuve que adaptarme y reinventar qué hacer y qué no hacer. Eso fue un trabajo de artesano, viste? La imaginación de las pocas posibilidades.

[Manuela] Sí.

[Anna] Y bueno.

[Manuela] Viste, una cosa que yo he encontrado a veces es que hay como una, no sé si magoa, sería la palabra, pero como un rechazo a los que se fueron y vuelven. Como si "ay, tu te fuiste y ahora querés volver".

[Anna] Eso, al principio, me lo decían. En la familia me decían, bueno, porque vos no entendés. Yo tengo parte de mi familia, especialmente a mis primos que les va muy bien, no son de derecha, nunca fueron de derecha, pero...

[Manuela] Flertam.

[Anna] No sé si van... Dudo de que van a votar en Frente, por ejemplo. Que tengo mis discrepancias, igual, pero, ha sido un gobierno bueno. Y entonces me dicen "a ver, vos porque no sabés, no has vivido acá". Ahora ya no me lo pueden decir, porque ya hace dos años que estoy acá. Entonces ahora estoy mejor. "Bueno, ya vas a ver, dentro de un año, conversamos de nuevo". Ahora ya pasó el año. Ahora conversemos.

[Manuela] Sí.

[Anna] Ya te vas a desilusionar. Ahora ya le puedo decir, ya me siento en autoridad de decirle "esto, que estás diciendo, hijo?. No te quejes, porque vos tenés todo". Al principio, yo fui muy cautelosa, porque evité conflictos, evidentemente. Soy una persona que evito conflictos también. No me gusta... Pero sí, debe haber cierta... Ahora el uruguayo que retorna no viene con las manos llenas de oro. Entonces, que lo van a rechazar, si son unos pobres diablos los que vuelven.

[Manuela] Sí.

[Anna] Qué tenemos, qué trajimos? Yo no traje nada. Entendés? Se asombran de que estuve fuera, pero eso de rechazo a que yo haya estado afuera no, yo no le, no lo he visto. No, la verdad, que no.

[Manuela] Bueno, las preguntas que tenía más o menos eran... Están bien correspondidas ahí en todos [...].

[Anna] Por eso [...].

[Manuela] Ay, a mi me encanta.

[Anna] Tengo la nariz totalmente tapada, casi no puedo respirar, no sé como va [...]. De repente, así, se me tapó la nariz. Que horrible.

[Manuela] No sé si me quieres decir algo más, que te parece que sea importante, de esta cosa de ir y venir...

[Anna] A mi me parece que no hay país mejor que otro. Eso es una cosa que yo intenté enseñar a los chiquilines. Puedo criticar un gobierno, puedo criticar... Pero nunca criticaré costumbres de un país, idiosincrasias, en general, del país. Porque hay siempre cosas que se pueden aprender y que acrecientan, que aumentan... La palabra acrescentar en cambio me sale más fácil. En portugués, bueno... Acrescientan a tu vida. Me he cruzado con gente extranjera que vive en otro lugar, gente, uruguayos inclusive, que rechazan lo de la cultura dónde están viviendo. Y eso me parece un error, me parece un error. Vos traes un poco de todos los lados que viviste. Y eso enriquece. Enriquece tu vida, enriquece la vida de los otros. Y bueno. Eso es es una cosa que hay que sacar positivo, evidentemente. Y la otra cosa de haber vivido fuera, me da, me parece, no la perfección, pero si un, una idea de lo que es la humanidad en general. No soy jamás el ombligo del mundo acá, en Uruguay. Que lamentablemente el uruguayo que no ha salido, que no ha viajado, no tiene esa...

[Manuela] Sí.

[Anna] El desconocimiento hace que tengamos miedo, que tengamos recelo por otros, por el que viene, por el otro que no es igual que yo. Eso creo que lo tengo bien manejado. No siempre me sale bien, pero lo tengo bien manejado... Y eso

te lo da la extranjeridad. Ser extranjero. Te lo da. Vos volvés con otras perspectivas. Y si podés traer cosas buenas.

[Manuela] Sí.

[Anna] Del otro lugar, mejor todavía. No solo comidas. Otras cosas que son buenas de otros países. Y critico mucho al carioca en una cantidad de cosas. Pero hay cosas que el carioca me dió, que acá no hay, por ejemplo, la actitud frente a la vida. Es una actitud mucho más positiva.

[Manuela] Sí.

[Anna] Tá? El carioca está, no sé si está bien o está mal. Por eso te digo, acá no me viene mal, pero el carioca puede vivir en Baixada Fluminense o en Bonsucesso, o en esos lugares más pobres, sin embargo te va a decir "Brasil, Rio de Janeiro, a coisa mais linda do mundo". Yo que sé. Tiene una visión de su lugar que el uruguayo no tiene. Y eso es una cosa que se aprende.

[Manuela] Sí.

[Anna] Pero bueno, es eso.

[Manuela] Bueno, muchas gracias, Anna.

[Anna] Oh, de nada. Ojalá que puedas también hablar con Mónica y seguramente te va a dar, dar una visión. Desde su punto de vista.

[Manuela] Claro, distinto, porque pasó distintas fases afuera.

[Anna] Sí, sí, sí, claro, claro. Y ella, no es que no haya sido protagonista de su propia vida, pero, en realidad no tuvo el control ni la responsabilidad en las etapas. Ella fue llevada, fue traída, pobrecita, como niña que era y adolescente... Entonces ella te va a dar otra otra visión totalmente diferente. Y ahora como gente joven que se inserta en el mercado de trabajo acá, que diferente de mi situación. Entonces, bueno, también, Mónica va a tener otra visión seguramente. Parecida, tal vez, pero diferente.

[Manuela] Muchas gracias. Pero eso...

APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JUAN QUIJANO

Entrevista concedida em 22/07/2019.

Parte I

[Manuela] Historias de vida, entonces quiero que cuentes tu historia. Como es acá, como fue salir, todo eso, cómo fue llegar allá, cómo te adaptaste y como fue volver. Básicamente todo eso. Vos saliste de acá en qué año?

[Juan] La segunda vez?

[Manuela] Saliste dos veces?

[Juan] Sí, salí dos veces.

[Manuela] Cómo fue la primera?

[Juan] Y la primera, fue por un problema, como de tantos uruguayos, no, un problema político [...] y me fui porque [...].

[Manuela] Cuánto tiempo te demoró?

[Juan] Un mes. Con mucha suerte, porque la solidaridad de la gente donde vas es fantástica. Estamos hablando de gente común, como tu y yo, trabajadores. Y eso hizo posible que migrara. Tuvimos un poco de riesgo, además de suerte. Y en Venezuela, hasta que... Empecé a trabajar enseguida. En aquel momento, Venezuela era un paraíso. [...], porque Venezuela me abrió las puertas. Sino hubiera sido [...]. Me enseñaron muchas cosas, me ayudaron muchísimo...

[Manuela] Fuiste solo?

[Juan] No, a Venezuela fui con mi ex-compañera, el padre me pidió que la sacara, porque estaba en la misma situación que yo. El problema es que era menor, la piba. Cumplió la mayor-edad, en medio del desierto [...]. Y una cosa es ir solo y otra cosa es decidir irte con la responsabilidad de una persona más. Yo diría que fuimos... Si somos, todavía, tremendos amigos, pero lejos. Hasta

que llegó un momento en Venezuela que yo le dije... No me sentía cómodo de estar allí. Me sentía bien, por un lado, pero muy incómodo, porque las noticias de Uruguay llegaban y llegaban... Y [...] bueno, me puse así un poco loco y decidí volver. Volví en otras condiciones. Nadie me pidió documento siquiera en [...].

[Manuela] Que año era más o menos?

[Juan] Me fui en el 75 y volví en el 76.

[Manuela] Ah, quedaste poco, entonces.

[Juan] Poco, estuve cerca de un año, no llegué al año. La historia de Venezuela es casi tan larga como la de Australia, a pesar de que fueron 21 años allá y unos pocos meses en Venezuela. Pero la cosa vivida, viste? Fue genial. Tengo enormes y buenos recuerdos de la gente de allí. Y bueno, y después se dio toda una vida acá. Como tantos otros uruguayos [...] hasta que salimos, sacamos la cabeza.

[Manuela] Y acá vivías en Montevideo mismo?

[Juan] Sí, después, antes de irme para Australia, me fui para Solimar, con mi ex-pareja. Allá levantamos una casa, pero hubo un momento en que la situación se puso muy difícil, a pesar de que la dictadura, supuestamente, ya había pasado, igual estábamos con la situación comprometida. Y me acuerdo que [...] hubo la oportunidad de irnos a Australia, por un par de años. Un par de años se convirtieron en 21.

[Manuela] Sí.

[Juan] También, Australia me dio [...]. Claro, uno puede decir, vos diste algo? Sí lo di todo lo mío. Todo lo que pueda tener, lo volqué a la comunidad, no solo la [...], la comunidad [...]. Pero aprendí el idioma, seguí estudiando, empecé mi propio negocio. Yo tenía un taller de diseño de decoración comercial, que sigue funcionando. Si todo sale bien, lo voy a visitar. Pero me dio [...]. Y de convivir con los de afuera. Ahora, acá, con la gente que viene de afuera. Y no hay gente más de adentro que la gente que está afuera. Entonces, no sé si me entiendes.

[Manuela] Sí, lo entiendo perfectamente.

[Juan] Te confieso que cuando llegué a Australia me sentí perdido.

[Manuela] Conocías a alguien?

[Juan] Yo me fui con mi señora. Bueno mi ex-señora, sí. Y la comunidad es muy abierta. La gente no tiene el menor problema. Es como si vivieras en un barrio de uruguayos, más o menos, sí.

[Manuela] Sí, los australianos?

[Juan] Yo me refiero a los uruguayos. Hay mucha cantidad. Los australianos, mirá, antes de ir "ah, no, son muy frios, ah, no, no se ríen". Bueno [...] que tengo cantidad de amigos de todas las razas [...]. La comunidad australiana no es solo los australianos. Me hace acordar a Uruguay, en el sentido de que, sí acá vivieron [...], acá estaban los indígenas [...]. Bueno, ellos todavía [...]. Acá los mataron a todos. Y después vinieron los españoles y los portugueses y los ingleses. Allá también [...]. También fueron colonizados [...]. Fueron los alemanes, los ingleses, también fueron los chinos, los árabes, los uruguayos, los argentinos, los chilenos, entonces, aquello es un millón de razas. Y el tema es saber ubicarte donde estás parado. Uno no va a ir a criticar [...].

[Manuela] Claro.

[Juan] A parte, teniendo [...]. Hay formas diferentes de pensar. No somos los únicos en el mundo. Una de las cosas que me preocupé de hacer. Creo que de cierta forma lo logré, por lo menos, estando allá. Es hacer que la cultura nuestra no fuera olvidada, que la gente no se olvidara tampoco de donde viene. Es muy feo, aunque tenés una heladera llena [...]. Es muy feo. Cualquiera [...]. Ah, bueno, ahora Uruguay está casi igual, porque ahora cualquiera tiene un auto. Así que... El nivel de vida de cualquier persona que trabaja está bueno. Si trabajás mejor, bueno vas a encontrar [...]. En realidad, no te falta nada. A nivel personal, tuve algunos tropezones, que en un principio me... Me acuerdo que el primer tropezón [...] y dice "por que no te venís conmigo y tal, un tiempo acá conmigo?". Y no lo pensé y fui. Y la visa me la dieron, porque tenía [...]. Pero cuando llego allá, me dijeron, mira, capaz que te puede tocar plata. Tu no puedes trabajar [...]

documento, tengo documento [...] americano. Tengo la licencia de conducir para trabajar. Estoy trabajando.

[Manuela] Qué raro, sí.

[Juan] [...] y entonces, al mes decidí, bueno, tengo que trabajar, pero bueno. No podía volverme enfermo, pues no tenía plata, así que tuve que trabajar. Y acá, trabajo, en aquella época [...] era espantoso. Época de elecciones. Creo que el año noventa y cinco. Entonces [...]. El tema es que, claro, como te dije, a mi no [...]. Y justo estaba de visita una delegación de fútbol de Australia. Y conocí a toda la gente. Fui a verlos. Y los primeros, los viejos. No estaban sentados en sus [...]. Y estoy en una situación que... Me tengo que volver. Entonces, cuando vayas, andá a hablar con fulano de tal [...]. La cuestión es que me mandaron los pasajes y me fui enseguida. Es más fácil [...]. Y a ese amigo le mandé un mensaje [...]. Y como eran...

[Manuela] Y cómo fue llegar allá? Ya estaban ordenados todos los uruguayos, ya se habían organizado en el club que hay ahí, no?

[Juan] Hay un club. El club uruguayo de Sydney. Es diferente lo que pasa en Malmo, de lo que pasa en Brisbane, de lo que pasa en Sydney.

[Manuela] Vos fuiste a Sydney?

[Juan] Sí. El club uruguayo ya estaba organizado. En aquel momento había [...] 40 millones, que ahora está igual que [...]. No está el presidente, está una comisión [...]. Una persona que... Demoré años en llegar a conocerlo, pero somos muy amigos ahora. Es un chiquilín más mayor, un poquito mayor, así que [...]. Tenía... El club funcionaba... En el lugar donde está el club ahora, un terreno muy grande, que tuvieron vender una parte del terreno para construir el edificio, en realidad.

[Manuela] Tiene un edificio propio y todo?

[Juan] Sí. El Club Uruguayo de Sydney es el único club, en el mundo, propiedad de nosotros.

[Manuela] Mirá.

[Juan] [...] enorme cantidad de gente que está trabajando, enorme, que trabajaron, voluntariamente. Soldadores, carpinteros, albañiles, cantidad. Y siguen trabajando todavía. A la gente que está ahí, les gusta el club. Creció mucho y se hizo grande. Porque, al principio funcionaba como el club de acá del barrio, no? Pero, los años hicieron [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Y es un hermoso club. Yo no sé si está funcionando todavía, pero el club es [...].

[Manuela] Mirá.

[Juan] [...] Así que no sé si siguen trabajando. Ahora cuando vaya, me voy a fijar. Voy a preguntar. Pero de... A ese club van uruguayos, pero van argentinos, van chilenos, van centroamericanos. El club es todo. Realmente un buen club.

[Manuela] Y ahí te relacionabas más con uruguayos que con cualquier otra cosa ahí en Sydney?

[Juan] Claro, claro. Al principio, te diría que sí, después, no. Lo que pasa es que, entre otras cosas, yo trabajé diez años en dos diarios de habla hispana. En uno trabajaba de madrugada hasta el mediodía y en el otro trabajaba de noche. Hasta que tuve mi taller [...]. Pero, representa que estaba relacionado con muchas comunidades de habla hispana. Pero, el taller, donde estuve diez años, me dio la chance de conocer a otros [...]. Sí.

[Manuela] El taller, de qué era?

[Juan] Es todavía. Es de lo que se llama, en Uruguay, Diseño y Liberalización Comercial.

[Manuela] Ah, sí.

[Juan] Desde hacer un logotipo a dibujar una casa, un edificio, un auto. Trabajamos mucho con [...]. Y con categorías similares [...]. Esa es una de la

cosas buenas de [...]. Soy de los estudiantes ingresados en el año 70, 69. De la [...]. Lo que aprendí acá se llama Dibujo Digital y Gráfico. Pero, no sé diseñar [...] todavía. [...] hasta que volví de Australia y que... Porque, además de que [...] de nuevo esa [...] solo un kamikaze lo va a hacer. Y trabajar, bueno, en lo que hay. El taller y haber trabajado en el taller de decoración me enseñó para la vida a trabajar con distintos materiales. Madera, hierros, yeso... Ladrillo. Así que... Y por eso trabajo, hago cosas que a la gente no les gusta hacer. [...] si trabajo lo hay.

[Manuela] Sí.

[Manuela] Así que te involucraste con el club allá? Estuviste en la administración y eso?

[Juan] No, no, no, yo... No. Siempre apoyé al club como socio. Por supuesto que en las fiestas del club, nosotros íbamos a pegar una escenografía. Desde el taller también trabajé en el club. Mitad trabajo, mitad colaboración. Empecé a hacer esas cosas, no?

[Manuela] Claro.

[Juan] Y, sí, siempre apoyando.

[Manuela] Y el inglés, ya sabías hablar cuando te fuiste?

[Juan] Yo creí que sabía. Es que pasó así, cuando nos fuimos, nos fuimos, MI SEÑORA LOS NENES Y YO, a mi la visa no me llegó en el momento que tenía que viajar. o SEA, VIAJAN ELLOS Y AL MES, Dos meses y medio, viajé yo. O sea, que viajé solo. Había hecho unos cursos en Alianza. Mejor dicho, hice dos cursos. Terminé el segundo, me pidió que no fuera más. Seguramente [...]. Yo me arreglaba, un hombre. Pero yo, cuando llego, cruzo la línea amarilla DE IMIGRACION, ME DIJERON ALGO QUE NO ENTENDI HASTA EL DIA DE HOY QUE ME DIJO. Y realmente, como que se me apagó el mundo. Pero te cuento algo, vino una muchacha, podría dibujarla, porque me acuerdo perfectamente. Me agarró de la mano y me dice "vamos". Me lleva a UNA HABITACIÓN, dice, QUE necesitas, "don't PANIC". PANIC, PANICO, AH TA[...] Y ahí, como que me empezó, se me empezaron a abrir los oídos, hasta que... estaba solo. Yo no

entendía. NO HABIA CASO QUE ENTENDIERA No buscaron pasaporte, la visa. Y me dicen "family". Y yo, "sí, claro". Familia, decile, familia. Así fue a dedo, hable a dedo. Horrible, se me BLOQUEó todo. Si vos me decías un color, no sabía nada. FUE ESPANTOSO.

[Manuela] Pero ya saliste de acá con la visa con todo?

[Juan] No, no, sí, sí. Yo emigré legal, tá, con todos los papeles. Porque era casado con una muchacha que era australiana.

[Manuela] Ella era australiana?

[Juan] No, uruguaya, nacionalizada australiana. Ella había vivido ya en Australia.

[Manuela] Ah, sí. Ah, por eso, ella quería ir?

[Juan] Claro, porque los problemas que teníamos acá [...] y de verdad...

[Manuela] Se fueron con los hijos? Cuántos hijos tenían?

[Juan] Dos. No míos, de ella. Yo también tengo dos.

[Manuela] Ah, sí.

[Juan] [...]

[Manuela] [...]

[Juan] Sí. Hoy, David y Rafa son lo que... Son [...]. David vive en México ahora y Rafa está paseando, está en Egipto. Vive en Sydney, se ha convertido en un empresario exitoso y [...] son dos personas [...]. La mamá falleció [...], como que el cariño nunca se va, no? Y, yo tengo dos hijos, tengo una hija mayor que tú. Y mi hijo también es mayor que tú. Sí, sí, estoy seguro.

[Manuela] Yo nací allá, no acá. Antes que te fueras.

[Juan] Yo me fui antes de [...] es músico, estudió música y Laura es [...]. Los dos, cada uno en lo suyo, son muy buenos. Sí, sí. [...]. Y ves, ahí está, algo que me pasó en Australia, cuando, como a los dos, tres días, me presento a lo que

se llamaba el [...]. Vine a buscar trabajo. Usted no trabaja, tenés que aprender el idioma primero. Digo, bueno. Tenés que aprender el idioma, sin idioma, no vas a poder trabajar, no podes hacer nada. Y más con lo que [...] que es dibujar. [...] Y muy a [...] voy a estudiar, a la escuela para inmigrantes adultos.

[Manuela] Gente de todos lados?

[Juan] Gente de todos lados y de toda la ciudad. Desde 23, 24 años, hasta... Yo tenía 42, en realidad, había una hermanita de 62, me parece. Viste que... Me divertí mucho, hice dos semestres y ahí me mandaron a una escuela que es lo que ellos le llaman para profesionales. Me encuentro en una escuela... En esa escuela me quedé un día y medio. Había ingenieros, arquitectos, de toda parte del mundo. Recuerdo que había uno que [...]. Muy bien. El profesor era de Isla Fiji, pero su familia venía de la India. Era toda una mezcla. Y cuando me preguntan mi oficio [...]. En realidad el trabajo era para [...].

[Manuela] Claro.

[Juan] Bien, es lo que [...]. Entonces, [...]. [...] hospitales y aeropuertos, entonces les vendían todo el pack. Dónde hacían algo, vendían el pack. Estuve 3 meses. Recuerda que [...], etuve 3 meses. Ahí, también tuve que hacer cantidad de cosa. Primero, tenía una supervisora, que era bastante joven, 32 años, [...], les encantan los [...]. Mira que aprendí más idioma que otra cosa.

[Manuela] Sí.

[Juan] Porque, [...]. Entonces, [...], cómo te puedo explicar, Sydney, de un lado es [...]. del otro lado está Low Sydney, que es [...] un centro [...]. Bueno, me fui [...]. Las cosas que hablábamos, yo quedé como [...].

[Manuela] Claro.

[Juan] [...] no lo digas en voz alta, porque acá hay muchos [...]. Y la cantidad de [...].

[Manuela] Ay, sí.

[Juan] Cualquiera día te cuento alguna. Queda, realmente, [...]. Todavía es un... Yo la veo riéndose...[...]. Yo estuve a punto de irme a [...]. Que es del otro lado de Sydney, Del otro lado.

[Manuela] Sí.

[Juan] Porque trabajaba muy lejos. Pero, además, a la hora de la [...], de la creación de ciertas cosas. Que pasa, acá en Uruguay? [...] un cliente que se [...]. Que te digan que [...] con un portafolios para llevar todas las muestras y, claro, a enseñar [...]. No sé qué hacer. [...]. A parte, la herramienta que hay que usar, el cartón que corresponde.

[Manuela] Sí.

[Juan] No me acuerdo como se llama. Y unas reglas. Bueno eso me valió la invitación para venir a Perth, incluso la compañía se cerró. Se trasladó. Se fue de Sydney a Singapur. Por problemas...

[Manuela] Claro.

[Juan] Problemas de ellos. Entonces, ahí fue cuando [...] se fue a Perth y, bueno, "venite conmigo, vamos a trabajar aquí". Yo tengo familia y... Creo que era demasiado temprano como para hacer una aventura como esa. Y ahí cada... Entonces, me pasó algo que también me sirvió para otras cosas. Una empresa, que estaba pegada al lado, necesitaba un [...] que pudiera invitar a un dibujante. El dibujante [...] ni lo que hacía la persona, que era un dibujito como cartoon, con un estilo particular. Pero [...] estoy seguro que... Sí, lo fui a ver [...]. "you copy this?". Es lo que hay, no? Y ahí me dio trabajo. Ese fue el trabajo que a mi me dio, en Australia, más dinero en toda la temporada que estuve ahí. Al principio, [...], porque [...]. Y dice "no escuchás". No sé lo que está diciendo. [...] una película del 90 [...]. [...], imaginate, 100 dibujos, a 91, a 30 horas por semana... Fue así [...] y con otra gente, de aquella época, hacían películas para lo que era [...], que es sobre seguridad en el trabajo, viste?

[Manuela] Sí.

[Juan] Y bueno, me vino bárbaro. Fueron 6 meses buenos, después empecé a trabajar en los diarios. Y estuvo muy bueno al principio. Cosas [...]. Pero bueno, después estuve, conocí a [...]. [...] 17 años.

[Manuela] Uruguay?

[Juan] Sí, uruguayo. [...] Y un buen día dije me voy.

[Manuela] Por qué?

[Juan] Cosas de la vida. Cosas, digamos, de la intimidad de la familia, de la pareja, en realidad estaba desgastada [...]; Ya había venido... un día vine, y ahí estando conocí a otra persona... Bueno, yo vine por esa persona. Pero, vos, no tengo nada, lo deje todo ahí. Porque yo tenía que haberme ido [...]. Acá en Uruguay con esa persona [...]. Esa persona estaba casada y todo [...]. Y aposté bien. En mi caso te digo, me vine sin nada. Así como me fui, me vine, pero, a mí me pasa lo que le pasa a la mayoría de la gente. Cuando vos te vas de acá, si te vas, te queda un pie, no te lo sacas por nada. Como quedaron cosas, con el trabajo, con la familia, con los amigos, [...], lo voy a ir a buscar ahora. Eso no lo puedo traer del todo. Sí, en realidad, no voy a pasear. Estoy tratando de estar con la seguridad social. Porque la familia [...].

[Manuela] Claro.

[Juan] Alguno lo puede pensar "y vos para que [...]?. Para que [...]?". Porque sé lo que es y lo representa para la misma gente. Porque Uruguay se está haciendo viejo, muy viejo. Si no está haciendo que los jóvenes vayan tomando su lugar de trabajo, dentro de su lugar los vínculos con Uruguay se terminan.

[Manuela] Los hijos y nietos de sus uruguayos frecuentan el club?

[Juan] Sí, sí, sí, como no?

[Manuela] Pero...

[Juan] Lo hacen sí, pero no vale solo frecuentar el club. Lo importante es que sean parte, que lo pasen ellos a ser, y todavía queda [...]. Por qué no vienes?

[Manuela] Sí.

[Juan] Viste... Dar lugar a otro.

[Manuela] Sí.

[Juan] Una de las cosas que [...] la familia a existir es que al encuentro mundial de este año, que venga gente. Que sea posible [...]. No sé si te sirve lo que estoy hablando.

[Manuela] Sí, sí, sí, sí, claro me sirve. Claro, no te preocupes. Y cuando estabas allá, volvías seguido a Uruguay, o no?

[Juan] Mirá, yo estando allá, en Australia, una vez que obtuve pasaporte australiano, eso quiere decir, me hice ciudadano australiano, viene a ver a mis hijos. Eso fue en el año 93.

[Manuela] Llegaste allá en el 80, 85?

[Juan] Noventa y uno. Seis de marzo del 91. Y me vine el 2002 [...], el 8 de mayo.

[Manuela] Mira, mi cumpleaños.

[Juan] Tu cumpleaños?

[Manuela] Sí.

[Juan] Y... Esta cosa [...]. Qué me preguntaste?

[Manuela] Viniste en el 93 para ver a tus hijos...

[Juan] Ahí va, vi a mis hijos. Vi a mis hijos [...]. Y, claro, [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Bueno, [...] muy amigos, muy amigos. Había [...] por razones obvias de mi familia [...] y ahí ya, dimos otro paso más, que es. Al año siguiente, volví. Porque fue cuando yo me había separado y me fui a Estados Unidos. Y ahí mismo [...], tuve a una criatura. Y ella estaba enojada conmigo. Bueno. Ok. Me fui de las manos [...]. Y me olvidé [...]. O sea, no es que me olvidé del [...], me

olvidé de viajar. Dije, "fuck off". Pero ya, como te dije antes, que me interesaba que la gente se uniera alrededor de algo. Empezó por tocar el tambor. Había gente que tocaba el tambor, se junatavan, tomaban una botella de vino también. [...]. Y el candombe es parte de la cultura uruguaya. Y los que tocan el tambor, y los bailan, y la cumparsa, no son ni borrachos, ni de la droga, ni prostitutas, son una familia. Entonces, "ah, que el candombe está mal" [...]. Está mal lo que quieras. Porque nosotros que tocamos el tambor, agarramos la bandera uruguaya y estamos representando a los uruguayos. Y los uruguayos no somos borrachos. Yo puedo tomar [...]. Así que se formó un grupo y las reglas son: el que quiere venir, viene..

[Manuela] Ya tocabas el tambor cuando estabas acá?

[Juan] Sí, lo debo decir que he sido del rock'n'roll a los fines de los sesentas. Y sí, tocaba el tambor, pero no como lo hice después. En el club fue una cosa más seria, tratando de aprender lo más que pueda. Sigo aprendiendo, pero se formó un grupo muy lindo. Primero, eramos tres locos, después cuatro, cinco. El día que yo me vine, dejé un grupo de 106 personas.

[Manuela] Ah, 106? Mirá.

[Juan] Sí, el grupo. Gente de Uruguay, salían chilenos, unas bailarinas de Maurice, que siguen, siguen, porque yo las veo, siguen haciendo su... Pero un grupo muy unido, un grupo que trabajó a nivel comunitario mucho. Se hicieron muchos acuerdos en el community center del área, donde se conseguía trabajo la gente y estudios, casas. Viviendas, sobre todo, para gente..., para los matrimonios jovencitos [...] un apoyo, por ejemplo, la primera casa que se consiguió [...], chiquitito decís, divino. Una nenita chiquita. Entonces, se le consiguió trabajo a él, la vivienda, la posibilidad de comprarle su coche, y, a los 18 meses de dar clases, se le [...], entonces [...] la madre tiene la obligación de estudiar [...] y la nena al kindergarten.

[Manuela] Sí.

[Juan] Entonces, y como a él, le pasó a varios del grupo. Sí, estuvo bueno. Se paseó mucho el grupo y el año 2005 venimos a tocar acá. En 2004 fue un grupo

uruguayo allá y [...]. Y nos invitaron a que vinieramos a tocar acá a la [...]. Y vinimos. Y, claro, el grupo era... Era la primera vez que venía un grupo de afuera.

[Manuela] Y vos no venías desde el 94?

[Juan] Sí. Entonces, cuando llegamos, las cadenas de televisión fueron a vernos [...]. Y en un ensayo, aparece [...]. A las otras no les gustó nada. No pasa nada, amigos. Lo que pasa es que [...].

[Manuela] Sí, claro.

[Juan] Entonces, yo me voy a ahí [...], bueno. Así fue. Pero, yo llamaba por teléfono y no me daba. Hasta que en el año 2010 [...]. Es que, yo no le echo la culpa a nadie. Son cosas que pasan. Y estaba en ese tiempo. Pero, yo estuve muy enfermo en una época y Ana me ayudó muchísimo. Fue la que [...]. Primero tuve un accidente de auto [...] agua salada [...]. Y empezaba [...]. Después, al año tuve una enfermedad en la que casi [...]. No son fríos, son malos. [...] y justamente el apoyo que tuve, en casa, hizo que saliera adelante. [...] todavía había gente que vivía [...]. Por qué no te haces eso, por qué [...]. Para salir de eso [...].

[Manuela] Convencional.

[Juan] Convencional, pero la que me sacó fue la [...]. Y no fue [...] argentino. [...] hasta risa me dio. [...]. Te querés salvar? Hacelo. [...]. Yo quiero que la gente se salve. Y empecé [...]. Dejé todo. Te lo cuento, porque, creo que vale la pena. A los 6 meses fui al médico. Yo estaba tomando medicina que... Por ejemplo, el calmante que me daban [...]. Tomando una... No sé como se llama, una medicina específica hubo varias juntas médicas para saber si lo podría tomar, pero yo no podía pagarlo [...]. A los 6 meses, cuando voy a ver al médico, que [...], porque tuve la mala experiencia [...]. Dice [...] católico. Es un fenómeno. Él decía cuando voy [...]. Mr. Juan, you [...]. Él decía que había aquella madre que sabe más que uno. Me gustó. Y ahí me pasa a separadamente a la oncología del Hospital de [...]. Pero, 8 años de tratamiento, con suerte, y hasta este momento. hasta que vuelva él.... Yo lo había ido a ver en servicio. Y dijo "hey, how are you?". Bien.

"What can I do for you?". " I need to [...], you know, [...]. "Oh, ok". "Doctor, [...]".
 Cuando me atiende el médico [...] montón de cosa y [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] [...] todo lo que dice él [...]. Lo que quiere decir que [...]. Y así fue. Dice "ok, you are taking [...]. "What about my [...]". Él estaba conmigo.

[Manuela] Sí.

[Juan] Tenés [...] Muy bien. You know what, if I tell you [...]. Yo ya no me acuerdo [...]. Y tengo una gran admiración por algunas personas que pasaron por alguna religión. [...].

[Manuela] Claro.

[Juan] [...] en el despacho de [...] is my friend too [...]. Él era cliente mío. Yo decía cosas para [...]. Y me dice, Juan [...]. Porque, en realidad, lo que hice fue un cambio de gráfico de [...] total. Y antioxidantes y se terminó. [...] que era el principal [...] había dejado de fumar 6 meses antes de que yo estuviera [...], gracias a un amigo, que me hizo dar la palabra [...]. Y yo me equivoqué y dije sí. Fue bueno [...]. Y, la verdad, es que [...] ni siquiera esto, nada de [...], nada. Excepto el cartílago de tiburón, que tomaba sobre [...].

[Manuela] Cápsulas.

[Juan] Cápsulas. Hacía asados, chiquito para toda la gente. Palta, avocado [...]. Eso lo hice por un año.

[Manuela] Y te resultó?

[Juan] Resultó. Yo creo que sí habría venido a Uruguay, luego, digamos que como que dejé totalmente este tipo de [...].

[Manuela] Acá, supongo que es más difícil, no?

[Juan] Es difícil, eso pasa. Lo que pasa es que, cuando vivís en pareja, es difícil que [...]. Ahora me está ayudando, porque [...] cosas que no puedo comer [...]. Hay algo que ella no puede comer, pero sí, es muy bueno [...].

[Manuela] Ella no puede?

[Juan] No. Por ahora no, pero [...]. El tomate tiene [...]. El que yo tomaba [...]. Pero bueno [...]. Y no tuve más problemas [...].

[Manuela] Así que el vínculo con Uruguay siempre lo mantuviste, no? Siempre, siempre, siempre, aunque no venías, estabas ahí, vinculado?

[Juan] Sí. Por ejemplo, si uno se pone a pensar cómo hallamos al principio, no podíamos llamar, de Uruguay de todos los teléfonos, no existía el whatsapp, ni mobile phone. Entonces, eran cartas. Para todos, a escribirles cartas, familia, hermanos, para que no sintiera la distancia, tanto y que fuera... Entonces, esa es la parte que más divertida, al principio, porque así como te estoy hablando a vos, te puedo llegar a escribir una carta. Si empiezo por "hola, ayer fui a tal lado y a tal lado me dicen, no por ahí", porque me empiezan a preguntar que tomé, que no tomé, hasta que al final... Y hacia reír a la gente.

[Manuela] Sí.

[Juan] La parte de fotografías, las fotografías eran rollo, había que tener una cámara, era muy distinto. Sí, siempre trate de estar lo mas cerca lo posible.

[Manuela] Y tus hijos te fueron a ver? Te fueron a visitar en algún momento?

[Juan] Mi hija no [...] ahora, bueno [...]. Después que termine la carrera [...].

[Manuela] Una carrera larguísima.

[Juan] No le digas nunca, porque hasta ahora, por ejemplo que ella es de grado 3, sigue estudiando, hizo acupuntura y otras cosas más, y los nenes. [...]. Pero bueno, de mis hijos, el varón si fue. El año [...]. Fue por un mes, se quedó 5 y medio. Y después se [...], pero me gustaría y capaz... Y bueno, hicimos los papeles para que fuera, el año 95, [...] Uruguay, yo me estaba [...], había conocido a una muchacha [...]. Voy a seguir viviendo y lo amo a él. Pero el tiempo que él fue allá, hicimos muchas cosas. Una que era el [...], me acuerdo como [...], dice [...]. Así hablamos todo lo que hay que hablar. Claro, hablamos y [...]. Así que estuvo muy bien. En aquella época, fumábamos, hablábamos,

dormíamos un poquito, fumábamos, hablamos, salíamos a laborar... Y cuando volvíamos [...], así fue. De puta madre. Él estaba enojado con su mamá. Y se enoja. Yo digo, "no te enojas con tu madre". [...]. Tu no me lo digas a mí. Y, no, claro, el tema es que uno tiene que aprender... Si estás enojado, que enoje. Esperá que se desenoje y ya está... Porque, yo no quiero que su madre [...]. Si hay... Poné que no estén de acuerdo en cosas, pero de ahí al enojo, hay una diferencia. Y es una cosa muy difícil, pero [...]. Así que, pasate de ser como yo, porque yo me equivoqué muchas veces. Si está así, bueno está bien, [...]. Cuando alguien me pregunta, te gusta lo que dijiste. Digo, no, me arrepiento ya. [...]. Pero, sí, hablamos.

[Manuela] Sí, claro.

[Juan] [...]. Te cuento así, cuando vine [...], pero me acuerdo que enseguida estaba conmigo. Esto es fundamental.[...]. Lo que sea, si vos decís [...], no me acuerdo como le dije, era el año nuevo. Cuando [...], cuando me vine [...].

[Manuela] En el 2011, viniste?

[Juan] El 2011. Y ahí, claro, cuando [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Es una gran persona [...]. Que a la mayor [...]. Esa chiquita tiene dos hijos grandes. [...].

[Manuela] Y cómo fue volver? Así para re-adaptarse, para inserirse acá de vuelta? Fue difícil o fue como siempre ya estuviera acá?

[Juan] Bueno, a nivel de trabajo fue difícil. Difícil, porque Uruguay, así como tiene muralistas por todos lados, levantas una copa y hay un muralista y algunos brillantes, jóvenes, entonces, a los viejos no les dan trabajos. Tengo amigos que me dicen [...]. Tengo a un amigo que me llamó y dijo "quiero hacer un mural diferente...". Digo, sí, sí, eso es lo mío, he hecho cantidad enormes de murales, hago murales comerciales también, dentro de establecimientos comerciales. Murales te estoy hablando de carteles. Hago murales, dibujos. Entonces, eso me fue quitando... Hice mucho trabajo comunitario, al principio, entonces, en

escuelas y todo. Viene una directora y dice se ha roto algo.... Conseguí la herramienta y arregle[...]. Y dice...

[Manuela] Que lindo. Ah, que impresionante. Enorme.

[Juan] [...] llega a los 3m y medio [...].

[Manuela] Que lindo.

[Juan] Este tiene 4x4m. Y ahora tiene que [...] ahí.

[Manuela] Claro.

[Juan] Pero yo trabajo con niños también.

[Manuela] Ay, da clases? Talleres y eso?

[Juan] Trabajo con él. Acá, por ejemplo... Este lo hice con gente de, con adultos que van a la escuela [...] quisieron pintar una plaza, pero no cual era. [...]. Pero esto, por ejemplo, esto lo hicimos [...]. Cada uno de los alumnos hizo con su propia hoja.

[Manuela] Su hojita.

[Juan] [...] También hago esto, son rejas.

[Manuela] Pero no son rejas comunes.

[Juan] No, no, no, está buena para [...]. Dice "vos, vas a poner la reja, podemos hacerla diferente, mirá una idea". [...].

[Manuela] Ah, sí, mucho mejor, sí.

[Juan] Mejor así?

[Manuela] Sí.

[Juan] [...] pero bueno, esta casa está muy [...].

[Manuela] Bueno, contabas de cuando volviste.

[Juan] Cuando volví me tocó trabajar, empecé con eso, con una pequeña cosa voluntaria en la escuela. Y dice "pero vos podrías trabajar, por que no te haces una empresa?". Y que al final, sí, empecé a licitar, a dar presupuestos como cualquier otro. Y me saqué [...]. Y ahora me [...]. Y bueno, entonces, pasé de ser dibujante, diseñador gráfico, muralista a trabajador de la construcción.

[Manuela] Sí.

[Juan] Pero, [...].

[Manuela] Pero, en cuestiones de tus costumbres, de lo que estabas acostumbrado a hacer allá y acá, fue difícil para vos o, bueno, estabas empezando una nueva aventura?

[Juan] Mirá, una de las peores cosas que puede tener una persona es perder la memoria. A pesar de que uno va quedando olvidadizo, hay cosas que no me acuerdo de hace un ratito, pero las cosas viejas, sí, me acuerdo. Yo no me olvido que, primero que nada, yo soy hijo de maestra y de milico. Vivíamos en el campo. Era otra época, hace 70 años, con siete hermanos. Y en esa época, el milico y la maestra no ganaban nada. No daba, costó mucho. Mucho esfuerzo por parte de mi madre y de mi padre. Mi padre se jubiló cuando yo era joven y siguió luchando por nosotros. pero, el hecho de que me fui a Australia, en vez de ser, como querían mis hermanas, no? que fuera milico, mi vida cambió para el lado del diseño, para el lado de la pintura, entonces fui diferente. Pero yo nunca me olvido de que vine. Cuando uno dice porque no te compras eso, yo no necesito nada, porque cuando vivía en el campo, no tenía nada, ni championes, ni alpargata, andavamos con el pie en el barro. De eso no te puedes olvidar. Porque si tenes uno, te va bien. Si tenes diez, te va mejor, pero y si no tenes?. Y en Australia la vida es diferente [...]. Yo trabajaba y trabajábamos mucho. [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] A mi no me falta nada. Si tengo la casa y una compañera fantástica, que cocina demasiado bien y tengo a mis hijos [...]. Había hijos postizos y nietos postizos, no?

[Manuela] Sí.

[Juan] [...], por supuesto que [...].

[Manuela] Claro.

[Juan] Pero, sí, el contacto, ese no lo he perdido nunca. Así como no lo había perdido el d Uruguay, ahora no lo perdí el de [...]. Y sí, hubo momentos en que [...] el idioma, hablar otra [...]. Pero tengo algunos buenos libros que me regalaron [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Tengo un libro que, cuando me quiero romper la cabeza, voy y lo leo, que es la [...], con un slang diferente al australiano. Está buenísimo. [...] es diferente. El taller detallado [...] son muchas gentes diferentes, pero, bueno, la vida [...] mucho, no hay mucho tiempo para hablar de [...].

[Manuela] Y tenes ganas de volver a salir?

[Juan] A inmigrar otra vez?

[Manuela] Sí.

[Juan] No. Viajar, sí.

[Manuela] Viajar, sí, pero inmigrar?

[Juan] No, no, ya está. Pero, mirá, yo no vivo en cima de mis hijos ni mis hijos en cima mío. Ellos saben que estoy acá, que estoy viejo. Cuando ellos quieren vienen. Cuando yo quiero, a veces. Está bien, así es la vida. Creo que si yo [...]. Y aparte no lo necesito. me encanta. Cada vez que le veo está más linda. Claro, como dicen algunos "y que pasa si [...]". [...].

[Manuela] Ah, sí, somos.

[Juan] Creo que Uruguay ha cambiado muchísimo para bien. No hay... Yo no tengo diferencias con la vida de allá. Claro, la diferencia, por ejemplo, es que, sí, no tengo cochera en mi casa, tengo que guardar acá [...]. Yo no tengo auto. Antes de venirme acá, tenía una camioneta, tenía [...]. Y la teníamos gracias a la pensión de mi señora y de [...]. No me faltaba mucha cosa. Nunca me faltó mucha

cosa. [...] cuando vivía con mi padre o con mi madre [...]. Los maestros, en ese país nunca fueron [...]. Están mejor ahora, pero aún falta mucho. Los señores que están en el parlamento, tanto diputados, senadores, presidente de la república, parece que se hubieran olvidado de que a ellos les enseñó la maestra.

[Manuela] Sí.

[Juan] Entonces, para mi, no porque esté casado con [...]. No, es que veo el trabajo que hacen ahí. Veo con todo lo que tienen que lidiar. No es solo enseñar al niño dentro del aula. En este momento es pelearse para que los padres vengan a [...], por ejemplo [...]. Si está mal, ah, está mal la educación de [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Jamás [...] un niño en la escuela igual que ahora. Nosotros, cuando íbamos a la escuela, mamá nos daba... Mirá [...] si que la cosa andaba más o menos cuando tenía dulces. [...] muy bien, [...], Don Agustín nos daba 2 galletas [...].

[Manuela] Eso dónde era?

[Juan] Acá.

[Manuela] Acá en Montevideo mismo?

[Juan] Yo estudié mis primeros años de niño, en una escuela de campo. Después, vinimos a Montevideo y ya fui a una escuela igual que otra. Pero en esa escuela había lo que se llamaba la copa de leche que daban [...]. Hoy el niño [...] va directo al comedor, toma su desayuno, capaz que no tuviera otra cosa en la casa. El almuerzo es espectacular. Y la merienda es fenomenal. El niño llega come, come al mediodía y se va comido a la casa. Eso no pasaba. [...]. Sí, claro, algunas cosas [...]. [...] hubiera que pagar un boleto, capaz [...].

[Manuela] Bueno, me dio un escalofrío.

[Juan] Sí, todo ha cambiado mucho. Y la educación en Australia, ahí, está bien, viste? No tiene nada que ver con esto.

[Manuela] Está privada allá?

[Juan] Hay público y es muy accesible, pero, si vos querés preocupación quedate en la privada. Pero allá se pasan [...], ahí te cae la ficha, porque para vos hay educaciones. Si vos no estás bien preparado, no pasás [...].

[Manuela] Así no va.

[Juan] Piensa que no, yo lo hago. [...] realmente en el caso de los inmigrantes, no todos están [...]. Dos idiomas [...] el español. No elijas español, en vez del inglés, vos eliges el chino [...] para aprender otro [...] no sabes nada, lo hablás con nosotros, tenes que escribir, tenes que saber que es lo que escribís. El idioma español es más difícil que el inglés, para aprender la parte gramatical. [...] mucha capacidad [...] a tener un hijo [...] está la posibilidad de que vayas a estudiar [...]. Lo que llaman [...] y ahí vos vas a estudiar al mismo nivel que [...]. Solo que llegás a un punto [...]. Yo hice el inglés que pude [...] cuando me dijeron [...] tenes que ir a la [...], no quiero ser universitario, pero tengo que hablar con ellos. Falta la práctica, escribir.

[Manuela] Perdés, sí, claro.

[Juan] Sí, antes estaba obligado a que todos los días, por el trabajo [...] que ir a conversar. Y ahora no. Pero, bueno, yo no aprendí sabiendo inglés, así que...

[Manuela] Sí.

[Juan] Te puedes llegar a aburrir tanto. Te puedo decir que... Para contarte una de las cosas que pasan ahora, ahora en agosto, justo va a haber tres días [...] con el espectáculo [...]. Y llevan a. llevaron a [...]. Ya estaban en el [...]. Y ahí se juntan todos. Este año se juntan todos.

[Manuela] Y es cuando vas vos?

[Juan] Justo, yo voy el 15, llego el 17, o sea, que dos semanas después estoy de vuelta. Aunque no [...] voy a intentar a [...] con un político que está ahí, gracias a [...] ey, compañero, como vas? Sí. Una vez nos pidieron que hiciéramos campañas [...] apoyarlo [...]. Yo ya había trabajado en propaganda política. Se

hizo un plan de trabajo. Y era para que llegara al [...] del municipio [...]. Una cantidad de votos, tuvo 15 veces más votos y saltó directo al [...] nunca había pasado.[...]. Y las leyes de allá, que calculan todo [...] hasta el día de hoy está ahí. Y esto fue del año 93.

[Manuela] Y sigue trabajando con los uruguayos? Dice.

[Juan] Ahí aprendí otra cosa sobre política. A la primera que te dicen, me mandan a hablar [...].

[Manuela] Eras el portavoz.

[Juan] Primero, sí [...]. Un día estábamos en casa, dos días antes de las elecciones, cuando [...] 96, capaz, sí. Y [...] ganamos las elecciones. Sí, mira lo que están diciendo acá, van a aumentar todo. Y qué pasa, Sydney está acá, no? Y toda la [...] está acá. Para llegar acá, vos tenes 1 o 2 peajes. Si vos levantas todo lo que tenés que pagar para ir al trabajo [...] el trabajador [...], el tipo se va a enojar, no va a querer. Entonces, no te va [...]. Vamos a perder las elecciones, estoy seguro que un par de días después, les llama [...]. Dos días después, me llaman [...] ey, compañero [...] I need to talk to you. Ok. [...] me hizo ir a su [...]. Si no hubiera ganado [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Y los números no terminan de [...]. Con la propuesta de él, se me pinchó todo el [...] político de [...]. Nosotros lo [...] hicimos la campaña y [...] porque perdimos. Sí estaba ahí [...]. I need you. Digo, ah, que bueno. Ok. Qué me ofrecés? Yo para trabajar contigo [...] cuanto me vas a pagar. [...] 300 hundred euros. Me estás tomando el pelo? No. Ok. [...] social security? [...] I work for the newspaper. La propuesta tuya era de que quisieras aprovechar de que yo estoy en el desempleo, lo que me paga el estado y vos me ponés un poco más de plata? Olvidalo. Cuando quieras hablar conmigo [...]. Ok, trabajar en esto son 7 días a la semana, 24h.

[Manuela] Sí, exige mucho.

[Juan] Sino, no me llames. Claro, me pongo a trabajar [...] chileno. Pero él me proponía [...] me estás proponiendo [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] No, no, no se puede. Pero, bueno, vos seguís lo tuyo, yo sigo lo mío. We are friends, no worries. Y ahora tengo que ir a [...].

[Manuela] Tenés que volver.

[Juan] No [...], porque me voy a [...] una vez más, que se engancha la forma de usar. No digo de la gente. que necesita la gente? Darle su [...] que es lo que necesita, que es un convenio de seguridad social.

[Manuela] Sí.

[Juan] Que la gente que no se quede [...]. Hay mucha gente que me ha dicho "vos [...]". Eso no lo puedo hablar [...]. Pero si ellos, por ejemplo, pidieran [...] y juntarán los [...] se jubilan, se pusieran acá, ya está. Vivirían tranquilos.

[Manuela] Sí.

[Juan] Pero, ahí, hay, claro [...] a regalar plata, después de tener 65 años.

[Manuela] Yo te interrumpo, tengo que ir al baño rapidito.

[Juan] Ok.

Parte II

[Juan] Lo que pasa es que quiero, por lo menos, proponerle. Si vos lo piensa fríamente, claro, hablando de los políticos, no? Al menos [...], porque los viejos nos enfermamos y necesitamos muchísimo a la medicina y salud. Entonces, yo qué sé, cualquier persona que pase de los 65 años, que tenga un poco de [...] artrosis, etc, eso es muy caro. Si tenés que ir al hospital [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Entonces, sale más barato decir [...]. Y el convenio [...].

[Manuela] En Brasil tienen. Mi madre puso [...] años, como vos, para jubilarse.

[Juan] Entonces lo que... No sé, yo no creo que sea tan difícil. Yo sé que hay [...].

[Manuela] Y a vos te parece que hay gente interesada en eso? Los uruguayos, digo. Que quieren volver a quedarse acá la vejez.

[Juan] Sí, hay [...] acá, que ya vinieron, de gente que estuvo viviendo más de 20 años, 25 años. [...] tienen que ir a vivir allá? Sí, claro. Por qué no lo haces vos, no? Yo tengo la edad que tengo y [...]. Yo me podría [...] pero tengo que estar 2 años para que me den [...].

[Manuela] Ay, no.

[Juan] [...]

[Manuela] Sí.

[Juan] Sí, claro que a mi me gustaría viajar, pero yo quiero llevar a mi señora a viajar. Trabajar [...]. Pero hay veces que [...] sale barato. Así se puede decir. Mira lo que me pasó a mi [...] tenido a [...]. Si no vas hoy [...]. Ahora ya. Dame un minuto. Yo no tengo tarjeta, yo no uso tarjeta.

[Manuela] Sí.

[Juan] Te paso el número [...]. Te mando un pasaje. Pero esas cosas [...]. Hace 5 años, pasó como ilegal [...]. Yo pagué un pasaje de ida [...] y claro, cuando me dijeron, no si vos te volvéis [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Así que conseguí trabajo. Entonces pensé... Le pinté la casa a uno, le pinté la casa al otro [...]. Y junté [...].

[Manuela] Sí.

[Juan] Y ahora vamos a ver. Estoy en esa de darle un empujoncito más. Que gano yo? No sé. Capaz que el convenio sale, porque yo ya me estoy [...]. Pero, la tranquilidad de saber que hice un poquito más [...]. Por supuesto que no [...] para que [...] sumen ustedes y sigan.

[Manuela] Claro, para que sumen.

[Juan] Y por aquellos que quieran venir, si se tienen que quedar y tanto y cuanto más, que vengan cuando quieran, que queden lo que quieran. El que trabajó en la vida, le corresponde y si no [...]. Así pienso yo.

[Manuela] Sí. Bueno. Muchas gracias, Juan, en serio, muchas gracias.

[Juan] No sé si te sirve.

[Manuela] Sí, a mi me gusta escuchar las historias de la gente, cómo fueron, como eran, cómo pensaban, eso es lo que quiero hacer con el trabajo, no? No con números, pero con historias. Es lo que a mi me gusta.

[Juan] Sabes que algo dos amigos míos [...] daban apoyo a gente que esta presa, las mujeres, en ese caso. Hicieron la [...], porque yo no le he contado el viaje de mis sueños, a él. Es muy difícil encontrar un viaje en barco. Teníamos media hora. Era 1h30. [...] algún día, si tenemos tiempo [...]. Te puedo asegurar que...

[Manuela] Es una buena historia.

[Juan] Hace unos pocos días estaba pensando que una de las cosas que tengo que volver a hacer es dibujar. [...] los paisajes que vi en ese viaje, todas las situaciones que [...]. Entonces, todo está acá.

[Manuela] Y la mujer que iba contigo ahí se quedó en Venezuela?

[Juan] No, ella no se quiso [...]. Y, ta, y vinimos. Y llegamos a un acuerdo: vamos a andar juntos hasta que vos consigas, mientras te sirva de algo, o vos consigas [...]. Yo trabajé enseguida. Yo vine dibujando, enseguida, trabajé para un montón de gente [...]. Tiene un hijo, pero sigue sola. Es buena gente. [...] el día que le hablé por teléfono [...] por qué no escribís un libro. Vos, anda a escribir. Un libro no. [...] Porque ella tiene una foto, por ejemplo [...]. Yo llegué, a mi no me conocía nadie [...] presentó a un arquitecto [...].

[Manuela] Mirá.

[Juan] Y de ahí me fui a la agencia de publicidad. Pero cuando vine, no volví. Y fue así [...].

[Manuela] Dejá que yo pago acá, yo te invité para eso...

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM IRMA CABRAL

Entrevista concedida em 24/07/2019.

Parte I

[Manuela] Bueno, así que vos?

[Irma] Yo retorné, yo estaba viniendo cada dos años. Me voy a apagar la radio, porque, de mañana me levanto... Porque la televisión es imposible de verla allá.

[Manuela] Ah, sí, siempre hay tragedias.

[Irma] Y me chincho sola, entonces, prefiero... Me levanto, pongo la radio, escucho buena música. Viste, y no me caliento la cabeza. Después de noche, miro, por supuesto, para ver que ha pasado y enterarme de las noticias. Bueno, yo estaba viniendo cada dos años acá.

[Manuela] Y vos te fuiste a Australia?

[Irma] en El 74. Noviembre del 74.

[Manuela] Y por que te fuiste?

[Irma] Y nos fuimos porque era toda esa época de de la dictadura de la democracia, todos esos problemas y había había rafias y había allanamientos y cosas. Nosotros vivíamos en Minas, en la ciudad de Minas. Porque mi esposo estaba centralizado allí, él era agente viajero. Vendía para algunas compañías y estaba centralizado allí en la Vallija, nos fuimos a vivir en Minas para para estar más en medio, porque él hacía 33 [...]. Entonces fuimos para allá. Y entonces, bueno, y se suscitaron algunos, algunas cosas de persecuciones de cosas y así, y justo Australia llamaba a inmigrantes. Así que yo organicé todo y enseguida

nos salió rapidísimo, porque teníamos tres hijos. Los de Australia querían que tuvieras niños.

[Manuela] Pero nunca habías estado, no conocías a nadie allá?

[Irma] Nunca, nada, nada. Nos contactamos con un grupo, que organizaba ese viaje, y bueno y nos fuimos enseguida. Costó un montón, los primeros meses lloraba todos los días, mi hija la mayor pues se fue con 12 años y medio, con 12 años, una edad bien crucial.

[Manuela] Sí.

[Irma] Llorábamos las dos. Mi esposo se adaptó enseguida, la otra hija también, era más chica. Y el varón, que tenía 2 años, le encantaba todo. Pero, fue difícil. Pero después, entramos en el círculo, entramos en esa cultura fría anglosajona. Lo que a mi me tenía cansada ahora y por eso me vine.

[Manuela] Frio, como decís? La gente no...

[Irma] Fría sin sentimientos. Lo deben de tener, pero muy guardadito. Viste, viven de puertas adentro, tu no los ves. [...] con la mano enfrente y vecinos de 40 años y nunca tomaste una taza de café con ellos. Viste? Una cosa muy... Al lado de mi casa, por ejemplo, mientras nosotros vivimos ahí. Qué vivimos, 30 y algo de años, 35 años? Ha cambiado mucho, se mueve mucho la gente, allá. Y venden casas y compran y se alquilan y se van. Cambiaron no sé cuantas familias. [...] y en la mañana a ver como estás y [...] no más. Últimamente había una pareja joven, con un nenito chiquito, que venía a jugar a la puerta nuestra y yo salía para conversar, en fin... Y entrar un ratito, y "como estás, y bien", un poquito. Pero ellos sabían que mi esposo estaba enfermo, por ejemplo, y un día él me preguntó el muchacho: "si hace tiempo no veo a su esposo?". Y yo dije que él falleció hace meses ya. Ellos no se enteran de nada. Para ponerte un ejemplo de lo fría que es esa sociedad, no? Y tú conversas con ellos... Yo soy muy de hablar, viste? Muy de hablar, acá hablo con todo el mundo, con los feriantes, con todo el mundo. Tenían como un bicho raro. Esa [...] salió el tren.

Viajé 15 años en el tren con la misma gente, porque me iba a trabajar al centro y viajaba 40 minutos, 45 minutos en un tren. Y si le hablabas al de al lado, te miraban así como diciendo [...], viste? Por supuesto que después se fueron metiendo otras culturas mucho más amigables, mucho más abiertas, viste? Los árabes, los vietnamitas, gente de otras culturas que hicieron que hubiera más comunicación. Pero la sociedad australiana, nosotros vivíamos en un barrio de área australiano, olvidate. No, no. Y no es discriminación ni racismo, es como son ellos. Como son los ingleses también.

[Manuela] Sí.

[Irma] Dentro de sus casas viven un montón, pero tu no ves nada. Las cortinas bajasm, todo cerrado.

[Manuela] Y el inglés, ustedes ya hablaban o tuvieron que aprender ahí?

[Irma] Yo había aprendido en el Anglo, mientras estudiaba acá, aprendí el en Anglo dos años, me sirvió mucho. Claro que después cuando llegamos allá, es completamente diferente, viste? La falta de conversaciones, de todo, no entendés nada; En resumen, el que agarró más rápido fue mi esposo que no sabía inglés. Y él empezó a entender acá a los Australianos, que hablan con la boca cerrada y vos no entendés nada. Él empezó y entró a trabajar en una fábrica después de 1 año. Y en las fábricas es el inglés de la calle, viste?

[Manuela] Ah, sí.

[Irma] Entonces , él entendía bárbaro y a mi me costaba un montón. Pero yo estuve trabajando y después me presenté a un concurso, en una administración pública como en Santel acá. La de comunicaciones. Entre, me dieron un puesto y trabajé ahí años, como 15 años. Y bueno, nos vivimos bien, nos saltamos, le agradezco pila a Australia, porque es un país divino, que te da muchas oportunidades y sobre todo a mis hijos. Mis hijos volvieron re bien los tres, mis nietos también.

[Manuela] Están los tres allá todavía?

[Irma] Están los tres allá. Y mis nietos, seis nietos tengo.

[Manuela] Mirá.

[Irma] Sí. Y bueno, hace dos años, me quedé viuda. Y empecé a sentirme sola. Los tenía a todos pero no veía. Porque mi hijo vive a 45 minutos de casa o una hora. Y nunca tienen tiempo para venir. No, porque viene a jugar fútbol, no porque la esposa tenía gripe, no porque ya está cansada, no porque esto, no porque aquello. No venían nunca. Entonces, yo estaba sola. Manejaba, por supuesto, manejo, iba para todos lados, pero tenía una [...] de tristeza [...]. Tantos años en la misma casa con tantas vivencias, con tantos recuerdos. Y lloraba de día, lloraba de tarde y lloraba de noche. Vivía llorando. Y un día mi hija, la mayor, que vivía a 3 horas de casa, así que ella trataba de venir, pero no podía, me dijo "mamá te tenés que ir, porque si no vas a terminar en un psiquiátrico. Te tenés que ir". Y así con el "tenés que ir, empecé a pensarlo. Y, sí, me voy a ir. Me voy a ir y tomé la decisión y acá estoy. Viste contenta, sin problema, sin conflictos, sin preocupaciones. Y extraño el país, la familia, los amigos y toda la gente de alrededor, viste? Extraño más... Cuesta tanto. Pero estoy contenta, porque voy al teatro, voy al cine, oigo un concierto esta noche, viernes tengo otra cosa. Me junto con un amigo, me tomo un café. Estoy ocupada todos los días.

[Manuela] Y acá, vos tenías todavía amigos y familia que tuviste contacto?

[Irma] Sí, porque yo trabajo siempre con esto de los encuentros y todo [...].

[Manuela] Ah, sí.

[Irma] Ahora en octubre tenemos el encuentro mundial, nosotros. Y estoy siempre, voy siempre al ministerio, estoy siempre yendo, o sea, a hacer cosas. Siempre estoy en contacto con todos ellos.

[Manuela] Así que, cuando estabas allá, dónde estuviste allá, en Sidney?

[Irma] En Sidney.

[Manuela] ya ahí estabas vinculada al Club Uruguayo?

[Irma] Fui la secretaria del Club Uruguayo.

[Manuela] Ah, mirá.

[Irma] Tres años en el último periodo, pero antes, también había estado en otras comisiones. Trabajé siempre, los 44 años, 45 que viví allá, trabajé siempre para la comunidad latina. Digo latina, porque donde he pillado ahora son todos chilenos, argentinos, colombianos... Todos se juntan en el Club Uruguayo, viste. Sí, ahora es solo un punto de reunión, porque es el único, porque es la única comunidad que tiene un club y propio.

[Manuela] Sí, me contaba Juan ayer que tiene... El edificio es todo de ustedes, no?

[Irma] Precioso es.

[Manuela] Y cómo te vinculaste con el club, cuando llegaste allá? Ya había? Ya estaban organizados?

[Irma] No, cuando llegamos lo que había... Mi hija, la mayor, tocaba la guitarra y cantaba. Es actriz, ahora no trabaja en eso, pero fue la directora del Instituto de Arte de Camberra también, trabajó [...]. Bueno, ella tenía mucho, aprendió música en Minas, hizo teatro en Minas con la compañía de Minas. Chica hizo esto, viste? Entonces, cuando llegamos ahí, ya había peña, peña folclórica que se organizaba los viernes y los sábados de noche. Por la nostalgia y todas las cosas, la gente se juntaba. Ella cantaba ahí y siempre nos vinculamos con la comunidad de ahí, viste? Y después, yo que sé? Me fui vinculando cada vez más, sobre todo en las movidas solidarias. En cosas de solidaridad. Así que trabajé siempre mucho para la comunidad. Siempre, siempre, pero bueno, corté

ahora todo eso y... Otro día me llamó el cónsul, estuvimos hablando una hora. Y "si te tenés que venir, te precisamos". La cosa [...], no? No iba a cambiar mi vida por una comunidad que hoy te quiere y mañana te pateá. Viste, no es así. Yo ahora, en... Mi esposo, antes de irse, me dijo "vete a la casa y andate". Porque él sabía que yo iba a tener toda esa tristeza y todos esos problemas. Y decidí, por eso decidí venirme. Y acá, mira, a veces me pongo a leer el diario del año pasado en esa fecha y tengo escrito en todas las páginas "hoy lloré todo el día, hoy estoy muy sola, hoy me siento horrible". Eran todos los días así, viste? Y acá ni lloro, no tengo mis bajones, digo días muy tristes y digo noches que me tengo que levantar, porque no puedo dormir. Y me falta, pero no me falta Australia, me falta mi esposo.

[Manuela] Claro.

[Irma] Estoy hoy en el "mourning", en el duelo, todavía estoy en el duelo. Pero, en [...], entonces trato de pasarlo lo mejor posible. Estoy contenta acá, me gusta el lugar. Viste que el barrio es precioso.

[Manuela] Ay, sí, precioso, precioso. Tenés un precioso apartamento, con ese solecito que entra.

[Irma] Mirá el sol. Todo día de tarde, me da a los dormitorios. Estoy feliz acá. Tengo otro espacio, los ómnibus acá. Cuando vuelvo tarde, vuelvo a las 12, a la 1 de la mañana y los ómnibus e dejan acá a la puerta.

[Manuela] Entonces, así que no tes está costando adaptarse acá.

[Irma] No, no, para nada. Me costó al principio todos los trámites, todas las cosas, todo lo que está envuelto en retornar. Y las cuentas bancarias, que, todo fue un problema enorme. Pero lo fui solucionando de a poco, me fui adaptando. Y , a veces, pienso y [...] en un país de tercer mundo. Claro. No me caliento con eso. Trato de tomarlo con calma y, viste? Es la decisión que tomaste, ahora, adelante.

[Manuela] Y para volver, pasaste por la Oficina de Bienvenida y Retorno?

[Irma] [...] Lo solucioné todo yo. Pero, bueno, sí, hice todos los trámites. Estuve por ASE, por el servicio de salud por un año. Eso es una ventaja que te dan. Y nada más, no tuve otro beneficio. Beneficio en realidad, no tuve ninguno. Y bueno, sí, hice todos los trámites por ahí, y ahora después que pasó el año, tengo que ver que sociedad médica me adopto para estar cubierta. Igual, mejor, estoy pagando una cosa por el SEM, que es un grupo de emergencias, viste? Cuando estuve muy enferma con la gripe, entró la vecina y me lo llamó, y vino el SEM, vino la doctora, así que, sí. Qué sé yo? Hay mucha gente que me dice "y cuando te pongas más vieja?". Y bueno, cuando me ponga más viejas, me veré. Ahora vivo día a día. No hago planes para hoy, ni siquiera para mañana. Veo que pasa.

Parte II

[Irma] Viste, porque no puedo estar pensando "cuando me ponga más vieja, que hago?".

[Manuela] Claro.

[Irma] No sé, me pondrán en una casa de salud, que sé yo? O cualquier cosa. Pero, no.

[Manuela] Así que estás contenta con tu decisión por ahora?

[Irma] Sí, estoy contenta. Estoy tranquila, emocionalmente. Sé que mis hijos tienen una cantidad de problemas, cada uno con sus hijos, pero yo no sé nada, no quiero saber nada y no estoy. Porque el problema mío, era que yo vivía con una de mis hijas. Una de mis hijas vivía abajo de mi casa. Y yo vivía con mi esposo. Entonces, absorbíamos todos los problemas. Primero los varones, divorciaban, y todos los problemas de los chicos, los resolvíamos nosotros. Después que se fue mi esposo era yo la que rezongaba, protestaba, me enojaba. Llegué a tener fricción con el mayo, que ahora tiene 24. Y yo dije, bueno, no va más, porque esto no va a terminar bien. Entonces, esta también fue una de las causas por las que tomé la decisión de venirme. Y, bueno, ahora, hace poco,

vino la del medio, estuvo tres semanas ahora conmigo y se fue contenta, porque vio que estoy bien, que estoy tranquila, que vivo bien, así que...

[Manuela] Cuando estabas allá, cuando recién llegaron ustedes, podían llamar y eso o era muy difícil?

[Irma] No, era caro. [...].

[Manuela] Sí, era caro, no?

[Irma] No había toda esta tecnología que tenemos ahora. Que es hablarte por ese video y hablás... No, nada que ver.

[Manuela] Sí, claro.

[Irma] Y cómo era? De repente, decíamos, bueno, hoy vamos a llamar a Uruguay, compramos una tarjeta, que vendían los chinos, en el barrio chino nos salía más barato, entonces con esa tarjeta llamábamos por teléfono, pero...

[Manuela] Porque ustedes, vos tenías familia acá?

[Irma] No, mirá. Yo... Mi madre se fue para allá después que nosotros ya estábamos allá 2 años o 3, ella se fue para allá. Total, mi mamá vivía sola, o sea, vivía... Mamá murió hace 2 años, hace 3 años. En 5 meses murió mi mamá y mi esposo.

[Manuela] Ah, ahí, quedaste muy sola.

[Irma] Tres años [...] la semana pasada, mi mamá murió. Con 96 años. Pero disfrutó un montón en Australia, paseó, iba a grupos de manualidades, tuvo un [...], no? Pero, disfrutó mucho y le fue muy bien. Y tengo una hermana acá, que... Tuvieron problemas muy feos en la familia, entonces, como que se rompió esa relación. Cuando yo ahora me volví, me contacté con ella y, por respeto a mi madre y mi hermana, la acepté, viste, como... Entonces, venía acá y salíamos a

caminar o a la rambla o [...] conmigo, o estar en Australia, porque tiene una hija allá. La hija de ella le sacó un marido a mi hija. Esta que te digo que está divorciada. Viste? Fue feo. Fue muy feo. Entonces, todo eso causó que no quisiera verla nunca más, que no nos habláramos nunca más. Tengo una sobrina acá. Que ahora, mira, hace 2 meses que la mamá se fue para Australia. Y ni me ha llamado por teléfono. Así que ahora yo me hice el lavado de cerebro y dije, bueno, las corro. Se terminó, no sirve, viste. En fin, bueno, pero, así es la vida, la vida te golpea. Pero también es un boomerang, porque lo que va viene de vuelta.

[Manuela] Sí.

[Irma] Y ella ahora las está pagando, porque ella ahora está muy enferma y tiene una cantidad de problemas con el marido y ha venido acá a llorar. Y mi hija, la mayor, me dijo "mamá, te hace mal, tu no necesitas a gente negativa al lado tuyo. No necesita problemas de otros". Y de verdad, cuando ella se iba, yo me quedaba así...

[Manuela] Claro, absorbés todo.

[Irma] Así que me quedé pensando, pero cuando vuelva de Australia, creo que vuelve el mes que viene, en agosto, puede tratar de... Sí, podemos ir acá a algún lado, a dar una vuelta así, ya se iba a algún lado cada una vuelta... Tengo que librarme de todas estas energías negativas.

[Manuela] Y para venirse a pasear, venías a Uruguay?

[Irma] Veníamos cada 2 años con mi esposo.

[Manuela] Desde el principio?

[Irma] No desde el principio. Pasamos 18 años antes de venir.

[Manuela] Ah, mucho tiempo.

[Irma] Caro.

[Manuela] Sí, era carísimo. Y esto había, no?

[Irma] Era re caro. [...] Sé que teníamos... Nos compramos la casa, compramos el terreno primero, después nos hicimos la casa. Todo eso lleva mucho tiempo. Lleva mucho tiempo. Así que pasamos muchos años sin venir, después veníamos cada 2 años. Porque mi hija, una de ella, Daniela, trabaja en la aerolínea, en Cuántas, entonces, veníamos con descuento de padres.

[Manuela] Sí.

[Irma] Nos hacía... No es tanto, pero nos hacían un buen descuento. Y cada 2 años, veníamos. Incluso las últimas elecciones vinimos a votar.

[Manuela] Ay, que lindo.

[Irma] Siempre vinimos a votar. Y así que... Sí, nos encantaba. A veces, yo rezongaba con mi esposo, porque decía "podemos ir a Europa, podemos ir a otro lado. No, pero le gustaba venir acá. Su sueño era venir a retirarse acá.

[Manuela] Y él tenía familia acá también o no?

[Irma] Sí, él tiene hermanos. Sus padres son muertos, pero tiene hermanos. Tiene todo [...]. Muy de vez en cuando a ver [...]. Pero tampoco se preocupa desde que estoy acá, viste?

[Manuela] Sí, ya quedó lejos.

[Irma] Sí, claro. Así que... Te sirvo un jugo?

[Manuela] No, yo estoy bien, recién desayuné. Sí, no te preocupes.

[Irma] Y con quién estás? Estás solita acá, está tu prima acá?

[Manuela] Ahora se fue a San José, porque está internada. Estudia Medicina. Y ahí hace una guardia de 24h, entonces hoy se fue temprano y vuelve mañana.

[Irma] Y cuánto hace que se recibió ella? Porque yo tengo una amiga...

[Manuela] Se recibe ahora.

[Irma] Ah, se recibe ahora.

[Manuela] Sí, la semana que viene. Ahí está terminando el internado. Se recibe la semana que viene y tiene que empezar la especialización.

[Irma] Esta hija de mis amigos de Minas, ella está ya en el [...] haciendo... Se recibió el año pasado.

[Manuela] Ah, sí. Bueno, capaz que es de la generación de mi prima, porque ella dejó un año para hacer un viaje con el novio, que es de Economía. Se hacen aquel bruto viaje.

[Irma] Sí, ella también se fue a ese viaje.

[Manuela] Se fue a ese viaje con él y paró un año del curso. Entonces, la generación de ella se recibió el año pasado.

[Irma] Esta muchacha es de Minas. El padre es cirujano. El mejor cirujano de la Valleja es. Y fue el director del Hospital de Minas por muchos años. Y ella hizo... Ella está haciendo cirugía también, está haciendo la especialidad.

[Manuela] Y cómo se llama?

[Irma] Jiménez.

[Manuela] Y mi prima es Muguruza, Romina Muguruza. A ver, capaz se conocen, sí.

[Irma] Claro, capaz que nos hemos visto por el barrio. Ella está casada, tiene pareja?

[Manuela] Tiene novio, vive con la pareja. Y mi abuela vive ahí en el centro, en Cordón. Está bien viejita.

[Irma] Está solita tu abuela?

[Manuela] Tiene gente que la cuida todo el día. Tiene a una muchacha que le cuida de mañana y otra de noche y los fines de semana, otra. Tiene 93 años.

[Irma] Y no tenés a nadie más acá?

[Manuela] Acá en Montevideo, no, pero tengo pero tengo en Paysandu otros primos. Porque mi familia es de Bella Unión. Tengo tíos en Bella Unión, unas tías.

[Irma] Ah, que lindo.

[Manuela] Sí, cada vez que vengo, hay que hacer un tour para visitar a todos.

[Irma] Mi prima vive en Paysandu. Mi madre era de Paysandu. Y tengo primos y todo, que no se ven. De hecho, perdí contacto, pero me gustaría reencontrarme, viste?

[Manuela] Sí.

[Irma] Así que me voy a organizar para ir a Paysandu. No sé cuándo, pero cuando pase frío y todo eso.

[Manuela] Y, entonces, vos eras de Minas mismo?

[Irma] No, soy de Montevideo. Yo acá crecí [...] a la escuela Jackson. Y nos fuimos de Minas ya con los tres chicos...

[Manuela] Y pudiste trabajar en lo tuyo allá?

[Irma] Me costó, primero me costó. Primero hice otras cosas que no me gustaban. Pero me superé. Siempre seguí haciendo cursos y cosas, nunca me quedé, viste... Siempre me apuntaba en cosas para hacer, para salir, para estar activa. No, para superarme. Y entonces, después, conseguí un trabajo administrativo en esa compañía, en la que estuve años y que fue... Fui la

representante de la Unión. Me agarró un problema de caspa horrible. Y no sabe doctor si es... Estrés no es, pues no tengo estrés, pero que salvo que me.... Que lo originó la peluquería... Eso, por eso me cortó todo cortito, para sacarme todo eso... Lo que me habían puesto una tinta, pero tan fuerte, tan fuerte que... Y ahora, sabés qué, me rascaba así a dos manos, horrible. Pero ahora estoy tratando de curarme con unos productos. Sí, después, me conseguí ese trabajo y trabajé siempre, viste, para los sindicatos y todo. Siempre envuelta en todo eso.

[Manuela] Y cuando estabas allá, tenías la idea de volver, siempre tuviste la idea de volver?

[Irma] No, no. Cuando nos fuimos, mi esposo dijo "si decidimos irnos, si decidimos inmigrar es porque va a ser para siempre". Esa era la decisión, siempre teníamos esa... A medida que nos fuimos poniendo más viejos, a medida que fuimos estando más solos, con los chicos casados y no nietos ocupados, que sé yo, ya teníamos la idea esa. Pero mi esposo estuvo 7 años con cáncer. Lo llevo bien, los 7 años, el último año fue que se [...] más. Y eso lo liquidó, viste?

[Manuela] Y ahí pensó, empezaste a pensar en volver?

[Irma] Cuando él se murió. Después que él se murió, fue que me vi sola y triste, y mal, enferma, con depresión, lo que quieras, pero sin tomar pastillas. No tomo pastilla, tengo que salir yo sola.

[Manuela] Caminar en a rambla, mejor que pastilla.

[Irma] Sí. Así que, sí hasta ahora todo salió bien, por suerte.

[Manuela] Y tus hijos hablan español perfecto, dijiste? Y ellos siempre mantuvieron el vínculo con Uruguay, sabían que era uruguayos? Se sentían uruguayos?

[Irma] Sí, todos. Sí, ellos siempre... Incluso uno de mis nietos estuvo jugando al fútbol acá, como 3 años. Mi nietos también son bien uruguayos. De la parte de una de mis hijas... El varón no, porque el varón está casado con una italiana,

entonces ya... [...] al inglés. Pero, sí, conoce todo de Uruguay, saben todo de Uruguay. Han venido a pasear muchas veces, han venido siempre, viste. El único que no ha venido es el varón... Vino cuando tenía 15 años. Y ahora tiene 45. Así que hace... Pero pienso que va a venir ahora estando yo acá. Pienso que va a venir. Tengo un nieto que trabaja en la Oficina de [...] allá en Camberra. Y me dijo que venía fin de año, que tiene vacaciones, que venía el fin de año.

[Manuela] Ah, qué lindo.

[Irma] Está aprendiendo español. Ese tampoco no hablaba español, porque el padre es griego. Entonces para ellos era más fácil en la casa hablar inglés. Pero un día le reprochó a la madre y le dijo "porque no porque no me enseñaste español? Quiero que me enseñes". Bueno, dice "yo te hablo y tú me contestas y te voy enseñando" y dijo, "no, no quiero clases formales, que me des dos veces por semana". Así que empezó con el español y ahora me escribe y todo y me habla en español.

[Manuela] Que lindo.

[Irma] Un chico muy... Hizo un graduado... Hizo una carrera muy de informática, muy del futuro, yo que sé. Muy bueno es en estadísticas y matemáticas y todo eso. Así que está trabajando y en lo que se lo que saca DGI, la oficina de tasación. En realidad, al graduarse ya tenía como 4 ofertas de trabajo.

[Manuela] Mirá.

[Irma] Sí y él eligió esa, porque es servicio público y tiene más

[Manuela] Ah, sí, paga mejor, no?

[Irma] Y no, y tiene más posibilidad de asencio. Beneficios. Y e dijo que venía para fin d año, así que pienso que él va a venir. Y al otro, uno del medio, no diría mi favorito, pero es el que estuvo más con nosotros desde chiquito. Lo invité para ir a Cuba. Dije "venite y nos vamos a Cuba". Vos ya fuiste a Cuba ahora?

[Manuela] Sí.

[Irma] Ahora, sí, en septiembre o noviembre, tengo dos posibilidades, digo "venite y nos vamos a Cuba juntos" Y ayer me contestó y dice "no sé, abuela, no sé". Está haciendo un curso ahí también y... Bueno, "decidite..."

[Manuela] Es un tremendo viaje.

[Irma] A mi me gusta. Igual, yo me voy sola. Sí, yo voy sola igual.

[Manuela] Sí, mi abuela todo, toda, cuando estaba más joven, pero no joven, también quedó viuda muy temprano y se hizo un grupo de viaje y fueron a Cuba, fueron a Rusia, fueron a Grecia, todas mujeres ya mayores...

[Irma] Yo he hecho muchos paseos acá. Ya he hecho muchos. Pero, Cuba me tiene pendiente. Yo lo quiero hacer. Así que me anoto a una excursión y te haces amigos y todo.

[Manuela] Y es lindísimo, dicen.

[Irma] Sí, dicen que sí, que es lindo. Y decidí, bueno, mi marido hablaba portugués.

[Manuela] Ah, sí?

[Irma] Claro, porque el padre de él era brasileiro.

[Manuela] Ah, mirá.

[Irma] Era de Santa Catarina.

[Manuela] Sí, del Sur.

[Irma] Sí, allá de [...]. Eran de allá ellos. Y mi marido lo hablaba perfecto y cuando vinimos [...] de fútbol, a Florianópolis, fuimos todos, recurrimos Río, San Pablo, todo. Y él se empachaba hablando bien. Y a los gurises les encantaba que él hablara tan bien. Yo entendía nada. Y les cantaba esas canciones que cantan en el, los gauchos de Brasil que son como... Él les cantaba eso y ahí los gurises les apasionaba aquél canto. Era un amante de Brasil. Ay, como le gustaba Brasil. Florianópolis, todo eso es un viaje lindo también. Es un paseo lindo.

[Manuela] Hay playas re lindas. Para ir en verano, no, que ahora también está bien frío, pero más al norte...

Parte III

[Irma] Y Brasíla es preciosa, yo siempre tuve tuve noticias, siempre...

[Manuela] A mí me encanta, me encanta Brasíla, es una ciudad linda y nunca está muy frío ni muy calor. Pero mi madre ahora vive en Salvador, en Bahía.

[Irma] [...] compañera allá en la oficina, los padres eran de Salvador. Hay que ir a conocer.

[Manuela] Sí, es precioso. Tenes que largarte ahora. Aprovechar y viajar.

[Irma] Sí, me engancho en excursión. Ahora tenemos unas termas en Argentina. Yo me anoté para la primera semana. Bueno, hoy me llamó una chica, una señora, que no la conozco. Dice "mirá fulana me dio tu nombre, que dice que te gusta el teatro, que te gusta el cine, que no podemos juntar, pues yo también voy sola". Pa, bueno, buenísimo, así que la semana que viene ya quedamos de ir a tomar un café. Claro, que más jóvenes que yo... Yo tengo 79 años.

[Manuela] Ah, pero parece [...] eso.

[Irma] Viste? Soy muy adaptable a los jóvenes. Me gusta más. Prefiero que salir con viejos. Me río, a veces, mi hija, a veces, "mamá, y vos que te crees que sos?". Digo, sí, pero, no me siento bien... Porque me dicen "anda a los grupos de los viejos", no, no, todavía no. No estoy para eso, todavía no me... No me encajo. Digo "no, no, con viejos, no me gusta salir". Me da más vida.

[Manuela] Y adónde vas hoy que dijiste que tenes un concierto?

[Irma] Hoy tenemos la Catalina, una murga.

[Manuela] Sí, yo fui ayer.

[Irma] Qué tal?

[Manuela] Ay, precioso, precioso, quedé ilusionada, divino, divino. Yo nunca los había visto en vivo y está buenazo el espectáculo.

[Irma] Viste como se mueven?

[Manuela] Ay, sí. Yo quiero salir del asiento, porque la música es impresionante, impresionante.

[Irma] Sí, divino, divino. Hoy voy yo con una amiga, nos vamos.

[Manuela] Sí, te va a encantar, está buenazo el espectáculo. Y ayer estaba el Pepe ahí con Lucía.

[Irma] Sí, estaban ayer?

[Manuela] Sí, estaban ahí.

[Irma] Sí, ellos siempre los apoyan.

[Manuela] Y ahí los saludaron, los de la murga.

[Irma] Que lindo. Nosotros vamos con una amiga, que ella también se copado el viernes otra cosa, no me acuerdo que hay. Digo, bueno, vamos a cada semana.

[Manuela] Vos te anotas y vas.

[Irma] Tengo las entradas para Sabino y Serrat que viene en noviembre. Serrat y Sabino juntos. Y va a ser la última vez, viste, porque Serrat, no creo que...

[Manuela] Ah, yo le voy a decir a mi madre, porque va a estar acá en esa época y le encanta.

[Irma] Es el 23 de noviembre. Ya tengo las entradas. Así que...

[Manuela] Entonces, así que te parece que a vos la vida, para vos, para gente de tu edad y eso, es mejor acá que allá, sin dudas?

[Irma] Para mi es mejor. Estás en tu lengua, con tu gente, con tu música, viste, me levanto... Allá podes poner en internet y todo lo demás, pero no puedo

escuchar todas las emisoras, la televisión, hay mucha porquería, pero lo que...
Seleccionas lo que te gusta y puedes ver.

[Manuela] Sí, sí.

[Irma] Voy a la feria, converso con los feriantes, voy a la panadería, converso con el panadero, voy al zapatero y converso con el zapatero, viste, los viernes viene el afilador de los cuchillos y yo, hace años... Bajé enseguida y digo "ay, tengo unos cuchillos para afilar". Me pareció una cosa de, viste, de que revivís todo. Eso.. No y el servicio de ómnibus es fabuloso, como te atienden y como que... La verdad que no he tenido una queja, porque la gente, hay uruguayos quejosos. Es quejoso y es negativo y nada le viene bien. No aprecia lo que tiene, yo le digo a todo el mundo, les digo "[...] así de triste y todo". Y uno aprecia lo que tiene, porque no han salido del país. Y sufre la falta de todo esto. Pero vos sabes que estar a caminar por la rambla, y caminas toda la cuadra por la rambla? En cualquier tiempo, en en invierno, en verano, yo voy. Viste, me hago unas cuadras. Es divino. No se paga con nada todo eso. Y después, ir al teatro, porque allá yo miedo... Pero me decían "ah, pero, acá hay teatro y hay cine". Sí, hay teatro en inglés. No los disfrutas como lo disfrutarás en tu lengua. Tienes que viajar una una hora, para ir a un teatro. Y pagar un estacionamiento, de repente, te sale 15 dólares o 20 dólares. Que puedo hacer yo una pensionada, no lo puedes hacer.

[Manuela] Sí.

[Irma] Viste, hay un montón de cosas, mi nuera, por ejemplo, cuando me venía, la mujer de mi hijo, me dijo "y usted, por qué se va? Porque usted tendría que haber comprado acá un apartamento o una casita y se quedaba acá.". Yo yo, decime una cosa "tú cuántas veces al mes vas a tomar una taza de té conmigo?" Y se quedó así dura. Bueno, viste? Quiero decir que hay cosas que... Me criticaron mucho, mucha gente me criticó de mi familia.

[Manuela] De allá?

[Irma] Sí, de la familia de mi esposo, me criticaron mucho. Me [...] y críticas feas, algunas, pero yo levanté mi cabeza y dije "cada cual sabe donde está el problema y por qué tomás las decisiones que tomás".

[Manuela] Claro.

[Irma] A nadie le interesa, es mi vida. Y mucha gente muy envidiosa y muy celosa, porque muchos... Hubieron quienes me dijeron "sabes que? No tienen los huevos de hacer lo que hiciste tú". Dicen "hay un montón que no se hicieron ni idea, un montón que quisieran tomar esa decisión y no tienen la valentía de hacerlo. Te felicito". Hubo gente que me abrazó y me dijo "te deseamos lo mejor". Me hicieron una despedida muy grande en el club. Había como 500 personas. Vino todo el cuerpo diplomático, vinieron todos.. Fue muy lindo, muy lindo. Muchos me abrazaron y me dijeron "te felicito por todo". Y otros, ah, [...] viste, con una... No te digo, yo no te digo que no voy a volver, no sé, no sé, viste, porque a medida que pasa el tiempo y que pase algo, no sé que puede pasar. La vida te da vuelcos, viste? Pero por ahora, no, no tengo ni ganas de irme de paseo.

[Manuela] Ni ganas de ir de paseo.

[Irma] Porque el otro día me decía este muchacho. Conrado, que es el cónsul, trabajamos mucho juntos, viste? Me dice "venite en agosto, que va a haber un festival muy lindo, que tu la [...] antes y venite". No tengo ganas. Por favor, en agosto estoy ocupada acá. El 24 es el día de la nostalgia y una cantidad de cosas, no, no tengo ganas.

[Manuela] Sí, quedate acá un poco, después ves.

[Irma] Sí, después si tengo ganas de viajar, viajo, viste? Puede ser, pero, mi hija me dijo "mamá...". Yo cumpla en septiembre los 80 años bien. Cumpla en septiembre. Me dijo "pensamos ir pa tus 80 allá". Así que se vienen para acá. Bárbaro.

[Manuela] Ay sí, que lindo. Reunir la familia acá.

[Irma] Sí, y a ellos les encanta Uruguay. Mi yerno, que es griego, le encanta Uruguay, [...].

[Manuela] Ah, sí? Mirá.

[Irma] [...] muy parecido Atenas y Montevideo. Le encanta venir y él habla español un montón. Así que... La vida es así, la tenes que tomar como viene. Te sirvo algo de tomar, un juguito de naranja, no querés?

[Manuela] No, yo estoy bien. Capaz que un vasito de agua.

[Irma] Água, de verdad?

[Manuela] Água.

[...]

[Irma] Así que estuvieron bien en la Catalina, ayer, que bueno.

[Manuela] Me encantó. Precioso, yo los había visto por internet, pero nunca en vivo. Ah, yo me erizaba toda.

[Irma] Y la gente, viste, como participa y como...

[Manuela] Ay, sí, estaba lleno, lleno el teatro.

[Irma] Sí, hoy va a estar lleno también. Así que, está bueno.

[Manuela] Fui con mi abuela, llevé. Quedó re contenta.

[Irma] A tu abuela le gusta todo eso?

[Manuela] Sí, le gustaba más antes, tenía un grupo de amigas, iban siempre, pero se fueron muriendo y se quedó solo ella. Y ella ya no acuerda más. Entonces, íbamos en el auto y ella me preguntaba "vamos al cine?".

[Irma] Y cómo se llama tu abuela?

[Manuela] Elza.

[Irma] Elza qué?

[Manuela] Elza Dal Lago. Pero, bueno, fue, se divirtió, se acuerda, se acordaba después de lo que había visto, entonces, sí.

[Irma] Que divina, está bien. A mi me gusta mucho el carnaval, voy en carnaval. Voy siempre, la verdad.

[Manuela] Los tambores y todo. Había, de hecho, un grupo allá en Sidney, no, que Juan me contaba?

[Irma] Mi hija, una vez... Ella baila.

[Manuela] Sí? Ay, que lindo.

[Irma] Hace mamá vieja, hace mamá vieja. Está medio gordita ahora y... Pero hace años que baila. Hace años... Los inicios de la comparsa. Sí, Juan Carlos siempre estuvo involucrado en eso de las comparsas. Creo que ahora va, porque me llamó...

[Manuela] Sí, me dijo el lunes que va en.. Ah no me acuerdo más. Va para el 25, creo, allá. Pero no estoy segura.

[Irma] Sí, el año pasado estuvo allá, me parece. Si yo me vine en septiembre él [...]. Tocaba en los tambores Juan Carlos. Él tenía una comparsa, no sé ahora, si todavía sigue estando, o no.

[Manuela] No sé.

[Irma] No sé que hace ahora. Porque me parece que... No sé, entre nosotros, porque él no estaba. Él no va a ver lo que estás grabando, no?

[Manuela] No.

[Irma] La pareja que él tiene ahora, medio que ella no participa o no le gusta... Porque, a veces, me dice te voy a llamar, a tomar un café, que sé yo. Yo no tengo problemas de que venga ella también, escuchame, no...

[Manuela] Sí.

[Irma] Pero se ve que ella no tiene [...] es muy pícaro, entonces por ahí...

[Manuela] Sí, tiene cara.

[Irma] [...] por eso, lo tiene medio ahí. No sé si él irá solo o si va con ella, no creo.

[Manuela] Creo que va solo. La depresión que tuvo, por lo menos, Pero, no, eso no me dijo así tan clarito.

[Irma] Sí, debe de ir solo, sí. Claro, él tenía, él tenía allí también una pareja por años. Y cuando se vino acá, se enovió con esta y la dejó la otra. Fue toda una historia.

[Manuela] Me contaba él ayer, que tenía esa antigua, no, que, sí... Y bueno.

[Irma] Y tiene hijos, tiene nietos, no sé donde están los nietos, si están allá o están acá.

[Manuela] Están acá los hijos.

[Irma] Están acá.

[Manuela] Sí.

[Manuela] Bueno Irma, muchas gracias, por la charla, me encantó conversar.

[Irma] Cuando te vas?

[Manuela] Me voy el viernes de noche.

[Irma] Ah, el viernes ya te vas.

[Manuela] Sí. Ahora me vine rapidito, porque el lunes ya trabajo allá, yo tengo que volver. Yo doy clases de inglés. No es lo mío, pero es lo que paga el alquiler.

[Irma] Claro, claro, está bien, está perfecto.

[Manuela] Pero yo siempre estoy volviendo, creo que voy a venir para fin de año y eso.

[Irma] Bueno, cuando vengas, acá estoy.

[Manuela] Tomamos una taza de té.

[Irma] Sí, o nos vamos a comer por ahí o alguna cosa, viste? Bueno, yo me arreglo sola, viste? Y ella, muchas veces, se calentaba, se enojaba en el banco. Una vez fuimos y estaba furiosa. Y dije "andate a caminar, que yo resuelvo el problema". Claro, porque, acostumbrada, su marido es militar. Y es militar de alto rango. Acostumbrada a una política ordenada, disciplinada, eficiente, rápida, todo eso que acá no es. Entonces, se ponía "pero cómo puede ser que de un banco te manden al otro y que del otro sé nos manden por e-mail". Y yo, [...], tranquila, yo, entonces, la dejaba a ella e iba yo sola. A veces, me pasaba toda la tarde en el República. [...] entraron los pibes así y dije, no, no, puede ser. Me planté al banco, a la casa central y les dije ahí a los que entienden más "tengo que ver al gerente". Me dijo "si no tienes cita, no lo puedes ver". Digo "yo tengo que hablar con él, la persona encargada, hoy". Y él dijo no. Y yo, "usted dígame dónde está y yo voy". Y me dijo donde estaba. Y allá me fui. Y allá le pegué unos gritos. A ver... "Me parece que tengo que hablar con usted. Usted es fulano de tal?". Me dijo "sí". No se paraban en el escritorio, viste, pues me vió con cara de loca... Cuando vino, sabes que no podía creer en todo lo que le contaba, las horas que había estado en el teléfono, las horas que había estado en cada sucursal, las horas que me habían mandado de un lugar a otro y nadie me resolvía nada. "Señora", dice... Sabes cual es mi problema? Que yo, en mi pasaporte, tengo Irma Cabral, el apellido de mi esposo. Porque en Australia adoptás... En aquella época, ahora no. Ahora... El apellido de mi esposo. Y acá a la seguridad soy Irma Pérez. Entonces, yo tenía toda la plata parada, no poder tocarla, porque no... Por el apellido. Digo "usted no me vé que la cara es la mía". Bueno pero tenía que justificar de donde venía la plata y porque tenía esa plata, y bla bla bla... Le llevé todos los documentos. Dice "señora, no se preocupe, esta noche usted va a tener la plata en su cuenta". Esa noche fui... Pero tuve que gritar, tuve que patear y tuve que poner a todo el mundo en evidencia, pero no me importó. Así es como lo solucionas acá muchas veces.

[Manuela] Sí.

[Irma] Yo, no me callo.

[Manuela] Claro, hay que hacer para que tengas lo tuyo.

[Irma] Y veo como reacciono, no? Pero veo que la cosa es bad luck conmigo, no puedo... Y bueno, ella, viste, no entendía, pero ahora está todo muy agilizado, todo... Yo pago mis cuentas online, está todo mucho mejor, nada que ver.

[Manuela] Sí.

[Irma] Nada que ver. Y hay cosas acá que allá no están, como, por ejemplo, todo esos programas que bajas en el celular, del ómnibus, de las paradas, de dónde vas. Allá no tienen nada de eso.

[Manuela] Ah, sí? Mirá.

[Irma] Nada de eso. Ni lo de los patines... Una cantidad de cosas que acá es mucho más adelantado.

[Manuela] Mirá.

[Irma] La tecnología es muy adelantada acá.

[Manuela] Sí y fue muy rápido, no? Porque, eso, hace pocos años acá, yo me acuerdo de mis primos, no tenía facebook, no tenían nada de eso y ahora están todos en todo.

[Irma] Impresionate, todo, no te falta nada. Y rapidísimo.

[Manuela] Sí, rapidísimo, no...

[Irma] No, no, yo, la verdad, que he notado un cambio enorme en todo eso. Aplaudo, viste: Hay mucha cosa [...].

[Manuela] De cambio, vos fuiste notando a medida que ibas viniendo a visitar y todo o te agarró de golpe todo eso?

[Irma] No, no, los últimos años, ya estaba el gobierno [...], que empezó a impulsar. Y cada vez se fue... Hay mucho para hacer todavía, por eso yo explico a la gente, digo "hay mucho para hacer, pero los logros, ustedes miren los logros, pero miren lo que quedó sin hacer todavía". Los hospitales están impecables, las policlínicas, los adelantos en medicina. No, es impresionante. Pero, hay que militar y hay que militar, de pasito a pasito para llegar. Pero, vamos a ganar.

[Manuela] Vamos, sí.

[Irma] Yo creo que vamos a ganar.

[Manuela] Yo tengo ganas de venir a votar, nunca voté acá. Tengo la cédula y todo, pero nunca voté acá.

[Irma] Tenés que... Cuando vengas, hacete las credenciales y todo.

[Manuela] Sí.

[Irma] Para poder...

[Manuela] Porque, sabes, cuenta, no, cada voto.

[Irma] Claro que cuenta.

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM HERNÁN POLONI

Entrevista concedida em 25/07/2019.

Parte I

[Manuela] Uruguayo no más.

[Hernán] Bien.

[Manuela] Y estoy haciendo el doctorado allá y me puse a estudiar los migrantes de retorno, los retornados.

[Hernán] Bien.

[Manuela] Como es que se pasa la adaptación. Como es que vienen y todo eso. Y estoy trabajando con historias de vida. Entonces estoy entrevistando gente a ver... Les pido, les pido que me cuenten la vida, como es, como era antes de salir, como fue salir, como fue volver, todo eso.

[Hernán] Claro.

[Manuela] Entonces, como tener la perspectiva de los otros, como vivieron todo eso. No? Tengo una cosa mucho más cualitativa y cuantitativa. Entonces son pocas entrevistas, pero con muchos detalles.

[Hernán] Bien. Dale. Vos me vas orientando con las preguntas?

[Manuela] Claro, claro.

[Hernán] Tá, dale, dale, bien.

[Manuela] Vos vivías acá en Montevideo antes de salir?

[Hernán] No, yo vivía en Uruguay, en Florida.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Y yo viví ahí hasta los diecisiete años. Y yo a los diecisiete años me gané una beca.

[Manuela] Ah, mirá.

[Hernán] De verdad, sí. De AFS, American Field Service.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Y me fui a Estados Unidos. Y cuando se me terminó la beca, mi familia ya estaba refugiada en Río de Janeiro.

[Manuela] Por la dictadura?

[Hernán] Por la dictadura, en el ochenta. Y después de ahí nos fuimos para Suecia.

[Manuela] Vos fuiste al Río a encontrarte con tu familia?

[Hernán] A encontrarme con mi familia, que ya estaba refugiada ahí.

[Manuela] Sí, y viviste ahí [...]?

[Hernán] Mi familia no, mi madre y mi tres hermanos. Mis dos hermanos, porque mi padre seguía preso acá. Mi padre estuvo preso del 72 al 85.

[Manuela] Ay, bastante.

[Hernán] Era Tupamaro.

[Manuela] Sí, como el padre de María Eugenia.

[Hernán] Exactamente, como el padre María Eugenia. Y, tá, y después nos fuimos para Suecia y estuve hasta el año 95, allá. Del 81. Desde el ochenta y uno al noventa y cinco.

[Manuela] Casi 15 años.

[Hernán] Sí. Y ahí me volví para acá.

[Manuela] Vos llegaste a vivir en Río de Janeiro o fue rápido ahí?

[Hernán] No, viví cinco meses, cinco hermosos meses fueron. Más allá de la situación difícil nuestra. Pero conocí mucho, a mucha gurizada carioca y eso . Fue muy lindo, muy lindo.

[Manuela] Y en Estados Unidos. Cuánto tiempo te quedaste?

[Hernán] Un año estuve.

[Manuela] Un año?

[Hernán] Sí, en Minnesota. Al norte, contra el Lago Superior.

[Manuela] Qué fuiste a estudiar ahí?

[Hernán] Fui a hacer el último año de high school.

[Manuela] Ah, mirá.

[Hernán] Sí.

[Manuela] Que bueno.

[Hernán] Sí, sí, fue muy lindo.

[Manuela] Y cómo fue esa experiencia? Vos sabías hablar inglés?

[Hernán] Ah, muy poco, muy poco. Pero algo sabía, sí. Pero también cuando te enfrentas al idioma es otra cosa. Pero fue muy lindo. Fue muy lindo. Tuve una familia, tuve problemas, me cambié de familia y después, ya está. Hasta que fallecieron los viejos, que fallecieron hace tres años, tuve... Seguía manteniendo contacto con ellos. Fue una situación muy linda.

[Manuela] Y vos te fuiste de ahí, por qué se terminaba la beca? O por lo de tu familia?

[Hernán] No, yo me fui para ahí, porque se terminaba la beca. Era un año. Al año ya te tenías que ir, era obligatorio irse.

[Manuela] Y para ir a Suecia, cómo fue? Porque estaba con tu familia y todo, no?

[Manuela] Y para ir a Suecia, cómo fue? Porque estaba con tu familia y todo, no?

[Hernán] Sí. Fuimos, estábamos bajo la protección de la ONU, de ACNUR, Alto Comisionado de las Naciones Unidas para Refugiados. Y bueno, y ACNUR fue el que no arregló el asilo con Suecia.

[Manuela] Vos fuiste de exiliado político mismo?

[Hernán] Sí, Suecia nos aceptó, ya estando nosotros en Río. Y ahí nos pusieron en un avión y nos mandaron para Estocolmo. Los suecos mismo.

[Manuela] Y estuviste en Estocolmo todos esos...

[Hernán] No, estuve en Vesteros. Estuve en un pueblito cerca de Vesteros, que queda cerca de Estocolmo. Un año en Söderhamn, y después me fui a Malmö, una ciudad del sur.

[Manuela] Sí. Y cómo te salió con la lengua, el sueco?

[Hernán] Y, tá. Claro, al principio, era chino básico, uno no sabía nada, pero después, ellos te dan... Vos llegás a Suecia y te mandan como si... Son los campamentos de refugiados, pero de verdad son... Es como si fuera a un lugar donde hay una cooperativa de viviendas acá en Uruguay, viste? Está todo muy lindo, todo muy bien. Y bueno, ibas ahí y ahí mismo te enseñaban el idioma durante siete meses. Cinco horas por día.

[Manuela] Ah, bastante.

[Hernán] Te daban el idioma de lunes a viernes, cinco horas por día. Te daban idioma sueco. Y tá. Y ahí lo aprendías. Lo básico lo aprendías. Y después te largaban a la sociedad a trabajar y a estudiar.

[Manuela] Y cuántos tenían los hermanos?

[Hernán] Y yo tengo un hermano mayor, yo tenía 18, él tenía, el me lleva 3, 21. Yo tenía 21. Sí, y tengo una hermana menor de 4 años menor que yo. Ella tenía... No, 3 años, era menor que yo. Tenía 15. Los 15 años los vivió, pasó el Río.

[Manuela] Y cómo fue adaptarse a ese país? Es distinto de Uruguay, no?

[Hernán] Sí, es muy distinto, el clima es muy distinto. Las horas-luz son muy distintas. Porque, fijate que en invierno tenés tres meses... En el sur, nosotros estábamos en en sur de Suecia, no?

[Manuela] Sí.

[Hernán] En Malmo, que ahí amanecía a las diez de la mañana. Y a las dos de la tarde, ya es de noche y día. Entonces, tenía cuatro horas de luz. Pero si llega más al norte... En Estocolmo, menos. Sale a las once el sol, a las once, y a la una y diez, por ahí ya se pone el sol. Dos horas y poquito de luz. Pero bueno, el clima, el idioma es muy distinto, pero, después, la gente es distinta también, es muy distinta, pero, pero, yo que sé, no sé. A mí me gustó mucho. Yo me quería quedar, un poco, me quería quedar más, pero después ya me casé, tuve tres hijos. Y no nos podíamos quedar más, porque si nos quedábamos más, los gurises se hacían grandes y no podíamos traerlos más.

[Manuela] Sí. Vos te casaste con una...

[Hernán] Con una uruguaya.

[Manuela] Con una uruguaya?

[Hernán] No, no, sí, sí, con una uruguaya.

[Manuela] La conociste allá?

[Hernán] Nos conocimos allá. sí. Los padres de ella también. Sí, la misma historia. Sí, refugiados. El padre estaba preso acá también.

[Manuela] Y había mucha gente como ustedes ahí?

[Hernán] Y había, si había. No mucho, mucho, pero, ponele que uruguayos había como unos 1500 uruguayos.

[Manuela] Y ustedes se relacionaban ahí entre ustedes?

[Hernán] Sí, nos relacionábamos mucho entre nosotros y también con los suecos, laboralmente y eso. Pero tá. Lo que pasa es que nosotros no queríamos irnos. De acá, nos echaron.

[Manuela] Claro. Es totalmente distinto de querer migrar.

[Hernán] Claro, entonces nosotros, queríamos, todo el tiempo, queríamos volver.

[Manuela] Vos... Estuvo siempre presente, presente, en la mentalidad de ustedes, volver?

[Hernán] Siempre. Siempre estuvo presente volver. Que la democracia acá, la dictadura termina en el 85. Pero nosotros no teníamos casa acá, ni trabajo ni nada. Entonces, tá, juntamos unos pesos y compramos una casa, acá en Montevideo. Y, tá, después hicimos contacto y eso, y...

[Manuela] Compraron desde allá?

[Hernán] Desde allá compramos una casa . Y nos llevó algunos años instalarnos acá.

[Manuela] Sí, pero ustedes venían a visitar?

[Hernán] Sí, sí, veníamos a visitar, sí. De verdad, a la que echaron del país fue mi madre, porque ella también estuvo presa, ella no podía volver. Y nosotros tampoco. Pero después del 85, sí, volvimos cantidad de veces entre el 80, que nos fuimos de acá, y el 85 nunca más volvimos.

[Manuela] Sí.

[Hernán] A fines del 85 volvimos, por ejemplo, que se podía volver.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Y ahí volvimos a visitar.

[Manuela] Y tu padre?

[Hernán] Mi padre, en el 85, cuando termina la dictadura, va para Suecia.

[Manuela] Se encuentra con ustedes ahí?

[Hernán] Se encuentra con nosotros y está un tiempo allá.

[Manuela] Sí. Y cuando decidieron, volvieron todos juntos?

[Hernán] No, yo volví. Primero volvió mi padre y mi madre. No! Primero, mi hermana. Mi hermana se volvió ahí, en el 85, enseguida. Ella no se adaptó a Suecia, le costó mucho.

Después... Me dejaste pensando. Después... Volvió primero mi hermana, después mi padre y mi madre, después yo y después mi hermano.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Mi hermano, le costó más volverse. Él tiene un hijo allá.

[Manuela] Ah, sí.

[Hernán] Porque se volvió con los hijos más grandes ya. Y bueno. Y si vos te volvés con los hijos más grandes, ya...

[Manuela] Pero él también se casó con una uruguaya allá?

[Hernán] No él ya fue con una uruguaya, verdad. Él ya fue con una uruguaya. El límite, yo pienso que son los 12, 13 y 14. Ya, ahí si, si te venís ahí, ya tenés problema. El guri ya tiene otra cultura, tiene otro idioma.

[Manuela] Sí. Y como era con tus hijos? En casa hablaban español?

[Hernán] En dónde?

[Manuela] Allá.

[Hernán] Allá hablamos en español, sí.

[Manuela] Entonces, ellos aprendieron a hablar en español?

[Hernán] Ellos aprendieron a hablar español con nosotros. En la guardería hablaban en sueco y se relacionaban en sueco con el mundo exterior. Con nosotros en español. Y yo tenía a mis hermanos y a mis padres, allá. No todo el mundo tenía a los hermanos y a los padres. El más grande, que se volvió con 11 años, ya el español hablaba entreverando palabras con el sueco.

[Manuela] Cómo fue tomar la decisión de volver?

[Hernán] Y bueno, yo pienso que primó... Si bien yo y mi compañera nunca tuvimos problemas políticos, no podíamos quedar allá, pero también pasó eso, nos echaron de acá.

Entendés? Tuvimos que ir obligados. Entonces uno dejó familia, dejó amigos, dejó el barrio, dejó estudio, dejó todo y, bueno... No fue fácil la decisión de volver, porque, además, nos encariñamos mucho por Suecia y le debemos mucho a Suecia, pues no aceptó en un momento muy duro, así como Brasil aceptó gente uruguaya también. Uruguay aceptó gente, cuando Brasil tuvo problemas también, hubieron muchos brasileños que vinieron acá. Entonces, uno crea un lazo especial con ese lugar. Yo quiero mucho a Suecia, yo quiero mucho a Suecia.

[Manuela] Llegaste a volver a visitar allá?

[Hernán] Volví una vez. Que mi hijo tenía 18 años y él quería ir a visitar Suecia. Estaba con ganas de irse a vivir allá, pero quería ir solo. Entonces yo lo acompañé. Fuimos los dos, estuvimos tres meses y yo le dije "vamos Elmar, yo me voy. Chivo, te querés quedar acá casa, si sos mayor de edad? Tenés 18 años. si querés, quedá". Y dijo... Primero dijo que sí, pero después dijo que no. No, dice "me vuelvo a Uruguay y después veo. Si me quiero volver, vuelvo". Tá. Y se quedó acá. Ahora tiene... Elmar tiene treinta y cinco. Es del 83.

No, no se va mal, no. Elmar tiene, dentro de todo, tiene un buen trabajo acá. Trabaja en el CAP. Es trabajador de planta, ahí en la teja, donde está el fosforito,

ahí. Bueno, trabaja ahí. Y tiene familia también. Y ta. Y es un tipo, es un tipo feliz. También, si vos te ponés a hablar con él, a él le dolió que lo arrancáramos de Suecia. Él lo dice.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Pero bueno, tá, fue así.

[Manuela] Y cómo fue el llegar acá de vuelta? Volver al país? Porque ustedes ya sabían más o menos como estaba, porque venían a visitar, no?

[Hernán] Sí, sí. Y fue difícil. Fue difícil, más porque nosotros veníamos de un país como Suecia. Que es todo...todo distinto. No hay pobres. Todo funciona bien. Te quiero decir, es una sociedad que está muy bien organizada.

[Manuela] Si, claro.

[Hernán] Digo, no hay gente durmiendo en la calle, porque tampoco puede haber, porque en invierno se muere, porque hace 20 grados bajo cero una semana entera. Entonces, si estás más de dos horas fuera, te morís. Si no tenés la ropa adecuada o... Y eso. Y no podés estar más de 2 horas fuera con 20 grados bajo cero, entendés?

[Hernán] Entonces, yo que sé, en todos lados hay calefacción. los trabajos, se gana bien. Tá, existen problemas. Por supuesto que existe el racismo, existe el femicidio, existe el racismo, el machismo existe, tá. Los mismos problemas que hay en todos lados, pero, tá, yo que sé? Se cumplen los horarios, no? Si vos decís a las 5 es a las 5. Si vos decís a las 8 es a las 8, y no a las 8h01. Entendés? Y los uruguayos somos más o menos. Entendés? A qué hora nos juntamos? A las 7? Y vos vas a las 7 y no hay nadie. Juntarse a las 7 en Uruguay significa juntarse 8 y media, más o menos.

[Manuela] Sí, en Brasil lo mismo.

[Hernán] Entonces, tá. Pero [...], hay cosas muy distintas. Pero, entonces, llegar acá nos costó, viste? Nos costó, nos costó mucho. Y bueno, tá, económicamente nos costó también. Nosotros sabíamos que nos iba a costar, pero pagamos un

precio ahí. Unos años de mucha... De vivir muy a lo justo, sin salir de vacaciones, sin... Una vida muy austera.

[Manuela] Ustedes se hicieron la vuelta bien planeada, no? Porque compraron la casa antes...

[Hernán] Sí, en ese sentido sí. Manuela era tu nombre, no?

[Manuela] Sí.

[Hernán] Manuela. Sí, en ese sentido, sí, porque conocemos otros casos que no se compraron casa, que vinieron a alquilar y después se les terminó la plata. No consiguieron laburo para mantenerse alquileres y terminaron yendo. A nosotros nos fue bien. Silvina se recibió de economista. Es DT. DT quiere decir dedicación total, en la universidad. Es investigadora del Instituto Economía y da clases la Facultad de Economía I. Y yo soy docente y escripto. Y está y nos va bien. Digo, nos va bien. Somos clase media baja. Estamos construyendo en Punta del Diablo una casita ahí y, bueno, y tenemos nietos y tenemos amigos y somos muy felices.

[Manuela] Qué lindo [...].

[Hernán] No. Es cierto.

[Manuela] Claro.

[Hernán] Yo lo digo así, porque cierto. Me entendés? Yo qué sé? No sé. Estamos muy felices nosotros.

[Manuela] Y ustedes tuvieron problemas? Porque, a veces, se escuchan en los relatos de gente que, cuando vuelven, no son bien aceptos, tienen un problema. Ustedes tuvieron eso?

[Hernán] Claro. Un poco sí, un poco sí. Nos costó. Al principio sí. Porque, sabes lo que pasa? Que uno compara todo al principio. Vos decís "ah, la salud, ah, pero allá tal cosa. Ah, la educación. Ah, pero allá tal cosa". Entonces yo tenía amigos que me decían "bueno, si allá tal cosa, andate a la mierda acá. Si allá es mejor, porque no te vas?".

[Manuela] Sí.

[Hernán] Entonces, cómo que... Viste? Hay un relato, que hay que ser cuidadoso. Si uno viene de determinados países, porque si hubiera sido peor el lugar, capaz que esto era mejor.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Pero no, después, tá, no... Fuimos aceptados muy bien por la familia. Yo tengo una familia, primos también, por otro lado.

[Manuela] Y todos se quedaron acá?

[Hernán] Y todo el mundo quedó acá. Entonces yo tengo una familia grande y mi señora también. Entonces, fuimos aceptados por todo el mundo, bien, por la parte de la familia. La parte de los amigos nos costó un poco más, pero bien, también.

[Manuela] Los mismos amigos que tenían de antes?

[Hernán] Claro, pero, fijáte que también pasó mucho tiempo. 15 años.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Me entendés? Entonces yo dejé de ver a mis amigos a los 18 y volví con 33. Con 34.

[Manuela] Otra persona.

[Hernán] Todo el mundo grande, algunos casado. Me entendés? Ya una vida hecha todo el mundo. Viste? No compartiste esa época que es muy linda, los 21, 20, 21, 19. Cuando te mandás todas las cagadas, viste? Dónde hacés... Entonces...Yo que sé? No sé.

[Manuela] Y cuando estabas allá, cómo hacía para comunicarte con la familia que quedaba acá y todo eso? Porque, al principio, teléfono era difícil.

[Hernán] Era muy difícil. Sí, bueno, fue por cartas, por cartas. Yo tengo cajas de cartas, montones de cartas. Que no sé qué hacer con esas cartas. Las tengo

ahí, como un alto así de cajas llenas de cartas. Las tirarán mis hijos. Cuando se me muera.

[Manuela] Las leen primero.

[Hernán] Y los otros días le dije a la hija de un amigo... Que ella colecciona sellos. Y le digo "mirá que si querés podés ir a sacar los sellos de todas esas cartas". Le digo que tienen cantidad. No, pero era la carta, básicamente. Y después alguna llamada por teléfono. Después que pasó el 85, ahí sí, hablamos más por teléfono. Pero del 80, el 85 no se habló mucho por teléfono, porque la gente de acá tenía miedo también de hablar con nosotros.

[Manuela] Y tenían noticias de acá? Más o menos.

[Hernán] Y teníamos noticias de acá por carta, principalmente. Fue por carta principalmente, que se... Que nos comunicábamos? No sé. Quizás alguna noticia, las noticias feas de la muerte. Cuando murió mi abuelo paterno, fue la llamada por teléfono. Papá... Cuando falleció mi abuela también fue por teléfono. Cuando falleció otra abuela fue por carta. Sí, así fue.

[Manuela] Y tu señora lo mismo más o menos?

[Hernán] Sí, mi señora lo mismo, sí. Ella tenía la misma situación... Los padres... El padre de ella también tuvo preso del 72 al 85. Pero la madre tuvo tiempo más presa. Tuvo del 72 al 80. Ocho años.

[Manuela] Bastante.

[Hernán] Sí. Y sí, la misma situación, así de comunicarse de la misma forma, aunque ella se fue. Ella tenía cuatro, tres hermanas más y se fueron las tres hermanas con la madre.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Y tá.

[Manuela] Y allá como era? Los suecos recibían bien a ustedes? Por ser extranjeros. O no tuvieron problema?

[Hernán] No, no, nos recibieron muy bien, nos recibieron muy bien. Estábamos en esos lugares, donde te enseñaban el sueco y, no solamente te enseñaban sueco, sino que te enseñaban cómo funcionaba Suecia. Y a su vez, también recibían otras nacionalidades. No solamente uruguayo, sino que... Ahí estaban todas las dictaduras del Cono Sur, bueno, recibían gente de todos los países. Ahí había mucho chileno, paraguayo, argentino. Había algunos de Centroamérica también, pero principalmente eran del Cono Sur. Pero no, no, en ese sentido... Digo, son países muy solidario, pero son países también que necesitan de inmigración, no?

[Manuela] Sí.

[Hernán] Necesitan, porque, sí [...].

[Manuela] Cuando ustedes volvieron, tenían una imagen de cómo sería el Uruguay? Correspondió esa imagen o no? Viniera así a ver a probar?

[Hernán] Bueno. La imagen que teníamos nosotros era de los familiares nuestros, principalmente, que todos ya vivían acá. Y la imagen económica la teníamos clara. De cuánto dinero precisaba una familia, tipo de cinco personas. Un matrimonio con tres hijos. Lo básico para comer y la salud. Porque la casa ya la teníamos. Y bueno. Y después nos adaptamos. Nosotros sabíamos... nosotros mentalizarnos, tipo para la guerra. Eso ayudó mucho. Eso ayudó mucho.

[Manuela] Hoy día hay una serie de beneficios. Y en aquella época había también esto como una acogida de gobierno para los que vuelven? Hoy yo sé que tienen una oficina de retorno, que les dan ese, o sea, una serie de cosas.

[Hernán] No, en ese colegio no había nada.

[Manuela] Volvían así nomás, solos? Sin apoyo?

[Hernán] Sí. No sé, no sé. No sé si había algo. Nosotros no pedimos nunca nada. Nosotros lo pagamos todos, nosotros. Los pasajes daban como 7 mil dólares. Qué va, más. Para los pasajes fueron 8000 dólares, 8000 dólares,

porque estaba mil y pico. No, no trajimos un contenedor con cosas, cosas usadas para la casa.

[Manuela] Sí, los muebles y eso.

[Hernán] Si. Y, sí, cosas de segunda mano que compramos allá, pero para acá eran muy... Estaban buenas, igual.

[Manuela] Si, claro.

[Hernán] Y, bueno. Pero no, no utilizamos ningún tipo de beneficio de ese tipo que hubiera. Nosotros organizamos todo nosotros con mi señor.

[Manuela] Sí, vinieron con coraje, no más.

[Hernán] Sí, volvimos... Sí, sí. Fue medio así... Si te pones a ver a la distancia, a ver si cuando conversamos con ella, te decimos mira qué locura hicimos! Y decimos sí, fue una locura. Pero bueno, son esas locuras que uno hace cuando joven. Me entendés? Ya, ahora cuántos? Yo tengo 57 y ella tiene 55 y Elmar cumple 36 ahora. Llevamos juntos 3, 37 años juntos llevamos.

[Manuela] Mirá, mucho.

[Hernán] Sí, hemos pasado juntos mucho tiempo. Sí, por ahora funciona.

[Manuela] Eso es lo lindo.

[Hernán] Por ahora funciona.

[Manuela] Nunca les entró la gana de volver a salir?

[Hernán] No, no, ella estuvo en España, haciendo un doctorado, una maestría y un doctorado. Ella está haciendo un doctorado ahora. Ella viaja a España todos los años. Pero no se nos ha ocurrido así. No, no, no, no...

[Manuela] Está bien Uruguay.

[Hernán] Está bien sí, lo que pasa es que también, yo que sé, tenemos... A mi me queda mi madre, no más. Además, a Silvina le quedan los padres. Tenemos

tres hijos, tenemos cinco nietos. Tenemos, pues, los hermanos, tenemos muchos amigos, tenemos una vida cultural muy linda también.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Y ta ta, yo que sé?

[Manuela] Está acá la familia?

[Hernán] Está acá la familia, sí. Nos va bien económicamente también, lo cual es importante también. Y bueno, yo que sé, no sé.

[Manuela] Cuando estaban allá ustedes hacían cosas como para recordar Uruguay, tener esa cosa viva de la cultura. Cómo era?

[Hernán] Sí, se hacían, sí.

[Manuela] Por ejemplo, tomaban mate y eso?

[Hernán] Sí, el mate siempre estuvo, el mate siempre estuvo.

[Manuela] Se conseguía yerba.

[Hernán] Sí, se conseguía en Copenhague. En Copenhague, había un turco, un turco que te vendía especia y todo eso, viste? Y té de distintos lados, y traía la yerba de Brasil.

[Manuela] Mirá.

[Hernán] Traía la yerba, la canaria. La yerba canaria es brasilera. Entonces la llevaba de Brasil para allá. Y, no, se mantenían las costumbres, sí. Y si bien uno va integrando las costumbres del lugar también... Pero. Pero, sí, manteníamos. Yo tomaba mate todos los días.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Siempre allá. Un año se me complicó por los horarios laborales, pero, pero sí, sí, porque viste que el mate para los uruguayos es muy, muy importante. No, no, pero ,sí, todo lo que era el punto de vista de la música también... Sí, eso se hacía muchísimo, se hacía.

[Manuela] Y se juntaban todos.

[Hernán] Sí, sí, ponele que una vez por mes salía una actividad de ese tipo. Lo que pasa es que al principio también estuvo mezclado con la actividad política. Y solidaridad con los presos políticos de acá, hasta ese entonces, hasta el 85. Estuvo impregnado de toda la parte política, toda la parte cultural. Para todas las nacionalidades fue igual eso. Para los argentinos, los paraguayos, los chilenos. Pero después.... Pero después que terminó la dictadura, como que cambió, ya era más la parte cultural por la parte cultural, en si, no más. Juntarse a tocar el tamboril, viste, tocar los candombe, a comer un asado, a leer poesía uruguaya, hablar sobre autores uruguayos o ver una obra uruguaya. Sí, por ese lado, sí se hacía así.

[Manuela] Y de Suecia trajiste algún costumbre o...

[Hernán] Bueno, sí, trajimos costumbres, sí. Trajimos la comida, trajimos costumbres. Después todo eso que te decía yo del horario. Al principio, quisimos ser formales en los horarios. Esa fue una costumbre, pero no caminó, porque nadie formal acá lon los horarios, viste?

[Manuela] Solos, no va.

[Hernán] Los otros días, fuimos a un toque de música que decía a las 11h. Y con Silvina hacía tiempo que no íbamos nosotros. Que era un grupo de candombe, otro de vientos, que también involucran al candombe, pero eran trombones, trompetas y decía a las 11h. Y nosotros fuimos a las 11h. Y empezó a la una menos cuarto, me entendés? Y todo el mundo sabía que empezaba una menos cuarto, porque la mayoría de la gente estaba una menos cuarto. Bueno, pero... Y después trajimos, yo que sé, comida, comida. Trajimos canciones. Escucha... Seguimos escuchando música sueca. Pero todo eso se va perdiendo después también, no?

[Manuela] Sí, hace mucho que estás de vuelta acá, no?

[Hernán] Sí, ya, desde el 95. Qué van, 23? 23, no. 23? 24 años, casi. Sí, pero la aculturación es que se llama no?

[Manuela] Sí, cuando perdés algo.

[Hernán] Ahí va. Cuando llegás y te vas adoptando la cultura de otro país. Qué carrera estaba haciendo vos?

[Manuela] Yo me recibí en Antropología.

[Hernán] Ah, mirá que bien.

[Manuela] Hice la maestría en Ciencias Sociales y ahora estoy haciendo el doctorado en Historia.

[Hernán] Ah, mirá, vos. Yo doy Sociología.

[Manuela] Ay, sí, yo soy licenciada en Sociología también.

[Hernán] Mirá, vos.

[Manuela] Daba clases también.

Parte II

[Hernán] Hay una asignatura que es Sociología [...] Humanístico. Serán una serie de autores clásicos, Marx, Weber, [...] y, bueno. Y ahora hay toda una movida para dar autores, que yo me tengo que poner a leer, porque Brasil es muy importante en toda la Sociología Latinoamericana. Yo no conozco ninguno, me dieron ahí unos, otro día ahí, pero no tengo ninguno así. [...] un par de uruguayos, que a nivel de América Latina, tuvieron mucha importancia también. Pero, ta. Un poco los clásicos, algo de Uruguay pero muy poco, porque será solo una introducción para los guris. Así que...

[Manuela] Allá, la carrera que yo hice... Antropología y Sociología son medio juntas, Entonces, si hacés unas materias a más, salís con las dos.

[Hernán] Claro, está bien.

[Manuela] Entonces yo puedo dar clases de Sociología al liceo también. Allá, con el presidente que tenemos ahora... Entonces, lo que yo estoy haciendo es dar clases de inglés.

[Hernán] Ah, mirá.

[Manuela] Entonces, yo doy clases de inglés, mientras termino el doctorado y puedo ver si me pongo a hacer lo mío, no?

[Hernán] Claro, claro.

[Manuela] Las clases de inglés son para pagar el alquiler.

[Hernán] Está bien, está bien. Y vos sos nacida allá?

[Manuela] Soy nacida allá, sí.

[Hernán] Ahí va.

[Manuela] Mi madre se fue en el 83 y yo nací allá.

[Hernán] Y las leyes brasileiras te permiten que vos te hagas uruguayo?

[Manuela] Sí, porque, por la ley uruguayo, hijo de uruguayo, nacido en cualquier lado es uruguayo. Sí, yo tengo la cédula y todo, sí, no hay problema. Yo tengo unas ganas venir a ponerme acá, a ver si puedo.

[Hernán] Ah, sí?

[Manuela] Sí.

[Hernán] Mirá.

[Manuela] Lo que pasa es que ahora mi hermana va a tener que ir junto. Me voy allá con ella. Pero tengo unas ganas impresionantes.

[Hernán] De dónde son ustedes?

[Manuela] De Brasíia.

[Hernán] Ah, son de Brasíia? Mirá.

[Manuela] De Brasíia, sí, la capital.

[Hernán] Claro.

[Manuela] Pero, cada vez que vengo, quiero quedarme.

[Hernán] Mirá. Y sos prima de Maria Eugenia, por el lado de madre o padre?

[Manuela] De padre. Eduardo Muguruza es primo de mi madre, en realidad.

[Hernán] Ah, ahí va. Por parte de madre?

[Manuela] Sí, mi madre y el padre de él.

[Hernán] Ahí va. Está bien. O sea, que tu madre es Muguruza?

[Manuela] Muguruza, sí. Yo soy Muguruza también.

[Hernán] Está bien, está bien.

[Manuela] Y que te parece toda esta gente que se va de Uruguay? Que hay movimiento muy grande de irse, no?

[Hernán] Pues sí.

[Manuela] Toda familia tiene a alguien que se fue, no? Si andás preguntando...

[Hernán] Vos sabes? Decíme una cosa... Uruguay, sería muy importante hablar con un demógrafo. Porque Uruguay es uno de los pocos países del mundo que no aumenta la población como aumentan otros países. Uruguay desde el año 50, como más de 3 millones. La verdad que somos 3.400.000. Entonces que pasa que los uruguayos no crecen? Porque, las uruguayas se quedan embarazadas también. Entonces, para mí se va la gente a la mierda, vos.

[Manuela] Hay estudios... Hay una demógrafa uruguaya, que yo siempre leo lo que escribe. Adela Pelegrino. Ella hace estudios sobre eso, sobre la población uruguaya, no? Dice que, desde hace mucho, el saldo demográfico uruguayo es negativo, entonces, la gente que sale y la gente que vuelve, como que [...] los que nacen. O sea, hay siempre gente saliendo.

[Hernán] Siempre gente saliendo?

[Manuela] Siempre. Aunque que venga gente de afuera no es para compensar, no es lo suficiente para compensar.

[Hernán] Mira que interesante. Mirá, vos.

[Manuela] O sea, el saldo demográfico es negativo.

[Hernán] Se llama así, saldo demográfico negativo? Está bien, esta bien la ecuación esa. Claro y los nacimientos compensan apenas para que se mantenga.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Vos sabés que hay una cuestión que... Es raro el uruguayo. Sabés que algunos aspectos somos muy parecidos los suecos?

[Manuela] Ah, sí?

[Hernán] Sí, en lo gris. En lo monótono, en lo pesimista. En lo quejoso. En los suicidios somos parecidos a los suecos.

[Manuela] Ahora empezó a salir, no? Que está fea la cosa de los suicidios acá.

[Hernán] Bueno, viste que el año pasado, de vuelta, explotaron los índices de suicidio. Y lo que preocupa es que están bajando las franjas etarias... Que se empiezan a suicidar jóvenes. Es muy triste, eso muy triste, eso es muy triste. No hablan bien [...] sus hijos.

[Manuela] Sí. Con toda la gente que yo hablo, siempre dicen eso, que los uruguayos son quejosos, que se quejan, que...

[Hernán] Yo considero que soy así.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Yo soy así. Sí, no sé, pero siempre vemos la parte negativa de la cosa. No sé, aunque, viste, yo me considero un tipo positivo, no? Y [...] ser un tipo optimista y así. Pero, a veces también, viste, uno dice "pa, ando medio quejoso". Te ponés a hablar con la gent... El uruguayo, yo no sé si es tan quejoso. Es desconfiado el uruguayo, viste? Es desconfiado, el uruguayo es desconfiado. Es raro, es raro el uruguayo. Es muy abierto con los extranjeros... Vos que has notado de eso?

[Manuela] Porque, bueno, yo me paso un poco por uruguay, no?

[Hernán] Claro, lo que pasa es que vos pasás por uruguay.

[Manuela] Sí. No se nota así, si, por ejemplo, voy a la calle y eso, pero siempre que digo que soy brasileira, la gente dice "ay, que lindo, Brasil, no sé qué, que bueno".

[Hernán] Claro, sí, sí, sí.

[Manuela] Los mozos, a veces que se dan cuenta, preguntan.

[Hernán] Claro, claro, está bien. Sí, pero somos, no sé, no sé que es... No sé, para mi, debe ser esa impregnación que hay, desde lo económico, que haya primado más por lo económico... Para mi no es solamente lo económico, porque vos te ponés a hablar... Yo conozco gente, que más o menos le iba bien económicamente y que no tenía necesidad de irse... Y que sus familias estaban acomodadas, es decir, sus padres tenían buen pasado, y tenían el apoyo de ellos, y se terminaron yendo igual, me entendés? Gente, como vos decías, [...] de un título académico, entonces... Es algo que, no sé, capaz que, no sé... Al ser una población 100% inmigrante, porque nosotros no tenemos la población autóctona, no tenemos la población indígena, no tenemos los esclavos... A la población autóctona la mataron, a los indios los mataron, a los negros también mataron a unos cuantos, y es un país muy joven. Portugal en... Brasil en algunos aspectos [...], pero no, nosotros somos un país que está, que nació ahí en 1700 y pico, ahí... Cuando vino el grueso de la gente, 1800. Va, el grueso no, donde se empezó a poblar.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Pero... No, dale, tranqui. No, no, no. no. Entonces, el país fue un poco por ese lado, no? A parte, la población, un pueblo muy joven. Y no hay un sentido de pertenencia grande, que... Mirá, si vos buscás para tras la generaciones, yo abuelo, nieto de alemán, nieto de italiano, bisnieto de español. Me entendés, que llego hasta ahí, no más?

[Manuela] Sí.

[Hernán] No puedo ir... Y a mucha gente les pasa lo mismo.

[Manuela] S', sí, sí, sí.

[Hernán] También en Uruguay, desde de el punto de vista legal... Eso que vos dijiste, que acepta la doble ciudadanía?

[Manuela] Sí.

[Hernán] Acá, vos te podes hacer de diez países ciudadano y [...] uruguaya.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Entonces, eso también influye, me parece a mi. Para los uruguayos.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Siempre tiene la certeza que puede volver cuando quiera.

[Manuela] Claro.

[Hernán] No sé. Yo que sé?

[Manuela] Y hubo un movimiento de vuelta, no, ahora que hubo la crisis en Europa y todo eso? Gente que empezó a volver.

[Hernán] Mirá, no sé. Yo he escuchado un poco la radio decir que han vuelto mucha gente de España.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Han vuelto, pero, ta, no sé cuánta gente ha vuelto.

[Manuela] Sí, sí.

[Hernán] No sé cuanta, pero. Yo, dos por tres escucho un programa que hay en Radio Uruguay.

[Manuela] Departamento 20.

[Hernán] Departamento 20, que está de noche ahí.

[Manuela] Yo les fui ahí a dar una entrevista... Ay, me olvidé el nombre.

[Hernán] Cómo es que se llama?

[Manuela] Ay, me olvidé el nombre.

[Hernán] Aldo? No.

[Manuela] No. Bueno, ese.

[Hernán] Que está a las 11 de la noche, o a las 12.

[Manuela] Sí, tiene todo por internet también.

[Hernán] Todo por internet, sí.

[Manuela] El año pasado, final de año, yo vine a un encuentro de jóvenes uruguayos en el exterior. Y ahí se puso en contacto el tipo que hace el programa y me llevó. Y le fui a dar la entrevista.

[Hernán] Ah, mirá vos.

[Manuela] Pero está bueno ese programa.

[Hernán] Que edad tienes tú?

[Manuela] 32.

[Hernán] 32. Ahí va. Como mi hija. Yo tengo una hija de 32.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Mirá vos. Che y vos venís seguido a Uruguay, no?

[Manuela] Vengo con toda la familia. Está acá la abuela, los primos, los tíos. Todos están acá. Solo mi madre se fue.

[Hernán] Ah, solo tu madre se fue?

[Manuela] Sí.

[Hernán] [...]

[Manuela] Sí, sí.

[Hernán] [...] Vos tendría que haber entrevistado mi hijo.

[Manuela] Ah, sí.

[Hernán] [...]

[Manuela] Re viejo ese edificio, no?

[Hernán] Sí. Esta casa se alquila. Esto acá se alquila. Che, pero, estaría bueno que charles con él. Pero, bueno, ta, ya te vas.

[Manuela] Sí, me voy mañana. Bueno, una próxima vez.

[Hernán] Una próxima vez estaría bueno.

[Manuela] Me comunico, así...

[Hernán] Te comunicás con él. Porque capaz, él no tiene una visión tan positiva como la mía.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Porque él, en cierta medida, se sintió aparcado él allá.

[Manuela] Claro, se formó, más o menos ahí, no?

[Hernán] Claro, claro.

[Manuela] Los años iniciales, todo.

[Hernán] Sí, sí, sí. No y le costó la parte del idioma. Le costó mucho a él. Patricia no

[Manuela] Como yo.

[Hernán] Es del 87, sí. Cumple 33 ahora, eso. A ver, sí, 33. Después, capaz que le digo... Mandame después el Whatsapp con el nombre de la demógrafa esa.

[Manuela] Dale, sí, sí.

[Hernán] Me interesa eso.

[Manuela] Hay cosas en internet de ella.

[Hernán] Ah, sí?

[Manuela] Sí, varios artículos, trabajos que ella ha hecho. Ya escribió mucho para el OIM, la Organización Internacional de Migración, como apoyada por la ONU. Entonces, hace informes.

[Hernán] Mirá vos.

[Manuela] Está todo por internet. Toda mi bibliografía del doctorado está por ahí.

[Hernán] Mirá. Justo estaba leyendo la Diaria. Conocés la Diária?

[Manuela] No.

[Hernán] La Diária es muy interesante. Es un diario que se llama la Diaria. Empezó hace tiempo. Tiene una orientación de izquierda. Empezó hace, no sé, hace 15 años. Tiene formato papel de lunes a viernes. Los sábados es más revistón, es más revista, solamente los sábados. Yo la recibo de lunes a viernes, no más.

[Manuela] Y tiene por internet también?

[Hernán] Y tiene por internet también. Es muy interesante la Diaria. No, porque hiciste acordar, porque ayer, en la del sábado salió un artículo... En la del sábado fue? No sé decir. Sobre la Universidad de Uruguay acá, sobre la Udelar, que están preocupados por las publicaciones científicas. De que tienen que mejorar el nivel de las revistas donde se publican.

[Manuela] Ah, sí, ahora todo con eso.

[Hernán] Está todo el mundo con eso ahora, me parece. Una pregunta: en Brasil... Viste que acá en Uruguay para ser profesor está el IPA, que no tiene rango universitario. Es como algo amorfo ahí.

[Manuela] Sí, mi madre hizo el IPA acá.

[Hernán] Ah, tu madre hizo el IPA?

[Manuela] Si, de Filosofía.

[Hernán] Ah, mirá. Y qué, tu madre se enamoró de un brasileño y se fue?

[Manuela] Sí, fue.

[Hernán] Está bien.

[Manuela] Así, igualito.

[Hernán] Y después se quedó?

[Manuela] Se quedó, sí. Se divorció hace años, pero se quedó.

[Hernán] Se quedó, mirá. Que edad tiene tu vieja?

[Manuela] Ahora tiene sesenta y... Es del 52.

[Hernán] Sesenta y siete o sesenta y seis, depende de cuando cumple.

[Manuela] Cumple en diciembre 67.

[Hernán] Sí, por eso. Diez años, igual que yo. Diez años más que yo. Mirá. Y que hizo allá ella?

[Manuela] Ella llegó allá y se puso a trabajar en la Embajada de Uruguay. Pero no le gustaba mucho así, no? Hizo eso porque, ta, fue lo que apareció.

[Hernán] Claro.

[Manuela] Pero a poco tiempo se puso a dar clases. Se puso a revalidar el título y ahora es profesora. Da clases de Filosofía. Le gusta más.

[Hernán] Mirá vos. Y allá en Brasil como es para dar clases? Dónde aprendés?

[Manuela] Allá tienes que hacer un curso universitario.

[Hernán] Claro, es universitario.

[Manuela] Adentro de la universidad, por ejemplo, mi curso era de... Yo entré a Ciencias Sociales. Y adentro del curso de Ciencias Sociales podía salir, como se dice, bachillerato. Bacharel de Antropología, Bacharel de Sociología o licenciado. Para la Licenciatura, hacés unas materias de educación y salís con un diploma que te permite dar clases. Entonces, para dar clases, tenés que tener eso. Si, yo, por ejemplo...

[Hernán] Después del bachillerato ese cuantos años es?

[Manuela] Hacés al mismo tiempo. Mi curso era cuatro años. Ahí en el medio, haces las materias de educación. Son 6 o 7 materias.

[Hernán] Ah, mirá.

[Manuela] Un semestre más.

[Hernán] Y con cuánto salen? Con 21, por ahí?

[Manuela] Sí, entrás con los 18. Te llevan 4 años, 4 años y medio.

[Hernán] Ah, ta. Más o menos igual que acá, bien. Pero es un título...

[Manuela] Es un título universitario...

[Hernán] Manuela, es un título universitario.

[Manuela] Claro, es un título universitario.

[Hernán] Que habilita a seguir estudiando [...] universidad?

[Manuela] Sí, sí, sí.

[Hernán] Y qué está considerado? Una licenciatura? Cómo se llama el título que obtenés?

[Manuela] Licenciatura, para dar clases sí. Licenciatura. Entonces, para dar clases tenés que tener una licenciatura. Es una carrera con las materias de educación.

[Hernán] Claro, claro, sí, sí, es lo que hay acá.

[Manuela] Sí. Y si no hacés las materias de educación es lo que dicen bacharel.

[Hernán] Claro, bacharel.

[Manuela] Que es distinto de lo que se dice acá el bachillerato.

[Hernán] Sí, porque acá el bachiller es el que terminó esto, la secundaria, es más que el bacharel.

[Manuela] Allá es el curso universitario. Entonces, por ejemplo, los cursos de ingeniería, que no tenés materias de educación, salís bacharel em engenharia, salís licenciado.

[Hernán] Ahí, va. Mirá. Che, porque acá en Uruguay... Y vos si te vinieras para acá, no podés revalidar el título?

[Manuela] Yo creo que sí. Porque acá cómo es para entrar, ahora que hace el liceo? Tenés que dar concurso? Allá es todo por concurso.

[Hernán] Y acá también.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Acá es concurso y [...]. Y vos, qué materias podrías dar?

[Manuela] Sociología, Historia, creo.

[Hernán] Sociología, Historia...

[Manuela] Y, ta, no sé.

[Hernán] Porque uno que podrías ser con tiempo... averiguá eso y hacé los trámites. No. Estaba pensando en la universidad para vos.

[Manuela] Sí, sí, sí.

[Hernán] En la universidad lo que hay... Todo eso... La AI está funcionando bárbaro, la agencia de investigación...

[Manuela] Sí.

[Hernán] Obtener becas para ir para afuera. Eso está funcionando acá, Manuela. No sé en Brasil.

[Manuela] Sí, capaz, que una beca para hacer un pos-doctorado acá, me consigo.

[Hernán] Escuchá, acá están dando cosas. Y si vos sos ciudadana uruguaya...

[Manuela] Sí.

[Hernán] Yo que vos...

[Manuela] Empezaba el trámite.

[Hernán] Empezaba el trámite, puede ser que te revaliden lo de... que te revaliden los estudios tuyos de Brasil, de Antropología y de Sociología. Que te lo revaliden acá, a ver que te revalidan.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Porque llevan años, los estudios esos. Hoy es jueves, no?

[Manuela] Sí.

[Hernán] Casi las siete son.

[Manuela] Sí, las 6h45.

[Hernán] Ah, no, segundo 5 tiene a última hora. Che, vas haciendo, porque lleva tiempo todo eso, Manuela, acá en Uruguay. Mirá, los otros días, estuve con un venezolano, que es [...]. Y estaba re caliente, porque hacía como un año y pico que había presentado todos los papeles y le dijeron que iba a hacer para esta semana. Y fue y no estaba. Y está...

[Manuela] Sí, a lo mejor, a la próxima vez que venga, vengo con todos los papeles ya, por la dudas.

[Hernán] Averiguá como funciona. Porque, mirá, que, primero tenés que hacerlo...

[Manuela] De allá.

[Hernán] Allá tenes que hacerse ya todo, en la universidad, y después la embajada de allá, me parece. No sé bien como es. Averiguá.

[Manuela] Yo sé que empieza con... Yo creo que empieza en el consulado, el trámite.

[Hernán] Sí. Y después el Ministerio de Relaciones Exteriores de acá... Es todo una [...].

[Manuela] Sí.

[Hernán] Pero, si lo vas haciendo con tiempo. Capaz que te llevan unos pesos. Pero lo vas a haciendo con tiempo. Te revalidan el título acá. Y quién te dice de que...

[Manuela] Claro.

[Hernán] Sos joven, sos joven. Tenés tiempo, todavía, para meterle ahí.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Silvina, mirá, Silvina, hace... Se recibió... Claro, Silvina tenía buen puntaje también, no? Eso influye. Y le salió una beca para ir a estudiar a Valladolid, a España. Fue un año para hacer la maestría. Después de la maestría, que le fue muy bien. Ta, la Universidad de Valladolid no es... En economía no es una gran cosa, pero terminó con buen puntaje y ahí le dieron una semibeca, porque tiene que pagar una parte, para hacer el doctorado en economía ahí... Es ahí y en Salamanca. Y ta. Y ahora va... Lo empezó el año pasado y tiene que ir 2, 3 años más... Va una vez al año, un mes más o menos, un mes y medio, y ta. Y va trabajar allá. Da clases allá, estudia, sigue estudiando esa investigación que está haciendo ella. Se ve con el... Con dos hombres que son los... Se ve con dos hombres que son los tutores de ella...

[Hernán] Espérame, Manuela...

[Manuela] Sí, sí, sí.

[Manuela] Bueno, muchas gracias igual.

[Hernán] No, está bien, está bien. Che, está solucionado. Había un error en el horario de estos gurises, pero fue nuestro el error.

[Manuela] Y de noche hay acá clases también?

[Hernán] No, terminamos ahora 19h50.

[Manuela] Que es el turno de la tarde.

[Hernán] Es el turno del vespertino, sí. De la tarde, llevamos nosotros. Este liceo es de adultos y jóvenes extra edad. Gurises que fracasaron en el sistema, viste? Repitieron muchas veces. O nunca estudiaron, porque los hacían cuidar a los niños... Miles de historias ahí. Y, ta, y nosotros lo agarramos acá. Tengo todos los problemas que vos quieras... La persona que viene acá un problema tuvo o tiene.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Entonces, ta, pero ese liceo es muy lindo, porque es chiquito.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Y somos pocos y ha coincidido que tenemos un grupo lindo de gente también. Y nos hemos mantenido muchos, nos hemos mantenido acá por eso mismo, porque nos sentimos bien, viste? No tenemos grandes quilombos con nadie. No tenemos líos y problemas grandes, así de nada, no...

[Manuela] Eso está lindo.

[Hernán] Es muy lindo sí.

[Manuela] Lo mejor es trabajar con gente que eres parecido.

[Hernán] Sí, sí, sí, no hay, así, grandes dificultades, acá en ese liceo. Ni grandes problemas de relacionamiento, eso es muy lindo. Sí, bueno, y María Eugenia es una de las profes acá también. Una tipa muy alegre, es una tipa muy linda.

[Manuela] Sí, está siempre contenta.

[Hernán] Sí. Pero, no, además, es muy linda desde el punto de vista también de, cuando surgen dificultades, problemas, ella siempre está ahí, ayudando a resolver. Viste? Es muy linda la tipa. Viniste con tu madre?

[Manuela] No. Yo vine antes. Ella llegó después. Está con mi abuela, que mi abuela ya está bien viejita, no?

[Hernán] Ah, mirá, tu abuela. La madre de ella? Vos, que edad tiene?

[Manuela] 93.

[Hernán] 93?

[Manuela] Entonces, está así, mamá cada dos semanas que se puede sacar, viene a quedarse con la abuela.

[Hernán] Mirá vos.

[Manuela] Ya está bien [...] bisa y todo.

[Hernán] Y seguro, me imagino.

[Manuela] Entonces, está siempre acá. Cada vez que puede, viene.

[Hernán] Mirá.

[Manuela] Que la quiso llevar a la abuela, pero la vieja no deja la casa. No quiere. "Que voy a abandonar mi casa?". Mi mamá tiene esa cosa, no? De la hija que se fue, que no está acá para cuidar de la madre.

[Hernán] Claro. Tiene más hermanos?

[Manuela] Tiene un hermano que vive en Artillas. Entonces, acá mi abuela está sola. Claro, tiene alguien que la acompaña, que la cuida, pero no es familia ni nada.

[Hernán] Sí, sí. Todo un tema eso. Manuela, pero, hacé eso de los estudios, cuando puedas, porque está bueno. Que te dicen, viste? Y dar punta para otro lado te ayuda.

[Manuela] Muchas gracias por todos los consejos y todo.

[Hernán] No, está bien, porque, después la universidad también te puede ayudar dentro de la misma universidad. No?

[Manuela] Sí, este es el plan. Me gusta dar clases. Eso ya tengo claro. Entonces, el plan es dar clases en alguna universidad por ahí, donde me acepten.

[Hernán] Sí, yo no sé la facultad de humanidades, como funciona acá. Como se entra ahí.

[Manuela] Yo hablé con una gurisa otro día que también vivió 10 años en Costa Rica, 20 años en Río, porque fue con 2 años de acá. Y ahora ella también recién terminó el doctorado en Río. Y vino. Volvió, decidió volver y se consiguió entrar ahí en la Udelar. Pusieron una llamada, ella se presentó y ahora está, tiene profesores grado 1.

[Hernán] Ah, bueno, pero, ta.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Pero ella debe de haber hecho dos trámites [...] o no?

[Manuela] No le salió todavía, pero con los papeles brasileiros mismo, le aceptaron.

[Hernán] Ah, mirá que interesante.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Entonces, es cuestión de que estés al alpiste. Sabés lo que quiere decir "al alpiste"? "Estar al alpiste" es estar al [...] del balde, así. Cuando aparezcan los llamados.

[Manuela] Sí, yo le dije a ella. Quédese mirando y cualquier cosa me mandas.

[Hernán] Sí. Por la internet, ahí, ella puede hacer eso. Che, y el trabajo que estás haciendo es abierto? Estás explorando o tenés alguna hipótesis así?

[Manuela] No, yo empecé bien abierto, no? Empecé a ver... Pero cuanto más, voy hablando con la gente, ya me se van formando algunas cosas, no? Yo veo que la gente que mantiene el vínculo con el país de alguna manera, se vuelve mucho más fácil. Pero, la gente que vivió 20 años afuera, nunca vino ni una vez y, de pronto, decide volver, tienen mucha más dificultad para adaptarse y todo. Yo veo que, en general, las mujeres también son las que mantienen más el vínculo por las que hablé, no? Que no pierden. Que siguen hablando con la familia, pero eso está medio por ahí.

[Hernán] Ahora, el tema tuyo es la familia. Que el uruguayo que va para el exterior por algún motivo y después vuelve?

[Manuela] Sí, porque la gente que estudia inmigración, normalmente, estudia la salida. Hay poca gente que estudia el volver. El volver está siempre adentro de los procesos migratorios, no? Entonces, siempre que la gente sale, está el volver ahí. O que sí o que no, pero hay que pensar en eso.

[Hernán] Pero, mirá, te voy a [...] lo que no te dije. Me acordé ahora. Por que nos vinimos nosotros también? Porque nosotros para venimos esperamos para ser ciudadanos suecos.

[Manuela] Ah, sí, para quedar con la posibilidad.

[Hernán] Claro, claro. Porque también pasaba eso, porque del punto de vista político, uno no sabía que iba a pasar. Mi familia y la familia de Silvi vivimos cosas muy feas, cuando éramos niños, y nosotros dijimos, ta, si se pone... Cuando éramos niños y jóvenes... Si se pudre todo de vuelta, tenemos pasaporte sueco. Me entendés? Y nuestros hijos también. Y nos podemos ir a la mierda cuando queramos. Me entendés? Yo tengo problemas acá de algún tipo económico, me voy para Suecia y al otro día estoy ganando 1500 dólares. Me entendés? Limpiándoles el culo a los viejos. O, no sé... Pero, también, eso influyó, entendés? La posibilidad de volvernos para allá influyó mucho. Que yo no sé si me hubiera vuelto para acá si no tuviera esa garantía.

[Manuela] Sí, claro, te dejás las opciones abiertas, no?

[Hernán] Claro, sí. Ahora, también me dejaste pensando con lo que dijiste sobre las mujeres. La que tenía más determinación para volver era Silvi. Más determinación que yo.

[Manuela] Sí, vos si estuviera solo, capaz que no habías vuelto, o no?

[Hernán] No, no sé. Yo pensé muchas veces en algo mixto.

[Manuela] Como acá...

[Hernán] Sí, algo mixto, yo lo pensé. Pero, ta, no salió, no se dio. Nosotros tuvimos la posibilidad de hacer algo así. Hace como, yo tenía 50 años, por ahí. Hace 7 años. Tuvimos esa posibilidad, pero, después dijimos que vamos a salir. Justo se quedaba embarazada mi nuera del nieto mayor ahora que cumple... Tiene siete, cumple ocho en febrero. Entonces dijimos, no vamos a esperar a ver no sé qué. Y, ta. Después empezamos con el otro proyecto, que fue el de construir en Punta del Diablo allá. Conocés Punta de Diablo ahí?

[Manuela] Punta del Diablo nunca fui. Fui a Cabo Polonia, es cerca no?

[Hernán] Sí, está cerca, por ahí. Y bueno, y, ta, y estamos construyendo allá y eso nos gusta. Y nos tiene copados. Y, ta, y es eso. Sí, porque y ganas de viajar no tengo. Yo conozco toda Europa ya. Claro, viajamos y viajamos por todos lados. Yo no tengo ganas de ir a Europa. Yo tengo un amigo que me invitó ahora, que va a hacer España y tal, y Francia. Me llevó por 20 días para allá, no quiero. Ya estuve. Yo prefiero conocer Uruguay. No conozco a todo Uruguay de... Yo prefiero conocer... y bueno, son esas cosas que...

[Manuela] Son opciones, no?

[Hernán] Son opciones, ahora, yo pienso que es muy personal, Manuela. Eso que vos empezás a encontrar como caracterizaciones, determinados grupos de personas es muy personal también. Depende.. Yo conozco gente que está en Suecia, que nunca más volvió.

[Manuela] Y no tiene ganas?

[Hernán] Y ni viene acá. No vuelve nunca más. O porque pasó hambre acá, o miles líos políticos, viste? No, no. "Pero, no, yo quiero más problemas, no quiero más problemas de ningún tipo". Entonces se quedaron allá. Y otros, al revés. Yo pienso que influye mucho el porque te vas. Haberse ido por situaciones políticas no? Es distinto a que vos que quieras ir, entendés? Eso cambia todo.

[Manuela] Es la migración forzada, no?

[Hernán] Totalmente ,totalmente. Y después se dio la posibilidad de volver. Bueno, y yo, me parece, este dato no sé de dónde lo saqué, que los uruguayos en Suecia fueron una de las colonias de inmigración política, de refugiados políticos que más se volvió para Uruguay. Comparado con los Chilenos, con los paraguayos, con los argentinos. Sí, yo no sé de donde saqué ese dato. Pero los suecos lo deben de tener re contra estudiado. Ta, yo que sé? También conozco mucho uruguayo que se vino, no? Se volvió a Uruguay y después se volvió para Suecia.

[Manuela] Nosotros tenemos un primo para arriba ahí, que después mamá... Apareció en la época del Facebook, que estaba todo, cuando se encontraba a todos, qué es un Muguruza también, que no sabemos bien de dónde salió, que se puso en contacto con mi madre a preguntar... Que era uruguayo y nosotros no sabemos bien de que ramo de la familia es, pero que está en Suecia.

[Hernán] Ah, mirá. Los Muguruza. Y no sabes de qué ramo de los Muguruza son?

[Manuela] No sabemos.

[Hernán] Y él no sabe?

[Manuela] Él tiene una historia de la madre, cuando era chico... Mamá cree que era hijo de una prima del abuelo.

[Hernán] Pero de acá de Uruguay?

[Manuela] De acá de Uruguay. El Muguruza viejo vino de España, del País Vasco, que era el abuelo de mi madre.

[Hernán] Es basco el Muguruza?

[Manuela] Es basco, sí.

[Hernán] Ah, mirá vos.

[Manuela] Sí, vino de San Sebastián, solo con once años, en un barco lo pusieron...

[Hernán] Ah, que terrible.

[Manuela] Sí. Y vino sin familia sin nada acá.

[Hernán] Bueno, pero eso era el hambre que pasaron allá.

[Manuela] Sí.

[Hernán] En que año fue eso? Sabes más o menos?

[Manuela] Mil novecientos... no sé, once, no sé. Tengo sobre la cabeza, pero no sé si está bien.

[Hernán] Antes de la guerra? De la primera guerra?

[Manuela] Creo que sí.

[Hernán] Claro, terrible hambruna tenían ahí a principios de 1900, [...] también.

[Manuela] Sí, los irlandeses van todos, también.

[Hernán] Sí, está la hambruna aquella, que no sé qué, que fracasó no sé que plantación de papa.

[Manuela] De papa, sí.

[Hernán] Y provocó no sé que hambruna. Ahora que desesperación para poner a un hijo de 11 años en un barco y mandarlo, no? Bueno, yo los otros días acá, una mujer mayor que yo, de 60 y pico, vino a inscribir a la nieta y contó que abuela, no la bisabuela de ella se vino sola de Italia con otra hermana una tenía 13 y la otra tenía 15... La pusieron en un barco y la mandaron.

[Manuela] Por eso, lo mismo. Dice que estaban haciendo eso.

[Hernán] Que terrible.

[Manuela] Y ese abuelo nunca [...] después, nunca se puso en contacto de vuelta con la familia. No se sabe bien lo que pasó. Pero, ahí, tenemos, nosotros fuimos después, yo con mi madre, mi hermana, mi bisabuelo volvió a España, a San Sebastián, cuando ya tenía 60 y pico de años. Mi bisabuela que fue con él, que era la mujer que se casó acá con ella fue haciendo un diario del viaje y mamá lo tiene ese diario.

[Hernán] Mirá vos.

[Manuela] Entonces, nosotros hicimos el viaje con el diario de la abuela, rehaciendo los caminos y todo. Estuvo buenazo, así, rescatar esas cosas de viejas, sí.

[Hernán] Que bueno. Mi apellido es Poloni y nosotros, desde hace, ahora hace...Uh, hace como 10 años. A cada 10 años, nos juntamos los Poloni de Uruguay.

[Manuela] Sí.

[Hernán] Claro, porque todos vienen de un tronco común.

[Manuela] Sí, como nosotros. Todos vienen de ese viejo que vino...

[Hernán] Claro. Y, bueno.... Y nos juntamos, todos los 100. Somos como 100.

[Manuela] Y de donde es el apellido?

[Hernán] Italiano, del norte de Italia. Ese bisabuelo que se vino, no es tatarabuelo mío, es padre de mi bisabuelo. Del norte de Italia, que se vino antes, fines de 1800. Y él decía: "io no sono italiano, io sono austriaco". Claro, porque era el Imperio Austrohúngaro.

[Manuela] Claro, mi abuela tiene lo mismo, mi abuela es Dal Lago. Y es de ahí. Entonces, hubo una época, quiso hacerse el pasaporte italiano y no podía, porque la partida de nacimiento del padre de ella era de Austria, no era de Italia.

[Hernán] Claro, perfecto. Y no pudo?

[Manuela] No pudo. Sí.

[Hernán] Claro. Mirá vos. Hay dos, tres historias de este tatarabuelo nuestro de allá, un personaje era, claro... El sentido de pertenencia estaba por los austríacos.

[Manuela] Pero hablaba italiano?

[Hernán] Hablaba italiano sí, sí.

[Manuela] Y, bueno, todo eso es... Esa discusión también me encanta. Si me pongo a hablar, no paro más. Esa cosa de la identidad nacional, del estado nacional. Cuando se juntó Italia para hacer lo que sería el país Italia, menos de 2% de la población hablaba lo que era el italiano. Porque era todo distintos dialectos. Entonces, el esfuerzo que fue para hacer esa unidad fue con las escuelas. Entonces, vamos a hacer que toda esa gente hable el mismo idioma. Entonces, las escuelas, los periódicos, con todos lo mismo para que hagan una unidad medio construida desde arriba. Decidida como política de estado para hacer que esta gente se creyera lo mismo.

[Hernán] Mirá, el idioma es fundamental.

[Manuela] Claro.

[Hernán] Sí, sí, el idioma... Y, bueno, por eso cuando colonizaban un país, cambiaban el idioma, el idioma era fundamental. Che, sí, sí, bueno. Suecia es muy interesante por ese lado, porque es un país, vales los 5 países escandinavos son interesantes, porque son... Cada uno tiene su idioma, los suecos hablan sueco, los noruegos hablan noruego, los daneses, danés, los finlandeses, finlandés y los irlandeses, irlandés. Menos Finlandia, todos los otros cuatro tienen el mismo tronco. Es como un español y un portugués. Menos en islandés, ahí no entendés nada. Pero el noruego, el sueco y el danés es como un español y un portugués.

[Manuela] Tipo eso, cruzabas la frontera y todavía te entendían.

[Hernán] Ahí va, más o menos te entendés. Y los suecos son muy, igual que los alemanes, son muy de su idioma. Por eso, a ellos les preocupaba mucho, cuando llegaban inmigrantes, les dejaban la cabeza [...] lo sueco, para que aprendieras el sueco. Entonces, pero, claro, tiene que ver con eso, con la cultura. Me entendés? Porque ahí no te transmitían solamente el idioma, te transmitían el idioma, las fechas nacionales, que se comían en cada fecha, a que jugaban los niños, la idiosincrasia, la forma de ser, comportamientos culturales, respeto a la mujer, respeto al hombre. No, no, todo un control salado, pero todo a través del idioma. Es muy interesante, el idioma es... Pero para eso te iba a decir otra cosa y me olvidé. A mi me apasionan estos temas también. Ah, eso del idioma de Suecia. A mí me apasiona, porque a mi me encanta hablar sueco y lo estoy perdiendo el sueco. No lo hablo desde... Bueno, escucho mucho a la radio de Suiza. Ahora por internet.

[Manuela] Sí, claro, más fácil todo ahora.

[Hernán] Sí, por internet puedo escuchar. [...] todas las radios públicas, y, claro, que son las que más escuchaba allá.

[Manuela] Y tu familia no...

[Hernán] No, no, no, algunas malas palabras decimos a veces, así [...]. Y algunas palabras sí son en sueco. Las decimos, las usamos casi diariamente. Y, pero no es algo que digamos "vamos a hablar este idioma para mantenerlo y eso". No. Eso no lo hacemos, pero bueno.

[Manuela] Bueno, Hernán. Yo... Muchas gracias, tengo todo lo que quería, vos si quieres contarme algo más que te parece...

[Hernán] Me alegro. No, no sé...